UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES

Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação (PPGCOM)

Área de concentração: Teoria e Pesquisa em Comunicação

Linha de pesquisa: Linguagens e Estéticas da Comunicação

MARCO POLO RIBEIRO HENRIQUES

**De Hogwarts a Paraisópolis: discurso e recepção da obra *Harry Potter*
em um contexto de capitalismo periférico**

São Paulo

2015

MARCO POLO RIBEIRO HENRIQUES

**De Hogwarts a Paraisópolis: discurso e recepção da obra *Harry Potter*
em um contexto de capitalismo periférico**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências da Comunicação.

Área de concentração: Teoria e Pesquisa em Comunicação

Linha de pesquisa: Linguagens e Estéticas da Comunicação

Orientação: Profa. Dra. Maria Cristina Palma Mungioni

São Paulo

2015

Autorizo a reprodução e a divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

H519d

Henriques, Marco Polo Ribeiro.

De Hogwarts a Paraisópolis: discurso e recepção da obra
Harry Potter em um contexto de capitalismo periférico./ Marco
Polo Ribeiro Henriques, 2015.
439fls.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Cristina Palma Mungioli
Dissertação (Mestrado) – Escola de Comunicação e Artes da
Universidade de São Paulo, Programa de Pós-graduação – Área
de Concentração: Teoria e Pesquisa em Comunicação. São Paulo,
2015.

1.Harry Potter. 2.Práticas de Consumo. 3.Produção de
Sentido. 4.Estudo de Recepção. I.Título.

CDD 302.2

Nome: HENRIQUES, Marco Polo Ribeiro

Título: De Hogwarts a Paraisópolis: Discurso e recepção da obra *Harry Potter* em um contexto de capitalismo periférico

Aprovado em:

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Maria Cristina Palma Mungioli

Para aqueles que me surpreenderam como pesquisador e, diante da minha simples
necessidade de ouvir, compartilharam a sua palavra.

AGRADECIMENTOS

Aos professores Ivete Pieruccini e Edmir Perrotti, do PPGCI (ECA/USP), que forneceram as pistas e abriram as portas para o encontro com *Harry Potter* e seus leitores em Paraisópolis.

Aos professores Adilson Citelli, do PPGCOM (ECA/USP) e Maria Isabel Orofino, do PPGCOM-ESPM/SP, pelas valiosas observações feitas na Banca de Qualificação, as quais ajudaram no amadurecimento do processo de pesquisa deste trabalho.

À amiga de toda uma vida, Maria Alice Carnevalli, por tantas experiências e saberes trocados que ajudaram a clarear meu olhar de pesquisador.

À orientadora Maria Cristina Palma Mungiolli, por ter acreditado neste projeto de pesquisa desde o início e pelas contribuições indispensáveis à sua execução.

À amiga Mary del Priore, que, por livre e espontânea generosidade, colocou-me em contato com os responsáveis pela presença avassaladora de *Harry Potter* no Brasil.

À equipe da Editora Rocco, particularmente Paulo Rocco, Anna Buarque e Cintia Borges, por contribuírem para o entendimento dos caminhos percorridos pela obra *Harry Potter* no Brasil e pela gentil doação dos seus exemplares.

Ao professor José Luiz Goldfarb, por permitir o acesso às memórias das aventuras e desventuras de *Harry Potter* no mercado editorial brasileiro.

Ao amigo Flávio Fonseca, o Franja, pela competência na localização dos "potterianos" de plantão no mundo virtual e pelas “mil léguas” viajadas em busca dos meus feitos acadêmicos.

Ao professor Geraldo Tadeu Souza, da Universidade Federal de São Carlos, profundo conhecedor da obra bakhtiniana, pela presteza e pelo empenho solidário em esclarecer as dúvidas surgidas ao longo desta jornada.

À pedagoga Solange Maria Rodrigues Alberto, mestranda do PPGCI, às educadoras Daniele Alves de Castro e Maria Aparecida Borges, bem como a toda a equipe da Estação do Conhecimento Einstein (ECE), por abraçarem a causa de um “estranho no ninho” e propiciarem, além da identificação de leitores, todas as condições de infraestrutura para a realização da pesquisa de campo.

A Vaneza dos Santos e Alline Santos, do Espaço Esportivo e Cultural BM&FBOVESPA, pelo pronto atendimento das inúmeras solicitações na empreitada de localizar leitores da obra *Harry Potter* entre os frequentadores da entidade.

A Claudemir Alexandre Cabral, fundador e responsável pela Biblioteca Comunitária de Paraisópolis (Becei), pelo contato amistoso e pela ajuda na localização de leitores locais.

À amiga Rosângela Alves de Mattos, que reuniu em uma só varinha de condão talento artístico, criatividade e disposição, tendo prestado uma colaboração inestimável no desenvolvimento de todas as atividades realizadas em Paraisópolis.

Aos integrantes da equipe do Magic Potter, fã-clube de São Paulo, que voluntariamente colaboraram para propiciar momentos inesquecíveis a dezenas de crianças e adolescentes da comunidade.

À amiga Eunice Mendes, que se encantou com a ousadia do pesquisador intruso e tornou possível eternizar alguns dos melhores momentos da nossa “aterriagem” em Paraisópolis.

Ao amigo Hilton Alonso Júnior, pelo incentivo revigorante de todas as horas ao longo desta jornada de incontáveis perguntas e algumas respostas.

A Goimar Dantas e Yuri Pedro, amigos queridos, que se encantaram pelo projeto e também deram valiosa contribuição para que Paraisópolis pudesse fazer soar a sua voz.

A Regina Stocklen, colaboradora de longa data e conhecedora dos inúmeros subterfúgios enfrentados por aqueles que se aventuram a escrever na língua inglesa, pela revisão paciente e competente de todos os *abstracts* preparados ao longo desta jornada acadêmica.

Às parceiras profissionais de tantos anos, Ana Trevisan Serino, Flávia Borges Pereira e Rachel Passetti, pelo apoio incondicional à minha iniciativa de me dedicar ao Mestrado.

A Rosania e Walter Mazzuchelli, amigos e parceiros de muitas jornadas, pela colaboração voluntária e imprescindível nos retoques finais deste trabalho.

Às pessoas queridas e próximas, que, em âmbito pessoal e profissional, contribuíram para tornar possível este trabalho.

Agradeço a todos e a cada um em particular por me propiciarem a libertadora experiência da alteridade e pela certeza de que dividir é, antes de tudo, multiplicar.

RESUMO

HENRIQUES, Marco Polo Ribeiro. **De Hogwarts a Paraisópolis: discurso e recepção da obra *Harry Potter* em um contexto de capitalismo periférico**. 2015. 439 f. Dissertação (Mestrado) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

O presente estudo teve o objetivo de compreender como a obra literária *Harry Potter* (edição brasileira), considerada em seu contexto de produção/disseminação e seu discurso, dialoga com leitores brasileiros, especificamente os jovens moradores da comunidade de Paraisópolis, na periferia da cidade de São Paulo. O estudo reconstituiu o percurso realizado pela obra até chegar aos leitores de Paraisópolis, com levantamento de dados primários e secundários do mercado editorial internacional e brasileiro. O embasamento para discussão teórica apoiou-se nos Estudos de Comunicação, além de estudos historiográficos e de Sociologia da Leitura, os quais trouxeram importantes subsídios para a compreensão dos múltiplos fatores envolvidos na prática da leitura na contemporaneidade, promovendo-se o diálogo interdisciplinar entre essas áreas. Para a constituição do *corpus*, realizamos a análise da discursividade dos sete volumes da série de livros voltada aos elementos de realidade e modelos ideológicos presentes na narrativa. Buscamos apoio nas teorias da área de Estudos de Linguagem, notadamente o ferramental bakhtiniano, por meio do qual foram identificadas relações de produção de sentido que se estabelecem entre o discurso da obra e os leitores adolescentes contemporâneos. O *corpus* discursivo constituído foi utilizado para o estudo de recepção de abordagem qualitativa realizado na comunidade de Paraisópolis com dez adolescentes, leitores espontâneos da obra. Adotou-se a técnica de formação de dois grupos de discussão segundo as variáveis gênero e faixa etária. Durante os encontros, foram aplicadas atividades de leitura, escrita, debates, dinâmicas (jogos e brincadeiras), exibição de cenas de filmes, além de questionário com perguntas abertas e fechadas sobre perfil socioeconômico e hábitos culturais. Também foi realizada entrevista em profundidade para coleta de dados e discursos que compuseram material para análise da recepção da obra. Apoiado por reflexões pertinentes às áreas de Estudos de Comunicação, Estudos de Linguagem, Estudos Culturais, notadamente os dedicados aos Estudos de Recepção, o conjunto de procedimentos possibilitou a identificação de indicadores de singularidade e diversidade cultural dos leitores de Paraisópolis perante formas hegemônicas de comunicação e cultura, com aspectos ambivalentes que contestam a oposição dicotômica inclusão/exclusão. A emergência e a análise, segundo a perspectiva bakhtiniana, de correlações discursivas inéditas entre a obra *Harry Potter* e o universo de vivências locais dos dez sujeitos da pesquisa deixaram evidente o seu posicionamento como enunciadores, situados em tempo e espaço concretos, conscientes de sua participação responsável no processo comunicativo que extrapola os limites da recepção cultural e define o seu lugar no mundo.

Palavras-chave: cultura de massa; linguagem; discursividade; produção de sentido; recepção da obra *Harry Potter* no Brasil.

ABSTRACT

HENRIQUES, Marco Polo Ribeiro. **From Hogwarts to Paraisópolis: discourse and reception of the *Harry Potter* literary work in a context of peripheral capitalism.** 2015. 439 f. Master's Thesis – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

The present study aimed to understand how the Harry Potter literary work (Brazilian edition), taking its context of production/dissemination and discourse into account, speaks to Brazilian readers, especially young residents of the Paraisópolis community in São Paulo. It has reconstituted the path taken by the work to reach Paraisópolis community's readers, with primary and secondary data collection from both the international and the Brazilian publishing markets. The basis for the theoretical discussion was supported on Communication Studies, historiographical studies, and Reading Sociology, which enable understanding the multiple factors involved in the practice of reading in contemporaneity, nurturing the interdisciplinary dialogue among those areas. For the constitution of the corpus, we analyzed the Brazilian edition of Harry Potter books focusing on elements of reality and ideological models that integrate the narrative, with the support of Bakhtin's theories, in an attempt to identify the relations involving the construction of meaning that are established between the speech in the Harry Potter series and contemporary teenage readers. This discursive corpus was used in a survey of the reception of qualitative approach carried out in Paraisópolis community with ten adolescents, spontaneous readers of the referred literary work. Two discussion groups were delimited by demographics such as gender and age, with which we carried out reading and writing sessions, group discussions, group dynamics (plays and games), exhibition of movie clips, and the application of a questionnaire consisting of open- and closed-ended questions about their socioeconomic profile and cultural habits. An in-depth interview was also conducted, with a view to collecting data and speeches that made up material for the analysis of the reception of the referred literary work. Supported by reflections concerning the areas of Communication Studies, Studies of Language, Cultural Studies, especially those dedicated to the Reception Studies, the set of procedures allowed the identification of indicators of uniqueness and cultural diversity of Paraisópolis community's readers, in response to hegemonic forms of communication and culture, with ambivalent aspects that challenge the dichotomous opposition inclusion/exclusion. The emergence and the analysis, from Mikhail Bakhtin's perspective, of unknown discursive correlations between the Harry Potter literary work and the universe of local experiences of the participants showed their positioning as enunciators, situated at a particular time in a given space, and aware of their responsible participation in the communicative process that goes beyond the limits of cultural reception and defines their particular place in the world.

Keywords: mass culture; language; discursiveness; production of meaning; reception of the Harry Potter literary work in Brazil.

LISTA DE FIGURAS E TABELAS

Figuras

Fig. 1 – Mapa das Mediações.....	23
Fig. 2 – Vista da comunidade de Paraisópolis.....	88
Fig. 3 – Interior da comunidade.....	88
Fig. 4 – Estação do Conhecimento Einstein.....	89
Fig. 5 – Espaço Esportivo e Cultural BM&FBOVESPA.	89
Fig. 6 – Biblioteca Comunitária de Paraisópolis.....	90
Fig. 7 (7.1 a 7.10) – Imagens de evento em Paraisópolis.....	94
Fig. 8 – Reprodução do Espelho de Osejed.....	100
Fig. 9 (9.1 a 9.4) – Imagens do primeiro encontro com o grupo A.....	112
Fig. 10 (10.1 a 10.7) – Imagens do segundo encontro com o grupo A.....	119
Fig. 11 (11.1 a 11.6) – Imagens do terceiro encontro com o grupo A.....	133
Fig. 12 (12.1 a 12.7) – Imagens do quarto encontro com o grupo A.....	144
Fig. 13 – Imagem de divulgação.....	160
Fig. 14 (14.1 a 14.4) – Imagens do primeiro encontro com o grupo B.....	174
Fig. 15 (15.1 a 15.3) – Imagens do segundo encontro com o grupo B.....	185
Fig. 16 (16.1 a 16.5) – Imagens do terceiro encontro com o grupo B.....	201
Fig. 17 (17.1 a 17.10) – Imagens do quarto encontro com o grupo B.....	213

Tabelas

Tabela 1: Trabalho de campo com grupo A (4 leitores de 11 a 13 anos).....	97
Tabela 2: Trabalho de campo com grupo B (6 leitores de 14 a 19 anos).....	97
Tabela 3: Categorização das correlações feitas pelos pesquisados.....	255

LISTA DE ANEXOS

ANEXO I

Os livros mais vendidos nos últimos 50 anos.....	297
--	-----

ANEXO II

Capas de edições internacionais e nacionais.....	298
--	-----

ANEXO III

Capas de edições voltadas para o público adulto.....	300
--	-----

ANEXO IV

Pesquisa <i>Retratos da Leitura no Brasil</i>	301
---	-----

ANEXO V

<i>Flyer</i> de evento sobre <i>Harry Potter</i>	302
--	-----

ANEXO VI

Levantamento de leitores espontâneos da obra <i>Hary Potter</i>	303
---	-----

ANEXO VII

Textos coletados pelos mediadores locais.....	304
---	-----

ANEXO VIII

Modelo utilizado para elaboração do questionário.....	307
---	-----

ANEXO IX

Produções do enunciador 1.....	312
--------------------------------	-----

ANEXO X

Questionário respondido pelo enunciador 1.....	314
--	-----

ANEXO XI

Produções do enunciador 2.....	318
--------------------------------	-----

ANEXO XII

Questionário respondido pelo enunciador 2.....	319
--	-----

ANEXO XIII

Produções da enunciadora 1.....	323
---------------------------------	-----

ANEXO XIV

Questionário respondido pela enunciadora 1.....	325
---	-----

ANEXO XV

Produções da enunciadora 2.....	330
---------------------------------	-----

ANEXO XVI

Questionário respondido pela enunciadora 2.....	332
---	-----

ANEXO XVII

Trecho de <i>fanfic</i> escrita pela enunciadora 2.....	336
---	-----

ANEXO XVIII

Trecho da obra com temática “dificuldades financeiras”	337
--	-----

ANEXO XIX

Tópico guia da primeira reunião com o grupo A.....	341
--	-----

ANEXO XX

Trechos da obra com temática “relação com a escola”	342
---	-----

ANEXO XXI

Tópico guia da segunda reunião com o grupo A.....	349
---	-----

ANEXO XXII

Trecho da obra com temática “meninos X meninas”	350
---	-----

ANEXO XXIII

Tópico guia da terceira reunião com o grupo A.....	353
--	-----

ANEXO XXIV

Trecho da obra com temática “discriminação/preconceito”	354
---	-----

ANEXO XXV

Tópico guia da quarta reunião com o grupo A.....	357
--	-----

ANEXO XXVI

Produções da enunciadora 3.....	358
---------------------------------	-----

ANEXO XXVII

Apresentação em PPT preparada pelas enunciadoras 3 e 4 sobre o tema preconceito.....	360
--	-----

ANEXO XXVIII

Questionário respondido pela enunciadora 3.....	361
---	-----

ANEXO XXIX

Produções da enunciadora 4.....	365
---------------------------------	-----

ANEXO XXX

Questionário respondido pela enunciadora 4.....	367
---	-----

ANEXO XXXI

Produções da enunciadora 5.....	371
---------------------------------	-----

ANEXO XXXII

Questionário respondido pela enunciadora 5.....	372
---	-----

ANEXO XXXIII

Produções da enunciadora 6.....	376
---------------------------------	-----

ANEXO XXXIV

Questionário respondido pela enunciadora 6.....	379
---	-----

ANEXO XXXV

Produções do enunciador 3.....	383
--------------------------------	-----

ANEXO XXXVI

Questionário respondido pelo enunciador 3.....	388
--	-----

ANEXO XXXVII

Produções do enunciador 4.....	392
--------------------------------	-----

ANEXO XXXVIII

Questionário respondido pelo enunciador 4.....	395
--	-----

ANEXO XXXIX

Trecho da obra com temática “limites e liberdade”	399
---	-----

ANEXO XL

Tópico guia da primeira reunião com o grupo B.....	402
--	-----

ANEXO XLI

Tópico guia da segunda reunião com o grupo B.....	403
---	-----

ANEXO XLII

Trechos da obra com temáticas “escolha da profissão” (1 e 2) e “meninos X meninas” (3 e 4).....	405
---	-----

ANEXO XLIII

Trechos da obra com temáticas “ <i>bullying</i> ” (1) e “maioridade” (2 e 3).....	415
---	-----

ANEXO XLIV

Reportagem sobre os conflitos da adolescência.....	422
--	-----

ANEXO XLV

Tópico guia da terceira reunião com o grupo B.....	430
--	-----

ANEXO XLVI

Trechos da obra com temáticas “discriminação/preconceito” (1) e “exclusão social” (2).....	432
--	-----

ANEXO XLVII

Tópico guia da quarta reunião com o grupo B.....	438
--	-----

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	17
INTRODUÇÃO.....	23
Objetivos e definição de três instâncias de análise.....	25
Bases teóricas e metodológicas.....	28
 CAPÍTULO 1 – Contexto: estruturas socioeconômicas, dinâmicas culturais, lógicas de produção, embates e construção de uma audiência de consumidores-leitores.....	35
1. <i>Harry Potter</i> no contexto brasileiro	41
2. O produto editorial <i>Harry Potter</i> e seu consumo: articulações e inter-relações.....	47
3. Apocalípticos X integrados e as apropriações populares.....	52
4. Interdependências e singularidades.....	57
 CAPÍTULO 2 – Em torno da discursividade: <i>corpus</i> discursivo, relações dialógicas e enunciação ancorada no cotidiano.....	63
1. O <i>corpus</i> construído.....	65
2. Relações dialógicas no discurso de <i>Harry Potter</i>	67
3. A discursividade ancorada no cotidiano.....	69
4. Possíveis “outros”	75
5. Horizonte interpretativo.....	81

CAPÍTULO 3 – Recepção de <i>Harry Potter</i> em Paraisópolis: procedimentos metodológicos; trabalho de campo e seleção de dados; panorama interpretativo e análise da produção de sentido.....	83
1. Procedimentos metodológicos.....	85
2. Trabalho de campo e seleção de dados.....	100
2.1. Herdeiros da Câmara Secreta (Grupo de Discussão A).....	100
2.1.1. Primeiro encontro.....	112
2.1.2. Segundo encontro.....	119
2.1.3. Terceiro encontro.....	132
2.1.4. Quarto encontro.....	143
2.2. Armada de Paraisópolis (Grupo de Discussão B).....	160
2.2.1. Primeiro encontro.....	174
2.2.2. Segundo encontro.....	184
2.2.3. Terceiro encontro.....	201
2.2.4. Quarto encontro.....	212
2.3. Entrevista em profundidade.....	229
3. Panorama interpretativo e análise da produção de sentido.....	243
3.1. De ouvintes a falantes, de receptores a produtores.....	257
3.2. A fala interior e exterior de uma participante real da existência e da arte.....	274
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	281
REFERÊNCIAS.....	287
ANEXOS.....	295

APRESENTAÇÃO

Concluir uma pesquisa é voltar ao seu começo, compartilhar motivações primeiras, reconstituir a trajetória seguida pelo olhar interrogador. O ingresso no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação – PPGCOM, da ECA-USP, ocorreu em 2013, com o projeto de pesquisa então intitulado “Discurso e linguagem em *Harry Potter* – construção de identidades e trocas culturais no universo da comunicação contemporânea”. Desde então, sempre defendemos a escolha da obra que extrapolou o universo literário e se tornou transmidiática, com produtos de consumo diversos, entre os quais filmes, jogos eletrônicos, conteúdos disponibilizados via internet, como objeto privilegiado de estudo no campo da Comunicação. Uma preocupação recorrente foi o caráter relativamente tardio dessa empreitada acadêmica, afinal já havia transcorrido um período de pelo menos seis anos desde o lançamento do último dos sete volumes integrantes da coleção *Harry Potter*, com um histórico considerável de produções científicas, de artigos a tese de livre-docência, que abrangem tanto aspectos relativos à sua narrativa quanto ao seu consumo. Ainda assim, tendo como inspiração o olhar científico proposto por Marx, segundo o qual a aparência não corresponde à essência, acreditamos que, sob o véu do aparente esgotamento do tema, ainda há muitas vertentes investigativas passíveis de serem exploradas na esteira dos desdobramentos pertinentes a um dos maiores fenômenos editoriais do século XXI.

Tal convicção estava ancorada, em parte, na própria experiência (profissional) pregressa do pesquisador. A atuação na área de edição de livros nos possibilitou acompanhar com relativa proximidade o surgimento da série de livros de literatura infantojuvenil¹. Sua autora, J. K. Rowling, até então uma desconhecida professora de inglês que chegou a lecionar na Universidade do Porto, Portugal, no início dos anos 1990, foi alçada, no curto espaço de uma década, à posição de escritora mais bem-

¹ Traduzida no Brasil por Lia Wyler e publicada pela Editora Rocco, a obra *Harry Potter* é composta por sete volumes: *Harry Potter and the Philosopher's Stone* (*Harry Potter e a Pedra Filosofal* – tradução brasileira lançada em 2000); *Harry Potter and the Chamber of Secrets* (*Harry Potter e a Câmara Secreta* – tradução brasileira lançada em 2000); *Harry Potter and the Prisoner of Azkaban* (*Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban* – tradução brasileira lançada em 2000); *Harry Potter and the Goblet of Fire* (*Harry Potter e o Cálice de Fogo* – tradução brasileira lançada em 2001); *Harry Potter and the Order of the Phoenix* (*Harry Potter e a Ordem da Fênix* – tradução brasileira lançada em 2003); *Harry Potter and the Half-Blood Prince* (*Harry Potter e o Enigma do Príncipe* – tradução brasileira lançada em 2005); *Harry Potter and the Deathly Hallows* (*Harry Potter e as Relíquias da Morte* – tradução brasileira lançada em 2007).

sucedida da história da literatura. A trajetória iniciada com um discreto debut no mercado do primeiro volume, em 1997, culminou na superação de todos os recordes de venda de literatura impressa no mundo por ocasião do lançamento do sétimo e, até agora, derradeiro livro da série, em 2007: ao todo, foram cerca de 450 milhões de exemplares comercializados, distribuídos em duas centenas países e lidos em mais de 70 idiomas². Os sete livros que integram a coleção ainda lograram consolidar a terceira posição entre as 10 obras literárias mais lidas de todos os tempos no mundo nos últimos 50 anos, perdendo apenas para a Bíblia e uma coletânea de textos de Mao Tsé-Tung (anexo I).

No Brasil, fontes oficiosas consultadas durante o recolhimento de evidências empíricas para o primeiro capítulo desta pesquisa indicaram comercialização superior a três milhões de exemplares, número expressivo em se tratando do histórico de tiragens do mercado nacional, segundo Reimão (1996) marcado por índices de leitura bastante tímidos em comparação aos dos mercados europeu e norte-americano. Em abril de 2013, conseguimos entrevistar com exclusividade o empresário Paulo Rocco, presidente da Editora Rocco, responsável pela aquisição dos direitos de tradução dos livros e por sua publicação no Brasil entre 2000 e 2007, que confirmou tratar-se da coleção de maior êxito comercial de um vasto catálogo de publicações construído ao longo de cerca de quatro décadas de atuação.

Ao final da entrevista, uma pergunta inquietante, motivada pelo questionamento recorrente na obra de Certeau (1994) quanto à posição passiva do consumidor/receptor e também pela reflexão feita por Ianni (1994) de que, a despeito da imposição de um determinismo daquilo que é global, o local também implica contingências que interferem na produção do conhecimento:

“A obra *Harry Potter*, de alguma forma, tornou-se um pouco brasileira?”.

A resposta foi tão sentenciosa quanto decepcionante:

“De maneira alguma. Procuramos ser fiéis em tudo ao conteúdo original e acredito que todo produto bem construído agrada a um público universal, independentemente das diferenças culturais. Tanto é verdade que se levamos um concerto de música erudita a uma favela, como ademais já foi feito diversas vezes,

² Disponível em: <<http://mediaroom.scholastic.com/harrypotter>>. Acesso em 1 jul. 2013.

todos irão apreciar”³.

O silêncio que se seguiu não foi propriamente indício de resignação de nossa parte, mas antes de reflexão, afinal o objeto científico ainda precisava ser conquistado, construído e comprovado, conforme recomenda a premissa de Bachelard reiterada por Lopes (2005). Cabia ao pesquisador, portanto, pensar no que fazer, atentar para as fronteiras que separam o senso comum do conhecimento científico, enfim, exercitar mais toda essa reflexividade, em muitos aspectos aparentada com aquela à qual o homem moderno se vê obrigado diante do progressivo enfraquecimento das tradições e do consequente aumento do risco na sociedade atual (GIDDENS, 1991).

Nessa fase, uma imagem recorrente era aquela descrita em “A República”, de Platão, oportunamente citada por Weber (1982) a propósito de sua explanação sobre a vocação do cientista:

Qual é o valor da ciência? Aqui, o contraste entre o passado e o presente é tremendo. Lembrarei a imagem maravilhosa que existe no começo do livro VII da *República* de Platão: aqueles homens da caverna, acorrentados, cujas faces estão voltadas para uma parede de pedra à sua frente. Atrás deles está uma fonte de luz que não podem ver. Ocupam-se apenas das imagens em sombras que essa luz lança sobre a parede e buscam estabelecer-lhes inter-relações. Finalmente, um deles consegue libertar-se dos grilhões, volta-se, vê o sol. Cego, tateia e gagueja uma descrição do que viu. Os outros dizem que ele delira. Gradualmente, porém, ele aprende a ver a luz, e então sua tarefa é descer até os homens da caverna e levá-los para a luz. (WEBER, 1982, p. 166-167).

Com um projeto de pesquisa inserido no campo da Comunicação, competia-nos lançar luz sobre a série de livros *Harry Potter* enquanto fato da comunicação e da cultura contemporâneas. Nesse sentido, foi de absoluta relevância a participação nas disciplinas cursadas ao longo de 2013 e no primeiro semestre de 2014, na ECA e na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP – FFLCH/USP. Todo o conteúdo exposto e debatido em sala de aula, complementado com trabalhos em grupo e individuais, além das indicações bibliográficas, propiciaram as condições necessárias para, antes de mais nada, historicizar o objeto investigado, ou seja, contextualizá-lo por meio de autores e conceitos já consolidados que formam o campo ao qual pertence.

No caminho percorrido, fomos norteados por uma reflexão de ordem epistemológica que diz respeito à aplicação e ao uso social da ciência: Por que e para que nos propusemos a fazer esta pesquisa? Ela tem algum tipo de inserção social?

³ Trecho de entrevista semiestruturada feita pelo pesquisador em 9 abr. 2013.

Encontramos a resposta inspirados por uma citação feita recorrentemente por Lopes durante as aulas da disciplina *Metodologia da Pesquisa em Comunicação* e atribuída a Martín-Barbero, sobre a importância de incluir uma “agenda de nação” nos projetos de pesquisa em Comunicação. Trata-se de um parecer ancorado na certeza de que a ciência em países periféricos carrega consigo uma responsabilidade muito maior de transformação da sociedade, o que, por sua vez, foi decisivo para escolhermos a comunidade de Paraisópolis para a delimitação do universo de leitores a ser consultado no trabalho de campo. Assumir esse compromisso ainda na fase inicial da pesquisa foi possível graças à informação, confirmada por docentes do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Informação (PPGCI), da ECA-USP, responsável pela coordenação de projetos de pesquisa sobre acesso e apropriação da informação, de que jovens moradores de Paraisópolis, uma das maiores comunidades da cidade de São Paulo⁴, estavam lendo *Harry Potter*.

Esse dado nos motivou a realizar uma série de adequações no projeto de pesquisa inicialmente apresentado no que diz respeito às suas bases teórico-metodológicas, a começar pelo título definido: “De Hogwarts a Paraisópolis: discurso e recepção da obra *Harry Potter* em um contexto de capitalismo periférico”.

O título não apenas informa o tema desta dissertação, como também permite entrever a diretriz que norteia a construção do objeto científico. Partimos do contexto global, em que a obra *Harry Potter* e seu discurso se inserem, para chegarmos ao local, especificamente a produção de sentido que observamos na recepção da obra feita por jovens moradores da comunidade de Paraisópolis, na periferia da cidade de São Paulo, considerada em sua especificidade de espaço representativo de uma condição de capitalismo dependente (FERNANDES, 1999) e subcidadania (SOUZA, 2003).

Em relação ao recorte específico sobre a plataforma livro, a condição de familiaridade do pesquisador – em razão de sua experiência profissional pregressa – foi, portanto, um fator determinante, assim como a possibilidade de se avançar nos estudos sobre as conexões entre linguagem e cultura, conforme interesse da linha de pesquisa Linguagens e Estéticas da Comunicação. Acreditamos, também, que pelo fato de a

⁴ Dados demográficos sobre Paraisópolis indicam que a comunidade tem entre 80.000 e 100.000 habitantes, dos quais 12.000 são analfabetos. Os moradores ocupam uma área de 800.000 metros quadrados na zona sul da capital paulista, onde são atendidos por sete escolas municipais, quatro escolas estaduais, cinco creches e dois postos de saúde. Disponível em: < <http://paraisopolis.org/multientidades-de-paraisopolis/paraisopolis/>>. Acesso em 30 mar. 2014.

investigação do objeto empírico incidir sobre um vasto campo, abrangendo desde aspectos de produção da referida obra até o momento de seu consumo e leitura, fosse pertinente realizar uma abordagem pautada pela interdisciplinaridade envolvendo Comunicação e Sociologia da Leitura. O intuito foi discutir, com base na análise tanto das condições e das estruturas produtivas, quanto das apropriações de receptores, a construção de processos específicos de significação relacionados a formas hegemônicas de comunicação e cultura. No que tange ao texto e a seus efeitos, elegemos dois enfoques distintos, porém complementares: primeiramente, a análise dos sentidos produzidos pela obra *Harry Potter* por meio de sua discursividade e, posteriormente, a apreciação por um grupo específico de leitores espontâneos dos elementos discursivos selecionados (*corpus*), estando o espaço de realização do estudo do objeto empírico, conforme já explicitado, localizado na comunidade de Paraisópolis, favela mais populosa da cidade de São Paulo e região de vulnerabilidade social.

O primeiro capítulo, correspondente ao plano da produção, concentra-se em aspectos sócio-históricos, mercadológicos, de produção editorial e de repercussão da obra junto ao público-leitor (CHARTIER, 1990; HORELLOU-LAFARGE; SEGRÉ, 2010), à luz de dados secundários e primários dos mercados internacional e nacional e de quadro teórico composto pelas temáticas contemporâneas dos Estudos de Comunicação, considerando-se um cenário de globalização, pós-modernidade, convergência midiática, interculturalidade e capitalismo dependente (WALLERSTEIN, 2001; HARVEY, 1993; IANNI, 1994; JENKINS, 2008; APPADURAI, 1994; BHABHA, 1998; BAUMAN, 2001; GIDDENS, 1991; HALL, 1999; FERNANDES, 1999; SOUZA, 2003). No segundo capítulo, a discursividade da obra é objeto de análise específica, na qual há a operacionalização de conceitos desenvolvidos por Bakhtin (2006, 2011), bem como alguns princípios e procedimentos propostos por Orlandi (2010), o que resultou na delimitação do *corpus* discursivo levado a campo. O terceiro e último capítulo trata precisamente da pesquisa de recepção realizada na comunidade de Paraisópolis, com identificação e seleção de sujeitos de pesquisa (GASKELL, 2008; LOPES, 2005; BOURDIEU, 1997; 2005; 2007; THIOLENT, 1980), analisando-se aspectos pertinentes ao contato global/local (CANCLINI, 1998; 2009), ao lugar sociocultural ocupado pelos sujeitos da pesquisa (SOUZA, 2012), particularmente como leitores/decodificadores da obra (HALL, 2006; CERTEAU, 1994; JAUSS, 1994; ZILBERMAN, 2009) e às correlações discursivas próprias (de

aproximação e divergência) feitas entre o *corpus* apresentado e seu universo vivencial (BAKHTIN, 2006; 2011).

Devidamente registrado e relativizado enquanto produto do meio social, do campo científico e da individualidade do próprio pesquisador, sujeito condicionado por sua época, sua classe e seus interesses pessoais, este estudo em nível de Mestrado assim se apresenta em toda a sua complexidade. Nossa empreitada prosseguiu com a proposta de elucidação do objeto investigado, reivindicando para si a mesma inspiração gramsciana que antevê no aparente antagonismo entre o pessimismo do pensamento e o otimismo da ação uma forma de conferir visão crítica e orientação à prática da pesquisa.

INTRODUÇÃO

Nosso amadurecimento em âmbito acadêmico resultou na compreensão de *Harry Potter* como fato relevante da Comunicação na contemporaneidade, representante exemplar do cenário de globalização das estruturas socioeconômicas, convergência de mídias, imbricamento identitário e cultural. Concomitantemente, a confirmação da procura pela série de livros dentro da comunidade de Paraisópolis, por sua vez, possibilitou a realização do recorte empírico do presente trabalho, que se constitui em um estudo de caso realizado com leitores espontâneos da comunidade e cujos discursos compõem material para análise da recepção da obra.

Para aprofundar o entendimento da nossa proposta investigativa recorreremos à diretriz metodológica criada por Martín-Barbero (2003), tendo como base o chamado Mapa das Mediações, não para utilizá-lo diretamente neste trabalho, mas pela sua proposta oportuna de, ao se debruçar sobre as complexidades constitutivas das relações entre comunicação e cultura, reafirmar a importância atribuída à compreensão dos processos comunicativos em sua totalidade, isto é, não apenas do ponto de vista de sua engrenagem e dos discursos a ela atrelados, como também dos cenários em que se inserem e das apropriações cotidianas:

Fig. 1 – Mapa das Mediações proposto por Martín-Barbero. Fonte: MARTÍN-BARBERO, Jesús. Pistas para entre-ver meios e mediações. In: MARTÍN-BARBERO, J. *Dos meios às mediações – Comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2003.

O mapa criado por Martín-Barbero (2003) apresenta um eixo horizontal (diacrônico), que engloba matrizes culturais e formatos industriais, e outro vertical (sincrônico), interligando as lógicas de produção e as competências de recepção. A parte superior do eixo horizontal corresponde ao plano da produção, onde as lógicas de produção se articulam com as matrizes culturais e os formatos industriais. Esses dois últimos polos também estão conectados com a parte inferior, o plano da recepção, porém neste caso em relação direta com as chamadas competências de recepção (MARTÍN-BARBERO, 2003).

Do que se pôde depreender do referido modelo, foi possível pleitear para o nosso trabalho de pesquisa, entendendo-se a série de livros *Harry Potter* na sua condição de fato da comunicação e da cultura contemporâneas, a realização de uma análise que contemplasse, a um só tempo, aspectos de produção, linguagem e recepção, relacionando o contexto em que a obra foi concebida e a sua discursividade com as apropriações realizadas pelos leitores de Paraisópolis. O problema central de pesquisa foi assim formulado: **compreender como a obra literária *Harry Potter*, considerando-se o seu contexto de produção/disseminação e o seu discurso, dialoga com leitores brasileiros inseridos em um contexto de desigualdade social, especificamente os jovens moradores da comunidade de Paraisópolis, na periferia da cidade de São Paulo.**

Se bem observado, o problema descrito encerra em si uma pergunta-chave, que é: quais as especificidades da apropriação que os jovens leitores de Paraisópolis fazem da obra *Harry Potter* e, particularmente, de seu discurso? E suscita outras, mais gerais:

- Como se dá a apropriação de conteúdos em processos culturais e mercadológicos globalizados por atores locais?
- Confirma-se a hegemonia de conteúdos massificados ou abre-se uma brecha para considerar uma presença cultural específica?
- Existe algum “fio” que mantém o consumidor local vinculado ao seu espaço?

A inserção do objeto de pesquisa, portanto, foi feita na problemática que estuda as intersecções entre espaços globais e locais em um contexto recente de mundialização da cultura. Partiu-se da premissa de que o espaço local se constitui em suporte e condição para a concretização das produções gestadas em âmbito global, e da relação

entre essas duas dimensões identitárias surge um complexo processo de interações, cruzamentos e negociações simbólicas. Na prática, a pesquisa teve de lidar com elementos (realidades e conceitos) pertinentes tanto ao contexto global, resultantes da própria condição de produto da cultura global que a obra *Harry Potter* apresenta, incluída aí a sua discursividade, quanto ao cenário local, haja vista o trabalho de campo em Paraisópolis.

Objetivos e definição de três instâncias de análise

Feita a amarração entre problema e problemática, é possível elencar os objetivos teóricos e empíricos que norteiam a pesquisa:

- Contribuir para a análise do processo de transformação vivenciado pelas sociedades contemporâneas, particularmente no campo da Comunicação, marcada pelo incremento na produção e na circulação de símbolos e sentidos, à luz da crítica ao capitalismo global e de conceitos como “pós-modernidade”, “globalização”, “modernidade líquida” “convergência midiática”, trabalhados respectivamente pelos autores Wallerstein (2001), Harvey (1993), Ianni (1994), Bauman (1994; 2001) e Jenkins (2008).
- Refletir sobre a condição de descentramento, pluralização e fragmentação das identidades culturais, evidenciando a complexidade dos nós que entrelaçam o local e o global. Além do suporte teórico de Appadurai (1994) e Hall (1999), o Quadro Teórico de Referência também contempla postulações de Giddens (1991), Bhabha (1998) e Canclini (1998; 2009). Para a compreensão dos mecanismos por meio dos quais a cultura mundializada e a sua discursividade operam em âmbito local, considerando-se o recorte feito sobre o Brasil, particularmente a comunidade de Paraisópolis, serão ressaltadas as especificidades desse cenário de capitalismo dependente à luz da interpretação feita por Fernandes (1999) e Souza (2003; 2012).
- Promover o diálogo entre as áreas de Comunicação e Sociologia da Leitura por meio do recorte específico sobre a plataforma livro, particularmente no que tange à reconstituição do caminho realizado pela

obra no Brasil até chegar aos leitores de Paraisópolis, contando com apoio teórico dos estudos historiográficos de Chartier (1990) e da análise sociológica das pesquisadoras Horellou-Lafarge; Segré (2010), responsáveis por uma publicação recente, intitulada *Sociologia da Leitura*, que traz importantes subsídios para a compreensão dos múltiplos fatores envolvidos na prática da leitura desde o seu surgimento até a contemporaneidade, além de dados primários e secundários levantados por meio de fontes dos mercados editoriais brasileiro e internacional.

Ao todo, foram consultadas três fontes do mercado editorial, cujos depoimentos foram coletados por meio de entrevista semiestruturada:

- **Paulo Rocco, presidente da Editora Rocco**, responsável pelo lançamento da obra *Harry Potter* no Brasil. O depoimento trouxe importantes contribuições para a compreensão do percurso da obra em âmbito mundial e no mercado de livros nacional, revelando estratégias utilizadas por produtores e difusores envolvidos nesse processo comunicativo e cultural e permitindo avançar em reflexões sobre aspectos sócio-históricos, mercadológicos, de produção editorial e de repercussão perante o público-leitor (com base em dados secundários e primários).

- **Anna Buarque, editora**, responsável pela interface com os leitores da obra no período de lançamento dos sete volumes no Brasil. O depoimento permitiu igualmente aprofundar o conhecimento das estratégias utilizadas pelos produtores e difusores da obra, bem como situar a obra *Harry Potter* no centro de um debate sobre o pacto de leitura engendrado por consumidores de textos ficcionais na atualidade, a antinomia leitura obrigatória *versus* leitura por prazer e a cultura participativa de fãs como alternativa aos canais midiáticos tradicionais.

- **José Luiz Goldfarb, professor universitário e coordenador de projetos de incentivo à leitura**, atuante no desenvolvimento de políticas públicas para esse setor no período de lançamento da obra *Harry Potter* no Brasil. O depoimento apontou aspectos relevantes no que diz respeito

a programas de inclusão literária, formação da cultura leitora no Brasil, diferenciações entre alta literatura e literatura de massa, bem como o papel da obra *Harry Potter* como agente fomentador da leitura entre as classes que historicamente se encontram alijadas do contato com a cultura, como é o caso dos moradores de Paraisópolis.

- Avançar na análise da discursividade da obra literária *Harry Potter*, sobre a qual diversos trabalhos acadêmicos já se debruçaram, porém pela primeira vez se busca a compreensão dos elementos pertinentes ao contexto sócio-histórico e modelos ideológicos presentes na narrativa, com apoio do ferramental teórico disponibilizado pela área de Estudos de Linguagem, notadamente as proposições de Bakhtin (2006; 2011). O resultado foi construção de um *corpus* para análise da produção de significações e da construção de mecanismos de responsividade, seguida pela submissão às leituras dos jovens selecionados para o estudo de recepção.
- Entender os mecanismos de apropriação dos leitores de *Harry Potter*, – com apoio do modelo codificação/decodificação, de Hall (2006); dos pressupostos de Certeau (1994), e da base teórica fornecida pela Estética da Recepção, com Jauss (1994) e Zilberman (2009) – e aprofundar a análise de signos e subjetividades oriundos das produções originais dos dez sujeitos da pesquisa por meio do ferramental bakhtiniano.
- Realizar trabalho de campo respaldado pela atitude científica vigilante proposta por Bourdieu (1983; 2012), Bourdieu et al. (2005) e Thiollent (1980), com apoio de técnicas de pesquisa delineadas por teóricos como Gaskell (2002), Poupart et al. (2008) e Lopes (2005).

Procuramos atender aos objetivos indicados diluindo a sua concretização ao longo das três instâncias primordiais sobre as quais incidem as operações de análise científica nesta dissertação: produção, discursividade e recepção da obra *Harry Potter* por leitores de Paraisópolis. Nosso intuito foi seguir, na medida do possível, o trajeto realizado pela obra, que teve origem no plano internacional, inseriu-se na realidade brasileira e chegou até as mãos de leitores moradores da referida comunidade. Assim, na estruturação do objeto de estudo, reproduzimos esse mesmo movimento, que vai do

macro ao micro: começamos pela análise de contexto, tanto mundial quanto nacional (capítulo 1); em seguida, detemo-nos sobre o material discursivo dos livros (capítulo 2); e, finalmente, abordamos o estudo de recepção realizado (capítulo 3).

Bases teóricas e metodológicas

Assim como não se deve desconsiderar o tempo e o lugar nos quais o discurso científico é produzido (BOURDIEU, 1983) e, partindo da premissa de que as condições de produção são sempre sócio-históricas, buscamos o apoio de proposições teóricas que se encaixam perfeitamente como moldura para a compreensão do cenário em que *Harry Potter* surgiu e do qual é produto. Nesse sentido, mostraram-se úteis estudos críticos relacionados aos contextos global e local, que abordam as circunstâncias do atual tempo vivido, entre as quais vale destacar o sistema capitalista moderno (WALLERSTEIN, 2001); a condição pós-moderna (HARVEY, 1993); o paradigma da globalização (IANNI, 1994); a fluidez e a volatilidade como traço explícito das relações econômicas, sociais, culturais e humanas na contemporaneidade (BAUMAN, 1994; 2001); o progressivo processo de descentramento, pluralização e fragmentação das identidades culturais (GIDDENS, 1991; HALL, 1999; APPADURAI, 1994; BHABHA, 1998; CANCLINI, 1998; 2009).

No âmbito específico da construção do objeto empírico, os três conceitos cunhados por Jenkins (2008) – convergência dos meios de comunicação, cultura participativa e inteligência coletiva – despertaram interesse imediato e plenamente justificável, na medida em que nos demos conta da complexa tessitura comunicacional que se formou com a ascensão mercadológica da franquia⁵ *Harry Potter*, inserida dentro de um contexto mais amplo de transformações sociais e culturais. Para além da convergência de canais e da circulação de conteúdos por meio de diferentes sistemas midiáticos, surpreendeu-nos a gestação, em torno e por causa de *Harry Potter*, de um pensamento convergente que deu origem a um inédito processo de produção e apropriação coletiva de significados. Jenkins (2008) foi um dos primeiros a chamar a atenção para o fato ao registrar a intensa disseminação de informações e conteúdos ficcionais relacionados à obra via *sites*, *fandoms* (grupos de fãs) e a chamada *fan fiction* ou *fanfic* (ficção feita por fãs da história e baseada em seu universo narrativo).

⁵ Utilizamos o termo “franquia” da mesma forma que Jenkins (2008) o fez para se referir à marca de propriedade da Warner Bros., a qual é explorada comercialmente por meio de diversos produtos, como livros, filmes, jogos eletrônicos etc.

Como desdobramento da produção maciça de conteúdos criativos e paralelos ao texto original, denotando a capacidade de manipulação de diferentes tipos de material escrito, o autor também pôde especular sobre o impacto de *Harry Potter* nas relações estabelecidas por leitores juvenis com a educação e o letramento, correlação sobre a qual é importante fazer ressalvas, considerando o contexto recreativo e de envolvimento pessoal em que a obra se inscreve, diferentemente do encontrado na cultura escolar. De qualquer forma, dados primários e secundários coletados durante nossa investigação, incluindo aqueles fornecidos pelos próprios pesquisados, dão conta de que, de fato, *Harry Potter* possa ter atuado como impulsionador do hábito de leitura e da produção de conteúdos advindos de consumidores individuais e das interações sociais empreendidas entre eles, o que resultou em uma fonte alternativa às instâncias tradicionais produtoras de informação e cultura.

O fato de no marco zero de todo esse processo de circulação convergente de conteúdos e participação ativa de consumidores encontrar-se, originalmente, uma série de livros impressos, sem nenhum recurso além dos próprios caracteres tipográficos e com uma quantidade de texto considerável – superior a qualquer média estabelecida para uma geração habituada a uma profusão de suportes tecnológicos capazes de estimular a imaginação sem o “trabalho” suscitado pela leitura – soou como absolutamente desafiador do ponto de vista investigativo. Não apenas pela possibilidade de avançar nos estudos sobre as conexões entre linguagem e cultura, conforme interesse da linha de pesquisa na qual nosso trabalho se encaixa, Linguagens e Estéticas da Comunicação, como também pela oportunidade de problematizar o papel da leitura, enquanto prática sócio-histórica e atividade geradora de uma polissemia de sentidos, o que fizemos no capítulo 1, e a produção de significados por meio de discursos no processo de construção de identidades e trocas culturais em andamento no contexto das novas formas de comunicação na contemporaneidade (capítulos 2 e 3).

Tomar conhecimento das diferentes formas de práticas leitoras e de sua imbricação com a vida cultural, política e social em contextos específicos, tema dos estudos historiográficos de Chartier (1990), da análise sociológica de Horellou-Lafarge; Segré (2010) e dos estudos empreendidos por Reimão (1996; 2011) acerca do mercado editorial brasileiro, permitiu que contássemos com uma perspectiva teórica na análise da inserção da obra *Harry Potter* na realidade contemporânea brasileira. Tanto para o historiador quanto para o sociólogo da leitura é fundamental levar em conta o momento

e o lugar em que um livro é publicado:

Para além das clivagens macroscópicas, o trabalho histórico deve ter em vista o reconhecimento de paradigmas de leitura válidos para uma comunidade de leitores, num momento e num lugar determinados (...). Cada uma dessas maneiras de ler comporta seus gestos específicos, os seus próprios usos do livro, o seu texto de referência (...), cuja leitura se torna o arquétipo de todas as outras. A sua caracterização é, portanto, indispensável a toda a abordagem que vise reconstituir o modo como os textos podiam ser apreendidos, compreendidos, manejados. (CHARTIER, 1990, p. 131-132).

O contexto social e político em que se encontra o leitor diante de um romance específico não deixa de ter efeito sobre sua interpretação. (...) dentro de cada grupo social, localizam-se múltiplas variações nas práticas de leitura, que obrigam a aprofundar análises e a levar em conta percursos individuais de leitura, feitos às vezes de rupturas, de descontinuidades tanto na intensidade da prática quanto nas escolhas e nos interesses investidos. (HORELLOU-LAFARGE; SEGRÉ, 2010, p.143; 147-148).

Da busca do entendimento sobre como se dá a articulação de todas essas variáveis no momento da inserção da obra *Harry Potter* no mercado editorial brasileiro (capítulo 1), passamos à análise da discursividade constitutiva da obra por meio do referencial teórico bakhtiniano e de alguns princípios e procedimentos propostos pela Análise do Discurso de linha francesa (capítulo 2). Certamente, diversos trabalhos voltados à “decupagem discursiva” da obra *Harry Potter* já foram empreendidos, destacando-se, entre outros, a análise feita por Silvia Borelli (2006), em tese de livre-docência, a respeito das correlações da estrutura narrativa que sustenta a obra com as matrizes culturais dos contos de fadas e contos maravilhosos. No “bosque” repleto de diferentes ruelas que são os Estudos de Linguagem, empreendemos uma trilha diversa, marcada não pelo universo do fantástico, mas por elementos de realidade presentes na obra, para o quê foi providencial o desenvolvimento de uma intimidade maior com as postulações de Bakhtin (2006; 2011).

Aos nos debruçarmos sobre as mais de 3.300 páginas que correspondem ao conteúdo completo da edição brasileira da série de livros *Harry Potter*, lidas na sequência, identificamos montagens discursivas que se mostravam demasiadamente “naturais” e pertinentes à realidade dos adolescentes contemporâneos, seu público-leitor. Conforme detalhamos no segundo capítulo da dissertação, dedicado à análise da discursividade da obra, o material discursivo identificado mostrou-se tão abrangente quanto são os modos e costumes decorrentes da construção histórica e social do conceito de adolescência no Ocidente, o que nos permitiu deslocar o foco daquele que

“fala”, neste caso a autora da obra, para aquele a quem o enunciado é endereçado e de cujas respostas vai ao encontro (BAKHTIN, 2011), o leitor adolescente.

E o que dizer da personagem-título?

Tão falível quanto somente na vida real um jovem pode sê-lo. Em seu discurso, a obra faz questão de evidenciar todos os conflitos típicos da adolescência que configuram a consumação do rito de passagem da infância para a vida adulta.

Diante desse choque de realidade com o qual nos deparamos em pleno universo literário, a mediação teórica dos postulados bakhtinianos foi decisiva. O *insight* viria com base em uma frase proferida pela professora Campos, em aula da disciplina *Gêneros discursivos: o projeto do Círculo de Bakhtin e suas perspectivas contemporâneas*⁶, à qual tivemos oportunidade de assistir:

“A arte é a vida recriada de modo estético, mas nada do que está na arte está fora da vida”.

Tratava-se de uma reflexão a respeito de uma das postulações de Bakhtin que, curiosamente, não consta da tradução francesa da obra “Estética da Criação Verbal”, mas apenas naquela feita por Bezerra diretamente do original russo, a qual utilizamos como base para nossa análise:

Os três campos da cultura humana – a ciência, a arte e a vida – só adquirem unidade no indivíduo que os incorpora à sua própria unidade. (...) Arte e vida não são a mesma coisa, mas devem tornar-se algo similar em mim, na unidade da minha responsabilidade. (BAKHTIN, 2011, p. XXXIII-XXXIV).

Segundo Orlandi (2010), cujas diretrizes levamos em conta na realização da análise da discursividade da obra, esta não pode prescindir da mediação teórica – dispositivos de interpretação que devem estar presentes em todos os passos dessa empreitada, permitindo compreender como um determinado objeto simbólico produz sentidos – e da constituição de um *corpus*, uma vez que a discursividade não é estudada no plano horizontal ou em extensão, abarcando a completude de um texto, e sim na vertical, com montagens discursivas que decorrem dos objetivos da análise e se mostram significativas à luz dos pressupostos teóricos definidos. Procedemos, assim, à seleção das montagens textuais (*corpus* discursivo) com base na perspectiva bakhtiniana, segundo a qual todo enunciado é moldado por condições sócio-históricas e

⁶ Disciplina ministrada pela professora Maria Inês Batista Campos, oferecida pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP – FFLCH/USP.

sistemas ideológicos objetivos. Nossa empreitada consistiu em selecionar os elementos de realidade presentes em *Harry Potter*, ou seja, a discursividade ancorada na vida concreta, no cotidiano, nas lidas do dia a dia do adolescente contemporâneo, interlocutor concreto (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006) dos “dizeres” da obra. De posse desse material, partimos para a realização do estudo de recepção com os leitores de Paraisópolis, que corresponde à terceira e última fase da pesquisa (capítulo 3).

O papel preponderante do lugar no processo de construção das identidades culturais (HALL, 1999; BHABHA, 1998) permitiu que, no capítulo 1, resgatássemos a noção de capitalismo periférico de Fernandes (1999) para a análise da inserção da obra no contexto brasileiro, assinalando a existência de um cenário paradoxal que combina, ao mesmo tempo, o desenvolvimento dos meios de produção (modernização capitalista) e a ausência de precondições essenciais de cidadania encontradas em outros países. Já especificamente em relação à comunidade de Paraisópolis (capítulo 3), procuramos trabalhar com o conceito de subcidadania e as peculiaridades de *habitus* e capital cultural atribuídas a grupos sociais definidos como “batalhadores” e “ralé” por Souza (2012), o que contribuiu sobremaneira para a delimitação de um panorama interpretativo a respeito não apenas das condições de acesso limitado a bens materiais e simbólicos pelos leitores locais, como também daquilo que eles têm a dizer sobre si mesmos, conforme discursos coletados pela pesquisa.

No nível mais restrito da construção do objeto de pesquisa, por sua vez, no qual se situam os métodos e as técnicas utilizados para a coleta de dados em campo, concentramos nosso trabalho na formação de grupos de discussão (GASKELL, 2002; MORGAN, 1997) e na realização de entrevista em profundidade (POUPART et al., 2008; LOPES, 2005) com um dos perfis típicos selecionados, sempre amparados pelas reflexões de Thiollent (1980), Bourdieu et al. (2005) e Bourdieu (2012) acerca da necessária problematização das escolhas feitas. Nosso intuito foi a manutenção de uma atitude científica rigorosa e atenta à possibilidade de rupturas (tênuas ou não) com as pré-noções, incluídos aí não apenas os métodos e as técnicas dos quais obrigatoriamente lançamos mão na investigação, como também nossa própria concepção do objeto de estudo. Nas palavras de Bourdieu et al. (2005, p. 17):

Semelhante tarefa, propriamente epistemológica, consiste em descobrir no decorrer da própria atividade científica, incessantemente confrontada com o erro, as condições nas quais é possível tirar o verdadeiro do falso, passando de um conhecimento menos verdadeiro a um conhecimento

mais verdadeiro, ou melhor, como afirma Bachelard, “próximo, isto é, retificado”.

Com relação à descrição dos dados advindos do trabalho de campo, a qualidade do material obtido fez que optássemos por registrar na íntegra, com as devidas e indispensáveis edições do analista, o conteúdo discursivo dos oito encontros realizados, bem como da entrevista em profundidade, a exemplo do caminho proposto por Bourdieu (2012) na condição de coordenador do estudo sobre as múltiplas facetas da miséria social compilado na obra *A Miséria do Mundo*. Nosso intuito foi, de alguma forma, fazer jus à complexidade dos perfis típicos com os quais nos deparamos, que certamente vai muito além dos procedimentos metodológicos e das análises teóricas aqui empreendidos e cuja riqueza não nos cabe sonegar aos leitores desta dissertação.

Para a interpretação dos dados, por sua vez, primeiramente ensaiamos uma triangulação das evidências obtidas com as abordagens pertinentes ao campo da comunicação na contemporaneidade, particularmente no que tange às dinâmicas de produção e consumo cultural resultantes do contato local/global, retomando aspectos por nós aprofundados no capítulo 1. Surpreendentemente, na composição dos perfis típicos dos sujeitos da pesquisa, os leitores de Paraisópolis, deparamo-nos com uma configuração sociocultural tão heterogênea quanto interdependente, a qual fez que nos distanciássemos da divisão estanque entre grupos hegemônicos e populares, conforme as postulações bourdieusianas, e nos aproximássemos da noção de interculturalidade e ambivalência de Canclini (1998; 2009). O lugar central e autônomo ocupado pelo leitor no processo de disseminação de um produto cultural literário, como é o caso da obra *Harry Potter*, pôde ser analisado por meio de algumas postulações de Certeau (1994) e de autores da Estética da Recepção (JAUSS, 1994; ZILBERMAN, 2009).

Em seguida, para a compreensão das contribuições individualizadas de cada sujeito de pesquisa, buscamos mais uma vez, a exemplo e como desdobramento do capítulo 2, a ajuda do pensamento bakhtiniano: este ocupou a posição de “regente” do processo analítico das falas dos pesquisados, embora não seja possível deixar de reconhecer que seus pressupostos não pertencem ao campo da Análise de Discurso, implicando reflexões mais amplas que abarcam diversas esferas da criação estética. Não obstante, a perspectiva pela qual estuda a intrincada relação que o homem mantém com o mundo por meio da linguagem é eminentemente discursiva, uma vez que signos e sujeitos não são analisados de forma isolada ou estanque, mas colocados em situação dialógica, afetados pela ideologia e pelo contexto sócio-histórico. E foi justamente por

levar em conta elementos discursivos – incluindo fatores linguísticos e extralinguísticos –, responsáveis por um complexo processo de produção de sentido, que essa concepção pôde servir de referencial teórico para analisar como a obra *Harry Potter* se organiza enquanto enunciado e por que é recepcionada de um determinado modo.

CAPÍTULO 1 – Contexto: estruturas socioeconômicas, dinâmicas culturais, lógicas de produção, embates e construção de uma audiência de consumidores-leitores

Para compreender o processo de gestação e os desdobramentos de um fato complexo como *Harry Potter* na sociedade atual, acreditamos não ser obrigatório retornar às teorias descritas na obra *O Capital*, de Karl Marx, sobre a origem das formas ou das condições de produção que conhecemos hoje. O que nos interessa é relacioná-lo de alguma forma à lógica intrínseca do sistema capitalista, que se especializou em criar processos produtivos integrados, capazes de atravessar as fronteiras dos Estados, “soberanos e separados” (WALLERSTEIN, 2001), dando origem a cadeias mercantis transnacionais ou de alcance global. Trata-se de um “sistema-mundo” marcado pela polarização entre regiões centrais e periféricas, as quais se inter-relacionam por meio de trocas desiguais:

Como funciona a troca desigual? A partir de qualquer diferencial real no mercado, por causa da escassez (temporária) de um processo de produção complexo ou por uma eventual escassez artificial criada *manu militari*, as mercadorias se deslocam através de regiões de tal modo que a região dotada do artigo menos escasso vende seus bens para outra região a um preço que incorpore mais insumo real (custo) do que um bem de preço igual que se desloque na direção oposta. Parte do lucro total (ou do excedente) produzido numa área transfere-se então para outra. É a relação que se estabelece entre centro e periferia. Podemos chamar a área perdedora de “periferia” e a área ganhadora de “centro”, nomes que na verdade refletem a estrutura geográfica dos fluxos econômicos. (WALLERSTEIN, 2001, p. 29-30).

A obra surgiu no final do século XX, período em que a transformação político-econômica do capitalismo assinalada por Harvey (1993) já estava consolidada. O processo foi marcado pela passagem do modelo de desenvolvimento fordista, caracterizado por produção e consumo em massa e pela racionalidade econômica capitalista tradicional, para a chamada “pós-modernidade flexível”, sendo esta “dominada pela ficção, pela fantasia, pelo imaterial (particularmente do dinheiro), pelo capital fictício, pelas imagens, pela efemeridade, pelo acaso e pela flexibilidade em técnicas de produção, mercado de trabalho e nichos de consumo” (HARVEY, 1993, p. 303-305).

O “triunfo da estética sobre a ética” e a substituição das políticas unificadas por

práticas sociais e culturais efêmeras e fragmentadas não implicam necessariamente, segundo Harvey (1993), uma mudança de paradigma; nesse sentido, a “pós-modernidade” seria apenas um conjunto de adaptações de um período já existente, a modernidade. Ianni (1994), por sua vez, apresenta um ponto de vista diferente, na medida em que rejeita a ideia de continuidade e atribui à globalização, com a geração de um modo de produção e de gestão política inovadores, a condição de novo paradigma emergente que surge com o declínio do Estado-Nação forjado enquanto realidade e conceito:

As forças sociais, econômicas, políticas, culturais, geopolíticas, religiosas e outras, que operam em escala mundial, desafiam o estado-nação, com a sua soberania, como o lugar da hegemonia. Sendo assim, os espaços do projeto nacional, seja qual for a sua tonalidade política ou econômica, reduzem-se, anulam-se ou somente podem ser recriados sob outras condições. A globalização cria injunções e estabelece parâmetros, anula e abre horizontes. (IANNI, 1994, p.152).

Uma das consequências mais estudadas desse processo de globalização é, de fato, o arrefecimento das fronteiras ou, para sermos mais precisos, a sua total reconfiguração motivada por uma situação de incertezas e volatilidade (BAUMAN, 2001).

A compreensão fundamental que emerge dos pressupostos de Bauman (2001) é a de que o caráter liquefeito da modernidade recente, que inegavelmente se constitui em seu traço mais explícito, é resultante da própria conduta assumida pelo Estado Nacional moderno. Em sua cruzada contra as diferenças ou a ambivalência, o projeto de “nacionalização”, que implicava unificação linguística, cultural e ideológica, revelou-se ilusório porque se tratava de uma ordem criada artificialmente para legitimar determinados padrões em detrimento de outros:

O projeto moderno de unidade cultural cria as condições da sua própria não-realização. Justamente por isso é que ele gera o dinamismo exuberante sem precedentes que caracteriza a cultura moderna. (BAUMAN, 1994, p.170; 176).

Tal dinamismo é abordado pelo próprio Ianni (1994) ao se referir ao aprofundamento das intersecções entre a sociedade global e os espaços locais:

Revertem-se perspectivas e possibilidades de ser de uns e outros, em todo o mundo. O local e o global determinam-se reciprocamente, umas vezes de modo congruente e conseqüente, outras de modo desigual e desencontrado. Mesclam-se e tencionam-se singularidades, particularidades e universalidades. (IANNI, 1994, p. 151).

Dentro desse quadro, o tema da identidade cultural apresenta-se como central.

Bauman (1994) reconhece, por exemplo, que o fortalecimento das minorais étnicas indica um enfraquecimento das forças de assimilação, mas é em Appadurai (1994) que a discussão a respeito do embate entre homogeneização e heterogeneização adquire maior relevo. De acordo com o teórico, a característica central da cultura global é a tensão permanente entre igualdade e diferença, resultando em uma ordem complexa que opera não por meio de posições estanques entre centro e periferia, mas pelas disjunções cada vez mais crescentes entre as diferentes espécies de fluxos globais:

A globalização da cultura não é o mesmo que sua homogeneidade, porém a globalização envolve o uso de uma variedade de instrumentos de homogeneização (armamentos, técnicas de propaganda, hegemonia da linguagem, estilos de vestuário etc.), que são absorvidos na economia política e cultural local, para serem repatriados somente como diálogos heterogêneos de soberania nacional, de livre empresa, de fundamentalismo etc. (...) Mas este repatriamento ou exportação de projetos e de bens de consumo exacerba continuamente a política ‘interna’ do majoritarismo e da homogeneização, que a maioria das vezes acaba em debates em torno da herança. (APPADURAI, 1994, p. 324).

Essa articulação entre o global e o local, em que o primeiro não triunfa totalmente e o segundo persiste ou sempre se recupera, está na base da crise de identidade do homem contemporâneo (HALL, 1999). A inexistência de um referencial estável ou de um “princípio articulador ou organizador único” na sociedade globalizada faz que entrem em cena múltiplos sistemas de significação e representação cultural, com fronteiras menos definidas em termos de etnia, nacionalidade, classe e outros repertórios de valores e disposições do mundo social e cultural:

(...) as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como sujeito unificado. A assim chamada “crise de identidade” é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social. (HALL, 1999, p.7).

Giddens (1991) avalia como sem precedentes as transformações operadas no interior das estruturas sociais com base na interconexão entre diferentes áreas do planeta, com impacto profundo sobre a existência cotidiana:

Existem, obviamente, continuidades entre o tradicional e o moderno, e nem um nem outro formam um todo à parte; é bem sabido o quão equívoco pode ser contrastar a ambos de maneira grosseira. Mas as mudanças ocorridas durante os últimos três ou quatro séculos – um diminuto período de tempo histórico – foram tão dramáticas e tão abrangentes em seu impacto que dispomos apenas de ajuda limitada de

nosso conhecimento de períodos precedentes de transição na tentativa de interpretá-las. (GIDDENS, 1991, p. 10-11).

A flexibilização da noção de espaço e a acentuação da reflexividade das práticas sociais (GIDDENS, 1991) estão entre as alterações relevantes em um contexto de globalização que ajudam a explicar como a identidade deixa de ser uma atribuição coletiva resultante da conformação às normas sociais e se transforma em um processo de construção permanente. Bhabha (1998) aponta justamente para a complexidade das identidades na fase de “pós-colonialismo”, oriundas não mais do lugar seguro da tradição, mas dos interstícios surgidos da sobreposição de experiências intersubjetivas e coletivas:

A representação da diferença não deve ser lida apressadamente como o reflexo de traços culturais ou étnicos *preestabelecidos*, inscritos na lápide fixa da tradição. A articulação social da diferença, da perspectiva da minoria, é uma negociação complexa, em andamento, que procura conferir autoridade aos hibridismos culturais que emergem em momentos de transformação histórica. (...) Os embates de fronteira acerca da diferença cultural têm tanta possibilidade de serem consensuais quanto conflituosos; podem confundir nossas definições de tradição e modernidade, realinhar as fronteiras habituais entre o público e o privado, o alto e o baixo, assim como desafiar as expectativas normativas de desenvolvimento e progresso. (BHABHA, 1998, p. 20-21).

O deslocamento, a articulação, a sobreposição, em síntese, a diferença passa a ser constitutiva do processo identitário, conforme assinala Canclini (2009) tomando como referência as postulações de Appadurai:

Assim, Arjun Appadurai prefere considerar a cultura não como um substantivo, como se fosse algum tipo de objeto ou coisa, mas como um adjetivo. Segundo ele, o *cultural* facilita falar da cultura como uma dimensão que se refere a “diferenças, contrastes e comparações” (...). Dito de outro modo: não como uma essência ou algo que cada grupo traz em si, mas como “o subconjunto de diferenças que foram selecionadas e mobilizadas com o objetivo de articular as fronteiras da diferença”. (CANCLINI, 2009, p. 48).

A noção de hibridez e multiculturalidade avança para uma perspectiva de interculturalidade, em que, mais do que uma convivência, há uma imbricação das culturas, sendo elas próprias convertidas em espaço de negociação e conflito:

Ao conceituar a cultura deste modo, estamos dizendo que a cultura não é apenas um conjunto de obras de arte ou de livros e muito menos uma soma de objetos materiais carregados de signos e símbolos. A cultura apresenta-se como *processos sociais*, e parte da dificuldade de falar dela deriva do fato de que se produz, circula e se consome na história social. Não é algo que apareça sempre da mesma maneira. Daí a importância que adquiriram os estudos sobre recepção e apropriação de bens e

mensagens nas sociedades contemporâneas. Mostram como um mesmo objeto pode transformar-se através de usos e reapropriações sociais. E também como, aos nos relacionarmos uns com os outros, aprendemos a ser interculturais. (CANCLINI, 2009, p. 41-42).

O arcabouço teórico do qual lançamos mão tentando traçar uma linha coerente que interliga a dinâmica de um sistema global de trocas econômicas (WALLERSTEIN, 2001) à “porosidade” das identificações no posicionamento local/global (CANCLINI, 2009) é precioso para entendermos como ocorreu o surgimento e a difusão da obra *Harry Potter*, exatamente porque deixa entrever as contradições suscitadas pelo lugar que ela ocupa no contexto atual, em que se entrelaçam condições de dominação e autonomia cultural. De fato, houve uma disseminação comandada por um centro hegemônico – Europa e Estados Unidos –, mas nem por isso podemos ignorar a autonomia das múltiplas produções de sentido surgidas do contato da obra com realidades socioculturais diversas, como a latino-americana e, mais precisamente, a brasileira. Assim, *Harry Potter* inscreve-se no cenário da comunicação contemporânea evidenciando um duplo horizonte: o da polaridade (WALLERSTEIN, 2001) em que a obra e seus desdobramentos foram gestados e o da multipolaridade (CANCLINI, 1998; 2009) na qual foram inseridos e incorporados.

Surgida na Inglaterra, Estado-Nação que ocupa lugar central no mapa do sistema mundial – curiosamente o mesmo país onde, de acordo com a interpretação econômica da História, o regime capitalista assumiu sua forma definitiva, antecedendo o advento do modelo socialista de sociedade resultante de sua inevitável decomposição –, a obra engendrou uma curva ascendente de expansão que atingiu duas centenas de territórios em todo o planeta, cobrindo uma diversidade de 74 idiomas⁷. Enfrentou barreiras advindas do choque entre culturas – aquele tipo de embate que, segundo críticos de Wallerstein, é relegado ao segundo plano pelo autor –, como no caso de países islâmicos mais radicais e de setores ortodoxos dentro da própria geografia ocidental⁸ (ANELLI, 2011; JENKINS, 2008). Não obstante, impôs sua presença e aceitação na esteira do impulso capitalista de “mercantilizar tudo” (WALLERSTEIN, 2001), que no caso específico significou a produção de uma literatura de perfil comercial, o chamado *best-seller* (REIMÃO, 1996). Este foi otimizado pelo aparato técnico e tecnológico de uma engrenagem tipicamente globalizada, com vistas à

⁷ Disponível em: <<http://mediaroom.scholastic.com/harrypotter>>. Acesso em 1 jul. 2013. No anexo II, é possível conferir algumas capas de edições internacionais e também da edição brasileira.

⁸ De acordo com Jenkins (2008), em 2002, nos Estados Unidos, ocorreram mais de 500 contestações por parte de pais e religiosos contra a presença dos livros da série *Harry Potter* em escolas e bibliotecas.

produção editorial propriamente dita e à promoção de ações de *marketing* que culminaram no desenvolvimento de uma franquia, com desdobramentos nos segmentos de filmografia, jogos eletrônicos e uma série de produtos da indústria de entretenimento que se mantêm ativos até os dias atuais⁹.

Sem dúvida, é possível afirmar que o surgimento de *Harry Potter* no cenário mundial no final dos anos 1990, com expressiva expansão a partir do início do novo milênio, representou um marco na indústria cultural mundial. Mais do que um exemplo de convergência midiática, cultura participativa e inteligência coletiva, foi situado por Jenkins (2008) no centro de um debate sobre o surgimento de um novo paradigma:

Toda essa tensão veio à tona, muito claramente, por meio de dois cenários de conflitos em torno dos livros de *Harry Potter*, de J. K. Rowling, conflitos aos quais os fãs se referem, coletivamente, como “as guerras de Potter”. Por um lado, (...) as tentativas da direita religiosa de banir os livros de *Harry Potter* das bibliotecas escolares e das livrarias locais. Por outro lado, houve as tentativas da Warner Bros. de controlar as apropriações dos fãs dos livros de *Harry Potter*, sob a alegação de que eles infringiam a propriedade intelectual do estúdio. (...) ambas impõem restrições à capacidade de pleno envolvimento com uma fantasia que passou a ocupar um lugar fundamental em nossa cultura (...), em que um paradigma midiático está morrendo e outro está nascendo. (...)

Meu foco nas guerras de Potter são as noções conflitantes sobre letramento midiático e como ele deveria ser ensinado: a pedagogia informal que surgiu no interior da comunidade de fãs de *Harry Potter*, as tentativas de atrair o interesse das crianças pelos livros em salas de aulas e bibliotecas, o empenho das mídias corporativas de nos dar uma lição sobre tratamento responsável de sua propriedade intelectual, a preocupação sobre a secularização da educação, expressa pelos conservadores culturais, e a concepção muito diferente de pedagogia, compartilhada por cristãos que apoiam os livros de *Harry Potter*, dentro do “movimento do discernimento”. Todos os lados reivindicam participação na forma como educamos os jovens, já que moldar a infância é muitas vezes visto como um modo de moldar a direção futura de nossa cultura. (JENKINS, 2008, p. 228-230).

Trata-se de um produto literário em sua origem que adquiriu uma dimensão midiática em função do desenvolvimento das tecnologias da comunicação na sociedade contemporânea, que resultou nos inúmeros desdobramentos da obra em múltiplas plataformas de difusão e consumo. Estas, entretanto, não exercem suas operações no contexto hipotético da manipulação onipotente dos grandes conglomerados de comunicação, mas atingem circuitos concretos, onde são realizadas transações ou

⁹ Como exemplo, podemos citar a recente proposta da Warner Bros. e da Universal Parks de inaugurar em Los Angeles, Califórnia, uma versão do parque temático O Mundo Mágico de Harry Potter, sediado na cidade de Orlando, bem como as especulações sobre a construção de um novo centro de entretenimento no Japão. Disponível em: <<http://conteudo.potterish.com/o-mundo-magico-de-harry-potter/>>. Acesso em 3 mar. 2014.

intercâmbios cotidianos (CANCLINI, 1998), os quais superam fronteiras, tornando porosas as barreiras nacionais ou étnicas e fazendo que cada grupo de consumidores possa, com base em um mesmo discurso, mobilizar repertórios culturais completamente diferentes entre si.

1. *Harry Potter* no contexto brasileiro

As condições de produção, circulação e consumo da obra, bem como a reunião de dados primários e secundários que permitiram um alinhamento deste estudo com o campo da Sociologia da Leitura¹⁰ são abordados com maior detalhamento no tocante ao contexto brasileiro, considerando-se que nosso recorte empírico recai sobre a edição nacional dos sete volumes da série. Nessa análise, torna-se pertinente ponderar sobre as peculiaridades inerentes a uma condição de capitalismo dependente, que se impôs como realidade histórica na América Latina e, particularmente, no Brasil.

De acordo com Fernandes (1999), é possível identificar dois grandes momentos em que a dominação externa se impõe em território latino-americano. Primeiramente, a partir da Revolução Industrial na Inglaterra, no decorrer do século XIX, quando as economias centrais, interessadas em criar mercado para as suas produções, tornaram-se imperialistas; e, mais recentemente, por meio da expansão das grandes corporações mundiais, com impactos sobre as mais diversas esferas da política, da economia, da sociedade e da cultura locais:

(...) essas empresas trouxeram (...) um novo estilo de organização, de produção e de *marketing*, com novos padrões de planejamento, propaganda de massa, concorrência e controle interno das economias dependentes pelos interesses externos. (FERNANDES, 1999, p. 100).

O capitalismo corporativo resultou em progresso técnico e tecnológico, porém também produziu maior exploração da força de trabalho e a manutenção de uma dominação que passou a se organizar “desde dentro” (FERNANDES, 1999). Souza (2003) se debruça sobre as consequências dessa realidade com uma lupa ao identificar, no contexto brasileiro, em lugar da formação de um padrão de cidadania – aquele que agrega de forma utilitária indivíduos e grupos sociais ao universo mercantil, possibilitando seu reconhecimento social enquanto “seres produtivos” na sociedade

¹⁰ De acordo com Zilberman (2009), a Sociologia da Leitura surgiu na década de 1920 como um segmento da Sociologia do Saber, tendo como marco preciso a publicação na Alemanha da obra *A sociologia da formação do gosto literário*, de Schücking. Posteriormente, ganhou impulso com pesquisas de orientação sociológica desenvolvidas na Inglaterra.

capitalista –, a construção de um quadro de subcidadania, caracterizado por uma massa de excluídos da vida produtiva e social modernas:

Enquanto a generalização de um “*habitus* precário” nas sociedades avançadas é um fenômeno circunscrito e limitado, a sua generalização como fenômeno de massas em sociedades periféricas, como a brasileira, é suficiente para condenar cerca de 1/3 de uma população de 170 milhões de pessoas a uma vida marginal nas dimensões existencial, econômica e política. (SOUZA, 2003, p. 178).

Os números apontados têm de ser revistos à luz do intenso processo de inclusão social ocorrido no país nos últimos quinze anos, contudo a antinomia que marca o processo nacional de modernização capitalista persiste. De um lado, há o expressivo desenvolvimento dos meios de produção, e de outro, a reprodução de um contexto social em que inexistem precondições essenciais de cidadania. O mesmo diagnóstico pode ser feito quando se trata especificamente do mercado de bens culturais, em que uma engrenagem geradora de conteúdos e de alto nível técnico se desenvolve em meio a um cenário marcado por diferenças sociais de acesso não apenas aos bens e práticas culturais propriamente ditos – livros, filmes, peças de teatro, visitas a exposições de arte etc. –, como também à formação e ao processo cultural como um todo. Um exemplo de política pública empenhada na ampliação do direito à cultura é o chamado Vale-Cultura, iniciativa do governo federal que entrou em vigor em 2014, cuja estratégia é incentivar empresas a repassarem o valor de 50 reais mensais a trabalhadores registrados com rendimento de até cinco salários mínimos exclusivamente para a aquisição de bens culturais diversos¹¹.

Circunscrevendo a análise ao segmento editorial de livros, a queda verificada no número de leitores brasileiros, em todas as regiões do país, à exceção do Nordeste, segundo a última edição da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil* (dados divulgados em 2012 sobre o ano de 2011 em comparação a 2007)¹², relativiza os efeitos que o crescimento econômico gera nas condições de vida das pessoas. Os dados obtidos apontam para a existência de 88,2 milhões de leitores, os quais leem, em média, duas obras completas e outras duas parcialmente, considerando os livros requisitados pela escola, número igualmente menor que o divulgado na pesquisa anterior (4,7)¹³. Dados divulgados, também em 2012, pelo Centro Regional para o Fomento do Livro na

¹¹ Disponível em: < <http://www.cultura.gov.br/valecultura>>. Acesso em 3 nov. 2013.

¹² Disponível em: < <http://www.blogacesso.com.br/?p=4747>>. Acesso em 12 jun. 2015.

¹³ Disponível em: <<http://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2013-08-25/bienal-abre-possibilidade-de-elevar-indice-de-leitura-dos-brasileiros-avalia-presidenta-do-snel>>.

América Latina e no Caribe – CERLALC indicam que apenas na Argentina (55%) e no Chile (51%) o número de leitores ultrapassa a metade do contingente populacional (no Brasil, esse percentual é de 46%), países que também lideram no tocante aos índices de leitura na América Latina, com respectivamente 4,6 e 5,4 livros lidos ao ano por habitante¹⁴.

Diante desse cenário, emerge como central a questão do acesso à leitura, um dos principais aspectos observados pela Sociologia da Leitura, ainda com poucos estudos no Brasil. De acordo com Horellou-Lafarge; Segré (2010, p. 103) “o livro, apesar de sua relativa banalização, continua sendo um bem reservado àqueles que já gozam do benefício da cultura”, o que é comprovado pela correlação direta entre o aumento no número de livros lidos e a ascensão na hierarquia social. No caso brasileiro, podemos considerar que, a exemplo do que ocorre em países com índices de desenvolvimento econômico e social superiores, o consumo de livros também se estabeleceu como prática cultural de massa, guardadas as devidas proporções¹⁵, e, nesse sentido, a análise feita pelas pesquisadoras francesas nos é valiosa a título de reflexão. Sobretudo no tocante à indissociabilidade identificada entre a leitura e outras atividades relacionadas à cultura, como o consumo de produtos culturais diversos, que, por sua vez, constituem-se em práticas características de uma elite:

Levando em consideração diversas práticas como o fato de ir ao teatro, de visitar um monumento histórico, de frequentar uma biblioteca ou midiateca, de tocar um instrumento musical, de ler vinte e cinco livros por ano, de visitar uma mostra de arte por semana, Olivier Donnat comprova que essas práticas “estão ligadas intimamente à posição e à trajetória social dos indivíduos e aparecem como minoritárias, elitistas e cumulativas”. (HORELLOU-LAFARGE; SEGRÉ, 2010, p. 105).

Essa constatação aparenta estar em correlação com o pressuposto de que os livros refletem as dominantes culturais de uma determinada sociedade, e mais precisamente, suas hierarquias socioculturais (CHARTIER; ROCHE, 1995). Por outro lado, o *status* de “cimento da socialidade culta e mundana” (HORELLOU-LAFARGE; SEGRÉ, 2010) assumido pelo livro sofreu transformações ao longo do tempo, sendo a mais importante delas o intenso processo de popularização ocorrido do século XVIII em diante, quando a prática da leitura extensiva e a disseminação de obras de conteúdos

¹⁴ Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/celebridades/mais-da-metade-dos-latino-americanos-nao-tem-o-habito-de-ler>>. Acesso em 20 Jul. 2014.

¹⁵ A título de comparação, em 2003, nos Estados Unidos eram produzidos 11 livros per capita ao ano e na França, sete, segundo Lindoso (2005). Já o índice brasileiro de livros por habitante encontrava-se no patamar 2 no final da década de 2000 (REIMÃO, 2011).

variados, formatos diversos e com menores custos passaram a predominar no cenário editorial ocidental (CHARTIER, 1994). Essa mudança representou um verdadeiro marco no acesso ao escrito:

Não era preciso, necessariamente, saber ler e muito menos possuir livros para ter acesso ao escrito. Então, pode-se estimar que todas as classes sociais podiam ter em mãos um escrito. Graças aos livros devocionais, aos livretos de *colportage*, até os analfabetos tiveram relação próxima com o escrito, que era lido, repetido, e ao mesmo tempo ilustrado. O desenvolvimento das cidades permitiu a progressiva impregnação do povo, porque a vida citadina facilitava a difusão oral e coletiva do escrito por intermédio de diferentes redes sociais. (HORELLOU-LAFARGE; SEGRÉ, 2010, p. 51-52)

A imposição da lógica econômica capitalista, segundo a qual interessava aos editores e livreiros corresponder aos interesses de um número cada vez maior de leitores de forma a ampliarem o seu faturamento, também se mostrou determinante no alargamento das condições de acesso à leitura (HORELLOU-LAFARGE; SEGRÉ, 2010). Contudo, não podemos ignorar que a terminologia “acesso a livros” sugere um tipo de homogeneidade que não contempla as diversas nuances possíveis de serem identificadas quando se trata dos múltiplos usos feitos do impresso e da própria condição do acesso em si. Horellou-Lafarge; Segré (2010) ressaltam que os integrantes das camadas populares não frequentam os mesmos lugares de venda e empréstimo de livros que a classe média, abastecendo-se primordialmente por meio da compra por correspondência, em supermercados e do associativismo (clube do livro).

No entender do Estado brasileiro, a redução dessas discrepâncias perpassa pela promoção de políticas públicas de incentivo e acesso à leitura, que ganharam corpo ao longo da década de 2000. Algumas delas foram encabeçadas pelo professor universitário e coordenador de projetos de incentivo à leitura José Luiz Goldfarb, que nesse período participou de projetos de disseminação da cultura leitora em diversas regiões do território nacional e mais recentemente atuou como coordenador do programa Rio, uma Cidade de Leitores, da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro:

Somente entre 2003 e 2005, ainda na Secretaria da Cultura do Governo do Estado de São Paulo, foram implantadas 84 bibliotecas públicas municipais em cidades até então completamente desprovidas de acervos organizados. O objetivo da secretária Claudia Costin, à época, era zerar o número de municípios nessas condições.¹⁶

¹⁶ Trecho de entrevista semiestruturada feita pelo pesquisador em 8 nov. 2013.

De acordo com o entrevistado Goldfarb, o quadro foi de fato revertido e existem hoje no Brasil cerca de 5.000 bibliotecas públicas, cobrindo praticamente todos os municípios do país. Por outro lado, isso não significa que as pessoas estão lendo mais, o que sugere um descompasso entre as políticas de difusão dos bens culturais e a efetiva transformação das práticas sociais. Uma pista importante é dada pelos próprios estudos empreendidos por Horellou-Lafarge; Segré (2010) a respeito das bibliotecas públicas, na medida em que se referem a um país – França – cuja proporção desse serviço em relação ao contingente populacional é quatorze vezes maior do que no Brasil¹⁷ e, não obstante, fazem questão de enfatizar que “a proximidade espacial não suprime a distância social e simbólica da leitura, pois esta põe em jogo aptidões e atitudes culturais ligadas às representações simbólicas do livro e da leitura” (p. 133). O entrevistado Goldfarb acrescenta um dado polêmico em relação ao caso brasileiro ao referir-se a estudos que apontam a existência de um quadro crítico de ausência do hábito de leitura em todas as camadas sociais: “No Brasil há um problema estrutural de falta de tradição de leitura que precisa ser combatido em várias frentes. A própria concepção das bibliotecas públicas precisa ser revista de forma a atrair mais leitores”¹⁸.

Todas essas variáveis devem ser problematizadas à luz de aspectos notórios no contexto da sociedade brasileira, como o fato de a produção de livros ser expressivamente menor em comparação à de países desenvolvidos, assim como a renda média da população – para se ter ideia, na França o salário mínimo está em torno de 1.500 euros, cerca de 4.500 reais¹⁹ –, além do escasso número de livrarias. No levantamento feito pelo Diagnóstico do Setor Livreiro 2009, apresentado pela Associação Nacional das Livrarias – ANL, os mais de 5 mil municípios brasileiros contavam com menos de 3 mil livrarias, com mais da metade delas concentradas na região Sudeste. Isso aponta para a existência de uma livraria para cada 64.255 habitantes, enquanto a recomendação internacional é de uma livraria para cada 10 mil habitantes, conforme Reimão (2011).

São determinantes socioeconômicos e culturais que se refletem na própria relação entre exemplares impressos e o contingente populacional do país aferida a cada década pelo IBGE. Apenas na década de 1970 a relação entre tiragem de livros e a

¹⁷ Disponível em: < <http://www1.folha.uol.com.br/folha/sinapse/ult1063u190.shtml>>. Acesso em 2 abr. 2014.

¹⁸ Trecho de entrevista semiestruturada feita pelo pesquisador em 8 nov. 2013.

¹⁹ Disponível em: <<http://www.luis.blog.br/o-salario-minimo-no-brasil-eua-franca-e-outros-paises-do-mundo.aspx>>. Acesso em 16 abr. 2014.

população do Brasil atingiu índice numérico superior a 1:

Em 1972, editou-se 1,3 livro por habitante, contra 0,8 do ano anterior. Com algumas distorções, essa proporção se manterá crescente durante a década, atingindo o índice de 1,8 em 1979. (REIMÃO, 1996: 58).

O índice brasileiro de livros por habitante chegou ao patamar 2 no final da década de 2000, impulsionado em grande parte pelo aumento progressivo da produção editorial e a redução no preço de capa dos títulos:

Os 386.367.136 exemplares produzidos em 2009 representam 2 livros por habitante ao ano, para uma população de 191,5 milhões de habitantes. Se pensarmos nos exemplares comercializados, esse índice cai para 1,9 livros comercializados por habitante. (REIMÃO, 2011, p. 196).

Sem estabelecer uma correlação de causalidade determinante entre os dados nacionais, podemos afirmar que os números brasileiros são indicativos de condições socioeconômicas específicas, como baixa renda, analfabetismo e iletrismo²⁰, contudo, na interpretação de Reimão (1996, p. 80), também deixam entrever a potencialidade de um mercado a ser explorado:

Levando-se em conta esses obstáculos à expansão do mercado editorial brasileiro e refletindo-se que, apesar deles, o mercado já é bastante significativo, torna-se patente a potencialidade de seu crescimento. Note-se que apesar do índice brasileiro de livro por habitante ao ano ser baixo, o fato de a população ser numericamente grande, uma das maiores populações mundiais, torna o Brasil um amplo mercado, comparado a outros países.

O cruzamento dessas informações ajuda a compor o cenário em que a obra *Harry Potter* foi publicada e difundida no Brasil, cumprindo o seu papel de produto de massa destinado a atingir o maior público possível. Essa categorização é importante, na medida em que reflete o próprio processo de evolução do mundo da edição. De acordo com Horellou-Lafarge; Segré (2010), os livros se tornaram um produto industrial, assim como outros bens de consumo, “cuja característica é serem intercambiáveis, fabricados de acordo com a demanda, em prejuízo da criação literária e artística”. Segundo as pesquisadoras, ainda tomando o cenário francês como um microcosmos do mercado globalizado, na década de 2000:

Os produtos que tiveram maior sucesso, além dos *best-sellers*, são as histórias em quadrinhos, os livros para a juventude e as chamadas “obras de consumo corrente”, como os livros práticos, os guias, dicionários, enciclopédias e romances do tipo Harlequin, seguidos em último lugar

²⁰ De acordo com Horellou-Lafarge; Segré (2010), iletrismo refere-se a uma situação específica em que o leitor é capaz de ler frases, mas não compreende o seu sentido.

pela obras da literatura culta. (HORELLOU-LAFARGE; SEGRÉ, 2010, p. 42).

O entrevistado Goldfarb teve a oportunidade de acompanhar na prática os meandros dessa nova articulação do universo editorial, que produz impactos sobre o processo de formação cultural e na constituição do hábito de leitura, tendo como exemplo a própria inserção da obra *Harry Potter* no mercado brasileiro:

Eu saí da Belas Artes [livraria] em 2003, no auge da coleção *Harry Potter*, e imediatamente passei a trabalhar com políticas públicas de inclusão literária. E logo puder fazer uma dupla constatação em relação aos livros da série: não só era importante tê-los nos acervos das bibliotecas públicas, como eles eram, naquela época, os primeiros a serem procurados na hora em que a fita vermelha de inauguração era cortada.²¹

2. O produto editorial *Harry Potter* e seu consumo: articulações e inter-relações

Seguindo o pensamento de Chartier (1990), de acordo com o qual o processo de produção de um livro deve ser analisado à luz do seu contexto histórico, ou seja, uma obra literária carrega em si todo um sistema de categorias, percepções, regras de funcionamento que remetem à suas condições de produção ou à historicidade de sua criação e apropriação, podemos afirmar que enquanto “produto do seu tempo”, *Harry Potter* beneficiou-se das “potencialidades” do mercado editorial brasileiro. Por outro lado, também teve de lidar com diversas limitações ao ser introduzido no Brasil pela Editora Rocco no início da década de 2000.

Reconhecida por ser a responsável pelo lançamento do maior fenômeno literário brasileiro de todos os tempos, o escritor Paulo Coelho, que despontou como autor de *best-sellers* em 1987 com o lançamento da obra *Diário de um Mago*, a Rocco iniciou suas atividades em 1975. Em menos de 15 anos, já era uma das maiores editoras do Brasil, especializada em obras de ficção de autores nacionais e estrangeiros (PAIXÃO, 1995).

O interesse por publicações internacionais bem-sucedidas fez que o fundador e presidente da Rocco, o economista Paulo Rocco, que chegou a atuar em editoras de importância histórica para o mercado editorial brasileiro como Francisco Alves e José Olympio (PAIXÃO, 1995), antes de criar sua própria editora, adquirisse os direitos de publicação no Brasil da série de sete livros *Harry Potter*, em negociação realizada

²¹ Trecho de entrevista semiestruturada feita pelo pesquisador em 8 nov. 2013.

durante a Feira do Livro de Frankfurt de 1997, com o então agente literário da escritora J. K. Rowling²². O interesse do editor à época era apenas “incrementar” a linha de publicações infantojuvenis com obras dotadas de boa perspectiva comercial que permitissem uma venda certa e permanente ao longo dos anos, porém sem qualquer pretensão mais ousada em termos numéricos:

Um ano antes de me deparar com *Harry Potter*, eu tive contato com um agente inglês, que não era muito conhecido, e me vendeu os direitos de publicação de uma obra que estava sendo bastante comentada naquela edição da Feira, mas depois acabou não tendo o desempenho esperado. No ano seguinte, eu tornei a encontrá-lo e comentei sobre a minha necessidade de incrementar a linha de infantojuvenis da editora. Então, ele me apresentou uma coleção cujo primeiro dos sete volumes já havia sido lançado na Inglaterra e estava indo bem. Eu achei interessante e, depois de obter a aprovação dos pareceristas da editora, ele me fez um preço médio pelos dois primeiros títulos da série – o segundo já estava para ser lançado – e fechamos o acordo.²³

A publicação da série de livros *Harry Potter* no Brasil ocorreu na entrada do século XXI, exatamente no ano 2000, com um atraso relativamente grande em relação ao mercado global. Lançada pela editora inglesa Bloomsbury em 1997, a obra chegou ao mercado editorial norte-americano pela Scholastic, em 1998. Segundo o entrevistado Rocco, houve um esforço da equipe editorial para corrigir essa defasagem e os três primeiros volumes traduzidos foram disponibilizados aos leitores brasileiros no mesmo ano – 2000 –, quando as editoras internacionais já se preparavam para lançar o quarto volume da série.

Por outro lado, na avaliação do editor, esse descompasso em relação ao ritmo de publicação internacional permitiu que a editora brasileira se beneficiasse da informação sobre o desempenho comercial favorável e ascendente da série de livros, impulsionando o investimento em estratégias de *marketing* pouco usuais entre as editoras nacionais, as quais se mostraram altamente eficientes:

Nós fizemos coisas inacreditáveis, como colocar caldeirões nas livrarias, instalações gigantescas espalhadas por cruzamentos da cidade do Rio de Janeiro e muitas promoções, já motivados pelos dados internacionais, que indicavam que o livro estava indo muito bem nos Estados Unidos. A cada volume, pensávamos o que íamos fazer de diferente em termos de

²² J. K. Rowling é a assinatura que Joanne Kathleen Rowling, escritora escocesa radicada na Inglaterra, escolheu para atender à estratégia da editora Bloomsbury de atrair a atenção do público-leitor formado por garotos com um nome não explicitamente feminino estampado na capa. Em 1990, enquanto atuava como professora de Língua e Literatura Inglesa em Portugal, começou a escrever o primeiro livro da série de sete volumes, *Harry Potter e a Pedra Filosofal*, lançado em 1997. Disponível em: <http://www.jkrowling.com/pt_BR/#/sobre-jk-rowling>. Acesso em 2 jul. 2013.

²³ Trecho de entrevista semiestruturada feita pelo pesquisador em 9 abr. 2013.

estratégias de divulgação, que sempre surtiam efeito, e vários livreiros agradeciam comentando que o título lançado havia “salvo seu ano”. Para nós, e acho que em todas as partes do mundo onde se publicou a obra, foi algo muito surpreendente, porque eram livros maçudos, portanto não se tratava de um tipo de leitura com a qual as crianças e os jovens estavam acostumados, e também houve uma grande procura por adultos, tanto que em alguns países foram lançadas edições com capas diferentes voltadas para esse público, o que não chegou a ser feito no Brasil.²⁴

O debate da obra no mercado brasileiro, na entrada do novo milênio, precisamente no intervalo entre o lançamento do terceiro e do quarto volumes da coleção nas praças internacionais, beneficiou-se da consagração já alcançada perante o público-leitor e lhe proporcionou mais combustível. De acordo com dados disponibilizados pela editora americana Scholastic, a tiragem inicial de *Harry Potter and the Prisoner of Azkaban* (*Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban*) – terceiro volume – nos Estados Unidos havia sido de 500 mil exemplares, número sete vezes menor do que aquele divulgado sobre a impressão do volume imediatamente seguinte, *Harry Potter and the Goblet of Fire* (*Harry Potter e o Cálice de Fogo*), estimada em 3,8 milhões de exemplares²⁵.

De fato, as ações de *marketing* e divulgação realizadas em torno da obra de Rowling no Brasil ganharam impulso extra com a repercussão até então inédita atingida entre os leitores internacionais exatamente nessa época, às vésperas do lançamento do quarto volume da série, *Harry Potter e o Cálice de Fogo*, lançado na Inglaterra e nos Estados Unidos em 2000 e no Brasil em 2001. A supremacia de *Harry Potter* no concorrido mercado de livros norte-americano – todos os livros da série chegaram ao primeiro lugar entre os *best-sellers* da lista do jornal *The New York Times*, segundo informação divulgada pela Scholastic – foi motivo de descontentamento para alguns segmentos e motivou a polêmica “reforma” da página de livros do periódico americano anunciada em junho de 2000, que resultou na criação de listas separadas para livros adultos e infantis. Os detalhes e desdobramentos dessa operação são relatados no livro *Harry e seus fãs*, escrito pela jornalista norte-americana Melissa Anelli (2011), responsável pelo principal *fandom on-line* da obra, que teve a oportunidade de entrevistar a autora e registrou sua insatisfação com a decisão do *The New York Times*.

O *delay* no lançamento das obras no mercado editorial brasileiro em relação às demais praças internacionais foi explicado pelo editor da Rocco como resultante de

²⁴ Trecho de entrevista semiestruturada feita pelo pesquisador em 9 abr. 2013. No anexo III, disponibilizamos a reprodução de capas de edições voltadas ao público adulto.

²⁵ Disponível no endereço: < <http://mediaroom.scholastic.com/harrypotter>>. Acesso em 1 jul. 2013.

uma imposição feita pela própria autora de que o acesso aos originais somente fosse liberado após a publicação nos países de língua inglesa:

Nós somente podíamos começar a tradução a partir do momento em que o livro era lançado lá fora, então havia uma defasagem que criava uma grande impaciência nos leitores brasileiros. Às vésperas do lançamento do quarto ou do quinto volume, não me recordo com precisão, ocorreu um episódio curioso, que foi uma tentativa de invasão de *hackers* no computador da tradutora, a Lia Wyler, e nos levou a adotar novas medidas de segurança. Os arquivos passaram a ser gravados e entregues presencialmente e não mais via internet.²⁶

Entretanto, com o lançamento do quinto volume da série, *Harry Potter e a Ordem da Fênix*, a publicação no Brasil passou a ocorrer com um intervalo cada vez mais curto em relação às nações anglo-saxãs, sempre no mesmo ano e com apenas alguns meses de diferença. Assim, enquanto o sétimo e último volume da série, *Harry Potter e as Relíquias da Morte*, foi lançado em julho de 2007 nos Estados Unidos, a tradução brasileira foi disponibilizada para o público-leitor quatro meses depois, em novembro do mesmo ano²⁷.

Esse ajuste da política de lançamento mundial para uma situação praticamente de simultaneidade no acionamento das dezenas de praças ao redor do mundo parece ter uma relação direta com o crescente êxito comercial alcançado pela obra a cada novo volume publicado. A curva feita pelo número de exemplares impressos em tiragem inicial nos Estados Unidos revela um crescimento exponencial entre o primeiro e o sétimo volumes, saltando dos 50 mil exemplares em *Harry Potter e a Pedra Filosofal* (primeiro volume) para 12 milhões de exemplares em *Harry Potter e as Relíquias da Morte* (sétimo volume), quando o produto editorial já havia extrapolado o universo literário para outras plataformas midiáticas, como filmes, jogos, atrações em parques de entretenimento, *sites* na internet etc.²⁸. Ainda segundo dados da editora Scholastic, somente nas primeiras 24 horas após o lançamento do último livro da série, foram vendidos 8,3 milhões de exemplares no mercado norte-americano, um recorde histórico²⁹.

No Brasil, os números disponíveis sugerem que os livros da série *Harry Potter* também estiveram entre os campeões de vendas ao longo de toda a primeira década do século XXI, aparecendo de forma recorrente – cerca de 16 vezes, nos primeiros anos da

²⁶ Trecho de entrevista semiestruturada feita pelo pesquisador em 9 abr. 2013.

²⁷ Disponível em: <http://www.jkrowling.com/pt_BR/#/works/os-livros/>. Acesso em 2 jul. 2013.

²⁸ Disponível no endereço: <<http://mediaroom.scholastic.com/harrypotter>>. Acesso em 1 jul. 2013.

²⁹ Ibidem.

década – entre os títulos de ficção mais vendidos no Brasil (REIMÃO, 2011). O último volume, *Harry Potter e as Relíquias da Morte*, estabeleceu-se como o livro mais vendido em 2007. No mesmo ano, segundo dados da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil* (anexo IV), *Harry Potter* ocupava a quarta posição no levantamento sobre “Livros mais importantes na vida dos leitores” e “Último livro que o leitor leu ou está lendo” (AMORIM, 2008, p. 60-61)³⁰.

Vale ressaltar que, no caso do primeiro dado apontado pela pesquisa, o título “Harry Potter” aparece como resposta espontânea dos leitores consultados à pergunta sobre o livro mais marcante, com uma única opção. O mesmo ocorreu em relação à consulta sobre o livro mais recente lido. A pesquisa não fornece informações mais precisas sobre quais livros da série foram os mais procurados pelos leitores, o que pode ser aferido pelos registros de tiragens e venda de cada volume, que aumentaram progressivamente do primeiro ao último, conforme citado anteriormente. Ademais, o referido dado sugere uma associação direta e automática do conteúdo de cada título com uma temática comum a todos, a saga do protagonista que dá nome à coleção e à franquia, a qual abrange, conforme já visto, diversas plataformas midiáticas além dos livros, destacando-se as bem-sucedidas produções cinematográficas.

A predominância de *Harry Potter* entre os mais vendidos ao longo de toda a década de 2000 e a preferência verificada entre leitores indicam sua condição simultânea de mercadoria e veículo cultural, conforme definição de Chartier; Roche (1995). A propósito, como expressão das dominantes culturais de sua época, *Harry Potter* não escapou das controvérsias relacionadas à oposição entre religiosidade e ocultismo, que, embora pouco significativas no Brasil, estiveram presentes em países como Emirados Árabes Unidos, onde a obra chegou a ser proibida em escolas particulares pelo Ministério da Educação sob a justificativa de que incentivava a bruxaria, e até mesmo nos Estados Unidos, com reações negativas de cristãos americanos e o recebimento pela American Library Association – ALA de inúmeros pedidos de restrição aos livros em escolas e bibliotecas públicas (ANELLI, 2011).

Entre polêmicas e ações comerciais diversas, incluindo promoções, eventos e

³⁰ A pesquisa, apontada como o principal estudo sobre o comportamento do leitor no país, abrange o período 2000/2007. Foi encomendada pelo Instituto Pró-Livro, uma OSCIP (Organização Social Civil de Interesse Público) criada por iniciativa de representantes do governo e entidades do setor livreiro (Sindicato Nacional dos Livreiros – SNEL, Câmara Brasileira do Livro – CBL e Abrelivros), e realizada pelo instituto Ibope Inteligência.

desdobramentos da história em filmes, jogos, brinquedos, a venda dos títulos da série *Harry Potter* ultrapassou a marca de 450 milhões de exemplares em todo o mundo³¹. No Brasil, segundo informação da Editora Rocco, os livros traduzidos por Lia Wyler constituem a coleção de maior êxito comercial de todo o seu catálogo de publicações, tendo sido comercializada, de acordo com fontes oficiosas do mercado livreiro, uma quantidade superior a três milhões de exemplares³².

3. Apocalípticos X integrados e as apropriações populares

A ampla difusão da obra não lhe garantiu unanimidade da crítica especializada; pelo contrário, houve reprovações tanto em âmbito internacional quanto nacional. Foi o caso do crítico norte-americano Harold Bloom, que apontou a prevalência de clichês no trabalho de Rowling e questionou seu valor cultural, posição associada à defesa dos cânones literários contra a produção de obras destinadas ao grande público, conforme relata Borelli (2006). No Brasil, a escritora Marina Colasanti ressaltou a atenção dada a publicações internacionais revestidas de grande aparato publicitário em detrimento do lançamento de autores brasileiros, embora tenha reconhecido aspectos favoráveis no conteúdo da obra³³.

As críticas direcionadas à obra *Harry Potter* remetem diretamente à conceituação de *best-seller* elaborada por Reimão (1996, p. 24):

Há um consenso de que essa literatura, descendente do romance-folhetim, expandiu-se a partir de meados do século XIX e especialmente no século XX, e de que esses textos devem ser inseridos na lista dos primeiros produtos da indústria cultural, a qual, por sua vez, é vinculada à fase monopolista do capitalismo e à sociedade de consumo.

Dos frankfurtianos, como Adorno, aos estruturalistas, entre os quais Todorov e Eco, o texto chamado de *best-seller* é caracterizado como um tipo de literatura trivial, sem qualidades literárias intrínsecas. Para os primeiros, atende ao propósito de manutenção do *status quo* e do consumo em larga escala; para os segundos, visa apenas e tão somente ao entretenimento e à consolação dos leitores, apresentando estrutura e conteúdo que se repetem e reafirmam o mundo como ele é.

³¹ Disponível no endereço: < <http://mediaroom.scholastic.com/harrypotter>>. Acesso em 1 jul. 2013.

³² A editora Rocco não forneceu dados sobre a vendagem da coleção *Harry Potter* no Brasil, o que exigiu do pesquisador a consulta a outras fontes do mercado editorial (distribuidores, livreiros e editores) para chegar à estimativa citada.

³³ Disponível em: <<http://www.leiabrasil.org.br/old/leiaecomente/rosbife.htm>>. Acesso em 2 jul. 2013.

Reimão (1996) conduz essa discussão de forma elucidativa ao dividir em três blocos principais as posições divergentes de teóricos a respeito do papel do *best-seller* na formação de uma cultura leitora. Em lados opostos estariam a (1) “teoria do degrau”, defendida por José Paulo Paes, segundo a qual a literatura de massa funcionaria como estimuladora do hábito de leitura, sendo portanto uma parte preparatória para o contato com a alta literatura, e a (2) “teoria do hiato ou da regressão”, cujo expoente é Habermas e a compreensão de que as diferenças entre os dois tipos de literatura constituem uma barreira que não pode ser transposta; por esse ponto de vista, o contato com a literatura de mercado implica a reafirmação do *status quo* e a regressão da capacidade crítica do leitor. Por fim, com uma interpretação mais dialética, aparece a (3) “teoria do filtro”, que encontra ressonância em estudos sobre cultura brasileira e pressupõe a refração dos conteúdos difundidos pela indústria cultural por meio de ações de seleção e até de rejeição protagonizadas pelos leitores. Essa abordagem aproxima-se da compreensão da atividade de leitura enquanto instância de produção de sentido defendida por Certeau (1994), que serviu de suporte teórico, assim como pressupostos pertinentes ao campo da Estética da Recepção, para a interpretação das evidências coletadas no espaço de realização do estudo de recepção, localizado na comunidade de Paraisópolis, em São Paulo, com leitores da obra *Harry Potter* (capítulo 3).

O entrevistado Goldfarb, por sua vez, confirma a persistência desse embate entre literatura erudita e literatura de massa ou de mercado (REIMÃO, 1996) como fator articulador das políticas públicas de cultura e incentivo à leitura no Brasil:

Nas atividades de curadoria das quais participei e participo até hoje, no Prêmio Jabuti, incluindo aquelas relacionadas à seleção de livros infantis e juvenis para concorrer a prêmios promovidos por eventos literários desse segmento, sempre houve uma diferenciação entre as obras com uma elaboração textual mais sofisticada, que abrangem desde clássicos universais até contos populares, e as obras consideradas “menos literárias”, que evidentemente são capazes de envolver o leitor por meio de boas histórias, mas se destacam mais pelo aspecto comercial do que pelo literário. É o caso de *Harry Potter* no que diz respeito aos consumidores jovens, como também dos livros do Paulo Coelho e da literatura espírita, por exemplo, quando se trata do público adulto³⁴.

A percepção de que a dimensão “extra literária” é igualmente importante, uma vez que contribui para atrair os consumidores afetados por essas ondas promocionais em torno de determinados livros *best-sellers* até o espaço das livrarias e bibliotecas e, portanto, ao contato com a cultura, defendida pelo entrevistado Goldfarb, parece ter

³⁴ Trecho de entrevista semiestruturada feita pelo pesquisador em 8 nov. 2013.

prevalecido no mercado brasileiro. Assim, já no ano seguinte ao lançamento no Brasil, a coleção *Harry Potter*, formada então pelos três primeiros volumes (*Harry Potter e a Pedra Filosofal*, *Harry Potter e a Câmara Secreta* e *Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban*), recebeu o selo “Altamente Recomendáveis”, da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil – FNLIJ, na categoria Melhor Tradução Criança³⁵. Entre estudiosos do universo dos livros fomentou-se uma visão de que a obra passou a desempenhar papel decisivo no crescimento do hábito de leitura dos jovens na década de 2000. O bibliófilo José Mindlin endossou essa perspectiva ao afirmar, em entrevista concedida ao jornal *Folha de S. Paulo*, em 2009, que o contato com a obra *Harry Potter* não prejudicava outras leituras e poderia até incentivá-las: “A leitura é um processo automultiplicador, não existem regras rígidas para desenvolver o hábito”³⁶.

O entrevistado Goldfarb partilha do mesmo ponto de vista:

O benefício de obras como *Harry Potter* para o incentivo à leitura é mais do que evidente. Quando eu estava à frente da Livraria Belas Artes, até 2003, nós tínhamos um acervo de Haroldo de Campos, mas aqueles adolescentes de 16 anos, que moravam em Itaquera, entravam na livraria pela primeira vez à procura de *Harry Potter*. Quando eu trabalhava com as bibliotecas públicas, era a mesma coisa. *Harry Potter* sempre foi o xodó dos jovens. Bastava incluirmos no acervo e eles corriam para pegar os livros.³⁷

Um artigo publicado em 2007 no *The New York Times* chamava a atenção para uma pesquisa encomendada pela Scholastic a respeito dos hábitos de leitura infantil e familiar, segundo a qual 51% de 500 leitores de *Harry Potter* consultados, com idade entre 15 e 17 anos, afirmaram que até então não liam por prazer (provavelmente, apenas por indicação escolar). Ainda de acordo com o estudo, mais de três quartos desses leitores confirmaram que a obra impulsionou seu interesse em ler outros livros³⁸.

Esse dado adquire relevância ainda maior se considerarmos a observação feita por Horellou-Lafarge; Segré (2010) sobre a transformação no “gosto de ler” dos mais jovens ocorrida ao longo dos últimos cinquenta anos:

Para os alunos do segundo grau da década de 1960, a leitura era um lazer privilegiado, o primeiro na hierarquia dos lazeres (...), mas durante a década de 1980, a prática da leitura por esses alunos diminuiu, concorrem com ela outros lazeres, entre os quais a televisão, os *videogames*, a música, e apenas no sexto lugar na ordem dos lazeres preferidos a leitura.

³⁵ Disponível em: <file:///C:/Users/User/Downloads/40_anos_fnlij.pdf>. Acesso em 17 jul. 2015.

³⁶ Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/folhatee/fm2303200912.htm>. Acesso em 3 jul. 2013.

³⁷ Trecho de entrevista semiestruturada feita pelo pesquisador em 8 nov. 2013.

³⁸ Disponível em: <http://www.nytimes.com/2007/07/11/books/11potter.html?pagewanted=all&_r=0>. Acesso em 3 jul. 2013.

(HORELLOU-LAFARGE; SEGRÉ, 2010, p. 83-84).

Independentemente da concorrência com outras mídias, a prática da leitura parece padecer de uma espécie de autoimunidade que está diretamente relacionada à conduta da instituição escolar, lugar privilegiado de sua prescrição e incentivo. Horellou-Lafarge; Segré (2010) reconhecem o seu papel primordial na orientação e na escolha das leituras dos jovens, mas alertam para os efeitos de uma postura castradora, que atrofia o próprio desenvolvimento da prática de leitura:

(...) na verdade, para muitos alunos, tudo o que é recomendado no ambiente escolar ganha ares de obrigação, de coerção e acaba entretendo o desejo de ler. Uma análise de entrevistas feitas com adultos leitores (...) mostra que seu gosto pela leitura raramente lhes veio da instituição escolar. As obras aconselhadas pelos professores são vistas, muitas vezes, pelos alunos como uma obrigação (tanto mais se lhes pedirem resumo ou explicações referentes à obra lida), enquanto as obras escolhidas por eles próprios com toda a liberdade, ou aconselhadas pelos colegas ou por bibliotecários são mais consideradas leituras de lazer. (HORELLOU-LAFARGE; SEGRÉ, 2010, p. 84).

As pesquisadoras avançam em sua análise, fazendo questão de ressaltar a imperiosa necessidade de relativizar dados oriundos de declarações de leitura, uma vez que estão impregnadas de representações pessoais acerca do assunto. De qualquer forma, apresentam um perfil do universo das leituras adolescentes com base em dados coletados em pesquisa feita com esse público, segundo os quais os clássicos tendem a ser impostos, enquanto as obras contemporâneas correspondem a escolhas voluntárias. O mapa de leitura apontado apresenta-se bastante diversificado:

(...) forma um todo eclético onde se acham reunidos ao mesmo tempo os romances do século XIX, *as obras em que o herói é um adolescente*³⁹, os livros de aventuras ou sentimentais, os depoimentos, diários íntimos, novelas policiais; esse universo manteve-se quase inalterado desde a década de 1960, com exceção de Stephen King, que, em 1999, vence todos os sufrágios (...). Completa-se com a leitura de revistas e magazines destinados especificamente à juventude (...) e que lhes fornecem, em inúmeros casos, um complemento cultural. (HORELLOU-LAFARGE; SEGRÉ, 2010, p. 87).

Ressaltamos que o grifo feito por nós no excerto acima é um aspecto sobre o qual voltaremos a nos debruçar mais adiante.

Apesar da intensa heterogeneidade que caracteriza o gosto e as práticas de leitura dos jovens contemporâneos, Horellou-Lafarge; Segré (2010) conseguem isolar alguns aspectos relevantes da diferenciação entre o *habitus* dos consumidores de classe

³⁹ Grifo do pesquisador.

média e o de integrantes das classes populares que nos interessam considerando a proposta de realização do trabalho de campo em Paraisópolis:

Por certo os docentes dão condições a inúmeros estudantes de descobrir textos da literatura, mas é nos meios favorecidos econômica e culturalmente que se criam os hábitos de leitura e a vontade de ler literatura, graças a uma impregnação cultural constante. Os alunos oriundos de meio modesto não se beneficiam da mesma impregnação e do mesmo estímulo. Seus pais os estimulam a ler, mas lhes faltam conhecimentos necessários para lhes aconselhar obras que lhes abram novos horizontes. (HORELLOU-LAFARGE; SEGRÉ, 2010, p. 87-88).

Outras pistas a respeito das especificidades da prática de leitura entre os mais pobres nos são dadas, como ao diagnosticarem que quando o professor estabelece uma relação de confiança com alunos oriundos de classes desfavorecidas, estes tendem a solicitar e seguir suas recomendações, a despeito da percepção dominante do livro como parte integrante da escola e, portanto, de um contexto impositivo e no qual experimentam dificuldades e fracassos (HORELLOU-LAFARGE; SEGRÉ, 2010). A socialidade, por sua vez, parece abrir algumas brechas para que o gosto e o hábito de ler de alguma forma se disseminem:

No entanto, são sensíveis aos estímulos dos pais quando mantêm boas relações com estes, ouvem-lhes os conselhos com melhor disposição que os da escola, assim como se deixam influenciar mais facilmente pelos colegas do bairro para escolher suas leituras. Na verdade, a leitura para os jovens das camadas populares não é uma prática solitária – mesmo que fiquem sós quando leem: ela requer um estímulo efetivo criado por um círculo de pessoas caloroso e incentivador da leitura. É a amizade, a vizinhança, o entendimento cúmplice que suscita a vontade de ler esta ou aquela obra, de comentá-la com os amigos. A leitura é fonte de trocas, é ela própria uma troca quando se integra ao modo de vida. (HORELLOU-LAFARGE; SEGRÉ, 2010, p. 97-99).

A existência de um aspecto “solidário” na forma de apropriação de conteúdos pelas classes populares é ressaltada por Ecléa Bosi (1973) em estudo sobre as leituras de operárias:

Onde foram comprados esses livros? A maioria na porta da fábrica, de uma Perua Kombi que ali estaciona fazendo exposição do seu material. E de volantes, livrarias de bairro, bancas de jornal. Na maior parte dos casos, é o livro que se põe no caminho da operária, e não o contrário. A escolha é restrita ao que se apresenta. Empréstimo ou doação de pessoas é a fonte mais comum. (BOSI, 1973, p. 147-148).

Pelo que se depreende das observações das pesquisadoras francesas, a grande diversidade quanto ao perfil de leitores contemporâneos e de suas leituras quando se considera a variável classe social não é significativa a ponto de produzir diferenças

similares em relação à procura por livros, a qual vem diminuindo sensivelmente nas últimas décadas entre os jovens de uma forma geral:

Os estudantes deixaram de ser os “herdeiros” das classes detentoras da cultura legítima”, descritos por Pierre Bourdieu (...). Constituem um grupo social heterogêneo, em função da diversidade de seu meio social de origem e sobretudo dos graus de ensino frequentados. Suas leituras de lazer diminuem; se um pouco antes da década de 1970 todos liam pelo menos um livro por mês, vinte anos mais tarde apenas dois terços deles o fazem. (HORELLOU-LAFARGE; SEGRÉ, 2010, p. 99).

A redução quantitativa na leitura de livros também é diretamente impactada pela concorrência com outras mídias – cinema, periódicos, revistas – (HORELLOU-LAFARGE; SEGRÉ, 2010) e, mais recentemente, em função de um convívio maior dos jovens com novos suportes tecnológicos que oferecem uma leitura mais rápida e condensada. Esse aspecto em especial não é explorado em profundidade pelas pesquisadoras, sendo possível encontrarmos em Chartier (1994) alguns parâmetros para compreender os impactos operados pela mudança de suporte sobre os modos de ler:

A revolução do nosso presente é, com toda certeza, mais que a de Gutenberg. Ela não modifica apenas a técnica de reprodução do texto, mas também as próprias estruturas e formas do suporte que o comunica a seus leitores. O livro impresso tem sido, até hoje, o herdeiro do manuscrito: quanto à organização em cadernos, à hierarquia dos formatos, do *libro da banco* ao *libellus*; quanto, também, aos subsídios à leitura: concordâncias, índices, sumários etc. Com o monitor, que vem substituir o códice, a mudança é mais radical, posto que são os modelos de organização, de estruturação, de consulta do suporte do escrito que se acham modificados. (...)

Não somente o leitor pode submeter o texto a múltiplas operações (pode indexá-lo, colocar observações, copiá-lo, desmembrá-lo, recompô-lo, deslocá-lo etc.), mas pode ainda tornar-se seu co-autor. A distinção, fortemente visível no livro impresso, entre a escrita e a leitura, entre o autor do texto e o leitor do livro, desaparece diante de uma realidade diferente: a em que o leitor transforma-se em um dos atores de uma escrita a várias vozes ou, pelo menos, acha-se em condições de constituir um texto novo, partindo de fragmentos livremente recortados e ajuntados. (...) o leitor da idade eletrônica pode construir, a seu bel prazer, conjuntos textuais originais, cuja existência e organização só dependem dele. Mas, além disso, ele pode, a qualquer momento, intervir nos textos, modificando-os, reescrevendo-os, fazendo-os seus. (CHARTIER, 1994, p. 187; 192).

4. Interdependências e singularidades

Procurando fazer uma síntese interpretativa dos dados apresentados até aqui, é possível afirmar que a leitura na atualidade constitui-se em uma prática cultural cada vez mais complexa, a qual se constrói em meio a uma pluralidade de mundos sociais e a

diversos indicadores objetivos de contexto singulares e concretos. Não obstante, acreditamos que seja possível alinhar todos os aspectos assinalados em uma rede de interdependências com que a obra *Harry Potter* teve de “negociar” ao surgir nos cenários mundial e brasileiro no final da década de 1990 e início dos anos 2000.

Foi justamente no âmbito dos diversos contextos restritos relacionados à prática da leitura na contemporaneidade aqui analisados que a obra *Harry Potter* engendrou sua trajetória de “sucesso”. No que tange às preferências do leitor atual – as leituras feitas por prazer ou aquelas que acabam caindo no gosto popular pela própria condição de *best-seller* (REIMÃO, 1996) –, a série enquadra-se com precisão em uma das categorias citadas nos estudos sociológicos aqui referidos, sendo este o momento em que retomamos o trecho grifado anteriormente: *as obras em que o herói é um adolescente*. Excusando-se o caráter excessivamente sintético para referir uma obra composta por sete volumes – a análise aprofundada da discursividade é matéria do segundo capítulo desta dissertação de Mestrado –, *Harry Potter* constitui-se exatamente em uma narrativa sobre as aventuras de um adolescente em idade que vai dos 11 aos 17 anos.

No que diz respeito ao determinismo que a instituição escolar ainda exerce sobre a formação do hábito de leitura, especialmente entre as classes mais pobres, trata-se de uma frente em que a obra também encontrou uma significativa acolhida. No caso brasileiro, por exemplo, o recebimento da chancela “altamente recomendável” em 2001 pode ser apontado como um indício do reconhecimento da contribuição dos livros da série não apenas como incentivadores da leitura, mas do próprio processo de aprendizagem. Não por acaso, em 2008, os títulos foram introduzidos nas salas de leituras de 4.200 escolas de Ensino Fundamental e Ensino Médio do Estado de São Paulo⁴⁰. Especificamente em relação aos meios populares, como atestou o entrevistado Goldfarb, durante toda a década de 2000, houve um certo consenso entre as bibliotecas públicas de que os exemplares da obra deveriam fazer parte do seu acervo, o que se estendeu às bibliotecas vinculadas a programas socioeducativos desenvolvidos por organizações sociais, como as situadas em Paraisópolis.

A redução no índice de leitura observada nas novas gerações, por sua vez, encontrou em *Harry Potter* uma espécie de exceção, com o extenso número de páginas

⁴⁰ Disponível em: <<http://educarparacrescer.abril.com.br/leitura/harry-potter-escola-485213.shtml>>. Acesso em 03/07/2013.

e a ausência de ilustrações nos livros não se constituindo em um fator de rejeição por parte dos leitores jovens, aspecto enfatizado por especialistas:

Sucesso inusitado que, evidentemente, vem suscitando uma avalanche de críticas, pró e contra esse “enfeitiçamento” dos leitores, causado por esses volumosos livros, com suas centenas de páginas cobertas de letras, frases longas, nomes difíceis e... sem ilustrações. E isso, em plena Era da Imagem, da Internet, das siglas como linguagem, e da velocidade cada vez maior da Informação: engrenagem tecnológica que, conseqüentemente, vem provocando nas novas gerações uma inegável aversão à leitura literária, que exige tempo vagaroso e concentração interior. É o Tempo da Máquina superando o Tempo Humano, que atua no mundo atual. (NOVAES COELHO)⁴¹.

Na contramão da tendência de redução do volume de leitura e da procura por textos menos densos, a obra *Harry Potter* é considerada precursora de um inédito pacto de leitura engendrado por consumidores de textos ficcionais, marcado por um tipo de adesão e apropriação sem precedentes, conforme explica a entrevistada Anna Buarque, profissional da editora Rocco responsável pela interface com os leitores da obra no período de lançamento dos sete volumes no Brasil:

Nunca os leitores se envolveram tanto com uma obra quanto com *Harry Potter*. A editora chegou a criar um *hotsite*, ou seja, um *site* exclusivo sobre os livros, com um endereço eletrônico à disposição dos leitores para eles entrarem em contato. Eu recebia no mínimo 100 *e-mails* por dia. Em véspera de lançamento, esse número dobrava ou triplicava. E havia sempre a pergunta: “Quando vocês vão lançar o próximo volume?”⁴².

O envolvimento dos leitores se concretizou não apenas na comunicação com a editora, mas também no intenso processo de disseminação de informações e criação de conteúdos relacionados à obra em ambiente virtual, fazendo que Jenkins (2008) identificasse o surgimento de uma pedagogia informal no interior das comunidades de fãs da obra, que forjaram um processo de “letramento midiático”:

Há uma década, a *fan fiction* publicada era, em sua maioria, escrita por mulheres na faixa de 20, 30 anos, ou mais. Hoje, essas escritoras mais velhas estão acompanhadas de uma geração de novos colaboradores que descobriram a *fan fiction* navegando pela internet e decidiram ver o que eram capazes de produzir. *Harry Potter*, em particular, incentivou muitos jovens a escrever e compartilhar suas primeiras histórias. (JENKINS, 2008, p. 237).

A entrevistada Buarque atribui a *Harry Potter* a condição de divisor de águas também no que tange à aquisição de uma dimensão coletiva pelo consumo de textos

⁴¹ Disponível em: <http://www.linguagemviva.com.br/potter206.html>. Acesso em 4 abr. 2014.

⁴² Trecho de entrevista semiestruturada feita pelo pesquisador em 27 set. 2013.

literários, expressa por meio da proliferação das comunidades de fãs:

Eu costumo comparar *Harry Potter* com o lançamento de *Guerras nas Estrelas*, nos anos 1970, e de *E.T.*, na década de 1980. Sem dúvida, representa um marco para a indústria de entretenimento, impulsionado pelo sucesso da franquia no cinema, é claro, mas isso está diretamente ligado aos livros, até porque muitos fãs escreviam para nós dizendo que começaram a ler a obra porque tinham assistido aos filmes e vice-versa. Em termos de envolvimento e interação entre fãs, hoje nós temos a franquia *Jogos Vorazes* em maior evidência, mas tudo isso começou com *Harry Potter*⁴³.

É precisamente na esteira da formação de uma fonte de inteligência coletiva e alternativa ao poder midiático (JENKINS, 2008) no Brasil, a exemplo de outros países, que deve ser entendido o surgimento de *sites* como Potterish, que se encontra na ativa até os dias atuais. Trata-se de uma central de informações sobre *Harry Potter* na internet, com mais de 350 mil visitas por mês e um sistema de *fan fiction* que abrange cerca de 25 mil histórias escritas exclusivamente por fãs⁴⁴.

O mesmo vale para iniciativas como Magic Potter Eventos, fã-clubes com atuação no Estado de São Paulo, que mantém uma página no Facebook e ainda hoje promove eventos relacionados à franquia *Harry Potter*⁴⁵, nos quais são realizadas *performances* de *cosplay* (caracterização baseada em personagens) e comercializados artefatos pertinentes ao universo ficcional em questão. De acordo com Mikaela Keyse Andrade, fã, leitora, escritora de *fanfic* e integrante do *staff* de *cosplayers* do Magic Potter sob o codinome de Mika Ravenclaw⁴⁶ ou Mika Potter, as apresentações diminuíram consideravelmente, o que pode ser atribuído a uma curva descendente na divulgação de produtos relacionados à franquia:

Os eventos tiveram uma boa queda depois que acabaram os filmes. O número de fã-clubes também diminuiu bastante; hoje em dia só tem o Magic Potter. Não há mais os encontros de fãs e os eventos que nós fazemos hoje estão dentro de outros eventos, geralmente relacionados ao segmento de anime. O Magic participa, monta uma sala, que é basicamente um espaço expositivo e uma lojinha para vender produtos como varinhas, capas, todos importados. É tudo muito mais restrito. Eu sinto falta dos encontros abertos em parques, em que muito mais gente participava e fazíamos amizade. Hoje em dia o público é diferente e não construímos mais esses vínculos.⁴⁷

⁴³ Trecho de entrevista semiestruturada feita pelo pesquisador em 27 set. 2013.

⁴⁴ Disponível em: < <http://potterish.com/sobre-o-potterish/>>. Acesso em 4 abr. 2014.

⁴⁵ No anexo V há uma imagem do *flyer* utilizado em eventos atuais relacionados à franquia *Harry Potter*.

⁴⁶ A palavra corresponde ao nome de uma das quatro casas ou departamentos que integram a Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts, em que a personagem Harry Potter estuda, na edição brasileira traduzida como Corvinal.

⁴⁷ Trecho de entrevista informal feita pelo pesquisador em 3 mar. 2014.

O fã-clubê Magic Potter iniciou suas atividades em 2008 e atualmente conta com a colaboração de vinte voluntários, entre os quais está Mika. O vínculo que desenvolveu com a obra teve início aos 9 anos, quando ganhou do pai o terceiro livro da série. “Comecei pelo terceiro, li o quarto e o quinto, mas depois percebi a diferença entre filmes e livros, aí voltei para o primeiro e li e reli todos na sequência”, explica. Aos 15 anos, vivenciou outro marco com a escrita da primeira “fic” sobre a história de Hogwarts. “Cheguei a escrever e a publicar três capítulos, mas nunca terminei”.

Com o tempo, a atuação de vigorosos mecanismos mercadológicos em torno da franquia *Harry Potter* arrefeceu, e a vida também parece impor outras prioridades. Prestes a concluir o curso de Designer Editorial, a entrevistada Mika confirmou que talvez seja o momento de abandonar o posto de “Miss Potter”. “Eu penso que está na hora de deixar essa atividade”.

Ao mesmo tempo, o olhar ainda brilha com maior intensidade ao tomar conhecimento de algumas reflexões que a análise da discursividade por nós empreendida trouxe à tona. “Nunca havia pensado sob esse ponto de vista”, confidencia.

CAPÍTULO 2 – Em torno da discursividade: *corpus* discursivo, relações dialógicas e enunciação ancorada no cotidiano

Neste capítulo, voltamo-nos para a construção de um *corpus* com base nos elementos discursivos presentes nos sete volumes que integram a série *Harry Potter* (edição brasileira). O objetivo foi identificar, com uso de conceitos bakhtinianos, as relações de produção de sentido que se estabelecem entre o discurso da edição brasileira e seus destinatários, os adolescentes contemporâneos, desvelando um complexo de forças dialógicas que se confrontam e produzem significações. Não houve a pretensão de exaurir as postulações teóricas citadas em todas as suas possibilidades, mas, antes, fazer uso de seu potencial analítico para identificar determinados processos de significação que ocorrem na obra em análise.

Essa abordagem justifica-se na medida em que o livro pode ser entendido como um elemento da interação verbal, realidade fundamental da língua. Seria, portanto, um “ato de fala impresso”:

[...] o ato de fala sob a forma de livro é sempre orientado em função das intervenções anteriores na mesma esfera de atividade, tanto as do próprio autor como as de outros autores [...] ele responde a alguma coisa, refuta, confirma, antecipa as respostas e objeções potenciais, procura apoio etc. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006, p. 127-128).

Para a delimitação do *corpus* sobre o qual incide a análise da discursividade, debruçamo-nos sobre a produção impressa de cerca de 3.300 páginas, que correspondem ao conteúdo completo da edição brasileira da série de livros *Harry Potter*. Como já explicitado, a proposta não foi estudar a obra no plano horizontal ou em extensão, abarcando a completude do texto dos sete volumes, e sim verticalmente (ORLANDI, 2010), elegendo montagens discursivas que decorrem do objetivo da análise, que consiste em compreender como se constituem os sentidos do “dizer” na obra moldados por condições sócio-históricas e sistemas ideológicos objetivos relacionados à figura do destinatário/leitor, o adolescente contemporâneo, ou seja, não propriamente a sua subjetividade em si, mas a maneira como é percebido e compreendido e o modo como se presume o seu ato-resposta (BAKHTIN, 2011). Visa-se, portanto, à detecção dos elementos da discursividade ancorada no cotidiano, para o

que nos apoiamos em postulados do pensador russo Mikhail Bakhtin, notadamente aqueles relacionados à construção de mecanismos de responsividade (BAKHTIN, 2011), os quais dizem respeito à participação do interlocutor concreto na constituição dos significados.

Bakhtin/Volochínov (2006, p. 116) aprofunda essa noção ao afirmar que toda fala é dirigida a um interlocutor concreto – “Não pode haver interlocutor abstrato; não teríamos linguagem comum com tal interlocutor, nem no sentido próprio nem no figurado” – e depende intrinsecamente da sua resposta, ainda que não haja uma interpelação direta e a reação seja o silêncio – “Com efeito, a enunciação [enunciado]⁴⁸ é o produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados e, mesmo que não haja um interlocutor real, este pode ser substituído pelo representante médio do grupo social ao qual pertence o locutor”. Essa postulação conta com uma imagem inspiradora para explicitar seu pressuposto:

A enunciação [enunciado] realizada é como uma ilha emergindo de um oceano sem limites, o discurso interior. As dimensões e as formas dessa ilha são determinadas pela situação da enunciação e por seu *auditório*. A situação e o auditório obrigam o discurso interior a realizar-se em uma expressão exterior definida, que se insere diretamente no contexto não verbalizado da vida corrente, e nele se amplia pela ação, pelo gesto ou pela resposta verbal dos outros participantes na situação de enunciação. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006, p. 129).

Partimos, portanto, da compreensão da obra *Harry Potter* como enunciado concreto, que não é representante única e exclusivamente da criação autoral e das palavras e significados atribuídos pela língua, mas participante de uma determinada realidade histórica, social e cultural, pela qual é determinada e na qual age determinando. Este é precisamente o terreno da dialogia e da polifonia, outros dois conceitos centrais no pensamento bakhtiniano:

(...) a experiência discursiva individual de qualquer pessoa se forma e se desenvolve em uma interação constante e contínua com os enunciados individuais dos outros. Em certo sentido, essa experiência pode ser caracterizada como processo de *assimilação* – mais ou menos criador – das palavras *do outro* (e não das palavras da língua). Nosso discurso, isto é, todos

⁴⁸ De acordo com Geraldo Tadeu Souza (2002), “enunciação” e “enunciado” são dois conceitos distintos e, portanto, apresentam acepções diferentes: enquanto o primeiro indica o “processo” ou a “situação do discurso”, o segundo refere-se ao produto dessa situação. Para Souza, na versão brasileira da obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, de 1929, por exemplo, caberia a substituição do termo “enunciação” por “enunciado” em diversas ocorrências, considerando-se um detalhado trabalho de cotejamento de traduções envolvendo o original russo e versões publicadas nos idiomas francês e inglês. Cf. Geraldo Souza, op. cit.; p. 42-53.

os nossos enunciados (inclusive as obras criadas) é pleno de palavras dos outros, de um grau vário de alteridade ou de assimilabilidade, de um grau vário de aperceptibilidade e de relevância. Essas palavras dos outros trazem consigo a sua expressão, o seu tom valorativo que assimilamos, reelaboramos e reacentuamos. (BAKHTIN, 2011, p. 294-295).

Depreende-se dessas postulações que a questão da alteridade, central na noção de interdiscurso – nas palavras de ORLANDI (2010, p. 80), “o interdiscurso significa justamente a relação do discurso com uma multiplicidade de discursos, ou seja, ele é um conjunto não discernível, não representável de discursos que sustentam a possibilidade mesma do dizer, sua memória” – está presente em Bakhtin, na medida em que o sujeito se constitui enquanto ser na relação que estabelece com o outro. Ao rechaçar a concepção da linguagem como sistema abstrato, toda forma de expressão é entendida como um ato coletivo, produto do diálogo cumulativo entre múltiplos “eus” e múltiplos “outros”. Essa interação entre dizeres social e historicamente constituídos presentes no enunciado é o foco da nossa análise.

1. O *corpus* construído

A perspectiva dialógica de Bakhtin (2011), na qual a noção de alteridade desempenha papel central, foi o critério teórico central para a “de-superficialização” da obra *Harry Potter* – passagem da superfície linguística, ou seja, do texto em sua completude, para o objeto discursivo (ORLANDI, 2010) – e a identificação dos processos de significação que nela se textualizam. No entender do pensador russo:

A expressão do enunciado, em maior ou menor grau, responde, isto é, exprime a relação do falante com os enunciados do outro, e não só a relação com os objetos do seu enunciado. (...) O enunciado é pleno de *tonalidades* dialógicas, e sem levá-las em conta é impossível entender até o fim o estilo de um enunciado. Porque a nossa própria ideia – seja filosófica, científica, artística – nasce e se forma no processo de interação e luta com os pensamentos dos outros, e isso não pode deixar de encontrar o seu reflexo também nas formas de expressão verbalizada do nosso pensamento. (...) Reiteremos: o enunciado é um elo na cadeia da comunicação discursiva e não pode ser separado dos elos precedentes que o determinam tanto de fora quanto de dentro, gerando nele atitudes responsivas diretas e ressonâncias dialógicas. (BAKHTIN, 2011, p. 298; 300).

Consequentemente, a delimitação do *corpus* sobre o qual incide nossa análise leva em conta as montagens discursivas presentes no texto da obra flagrantemente moldadas por essa relação com o *outro*, que, de acordo com Bakhtin (2011), entre

inúmeras possibilidades, pode ser “um público mais ou menos diferenciado”. Em nosso entender, no caso da obra *Harry Potter*, esse público (interlocutor concreto) é formado pelos leitores adolescentes dos mais diferentes *ethos*⁴⁹ e cujas atitudes responsivas não apenas são levadas em conta pelo discurso dos livros, mas “em prol das quais ele, em essência, é criado” (BAKHTIN, 2011, p. 301). Em função desse destinatário, e do seu mundo⁵⁰, surgem e passam a fazer parte da narrativa da obra situações que vão do sentimento de insegurança e impotência, passando pelas atitudes de desajuste e rebeldia, até a busca latente por um ideal de autonomia e liberdade. Temas como vida, morte, amizade, ambição, escolha, preconceito, coragem, crescimento e responsabilidade moral pululam em um universo mágico que, não fosse pela intervenção de criaturas com poderes sobrenaturais, poderiam se passar dentro da casa e no ambiente escolar frequentado por qualquer integrante das gerações de jovens atuais.

Vale lembrar que as reflexões de Bakhtin pertencem ao campo dos Estudos de Linguagem e, enquanto tal, não devem ser confundidas com os princípios da Análise de Discurso. Sua contribuição, já evidenciada, é constituir-se em referencial teórico por meio do qual estudamos a obra *Harry Potter* enquanto ato de fala impresso dirigido a um interlocutor concreto, o leitor adolescente, com signos identificáveis que refletem e refratam uma visão de mundo influenciada por determinantes socioculturais e históricos diversos.

Cabe reforçar que a construção prévia de um *corpus* para análise e posterior submissão às leituras dos jovens selecionados, na fase do estudo de recepção (capítulo 3), faz parte dos procedimentos necessários para evidenciar como a narrativa em questão funciona produzindo sentidos, ou seja, é uma parte constitutiva desse processo e em nada se aproximam de uma tentativa de indução do “funcionamento” do discurso. Ao contrário, de acordo com Orlandi (2010), o intuito é justamente ressaltar que todo processo analítico resulta de uma construção do próprio analista e o objeto analisado

⁴⁹ A série foi publicada em 200 países e traduzida para 74 idiomas, segundo a editora americana Scholastic, responsável pela publicação nos Estados Unidos. Disponível em: <<http://mediaroom.scholastic.com/harrypotter>>. Acesso em 1 jul. 2013.

⁵⁰ De acordo com Coutinho (2005), o conceito de adolescência remete a um contexto sociocultural individualista que começa a ser gestado na Revolução Francesa, avança pelo século XX e atinge seu ápice com os movimentos de contracultura nas décadas de 1960 e 1970. No século XXI, por sua vez, é afetado por um processo de hiper-individualismo resultante da progressiva pulverização de referências simbólicas e ideais sociais. Do ponto de vista fisiológico, a adolescência é definida como um período intermediário entre a infância e fase adulta, que, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), ocorre dos 10 aos 20 anos. Disponível em: <<http://www.suapesquisa.com/ecologiaaude/adolescencia.htm>>. Acesso em 25 abr. 2015.

não se esgota, permanecendo aberto a novas abordagens:

Ele é inesgotável. Isso porque, por definição, todo discurso se estabelece na relação com um discurso anterior e aponta para outro. Não há discurso fechado em si mesmo, mas um processo discursivo do qual se podem recortar e analisar estados diferentes. (ORLANDI, 2010, p. 62).

Devidamente relativizado, o processo de compreensão do analista é também legitimado em sua responsabilidade teórica e prática, e os resultados explicitados pela análise discursiva do objeto se afirmam enquanto contribuição significativa para a compreensão da discursividade que o constitui e da relação que estabelece com seus interlocutores.

2. Relações dialógicas no discurso de *Harry Potter*

No texto literário, a manifestação primeira do “outro” remete à própria figura da personagem na sua interação com o autor. Segundo Bakhtin (2011), somos seres inacabados por essência, sendo a obra de arte, categoria em que está incluído o texto literário, justamente pela sua condição de um todo significante, uma experiência de acabamento:

Ao olharmos para nós mesmos com os olhos do outro, na vida sempre tornamos a voltar para nós mesmos, e o último acontecimento, espécie de resumo, realiza-se em nós nas categorias da nossa própria vida. Quando o autor-pessoa se auto-objetiva esteticamente na personagem, não deve ocorrer esse retorno a si mesmo (...) o estético deve proporcionar-lhe um fundo transgrediente a si mesmo, o autor deve encontrar um ponto de apoio fora dela [da consciência] para que ela se torne um fenômeno esteticamente acabado – uma personagem. (BAKHTIN, 2011, p. 14-15).

De acordo com Todorov (2011), para Bakhtin a relação entre o autor e a personagem possibilita que o discurso se constitua em um todo, justamente porque o acabamento só pode vir do exterior, da relação com o outro:

A criação estética é, pois, um exemplo particularmente bem-sucedido de um tipo de relação humana: aquela em que uma das duas pessoas engloba inteiramente a outra e por isso mesmo a completa e a dota de sentido. Relação assimétrica de exterioridade e de superioridade, que é uma condição indispensável à criação artística: esta exige a presença de elementos “transgredientes”, como diz Bakhtin, isto é, exteriores à consciência tal como ela se pensa do interior, mas necessários à sua constituição como um todo. (TODOROV, 2011, p. XIX).

Em uma tentativa de sintetizar esse pressuposto, pode-se afirmar que o sujeito de um discurso-fala, que é autor, encontra na relação com a personagem uma forma de definir-se a si próprio:

Segundo uma relação direta, o autor deve colocar-se à margem de si, vivenciar a si mesmo não no plano em que efetivamente vivenciamos a nossa vida; só sob essa condição ele pode completar a si mesmo, até atingir o todo, com valores que a partir da própria vida são transgredientes a ela e lhe dão acabamento; ele deve tornar-se *outro* em relação a si mesmo, olhar para si mesmo com os olhos do outro (...). (BAKHTIN, 2011, p. 13).

O plano da alteridade, do outro possível, em Bakhtin (2011) estende-se para além da personagem e abrange também uma dimensão de concretude mais próxima da sua noção de enunciado, unidade real da comunicação verbal, em que o interlocutor assume uma importância tão fundamental a ponto de adquirir o *status* de um outro “eu”:

O ouvinte, ao perceber e compreender o significado (linguístico) do discurso, ocupa simultaneamente em relação a ele uma ativa posição responsiva: concorda ou discorda dele (total ou parcialmente), completa-o, aplica-o, prepara-se para usá-lo etc.; essa posição responsiva do ouvinte se forma ao longo de todo o processo de audição e compreensão desde o seu início, às vezes literalmente a partir da primeira palavra do falante. Toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva (embora o grau desse ativismo seja bastante diverso); toda compreensão é prenhe de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante. (BAKHTIN, 2011, p. 271).

Discutindo mais diretamente os gêneros do discurso, Bakhtin (2011, p. 301) é ainda mais preciso sobre o papel daquele a quem o enunciado se dirige:

A quem se destina o enunciado, como o falante (ou o que escreve) percebe e representa para si os seus destinatários, qual é a força e a influência deles no enunciado – disso dependem tanto a composição quanto, particularmente, o estilo do enunciado. Cada gênero do discurso em cada campo da comunicação discursiva tem a sua concepção típica de destinatário que o determina como gênero.

Pelo ângulo dialógico por meio do qual Bakhtin observa a construção de sentido, a figura do destinatário/leitor emerge, assim, como um dos elementos centrais. Não apenas em razão de sua singularidade, mas também e sobretudo pela maneira como é percebido e compreendido e, em consequência, pelo modo como se presume o seu ato-resposta.

Baseando-nos nesse pressuposto, é possível admitir que a construção discursiva em *Harry Potter* não advém do acaso, assim como as situações vivenciadas pela personagem central, que dá nome à obra, não se sucedem aleatoriamente, concebidas de forma mecânica, com partes estranhas umas às outras e ao todo. Tampouco são fruto apenas de reminiscências pessoais ou de conhecimento intelectual prévio de quem

escreve, mas de uma construção baseada na alteridade, que é a condição de possibilidade para a sua existência, a fundadora do seu dizer, e do modo como a presume. A própria assinatura autoral já se constitui em indício de uma determinada concepção de destinatário, na medida em que a editora inglesa Bloomsbury, responsável pelo lançamento da obra, optou pela abreviação do nome da autora com duas iniciais – J. K. Rowling (a inicial K corresponde a Kathleen e foi adotada pela autora em homenagem à sua avó) –, visando evitar uma possível rejeição pelo público-leitor, formado em grande parte por garotos adolescentes, a um nome explicitamente feminino estampado na capa⁵¹.

3. A discursividade ancorada no cotidiano

Resumidamente, a história é ambientada na Inglaterra dos anos 1990 e narra a trajetória da personagem-título, um garoto órfão criado pelos tios que, ao completar 11 anos, descobre ser um bruxo e passa a frequentar a Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts. A coleção registra a evolução gradativa do protagonista no uso da magia, permeada por situações práticas e conflitos de ordem existencial pertinentes ao período da adolescência, até ficar diante de seu maior desafio: enfrentar e derrotar o bruxo das trevas chamado Lord Voldemort, que pretende tornar-se o líder máximo da comunidade de bruxos.

Cada um dos sete volumes da série corresponde a um ano na vida da personagem-título, abrangendo dos 11 aos 17 anos. Os acontecimentos narrados são vivenciados no contexto escolar, interrompido apenas para o regresso do protagonista à casa de familiares no período de férias mais extenso. No último volume, a maior parte da narrativa se passa fora de Hogwarts, mas, ainda nesse caso, a missão que Harry cumpre lhe foi determinada pelo professor e diretor Alvo Dumbledore, chefe maior da instituição, onde também é travada a batalha final com o exército do bruxo Voldemort, da qual Harry se sai vitorioso.

Em termos estilísticos, a versão brasileira da obra não se esforçou de forma ostensiva para “falar a língua” do público adolescente contemporâneo, à exceção da inserção de alguns termos, muito poucos, correspondentes a gírias atuais, como “irado”,

⁵¹ Disponível em: < <http://mediaroom.scholastic.com/harrypotter>>. Acesso em 1 jul. 2013.

“carácoles”, “zoeira”, “descolado”, “maneiro”⁵² –, contudo há que se considerar que, para Bakhtin (2011), o estilo não se esgota no uso puro e simples de palavras, mas se realiza na “vida autêntica” dessas unidades linguísticas, em seus usos historicamente situados, nas concepções de mundo que elas refletem e refratam:

(...) o estilo artístico não trabalha com palavras, mas com elementos do mundo, com valores do mundo e da vida; esse estilo pode ser definido como um conjunto de procedimentos de enformação e acabamento do homem e do seu mundo, e determina a relação também com o material, a palavra, cuja natureza, evidentemente, deve-se conhecer para compreender tal relação. (BAKHTIN, 2011, p. 180).

Assim, do ponto de vista da relação que é estabelecida com o mundo, e mais precisamente com o interlocutor da obra, o leitor adolescente, é possível identificar diversos outros elementos pertinentes a esse grupo social e ao contexto sócio-histórico por ele vivenciado: o ambiente escolar e suas situações típicas, nem sempre amistosas; o surgimento de amizades e inimizades que duram uma vida toda; a relação, de respeito e também confronto, com os mais velhos; a conturbada manifestação do desejo; a perda de entes queridos e a mudança do olhar sobre a vida que isso provoca; os desvios de comportamento e as atitudes moralmente discutíveis; as escolhas e suas consequências etc. Tendo por prisma esse “horizonte social”⁵³ definido, a obra realiza um movimento, de certa forma já identificado por Borelli (2006) de distanciamento em relação aos componentes universais que modelam as narrativas dos contos de fadas ou contos maravilhosos e aproxima-se da vida:

Qual, afinal, a singularidade do herói dessa narrativa? Estaria reservado a Harry o perfil dos clássicos heróis, por vezes semideuses, frutos do relacionamento entre um ser humano e uma divindade? Semi alguma coisa, mestiço, híbrido, porque filho de bruxo – e, como tal, dotado de poderes excepcionais – e de “trouxa” – humana e mortal? Dessa conjugação, todavia, parece resultar um menino comum, como muitos por aí, mais para diferente e raro do que para semidivindade. (BORELLI, 2006, p. 137).

⁵² Os relatos da tradutora da série no Brasil, Lia Wyler, consultados pelo pesquisador indicam que na versão inglesa original as personagens praticamente não usam gírias. Não obstante, como a obra não podia pecar pelo formalismo, provavelmente considerando também a realidade do adolescente brasileiro, foram inseridas algumas expressões em “momentos oportunos”. Para tanto, a tradutora valeu-se da consulta à própria neta, que à época do trabalho tinha a mesma idade da personagem Harry Potter; realizou escutas em ambientes de grande concentração de jovens, como saída de escola, ônibus, metrô, reuniões familiares e sociais; e chegou a delegar a alunos de graduação, em curso por ela ministrado, o levantamento dessas gírias. Disponível em:

<http://www.rocco.com.br/HarryPotter/harry_liawyler.htm>. Acesso em 21 jan. 2014.

⁵³ Em Bakhtin/Volochínov (2006), a noção de “horizonte social” diz respeito ao conjunto de conhecimentos e valores construído por um determinado grupo, no lugar social que ocupa e no tempo histórico do qual faz parte.

É por meio da óptica bakhtiniana, a qual busca na realidade e na filosofia da vida a compreensão de todo e qualquer enunciado, que podemos tentar captar a complexidade do herói e personagem-título da obra. Harry Potter é, antes de tudo, um adolescente, e o discurso nos lembra disso sempre que possível:

Era um garoto magricela, de cabelos pretos, a aparência macilenta e meio doentia de alguém que cresceu muito em pouco tempo. Suas *jeans* estavam rotas e sujas, a camiseta larga e desbotada, e as solas dos tênis se soltavam da parte de cima. (ROWLING, 2003, p. 7).

No fragmento de discurso a seguir, observa-se que o substantivo “adolescente” aparece de forma explícita, reforçando a identificação do leitor com o herói e consigo mesmo:

[Durante a busca empreendida por Harry e os amigos, Rony e Hermione, pelas Horcruxes, objetos em que Voldemort ocultou partes da sua alma e devem ser destruídos] [...] eram três adolescentes, em uma barraca, cujo único feito, até o momento, era não terem morrido. (ROWLING, 2007, p. 243).

Entre os condicionamentos sociais internalizados pelos adolescentes e referidos na obra, vale destacar alguns exemplos:

- A preocupação com a aparência:

[Personagem professora Sprout diz] – Um remédio excelente para as formas mais renitentes de acne, o pus de bubotúberas. Pode fazer os alunos pararem de recorrer a medidas desesperadas para se livrarem das espinhas. (ROWLING, 2001, p. 157).

- A atração por escatologias:

[Sobre os explosivos, criaturas mágicas] Desprendiam um cheiro forte de peixe podre. De vez em quando, soltavam faíscas da cauda e, com um leve pum, se deslocavam alguns centímetros à frente. (ROWLING, 2001, p. 158).

- O humor negro e o interesse por situações de violência e horror:

Pela primeira vez Harry imaginou o corpo de Olho-Tonto [um dos integrantes do exército de oposição a Voldemort] com os ossos partidos como os de Dumbledore, mas com aquele único olho ainda girando na órbita. Sentiu uma reação violenta, que mesclava desgosto e uma bizarra vontade de rir. (ROWLING, 2007, p. 78).

- As piadas infames:

[Na aula de Advinhação] – Ah, Profa. Sibila, olhe! Acho que tenho um planeta oculto!
[...]
– É Urano, minha querida – disse a professora examinando o mapa.
– Posso dar uma olhada no seu Urano, também, Lilá? – perguntou Rony. (ROWLING, 2001, p. 163).

- A dificuldade de refrear impulsos de agressividade

[...] adoraria extravasar um pouco de sua frustração em garotos que no passado tinham infernizado sua vida. (ROWLING, 2003, p. 15).

- As diferenças de comportamento entre meninos e meninas:

– Você deveria escrever um livro – sugeriu Rony a Hermione enquanto cortava as batatas em seu prato –, traduzindo as maluquices que as garotas fazem para os garotos poderem entendê-las. (ROWLING, 2003, p. 467).

As vivências típicas da adolescência, das quais a personagem Harry Potter participa, não param por aí e se estendem ao âmbito educativo e vocacional. Assim, as cobranças normalmente feitas por pais e educadores também se fazem presentes, das mais corriqueiras àquelas relacionadas ao futuro profissional:

[Aviso afixado em Hogwarts]

ORIENTAÇÃO VOCACIONAL

Todos os quintanistas deverão ter uma breve reunião com a diretora de sua Casa durante a primeira semana do trimestre de verão para discutir suas futuras carreiras. Os horários das consultas individuais estão listados abaixo. (ROWLING, 2003, p. 533).

A adolescência também é a fase na qual a sexualidade se manifesta:

– Harry, tem uma larva no seu cabelo – disse Gina alegre, debruçando-se sobre a mesa para retirá-la; Harry sentiu subirem pelo seu pescoço arrepios que não tinham relação alguma com a larva. (ROWLING, 2005, p. 266).

É quando são construídos os laços de amizade mais duradouros:

Mas daquele momento em diante, Hermione Granger tornou-se amiga dos dois. Há coisas que não se pode fazer junto sem acabar gostando um do outro [...] (ROWLING, 2000a, p. 156).

E também surgem os primeiros amores:

[Cho, primeira garota pela qual Harry se apaixona na trama, diz] – Eu gosto de você de verdade, Harry.
Ele não conseguia pensar. Um formigamento se espalhava pelo seu corpo, paralisando seus braços, pernas e cérebro.
Estava próxima demais. Ele podia ver cada lágrima pendurada em suas pestanas... (ROWLING, 2003, p. 373).

Em meio ao grupo do qual faz parte, Harry se comporta exatamente como um “projeto de gente”, um ser em formação, em que os planos engendrados apresentam a precariedade imposta pela falta de experiência – “[...] eram perguntas para as quais Harry não encontrava respostas” (ROWLING, 2007, p. 405) – e há uma propensão à transgressão e à rebeldia – a insurgência natural do adolescente contra a autoridade –, o que, à medida que sua idade avança, assume contornos mais explícitos:

Saber que estavam fazendo alguma coisa para resistir a Umbridge [funcionária do alto escalão do Ministério da Magia que se torna inimiga de Harry quando passa a lecionar em Hogwarts] e ao Ministério, e que ele era parte importante dessa rebeldia, dava a Harry uma sensação de imenso contentamento. (ROWLING, 2003, p. 288).

A complexidade das atitudes e dos sentimentos de Harry Potter o distancia dos heróis típicos encontrados nos romances de aventuras e o aproxima das experiências concretas dos adolescentes. É no cotidiano, nas lidas do dia a dia que seus problemas afloram. Sobre este aspecto específico, vale fazer uma ponderação, a fim de evitar um ponto de vista demasiadamente reducionista, com base na análise feita por Faraco (2011) ao revisitar algumas das formulações teóricas de Bakhtin sobre a atividade estética, em particular a literatura. O ato estético nunca é mera transposição da realidade, posto que apresenta uma forma arquitetônica e composicional própria:

O ato estético envolve, assim, um complexo processo de transposições refratadas da vida para a arte: primeiro, porque é um autor-criador e não o autor-pessoa que compõe o objeto estético [...]; e, segundo, porque a transposição de planos da vida para a arte se dá não por meio de uma isenta estenografia (o que seria impossível na concepção bakhtiniana), mas a partir de um certo viés valorativo (aquele consubstanciado no autor-criador). (FARACO, 2011, p. 24).

Por outro lado, a realidade sempre aparece como origem ou ponto de partida da criação autoral, ainda que submetida a uma série de refrações. E é justamente nessas adjacências que a personagem Harry Potter consegue ser tão falível e incompleto como qualquer adolescente da vida real:

[Harry diz] – Todo mundo acha que sou especial [...] mas eu não conheço nadinha de mágica. Como podem esperar grandes feitos de mim? (ROWLING, 2000a, p. 78).

Aprofundando a questão da alteridade e do “enunciado-resposta”, pode-se afirmar que Harry é adolescente – e ainda despreparado para certos desafios – porque seu interlocutor concreto também o é:

Duas vozes determinam o “micro diálogo interior” na concepção de Bakhtin. O enunciado ontológico fundacional para Bakhtin não é “eu sou”, mas “eu também sou”, proposição que implica necessariamente um “tu és”, como premissa primeira. [...] A alteridade é constitutiva a respeito do eu, que não é autárquico nem solitário. (BUBNOVA, 2013, p. 12).

A estreita relação entre o enunciado (“unidade real” da criação verbal) e o leitor (“interlocutor concreto”) em *Harry Potter* é confirmada pela própria autora e seus editores ao vincularem a idade da personagem central – que amadurece um ano a cada volume – à do seu público, mas é no enredo em si que ela se realiza plenamente, haja

vista o aspecto cronotópico. Segundo Bakhtin (1993, p. 211), cronotopo diz respeito à relação de tempo e espaço que organiza significativamente os acontecimentos na obra literária, conferindo-lhe inteligibilidade: “Os índices do tempo transparecem no espaço, e o espaço reveste-se de sentido e é medido com o tempo. Esse cruzamento de séries e fusão de sinais caracterizam o cronotopo artístico”. Na obra em questão, o ajuste espaço-temporal se encontra na fase intermediária entre a infância e a vida adulta, o rito de passagem, no qual mais do que aprender, o indivíduo amadurece.

Harry está crescendo e isso dói:

[Quando Harry assume a posição de herói de Hogwarts no Torneio Tribruxo] Nunca se sentira tão nervoso; ultrapassava de muito qualquer sentimento que tinha experimentado antes de uma partida de quadribol [esporte típico do mundo dos bruxos, disputado sobre vassouras], até mesmo a última contra a Sonserina, que decidira quem ganharia a Taça de Quadribol. Harry estava achando difícil pensar no futuro, sentia que a sua vida inteira o conduzira à primeira tarefa e nela terminaria... (ROWLING, 2001, p. 251).

Diferentemente do que ocorre nas histórias fantásticas, na narrativa de *Harry Potter* o tempo deixa marcas profundas na personagem e em sua vida. O cronotopo do rito de passagem evidencia-se de forma mais explícita na insistência com que o discurso assinala a transformação de um garoto em outro:

[Hagrid diz] Quando o conheci, você me lembrou um pouco de mim. Mãe e pai desaparecidos e você sentindo que não ia se adaptar a Hogwarts, lembra? Não tinha muita certeza de que estava à altura... e agora, olha só você, Harry! Campeão da escola! (ROWLING, 2001, p. 363).

Harry Potter mostra-se uma personagem altamente complexa, tanto quanto um ser humano pode ser, capaz de questionar até mesmo sua própria condição de herói:

Era sua culpa que Sirius tivesse morrido. Inteiramente sua culpa.[...] se ao menos tivesse aberto a mente à possibilidade de que Voldemort, conforme dissera Hermione, estivesse apostando no prazer de Harry de bancar o herói... (ROWLING, 2003, p. 664).

Ao não conseguir suportar ser quem é, Harry expressa com precisão a sensação de inadequação ao mundo vivenciada na adolescência:

A sensação de culpa que enchia o peito de Harry como um parasita monstruoso e pesado agora se torcia e virava. Harry não conseguia suportar ser quem era... nunca se sentira tão encurralado dentro do próprio corpo, nunca desejara tão intensamente poder ser outra pessoa, qualquer pessoa... (ROWLING, 2003, p. 665).

A humanidade de Harry é um dos maiores indícios da sua reciprocidade com o interlocutor concreto com o qual dialoga. Essa relação é levada até as últimas

consequências; nos últimos lances da narrativa, Harry faz a passagem para o outro lado e se mostra um herói passível de morrer, como todos aqueles da “coletividade” à qual pertence:

Harry encarou os olhos vermelhos e desejou que acontecesse naquele instante, rapidamente, enquanto ele ainda se mantinha de pé, antes que se descontrolasse, antes que traísse o seu medo... Ele viu a boca se mover e um clarão verde, e tudo desapareceu. (ROWLING, 2007, p. 547).

Em seguida, Harry revive, o que, a despeito do que uma leitura apressada poderia sugerir, não remete ao universo do sobrenatural, mas do propriamente humano e juvenil, evidenciando-se nessa construção o sentimento de imortalidade, tão característico da juventude, e a confirmação das condições para ingressar em uma nova etapa da vida, a fase adulta. O rito de passagem finalmente se cumpre, com Harry deixando para trás a infantilidade de sentimentos de Voldemort, até então parte de si mesmo. Não por acaso, esse é o momento em que pela primeira vez Harry adquire o *status* de “homem”:

[Dumbledore diz] – Garoto maravilhoso. *Homem*⁵⁴ corajoso, muito corajoso. Vamos caminhar. (ROWLING, 2007, p. 549).

4. Possíveis “outros”

Aprofundando a noção de “outro” fornecida pela perspectiva dialógica de Bakhtin, passaremos a analisar a interação verbal empreendida pelo enunciado em que se constitui a obra *Harry Potter* com outros discursos, relativos a condições sociais e tempos históricos aparentemente assimétricos em relação ao seu contexto narrativo. É uma análise que se inscreve no campo da metadiscursividade, uma vez que, para Bakhtin/Volochínov (2006, p. 150), ao ser integrado em um novo contexto narrativo, o discurso citado assume especificidades, tornando-se, não apenas parte de uma dada engrenagem textual, como também um “discurso sobre o discurso, uma enunciação [enunciado] sobre a enunciação [enunciado]”. Neste item, portanto, são identificados alguns elementos estilísticos e composicionais presentes no texto da referida obra que permitem deslindar mecanismos de integração e transmissão de enunciados de outrem, particularmente no que tange às temáticas da escravidão e da eugenia.

Segundo Bakhtin/Volochínov (2006), comentários efetivos e réplicas constituem os dois planos de apreensão do enunciado de outrem, processo que se dá no âmbito do

⁵⁴ Grifo do pesquisador.

discurso interior, onde são efetuadas operações mentais de apreensão, compreensão e apreciação, resultando na orientação assumida pelo “falante” (aquele que enuncia). Embora um dos dois planos tenda a se destacar como dominante, não podem ser completamente dissociados em razão da complexidade das relações estabelecidas, e, no caso da obra literária, são expressos pelo narrador que conta a história em substituição à figura do autor propriamente dita:

O discurso do narrador é tão individualizado, tão ‘colorido’ e tão desprovido de autoritarismo ideológico como o discurso das personagens. A posição do narrador é fluida, e na maioria dos casos ele usa a linguagem das personagens representadas na obra. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006, p. 157).

É precisamente nas falas da personagem Hermione, a melhor amiga da personagem-título da obra, Harry Potter, em alusão ao discurso citado da escravidão, que podemos identificar o que Bakhtin/Volochínov (2006, p. 154) entende por manifestação do discurso interior, no entendimento desta análise por meio de comentários efetivos. “A palavra vai à palavra”, e desse encontro emerge uma posição de denúncia veemente com relação à subjugação dos representantes de uma determinada etnia pelos de outra, o que se torna recorrente do segundo volume em diante:

[Hermione diz] – A história dos bruxos com frequência passa por cima do que fizemos a outras raças mágicas [...]. (ROWLING, 2007, p. 394).

Na trama, uma população de bruxos vive em uma sociedade organizada como a que conhecemos, regida por instituições de poder, em especial o chamado Ministério da Magia, e um ordenamento jurídico, que estabelece até mesmo as normas para convívio com os assim denominados “trouxas” (humanos comuns ou não bruxos). Nessa civilização paralela, os bruxos convivem com outras espécies e “etnias”, como gigantes – Hagrid, uma dos personagens centrais da trama, descende deles –; duendes – os guardiões de Gringotes, instituição que presta serviços bancários –; e os elfos domésticos – criaturas com aparência animalesca que atuam como serviçais em situação de escravidão. Os elfos são propriedade privada das famílias de bruxos para as quais trabalham e não recebem qualquer tipo de remuneração:

– Sabem, os elfos domésticos têm uma vida duríssima! – disse Hermione indignada. – É escravidão, isso é que é! [...] Por que ninguém faz nada para acabar com uma situação dessas? (ROWLING, 2001, p. 103).

Considerando a afirmação feita por Bakhtin/Volochínov (2006, p. 53) de que “tudo o que pode ser ideologicamente significativo tem sua expressão no discurso

interior”, é possível identificar a disposição do narrador em defender a necessidade de mobilização social contra práticas de escravidão. Conforme a trama avança, a dominante do discurso vai sendo deslocada para o discurso citado, que se torna mais ativo que o contexto narrativo que o enquadra. O ponto alto dessa inter-relação é atingido com a fundação, pela personagem Hermione, de uma espécie de movimento social, o F.A.L.E. (Fundo de Apoio à Liberação dos Elfos), voltado à causa de libertação dos elfos:

- Fale? – estranhou Harry, apanhando um distintivo e examinando-o. – Que significa isso?
- Não é fale – protestou Hermione impaciente. – É F-A-L-E. Quer dizer Fundo de Apoio à Liberação dos Elfos.
- [...]
- Ah, é? – disse Rony com um ar levemente surpreso. – E quantos membros já tem?
- Bom, se vocês dois se alistarem... três. (ROWLING, 2001, p. 180-181).

O discurso citado adquire um contorno tão autóctone que o contexto narrativo e as personagens parecem estar a serviço de um debate acalorado sobre escravidão, no qual, um dos lados, aquele formado pela classe privilegiada, recusa-se a refletir sobre o seu privilégio e sequer admite a sua existência. Fica nítida a denúncia de situações de violência simbólica decorrentes da escravidão, como ocorre, por exemplo, em relação ao chamado “pacto narcísico”, conceito cunhado pelos estudiosos da questão racial, segundo o qual os brancos procuram unir-se para defender seus privilégios raciais em relação aos negros⁵⁵:

- Ué, os elfos são felizes, não são? – admirou-se Rony. [...]
- É gente como você, Rony – começou Hermione com veemência –, que sustenta sistemas podres e injustos, só porque são preguiçosos demais... (ROWLING, 2001, p. 103).

A inter-relação dinâmica entre o discurso citado e o contexto narrativo, marcada por esse visível fortalecimento do primeiro em relação ao segundo, deixa evidente certa dimensão argumentativa da linguagem adotada pelo discurso da obra, especialmente se considerarmos que toda transmissão, deve, segundo Bakhtin/Volochínov (2006), levar em conta uma terceira pessoa, seu interlocutor concreto; neste caso, o leitor adolescente a quem se dirige o enunciado:

⁵⁵ Esse conceito é abordado na obra de Maria Aparecida da Silva Bento, Pactos narcísicos no racismo: branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público (tese de doutorado), São Paulo, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo – Departamento de Psicologia da Aprendizagem, do Desenvolvimento e da Personalidade, 2002.

Toda transmissão, particularmente sob forma escrita, tem seu fim específico (...) a transmissão leva em conta uma terceira pessoa – a pessoa a quem estão sendo transmitidas as enunciações [enunciados] citadas. Essa orientação para uma terceira pessoa é de primordial importância: ela reforça a influência das forças sociais organizadas sobre o modo de apreensão do discurso. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006, p. 152).

Tal influência não se dá apenas no tocante ao que é apreendido no processo de recepção ativa do discurso de outrem, mas em como isso é feito, ou seja, existem formas estruturantes que atuam no sentido de perpetuar determinadas tendências dominantes:

As condições de transmissão e suas finalidades apenas contribuem para a realização daquilo que já está inscrito nas tendências da apreensão ativa, no quadro do discurso interior; ora, essas últimas só podem desenvolver-se, por sua vez, dentro dos limites das formas existentes numa determinada língua para transmitir o discurso. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006, p. 153).

Assim, a narrativa em questão recorre a esquemas padronizados e disponibilizados pelo discurso literário para introduzir, no processo de formação para a vida adulta protagonizado por Harry Potter e seu interlocutor concreto, o leitor adolescente, valores caros à convivência social, notadamente a aceitação das diferenças, e buscar adesão a essa posição defendida. A mensagem transparece claramente na fala da personagem Alvo Dumbledore, mentor de Harry Potter:

– Nós, bruxos, temos maltratado e abusado de nossos companheiros por um tempo longo demais, e agora estamos colhendo o que semeamos. (ROWLING, 2003, p. 675).

Avançando para a segunda ocorrência selecionada de discurso citado na obra *Harry Potter*, pode-se afirmar que em nenhuma outra construção discursiva do *corpus* fica tão explícito o que Bakhtin/Volochinov (2006) denomina de “apreensão ativa do enunciado de outrem” quanto no modo como é organizado o sentido em torno do projeto de poder da personagem antagonista Lord Voldemort. Trata-se, em nosso entendimento, do discurso de eugenia defendido por Adolf Hitler na Alemanha nazista antes e durante o período da Segunda Guerra Mundial, o qual é inserido na obra por meio da atuação do vilão e de seus seguidores.

A presença do referido discurso citado no contexto narrativo da obra pode ser identificada por meio de procedimentos analíticos fornecidos pela Análise de Discurso (2010), particularmente a detecção de alguns episódios de repetição (paráfrases) e deslocamento (metáforas).

Assim, em posição parafrástica, tem-se: projeto de poder – repúdio à miscigenação – extermínio populacional – fuga dos perseguidos – deflagração de uma guerra.

No âmbito dos deslizes de sentido – efeitos metafóricos –, aparecem: Hitler / Voldemort; arianos / bruxos de “sangue puro”; judeus / bruxos de “sangue ruim”.

Também é possível identificar o deslize na menção a uma vitória passada da personagem Alvo Dumbledore, principal defensor dos direitos dos não bruxos, em duelo com Grindelwald, bruxo das trevas anterior a Voldemort, exatamente em 1945, data do término da Segunda Guerra Mundial e da derradeira derrota do nazismo. São poucas as datas referidas de forma explícita ao longo de toda a narrativa de *Harry Potter*, o que torna esta citação ainda mais emblemática:

[Trecho de artigo publicado no jornal *Profeta Diário*, publicação dirigida à comunidade bruxa] Dizem, ainda hoje, que nenhum duelo de magia jamais se igualou ao que foi travado entre Dumbledore e Grindelwald, em 1945. [...] A vitória de Dumbledore e suas consequências para o mundo bruxo são consideradas um marco na história da magia [...]. (ROWLING, 2007, p. 23).

Aparentemente, também há deslize de sentido no modo de referir a campanha difamatória feita contra os não nascidos bruxos – como no caso do panfleto distribuído por uma jovem bruxa: “SANGUES-RUINS e os perigos que oferecem a uma sociedade pacífica de sangues puros” (ROWLING, 2007, p. 198) –, o que remete às estratégias de propaganda utilizadas por Hitler para atrair adeptos à sua causa. Outro exemplo diz respeito à marca que os chamados Comensais da Morte, exército de seguidores de Lord Voldemort, trazem gravada no braço, a chamada “marca negra”, considerando-se que um dos símbolos mais conhecidos do nazismo, a cruz suástica, era utilizada em distintivos, braçadeiras e na própria bandeira do Partido Nazista:

[Quando Harry e seus amigos são capturados por Belatriz, a mais fiel seguidora de Voldemort] Ela puxou para cima sua manga esquerda: Harry viu a marca negra gravada a fogo em seu braço, e percebeu que a bruxa ia tocá-la para convocar seu amado senhor... (ROWLING, 2007, p. 358).

A partir do quinto volume, fica mais claro que o antagonista Lord Voldemort prega a supremacia da raça daqueles identificados como “sangues puros” sobre a dos chamados “sangues ruins”, frutos da miscigenação entre bruxos e não bruxos:

[Voldemort diz aos seus seguidores, os Comensais da Morte] – Muitas das nossas árvores genealógicas mais tradicionais, com o tempo, se tornaram bichadas [...] – Vocês precisam podar as suas, para mantê-las

saudáveis, não? Cortem fora as partes que ameaçam a saúde do resto.
[...]

– E, tal como fazem na família, façam no mundo também... vamos extirpar o câncer que nos infecta até restarem apenas os que têm o sangue verdadeiramente puro. (ROWLING, 2007, p. 16).

Voldemort faz questão de explicitar sua posição à comunidade de bruxos:

Não quero matar vocês. Tenho grande respeito pelos professores de Hogwarts. Não quero derramar sangue mágico. (ROWLING, 2007, p. 474).

O mesmo “processo de purificação” é implantado na escola que forma os bruxos (Hogwarts):

[Lupin, integrante do exército de oposição a Voldemort, explica] – A frequência agora é obrigatória para todas as crianças bruxas. Anunciaram ontem. [...] Com isso, Voldemort terá toda a população bruxa sob vigilância desde muito jovem. E é outra maneira de extirpar os nascidos trouxas, porque os alunos jovens devem receber um registro sanguíneo, indicando que provaram ao Ministério sua ascendência bruxa, antes de poderem se matricular. (ROWLING, 2007, p. 168).

Como Bakhtin/Volochínov (2006) indica no que tange à inter-relação estabelecida entre o contexto narrativo e o discurso citado no âmbito da posição chamada de “individualismo relativista”, típica das obras literárias, o discurso da obra sobre o discurso citado de eugenia é expresso por meio do narrador criado, bem como pelas personagens – incluindo Harry Potter e os integrantes da chamada Ordem da Fênix (aliados do protagonista no combate ao vilão Voldemort). Por meio destes, é possível identificar a tendência de “réplica” na transmissão do discurso de outrem, como quando, em uma atitude de revolta e compaixão, o herói Harry Potter se insurge contra funcionários do Ministério durante interrogatório dos acusados de não terem ascendência bruxa e os liberta:

Ficou decidido que vocês devem voltar para casa e entrar na clandestinidade com suas famílias – disse Harry aos nascidos trouxas [...] – Vão para o exterior, se puderem. Fiquem bem longe do Ministério. (ROWLING, 2007, p. 210).

A disputa de poder entre duas visões de mundo antagônicas, pró e contra a supremacia dos “sangues puros” e o extermínio dos “sangues ruins”, é ressaltada de forma explícita e chega ao seu limite quando a escola que forma os bruxos, Hogwarts, transforma-se em campo de guerra:

A ABÓBADA ENCANTADA do salão principal estava escura e salpicada de estrelas, e abaixo viam-se as quatro longas mesas ocupadas por alunos desarrumados, alguns de capas de viagem, outros de robes. Aqui e ali, brilhavam os vultos branco-perolados dos fantasmas da

escola. Todos os olhares, dos vivos e dos mortos, fixavam-se na professora McGonagall [dirigente da casa Grifinória], que falava de cima de uma plataforma no fundo do salão. Atrás dela, achavam-se, em pé, os demais professores, inclusive o centauro baio, Firenze, e os membros da Ordem da Fênix [exército de seguidores de Dumbledore] que tinham vindo lutar. (ROWLING, 2007, p. 473).

Ao final da obra, observamos uma tendência de afastamento em relação à resposta mais contundente adotada pelas vítimas do nazismo, como foi o histórico Tribunal de Nuremberg, em que foram julgados e condenados na condição de criminosos de guerra alguns dos principais dirigentes nazistas. No caso, há a prevalência de uma orientação conciliadora, marcada pelo convívio pacífico entre opressores e oprimidos históricos:

McGonagall havia repostado as mesas no salão, mas ninguém estava sentado de acordo com as Casas: todos estavam misturados, professores e alunos, fantasmas e pais, centauros e elfos domésticos. (ROWLING, 2007, p. 579).

Evidentemente, os referidos enunciados presentes nos volumes da série a respeito dos temas escravidão e eugenia apresentam especificidades em relação aos respectivos discursos citados, produzindo sentido em uma direção que lhes é própria, mas é justamente essa diferença que revela a presença da metadiscursividade, ou seja, de um discurso sobre o discurso, como estratégia textual recorrente em *Harry Potter*. Aí se encontra, por excelência, o cerne do mecanismo de apreensão do discurso de outrem na visão de Bakhtin/Volochínov (2006), gestado ao nível do discurso interior:

Aquele que apreende a enunciação [enunciado] de outrem não é um ser mudo, privado da palavra, mas, ao contrário, um ser cheio de palavras interiores. Toda a sua atividade mental, o que se pode chamar o “fundo perceptivo”, é mediatizado para ele pelo discurso interior e é por aí que se opera a junção com o discurso apreendido do exterior. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006, p. 154).

5. Horizonte interpretativo

O material discursivo identificado, pertinente à coletividade formada por adolescentes no contexto atual e a condições sócio-históricas específicas, indicou a existência de uma importante aproximação entre a trama construída em *Harry Potter* e a vida concreta, justamente porque é nela que a arte está inserida, conforme a perspectiva bakhtiniana (BAKHTIN, 2011). Em síntese, a atividade estética refrata o mundo, e é na relação com seu interlocutor, que não está em outro lugar senão no mundo, que o discurso da obra se constitui enquanto enunciado concreto (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006).

Tais postulações nos apoiaram para que pudéssemos trabalhar em uma direção diferente daquela de estudos que buscam as correlações entre a obra *Harry Potter* e a estrutura narrativa dos contos de fadas ou das histórias maravilhosas. Na perspectiva aqui adotada, discutimos a composição textual da obra enquanto discurso que reflete e refrata a realidade do seu interlocutor concreto, o leitor adolescente contemporâneo, e é permanentemente atravessado pelas concepções de mundo desse interlocutor/produtor de sentidos e por outras “vozes” com as quais dialoga. No próximo capítulo, tendo como pano de fundo a reflexão sobre a apropriação de conteúdos globalizados por atores locais inseridos em um contexto de modernidade periférica, fazemos a descrição e a interpretação dos dados emergentes em campo resultantes da exposição dos leitores de Paraisópolis ao material discursivo selecionado, justamente no intuito de evidenciar a complexa tessitura comunicacional formada pelo contato entre dimensões identitárias distintas.

Procuramos levar em conta as singularidades advindas desse cenário complexo, a fim de que a análise interpretativa possa atingir seu nível mais alto em termos de síntese, abstração e generalização.

CAPÍTULO 3 – Recepção de *Harry Potter* em Paraisópolis: procedimentos metodológicos; trabalho de campo e seleção de dados; panorama interpretativo e análise da produção de sentido

Empreendemos o presente estudo de recepção visando desvelar as inter-relações até então desconhecidas do discurso da obra *Harry Potter* e sua produção de sentido com leitores espontâneos moradores de Paraisópolis, identificados e selecionados para participar da pesquisa de campo. Nesse caminho, cabe, de antemão, relativizar a possibilidade de compreensão plena da experiência dos pesquisados e do meio social onde vivem, à luz dos questionamentos feitos por Bourdieu (2012, p. 694) sobre a utilização de toda e qualquer técnica de coleta de dados:

Ainda que a relação de pesquisa se distinga da maioria das trocas da existência comum, já que tem por fim o mero conhecimento, ela continua, apesar de tudo, uma *relação social* que exerce efeitos (variáveis segundo os diferentes parâmetros que a podem afetar) sobre os resultados obtidos. Sem dúvida, a interrogação científica exclui, por definição, a intenção de exercer qualquer violência simbólica capaz de afetar as respostas; acontece, entretanto, que nesses assuntos não se pode confiar somente na boa vontade, porque todo tipo de distorções estão inscritas na própria estrutura da relação de pesquisa.

As distorções implícitas a essa relação social construída artificialmente que é a pesquisa vão desde a imposição da problemática – em que pese a dissimulação de pontos de vista e valores socialmente determinados sob uma “capa de neutralidade”, todo problema de pesquisa resulta de um recorte feito previamente, sendo, portanto, *construído* (BOURDIEU, 2012) –, até a validade dos achados em si, condicionados pelos próprios meios e situações em que são obtidos. Para Bourdieu et al. (2005, p. 55), o caráter forçado das situações criadas pela pesquisa “rompe a reciprocidade das trocas costumeiras” e “incita os sujeitos a produzirem um *artefato* verbal, aliás, desigualmente artificial, segundo a distância entre a relação com a linguagem favorecida por sua classe social e a relação artificial com a linguagem que é exigida deles”.

Por outro lado, acreditamos que a oportunidade de adentrar os domínios de uma coletividade com características próprias e de conviver com moradores locais durante a coleta de dados tenha permitido mapear experiências objetivas desse grupo e de sua condição social (BOURDIEU, 2007), as quais poderão ajudar em nossa proposta de estudar a complexa tessitura comunicacional formada com base no contato entre dimensões identitárias distintas por meio do presente estudo de caso que aqui se

delinea: as apropriações da obra *Harry Potter* feitas por essa determinada audiência e analisadas enquanto processo discursivo (HALL, 2006), que se constitui, ele próprio, em um polo genuíno de produção (CERTEAU, 1994). Nosso foco investigativo recai, portanto, sobre as “falas” desses leitores enquanto dispositivos discursivos que refletem e refratam a concretude de uma realidade na qual estão inseridos (BAKHTIN, 2006, 2011).

No que tange aos processos de atribuição de sentido, realizamos dois trabalhos distintos, porém complementares. Primeiramente, procedemos à análise, já descortinada nesta dissertação, dos sentidos produzidos pela discursividade da obra com apoio do ferramental teórico bakhtianiano, o que nos permitiu selecionar as construções discursivas relacionadas ao cotidiano do adolescente contemporâneo. Posteriormente, durante o trabalho de campo, submetemos os temas selecionados à apreciação de um grupo específico de leitores espontâneos da obra *Harry Potter*, estando o espaço de realização do estudo do objeto empírico, conforme já explicitado, localizado na comunidade de Paraisópolis, uma das mais populosas da cidade de São Paulo e região de vulnerabilidade social.

Foi o entendimento da necessidade de vincularmos nossa pesquisa a temas significativos, considerando o lugar onde ela é empreendida, aquilo que nos impeliu a buscar na realização do trabalho de campo um espaço representativo dentro de um país de capitalismo dependente como o Brasil (FERNANDES, 1999; SOUZA, 2003). Aqui cabe evocar a defesa da inclusão de uma “agenda de nação” nos projetos de pesquisa em Comunicação na América Latina⁵⁶. Considerando que todos os discursos, incluindo o científico, são determinados sócio-historicamente – segundo Bourdieu (1983), o campo científico é produto do meio social e envolve relações de interesse e poder que inviabilizam sua neutralidade –, a proposta da pesquisa é claramente filiar-se à posição que defende a escolha de temas de relevância social para a pesquisa em Comunicação, conforme o paradigma marxista das Ciências Sociais (LOPES, 2005).

A título de justificativa, não podemos deixar de mencionar também as experiências acumuladas durante todo o trabalho de pesquisa, notadamente a interação com o objeto pesquisado e o embate com as questões levantadas, as quais fizeram a

⁵⁶ Essa defesa é atribuída a Martín-Barbero em suas explanações para pesquisadores em Ciências da Comunicação, ao reiterar o papel central da produção de saber na transformação da sociedade em países periféricos, o que nos encorajou a utilizar a variável classe social para a delimitação do universo de leitores no trabalho de campo.

reflexão epistemológica assumir uma dimensão relevante neste trabalho, clareando determinados aspectos e, principalmente, moldando a construção de um olhar investigativo avesso ao que Bourdieu et al. (2005) define como “voluntarismo individualista”. Ir a Paraisópolis, penetrar nos domínios dessa comunidade sem a “proteção” dos códigos locais, deixando evidente nossa condição “outsider” e, ao mesmo tempo, empreendendo esforços para essa “invasão” passar despercebida, desencadeou um processo salutar de assimetria do objeto em relação ao pesquisador enquanto sujeito condicionado por sua época, sua classe e seus interesses pessoais. Em outras palavras, implicou abdicar de uma zona de conforto e, sobretudo, romper com a pretensa coerência sugerida pelo editor de *Harry Potter* no Brasil, na entrevista concedida ao pesquisador e integrada ao capítulo 1, de que nada é mais “natural” que uma obra com bons atributos editoriais, ainda que questionados por alguns críticos literários, e forte apelo comercial ser acolhida nos mais diferentes espaços sociais.

Não é possível saber se os dados coletados levarão a um conhecimento mais verdadeiro para a compreensão do fenômeno *Harry Potter* no Brasil, mas questionar a própria prática a fim de não incorrer no uso de “modelos prontos” e “verdades absolutas” (BOURDIEU et al., 2005) é obrigação de todo pesquisador na empreitada de “conquista, construção e comprovação” do seu objeto (LOPES, 2005).

Feitas essas ressalvas, nosso trabalho consiste em triangular diferentes impressões e observações feitas por nós em campo com os discursos coletados na expectativa de que isso nos ajude a penetrar nos interstícios das produções de sentido que resultam do contato da obra *Harry Potter* com os moradores da comunidade de Paraisópolis, propiciando uma compreensão das dinâmicas que regem esse consumo e a consequente construção de significações.

1. Procedimentos metodológicos

A pesquisa de recepção teve abordagem qualitativa, combinando *corpus* (textos selecionados da obra e analisados com apoio de conceitos bakhtinianos – capítulo 2) e amostra significativa (leitores da obra, os moradores da comunidade de Paraisópolis). Definimos os procedimentos metodológicos com base em métodos e técnicas pertinentes a essa modalidade de pesquisa – incluindo formação de grupo focal (MORGAN, 1997; GASKELL, 2002) para atividades de leitura e discussão, além de

entrevista em profundidade e/ou história de vida (POUPART et al., 2008; GASKELL, 2002; LOPES, 2005) – e da necessária reflexão crítica sobre o seu uso (BOURDIEU et al., 2005; BOURDIEU, 2012; LOPES, 2005; THIOLLENT, 1980). De acordo com Thiollent (1980, p. 44), “ao serem incorporadas à pesquisa sociológica, as mais ‘neutras’ técnicas funcionam como ‘teorias’ particulares relativas à representação do objeto investigado”, o que significa que “devem permanecer sob vigilância do pesquisador para evitar sua autonomização para com a teoria propriamente sociológica e, também, para superar o mito do objetivismo observacional”.

Com essa perspectiva em mente e tendo em vista a necessária ruptura de pré-noções preconizada por Bourdieu et al. (2005), o que significa questionar desde a visão de mundo do pesquisador até os próprios métodos e técnicas dos quais lança mão no exercício de seu ofício, adotamos, na prática, procedimentos que não seguem exatamente à risca as regras estabelecidas para grupo focal (MORGAN, 1997), embora também tenhamos coletado dados por meio de interações grupais com base em tópicos temáticos sugeridos. De maneira geral, acreditamos que o trabalho realizado esteja menos subordinado aos modelos prontos e mais adaptado ao propósito da investigação qualitativa em si, que foi a reprodução, na presença do pesquisador, da atribuição de sentido realizada por esses leitores ao entrarem em contato com a obra, especificamente com os elementos discursivos que a constituem.

O trabalho de campo teve início ainda em 2013 com a realização de algumas incursões à comunidade de Paraisópolis, situada no bairro do Morumbi, zona sul da cidade de São Paulo. Embora a realização de estudo etnográfico não esteja entre nossos objetivos, constatamos de imediato que a vivência do e no ambiente local se apresenta como ponto-chave para a compreensão das relações estabelecidas pelos leitores com um produto de amplitude global, caso da obra *Harry Potter*, e das produções de sentido originais dos sujeitos da pesquisa.

A noção de identidade local pressupõe, em primeiro lugar, o entendimento da cultura como um processo complexo e permanente de interações, cruzamentos e negociações simbólicas que não se caracteriza pela existência de fronteiras claramente delimitadas, fixas e constantes. Em segundo lugar, o local na identidade exige ser compreendido no marco dos processos de transformação rápida e permanente das sociedades modernas que provocaram o descentramento, a pluralização e a fragmentação das identidades culturais. E, por fim, a identidade local deve ser analisada à luz da experiência da multiterritorialidade como uma ação ou processo de apropriação simbólico-cultural que implica a possibilidade de acessar, conectar e vivenciar diversos territórios, através de mobilidades que implicam ou não em um deslocamento

físico, como no caso das experiências espaço-temporais de usos da internet. (COGO, 2010, p. 644).

Nesse sentido, levamos em conta em nossa proposta de trabalho o mapeamento de aspectos inerentes aos atores sociais locais, particularmente a condição socioeconômica e os hábitos culturais, o que ficará mais evidente no item dedicado à descrição detalhada dos dados coletados por meio de técnicas de observação direta (THIOLLENT, 1980), sem perder de vista que se trata de uma amostra significativa e não representativa, o que não permite a generalização das conclusões sobre resultados auferidos. Integramos a isso o levantamento de algumas informações sobre a origem e o desenvolvimento da comunidade de Paraisópolis no espaço metropolitano paulistano, a partir dos anos 1960. Tendo como causa imediata a fixação, no bairro do Morumbi, zona sul da cidade de São Paulo, de trabalhadores de origem nordestina que atuaram na construção do Palácio do Governo (FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS, 1995), o surgimento da favela deve ser entendido em um contexto mais amplo que remete ao intenso processo de urbanização ocorrido em países periféricos a partir da segunda metade do século XX. A concentração de pessoas em espaços urbanos que logo se viram saturados levou ao agravamento de problemas habitacionais da população de baixa renda e ao consequente deslocamento de grupos sociais de maior vulnerabilidade para regiões cada vez mais distantes da área central (FREITAG, 2006).

Não obstante, em meio ao cenário de pobreza extrema, Paraisópolis se apresenta como fenômeno atípico, caracterizado pela existência de uma “estrutura de oportunidades” (ALMEIDA e D’ANDREA, 2004) advinda do comércio local bastante dinâmico e da própria contiguidade espacial com residências e condomínios de alto padrão, o que também repercute em possibilidades de trabalho para seus habitantes, tanto na construção civil quanto em ocupações domésticas. Outro aspecto peculiar é a formação de uma sólida rede de relações sociais, que abrange desde vínculos de solidariedade entre parentes e conhecidos até a atuação contínua de associações de caráter religioso e civis, incluindo grande número de ONGs prestadoras de serviços sociais à comunidade (ALMEIDA e D’ANDREA, 2004), entre as quais estão as três entidades selecionadas nesta pesquisa para auxiliar na identificação e seleção de leitores moradores da comunidade de Paraisópolis.

Fig. 2 – Vista da comunidade de Paraisópolis. Fonte: Acervo do pesquisador.

Fig.3 – Interior da comunidade. Fonte: Acervo do pesquisador.

No levantamento das condições para a realização do trabalho de campo na comunidade de Paraisópolis, chegamos à identificação de três espaços para coleta e seleção de evidências empíricas: – Estação do Conhecimento Einstein (ECE), vinculada ao núcleo de pesquisa em Infoeducação do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Informação da ECA-USP; Espaço Esportivo e Cultural BM&FBOVESPA; e Biblioteca Comunitária de Paraisópolis (Becei). Essas entidades são responsáveis por programas de incentivo à leitura instalados na comunidade e seus representantes mostraram-se receptivos às demandas da pesquisa, atuando como mediadores perante a comunidade.

Fig. 4 – Estação do Conhecimento Einstein. Fonte: Acervo da entidade.

Fig. 5 – Espaço Esportivo e Cultural BM&FBOVESPA. Fonte: Acervo da entidade.

Fig. 6 – Biblioteca Comunitária de Paraisópolis. Fonte: Acervo da entidade.

A princípio, o papel dos mediadores foi auxiliar na identificação de leitores espontâneos da série de livros *Harry Potter*, o que resultou em uma amostra inicial formada por 30 adolescentes, com idades que variam de 10 a 19 anos (anexo VI). Atentos à possibilidade fornecida pelos procedimentos da pesquisa qualitativa de explorar em maior profundidade as questões levadas a campo, nossa escolha metodológica foi trabalhar com entrevistas grupais ou grupos de discussão, justamente por permitir o acesso a um espectro maior de impressões e observações pertinentes a um determinado meio social, assim como os consequentes processos de consenso e divergência (GASKELL, 2002).

Para a seleção dos participantes, propusemos aos leitores a redação e entrega de um texto sobre sua experiência de leitura dos volumes da série *Harry Potter*, não se tratando propriamente de um "texto-livre", na terminologia pedagógica, porque não abriu a possibilidade, por exemplo, de o participante fazer apenas um desenho ou uma pintura. O objetivo foi que eles mostrassem mínima familiaridade com a prática da leitura e da escrita, considerando a intenção de propor aos grupos a realização de atividades desse tipo. Por outro lado, a temática manteve-se o mais ampla possível e não houve definição prévia de número de linhas, de forma a dirimir a chamada "imposição da problemática de pesquisa" (BOURDIEU et al., 2005; BOURDIEU, 2012). Em termos precisos, a solicitação feita foi a seguinte:

Escreva livremente sobre sua experiência de leitura da obra Harry Potter (anexo VII, com textos coletados pelas três entidades mediadoras).

Na prática, coube aos mediadores entrarem em contato com os leitores identificados e consultá-los sobre a disponibilidade de participarem de uma pesquisa com temática relacionada aos livros da série *Harry Potter*. Não foram fornecidos maiores detalhes aos potenciais participantes, visando justamente evitar qualquer tipo de direcionamento prévio que comprometesse o registro do interesse espontâneo pela obra manifesto pelos leitores em seu meio social.

Chegou-se a cogitar a possibilidade de os leitores contatados postarem seus textos em *blogs* ou nas comunidades mantidas pelos mediadores em redes sociais como o Facebook, considerando a familiaridade desses jovens com as práticas virtuais, entretanto questões operacionais internas, como a transição para um novo sítio na internet de uma das entidades, acabaram por inviabilizar o procedimento. Assim, duas das entidades (ECE e Espaço BM&FBOVESPA) decidiram aproveitar a presença dos leitores nas suas dependências, durante a participação nas atividades por elas oferecidas, e solicitar a produção textual. Já a Biblioteca Becei fez contato com os leitores por telefone e *e-mail*, sendo este último o suporte pelo qual enviaram suas produções.

De posse dos textos redigidos, foi feito o recorte na amostra inicial com base na variável gênero (leitores do sexo masculino e do sexo feminino), fundamental para a composição de uma gama mais consistente de observações e versões de um mesmo fenômeno, e no nível de envolvimento pessoal explicitado em relação à obra, o que resultou na composição de amostra significativa de 10 leitores selecionados, sendo quatro do sexo masculino e seis do sexo feminino, de 11 a 19 anos, cuja identidade foi aqui preservada. Em razão da grande diversidade interna da amostra (LOPES, 2005) no tocante à faixa etária, fator relevante para facilitar o entrosamento e a realização de atividades no decurso do trabalho de campo, optou-se pela formação de dois grupos de discussão distintos, respectivamente **grupo A** (leitores de 11 a 13 anos), cujos participantes, para efeito desta análise, são assim denominados: **enunciador**⁵⁷ **1** (11 anos), **enunciador 2** (13 anos), **enunciadora 1** (12 anos), **enunciadora 2** (13 anos); e **grupo B** (leitores de 14 a 19 anos), integrado por **enunciador 3** (17 anos), **enunciador 4** (19 anos), **enunciadora 3** (14 anos), **enunciadora 4** (15 anos), **enunciadora 5** (17

⁵⁷ O uso da expressão “enunciador” e de sua variante de gênero, “enunciadora”, se justifica pela necessidade de preservar a identidade dos participantes da pesquisa, bem como pelo alinhamento com a própria terminologia bakhtiniana, segundo a qual podemos entender o enunciador como aquele que enuncia (por meio da fala, da escrita ou do discurso artístico), assumindo o lugar de participante real da comunicação discursiva.

anos), **enunciadora 6** (18 anos). A enunciadora 1 é a única participante da pesquisa de cor negra, podendo os demais serem classificados como pardos ou mestiços (enunciador 1, enunciador 2, enunciador 3, enunciadora 2, enunciadora 3, enunciadora 4, enunciadora 5) e brancos (enunciador 4, enunciadora 6).

O planejamento e a preparação dos encontros com os dois grupos de discussão definidos foram necessariamente complexos no que tange ao desenho dos procedimentos a serem adotados, envolvendo desde questões éticas relacionadas à presença do pesquisador em campo apto a interagir com moradores de periferia em situação de exclusão social e cultural, passando por critérios epistemológicos de acordo com os quais toda técnica é uma “teoria em atos” e, portanto, implica uma representação do objeto investigado (THIOLLENT, 1980), até o pragmatismo imperioso de se promover um debate aberto e acessível a todos, com temas e assuntos de interesse comum. Especificamente sobre esse aspecto, o material discursivo a ser apresentado já se encontrava delimitado, conforme descrito antes, tendo sido realizada com base nele uma seleção de temáticas para trabalho com os grupos definidos cujo critério foi a própria realidade dos participantes.

A decisão de focar aspectos do cotidiano dos entrevistados particularmente interessantes está apoiada em nossa proposta investigativa, a começar pelo objetivo de compreender a produção de sentido envolvida no contato entre o discurso da obra *Harry Potter* e leitores moradores de periferia. No campo teórico, as contribuições dos estudiosos das temáticas contemporâneas da comunicação, sobretudo aquelas que enfocam a questão de identidade cultural (APPADURAI, 1994; BHABHA, 1998; BAUMAN, 2001; CANCLINI, 1998; 2009; GIDDENS, 1991; HALL, 1999; HARVEY, 1993; JENKINS, 2008), exploradas no capítulo 1 desta dissertação, segundo as quais o espaço local constitui-se em suporte e condição para a concretização das produções gestadas em âmbito global, e a perspectiva de Bakhtin (2006; 2011), que atribui ao interlocutor concreto um lugar-chave na construção de significados, também trazem importante justificativa. A escolha de uma comunidade popular para a realização do trabalho de campo, por sua vez, não implicou o estabelecimento de compromisso social, político e ideológico da pesquisa com movimentos sociais locais, conforme sugerem as diretrizes da pesquisa participante, contudo permitiu a aproximação com um dos princípios de base dessa modalidade investigativa que acabou nos direcionando, ao atuar *in loco*, a procurar:

“partir da realidade concreta da vida cotidiana dos próprios participantes individuais e coletivos do processo, em suas diferentes dimensões e interações – a vida real, as experiências reais, as interpretações dadas a estas vidas e experiências tais como são vividas e pensadas pelas pessoas com quem interagimos” (BRANDÃO, 2007, p. 54).

A faixa etária dos leitores em cada grupo de discussão também foi considerada, seguindo a proposta da obra de vincular a idade da personagem-título – que amadurece um ano a cada volume (ao todo, são sete volumes) – à do seu público. Assim, nos livros originalmente destinados a leitores com idade correspondente aos dos integrantes do grupo A (de 11 a 13 anos), exatamente do primeiro ao terceiro volumes, identificamos e selecionamos os temas: (1) dificuldades financeiras; (2) relação com a escola; (3) meninos X meninas; (4) discriminação/preconceito. Já nos demais volumes, do quarto ao sétimo, voltados aos adolescentes de 14 a 17 anos e, portanto, adaptados aos participantes do grupo B (de 14 a 19 anos), as seguintes temáticas foram identificadas e selecionadas: (1) limites e liberdade; (2) meninos X meninas; (3) escolha da profissão; (4) *bullying*; (5) maioridade; (6) discriminação/preconceito; (7) exclusão social. As referidas temáticas foram consideradas significativas na discursividade da obra seguindo a proposta de selecionar elementos de realidade correspondentes a condições sócio-históricas e sistemas ideológicos objetivos, conforme a diretriz bakhtiniana. A pertinência em relação ao universo dos leitores de Paraisópolis se baseia em informações acessíveis sobre a comunidade, bem como sobre o universo do adolescente contemporâneo, mas durante todo o processo o material textual selecionado foi tratado como uma construção analítica do pesquisador que não exclui a possibilidade de diferentes abordagens (ORLANDI, 2010)

Ao adaptarmos algumas das diretrizes quanto à quantidade e à duração de reuniões preconizadas para grupos focais (GASKELL, 2002) para a nossa proposta metodológica, e considerarmos também aspectos de ordem prática, como tempo, espaço e recursos disponíveis para a realização de atividades com os leitores selecionados – por exemplo, a maior parte dos participantes apresentava horários escolares discrepantes, o que deixou como única alternativa viável a realização de reuniões aos sábados –, concentramos nossas expectativas na concretização de oito encontros de uma hora e meia, sendo quatro com cada um dos dois grupos. A Estação do Conhecimento Einstein (ECE) cedeu o espaço para a realização dos encontros, que

ocorreram nas datas 25/10/2014, 1º/11/2014, 8/11/2014, 14/11/2014 e 22/11/2014, sempre no período das 14h às 15h30 (grupo A) e das 16h às 17h30 (grupo B). Uma lista de presença simples foi elaborada pelo pesquisador para registro da participação dos sujeitos da pesquisa.

Em 18/10/2014, uma semana antes do início das atividades em campo, realizamos, na sede da ECE, um evento voltado para a comunidade, que consistiu em um *show* de *cosplay* (caracterização baseada em personagens) sobre o universo da obra *Harry Potter* apresentado por voluntários. O evento atraiu cerca de 100 moradores locais e contribuiu para a aproximação com a comunidade e os pesquisados. Toda a ação foi registrada em vídeo, o qual pretendemos disponibilizar por meio da montagem de uma exposição em Paraisópolis, que, provavelmente, também incluirá algumas das produções escritas dos pesquisados durante os encontros. Essa iniciativa está alinhada com a defesa feita por Poupart et al. (2008) de não apenas trazer à tona o que os pesquisados vivenciam no cotidiano, mas sobretudo dar-lhes a palavra e compensar de alguma forma a sua situação de desigualdade social, o que, por sua vez, coaduna-se à proposição feita por Lopes (2010) quanto à criação de condições de acesso e compreensão por parte dos atores que participam da pesquisa das interpretações sobre suas respectivas práticas.

Fig.7 – Imagens de evento em Paraisópolis, 18/10/2014. Fonte: Acervo do pesquisador.

7.1

7.2

7.3

7.4

7.5

7.6

7.7

7.8

7.9

7.10

Ressaltamos considerar a proposta de realização de oito encontros periódicos com os dois grupos de leitores definidos bastante ousada, levando-se em conta não apenas a assimetria do pesquisador em relação ao espaço de estudo empírico, como também as dificuldades de ordem prática relacionadas tanto à infraestrutura local quanto às divergências de horários e atividades dos participantes. Nesse sentido, além da estratégia de preparação de um evento prévio destinado à comunidade, já citado, também empreendemos a elaboração de diversas dinâmicas (jogos e brincadeiras) utilizadas nas reuniões com o grupo de discussão A, formado pelos leitores de menor faixa etária, com o intuito de evitar que uma eventual associação entre os trabalhos realizados em campo e a rotina escolar gerasse desinteresse e evasão dos participantes.

Da mesma forma, para o último encontro, propôs-se aos participantes de ambos os grupos a sua caracterização como personagens da obra *Harry Potter*, o que parece ter surtido efeito positivo, pois contamos com o comparecimento integral dos pesquisados, tanto do grupo A quanto do grupo B. Em todas essas atividades, fomos apoiados pela colaboração voluntária de Rosângela Alves de Mattos, praticante de *cosplay*, que no último encontro com os dois grupos teve participação presencial, auxiliando nas dinâmicas realizadas e também na videogravação dos principais momentos. O material forneceu suporte ao trabalho analítico do pesquisador.

As tabelas 1 e 2 sintetizam a organização do trabalho de campo:

Tabela 1: Trabalho de campo com grupo A (4 leitores de 11 a 13 anos).

TEMAS ENFOCADOS	PERÍODO PARA COLETA DOS DADOS				
	1ª SEMANA	2ª SEMANA	3ª SEMANA	4ª SEMANA	TOTAL
DIFICULDADES FINANCEIRAS	- 1 h para leitura, exibição de cena de filme e discussão - ½ h metodologia criativa				1 tema / 1 ½ h
RELAÇÃO COM A ESCOLA		- 1 h para leitura, exibição de cena de filme e discussão - ½ h metodologia criativa			1 tema / 1 ½ h
MENINOS X MENINAS			- 1 h para leitura, exibição de cena de filme e discussão - ½ h metodologia criativa		1 tema / 1 ½ h
DISCRIMINAÇÃO / PRECONCEITO				- 1 h para leitura, exibição de cena de filme e discussão - ½ h metodologia criativa	1 tema / 1 ½ h
TOTAL GERAL	4 SEMANAS				4 TEMAS / 6 HORAS

Tabela 2: Trabalho de campo com grupo B (6 leitores de 14 a 19 anos).

TEMAS ENFOCADOS	PERÍODO PARA COLETA DOS DADOS				
	1ª SEMANA	2ª SEMANA	3ª SEMANA	4ª SEMANA	TOTAL
LIMITES E LIBERDADE	- 1 ½ h para leitura, exibição de cena de filme e discussão				1 tema / 1 ½ h
MENINOS X MENINAS		- 45 min para apresentação, exibição de filme e discussão			2 temas / 1 ½ h
ESCOLHA DA PROFISSÃO		- 45 min para apresentação, exibição de cena de filme e discussão			
BULLYING			- 45 min para apresentação, exibição de cena de filme		

			e discussão		
MAIORIDADE			- 45 min para apresentação, exibição de cena de filme e discussão		2 temas / 1 ½ h
DISCRIMINAÇÃO / PRECONCEITO				- 45 min para apresentação, exibição de cena de filme e discussão	
EXCLUSÃO SOCIAL				- 45 min para apresentação, exibição de cena de filme e discussão	2 temas / 1 ½ h
TOTAL GERAL	4 SEMANAS				7 TEMAS / 6 HORAS

A cada reunião, foi desenvolvido um tópico guia, o qual serviu de referência ao pesquisador (GASKELL, 2002) e consistiu de um esquema preliminar relacionado aos temas enfocados, incluindo as questões relevantes para a discussão e a relação de atividades programadas. Estas abrangeram leitura de trechos selecionados da obra e debates em grupo, exibição de cenas dos filmes da franquia *Harry Potter* e algumas dinâmicas (jogos e brincadeiras) concentradas no grupo A por uma questão etária, conforme já mencionado, enquanto aos participantes do grupo B ofereceu-se a possibilidade de pesquisa e apresentação de trabalhos livres a respeito dos temas enfocados.

Em ambos os grupos, houve aplicação de questionário com perguntas abertas e fechadas visando complementar informações sobre o perfil cultural e socioeconômico dos leitores e auxiliar na compreensão das diferentes posições surgidas nas reuniões. Para a adoção desse procedimento, inspiramo-nos no formulário de perguntas e respostas sobre nível socioeconômico e consumo cultural de leitores desenvolvido por Romancini (2002) em sua dissertação de Mestrado sobre as apropriações das obras de Paulo Coelho por usuários de biblioteca pública (anexo VIII, com modelo do formulário utilizado em campo). A maioria dos pesquisados demonstrou ter habilidades de letramento suficientes para preenchimento do formulário elaborado, à exceção do

enunciador 1 e da enunciativa 1, participantes mais jovens, com 11 e 12 anos, respectivamente, para os quais o pesquisador precisou ler as perguntas e anotar as respostas dadas.

Em todos os encontros, o pesquisador atuou como moderador dos grupos, responsável pelos comentários introdutórios, sempre em posse do tópico guia e sentado em círculo com os participantes, encorajando-os ativamente a falarem e a reagirem/responderem aos pareceres emitidos durante as discussões grupais. Utilizamos equipamento de áudio para registrar na íntegra o conteúdo dos encontros e o suporte da rede social Facebook – foi criado um espaço de acesso restrito para cada um dos dois grupos – para realizar contatos com os participantes e disponibilizar o material utilizado nas reuniões (trechos da obra). O acervo de imagens das atividades realizadas também se encontra disponível no referido *site*, cujo endereço não é citado aqui para a preservação da identidade dos sujeitos da pesquisa.

Entendemos que os procedimentos descritos possam ter ajudado a criar condições para o surgimento de uma “autoanálise provocada e acompanhada” (BOURDIEU, 2012), em que os pesquisados enunciaram de forma expressiva experiências e reflexões latentes e ainda não manifestadas:

(...) certos pesquisados, sobretudo entre os mais carentes, parecem aproveitar essa situação como uma ocasião excepcional que lhes é oferecida para testemunhar, se fazer ouvir, levar sua experiência da esfera privada para a esfera pública; uma ocasião também de *se explicar*, no sentido mais completo do termo, isto é, de construir seu próprio ponto de vista sobre eles mesmos e sobre o mundo, e manifestar o ponto, no interior desse mundo, a partir do qual eles veem a si mesmos e o mundo, e se tornam compreensíveis, justificados, e para eles mesmos em primeiro lugar. (BOURDIEU, 2012).

2. Trabalho de campo e seleção de dados

Esta é a fase descritiva da pesquisa, na qual optamos por realizar um aprofundamento dos dez perfis típicos selecionados, por meio de dados obtidos nas reuniões em grupo e nos questionários respondidos. Também optamos por reproduzir o conteúdo dos oito encontros realizados na íntegra, acreditando que dessa forma a compreensão da realidade sobre a qual nos debruçamos possa ser melhor partilhada com aquele que nos lê (BOURDIEU, 2012).

Entendemos que, como fontes autônomas e originais do seu saber, os pesquisados mereçam ser retratados (esta é apenas uma tentativa) por meio de uma dinâmica que extrapola os limites da interação entre o sujeito (investigador) e o seu objeto e se aproxima mais do que Brandão (2007) entende como “relação do tipo *sujeito-sujeito*”. Ao abrirmos espaço para as “múltiplas vozes” referidas por Poupart et al. (2008), a propósito da discussão epistemológica sobre o reconhecimento do saber leigo, buscamos fazer que os registros aqui empreendidos sejam, de fato, uma reprodução minimamente distorcida do diálogo entre o pesquisador e os sujeitos da pesquisa. Nossa opção também se justifica na medida em que a análise interpretativa bakhtiniana que fazemos adiante posiciona os pesquisados na sua condição de enunciadoreis.

2.1. Herdeiros da Câmara Secreta⁵⁸ (Grupo de Discussão A)

Fig. 8 – Reprodução do Espelho de Osejed, artefato mágico citado no livro *Harry Potter e a*

⁵⁸ O título deste tópico é uma alusão à preferência manifestada pelos integrantes do grupo A pelo segundo volume da série *Harry Potter*, intitulado *Harry Potter e a Câmara Secreta*, lido por três dos quatro participantes. A enunciadora 2, que não leu nenhum dos volumes, também manifestou sua preferência pelo filme inspirado precisamente nessa obra.

Pedra Folosofal. Fonte: <<https://bodas.files.wordpress.com/2007/01/ojesed.jpg>>.

*Ao olhar no Espelho de Ojesed, os integrantes deste grupo enxergarão o que mais desejam...
Boas descobertas a todos! – 21 de outubro de 2014.*⁵⁹

Composto pelos assim denominados enunciadores 1 e 2 e enunciatóras 1 e 2, delimitado pelas variáveis gênero e faixa etária (11 a 13 anos), o **Grupo de Discussão A** resultou de múltiplos contatos com as entidades mediadoras Espaço BOVESPA e ECE, ambas atuantes em Paraisópolis por meio de atividades de incentivo à aprendizagem e à prática de esportes. Dos 17 integrantes da amostra inicial de 30 nomes, situados na referida faixa etária, obtivemos o “aceite” e a produção textual de 11 leitores, sendo sete meninos e quatro meninas.

A princípio, a queda expressiva (cerca de 35%) verificada ao se comparar o número de participantes inicialmente estimado (17 leitores de 10 a 13 anos) e o que se mostrou viável (11 leitores com interesse em participar da pesquisa e produção textual) não despertou preocupação, uma vez que a nova configuração mantinha as condições para a formação de grupo de discussão sobre temas relacionados à obra *Harry Potter*, conforme os objetivos da pesquisa já especificados. O mesmo se confirmou em relação à variável gênero, fundamental para o delineamento de amostra, apesar da predominância expressiva de meninos.

Em sua maioria, os textos produzidos para participação na pesquisa e disponibilizados como anexo (alguns exemplos) nesta dissertação confirmaram grau de interesse elevado pelos livros e outros produtos (notadamente os filmes) da série *Harry Potter*, à exceção de quatro pontos de vista negativos externados nos comentários escritos, referindo não apreciação da atividade de leitura em particular ou do conteúdo da obra como um todo. Também tivemos de lidar com dificuldades de última hora surgidas durante o contato das entidades mediadoras com os participantes selecionados, como inviabilidade de localização e contato motivada por cadastro não atualizado, evasão ou fim da participação nos programas oferecidos à comunidade. Assim, da relação de cinco leitores de até 13 anos selecionados, dois contatos não puderam ser

⁵⁹ A imagem e a epígrafe integram o sítio desenvolvido por meio da rede social Facebook para facilitar o contato com e entre os participantes do grupo A. Por meio desse suporte, disponibilizamos todo o material discursivo utilizado nas reuniões (trechos selecionados da obra *Harry Potter*) e também estimulamos os participantes a se apropriarem do espaço e divulgarem suas próprias postagens relacionadas ao universo de *Harry Potter*, o que, no caso do grupo A, resultou em apenas uma única postagem feita pelo enunciador 1 durante o período de realização dos encontros.

efetivados, o que levou a nova prospecção e posterior consumação da inclusão de mais um nome na lista de leitores participantes, precisamente a enunciadora 2, totalizando quatro integrantes no grupo A.

A pouca idade dos sujeitos suscitou-nos reflexões de cunho ético, como definição do tipo de abordagem a ser adotada nas reuniões, optando-se pela inclusão de jogos e brincadeiras relacionadas ao escopo temático, cuja delimitação também foi impactada pela variável faixa etária: conforme já explicitado, selecionamos trechos discursivos apenas dos três primeiros volumes da série, destinados editorialmente ao público-alvo de 11 a 13 anos. A mediação familiar também foi considerada, porém apenas no caso dos enunciadores 1 e 2 chegou a ser efetivada, com reunião presencial com as mães dos dois adolescentes na sede da entidade Espaço BOVESPA, na qual explicamos os objetivos da pesquisa e apresentamos a proposta de realização de quatro encontros, obtendo a anuência parental. A propósito, em diversos momentos, o contato com a figura da mãe dos enunciadores 1 e 2 mostrou-se fundamental para preparativos de ordem prática e garantia da presença nas quatro reuniões pré-agendadas. No tocante às enunciatóricas 1 e 2, aparentemente apresentavam maior autonomia em relação às próprias decisões, percepção corroborada pelas observações dos mediadores locais, que também referiram dificuldade para contato e agendamento com familiares em virtude da existência de um quadro de desestruturação familiar em ambos os casos. No momento da abordagem direta, sem a presença dos pais, tanto a enunciatória 1 quanto a enunciatória 2 aderiram prontamente à proposta de participação na pesquisa, com alto índice de comprometimento e colaboração nos encontros, indicados pela assiduidade de 100% e 75%, respectivamente. O enunciador 1, por sua vez, registrou frequência de 100% e o enunciador 2, de 50%.

Mais maduros do que esperávamos (ao afirmar isso, pensamos na declaração feita pela enunciatória 2, já no primeiro encontro, sobre a decisão de não ter filhos pelo fato de testemunhar as provações e dificuldades enfrentadas pela irmã, resultantes da gravidez precoce aos 15 anos), os integrantes deste grupo mostraram-se criativos e suficientemente combativos (é o caso, por exemplo, da indignação manifestada no terceiro encontro pelo enunciador 1 diante das diferenças de gênero construídas socialmente, ao desenhar trajes de balé para um menino e de futebol para uma menina), para pleitearmos para eles a condição de depositários de um saber próprio e original até então inimaginado pelo pesquisador. Partindo de um número e um nome registrados

metodicamente em uma planilha de levantamento de leitores de *Harry Potter* em Paraisópolis, deparamo-nos, assim, com quatro subjetividades, tão complexas, imprevisíveis, diferenciadas, conectadas e desconectadas quanto o são quaisquer definições teóricas sobre “sujeito social”, ávidas por partilharem sua compreensão da realidade com quem estiver disposto a ouvir.

Enunciador 1: “Rony Weasley [personagem da obra, melhor amigo de Harry Potter], ele é pobre e os outros fica esnobando”⁶⁰

Encontramos o enunciador 1 pela primeira vez na manhã do dia 4 de outubro de 2014, em Paraisópolis, na sede do Espaço BOVESPA. Veio acompanhado pela mãe, que trabalha como empregada doméstica e chamou nossa atenção pela juventude. O propósito do encontro era informar sobre a realização da pesquisa e obter a anuência do adolescente e do responsável para participação em pelo menos quatro encontros a serem oportunamente agendados.

Aparentemente, o enunciador 1 em nada diferia de outros adolescentes da sua idade, 11 anos. A sede de manifestar-se ficou evidenciada durante os encontros, sendo praticamente sempre o primeiro a levantar a mão para falar e repetindo insistentemente o gesto para intervir nos comentários dos colegas, no entanto em nosso primeiro contato isso não foi percebido. Ao contrário, o enunciador 1 manteve-se um tanto calado durante a rápida conversa, provavelmente inibido pelo contato com um adulto estranho e também pela presença da mãe, que se mostrou muito solícita e interessada na pesquisa, a qual interpretou como uma forma de incentivar o hábito de leitura no filho.

Os dados que seguem na composição deste perfil têm como fonte principal o questionário respondido pelo enunciador 1 (anexo X), aplicado durante o terceiro encontro. Filho único de um casal bastante jovem, na faixa etária dos 30 aos 40 anos, e com baixa escolaridade – o pai estudou até a sexta série e a mãe, apenas até a quarta série –, o enunciador 1 mora em Paraisópolis desde que nasceu, em residência alugada, a qual possui boa estrutura, com mais de cinco cômodos. A condição mais privilegiada dentro da comunidade é confirmada pela renda familiar: embora a mãe ganhe a vida como empregada doméstica com rendimento pouco superior a um salário mínimo, o

⁶⁰ Resposta do enunciador 1 à pergunta objetiva feita no quarto e último encontro sobre discriminação e igualdade entre as pessoas. Os textos escritos pelo enunciador 1 estão no anexo IX.

pai, que atua como autônomo no segmento de construção, percebe valores bem mais elevados: “Meu pai chegou a receber 20 mil reais de uma só vez por um único trabalho”, confidenciou o enunciador 1. A informação é confirmada pelo acesso a múltiplos bens e serviços culturais, como carro (um); computador (dois); conexão de banda larga (internet); assinatura de TV a cabo; compras em *shopping center*; frequência a cinema, teatro, espetáculos/*shows*; e viagens (nos perfis mantidos pela família na rede social Facebook, há registros, por exemplo, de viagem aérea feita ao Nordeste, região natal do pai). Por outro lado, a casa não é própria, como já mencionado, a família não possui plano de saúde e o enunciador 1 cursa o quinto ano do Ensino Fundamental em escola pública. Em relação às atividades de lazer, demonstra grande interesse por jogos eletrônicos (o enunciador 1 chegou a descrever um *shopping center* como “lugar que tem *hot zone*”, na tentativa de fornecer uma explicação sobre esse tipo de empreendimento à enunciativa 1, a qual revelou não saber do que se tratava), sendo este o principal uso que faz da internet, além das redes sociais.

O primeiro contato do enunciador 1 com a obra *Harry Potter* se deu por meio dos *games* aos 8 anos, relação que, posteriormente, a propósito de pesquisa escolar, avançou para a leitura do segundo volume da série, *Harry Potter e a Câmara Secreta*, o qual divide o posto de primeiro contato com o mundo das letras com *O Ladrão de Raios*, da série *Percy Jackson e os Olimpianos*, obra igualmente enquadrada na categoria Ação/Aventura, gênero preferido do enunciador 1, além de histórias em quadrinhos. No caso da produção cinematográfica, seu conhecimento atinge até o terceiro dos oito filmes lançados da série *Harry Potter*. A baixa adesão à leitura aparentemente é influenciada por algumas deficiências apresentadas durante os encontros – “eu preciso usar o dedo o tempo todo para não me perder de uma linha para outra”, explicou – e contrasta com sua reflexão sobre a importância de ler – “para ter tudo na vida, é preciso ler e conhecer”, recomenda –, opinião sutilmente desmentida pela mãe, quando, no primeiro encontro, confirmou a preferência do filho por jogos eletrônicos e internet em detrimento dos livros. O acesso a estes se dá predominantemente por meio da biblioteca da escola, além de alguns exemplares recebidos como presente de uma parente da mãe que trabalha em livraria.

Enunciador 2: “São parecidos [adolescentes de Paraisópolis e os da obra *Harry*

Potter] porque enfrentam as mesmas dificuldades financeiras”⁶¹

Natural de Lima, no Peru, o enunciador 2 reside com a família, igualmente de origem peruana, na comunidade de Paraisópolis há cerca de quatro anos. Surpreendeu-nos sua facilidade de comunicação no idioma português, assim como a de sua mãe, presente ao primeiro contato que realizamos na sequência daquele feito com o enunciador 1. A mãe, empregada doméstica, relatou brevemente as dificuldades enfrentadas em sua terra natal, as quais motivaram a vinda ao Brasil em busca de melhores condições de vida. Estão prestes a conseguir o visto de permanência definitiva no país, ao que tudo indica uma conquista igualmente pretendida por outros familiares, que, com o tempo, acabaram seguindo os mesmos passos e hoje também residem na comunidade.

Com um sorriso insistente no rosto e uma estatura avantajada para a sua idade, 13 anos, o enunciador 2 mostrou-se muito interessado na proposta de integrar o grupo de pesquisados. Foi participativo durante a realização do já citado evento de *cosplay* (com atores caracterizados de personagens da obra *Harry Potter*) realizado na comunidade de Paraisópolis, demonstrando conhecimentos precoces sobre mídias audiovisuais. O seu comprometimento foi o tempo todo incentivado pela mãe, que também pareceu bastante interessada no progresso escolar e intelectual do filho. Em contatos posteriores, ambos insistiram para que checássemos a possibilidade do ingresso do enunciador 2 em um curso de inglês eventualmente oferecido pela Universidade de São Paulo. A preocupação com o futuro escolar também se evidenciou na prática, uma vez que as duas faltas registradas pelo enunciador 2 em nossos encontros foi motivada pela realização de provas exigidas para concorrer a uma bolsa de estudo em colégio da rede privada de ensino.

Os dados que seguem na composição deste perfil têm como fonte principal o questionário respondido pelo enunciador 2 (anexo XII) no quarto e último encontro, em razão das ausências já relatadas. O pai, marceneiro, e a mãe, empregada doméstica, ambos naturais do Peru e com o Ensino Fundamental completo, residem com os três filhos, duas meninas e o enunciador 2, em casa própria na comunidade de Paraisópolis. A renda familiar de até três salários mínimos não permite que a família tenha

⁶¹ Resposta do enunciador 2 à pergunta objetiva feita no terceiro encontro sobre semelhanças e diferenças entre as personagens da história contada em *Harry Potter* e os adolescentes moradores de Paraisópolis. Os textos escritos pelo enunciador 2 estão no anexo XI.

automóvel, plano de saúde nem realize viagens com a frequência desejada – o enunciador 2 referiu-se ao fator impeditivo como “o dinheiro” –, embora o acesso a outros bens de uma família de classe média estejam preservados, o que se comprova pelas atividades preferidas do enunciador 2: “cinema, internet, jogos, redes sociais e ouvir música”. Frequenta escola pública, onde cursa o sétimo ano do Ensino Fundamental.

Chamou-nos a atenção o fato de o enunciador 2 ter sido um dos únicos participantes da pesquisa a ter iniciado seu contato com a obra *Harry Potter* pelo suporte livro – que começou a ler “no escurinho do quarto, com lanterna, para que a mãe não brigasse pelo avançado da hora” –, quando tinha apenas 9 anos, idade relativamente baixa, considerando-se o público-alvo da obra. O exemplar foi comprado em livraria pela mãe – “no *shopping* Jardim Sul, na livraria Saraiva” – e, após esse contato, passou a se interessar pelos jogos e filmes da franquia – “mas ainda pretendo ler os dois últimos livros da coleção”, registra. O hábito de leitura aparenta estar difundido – “quando eu era pequeno já costumava ler” –, até mesmo no contexto familiar – “agora vamos começar a ler em família”. Lê livros com frequência, especialmente histórias de ação e aventura, citando, além de *Harry Potter*, heróis como Percy Jackson e Solução, respectivamente das coleções *Percy Jackson e os Olimpianos* e *Como Treinar o Seu Dragão*, que igualmente deram origem a franquias cinematográficas. A escrita também é uma atividade praticada – “quando estou com vontade, eu crio histórias” –, informando, como é natural, certa dificuldade com as palavras, tanto para ler quanto para escrever – “tem palavras que eu não entendo e vou procurar no dicionário”.

Enunciadora 1: “O Rony [personagem da obra, melhor amigo de Harry Potter] sofria muito porque ele não tem muito dinheiro pra comprar as coisas”⁶²

No caso da enunciadora 1, o trâmite adotado entre o convite para participação na pesquisa, via mediadores, e o aceite da pesquisada precisou ser abreviado em razão da sua condição de vulnerabilidade social. Sem residência e canais de comunicação conhecidos após o afastamento dos programas oferecidos pela ECE, fomos orientados a

⁶² Resposta da enunciadora 1 à pergunta objetiva feita no quarto encontro sobre discriminação e igualdade entre as pessoas. Os textos escritos pela enunciadora 1 estão no anexo XIII.

tentar encontrá-la durante o seu período de frequência a uma entidade de reforço escolar situada fora do “centro expandido de Paraisópolis” e, portanto, de difícil acesso, para o que necessitaríamos ser acompanhados por uma das educadoras da Estação, Maria Aparecida Borges. No dia e hora marcados, até então ainda à revelia da enunciadora 1, na tarde do dia 17 de outubro de 2014, rumamos em direção a esse encontro que representou, até certo ponto, um divisor de águas na terceira fase da pesquisa, no sentido de um contato mais profundo com a comunidade na sua condição de região periférica em que se concentram modalidades de exclusão social.

A Paraisópolis das estatísticas avantajadas, das múltiplas ONGs dedicadas ao desenvolvimento comunitário e da pujante estrutura comercial foi ficando para trás à medida que as ruas se transformavam em becos cada vez mais estreitos, nos quais o som de duas vozes eram constantemente interrompidos pelos solavancos provocados por ladeiras sem nenhum tipo de pavimentação. Os corredores mais estreitos que qualquer cidadela medieval preservada pareciam nos empurrar para dentro de lares com suas intimidades à mostra, mas cuja única intimidade partilhada de verdade eram as condições degradantes de um “não-lugar”. Os laços de afeto entre a educadora e a enunciadora 1 foram construídos ao longo da convivência proporcionada pelos programas da ECE, segundo contou a primeira, que confidenciou estar ansiosa por rever, após mais de um ano de distanciamento, a criança carente de abraços aos quais costumava retribuir sempre que possível. Filha de pais separados, conforme ficamos sabendo, com apenas 12 anos a enunciadora 1 é responsável por cuidar da irmã mais nova e por conduzir os seus próprios estudos – a decisão de procurar reforço escolar “é dela”, que não mede esforços para atravessar a região de risco onde reside atualmente para chegar até o modesto galpão de mesas e carteiras com o qual nos deparamos após quase 40 minutos de caminhada.

A educadora repetiu o abraço fervoroso guardado na memória, espantando-se com a sensação do corpo mais desenvolvido da enunciadora 1, já emoldurado por formas femininas. Enquanto apaziguava-se com os murmúrios de uma voz tão conhecida – “Você era tão frágil e carente, dava vontade de te pegar no colo e ficar abraçadinha com você!” –, a enunciadora 1 sustentou o tempo todo o olhar do adulto intruso e ouviu atentamente a proposta que nos levara até ali. Surpreendeu-nos um sintomático ar de independência, que ao longo do trabalho resultaria em um notável nível de comprometimento – registrou frequência de 100% nos quatro encontros, a

despeito de todas as dificuldades de comunicação (a enunciadora 1 não tinha telefone fixo, celular nem conexão de banda larga para acesso à internet) e do desinteresse familiar evidenciado em um dos telefonemas dados à casa da avó materna para confirmação do terceiro encontro, entrecortado por comentário feito em tom ligeiramente hostil quanto ao número excessivo de reuniões. Sem titubeios, aceitou prontamente participar da pesquisa e também do evento de *cosplay* oferecido à comunidade marcado para o dia seguinte, ao qual acabou não comparecendo sob a justificativa de ter ido fazer uma visita ao pai.

De forma geral, a participação da enunciadora 1 na pesquisa exigiu de nossa parte um esforço redobrado. Não apenas em relação à evidente dificuldade de estabelecer contato – semanalmente, confirmávamos o agendamento dos encontros por meio do celular de uma das cozinheiras da entidade de reforço escolar e também de recados deixados, por telefone, na casa da avó materna –, como também, e sobretudo, em função de sua condição de maior vulnerabilidade em comparação aos demais leitores. Sobre esse aspecto, ressaltamos a perda da moradia e de toda a infraestrutura residencial em consequência de um incêndio cuja causa a enunciadora 1 não soube precisar, fazendo que a família tivesse de se mudar às pressas na tentativa de reconstruir a vida com a ajuda de parentes e vizinhos.

Os dados que seguem na composição deste perfil têm como fonte principal o questionário respondido pela enunciadora 1 (anexo XIV), aplicado durante o terceiro encontro. A família é natural de Vitória da Conquista, na Bahia, tendo seguido a mesma rota de milhares de migrantes nordestinos em busca de melhores oportunidades de vida e que fixaram residência em Paraisópolis. A enunciadora 1 participou desse movimento com apenas 1 ano e, desde então, reside na comunidade. Ao referir-se à moradia e aos bens de familiares, mencionou a posse de dois automóveis, um do pai (separado da mãe) e outro da madrasta. A renda do pai, que trabalha em uma mercearia, é de cerca de 2.000 reais, tendo estudado até a sétima série do Ensino Fundamental; a mãe, por sua vez, com quem a enunciadora 1 reside, cursou até a quarta série, trabalha como faxineira e percebe uma renda mensal de apenas 870 reais. A casa referida no questionário é alugada (não conseguimos identificar se a informação se refere a antes ou depois do incêndio) e possui mais de três cômodos. Não possui plano de saúde nem conexão de banda larga para acesso à internet, do que sente muita falta, porque afirma gostar de jogos virtuais (*Habbo*) e redes sociais (Facebook) – constatamos a

existência de uma conta da enunciadora 1 na referida rede social, porém o seu último acesso datava de agosto de 2014. Contraditoriamente, a enunciadora 1 assiste à programação da TV a cabo, citando como preferidas as animações *Monster High*, *Barbie*, *Futurama* e *Hora da Aventura*. Nunca foi ao cinema – gostaria de assistir ao filme de terror *Anabelle*, mas a mãe não tem dinheiro para levá-la – nem a nenhum *shopping center* da cidade, revelando desconhecer até mesmo o significado dessa expressão.

O primeiro contato com a obra *Harry Potter* foi extremamente precoce, aos 7 anos, quando assistiu ao primeiro filme da série (*A Pedra Filosofal*) na casa de uma prima, então com 13 anos. A mesma parente teria lido trechos do livro que corresponde ao referido filme. Posteriormente, entre 9 e 10 anos, a enunciadora 1 interessou-se em ler o segundo volume da coleção, intitulado *A Câmara Secreta*, ao qual teve acesso na biblioteca da escola. A família não possui livros e tampouco o hábito de ler, mas a enunciadora 1 relata interesse pela atividade – já leu também *O Ladrão de Raios*, da coleção *Percy Jackson e os Olimpianos*, e gostaria de avançar nos títulos da série *Harry Potter*. Considera não ter dificuldade para ler, contudo a defasagem em relação aos demais participantes da pesquisa ficou evidente nas atividades de leitura promovidas no grupo de discussão A. Quanto a escrever, é taxativa: “não gosta” – em nossas observações, notamos uma espécie de encabulamento por parte da enunciadora 1 sempre que solicitada a escrever um texto ou falar sobre a sua recusa, como se sentisse vergonha ou culpa por não dominar essa habilidade.

Enunciadora 2: “A vida familiar deles [dos personagens da obra *Harry Potter*] se parecem muito com a nossa porque tem muitas famílias que enfrentam o problema da falta de dinheiro, como a família dos Weasley”⁶³

Já na reta final do trabalho de seleção dos participantes da pesquisa, enfrentamos problemas de ordem operacional, como a não localização e a recusa explícita de um dos leitores, o que nos fez mobilizar esforços com a ajuda da ECE, e assim chegamos até a enunciadora 2. Ela nos veio recomendada com base no interesse declarado pela série *Harry Potter* e no elevado grau de conhecimento do tema, este

⁶³ Resposta da enunciadora 2 à pergunta objetiva feita no terceiro encontro sobre semelhanças e diferenças entre as personagens da história contada em *Harry Potter* e os adolescentes moradores de Paraisópolis. Os textos escritos pela enunciadora 2 estão no anexo XV.

oriundo não dos livros, que chegou apenas a “folhear”, mas dos filmes, aos quais relatou aos educadores assistir com frequência. A informação chamou nossa atenção e, igualmente no dia 17 de outubro de 2014, estabelecemos contato presencial com a enunciadora 2 para propor a sua participação na pesquisa, aproveitando o intervalo de aula de um dos programas que frequenta na ECE.

Deparamo-nos com uma menina bastante desenvolvida para a sua idade, em termos físicos e comportamentais, e cujo aceite para participação na pesquisa veio acompanhado de um discreto lamento por não poder integrar o grupo dos “leitores maiores”, de 14 a 19 anos. Esse “*gap* geracional” veio à tona em diversos momentos dos encontros realizados, com a enunciadora 2 utilizando um tom quase “professoral” para discordar e até repreender condutas e observações infantis ou “pouco apropriadas” dos outros colegas. Dotada de senso de humor e astúcia incomuns aos demais leitores contatados, quis saber sobre os objetivos da pesquisa, e, provavelmente impulsionada pela suposição de que os encontros se dariam em torno de uma espécie de “sabatina” sobre conhecimentos gerais da obra *Harry Potter*, fez questão de declarar seu baixo interesse pela leitura, o que, não obstante, não diminuía em nada o seu “potencial”, pois sabia todos os detalhes da história por intermédio da filmografia, que de uma forma inusitada (posteriormente, deparamo-nos com o dado de que a enunciadora 2 tem o hábito de assistir diariamente a pelo menos um dos filmes da franquia, mas até então não tínhamos conhecimento desse ritual) “fazia parte da sua vida”.

Os dados que seguem na composição deste perfil têm como fonte principal o questionário respondido pela enunciadora 2 (anexo XVI) no quarto e último encontro, em razão da sua ausência no anterior, motivada por consulta médica, conforme justificou. Com ascendência italiana por parte de mãe (avó materna), a enunciadora 2 reside em Paraisópolis desde os 3 anos. Nessa época, a família (pai e mãe) passou a morar na casa da avó paterna, que se estabeleceu na comunidade há pelo menos 50 anos. A residência é própria e tem mais de três cômodos. A renda do pai, que é separado da mãe e trabalha em um restaurante (ambos não chegaram a concluir o Ensino Fundamental), não ultrapassa os três salários mínimos. Não obstante, possuem acesso a bens e serviços como carro (um), plano de saúde, internet e TV a cabo. O pai herdou de seu genitor (segundo a enunciadora 2, o avô falecido era escritor e artista plástico amador e suas obras são guardadas pelo pai, que, até o momento, não lhe deu permissão para tomar conhecimento delas em razão da sua pouca idade) o apreço pela leitura,

chegando a ler quatro jornais por dia. A enunciadora 2 cursa o sétimo ano do Ensino Fundamental em escola pública e, entre suas atividades preferidas de lazer, estão, além do hábito de assistir aos filmes de *Harry Potter*, já mencionado, a pesquisa em *blogs* da internet sobre a personagem-título e a biografia do ator que estrelou a filmografia da obra, Daniel Radcliffe (sobrenome de origem anglo-saxã que ela consegue grafar com precisão) e o uso de redes sociais. Demonstra uma grande demanda por emancipação ao referir o desejo de frequentar festas, algo que o pai ainda não permite. Não obstante, conforme apuramos na entrevista em profundidade realizada com a enunciadora 2, com apenas 11 anos ela chegou a participar de um racha após sair de uma boate com a irmã, igualmente menor de idade, e outras pessoas, o que resultou na ocorrência de grave acidente.

Sua relação com a obra *Harry Potter* se dá até hoje basicamente pelos filmes, os quais começou a assistir aos 8 anos, após o aluguel em uma videolocadora. A única exceção é em relação ao livro *Almanaque de Harry Potter e Outros Bruxos*, cujo exemplar chegou a trazer para nosso conhecimento, com informações sintéticas e curiosidades a respeito da obra como um todo (aparentemente, existe uma maior adaptação da enunciadora 2 ao estilo de linguagem interativo e pouco aprofundado do universo virtual). Não obstante reconhece a importância da leitura e, de forma curiosa, a considera uma ferramenta importante para o entendimento dos filmes (é provável que se refira à leitura das legendas dos filmes assistidos, cujos gêneros preferidos são as histórias de terror e bruxaria de forma geral). Por outro lado, o hábito de escrever aparenta estar bastante desenvolvido; entre os participantes do grupo de discussão A, seus textos e respostas sempre foram, de fato, os mais extensos (conferir anexos). A enunciadora 2 também referiu escrever pequenos contos baseados nas suas histórias favoritas, o que, em geral, tem relação direta ou indireta com a obra *Harry Potter*. Tivemos acesso a uma espécie de *fanfic* criada pela enunciadora 2 (anexo XVII), um texto não concluído, cuja escrita foi interrompida há cerca de um ano. Nele, a enunciadora 2 narra a história de uma adolescente órfã, criada pelos tios, assim como ocorre com a personagem Harry Potter, e, ao que tudo indica, com uma trama igualmente relacionada ao universo mágico ou fantástico. Há, ainda, menção aos nomes Rowling e Warner (na trama, os melhores amigos da protagonista), segundo ela uma alusão à autora de sua obra preferida, J. K. Rowling, e à empresa detentora dos direitos da marca, Warner Bros.

2.1.1. Primeiro encontro

Participantes: enunciador 1, enunciador 2, enunciadora 1, enunciadora 2
(25/10/2014, 14h às 15h30).

“[...] tem gente que estuda em escola boa e tem um ensino melhor, mas tem gente que não tem dinheiro nem material direito... Um menino da minha sala fica pedindo todos os dias pra professora um lápis.” (enunciador 1)

Fig. 9 – Imagens do primeiro encontro com o grupo A. Fonte: Acervo do pesquisador.

9.1

9.2

9.3

9.4

O primeiro encontro do grupo A foi marcado pelas apresentações do moderador (pesquisador) e dos participantes, todos sentados em círculo. Os participantes foram estimulados pelo moderador a relatar a sua experiência pessoal com a obra *Harry Potter*, conforme informamos anteriormente nos perfis descritos. Nesse início, a enunciadora 1 afirmou que se sentia inibida com os olhares dos outros integrantes do grupo, dando sinais não verbais de retração; não obstante, pouco a pouco ganhou confiança e passou a contribuir para o debate com impressões e observações cada vez mais concretas e próximas do que poderia ser a sua realidade, não obstante sempre atribuída a terceiros.

Realizamos (em voz alta) a leitura coletiva – estratégia definida previamente, com ajuda da orientadora, visando observar o domínio das habilidades referentes à atividade de leitura e favorecer o envolvimento e a interação dos participantes – de um trecho selecionado do volume dois (anexo XVIII), *Harry Potter e a Câmara Secreta*, correspondente à temática “dificuldades financeiras”, conforme tabela 1, inserida anteriormente. Tendo como referência o tópico guia elaborado (anexo XIX), o moderador propôs em um primeiro momento uma interpretação livre do texto lido, coletando da enunciadora 2 um ponto de vista, compartilhado pelos demais integrantes do grupo, convergente com o enfoque pretendido pela investigação. Na atividade de leitura, ficou evidente o *déficit* em relação a essa competência apresentado pela enunciadora 1, precisamente o perfil identificado como representativo de maior vulnerabilidade social; na dinâmica proposta (utilizamos o contexto da obra – a posse de moedas de ouro pela personagem Harry Potter, representadas por moedas de chocolate com embalagem dourada e dispostas dentro de um baú – para estimular cada participante a revelar seus próprios valores e percepções sobre condições socioeconômicas limitantes), o espectro de opiniões mostrou-se bastante homogêneo, sugerindo representações de um meio social específico não propriamente relacionadas a experiências individuais. Uma exceção foi a introdução inesperada por parte da enunciadora 2 do tema “gravidez precoce”, indicando uma tendência que se confirmaria no decorrer da investigação com o grupo A de desdobramento dos assuntos tratados em novos eixos temáticos refletidos criticamente pelos participantes.

Evidências empíricas obtidas e selecionadas para análise com base na transcrição de gravação de áudio⁶⁴

– *O que chamou mais a atenção de vocês nesse texto que acabamos de ler?*

Enunciadora 2: – A preocupação da família Weasley [à qual pertence a personagem Rony Weasley, melhor amigo de Harry Potter] em comprar o material escolar... O pai trabalha no Ministério da Magia, mas mesmo assim não ganha muito dinheiro... Chama a atenção, porque os filhos geralmente não ligam muito pra essas coisas, mas o texto mostra que eles tão preocupados, porque têm que comprar material escolar pra vários irmãos.

– *Todo mundo concorda?*

Enunciadora 1: – Eles têm pouco dinheiro e a mãe não trabalha.

Enunciadora 2: – É só o pai pra sustentar a família, então, aí, fica difícil, porque ele também não ganha tanta coisa.

Enunciador 1: – É uma lista gigante. No filme mostra quanta coisa eles precisa levar e não têm dinheiro pra comprar isso tudo de material.

Enunciadora 2: – Ainda mais que são vários irmãos. Se fosse só um filho, aí o pai conseguiria sustentar todos, mas são vários.

– *Nós estamos falando sobre uma situação, dificuldade financeira, que só acontece nos livros do Harry Potter ou isso também acontece na vida das pessoas?*

Enunciador 2: – Acontece no dia a dia. Algumas pessoas que eu conheço na minha escola não consegue comprar o material escolar. Aí, o governo dá.

Enunciador 1: – Sim, acontece na vida... “Tipo”, tem gente que estuda em escola boa e tem um ensino melhor, mas tem gente que não tem dinheiro nem material direito... Um menino da minha sala fica pedindo todos os dias pra professora um lápis. Ele só tem caderno, que é dado pela escola, se não nem isso ele tinha. Ele pede lápis, borracha e, quando a professora esquece ou não tem, ele não faz nada.

Enunciadora 1: – Eu estudo no CEU e lá eles dá materiais, porque muitos não têm como comprar, que nem uma menina que fica pedindo material todos os dias pra todo mundo. A mãe não compra e, quando ela pede, apanha. O pai separou da mãe e dá dinheiro, só que ela gasta tudo com bebida.

Enunciadora 2: – Eu tenho uma amiga que tem cinco irmãs e na hora de ir pra escola é sempre uma correria, porque elas dividem tudo, até a mochila. Quando uma chega, tira todo o material de dentro da mochila e entrega pra outra poder colocar o dela. Se uma das irmãs ganha caderno na escola, tem que dividir com as outras que não ganharam.

⁶⁴ Privilegiamos a seleção de trechos de maior inteligibilidade, procurando preservar a fala dos sujeitos da pesquisa na íntegra, sem a correção de erros cometidos em relação à norma culta da Língua Portuguesa.

– *Vocês conhecem muitas pessoas nessa situação?*

Enunciadora 1: – Metade da minha sala.

– *E como eles resolvem isso?*

Enunciadora 1: Eles pede emprestado. Quando a diretora empresta, ela fala assim: “Devolve, que amanhã você pega emprestado de novo”.

– *Alguém aqui também já teve esse tipo de dificuldade?* [Interpelamos diretamente todos os participantes e a resposta foi negativa]

Enunciadora 1: – Meu pai compra pra mim.

Enunciadora 2: – Sempre que eu preciso de alguma coisa, peço pra minha mãe ou meu pai mesmo me dá, porque ele odeia que eu peça coisas pra minha mãe [os pais são separados]. Como minhas irmãs já trabalham e não estudam mais, uma delas já tem até filho, acaba que meu pai só sustenta eu, então acho que é mais fácil pra ele, normal.

– *Quando a família não tem dinheiro, como na história, o que pode ser feito? Vamos supor que vocês fossem da família Weasley, a dos ruivinhos...*

Enunciador 1: – Eles têm que gastar um pouco com as coisa da casa e economizar pra, quando começar o ano, ter dinheiro guardado pra comprar o material da escola.

Enunciadora 2: – No caso, eles já sabem disso [que não vão ter dinheiro], por isso os materiais dos irmãos mais velhos são aproveitados pelos mais novos. Tudo o que era do Rony [personagem] passa pra irmã dele, a Gina [personagem]. As varinhas eles precisam comprar uma pra cada um, aí acabam passando um aperto maior.

Enunciadora 1: – As minhas primas estuda lá na escola, na mesma sala. Elas são gêmeas, as três. E a mãe delas tem mais três filhos, aí não tem como comprar material. E como eu tinha vários livros da quinta série, eu dei pra elas.

– *Vocês acham que a dificuldade existe só para manter a escola? Em que mais, além da escola, a falta de dinheiro pode atrapalhar?*

Enunciadora 1: – Em casa, pra comprar comida, levar lanche...

– *Dá um exemplo...*

Enunciadora 1: – Lá na escola tem um menino que, “tipo”, tem vez que ele vai sem comer pra escola. Fica no fundo da sala e dá pra ouvir a barriga dele roncando. Aí, só quando chega o recreio é que ele come.

Enunciadora 2: – Aqui mesmo na Estação, a gente conversa sobre isso, porque tem uns colegas que passam necessidade e não é vergonha nenhuma. É coisas da vida, não é? E a gente não tem culpa disso.

– *Vocês acham que é culpa do quê? Por que isso acontece?*

Enunciadora 2: – Hoje em dia, tudo é questão de estudo... Sabendo mais, você tem mais... Hoje em dia, uma pessoa que não tem estudo, ela não tem um futuro promissor.

Enunciadora 1: – Lá na escola uma menina roubou pra comer. Ela contou pra todo mundo, aí a professora que ajuda ela ficou conversando...

– *O que ela contou ?*

Enunciadora 1: – Um homem viu e perguntou assim: “Por que você roubou?”. Ela disse que era pra comer, aí ele foi no mercado, comprou uma cesta básica e deu pra ela levar pra casa. A mãe ia bater nela, mas o homem explicou o que aconteceu e ela não apanhou.

Enunciador 2: – É... Às vezes eu fico sabendo de pessoas que não têm onde morar e ficam na rua...

– *E por que você acha que isso acontece?*

Enunciador 2: – Como ela [enunciadora 2] falou, por falta de estudo no passado.

– *Por que vocês acham que o Harry Potter fica sem jeito diante dos amigos que enfrentam dificuldades financeiras? Ter mais dinheiro que o outro colega é errado?*

Enunciadora 2: – Ah, na minha visão o Harry ficou sem jeito porque ele sabe que tem dinheiro, mas não sabe como se colocar.... Ele pensa: “Poxa, eu tenho um montão de dinheiro lá no meu banco e eles aqui passando necessidade! O que custa eu ajudar?”. Mas ele fica sem jeito de dizer: “Oh, eu tenho dinheiro, até porque se a pessoa for orgulhosa, ela pode não aceitar a ajuda. Tem uma cena no filme *A Pedra Filosofal*... No trem, o Rony diz que trouxe sanduíche de casa, só porque não tem dinheiro pra comprar os doces, então o Harry percebe e compra tudo pra dividir com o amigo... Uma atitude bem colaborativa.

Enunciador 1: – Ele [Harry Potter] vê que o Rony passa dificuldade, enquanto ele tem dinheiro e pode comprar tudo...

Enunciador 2: – O Harry tá certo, porque ele tem muito dinheiro e vê que os outros passam muita dificuldade, mas as pessoas não aceitam ajuda, por vergonha ou orgulho.

Enunciadora 1: – Ele [Harry Potter] pensava que os outros ia ficar ofendido e ia falar “tipo assim”: “Ah, a gente não tem dinheiro e ele pensa que a gente é pobre!”.

– *E você acha que tem motivo para a pessoa ficar ofendida?*

Enunciadora 1: – Tem.

– *Por quê?*

Enunciadora 1: – Que nem uma menina da minha classe, a gente pergunta se ela

precisa de roupa, essas coisa... Ela fica ofendida, pede pra ir no banheiro e começa a chorar muito.

Dinâmica proposta ao grupo: segurar nas mãos o baú que contém parte da fortuna de Harry Potter (moedas de chocolate com embalagem dourada, em alusão à fortuna herdada pela personagem) e dizer o que pretende fazer com esse recurso, à luz do que foi debatido.

Enunciadora 1: – Pegava uma parte do dinheiro pra comprar o meu material, depois eu ajudava os meus amigos comprar o deles e colocava o que sobrou no banco de novo pra quando eu crescer.

– *Por que é importante guardar dinheiro?*

Enunciadora 1: – Pra viver. Ter dinheiro pra comprar comida, comprar uma casa, um carro, pagar a faculdade.

– *Você espera isso do seu futuro?*

Enunciadora 1: – Espero.

– *Se você pudesse guardar dinheiro para uma coisa apenas, o que viria primeiro?*

Enunciadora 1: – Ah, “tipo”, se tivesse os filhos, aí eu usaria o dinheiro pra comprar berço, essas coisa... E também pra faculdade. [Conforme mencionamos anteriormente, de acordo com os mediadores locais, apesar de ter apenas 12 anos, a enunciadora 1 já se encarrega de cuidar da irmã menor e dos próprios estudos]

– *Quando a gente estuda, consegue melhorar de vida? É isso?*

Enunciadora 1: – Sim.

Enunciador 1: – Se eu pegasse esse dinheiro, ajudava gente que eu via que não podia comprar os materiais, pegava um pouco pra mim e o resto eu guardava pra, no futuro, eu estudar numa faculdade boa.

– *O que é uma faculdade boa?*

Enunciador 1: – Uma faculdade que o ensino dela seja melhor, bem avançado.

– *Isso é o mais importante para o seu futuro?*

Enunciador 1: – Não...

– *Então, o que é mais importante?*

Enunciador 1: – “Tipo”, eu ter os filhos e, aí, se eles pedem alguma coisa, eu dou pra eles.

Enunciador 2: – Primeiro, eu compraria o que eu preciso, os meus materiais, e daria

um pouco de dinheiro pra toda a família comprar, porque eles passam muita necessidade. Depois, eu guardaria pro meu futuro, que é estudar numa faculdade, e dar pros meus filhos um estudo bom.

– *O estudo também é muito importante para você? Por quê?*

Enunciador 2: – É... Pra me formar, ter uma boa profissão, ter uma boa vida...

Enunciadora 2: – Como todos eles falaram, eu faria a mesma coisa... Gastaria primeiro no que eu achasse necessário e guardaria uma parte, caso eu precisasse, uma emergência, por exemplo. Vamos supor, meu futuro tá feito e eu decidi ter um filho, por exemplo...

– *Você pensa sobre isso?*

Enunciadora 2: – Na verdade, não, mas a gente nunca decide, não é? Vai que acontece um imprevisto. Por mim, eu não teria filhos.

– *Por que não teria? Não está preparada?*

Enunciadora 2: – Nem agora, nem no futuro. Eu sempre quis ser independente, nunca ter um obstáculo. Por exemplo, agora tá dando epidemia de gravidez na juventude...

De fato, a gravidez precoce é apontada pelo Ministério da Saúde como um dos principais problemas de saúde pública da atualidade no Brasil. De acordo com dados do IBGE, no início dos anos 2000, em cada grupo de 1.000 mulheres adolescentes, de 15 a 19 anos, 80 já tinham um filho; em 2011, esse número subiu para 90. Separando os dados por faixa de renda econômica, a fecundidade na adolescência nas classes mais pobres revela-se aproximadamente dez vezes maior, (128 por 1.000 mulheres), em comparação às classes mais elevadas (13 por 1.000 mulheres)⁶⁵. Segundo o censo de 2010 (IBGE), 45 milhões de brasileiros são adolescentes, indivíduos de 10 a 19 anos, o que corresponde a cerca de 23% da população⁶⁶.

– *Você vê muitos casos de meninas que engravidam?*

Enunciadora 2: – Sim, a minha irmã teve um filho com 15 anos.

– *E você não gostaria de passar por isso...*

Enunciadora 2: – A não ser que, lá na frente, eu decida, mude o meu jeito de pensar, mas só depois de ter uma casa, um trabalho e um marido, é claro. Aí, eu pensaria seriamente sobre ter um filho, mas antes disso não.

Por último, solicitou-se aos participantes que redigissem em casa um texto sobre o que

⁶⁵ Disponível em: <

http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_mulher_principios_diretrizes.pdf>. Acesso em 10 jul. 2015.

⁶⁶ Disponível em:< <http://7a12.ibge.gov.br/vamos-conhecer-o-brasil/nosso-povo/caracteristicas-da-populacao>>. Acesso em 10 jul. 2015.

foi debatido e trouxessem na reunião seguinte (material consta nos anexos IX e XV). O intuito foi estimular a produção de conteúdo próprio por parte dos sujeitos da pesquisa com base em suas apropriações e reflexões.

2.1.2. Segundo encontro

Participantes: enunciadador 1, enunciadora 1, enunciadora 2 (1º/11/2014, 14h às 15h30).

“Uma escola que não ensina o que o aluno precisa saber, não é uma boa escola... É uma ‘Febem’, você faz o que quer.” (enunciadora 2)

“Elas falavam: ‘O que que você tá fazendo aqui, sua bolsista qualquer?’”.

Aí, eu respondia assim: ‘Qualquer nada, porque eu tenho mais caráter e mais educação que vocês. Vocês se acham melhor que todo mundo aí só porque têm dinheiro! Dá licença que eu tô passando, queridas.’” (enunciadora 2)

Fig. 10 – Imagens do segundo encontro com o grupo A. Fonte: Acervo do pesquisador.

10.1

10.2

10.3

10.4

10.5

10.6

10.7

O segundo encontro do grupo A foi realizado sem a presença do enunciador 2 (por meio de SMS, informou ter um compromisso que não podia ser desmarcado). Houve maior desprendimento dos demais participantes, com o surgimento de alguns focos de discussão e discordância entre opiniões dadas e até a interpelação direta e amistosa do pesquisador sobre o propósito do trabalho em andamento.

Realizamos (em voz alta) a leitura coletiva de dois trechos selecionados, respectivamente dos volumes um e dois (anexo XX), *Harry Potter e a Pedra Filosofal* e *Harry Potter e a Câmara Secreta*, correspondentes à temática “relação com a escola”, conforme tabela 1, inserida anteriormente. Tendo como referência o tópico guia elaborado (anexo XXI), recorremos a frases significativas dos trechos lidos para estimular a reflexão por parte dos participantes, trazendo à tona uma compreensão compartilhada da realidade escolar que a coloca sob suspeição, tanto do ponto de vista das diretrizes curriculares quanto do papel dos educadores.

O termo “Febem” (instituição voltada ao atendimento de adolescentes que cumprem medidas socioeducativas, substituída pela Fundação Casa), utilizado espontaneamente pela enunciadora 2 para referir-se ao ambiente escolar, dá a medida da percepção da escola pública não apenas como a “escola dos pobres”, conforme Bourdieu et al. (2012), mas sobretudo como uma espécie de “abrigo” de párias da sociedade, em que a violência parece ser a única linguagem possível, com situações de indisciplina e agressão envolvendo alunos e educadores vivenciadas pelos três participantes. A escola também se converteria em espaço privilegiado da luta de classes, como no caso do conflito declarado entre bolsistas e não bolsistas, relatado com precisão de detalhes pela enunciadora 2, que já foi estudante de escola particular.

Exibimos uma das cenas do primeiro filme, disponível no YouTube, que retrata o contexto escolar, na qual os novos alunos são designados às suas respectivas classes, e, como dinâmica de grupo, utilizamos uma réplica do artefato conhecido como “Chapéu Seletor” (responsável, na trama de *Harry Potter*, por designar a turma mais adequada para cada aluno), visando estimular os participantes a aprofundarem suas próprias reflexões sobre o tema. O conhecimento da obra, ainda que por meio da franquia cinematográfica e não pelos livros, bem como a maturidade reflexiva e a criatividade da enunciadora 2 mostraram-se acima da média; por exemplo, ao propor uma espécie de “plano de aula bem-sucedida para o professor atual” e também ao improvisar a fala da referida personagem (Chapéu Seletor) para expor o seu próprio ponto de vista. A não entrega do texto solicitado com impressões sobre o primeiro encontro fortaleceu em nós a percepção de que o *déficit* de alfabetização da enunciadora 1 poderia estender-se também à competência da escrita, o que seria confirmado no encontro seguinte pela sua postura de recusa veemente diante da proposição de realização desse tipo de atividade na presença do moderador.

Evidências empíricas obtidas e selecionadas para análise com base na transcrição de gravação de áudio

– *A letra da música que está no trecho da obra Harry Potter diz: “Ensine o que vale a pena”. O que vocês acham que é importante uma escola ensinar?*

Enunciadora 2: – Aquilo que o aluno tem mais necessidade. Se o professor percebe que o aluno tem uma dificuldade em uma matéria, ele tem que ter um cuidado com esse aluno, pra que ele possa entender, e explicar melhor a matéria.

– *E se o professor ou a escola não fizerem isso, o que acontece?* [A estratégia foi, o tempo todo, concentrar a discussão na realidade dos participantes, procurando fazer que dessem exemplos concretos e, se possível, próprios]

Enunciadora 2: – Uma escola que não ensina o que o aluno precisa saber não é uma boa escola... É uma ‘Febem’, você faz o que quer.

– *Por que você comparou a “uma Febem”?*

Enunciadora 2: – Porque você vai pra lá e faz o que você quer... Fica só xingando, brincando... Você não faz nada.

– *Você conhece alguém que passou pela Febem?*

Enunciadora 2: – Tem um amigo meu que é aqui do Einstein mesmo e já teve na Febem. Nós chegamos a estudar o ECA juntos [referência ao Estatuto da Criança e do Adolescente]. Ele ficou acompanhado o tempo inteiro e, agora, “já era”, a ficha criminal acabou.

– *E a escola que não ensina fica igual à Febem, na sua visão?*

Enunciadora 2: – Acho que o aluno começa a não querer saber, a fazer só o que quer, porque acha que é o dono. “Assim”: “Ah, eu sou o dono da ‘parada’, eu sempre faço o que quero”. Mas não deve ser assim. Se você vai pra escola, é pra aprender; se você não quer aprender, fica em casa dormindo, que é melhor.

Enunciador 1: – “Tipo”, aqui no Brasil, as crianças não é presa, mas comete coisas graves. Aí, eu tava assistindo lá o *Harry Potter* um dia, entrou o comercial e eu comecei a mudar de canal. Aí, parei num que se chama ID [canal da TV a cabo] e tinha uns quatro, cinco jovens numa cadeia nos Estados Unidos... Os policiais e os presos xingava eles e falava: “Você não era machão? Agora tá com medo!”.

– *Você acha que na Febem, agora Fundação Casa, é assim também?*

Enunciador 1: – É, tem coisa até pior.

– *Mas é um lugar muito diferente de uma escola, não?*

Enunciador 1: – Põe diferente nisso.

– *Em que sentido?*

Enunciador 1: – A escola é mais segura, “tipo”, você aprende pra ter um emprego lá na frente...

– *Isso é interessante. Na semana passada, todos vocês disseram que guardariam dinheiro para o futuro, para estudar e ter uma profissão... É isso que vale a pena a escola ensinar? Ensinar a pessoa a ter uma profissão?*

Enunciador 1: – É, porque, “tipo”, se você não tem uma profissão, você vai ser o quê, morador de rua? Agora não é fácil, só se você for pintor, essas coisas...

– *Então, quer dizer, a escola tem que ensinar a pessoa a ser alguém lá na frente, é isso?*

Enunciador 1: – É, porque, “tipo”, tem um menino lá na escola que não faz nada, só fica mexendo no celular. Aí, a professora fala: “Você não vai ser nada na vida, você não estuda! Você vai ser o quê?”. Ele chegou na professora e falou assim: “Vou ser traficante. Vou roubar um banco, aí eu vou ser milionário! Ela falou: “Vai, vai muito, depois de uns dez dias vai ser milionário na cadeia”.

– *Esse menino tem a sua idade? Você conhece bem a história dele?*

Enunciador 1: – Tem, ele é da minha sala, entrou no ano passado. Uma vez, lá na quadra, “tipo”, nós tava jogando bola... Ele veio tentar me agredir, pegou na minha perna e foi me dar uma rasteira. Aí, eu peguei, já dei uma nas costas dele, e ele ficou repetindo: “Vou te matar, vou te matar!”. Eu peguei a barra de ferro e ‘zum’ nas pernas dele.

– *Durante a aula? O que o professor fez?*

Enunciador 1: – Foi na aula de Educação Física. Ele veio me bater; eu tava quieto. A professora só tentou segurar ele...

– *Isso acontece com frequência?*

Enunciador 1: Sim, ele é muito folgado! Teve um dia que ganhou a corrida e falou: “Ganhei, professora! Chupa!”. Desse jeito...

– *Vamos voltar a falar sobre o papel da escola. O que mais ela deve ensinar?*

Enunciadora 1: – Tudo.

– *O quê, exatamente?*

Enunciadora 1: – Menos educação, que educação a gente tem em casa.

Enunciadora 2: – Não é só dentro de casa. E também depende muito do exemplo que a

gente tem em casa...

– *Educação no sentido de bons modos?*

Enunciadora 1: – É. Que nem uma amiga minha, na antiga escola... Ela brigava tanto, tanto, que foi expulsa. Uma vez, ela deu uma “bicuda” no inspetor e quebrou a sala da diretoria, aí...

Enunciadora 2: – Fala com respiro, não dá pra entender nada...

Enunciadora 1: – Ela quebrou tudo e ficou quinze dias de suspensão. Depois, no dia que voltou, destruiu outra coisa, aí o inspetor segurou ela com toda a força. Ela gritou “Eu te odeio!” e ele disse que ia bater nela. “Vem se você for homem!”, ela falou. Depois, o inspetor falou que ela era uma criança e ele não bate em criança.

– *Mas ele é bem rígido...*

Enunciadora 1: – Ele é brincalhão, só que quando a pessoa não respeita ele, ele também não respeita a pessoa.

– *Essa amiga tem a sua idade?*

Enunciadora 1: – Não, ela tem 14.

– *E você ficou assustada?*

Enunciadora 1: – Não, na hora eu achei engraçado, porque eu sei que ela faz isso. Desde a quinta série ela aprontava. Ela até já foi pra Febem, porque roubou duas vezes...

– *Vocês presenciam muita violência dentro da escola...*

Enunciador 1: – Vixi! Sabe aquele menino folgado? No dia que eu faltei, ele empurrou a professora da escada e ela quebrou os dentes. Aí, ele foi suspenso e ficou quatro meses em casa.

– *Voltando ao que a escola deve ensinar, quando se diz que a escola deve ensinar “tudo”, quer dizer que tem muita coisa para aprender, é isso?*

Enunciadora 1: – Claro, por exemplo, como é que chega na faculdade e não sabe ler, não sabe escrever... “Tipo”, no trabalho é lógico que sempre é preciso assinar alguma coisa, então como faz se a pessoa não sabe escrever?

– *Você já viu isso acontecer?*

Enunciadora 1: – Quando eu era pequeninha, minha avó trabalhava, mas ela não sabe escrever, então ela só coloca o dedo.

Enunciadora 2: – Eu acho que não dá pra escola ensinar tudo, mas o que dá pra gente aprender, porque a gente nunca aprende tudo. Todo dia a gente aprende um pouco, não é?

– *Você quer dizer na escola ou na vida?*

Enunciadora 2: – Na vida. A cada dia a gente aprende uma coisa nova ou revive o que já sabe, e é assim...

Nesse momento, a enunciadora 2 interpelou diretamente o enunciador 1 sobre a briga durante a aula de Educação Física relatada por ele.

Enunciadora 2: – Você falou que bateu em outro menino e achou isso legal, mas não é legal. Violência gera violência, você sabia? Porque na hora que ele te bateu, a primeira coisa que você deveria pensar era em ter comunicado o professor, porque ele mesmo poderia evitar que ele batesse em você...

Enunciador 1: – Mas não resolveria nada. Ninguém segura ele; a professora já é velhinha. A única pessoa que segura faltou nesse dia. Porque, “tipo”, fez bagunça, ela fala assim: “Faz, sim, que eu vou ligar pra...”. Aquele lugar lá que é das crianças... Conselho Tutelar. E ele já foi parar lá umas quatro vezes, mas não sei por quê...

– *E os pais dele?*

Enunciador 1: – O pai mora na praia, e a gente só viu a mãe dele uma vez.

– *Num dos textos que a gente leu também está escrito: “temos as cabeças precisadas de ideias interessantes”. O outro texto conta sobre uma aula muito chata, em que está todo mundo dormindo. Então, o que é interessante a escola ensinar e a gente aprender?*

Enunciador 1: – Ela tem que ensinar melhor. “Tipo”, animar, porque tem uma professora lá que fica: “um vezes três...” [imitando o jeito da professora]. E tem dia que ensina até errado, aí os alunos ficam olhando assim pra ela e falam: “Professora, a senhora não tá com sono, não?”. E ela: “Não, tô é cansada mesmo”.

– *Então, o professor precisa se mostrar interessado e ensinar algo de uma forma que o aluno também fique interessado?*

Enunciador 1: – É, não pode ensinar com má vontade. “Tipo”, tem que querer ensinar, e não ficar falando quando não quer.

Enunciadora 2: – Mas ensinar o quê, se você diz que ela fala e os alunos só fazem bagunça e ninguém presta atenção?

Enunciador 1: – É só aquele menino que é chato [provavelmente, o mesmo a quem o enunciador 1 se referiu no episódio da briga], mas, quando a professora expulsa ele, é “o maior da hora”, todo mundo aprende.

Enunciadora 1: – Tinha uma professora que pegava, puxava a cadeira e ficava só escrevendo. Aí, todo mundo reclamava: “Ai que professora chata”. Aí, ela falava: “Quem falou que eu sou chata?”. As meninas: “Ninguém”. Depois, ela começou a dar aula livre [provavelmente, a enunciadora 1 se referiu a aulas ministradas fora da classe,

em espaço aberto]; a gente vai pra quadra, pro pátio...

– *Então uma aula legal é uma aula que tenha atividades e o professor não fique só sentado, é isso?*

Enunciadora 2: – Eu acho que cada professor tem um modo de ensinar. Tem aquele professor que é mais liberal... Tem aquele professor que não se controla e não consegue controlar a sala, porque não tem controle nem sobre si... E tem aquele professor que sabe dar aula, que passa o trabalho, mas, vamos se dizer, de acordo com a classe... Ele aceita a opinião da classe, ouve aquilo que a gente quer fazer, junta isso com a matéria e torna a aula legal. Eu tive um professor de história que dava aula, passava filme sobre coisas que a gente precisava saber, depois tornava isso, vamos se dizer, engraçado. Fazia piada sobre um monte de coisa, e era super legal. Ele passava trabalhos, a gente fazia teatro, tinha que criar músicas, lia páginas dos livros... Às vezes, ele passava cinco páginas sobre um assunto do livro e, depois, pedia que a gente criasse uma história, um resumo sobre o que a gente entendeu e o que a gente leu. É uma coisa legal; a gente se diverte como se fosse uma coisa de lazer, como se a gente não tivesse numa escola. É uma coisa assim que vem de dentro, sabe, de quem gosta de fazer e sabe que a gente vai apoiar ele naquilo que tá passando pra gente.

– *E, na sua opinião, os professores em geral não fazem isso?*

Enunciadora 2: – Eu acho que não tem professor melhor que outro; tem professor que sabe ensinar. Mas eu também não sou um exemplo de aluna; quando o professor sai da sala, eu sou a primeira a sair com ele e fico esperando bater o sinal pra voltar pra dentro da sala.

– *A escola poderia ser mais interessante?*

Enunciadora 2: – Isso. Por exemplo, a gente adora discutir sobre política lá na minha escola. É uma coisa, “tipo”, debate. Nossa Senhora, quando foi a época de eleição, a gente parecia uns políticos! Então, a sala de aula tem que ser uma coisa agradável pra nós, alunos, e pra eles, que são professores.

Enunciadora 1: – Lá na minha escola, quando trocou a professora de Português, veio um professor que só ficava de costas escrevendo no quadro. Aí, a gente falava assim: “Professor, ensina pra gente! E ele ficava quieto. Aí, mandaram ele tomar no “uhm”, e ele não faz nada...

Enunciadora 2: – Então, os professores da sua escola são uns completos idiotas, desculpa, porque, se o professor tá dentro da sala de aula...

Enunciadora 1: – Eu vou te contar uma de um professor que é muito folgado. A menina chegou e falou: “Professor, eu trouxe uma maçã pra você”. Ele falou bem assim: “Enfia no cu”.

– *O professor respondeu isso?*

Enunciadora 1: – Foi exatamente isso.

– *Então, a agressão também parte do professor...*

Enunciadora 1: – E no dia em que ele chamou todo mundo de “filho da puta”? Todo mundo começou a chorar. Aí, eu xinguei ele de “viado”.

Enunciadora 2: – Aí você tá bancando o “Paulinho Gogó”... Porque, na minha escola, se um professor fala um palavrão, tanto o professor quanto o aluno vão embora. Uma vez eu respondi pro professor e desci pra diretoria. Chegando lá, eu me defendi: “O professor me chama de ‘vagabunda’ e eu não vou fazer nada? Ele é que é um trouxa que não sabe ensinar”. Aí, eu levei uma suspensão de quinze dias.

– *Você enfrentou a diretora?*

Enunciadora 2: – Sim. Eu falei assim pra ela: “Você acha que se eu perder a vaga aqui eu não tenho outra escola?”.

– *Vocês acham que quando se perde o respeito, o confronto é inevitável?*

Enunciador 1: – É assim mesmo. “Tipo”, tinha uma professora na quarta série que trazia violão e tocava; agora, a outra chegou e enfrentou o moleque: “Você é um ladrão, você é um ‘vagabundão’”. Ele: “Ladrão é tua avó, aquela desgraça!”.

Enunciadora 2: – Você sabe que se você contar isso [referindo-se ao que a enunciadora 1 contou sobre o professor que agrediu os alunos com palavrões] pra sua mãe e ela ligar na escola ou for denunciar numa delegacia, a escola vai ter que responder...

Enunciadora 1: – A gente denunciou uma diretora na delegacia, porque ela deixava a gente com fome dentro da sala. Uma vez ficamos três aulas sem comer, porque os meninos começou a brincar de bolinha de papel, de guerrinha, e ela não deixou a gente ir pro recreio. Depois, mandaram ela embora.

– *Em todas essas situações de confronto, todo mundo sai perdendo sempre, é isso que vocês acham?*

Enunciadora 2: – Eu fui expulsa da escola onde eu estudava, que era particular, e perdi a bolsa de estudo...

– *O que aconteceu?*

Enunciadora 2: – Quando a minha mãe tava grávida, ela tinha problema nos nervos e acho que eu peguei isso... Eu tava dentro da sala e a professora tinha gritado comigo... Eu não gostei e comecei a brigar, então ela me pôs pra fora da sala. Aí, eu fui pro banheiro e entupi todas as pias e as privadas com papel higiênico, e ainda liguei aquela torneira que fica no chão. Alagou a escola e a câmara gravou tudo, aí eu fui expulsa dessa escola.

– *E você voltou a estudar em escola pública?*

Enunciadora 2: – Sim.

Todos os participantes presentes confirmaram estudar em escola pública.

– *Nos livros do Harry Potter, todo mundo estuda na mesma escola, que se chama Hogwarts. Mas, na vida real, é diferente; existem muitas escolas e não vai todo mundo para o mesmo lugar. Existem, por exemplo, escolas públicas e escolas particulares. Vocês acham que é diferente estudar numa escola pública, em comparação a uma escola particular? Como vocês veem isso?*

Enunciadora 2: – Por um lado, sim, é melhor estudar numa escola particular, porque lá eles têm todo o material necessário pra se usar no dia de uma aula de ciências, por exemplo. Têm os frasquinhos, os telescópios... Já na minha escola, não tem todo o material necessário. Então, por um lado é bom, mas continua dependendo do interesse do aluno. Se, vamos se dizer, o aluno estuda na escola particular, mas é um aluno “super folgado”, que gosta de ficar em casa dormindo, fazendo nada da vida... Pensa assim: “Ah, meu pai tem dinheiro pra pagar a escola, então ele tem dinheiro pra me sustentar no futuro”.

Enunciador 1: – A minha visão é que, na particular, como ela disse, todo mundo vê que “eu sou rico e mando aqui”. Só que tem gente... Por exemplo, uma menina aqui do Paraisópolis, que mora lá pra baixo e vai estudar em Portugal. E outra que vai estudar em Ha...

– *Harvard? Nos Estados Unidos?*

Enunciador 1: – É. A escola mais cara do mundo. Só que, “tipo”, ela não conseguiu a bolsa. Ela vai pagar. Foi uma coisa feita na internet pra conseguir doação de dinheiro.

Enunciadora 2: – Ah, já ouvi falar. Eu vi no jornal.

– *Mas vocês acham que esse tipo de oportunidade, de estudar fora do país, por exemplo, é mais comum para quem estuda na escola pública ou na particular?*

Enunciador 1: – Não, até quem tá na escola particular pode ser que não consiga.

Enunciadora 1: – É, verdade, eu ia falar isso.

Enunciador 1: – “Tipo”, esse povo aí que estuda em particular, pra mim, não se esforça. Passar de ano pra eles é “baba”. Agora, “tipo”, os que são bolsistas, você vê a diferença.

Enunciadora 1: – Tem gente que estuda na escola pública e vai pros Estados Unidos, esses lugares. E tem gente que estudou e tudo, e é “filhinho de papai”.

– *Mas você havia comentado que, às vezes, a pessoa chega lá na frente e não sabe ler nem escrever. Você acha que a escola não ensinou direito ou a pessoa não se esforçou?*

Enunciadora 1: – “Tipo”, todas as escolas ensinam a ler e a escrever, só que tem gente que presta atenção e tem gente que não. “Tipo”, tem gente que é mais dedicada e tem uns que é desleixado, não gosta de estudar. Tem uns que “cabula” aula pra não ir pra escola.

– *Então, você acha que depende mais de cada um?*

Enunciadora 1: – É. Depende mais da pessoa do que da escola.

Enunciadora 2: – Meu tio começou a ir pra escola com 8 anos de idade e já pulou pra terceira série. Aí, ele se esforçou nos estudos e cresceu. Quando fez 20 anos, começou a fazer uma faculdade... Eu não lembro o que ele fez na faculdade... Mas, aí, depois, começou a trabalhar em uma agência de viagens. Ele exportava coisas, começou a viajar e conheceu vários países.

– *E ele sempre estudou em escola pública?*

Enunciadora 2: – Sim. Ele fala que oportunidade pra virar um qualquer não faltou, mas ele não quis. Ele olhava pro mundo e falava: “Eu quero ser diferente.”

– *Vocês acreditam que cada um faz o seu caminho, mas vocês também mencionaram que existem diferenças entre escola pública e escola particular. Vocês acham que deveria ser tudo igual, como na história do Harry Potter, com a mesma oportunidade para todo mundo?*

Enunciadora 2: – Mesmo dentro do filme não é tudo igual. Nem todos os que são da Grifinória [nome de uma das quatro turmas da escola de bruxos; as demais também são mencionadas pela enunciadora 2] têm muito dinheiro. Por exemplo, os que têm mais dinheiro são da Sonserina. Os mais inteligentes são da Lufa-Lufa, alguns da Corvinal. E os corajosos são da Grifinória. Então, mesmo lá, existe divisão. Mas, na vida real, devia ter oportunidades iguais pra todos. Devia ser tudo igual.

– *O fato de existirem diferenças causa que tipo de problema, na sua visão?*

Enunciadora 2: – Se você é muito inteligente, até consegue estudar, mas o problema é aguentar ficar ali [provavelmente, a enunciadora 2 referia-se à escola particular]. Porque você é de um ambiente diferente, vamos se dizer assim. Quando você vai num lugar diferente do que você vive todo dia e já se acostumou, você se sente uma pessoa deslocada, diferente, como se você fosse um ser humano e fosse pra Júpiter conhecer...

– *Você está falando sobre a dificuldade de quem é bolsista interagir com os outros colegas numa escola particular?*

Enunciadora 2: – Isso. Você se sente diferente, né? Mesmo se eu sou muito inteligente e me visto bem, posso achar estranho o modo como aquele povo age, fala...

– *Você se sentia assim quando estudava em escola particular?*

Enunciadora 2: – Sentia. Tinha uma menina que falava que ia chegar em casa e jogar a boneca fora pra fazer o pai comprar outra. “Você é idiota? A sua boneca é nova!”, eu falava.

– *Você confrontava as outras meninas que não eram bolsistas na escola?*

Enunciadora 2: – Sim. Elas falavam: “O que que você tá fazendo aqui, sua bolsista qualquer?”. Aí, eu respondia assim: ‘Qualquer nada, porque eu tenho mais caráter e mais educação que vocês. Vocês se acham melhor que todo mundo aí só porque têm dinheiro! Dá licença que eu tô passando, queridas’. A Hermione [personagem da obra *Harry Potter*], passa “tipo” isso, porque ela não é filha de bruxos e não é “sangue puro” [personagens que descendem de famílias compostas exclusivamente por bruxos] como os outros.

Enunciador 1: – Ela disse aí que as meninas xinga de “bolsista qualquer”... Tem escola no México que é assim também. Passa até no SBT... Chama Rebelde [telenovela mexicana]. A escola lá é só de gente que tem bastante dinheiro. Aí, quando vem um bolsista e chega lá, o pessoal fala: “Nossa, sai daqui bolsista, você não é nada aqui”.

– *E por que esse pessoal age assim?*

Enunciador 1: – Porque eles tenta “se achar”.

– *Para mostrar aos outros?*

Enunciador 1: – Aham. Pra mostrar pros outros. “Tipo”: “Eu tenho dinheiro, eu posso”. Um menino chegou e falou assim: “Eu sou mais rico que todo mundo aqui”. Aí, eu falei: “Nossa, se você é rico, por que que você tá aqui?!”.

– *Na visão deles ser rico faz a pessoa ser melhor que as outras?*

Enunciador 1: – Na visão deles, é.

– *E na sua?*

Enunciador 1: – Não.

– *Então, o importante não é ser rico?*

Enunciador 1: – Tem gente que é rico de dinheiro e pobre de saúde.

– *Mas o que é mais importante? Ter saúde? Mais importante de tudo...*

Enunciador 1: – O dinheiro não vale. “Tipo”, só porque o mundo agora roda por causa do dinheiro, pra fazer qualquer coisa precisa de dinheiro... Tudo vem do dinheiro. Se acabar o dinheiro, o mundo não gira, todo mundo fala. Mas antes não era assim. Não precisava de todo esse...

– *Onde você aprendeu isso?*

Enunciador 1: – A professora deu aula de economia.

Nesse momento, a enunciadora 1 levantou a mão para dar mais um exemplo de discriminação motivado por diferença de classe social.

Enunciadora 1: – Minha prima fez uma prova e passou pra ser estagiária no Banco do

Brasil. Aí, tinha uma mulher que falava sempre assim: “Ah, vou pedir pro meu marido comprar tal coisa, se ele quiser ele compra tudo”. Minha prima não aguentou e falou na cara da mulher que não achava isso certo, mas ela não gostou e disse que minha prima tava “se achando”. Aí, minha prima falou: “Se eu tivesse ‘me achando’, eu taria igual a você, mas eu sou eu mesma, não preciso ficar me exibindo com o dinheiro do meu marido; eu trabalho e tenho o meu dinheiro!”.

Enunciadora 2: – Por que essas pessoas que têm dinheiro não comprem um pouquinho de neurônio, né?!

Dinâmica proposta ao grupo: pensar sobre a vida escolar, à luz do que foi debatido, colocar a réplica do Chapéu Seletor (artefato mágico que consegue “ler” a mente dos alunos e, assim, determina para qual turma devem ser mandados) sobre a cabeça e imaginar o que ele diria.

Enunciador 1: – Que tem gente que tem e gente que não tem o dom de estudar. E que estudar é a melhor coisa que tem.

– *Por quê?*

Enunciador 1: – Pra daqui pra frente você ter alguma coisa na sua vida. Você ter sua casa. Você não vai viver só dos seus pais; eles não são vampiros pra viver pra sempre.

– *Você vai ter que viver por sua conta?*

Enunciador 1: – É.

– *E a escola vai te ajudar nisso?*

Enunciador 1: – É.

Enunciadora 1: – Que o professor tem que ser respeitoso. Que precisa ter salas e cadeiras suficientes pra todos os alunos, porque tem muita gente na sala.

– *Há muitos alunos na sua sala?*

Enunciadora 1: – Na minha sala tem quarenta e cinco. Não cabe todo mundo.

– *E você acha que isso está errado?*

Enunciadora 1: – É.

– *Por quê?*

Enunciadora 1: – Porque é muito chato. Às vez as pessoas fica pedindo nas salas e alguns têm vergonha de fazer isso. Todas as salas são lotadas e não têm cadeira. Aí, pras quintas séries, eles compram cadeiras, mas pras sétimas, oitavas e nonas eles não compra.

– *E o que você espera que a escola te dê daqui para a frente?*

Enunciadora 1: – Mais ensino.

– *Para quê?*

Enunciadora 1: – Pro futuro mudar.

– *Você quer fazer faculdade?*

Enunciadora 1: – Aham.

Enunciadora 2: – O Chapéu diria “Grifinória” [nome de uma das turmas da escola de bruxos, para a qual são enviados os alunos mais corajosos, entre os quais está Harry Potter]. Eu falei brincando... Vou falar como o Chapéu falaria, então: “Hum... É muito inteligente, sabe que o estudo é importante para o futuro. E pensa muito no futuro... Isso é interessante, porque sabe que, se não tiver um futuro com estudos, não vai ser um futuro bom, vai ser uma coisa inválida. Porque, se você vai para a escola para não fazer nada, é a mesma coisa que não ir. Então, é muito bom que ela saiba que a escola é importante para o futuro, porque a escola se resume em tudo”.

– *A escola é tudo para uma pessoa?*

Enunciadora 2: – É. É tudo pra uma pessoa. O estudo é o mais importante na vida, porque hoje em dia uma pessoa que não tem estudo não é ninguém.

Por último, foi solicitado aos participantes que redigissem em casa um texto sobre o que foi debatido e trouxessem na reunião seguinte (material consta no anexo IX), dando prosseguimento ao objetivo de estimular a produção de conteúdo próprio pelos participantes acerca dos temas debatidos.

2.1.3. Terceiro encontro

Participantes: enunciador 1, enunciadora 1 (8/11/2014, 14h às 15h30).

“A filha da patroa da minha mãe falou bem assim: ‘Eu não queria ir pra Paraisópolis, porque vocês são pobres e nós somos ricos’. Aí, eu falei: ‘Você tem tênis, a gente também tem; você tem celular, a gente também tem; você tem roupa de marca, a gente também tem. Só muda que vocês têm mais dinheiro’. Aí, ela ficou toda sem graça, e a mãe dela não falou nada.” (enunciadora 1)

Fig. 11 – Imagens do terceiro encontro com o grupo A. Fonte: Acervo do pesquisador.

11.1

11.2

11.3

11.4

11.5

11.6

O terceiro encontro do grupo A contou com a presença de apenas dois participantes (enunciador 1 e enunciadora 1). O enunciador 2 justificou a falta previamente, alegando que essa ausência e a anterior haviam sido motivadas pela realização de prova para vaga de bolsista em escola particular. A enunciadora 2, por sua

vez, não compareceu em razão de consulta médica (justificou-se posteriormente).

Este encontro teve maior número de atividades em relação aos dois anteriores, com leitura em grupo de trecho selecionado do terceiro volume da série *Harry Potter*, *Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban* (anexo XXII), correspondente à temática “meninos X meninas”, conforme tabela 1, inserida anteriormente; exibição de cena de filme, disponível no YouTube, com o chamado “jogo de quadribol” (esporte típico do mundo dos bruxos, em que meninos e meninas podem jogar juntos no mesmo time); realização de dinâmica de grupo (montagem de quebra-cabeças com peças faltantes para estimular a reflexão sobre o tema em foco); debate em círculo estimulado por perguntas constantes do tópico guia elaborado (anexo XXIII); solicitação de resposta por escrito (material consta nos anexos IX, XI, XIII e XV), na presença do moderador (pesquisador) à pergunta objetiva: “As meninas e os meninos de Paraisópolis são parecidos com as meninas e os meninos da história do Harry Potter ou diferentes? Por quê?”. Também houve aplicação do questionário com perguntas abertas e fechadas⁶⁷. Contraditoriamente à situação de baixo quórum, foi também o encontro em que tivemos maiores dificuldades quanto à disciplina, fenômeno certamente resultante da intimidade crescente entre os participantes, que, se por um lado, facilitou o debate, por outro, redobrou nossos esforços no cumprimento dos trabalhos propostos. Chamou nossa atenção a reclamação do enunciador 1 quanto ao excesso de nomes estrangeiros no texto lido e, por outro lado, o interesse pela leitura evidenciado pela enunciativa 1, que recusou nossa orientação para cessar a atividade (para melhor aproveitamento do tempo disponível) e solicitou permissão para ler o texto selecionado até o final.

Ambos os participantes demonstraram visível dificuldade de concentração e, diante da inclusão da atividade de produção textual na presença do moderador e não mais em casa, com solicitação de resposta a pergunta objetiva, deparamo-nos com sinais de resistência e até de rejeição, algo que já havíamos observado especificamente em relação à enunciativa 1 (observamos por meio de sinais não verbais uma espécie de constrangimento, provavelmente motivado pelo não domínio da competência da escrita). A insistência do moderador fez que recorressem à estratégia do desenho e, ainda assim, foi preciso intervir por meio de questionamentos diretos e instigantes para que completassem a atividade. O resultado, por sua vez, surpreendeu-nos,

⁶⁷ Diante da recusa de preenchimento do questionário por parte do enunciador 1 e da enunciativa 1, o próprio pesquisador procedeu à anotação das respostas. Já o enunciador 2 e a enunciativa 2 responderam às perguntas durante o quarto e último encontro (vide anexos X, XII, XIV e XVI).

particularmente no que tange à produção de sentido do enunciador 1, habilmente copiada pela enunciadora 1, cujo desenho retratou de forma criativa uma crítica à desigualdade entre homens e mulheres.

Durante a aplicação do questionário, a aparente resistência inicial foi substituída por um visível interesse, sobretudo à medida que as perguntas se mostravam mais concretas e relacionadas ao seu dia a dia (perfil socioeconômico), o que entendemos como uma forma de demonstrar conhecimento e participação efetiva em relação à rotina familiar. Foi nessa empreitada que coletamos a informação, dada pela enunciadora 1, de nunca ter ido ao cinema e de não saber nem mesmo o que é um *shopping center*.

Evidências empíricas obtidas e selecionadas para análise com base na transcrição de gravação de áudio

– *Vocês viram no texto e na cena do filme que as meninas no time de quadribol jogam junto com os meninos, certo? Na vida real, isso é possível? As meninas podem jogar no mesmo time que os meninos?*

Enunciadora 1: – Não. Tem que ser separado.

– *Por quê?*

Enunciadora 1: – Porque tem menino que não aceita jogar com menina. Tem gente que chama as meninas de “Maria Macho”, só porque elas joga bola.

– *E as meninas evitam jogar por causa disso?*

Enunciadora 1: – Não. Lá onde eu faço esporte, todas as meninas joga futebol, só que os meninos grandes fala que a gente não pode jogar futebol; eles fica xingando de “Maria Macho”. Os meninos “se acha” só porque são grandes, e, quando a gente ganha deles, eles começa a xingar.

– *E o que você acha disso? Meninas deveriam jogar futebol?*

Enunciadora 1: – Sim! Tem uma menina que parece com o Ronaldinho.

– *Mas deveriam jogar apenas futebol ou todos os esportes?*

Enunciadora 1: – Todos!

– *E vocês já viram meninas e meninos jogando no mesmo time, como nos livros e nos filmes do Harry Potter?*

Enunciador 1: – Oxi! Mas quando é sala contra sala, que as menina quer jogar, aí a gente não deixa porque as menina são muito “quebra-perna”.

– *O que é “quebra-perna”?*

Enunciador 1: – É que as menina são doida, tem umas que não sabe jogar e começa a se atrapalhar, sai chutando as canela, sai chutando tudo que vê pela frente... “Pa-pa-pa!”.

– *As meninas são diferentes dos meninos?*

Enunciadora 1: – Só muda o sexo.

– *Mas, além da diferença física, por exemplo, as caneladas de que os meninos reclamam...*

Enunciadora 1: – Não, “tipo”, tem alguns que joga muito bem bola, que sabe jogar bem... Tem uns que não, que é muito mole. Não é? [A enunciadora 1 interpelou diretamente o enunciador 1]

Enunciador 1: – Tem menina que sabe jogar bola, tem menina que não, por isso só sabe dar canelada.

– *Mas tem algum esporte que as meninas sabem jogar melhor que os meninos?*

Enunciadora 1: – O vôlei!

– *Por que você diz isso?*

Enunciadora 1: – As meninas sempre ganha dos menino, no futebol e vôlei.

– *Mas elas são diferentes dos meninos. Vocês observam isso? No comportamento, por exemplo...*

Enunciador 1: – Você já viu aquela jogadora chamada Marta? Todo mundo chama ela de “Maria Macho”.

– *Todas as mulheres são assim ou ela é uma exceção?*

Enunciador 1: – É difícil encontrar uma menina que sabe jogar. Na minha escola tem uma menina que dá carretilha [um tipo de drible] nos moleques do nono ano! Tem gente que fala: “Nossa, ela parece um menino”. Aí, eu: “Não, é porque ela já nasceu com esse dom!”.

– *Mas o que vocês veem, em geral, é que as meninas são diferentes dos meninos ou não? Qual é essa diferença? Podem dar um exemplo?*

Enunciador 1: – As menina não nasceram pra jogar bola direito, só umas...

– *Então, elas nasceram para quê?*

Enunciador 1: – Ah, nasceram pra ser modelo.

Enunciadora 1: – Nada a ver!

– *Por que não?*

Enunciadora 1: – Por causa que, “tipo”, quem gosta de jogar futebol nasceu pra jogar futebol!

Enunciador 1: – Mulher não nasceu pra fazer coisa de homem! Quer dizer, “assim”, mulher não podia trabalhar antes.

– *Não podia? Quem disse isso?*

Enunciador 1: – A professora disse que mulher, antigamente, “tipo”, o marido saía pra trabalhar e ela não podia sair. Se ela saísse, apanhava. Ela tinha que ficar em casa fazendo as coisas, fazendo comida, não podia trabalhar. Agora, é diferente, tem mulheres trabalhando, construindo o estádio do Corinthians. Você viu quantas mulheres trabalharam pra construir o do Palmeiras?!

– *Trabalharam na construção?*

Enunciador 1: É, pra construir o estádio do Palmeiras. Elas construíram! Várias mulheres e uns homens.

– *O que vocês acham disso, das mulheres trabalharem nas profissões que antes eram dos homens?*

Enunciadora 1: – Tinha uma mulher que protestava pra ajudar as mulheres, pra elas poder ter direitos, porque elas não podia fazer nada. Aí, começaram a chamar ela de “Maria Machadão”. Ela foi presa uma vez, eu vi na televisão.

Enunciador 1: – As mulheres só foram trabalhar nessas coisas agora, por causa que, “tipo”, elas queriam, mas não podiam. Foi por causa daquela novela que teve na Globo, que a mulher chamava “Pereirão” [percepção da influência dos meios de comunicação e dos conteúdos por eles veiculados]. Ela fazia serviço, arrumava encanamento. Aí, quando as mulheres viram isso, elas falaram: “Eu posso”. Aí, correram e conseguiram.

– *A Hermione [personagem da obra Harry Potter] é a aluna mais inteligente da escola, e ela é uma menina. Vocês acham que as meninas podem ser mais inteligentes que os meninos? Quem se sai melhor na vida, na escola: meninos ou meninas?*

Enunciadora 1: – Menina, um pouco melhor. Porque menina é mais dedicada e mais inteligente.

– *Você vê isso na sua escola?*

Enunciadora 1: – Sim!

Enunciador 1: – Eu acho que é a mesma coisa, tanto faz.

– *Na sua escola, quem é mais inteligente, as meninas ou os meninos?*

Enunciador 1: – Os meninos, porque só tem uma menina inteligente.

– *A relação dos meninos com as meninas é difícil? Tem muita briga?*

Enunciador 1: – Quebram o pau! “Tipo”, é a mesma coisa que você ter uma irmã. Cada um tem suas coisas e tem vezes que sua irmã quer pegar alguma coisa sua e você não deixa, aí ela pega e leva. Se você pega uma coisa da sua irmã e leva, aí ela briga com você.

– *Por que é difícil o menino se dar bem com a menina?*

Enunciador 1: – Porque tem menina que “se acha”. Parece aquele moleque lá da escola que coloca uma tiara na cabeça...

– *Para imitar as meninas?*

Enunciador 1: – Ele fica “zoando” com as meninas. Não é tiara... É uma coisa que ele coloca assim pra falar que tem cabelo, mas não tem nem um pinga, tá careca. Aí, “tipo”, não são só as meninas que “se acha”. Tem um menino lá que, só porque tem um *shorts* e uma blusa de marca, fica “se achando”.

– *Ele quer parecer que tem mais dinheiro que os outros, é isso?*

Enunciador 1: – É. Mas tem gente lá que tem mais poder que ele.

– *Por que as meninas brigam tanto com os meninos e os meninos com as meninas? Isso só ocorre quando alguém “se acha”, como vocês falaram?*

Enunciadora 1: – Porque tem menino que é chato, né?

– *Mas você não briga com as meninas, só com os meninos?*

Enunciadora 1: – Não, porque a menina é minha amiga. Só briguei uma vez com uma menina.

– *Mas por que você acha que é difícil o relacionamento entre meninos e meninas?*

Enunciadora 1: – Ah, porque tem menina que “se acha”: “Ai, não sei o quê lá, não sei o quê lá”... A pessoa “se acha”, sendo que não tem nada.

– *Quando os meninos e as meninas crescem, viram homens e mulheres. Vocês já falaram que, antes, as mulheres não podiam trabalhar, mas agora realizam o mesmo trabalho dos homens, como na novela. Os homens e as mulheres são iguais na sociedade?*

Enunciador 1: – Sim. A mulher pode trabalhar, porque se não trabalhar não tem abrigo.

– *Sua mãe trabalha?*

Enunciador 1: – Trabalha. Ela é empregada doméstica.

– *E seu pai, faz o quê?*

Enunciador 1: – Pintor. Ele só fez até a quarta série. Aí, quando ele vai fazer o orçamento pra mandar pros patrões, ele me chama pra ajudar na matemática. Tem outros colegas pra quem ele arruma emprego, então são vários preços... No final, ele bota o preço todo. Tem vezes que eu não tô em casa, e ele faz isso sozinho.

– *E tem mulher que trabalha como pintora também ou só homem?*

Enunciador 1: – Não. Mas eu já vi uma que trabalha de pedreiro.

Enunciadora 1: – Homem pode trabalhar de..... Como que fala?... Motorista! Mulher não pode.

– *Motorista de ônibus ou de caminhão?*

Enunciadora 1: – Não! Motorista de gente rica.

– *Mulher não pode ser motorista particular?*

Enunciadora 1: – Não.

– *Por que não?*

Enunciadora 1: – Porque minha mãe tinha três patroas... As três são irmã e nenhuma trabalha. Minha outra tia é motorista e queria trabalhar de chofer lá, só que, aí, eles não ia aceitar.

– *Por qual motivo?*

Enunciadora 1: – Por causa que os homens se acha superiores às mulheres. Porque, “tipo”, a mulher quer um trabalho, como que faz? O homem consegue e ela não consegue, então eles fica “se achando”.

Dinâmica proposta ao grupo: foram preparados dois kits de jogos de quebra-cabeça reproduzindo imagens de times de quadribol, formado por personagens da obra Harry Potter, porém com peças faltantes, ora de jogadores do sexo feminino, ora de jogadores do sexo masculino, de forma a prosseguir com a reflexão sobre questões de gênero.

– *O que está faltando no seu kit?*

Enunciadora 1: – As três meninas

– *Para esse quadro ficar completo, você precisaria das meninas, então. Você acha que os homens precisam das mulheres e as mulheres precisam dos homens?*

Enunciadora 1: – Sim.

– *Por quê?*

Enunciadora 1: – Pra ter filho, formar família...

Enunciador 1: – No meu só tava faltando dois meninos, mas as menina eu completei tudo.

– *O time de quadribol só fica completo quando tem meninos e meninas juntos, é isso?*

Enunciadora 1: – É, porque, “tipo”, se o time fosse só de menina ia ficar fraco, porque nem todas as menina são fortes.

– *E se só tivesse meninos?*

Enunciadora 1: – Aí, ia ficar muito forte, mais ainda.

– *Os meninos trazem força e as meninas trazem o que para o time?*

Enunciador 1: – Beleza, inteligência, qualidades. Enganosa...

– *Enganosa?*

Enunciador 1: – É, porque ela pode falar: “Ai, como você é lindo!”...

– *Você acha que as meninas mentem mais que os meninos?*

Enunciador 1: – É, mulher fofoca demais.

– *Nós já falamos sobre igualdade. O que vocês acham que deveria ser feito para haver mais igualdade entre homens e mulheres?*

Enunciador 1: – Precisaria de um lugar em que homens e mulheres ficavam no mesmo canto por 24 horas.

– *Como assim?*

Enunciador 1: – Pra eles perceberem que não têm diferença.

– *Presos em um lugar?*

Enunciador 1: – Não, trabalhando, por 24 horas, pra eles perceberem que mulher e homem não têm diferença no serviço, em nada. Não tem nenhuma diferença.

Proposição de pergunta objetiva (“As meninas e os meninos de Paraisópolis são parecidos com as meninas e os meninos da história do Harry Potter ou diferentes? Por quê?”) a ser respondida na presença do pesquisador (material consta nos anexos IX, XI, XIII e XV). Os participantes se mostraram resistentes à realização da tarefa e

preferiram desenhar, o que pode estar relacionado a um domínio deficiente da habilidade da escrita. O conteúdo da pergunta teve de ser retomado verbalmente e com auxílio de outras questões estimuladoras.

– *O que vocês desenharam?*

Enunciador 1: – Uma menina jogando bola e um menino dançando balé.

– *E o que você quer dizer com esse desenho?*

Enunciador 1: – Pra mostrar que não tem nada de diferente.

– *Vocês acham que a sociedade aceita um menino que dança balé?*

Enunciador 1: – Não.

– *Por quê?*

Enunciador 1: – Acha que é “boiola”, “bicha”, gay...

– *E a menina que joga futebol?*

Enunciador 1: – “Sapatão”.

– *Mas tem time de futebol feminino que até participa de campeonatos mundiais...*

Enunciador 1: – Tem. O da Marta.

– *E, mesmo assim, as pessoas ainda acham que mulher que joga futebol é “sapatão”?*

Enunciador 1: – Sim.

– *Dê um exemplo disso...*

Enunciador 1: – Na escola. As meninas joga bola lá, aí as outras meninas fica com inveja e fala: “Nossa, vai, ‘sapatão’, ‘Maria Sapato’!”.

– *E por que vocês acham que as pessoas não aceitam que cada um faça o que quer?*

Enunciador 1: – Porque, “tipo”, o povo pensa que manda no mundo, mas não manda nem na própria vida.

– *E o que tinha de ser feito para isso mudar?*

Enunciador 1: – Eu ia fazer assim: trancava várias pessoas num lugar com dança de balé e quadra de futebol. Aí, botava os homens no balé e as mulheres na quadra de futebol. Com isso, eu ia mostrar pra eles que a mulher não tem nada de diferente do homem.

Enunciadora 1: – Eu desenhei um menino dançando balé, porque tem um menino lá da

sede [provavelmente, a enunciadora 1 se referiu a algum tipo de associação de moradores] que dança balé e todo mundo gostou no dia em que ele se apresentou. E o outro menino, por causa que ele é *gay* mesmo, começou a dançar balé, aí todo mundo vaiou e ele começou a chorar.

– *E como você sabe que o outro menino é gay?*

Enunciadora 1: – É por causa que ele foi com roupa de mulher.

– *Menino não pode usar roupa de menina?*

Enunciadora 1: – Só se ele for *gay*.

– *Você também desenhou uma menina jogando bola. Ela pode fazer isso?*

Enunciadora 1: – Pode, lógico.

– *Mas por que é chamada de “Maria Macho”?*

Enunciadora 1: – Por causa que ela joga bola com os meninos.

– *As pessoas não aceitam?*

Enunciadora 1: – É, tem gente que não aceita e diz que não é coisa pra mulher.

Nesse ponto, retomamos a pergunta objetiva, agora feita verbalmente.

– *Quais as diferenças que vocês veem entre os adolescentes daqui de Paraisópolis e aqueles do livro do Harry Potter?*

Enunciadora 1: – Lá eles não sai, e aqui a gente sai da escola.

– *Sim, no livro eles estudam numa espécie de internato. E se eles saíssem de lá, o Harry Potter e seus amigos poderiam morar em Paraisópolis?*

Enunciador 1: – Mais ou menos.

– *Por quê?*

Enunciador 1: – Não, “assim”, é mais ou menos, porque aqui... Eles não saem da escola, mas também eles têm dinheiro.

– *Então eles têm dinheiro, e por isso não poderiam morar aqui em Paraisópolis?*

Enunciador 1: – Não, porque, “tipo”, se eles viessem pra cá, os alunos da Sonserina [nome de uma das turmas que integram a Escola de Hogwarts, onde estudam os bruxos em idade escolar] não iam gostar, porque aqui é uma comunidade, e, “tipo”, esses esnobes gostam de falar que são ricos. Já se fosse o Harry e os amigos dele, tudo ia querer ficar aqui. O Harry tem dinheiro, mas ele não é esnobe.

Enunciadora 1: – Eles se acham os “tal”.

– *E do que eles não iriam gostar aqui em Paraisópolis?*

Enunciadora 1: – Por causa que aqui tem pobre e lá, não.

– *O que é ser pobre?*

Enunciadora 1: – A filha da patroa da minha mãe falou bem assim: “Eu não queria ir pra Paraisópolis, porque vocês são pobres e nós somos ricos”. Aí, eu falei: “Você tem tênis, a gente também tem; você tem celular, a gente também tem; você tem roupa de marca, a gente também tem. Só muda que vocês têm mais dinheiro”. Aí, ela ficou toda sem graça, e a mãe dela não falou nada.

– *Então, você não vê muita diferença entre quem é de fora e quem mora em Paraisópolis?*

Enunciadora 1: – Quase nada. Só o dinheiro que eles têm muito mais que a gente.

2.1.4. Quarto encontro

Participantes: enunciator 1, enunciator 2, enunciadora 1, enunciadora 2
(22/11/2014, 14h às 15h30).

“... se você é chamado de ‘favelado’, com certeza tem que ter algum motivo. Não é só morar numa favela. Se você é uma pessoa rebelde, que não cumpre leis; se é um bandido, que rouba e mata, você é considerado ‘favelado’. Agora, se você trata com respeito as pessoas, é inteligente, fala bem, não julga as pessoas, passa boa impressão e fala que é de Paraisópolis, vão achar que você tá mentindo, porque é uma pessoa muito culta pra ser daqui.” (enunciadora 2)

Fig. 12 – Imagens do quarto encontro com o grupo A. Fonte: Acervo do pesquisador.

12.1

12.2

12.3

12.4

12.5

12.6

12.7

O quarto encontro do grupo A contou com a presença de todos os participantes (enunciador 1, enunciador 2, enunciadora 1, enunciadora 2), os quais se mostraram bastante interessados na proposta de se caracterizarem como personagens da obra *Harry Potter* (orientado a trazer uma camisa preta para fazer jus à sua escolha de interpretar a personagem Lord Voldemort, vilão da trama, o enunciador 1 referiu ter comprado ou “ganhado da mãe” uma peça da marca Lacoste, conforme ele mesmo fez questão de especificar). A estratégia utilizada para envolver os participantes contou com a colaboração de Rosângela Alves de Mattos, praticante de atividade de *cosplay*, conforme já mencionado.

Realizamos as seguintes atividades: leitura em grupo de trecho selecionado do segundo volume da série *Harry Potter*, *Harry Potter e a Câmara Secreta* (anexo XXIV), correspondente à temática “discriminação/preconceito”, conforme tabela 1, inserida anteriormente; exibição de duas cenas de filme, disponíveis no YouTube, que retratam o tema em foco; debate em círculo estimulado por perguntas do tópico guia elaborado (anexo XXV); realização de dinâmica de grupo (jogo da memória tradicional explorando a diversidade de espécies existente na obra *Harry Potter*); solicitação de resposta por escrito a pergunta objetiva na presença do moderador: “De que forma a obra *Harry Potter* ajuda você a refletir sobre discriminação e igualdade entre as pessoas?” (material consta nos anexos IX, XI, XIII e XV). Houve, ainda, avaliação individual (entrevista oral) feita com os participantes a título de encerramento. As atividades foram registradas por meio de equipamento de áudio e videogravação. Este

último recurso foi utilizado apenas no quarto encontro como forma de coletar dados relevantes advindos da comunicação não verbal, algo que procuramos fazer em todos os encontros por meio da observação do próprio pesquisador. Para o uso sistemático dessa ferramenta, necessitaríamos de uma infraestrutura da qual não dispúnhamos (equipamento, ambiente e equipe), não obstante no último encontro contamos com a colaboração voluntária já citada de Rosângela Alves de Mattos, que fez a gravação com uma câmera de vídeo portátil.

Todos os participantes fizeram observações e reflexões que nos surpreenderam, especialmente quando consideramos a faixa etária do grupo, com o estabelecimento de correlações entre a temática “discriminação/preconceito” e conteúdos globalizados, como trabalho escravo, imigração clandestina de mexicanos nos Estados Unidos, embates raciais na sociedade norte-americana, e também temas locais, como práticas de *cyberbullying* contra adolescentes moradoras da comunidade de Paraisópolis e as limitações sociais resultantes da imposição do estigma de “favelado”. Chamou nossa atenção a desenvoltura com que o enunciador 2 e a enunciadora 2 responderam ao questionário de perguntas abertas e fechadas, diferentemente do que ocorreu no encontro anterior em relação aos outros dois participantes (enunciador 1 e enunciadora 1), os quais se mantiveram resistentes à atividade de escrita na última reunião. Durante a exibição das cenas de filme, cujo áudio estava em inglês (não localizamos as referidas cenas com conteúdo traduzido), a enunciadora 2 realizou uma espécie de “tradução simultânea”, o que atribuiu não ao conhecimento da língua inglesa, mas ao fato de assistir repetidamente a cada um dos filmes da franquia cinematográfica, hábito que incorporou ao seu cotidiano e cujo entendimento buscamos aprofundar por meio de entrevista em profundidade realizada posteriormente. O encerramento dos trabalhos foi marcado por avaliações positivas feitas pelos participantes, que evidenciaram relativa fixação de conteúdos relacionados às temáticas debatidas nos quatro encontros.

Evidências empíricas obtidas e selecionadas para análise com base na transcrição de gravação de áudio e na análise de material obtido por meio de videogravação

– *Por que vocês acham que na história do Harry Potter existem tantas diferenças entre as personagens: bruxos, “trouxas”, “sangue ruim”, “sangue puro”... O que isso quer dizer?*

Enunciadora 2: – Ah, quer dizer que nem todo mundo é igual, mas nem todo mundo consegue aceitar as diferenças das outras pessoas, que acha que todo mundo tem que ser igual, parecido ou sempre tenta ser melhor do que o outro.

– *Então, existem diferenças e essas diferenças geram problemas? As pessoas começam a brigar por causa disso?*

Enunciadora 2: – É, algumas pessoas não aceitam, acham que todo mundo tem que ser igual, mas tem outras que aceitam e até acham legal essas diferenças que há em outras pessoas.

– *Quem aceita, por exemplo, na obra do Harry Potter?*

Enunciadora 2: – O Harry.

– *Já o Draco [personagem], o menino malvado, ele não aceita e xinga a Hermione [personagem] de “sangue ruim”, o que, segundo o Rony [personagem] é a pior coisa de que alguém pode chamar o outro. O que vocês entenderam disso?*

Enunciador 2: – Que o Draco “se acha”, só porque ele tem “sangue puro” [pertence a uma família composta exclusivamente por bruxos].

– *E é melhor ter “sangue puro” ou “sangue não puro”?*

Enunciador 2: – Tanto faz, os dois são iguais.

Enunciadora 1: – O sangue é tudo igual.

As imagens coletadas em videogravação sugerem que, embora a enunciadora 1 não tenha participado dos preparativos para a caracterização como personagem da obra (os acertos foram feitos por meio da rede social Facebook, à qual a enunciadora 1 não tem acesso, embora possua uma conta cadastrada), ela demonstrou estar inteiramente à vontade na pele de aluna de Hogwarts (escola onde os bruxos estudam na trama de Harry Potter), destoando do constrangimento sentido e verbalizado por ela mesma no primeiro encontro.

– *Se o sangue é sempre igual, quem inventou que é diferente?*

Enunciadora 1: – Esse menino aí que eu não sei o nome. [A enunciadora 1 se referiu à personagem Draco Malfoy]

– *Ele ou a família dele?*

Enunciadora 1: – A família dele.

Enunciadora 2: – Eu acho que eles tavam tentando dizer é que a gente não é diferente; as pessoas é que procuram a diferença pra tentar ser melhor do que as outras. Por exemplo, o Rony [personagem] é totalmente diferente da Hermione [personagem], e olha só no final: ele falava que ela “se achava” demais por ser muito inteligente, mas, aí, eles acabaram se casando, não é? O próprio Lorde Voldemort [personagem]

antagonista] era filho de trouxa [não bruxo].

– *Mas ele [Lord Voldemort] não aceitava isso. Por quê?*

Enunciadora 2: – Porque ele era o herdeiro de Sonserina [nome de uma das quatro turmas da escola de bruxos].

– *Ele queria ter “sangue puro”...*

Enunciadora 2: – Ele queria, mas nem ele tinha. Ele se julgava superior, mas não era.

– *As diferenças são o motivo da briga entre as pessoas, como o soco que a Hermione deu no Draco na cena a que assistimos? O que vocês acham?*

Enunciadora 2: – Eu acho assim, que as diferenças entre as pessoas são bem legais, porque se todo mundo fosse igual não teria graça. Então, essa diferença proporciona uma amizade melhor, porque aquilo que você não tem e o outro tem você pode aprender. Aquilo que você não sabe você pode aprender melhor com ele. Já pensou, se fosse todo mundo igual, que chato seria? Se todo mundo soubesse a mesma coisa, andasse do mesmo jeito, pensasse as mesmas coisas, não teria o que discutir. Seria todo mundo igual, seria uma coisa chata. Então é a diferença que proporciona o gosto.

– *Mas também causa brigas.*

Enunciadora 2: – Ah, dá briga quando a pessoa é ignorante.

– *Dá um exemplo concreto de não aceitação das diferenças. Você já viu isso na sua escola, aqui na comunidade?*

Enunciadora 2: – No curso que eu faço já falamos sobre isso. O racismo, por exemplo. Não aceitar a pessoa só por ela ser de outra cor, pra mim, é puro egoísmo. Deus coloriu tudo no mundo, só esqueceu de colorir quem é branco.

Pergunta dirigida diretamente ao enunciador 2, que é peruano e reside no Brasil há quatro anos: – O fato de você não ser brasileiro atrapalhou ou ajudou na relação com as outras pessoas? Como você se sentiu em relação a isso?

Enunciador 2: – Bom, lá na minha escola, quando eu entrei, todo mundo me “zoava” só porque eu era estrangeiro. E eu sabia um pouquinho mais que eles por causa que lá era mais avançado...

– *E quanto ao idioma português, como você aprendeu?*

Enunciador 2: – É que eu vim no final do ano, antes de entrar na escola. Aí, eu fiquei um mês de férias assistindo TV, mais o programa do Chaves, porque lá no Peru eu também assistia. Eu até já sabia alguns episódios.

– *Você aprendeu por você mesmo?*

Enunciador 2: Aham...

– *A sua família enfrentou muita dificuldade por ser de outro país? Como foi lidar com essas diferenças?*

Enunciador 2: – Só por parte da língua, que é meio diferente, mas não passamos nada.

– *Nem em relação a emprego, por exemplo?*

Enunciador 2: – Bom, comigo pelo menos não, mas já teve um amigo meu...

– *O que aconteceu com ele?*

Enunciador 2: – É que ele é negro, e aí não aceitaram ele lá no emprego.

– *E o que você acha disso?*

Enunciador 2: – É preconceito das pessoas; uma “besteira” não aceitar uma pessoa pela sua cor. “Tipo”, o cara tinha um currículo muito bom, aí veio o outro cara que tinha o currículo horrível e foi aceito só por causa da cor.

– *A empresa disse isso ou foi ele que percebeu?*

Enunciador 2: – Não disseram nada, mas ele percebeu.

Enunciador 1: – Ele falou [referindo-se ao enunciador 2] que no começo todo mundo ficava achando ele estranho. Agora, viesse uma pessoa Portugal ou Espanha não iam achar nada, sabe por quê?

– *Por quê?*

Enunciador 1: – Porque o povo acha que é melhor só porque veio desses cantos aí, mas agora é “mó” pobre, não tem dinheiro pra comprar um arroz...

– *É, atualmente os alguns países europeus estão numa situação difícil...*

Enunciador 1: – Eles ficam “se achando”, porque quando vêm pra cá eles têm respeito das pessoas daqui. Agora, quando vêm lá do Peru, do Paraguai, onde eles têm dinheiro pra comprar um arroz, aí ninguém respeita.

– *Como você sabe disso?*

Enunciador 1: – Porque a menina da minha escola é peruana. Ela chegou e falava “mó” esquisito; aí, tinha umas “minas” da sala dela que começaram a chamar ela de... Como é que se diz... Aquele povo que corta a língua no meio e fica lá na Galeria do Rock?

– *Punks...*

Enunciador 1: – Isso. É que quando eles cortam a língua no meio ficam falando esquisito...

– *Ela era xingada, é isso?*

Enunciador 1: – É, eles falavam: “Ô, sua trouxa, que cortou a língua no meio, você parece aqueles doido!”.

– *E o que você acha disso, de algumas pessoas fazerem isso com as outras?*

Enunciador 1: – Acho feio.

– *Por quê?*

Enunciador 1: – Porque esses dia aí, eu tava na sala de leitura e assisti um filme, que foi por causa da consciência negra. Aí, a gente assistiu a história do Zumbi dos Palmares. Esse aí é um exemplo pra todos, porque ele levou várias facadas, mas não morria...

– *Na história do Harry Potter, os elfos, aquelas criaturinhas pequenas, também são escravos, por isso usam roupas surradas e são maltratados. Eles não têm nada nem mesmo o mais elementar dos direitos, que é ser livre. O que vocês acham disso?*

Enunciadora 1: – Errado.

– *Por quê?*

Enunciadora 1: – Por causa que ser escravo é errado e também dá cadeia. Lá não dá, mas se fosse aqui dá cadeia.

– *Hoje isso é proibido no Brasil...*

Enunciadora 1: – Sim. Porque tem um pessoal que vem pra cá, não sei se é do Peru, que trabalha como escravo, acho que fazendo roupa. Aí, um dia a polícia foi lá...

– *Bolivianos...*

Enunciadora 1: – Isso.

– *Muito bom esse exemplo, é verdade.*

Enunciadora 1: – Tinha mais de vinte pessoas trabalhando como escravos, e cada roupa custava dez centavos.

– *Como você soube disso?*

Enunciadora 1: – Na TV.

Enunciador 1: – Ela [referindo-se à enunciadora 1] tá falando desses daí... E tem também os mexicanos que não têm dinheiro pra passar pros Estados Unidos. Aí, eles vão tentar passar a fronteira de lá... Aí, vem o barco, pega as pessoas e leva pra um cativeiro. Esses dias mostrou que a Interpol descobriu que tava vindo um monte de

gente clandestinamente pro país, aí os “caras” já tiraram as pessoas “rapidão”.

– *Onde você viu isso?*

Enunciador 1: – Na TV. É num programa que fala só sobre isso. Aí, quando eles pararam o barco, a Interpol não fez nada, mas foi seguindo eles. Aí, quando eles chegaram no cativeiro tinha 3.450 clandestinos...

– *Você lembra o número exato? Ficou impressionado com isso?*

Enunciador 1: – Sim, porque pegou um monte de gente pra fazer as coisas e não tinha comida... Eles não davam comida, comida era resto batido no liquidificador... Eles viviam como os escravos antigamente, na senzala, e só comia feijão quando conseguiam pegar sem o “cara” ver.

– *Existe escravidão na atualidade?*

Enunciadora 2: – A escravidão existe, sim. Independente se você é branco ou é negro, mesmo assim você ainda é escravizado. Vejo isso pelo salário mínimo, que continua sendo uma “merreca”. Eles aumentam muitas coisas e quer dar um salário mínimo...

– *Você conversa sobre isso em casa?*

Enunciadora 2: – É que meu pai gosta de ver jornal e sou obrigada a assistir com ele. Aí, passa essas coisas. Tem também uma novela, *Chiquititas*, que passou que os “caras” eram escravizados.

Dinâmica proposta ao grupo: jogo da memória em que os participantes foram desafiados a memorizar e localizar cartas com imagens de diferentes espécies de seres mágicos da obra Harry Potter, de forma a prosseguir com a reflexão sobre conflitos étnicos, sociais e culturais.

– *Na vida real, as pessoas também são diferentes umas das outras?*

Enunciadora 1: – Deixa eu ver... É... O cabelo, a cor da pele, a cor dos olhos, a altura, o tamanho do pé; tem gordo e magro, baixinho e alto...

– *E essas diferenças geram preconceito?*

Enunciadora 1: – Sim.

– *O que é preconceito?*

Enunciadora 1: – É uma pessoa xingar a outra.

Enunciador 1: – Preconceito é uma pessoa branca falar pra outra, só porque ela é negra: “Você não fica nessa área”. É que nem no Brooklin, nos Estados Unidos.

– *Bom exemplo.*

Enunciador 1: – Então... No Brooklin tem duas partes: a dos negros e a dos brancos. Se um negro entrar na parte do branco, ou o negro morre, ou ele fica pra sempre apanhando.

– *Como você ficou sabendo disso?*

Enunciador 1: – No seriado “Todo mundo odeia o Cris” [a programação da televisão foi recorrentemente citada, ocupando, ao lado da escola, a posição de importante instância formadora de opinião]. É que, “assim”, o Cris foi na parte dos branco. Aí, apareceu um branco querendo bater no Cris, e o pai do amigo dele falou: “Tá comigo”. E tem uma gangue de verdade lá nos Estados Unidos que se você entrar no bairro dos branco eles matam ou te escravizam.

Enunciadora 2: – Ah, então, tá vendo como os brancos são igualzinho os negros? Porque no bairro dos negros também tem a gangue dos chefões que mete bala em qualquer branquelo.

– *Você também viu isso [sobre a gangue norte-americana] na TV?* [Pergunta dirigida ao enunciador 1]

Enunciador 1: – Não, eu vi isso no computador.

– *Era uma pesquisa para a escola?*

Enunciador 1: – Não, eu tava mexendo, aí eu vi um vídeo. Depois, apareceu umas coisas e eu comecei a ler.

– *O que você acha desse exemplo que ele [o enunciador 1] deu?* [Pergunta dirigida à enunciadora 2]

Enunciadora 2: – É um bom exemplo, mas você perguntou o que é preconceito [neste momento, a enunciadora 2 evidenciou elevado grau de interesse pela discussão e alta capacidade de concentração, retomando a pergunta “perdida” entre uma fala e outra]. Eu tô pensando em uma forma de explicar... É um sentimento de diferença. Você discrimina outra pessoa por ela ser de cor diferente, ou ser pobre, ou ser homossexual. É quando você discrimina a pessoa por ela não ser, no seu julgar, igual a você.

– *É algo que você já viu acontecer?*

Enunciadora 2: – Sim, porque na minha escola tem um gay e todo mundo “zoa” ele.

Enunciador 1: – É, “tipo”, quando alguém vai assaltar um banco e todo mundo é branco e só tem um negro...

Enunciador 2: – O culpado vai ser o negro.

Enunciador 1: – “Tipo”, quando a polícia vai lá prender e vê um “pretinho”, ela fala: “Eu acho que foi... Não... Eu tenho certeza que foi ele que planejou! Os brancos é tudo parceiro, já os negros ela não conhece. Aí vai lá e dá um tiro.

Enunciadora 2: – *Última Parada 174* é um bom filme sobre isso [enunciadora 2 evidencia conhecimento de outras produções cinematográficas além de *Harry Potter* e capacidade de fazer correlações mais complexas com base nos assuntos debatidos].

– *Por que isso acontece?*

Enunciador 1: – Só porque eles são preto, de outra cor, os outros acham que têm direito de humilhar.

– *Isso é preconceito?*

Enunciador 1: – Sim.

– *As pessoas não aceitam quem é diferente, é isso?*

Enunciador 2: – É, só porque é diferente na cor, na altura... Até a pessoa que é mais inteligente, *nerd*, é praticamente discriminada.

– *Você vê isso na escola?*

Enunciador 2: – Vejo. O meu professor contou que um dia... “Assim”, ele tava passeando no *shopping* com mais dois irmãos. E todos são negros. Aí, dois ou três brancos tinham acabado de roubar o *shopping* e passaram correndo por eles. Os policiais foi, correu e parou o meu professor, só porque ele era negro. Aí, viram a carteirinha da faculdade e não falaram mais nada.

– *Quem age com preconceito é uma pessoa ruim ou está mal informada?*

Enunciadora 2: – Falta de ética.

Enunciador 2: – É, deve ser uma pessoa muito ruim pra...

Enunciadora 2: – Deve ser uma pessoa besta, né?! Porque, pelo simples fato de a pessoa não ter a mesma cor que você ou não fazer o que você faz... Uma pessoa sem cultura. Porque se for contar história, os negros fizeram mais história que os brancos, né?! Na minha opinião.

Enunciadora 1: – Verdade.

Enunciadora 2: – Tem mais sentido os negros serem alguém na vida do que os brancos.

Enunciador 1: – Todo mundo fala que tinha que ter Dia do Branco, né? Mas não tem.

– *Vocês acham que os negros contribuíram mais para o Brasil?*

Enunciadora 1: – É.

Enunciadora 2: – Pra nossa cultura. Em aspectos culturais.

Enunciador 1: – A mulher mais rica do mundo é o quê? Uma negra, é a...

– *Oprah Winfrey...*

Enunciador 1: – É. Ela é a mulher mais rica do mundo, e ela é negra. Sabe quanto ela ganha por ano? Um bilhão e pouco.

– *Vocês acham que as pessoas que moram em comunidade, como esta aqui, também sofrem algum tipo de preconceito?*

Enunciadora 1: – Sim.

– *Dá um exemplo.*

Enunciadora 1: – “Tipo”, a pessoa vai lá num lugar e começa a bagunçar. Só porque a gente vem da favela, eles vão falar: “Vocês é tudo ‘favelado’”, essas coisas. Que nem a professora de espanhol; ela falou que a gente faz bagunça e depois acha ruim que as pessoas chamam a gente de “favelado”... Teve um ano que a gente veio do passeio e a professora teve que pagar o ônibus, porque os menino tinha quebrado as coisas. Aí, chamaram a gente de “favelado”.

– *Vocês acham que alguém que não mora na favela não faz bagunça nem quebra as coisas?*

Enunciador 1: – Quebra.

Enunciadora 1: – Se quebrar, não falam nada.

– *Por quê?*

Enunciadora 1: – Se o rico quebrar alguma coisa, não falam nada. Se for pobre, falam um monte. Que nem, “tipo”, uma pessoa rica morre, passa em jornal, passa não sei aonde, em tudo que é lugar. Se fosse pobre, ninguém tava falando nada. Minha avó também me fala isso. Quando o rico mata alguém, eles falam: “Não teve culpa”. E quando é pobre, eles falam: “É. Matou porque queria não sei o quê...”.

– *E o que você acha disso?*

Enunciadora 1: – Isso é injusto.

– *Por quê?*

Enunciadora 1: – Tem vez que o pobre nem fez nada. Que nem a mulher que mataram sem ela ter culpa, porque ela não fez as “Top 10”.

– *O que é “Top 10”?*

Enunciadora 1: – Foi um homem que “zoou” as meninas. Ele cadastra o *chip* no nome de outras pessoas.

Enunciador 1: – É uma mulher que faz isso.

Enunciadora 1: – É um homem!

Enunciadora 2: – É um homem e uma mulher. Qualquer pessoa pode ter feito isso. Não tem como descobrir...

Enunciadora 1: – Descobriram.

Enunciador 1: – É aqui de Paraisópolis.

Nesse momento, pela videogravação fica evidente o surgimento de um clima de maior excitação entre os pesquisados, denunciado pela confusão de vozes e gestos, como se, de fato, um segredo estivesse prestes a ser revelado, algo que somente poderiam fazer numa situação de total descontração e confiança mútua.

– *Quem pode explicar o que é “Top 10”?*

Enunciador 1: – Isso foi inventado quando começou a rolar o Baile do 17.

– Baile *funk*?

Enunciador 1: – É. As meninas ficam rebolando até o chão, fazendo essas coisas, e vão parar no “Top 10”, no Face... Aí, eles colocam um monte de ofensas... Falando que elas fazem isso, aquilo... Só que, aí, essa mulher que morreu, ela escreveu sobre alguém que não podia e mandaram matar.

Enunciadora 1: – As meninas são, “tipo”, “famosinhas” no Face, como uma amiga minha...

– *São meninas “populares”...*

Enunciadora 2: – Isso. “Tipo”, ganham muitas “curtidas”, “likes” nas fotos que elas postam.

Enunciador 1: – É, elas ficam lá mostrando os peito.

Enunciadora 1: – Cada foto que ela coloca, ela ganha mais de duzentas curtidas. Aí, a pessoa pega a menina mais “famosinha” do Facebook e coloca ela no “Top 10”. Agora vão fazer as “Top 20 do Taboão”.

– *E essas meninas sofrem preconceito?*

Enunciadora 1: – Sofrem.

– *Por quê?*

Enunciadora 1: Ficam xingando elas de “puta”, falando que elas já “deram” não sei quantas vezes. Que nem minha amiga, falaram que ela já “deu” três vezes.

Enunciador 1: É que aí...

Enunciadora 2: Fica “xiu”, ô.

Enunciadora 1: – Porque, “tipo”, pegaram uma foto em que ela tava com a “bunda” toda mostrando e colocaram no “Top 10”.

– *Que idade ela tem?*

Enunciadora 1: – Ela tem 13. Tava escrito bem assim: “Só tem 13 anos e tá firme”.

Enunciadora 2: – Ah, eu vou falar! Pra mim não importa quem seja a pessoa, se saiu no “Top 10” ou não. Por exemplo, a minha amiga saiu. Eu ando com ela, eu me divirto com ela, eu sei o tipo de pessoa que ela é. E colocaram assim na foto dela, nesse “Top 10”: “Adora pegar homem casado”.

– *Qual é a idade dela?*

Enunciadora 2: – Ela tem 15.

Enunciadora 2: – Ela saiu comigo e não faz esse tipo de coisa. O pai dela é um pai muito rigoroso e ela não sai final de semana. Fica só dentro de casa. Uma vez a gente fingiu que ela ia dormir na minha casa, mas a gente foi pro baile e ficou lá dançando. Aí, no dia seguinte, ela apareceu no “Top 10”. Ela foi lá e comentou: “Haha, quem fez esse ‘Top 10’ tá ‘se achando’ muito. Querida, eu só quero que você me ame menos, porque pra tá vendo esse tipo de coisa você deve me amar demais. Só acho que você deve me amar menos, porque, quanto mais você coloca esse tipo de coisa, meus seguidores só aumentam, minhas curtidas só explodem e o seu recalque só aumenta”.

– *Como surgiu esse tipo de postagem na internet?*

Enunciadora 2: – A pessoa cria esse vídeo. Ela pega foto de pessoas que têm curtida no Face, as “famosinhas do Face”, que são populares e todo mundo conhece, e faz esse “Top 10”. Inclusive, tem um menino da minha escola que fez o grupo das “meninas do Palmeirinhas”.

– *Palmeirinhas?*

Enunciadora 2: – É um campo de futebol que tem lá em cima. Isso foi muito comentado na escola e a mãe desse menino foi chamada. Fizeram um boletim de ocorrência...

– *E como as outras pessoas acessam os vídeos? Pela internet?*

Enunciadora 2: – Na verdade, pelo celular. O vídeo é feito no programa chamado Photo Grid. Aí, as pessoas vão passando umas pras outras e postam no Face.

– *E ninguém sabe quem é o responsável por isso?*

Enunciador 1: – Não.

Enunciadora 2: – Quem criou só coloca “Top 10”.

Enunciador 1: – É “tipo” aqueles vídeos lá que fazem: “Top 10 dos mais engraçados”.

– *Sim, mas criaram especificamente para o pessoal da comunidade.*

Enunciador 1: – É, criaram pra “zoar” o povo que fica lá rebolando...

Enunciadora 2: – Então, mas eu saio pro 17 [baile *funk*], bato carteirinha lá e nunca saí no “Top 10”.

Enunciador 1: – Mas não é só isso pra você entrar lá. Pra isso, “tipo”, você tem que você ficar do lado de um homem e ficar lá rebolando.

Enunciadora 2: – Oh, quem faz esse vídeo tem que ser alguém mais próximo, que conhece a pessoa, sabe quem é, onde mora... Como é que eles colocam até a idade, se eles não conhecem?!

– *Como são meninas bem populares, é só procurar nas redes sociais.* [Comentário feito por Rosângela Alves de Mattos, praticante de *cosplay*, presente ao último encontro]

Nesse ponto, retomamos a pergunta sobre a existência ou não de discriminação em relação aos moradores da comunidade de Paraisópolis.

Enunciadora 2: – Vamos supor, se você vai procurar um trabalho, se colocar no seu currículo que mora em Paraisópolis e aparecer alguém que mora no BNH “tal, tal e tal”, vai ser escolhido o do BNH.

– *Você já viu isso acontecer em casa ou com amigos?*

Enunciadora 2: – Não. Acho que é conhecimentos básicos da vida que a gente tem que saber, né? É que aqui no Einstein a gente discutiu toda a proposta da comunidade. Porque, se você é chamado de “favelado”, com certeza tem que ter algum motivo. Não é só morar numa favela. Se você é uma pessoa rebelde, que não cumpre leis; se é um bandido, que rouba e mata, você é considerado “favelado”. Agora, se você trata com respeito as pessoas, é inteligente, fala bem, não julga as pessoas, passa boa impressão e fala que é de Paraisópolis, vão achar que você tá mentindo, porque é uma pessoa muito culta pra ser daqui.

– *O fato de morar aqui te incomoda?*

Enunciadora 2: – Não. Isso não me incomoda.

– *E a maneira como outras as pessoas tratam quem mora aqui te incomoda?*

Enunciadora 2: – O jeito que as pessoas tratam, sim, porque, se você não me conhece, não sabe quem eu sou, não sabe nada da minha vida, como é que vai me julgar só porque eu moro na favela?

– *E como isso pode ser modificado?*

Enunciadora 2: – Ah, as pessoas têm que tentar entender melhor umas às outras, né? Antes de julgar, criticar, você tem que conhecer, o que, além do mais, é o certo.

Enunciador 1: – É, “tipo”, quando você fala assim, que nem ela disse [referindo-se à enunciadora 2], entre uma pessoa que mora no Paraisópolis e outra pessoa que mora... Em outro lugar aí, bairro chique... Morumbi...

– *As pessoas fazem um julgamento diferente...*

Enunciador 1: – É. Vai interpretar que uma é pobre e a outra é rica.

– *Você acha que isso está errado?*

Enunciador 1: – Acho.

– *Por quê?*

Enunciador 1: – Porque não devia ter preconceito com isso. Você vai arrumar emprego e, só porque você mora numa favela, você vai ser rejeitado?! Dá vontade de dar um murro na cara...

Nesse momento, ficou visível a expressão de indignação no semblante do enunciador 1.

Enunciadora 2: – É, e você acha que violência vai resolver isso?

Enunciador 1: – Eu acho.

Enunciadora 2: – Olha você pensando errado também...

Enunciador 1: – Que pensando errado o quê!

Enunciador 2: – Os ricos acham que os “favelados” são aqueles com arma, são violentos, essas coisas.

– *Eles têm uma imagem negativa já formada. E como isso poderia mudar?*

Enunciador 2: – Ah, eu não sei direito. Mas, que nem ela falou, tem que procurar conhecer a pessoa também.

– *Se você pudesse escolher, preferia morar fora da comunidade ou isso não te afeta?*

Enunciador 2: – Tanto faz, eu moro aqui e não sofro. Pelo menos, eu não.

Enunciadora 2: – Quando eu era *punk*, eu sofria isso. Eu me vestia toda de preto. Não tinha roupa colorida, só preta. Não penteava meu cabelo, só jogava ele pro lado.

Ao final do encontro, apresentamos a pergunta objetiva já citada (“De que forma a obra Harry Potter ajuda você a refletir sobre discriminação e igualdade entre as

peças?”) para ser respondida na presença do pesquisador (material consta nos anexos IX, XI, XIII e XV). Como na vez anterior, deparamo-nos com certa resistência e maior dificuldade em relação à atividade por parte do enunciador 1 e da enunciativa 1. Na sequência, procedemos ao encerramento, solicitando que cada participante expusesse as suas impressões e observações sobre o conteúdo trabalhado nos quatro encontros.

– Nós tivemos quatro encontros e conversamos sobre muitas coisas. Agora que chegamos ao fim, eu gostaria de saber o que vocês acharam e do que vocês lembram.

Enunciadora 2: – Ah, foi uma coisa que a gente escolheu fazer, porque é uma coisa legal. Surgiu de repente e a gente “topou” assim, sem ninguém obrigar a gente a nada.

– Quem quer falar também?

Enunciador 1: – O que ficou na minha cabeça? Que não pode ter mais racismo.

Enunciadora 2: – Refletir mais sobre os problemas da sociedade, “tipo” racismo, preconceito...

– O que mais vocês lembram?

Enunciadora 1: – De tudo!

Enunciador 1: – Eu posso falar, professor?

– Pode.

Enunciador 1: – Que na última aula eu ganhei uma camisa da Lacoste.

– Você ganhou hoje?

Enunciador 1: – Sim, eu ganhei da minha mãe pra vir aqui. [O enunciador 1 se referiu à camiseta polo que a mãe comprou especialmente para que pudesse participar da caracterização como personagem da série *Harry Potter*].

Enunciadora 2: – Ah, eu vou lembrar de tudo. Vou lembrar que foi uma iniciativa minha, eu vou lembrar do cara legal que eu conheci, eu vou lembrar do *show* com os atores [evento de *cosplay*], que foi muito legal. Vou lembrar também do que a gente falou e discutiu sobre preconceito, sobre racismo, sobre saber aceitar as diferenças das outras pessoas.

2.2. Armada de Paraisópolis (Grupo de Discussão B)

Fig. 13 – Imagem de divulgação de um dos múltiplos itens da franquia *Harry Potter*. Fonte: <http://www.travellertoday.com/wp-content/uploads/2014/05/1355312773_wizarding-world-wallpaper-harry-potter-10393333-1280-1024-300x240.jpg>.

*A Armada de Dumbledore vai receber o reforço da Armada de Paraisópolis, com seis combatentes já selecionados! – 21 de outubro de 2014.*⁶⁸

Integrado pelas enunciadoras 3, 4, 5 e 6 e pelos enunciadores 3 e 4, igualmente delimitado pelas variáveis gênero e faixa etária (14 a 19 anos), o **Grupo de Discussão B** foi composto em sua maioria por leitores identificados com a ajuda da Biblioteca Comunitária de Paraisópolis (Becei), precisamente as enunciadoras 5 e 6 e os enunciadores 3 e 4, enquanto as enunciadoras 3 e 4 foram identificadas pela ECE. Dos 13 leitores que compunham a amostra inicial, situados dentro da referida faixa etária, obtivemos o aceite e a produção textual de 10 leitores, sendo seis do sexo feminino e quatro do sexo masculino

A seleção dos participantes também se baseou na análise dos textos produzidos sobre a experiência individual com a leitura da obra *Harry Potter*, que, no caso dos

⁶⁸ O título deste tópico, a imagem e a legenda integram o sítio desenvolvido por meio da rede social Facebook para facilitar o contato com e entre os participantes do grupo de discussão B. Com esse suporte, disponibilizamos todo o material discursivo utilizado nas reuniões (trechos selecionados da obra *Harry Potter*) e também estimulamos os participantes a se apropriarem do espaço e divulgarem suas próprias postagens relacionadas ao universo de *Harry Potter*, o que resultou em apenas duas postagens, em 2/11/2014 e 17/11/2014, feitas respectivamente pelos enunciadores 3 e 4.

leitores contatados por intermédio da Becei, chegaram até nós por *e-mail*. Nesse subgrupo específico dentro do grupo B, composto pelos enunciadores 3 e 4 e as enunciatóras 5 e 6, observamos um nível mais elevado no que tange à elaboração de ideias e ao estabelecimento de correlações em comparação ao grupo A e às duas participantes oriundas da ECE, destacando-se a capacidade de criar uma linha do tempo integrando aspectos individuais, fatos sociais e o conteúdo da obra (enunciadoras 5 e 6), assim como análises de cunho técnico, a princípio restritas a setores especializados, sobre o desenvolvimento da narrativa e as distorções do material literário em roteiros adaptados para o cinema (enunciadores 3 e 4).

Nossa percepção é de que a faixa etária superior (os participantes citados têm entre 17 e 19 anos) e, portanto, o nível de escolaridade mais avançado concorreu sobremaneira para que houvesse esse tipo de discrepância, fenômeno que se confirmou inversamente proporcional quanto ao nível de comprometimento. Nesse aspecto, as enunciatóras 3 e 4 se diferenciaram dos demais, não apenas pelo comparecimento à totalidade dos encontros realizados (elas foram as únicas participantes do grupo B a registrarem 100% de frequência), como pelo comportamento apresentado durante todo o trabalho de campo, destacando-se a pontualidade (nas reuniões presenciais e nos contatos via rede social), bem como o maior envolvimento com as atividades desenvolvidas de uma forma geral, constituindo ambas a única dupla a responder de forma positiva à nossa proposta de realização de pesquisas fora do espaço e do tempo das reuniões grupais sobre os temas abordados.

Em um balanço informal feito após o término dos encontros com a pedagoga Solange Maria Rodrigues Alberto, representante da equipe da ECE, responsável pela maior leva de leitores selecionados, bem como pela cessão do espaço físico para realização das reuniões e pela principal interface da nossa pesquisa dentro da comunidade durante todo o trabalho de campo, prevaleceu a compreensão de que o desempenho diferenciado das enunciatóras 3 e 4 provavelmente esteja relacionado à sua participação pregressa nos programas de educação e aprendizado oferecidos pela entidade. Esse perfil específico das pesquisadas estaria, portanto, diretamente relacionado à demonstração de maior disciplina participativa e à valorização de atividades voltadas ao conhecimento e à aprendizagem.

A entrada da enunciatórá 5 foi a última a ser confirmada, totalizando seis participantes no grupo B, configuração que se revelou particularmente interessante,

porque permitiu avançarmos na proposição de realização de apresentações expositivas pelos pesquisados, por meio da formação de duplas, sobre as temáticas selecionadas, com base na delimitação feita do *corpus* discursivo da obra, e debatidas durante os encontros. O bom nível reflexivo e argumentativo constatado nos textos prévios produzidos pelos participantes estimulou em nós o entendimento da viabilidade de aplicação dessa dinâmica, que aparentemente garantiria condições para o aprofundamento de pontos de vista próprios dos sujeitos da pesquisa, haja vista o tempo relativamente escasso disponibilizado para os encontros presenciais (cerca de uma hora e meia), e dessa forma também contribuiria para ampliar a nossa compreensão das apropriações por eles realizadas. Acatada por unanimidade na primeira reunião, incluindo-se aspectos operacionais como definição das datas e do tempo de apresentação e a atribuição das temáticas a cada uma das duplas – a formação destas foi facilitada pelo coincidente grau de afinidade e parentesco entre as enunciantoras 3 e 4 (primas), além da amizade e da convivência anterior em ambiente escolar existente entre o enunciador 3 e a enunciantora 6, assim como entre o enunciador 4 e a enunciantora 5 –, a prática acabou não se consolidando, à exceção do trabalho apresentado pela dupla formada pelas enunciantoras 3 e 4, já citado, o que trouxe à tona questionamentos relacionados a uma possível associação negativa entre a atividade sugerida e a rotina escolar.

À medida que os encontros avançaram, a própria assiduidade dos participantes mostrou-se problemática, com a presença de apenas dois participantes (as enunciantoras 3 e 4) no terceiro encontro, tendo concorrido como fatores específicos para a baixa adesão a necessária mudança da data estipulada previamente em função da realização do Exame Nacional de Ensino Médio (ENEM) e, na sequência, o feriado de 15 de novembro. Por outro lado, o quarto e último encontro contou com a formação integral do grupo, incluindo a enunciantora 5, que não compareceu a nenhuma das reuniões anteriores (quando questionamos o motivo, alegou problemas de locomoção e horários). Acreditamos que o fator preponderante para a presença maciça dos pesquisados à última reunião tenha sido a estratégia desenvolvida por intermédio da rede social Facebook de programar, para o momento da reunião, a prática de *cosplay* pelos próprios sujeitos da pesquisa (cada qual caracterizado como seu personagem preferido), igualmente realizada com o grupo A e já citada.

Ainda que bastante consensuais em suas opiniões, os participantes do grupo B

deixaram-nos entrever em suas falas alguns focos de discordância, manifestados já no primeiro encontro, como no caso da percepção sobre o uso de drogas dentro e fora de Paraisópolis. De forma geral, esse grupo destacou-se pelo estabelecimento de um diálogo de grande amplitude reflexiva e interpretativa, com a abordagem de uma variedade bastante significativa de temas relacionados à realidade local, entre os quais podemos destacar a responsabilidade antecipada em relação ao estudo e ao trabalho como meio de sobrevivência e conquista de cidadania (aparentemente, trata-se de uma geração que elege a educação como “porta de saída” de uma realidade de exclusão social); a precocidade na ocorrência de situações que vitimam adolescentes locais, como gravidez e uso de drogas; os conflitos e obstáculos decorrentes da imposição do estigma de “favelado”, vulnerabilidades que, por outro lado, aparentam produzir um senso de determinação e solidariedade maior, conforme a percepção dos próprios participantes da pesquisa.

Enunciadora 3: “Ajuda [a obra] a refletir as desigualdades na vida, no mundo real. Um exemplo: uma pessoa ter uma oportunidade e você não”⁶⁹

Encontramos a enunciadora 3 na sede da ECE, no dia 8 de outubro de 2014. Atendeu nosso contato com presteza e ouviu em silêncio atencioso nossa exposição sobre a pesquisa de campo, assim como o convite para participar dos encontros a serem realizados com leitores da obra *Harry Potter*, o qual acatou prontamente. Sem que precisássemos reforçar o pedido, prontificou-se a contatar a prima, igualmente selecionada para integrar o grupo B (enunciadora 4), evidenciando a postura diligente que seria mantida ao longo de todos os nossos encontros.

A seriedade do semblante da enunciadora 3 – chamou nossa atenção a disciplina sob a qual os cabelos rigorosamente lisos são mantidos – e das posições por ela defendidas – em diversas ocasiões criticou o comportamento irresponsável dos adolescentes, afinal “tudo na vida tem limites” –, soa incomum em se tratando de uma adolescente de 14 anos e, aparentemente, guarda alguma relação com a moral evangélica, da qual é seguidora. Por outro lado, esse fato não compromete a popularidade das suas postagens no perfil mantido no Facebook, caracterizadas em sua maioria por *selfies* que recebem muitos comentários elogiosos à sua boa aparência. O

⁶⁹ Resposta da enunciadora 3 à pergunta objetiva feita no quarto e último encontro sobre exclusão e justiça social. Os textos escritos pela enunciadora 3 estão no anexo XXVI.

perfeccionismo estético se repete em relação aos resultados obtidos nas tarefas que se propõe a fazer. Ficou visivelmente insatisfeita e chegou a externar seu aborrecimento com o próprio desempenho na realização do *cosplay* escolhido para o último encontro (caracterização como a personagem Cho, primeira namorada de Harry Potter). De forma geral, o seu nível de aplicação em relação aos trabalhos propostos, assim como o da enunciadora 4 (ambas compareceram a todos os encontros realizados), destoou em termos de superioridade daquele apresentado pelos demais participantes – como exemplo, podemos citar a incorporação à sua rotina da leitura de textos sobre os assuntos abordados nas reuniões, a iniciativa de desmarcar um ensaio com o grupo de teatro do qual faz parte para comparecer ao terceiro encontro e a elaboração de uma apresentação em PPT (anexo XXVII), em dupla com a enunciadora 4, sobre a temática “preconceito”, debatida no quarto e último encontro. Referiu ser adepta do hábito de leitura tanto no questionário respondido quanto nas reuniões presenciais; por outro lado, em relação à competência da escrita demonstrou ter um domínio ainda deficiente, evidenciado pelos textos redigidos em resposta às nossas solicitações.

Os dados que seguem na composição deste perfil têm como fonte principal o questionário respondido pela enunciadora 3 (anexo XXVIII) durante o terceiro encontro. Mora com a mãe, que é separada do pai (este reside na Bahia), e dois irmãos em Paraisópolis há cerca de 12 anos; há outros familiares que habitam a comunidade há mais e menos tempo. A casa própria de três cômodos é mantida por uma renda familiar de até três salários mínimos, advinda da pensão alimentícia paga pelo pai e da ocupação da mãe (empregada doméstica). O pai é cabeleireiro e, assim como a mãe, possui o Ensino Médio completo. Não possuem carro nem assinatura de TV a cabo, no entanto contam com computador (um), banda larga e plano de saúde. É aluna bolsista do 9º ano em escola particular e entre suas atividades de lazer preferidas estão ir ao cinema, navegar na internet (redes sociais e vídeos do YouTube) e ler livros.

O hábito de leitura acentuou-se a partir dos 8 anos – atualmente, é uma atividade que pratica mais de uma vez por semana –, mas seu conhecimento da obra *Harry Potter* limita-se apenas ao primeiro livro (*Harry Potter e a Pedra Filosofal*), que pegou na biblioteca da ECE, e ao segundo filme da franquia cinematográfica (*Harry Potter e a Câmara Secreta*), a que assistiu quando tinha apenas 7 anos. Reconhece a importância da leitura – “proporciona ideias” – e se interessa pelos títulos de maior repercussão comercial, como *O Menino do Pijama Listrado* e *A Culpa é das Estrelas*, com

preferência por romances e histórias de superação, acessado por meio de bibliotecas e compra em livraria e loja de varejo. Escreve por solicitação escolar e procura sanar as dúvidas com professores e também com a mãe.

Enunciadora 4: “Eu acho que a escritora tenta mostrar a realidade”⁷⁰

Prima de primeiro grau da enunciadora 3 (as mães de ambas são irmãs) e um ano mais velha do que esta, a enunciadora 4 surpreendeu-nos pela aparência franzina, que se apressou em justificar – “as pessoas costumam achar que sou bem mais nova” – com o mesmo sorriso generoso que marcaria todas as suas intervenções durante os quatro encontros realizados, tendo registrado uma frequência de 100%. O primeiro contato foi feito em 10 de outubro de 2014, na sede da ECE, quando a informamos sobre o evento de *cosplay* de *Harry Potter*, em que esteve presente, realizado na semana anterior ao início dos trabalhos com os grupos.

A voz extremamente suave, por vezes difícil de ouvir, e a aparência infantil contrastam com os planos da jovem decidida que pretende cursar medicina – embora a mãe incentive a carreira de bailarina – e morar fora do país, conforme confidenciou ao longo das reuniões. À luz da realidade socioeconômica encontrada em Paraisópolis, não raro fomos tomados por um questionamento silencioso sobre as reais oportunidades que a vida reserva a essa jovem, cuja postura de forma geral se mostrou bastante destoante em relação, por exemplo, à enunciadora 5, a qual se ressentia da exclusão social imposta aos moradores da comunidade e chegou a relatar sua própria experiência com o fato. Blindada por uma espécie de idealismo sonhador e até de ingenuidade – não saberíamos precisar em que medida isso está relacionado à sua religiosidade (assim como a enunciadora 3, também declarou ser evangélica) –, a enunciadora 4 nos tocou não propriamente por se insurgir contra “moinhos de vento”, tal como uma figura quixotesca moderna, mas pelo seu nível de aplicação às atividades propostas e pela determinação de quem, afinal, pareceu ter consciência de que uma guerra é feita de muitas batalhas. Sobre o *cosplay* da personagem Hermione, tarefa proposta para o último encontro, assegurou-nos: “Vai dar certo”. E as horas que passou no salão de beleza para que os cabelos crespos ficassem lisos e parecidos com os da melhor amiga

⁷⁰ Resposta da enunciadora 4 à pergunta objetiva feita no quarto e último encontro sobre discriminação e igualdade entre as pessoas. Os textos escritos pela enunciadora 4 estão no anexo XXIX.

de Harry Potter garantiram o seu triunfo final, com direito a registro fotográfico no Facebook.

Os dados que seguem na composição deste perfil têm como fonte principal o questionário respondido pela enunciadora 4 (anexo XXX) durante o terceiro encontro. Nascida e criada em Paraisópolis, é a caçula de uma família de cinco filhos que, atualmente, mora em casa própria com mais de três cômodos. Não sabe precisar o valor total da renda familiar, a qual resulta do trabalho da mãe, que é faxineira e completou o Ensino Médio, e do pai, que atua como pedreiro e concluiu o Ensino Fundamental. Não possuem carro, mas contam com computador (um), conexão de banda larga (seu principal uso são pesquisas, redes sociais e vídeos do YouTube), TV a cabo e plano de saúde. A enunciadora 4 cursa o primeiro ano do Ensino Médio em escola pública e, entre as suas atividades de lazer, estão espetáculos/shows, *shopping center* e cinema. Relatou “falta de vagas, escolas e oportunidades” como impedimento para concretizar o seu interesse por aulas de dança.

Tomou conhecimento da obra *Harry Potter* por intermédio dos filmes (o irmão tinha a coleção completa ainda em videocassete) aos 7, 8 anos e, posteriormente, fez empréstimo do título *Harry Potter e a Câmara Secreta* na biblioteca da ECE. A introdução ao mundo da leitura deu-se por meio do equipamento da entidade (o qual continua a utilizar, além de comprar na livraria Saraiva), tendo incorporado o hábito ao seu dia a dia com boa frequência (mais de uma vez por semana). Os gêneros preferidos são as obras ficcionais e não ficcionais voltadas para o público juvenil (*Diário de um Banana*, *A Culpa É das Estrelas*, *A Garota Americana*, *Ela Disse: Ele Disse*). Os livros evangélicos também estão entre as obras consultadas, assim como as revistas sobre artistas da música popular sul-coreana, conhecidas com K-Pop (abreviação de Korean Pop). Também se dedica à escrita (mais de uma vez por mês), redigindo o que chamou de romances e *imagines* (textos em primeira pessoa sobre situações fictícias envolvendo o autor e seus ídolos).

Enunciadora 5: “A obra me ajuda a refletir que pessoas menos favorecidas têm menos chances no mundo real [...] e isso desencoraja a seguir em frente”⁷¹

⁷¹ Resposta da enunciadora 5 à pergunta objetiva feita no quarto e último encontro sobre exclusão e justiça social. Os textos escritos pela enunciadora 5 estão no anexo XXXI.

Estivemos com a enunciadora 5 em apenas duas ocasiões – durante o contato em que confirmamos sua participação na pesquisa, em 18 de outubro de 2014, durante o evento realizado na comunidade de Paraisópolis, e no quarto e último encontro, único ao qual compareceu –, mas podemos considerar que sua intervenção no grupo B foi decisiva para nós na tentativa de compreensão da realidade do jovem de Paraisópolis. Das breves conversas entabuladas pelo telefone e por intermédio da rede social Facebook, para combinar datas e horários seguidamente não cumpridos, resultou a percepção de um comportamento típico da adolescência, marcado pela indisciplina e pela indolência.

Providencialmente, a enunciadora 5 reservou para a última reunião uma outra característica igualmente associada ao universo juvenil: a capacidade de indignação diante das mazelas sociais: “Igualdade? É muito difícil enxergar a igualdade entre as pessoas, ninguém quer ser igual a ninguém; [todos] sempre querem ser superiores”. Jovem e bela, aos 17 anos já coleciona experiências negativas relacionadas a uma dupla exclusão, social e territorial, à qual os moradores de comunidades periféricas são submetidos no contexto das grandes cidades, mostrando-se corajosa ao partilhá-la conosco: “Para conseguir emprego ou ser aceito em um curso, você não pode dizer que mora em Paraisópolis”. A rejeição explícita ou velada do mercado formal aos habitantes da favela, invariavelmente associados a práticas que colocam em risco a ordem social, como a violência, o uso de drogas e os bailes *funks*, abre uma trincheira frente à qual a enunciadora 5 parece posicionar-se com um visível ar de desencanto: “Se você mora em Paraisópolis, vão te discriminar por não terem informações sobre como realmente é aqui. Julgar pelo que vê [de negativo] é a única certeza do ser humano”. A capacidade de reflexão e livre associação entre as situações de discriminação e exclusão presentes no discurso da obra *Harry Potter* e aquelas vivenciadas pela enunciadora 5 no seu cotidiano surpreendeu-nos, e a ela mais ainda: “Nunca imaginei que isso fosse possível em um grupo de trabalhos sobre *Harry Potter*”.

Os dados que seguem na composição deste perfil têm como fonte principal o questionário respondido pela enunciadora 5 (anexo XXXII) e entregue por *e-mail*. A família passou a residir em Paraisópolis logo após o seu nascimento, há cerca de 16 anos. Atualmente, mora com o padrasto e a mãe em casa própria, com mais de três cômodos e renda mensal que não ultrapassa três salários mínimos. Tanto o padrasto quanto a mãe completaram o Ensino Médio e são auxiliares de serviços gerais em uma

loja de materiais para construção (o pai biológico da enunciadora 5 é separado da mãe e trabalha como entregador em um açougue). Não possuem plano de saúde privado, mas dispõem de bens como automóvel (um), computador (um), além de banda larga (na internet, pesquisa informações sobre escritores famosos, assiste a vídeos e comunica-se por *e-mail*) e TV a cabo. Estudou em escola pública até concluir o Ensino Médio e prepara-se para ingressar no curso de Rádio e TV em uma faculdade particular (para tanto, a enunciadora 5 pretende pleitear uma bolsa de estudo). Entre as atividades de lazer preferidas, estão cinema, teatro, espetáculos/shows e compra de livros, o que não pratica com a frequência desejada em razão de limitações financeiras e de transporte.

Tomou contato com a obra *Harry Potter* aos 7 anos por intermédio do filme baseado no primeiro volume da série, *Harry Potter e a Pedra Filosofal*; já em relação aos livros, o debut se deu bem mais tardiamente (há cerca de três anos). Não obstante, concluiu a leitura dos sete volumes que integram a série, além de ter assistido a todos os filmes correspondentes, referindo grande demanda por outras obras relacionadas ao tema, bem como à biografia da autora J. K. Rowling. Os gêneros preferidos são as histórias de ação e aventura (*Percy Jackson e os Olimpianos*, *O Hobbit*, *Jogos Vorazes* – nas suas palavras, “uma trilogia incrível” –, *Eragon*, *As Crônicas de Nárnia*) e os dramas voltados ao público juvenil de autores como John Green e Nicholas Sparks, recorrendo a bibliotecas, livrarias e compartilhamento com amigos. Reconhece os benefícios da atividade para o desenvolvimento pessoal e profissional, mas tem problemas de dispersão ao ler – “procuro me focar em um ponto fixo e assim continuo minha leitura” – e recebe pouco incentivo familiar – “minha família não gosta muito de livros; eles nem ao menos sabem sobre o meu gosto por leitura”. Também se interessa por publicações do segmento HQ e escreve poesias e outros textos ao menos uma vez por semana.

Enunciadora 6: “A saga retrata discriminação por classe social e por um certo tipo de ‘raça pura’; a partir de como as personagens lidam com isso é que se pode fazer uma analogia com o que ocorre no mundo real”⁷²

A aparência angelical da enunciadora 6, de 18 anos, chamou nossa atenção – o primeiro contato ocorreu durante a realização do evento na sede da ECE, em 18 de

⁷² Resposta da enunciadora 6 à pergunta objetiva feita no quarto e último encontro sobre discriminação e igualdade entre as pessoas. Os textos escritos pela enunciadora 6 estão no anexo XXXIII.

outubro de 2014, ao qual ela compareceu –, sobretudo pelo contraste em relação à maneira de ser visivelmente mais decidida, concentrada, lacônica e determinada. A princípio, pareceu-nos muito empolgada com a possibilidade de participação na pesquisa de campo, especialmente pela presença do enunciador 3, de quem relatou ser amiga de longa data, contudo essa disposição parece ter arrefecido com o passar das semanas. Compareceu a apenas dois dos quatro encontros realizados, precisamente o primeiro e o último, sob a alegação de ter de cuidar sozinha do pai, recém-operado. Houve relativa dificuldade de interação com a enunciativa 6 ao longo do trabalho, uma vez que não tinha acesso à rede social Facebook, onde concentramos as informações sobre atividades dos grupos A e B, e costumava demorar para retornar contatos feitos por *e-mail* e telefonemas.

Durante nosso convívio, revelou a intenção de estudar Filosofia na faculdade, o que nos pareceu coerente com a militância política referida em um dos textos entregues por nossa solicitação; curiosamente, no mesmo texto, refere-se à personagem Harry Potter como um “revolucionário”, porque “lutou contra um ditador que desejava por fim àqueles que considerava inferiores”, embora confidencie que esse argumento não convenceu os demais integrantes do movimento – “meus companheiros riram”. De forma geral, a participação da enunciativa 6 destoou da dos demais pela capacidade reflexiva acima da média – destacamos aqui a percepção espontânea, juntamente com o enunciador 4, da relação entre os propósitos higienistas do vilão da obra *Harry Potter* e o nazismo –, além de apresentar-se como um dos três únicos perfis (ao lado do enunciador 3 e da enunciativa 5) que declararam conhecer todos os livros e filmes da série.

Os dados que seguem na composição deste perfil têm como fonte principal o questionário respondido pela enunciativa 6 (anexo XXXIV) e entregue no último encontro. Reside na comunidade de Paraisópolis há 10 anos, em casa alugada de apenas três cômodos. A renda familiar está entre três e cinco salários mínimos – o pai é aposentado e estudou até a segunda série do Ensino Fundamental; a mãe trabalha como recepcionista e completou a terceira série do Ensino Fundamental. O acesso a bens é limitado: a família não possui carro, plano de saúde nem conexão de banda larga (provavelmente, a enunciativa 6 recorre a conexões disponíveis na escola, em *lan houses* ou em outros espaços, pois referiu utilizar a internet para fazer pesquisas, ouvir música e assistir a vídeos), embora disponha de um computador. É bolsista de escola

particular, na qual cursa o segundo ano do Ensino Médio. Das atividades de lazer listadas (cinema, teatro, internet, *shopping centers*, viagens etc.), registrou não ter acesso apenas a espetáculos/shows e realizar viagens somente por intermédio da escola.

Leu integralmente todos os livros da série *Harry Potter* e assistiu aos respectivos filmes, tendo iniciado seu contato com a obra muito precocemente, aos 6, 7 anos, por meio de biblioteca, com o primeiro título, *A Pedra Filosofal*. Os demais também foram acessados por empréstimo, à exceção do quarto e quinto volumes, os quais ganhou. A rigor, foi introduzida ao hábito de leitura por meio da coleção – “aperfeiçoei minha habilidade de ler com os livros da saga” –, e hoje essa atividade – “de vital importância” – encontra-se bastante difundida (o número de livros em casa chega a 120). Do gênero aventura, interessou-se até hoje apenas pela série *Harry Potter*, tendo preferência por poesia e obras de cunho filosófico e político, referindo autores como Carlos Drummond de Andrade, Franz Kafka e Karl Marx. Além disso, afirma ler artigos científicos e revistas de conteúdo histórico. Acredita que possui facilidade de escrever em decorrência da leitura, mas não pratica a atividade com frequência fora do contexto escolar.

Enunciador 3: “A obra *Harry Potter*, bem como os seus personagens e sua situação social retratam muito bem a real forma de vida em comunidades como Paraisópolis, por exemplo. [...] A chamada classe superior – tratada na história como ‘sangue puro’ – sempre agirá para que a classe inferior seja prejudicada e excluída socialmente, retirando as suas oportunidades e dificultando a sua ascensão perante a sociedade como um todo”⁷³

Aos 17 anos, o enunciador 3 individualiza-se pelo contraste entre a timidez na comunicação oral e a alta capacidade de expressar-se por escrito, tendo produzido os melhores textos que coletamos no trabalho de campo, com coesão interna e efetivo domínio da Língua Portuguesa. O próprio pesquisado atribui esse desenvolvimento à leitura – além de gostar de ler, trabalha na Biblioteca Comunitária de Paraisópolis (Becei) – e, mais especificamente, ao contato com a obra *Harry Potter*, “uma experiência incrível e inesquecível” que estimulou a prática da atividade de leitura. Encontramo-nos pela primeira vez já por ocasião do encontro inicial do grupo B, no dia

⁷³ Resposta do enunciador 3 à pergunta objetiva feita no quarto e último encontro sobre exclusão e justiça social. Os textos escritos pelo enunciador 3 estão no anexo XXXV.

25 de outubro de 2014, após algumas tentativas frustradas de contato prévio motivadas por dificuldade de comunicação tanto por telefone quanto pela internet – o enunciador 3 estava sem celular e acessava a rede Facebook apenas em horários restritos, pois não dispõe de computador em casa.

Compareceu a três dos quatro encontros realizados, sempre munido do olhar contemplativo e do comportamento reservado, que, no entanto, não impediram que partilhasse conosco uma experiência individual e coletiva bastante significativa: o conflito declarado entre alunos bolsistas e não bolsistas vivenciado na escola particular em que estuda, uma das mais tradicionais da cidade de São Paulo. As agressões explícitas por parte dos matriculados, oriundos de famílias mais abastadas, e motivadas única e exclusivamente pela diferença de classe impulsionaram até mesmo a organização de uma passeata por parte dos não bolsistas, que acabou sendo esvaziada por pressão da direção do colégio. O episódio veio à tona durante o segundo encontro, na esteira da reflexão proposta sobre as semelhanças e diferenças entre as personagens da obra *Harry Potter* e os jovens que vivem na comunidade de Paraisópolis, mas ressurgiu em outros momentos estratégicos, relacionados, por exemplo, ao debate sobre temáticas como discriminação e exclusão social, então não mais como resultado de uma contribuição isolada ou individual, mas da interação entre os diferentes participantes presentes, construindo uma forma partilhável e própria de compreensão da realidade social.

Os dados que seguem na composição deste perfil têm como fonte principal o questionário respondido pelo enunciador 3 (anexo XXXVI) e entregue por *e-mail*. A família reside há 11 anos na comunidade de Paraisópolis, em casa própria com mais de três cômodos e renda de um a três salários mínimos. Os pais estudaram até a quarta série do Ensino Fundamental e são separados – o pai mora em outro Estado, e o enunciador 3 mora com a mãe, a irmã e o irmão (ambos trabalham fora e a mãe, que é dona de casa, recebe ajuda financeira da filha para cuidar da neta). Não possuem carro, computador, plano de saúde, conexão de banda larga nem assinatura de TV a cabo. O uso da internet é feito preferencialmente para assistir a vídeos no YouTube, pesquisar, comunicar-se por *e-mail* e baixar músicas. É bolsista (segundo ano do Ensino Médio) de escola particular e o trabalho como assistente na biblioteca (Becei) de Paraisópolis não supre suas necessidades financeiras, o que o impede de realizar, com mais frequência, seus programas favoritos, como viajar e ir ao cinema.

Tomou conhecimento da obra *Harry Potter* por meio de um DVD “pirata” do terceiro filme da franquia cinematográfica, *Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban*, quando tinha entre 10 e 11 anos. A iniciativa despertou a procura pela leitura do livro de mesmo título, correspondente ao terceiro volume da série. Prosseguiu com seu interesse, completando a sequência de livros e filmes, tendo assistido ao último deles no cinema. Dedicou-se à leitura mais de uma vez por semana – “na verdade, eu sempre estou lendo algum livro” –, atividade que considera de grande importância para desenvolver a imaginação e ampliar o vocabulário. O interesse pelos livros não é compartilhado pela família e seu acesso se dá por meio de biblioteca e presentes. Afora o gênero aventura (*Harry Potter*, *O Senhor dos Anéis*, *O Hobbit*, *Jogos Vorazes*), interessa-se por literatura em geral (Gabriel García Márquez, Paulo Coelho) e livros e autores do segmento juvenil (Jostein Gaarder – *O Mundo de Sofia*; e obras de Suzanne Collins), além de revistas e jornais.

Enunciador 4: “No caso as famílias de bruxos tradicionais discriminam os mestiços e não bruxos; podemos comparar isto às famílias com mais poder econômico, e até mesmo às famílias que são naturais de tal Estado e discriminam os imigrantes”⁷⁴

Participante de maior idade do grupo B (19 anos), o enunciador 4 confirmou seu interesse em colaborar com a pesquisa de campo em 10 de outubro de 2014, na sede da ECE, local em que fizemos nosso primeiro contato presencial. O uso de cabelos compridos e vestes predominantemente pretas sugeriu um quê de revolta, que, posteriormente, compreendemos guardar relação com a sua participação como vocalista em uma banda de Death Metal, uma variação mais “agressiva” em relação a segmentos musicais da cena *underground* como Heavy Metal e Thrash Metal, marcada pelo vocal gutural e a abordagem de temas mórbidos.

Com 75% de presença nas reuniões realizadas, o enunciador 4 evidenciou sua maturidade em relação aos demais integrantes do grupo de forma significativa, como no tocante à temática “escolha da profissão”, em que fez uma distinção contundente entre carreira e trabalho para subsistência, constatação resultante da sua própria necessidade de buscar ocupações para auxiliar no sustento da casa, em detrimento do sonho de

⁷⁴ Resposta do enunciador 4 à pergunta objetiva feita no quarto e último encontro sobre discriminação e igualdade entre as pessoas. Os textos escritos pelo enunciador 4 estão no anexo XXXVII.

tornar-se um astro do *rock* pesado. Outro exemplo foi a livre associação feita (juntamente com a enunciativa 6), sem sugestão prévia de nossa parte, da relação entre o plano de eugenia do vilão da história de *Harry Potter* e o nazismo, além da uma desenvoltura acima da média (a qual, talvez, possa ser atribuída à experiência adquirida nas apresentações como músico) na caracterização como a personagem Sirius Black, durante a dinâmica inspirada na prática de *cosplay* que realizamos no quarto e último encontro.

Os dados que seguem na composição deste perfil têm como fonte principal o questionário respondido pelo enunciador 4 (anexo XXXVIII) e entregue por *e-mail*. Mora em Paraisópolis há oito anos com a mãe, que é diarista e cursou até a terceira série do Ensino Fundamental. A casa alugada de dois cômodos é mantida por meio de uma renda familiar mensal de um a três salários mínimos, sem acesso a automóvel, plano de saúde e TV a cabo. Possui conexão de banda larga e utiliza a internet preferencialmente para fazer pesquisas, interagir em redes sociais e assistir a vídeos no YouTube. Concluiu o Ensino Médio e pratica atividades de lazer diversas (cinema, teatro, espetáculos etc.), à exceção de viagens e visitas a *shopping centers*.

O contato com a obra *Harry Potter* deu-se por meio do segmento de jogos eletrônicos quando tinha entre 7 e 8 anos; em seguida vieram as produções cinematográficas (do primeiro ao quarto filmes, pela programação da TV aberta e DVDs); e, por último, leu os quatro primeiros volumes – descobriu a existência dos livros por acaso, no período de lançamento do sexto volume no Brasil, *Harry Potter e o Enigma do Príncipe*, ao voltar da escola e observar os exemplares expostos na vitrine de uma livraria⁷⁵ –, aos quais teve acesso na Biblioteca Comunitária de Paraisópolis (Becei), onde já trabalhou. Passou a dedicar-se à leitura tardiamente (há cerca de três anos) e por imposição escolar (em razão de uma prova sobre o livro *Capitães de Areia*, de Jorge Amado), e atribui à obra *Harry Potter* o principal estímulo ao desenvolvimento do hábito da leitura – “foi o que me deu gosto pelos livros”. Hoje, reconhece a importância da atividade para o próprio desenvolvimento, tendo especial interesse por histórias de fantasia, além de mangás (histórias em quadrinhos de origem japonesa) e noticiário na internet. Escreve poesias e letras para músicas.

⁷⁵ Este dado consta do texto escrito previamente aos encontros e incluído nos anexos, em resposta à solicitação do pesquisador para seleção dos participantes da pesquisa.

2.2.1. Primeiro encontro

Participantes: enunciadora 3, enunciadora 4, enunciadora 6, enunciator 3, enunciator 4 (25/10/2014, 16h às 17h30)

“Sei lá, tá ‘rolando’ muita coisa que eu não gosto, que nem essas festas que, ‘tipo’, tem menor de idade. Se você for aqui no baile *funk*, vai ver que lá tem até criança de 9 anos bebendo, usando lança-perfume...” (enunciadora 3)

“[...] a situação dos moradores da favela é muito diferente da situação dos moradores de fora da favela. Lá também ‘rola’ bebida, mas não é aquela bebida que deixa você ‘doidão’, ‘loução’... As pessoas que frequentam as festas são diferentes também; aqui são mais crianças, garotas que colocam uma ‘sainha’ e vão pro baile *funk*. Por exemplo, o 17 [nome de um baile *funk* da comunidade de Paraisópolis], não sei se você conhece, aqui na rua da feira... É uma podridão lá.” (enunciador 3)

Fig. 14 – Imagens do primeiro encontro com o grupo B. Fonte: Acervo do pesquisador.

14.1

14.2

14.3

14.4

TEMAS	PERÍODO TOTAL			
	1ª SEM	2ª SEM	3ª SEM	4ª SEM
LABORÁTORIA E LÍMITES				
MEMÓRIAS		DUPLA ELAINE		
MEMÓRIAS		DUPLA DIEGO		
ESCOLA PARA PROFESSORES			DUPLA PAULO	
BULLYING			CRISLAYNE	
MAIORIDADE			DUPLA DIEGO	
PRECONCEITO				DUPLA REBECA
EXCLUSÃO SOCIAL				CRISLAYNE
				DUPLA PAULO
				ELAINE

Assim como ocorreu em relação ao grupo A, o primeiro encontro do grupo B iniciou-se com as apresentações do moderador (pesquisador) e dos participantes presentes (a única ausência registrada foi a da enunciadora 5, que compareceu apenas ao último encontro, conforme já mencionado), os quais relataram de forma mais detalhada como se deu o seu contato com a obra *Harry Potter*. Os dados também constam da descrição dos perfis feita anteriormente, sendo relevante, em nosso entender, acrescentar a experiência de subversão da ordem de leitura dos sete volumes referida pelo enunciador 3: “Comecei a ler o terceiro volume; depois, eu li o último; aí, continuei lendo todos; e agora só falta o quarto, que eu tô lendo, aliás”). Outro dado que chamou a atenção foi a capacidade de observação crítica quanto às diferenças existentes entre as múltiplas plataformas midiáticas, especificamente filmes e livros, conforme observação feita pelo enunciador 4 no texto solicitado previamente para a seleção dos participantes da pesquisa e ratificada por ele no primeiro encontro:

Enunciador 4: – Lendo os livros, eu vi o quanto uma adaptação pode ser diferente da obra original. Por exemplo, assistindo os filmes eu não tinha entendido que Ridle [nome de batismo da personagem Lord Voldemort, vilão da história] era Voldemort no passado; pra mim, vendo o filme, ele era só um servo ou algo do tipo... Mas o que mais me impressionou foi o quanto me esclareceu a leitura do *Prisioneiro de Azkaban* [terceiro volume], porque eu não sabia que os criadores do mapa do maroto eram, na verdade, Sirius, Thiago, Pedro e Lupin [personagens da obra, entre os quais está o pai

de Harry Potter, Thiago Potter]! Sério!

De forma mais genérica, a observação foi corroborada pelas enunciadoras 3 e 4⁷⁶:

Enunciadora 3: – Eu acho que o livro conta melhor a história; o filme, “tipo”, resume, e faltam algumas coisas.

Enunciadora 4: – O filme não conta a história toda, resume muito.

Já a enunciadora 6 foi além e demonstrou conhecimento sobre as especificidades de linguagem que caracterizam cada meio de comunicação em particular:

Enunciadora 6: – Realmente, os livros e os filmes são diferentes, mas eu acho que o filme é uma coisa e o livro é outra, então não tem como dizer que um é melhor e outro é pior, porque são mídias diferentes.

De forma geral, a participação dos presentes foi bastante ativa, não evidenciando qualquer tipo de problema em relação à realização dos encontros aos sábados, ressaltando-se a observação feita pela enunciadora 6 quanto à quantidade de reuniões. Obtivemos também a anuência dos participantes sobre a realização de apresentações individuais ou em duplas a serem iniciadas no encontro seguinte, com base nas temáticas selecionadas para cada reunião, o que na prática acabou não se confirmando, exceção observada no caso das enunciadoras 3 e 4, que chegaram a preparar uma apresentação em PPT sobre o tema “preconceito”, conforme já mencionado.

Após a leitura individual (reservamos 15 minutos para essa atividade) de um trecho selecionado do volume seis (anexo XXXIX), *Harry Potter e o Enigma do Príncipe*, correspondente à temática “limites e liberdade”, conforme tabela 2, inserida anteriormente, o debate, com todos os participantes sentados em círculo, foi estimulado por meio de um roteiro de perguntas constante em tópico guia (anexo XL). A interação entre o moderador e os participantes apresentou uma curva nitidamente evolutiva no que tange ao estabelecimento de uma relação de confiança, que aparentemente atingiu seu ápice com a revelação de uma realidade local incômoda de total ausência de restrições ao uso de álcool e drogas por menores de idade. Constatamos, ainda, que

⁷⁶ Tanto a enunciadora 3 quanto a enunciadora 4 se declararam evangélicas, tendo a primeira relatado rejeição inicial ao conteúdo da obra, em razão do tema relacionado à bruxaria, conforme já mencionado.

todos os participantes já apresentam alguma noção de responsabilidade em relação à administração do próprio dinheiro, auferido por meio de pequenos trabalhos informais e até da gestão de pensão alimentícia no caso de pais separados, evidenciando maturidade e autonomia maiores em relação aos adolescentes de classe média.

Evidências empíricas obtidas e selecionadas para análise com base na transcrição de gravação de áudio⁷⁷

– *O que chama mais a atenção de vocês no texto que acabaram de ler?*

Enunciador 4: – A preocupação do Harry em ter, de certa forma, a amizade abalada com os dois amigos [referindo-se às personagens Rony e Hermione], caso eles venham a ter algum romance. Eles podem parar de se falar e ele vai ter que reunir eles de novo ou, no caso de ficarem muito próximos, o Harry pode ficar de lado.

– *Sim, são conflitos comuns nas relações de amizade, na escola...*

Enunciador 4: – É o que mais me chamou a atenção aqui, porque dá pra perceber que o Harry se importa com a amizade dos dois.

Enunciador 3: – O que me chamou a atenção foi, “tipo”, essa antecipação de que, “tipo”, o Rony e a Hermione [os dois melhores amigos de Harry Potter] podem virar um casal no final, só que ainda não é tão visível assim; tem umas pistas meio que “jogadas”.

Enunciadora 3: – O que me chamou a atenção foi o que ele [referindo-se ao enunciador 4] falou.

– *E por que isso chamou a sua atenção?*

Enunciadora 3: – Porque, “tipo”, vamos supor, eu tenho um amigo e a gente começa a namorar. Depois, a gente acaba o namoro. Será que a amizade vai continuar, entendeu? Que nem o que tá aqui no texto...

– *Você acha que essa situação acontece na vida real?*

Enunciadora 3: – Sim, já aconteceu isso comigo: um amigo, “tipo”, o meu melhor amigo gostou de mim, namorou comigo e a gente perdeu a amizade por causa disso, entendeu?

– *Que idade vocês tinham na época?*

Enunciadora 3: – Ele tinha 14, 15 e eu tinha 11, 10, alguma coisa assim...

⁷⁷ Privilegiamos a seleção de trechos de maior inteligibilidade, procurando preservar a fala dos sujeitos da pesquisa na íntegra, sem a correção de erros cometidos em relação à norma culta da Língua Portuguesa.

– *Muito cedo...*

Enunciadora 3: – Eu era muito nova.

– *E você tinha essa consciência de que não iria dar certo?*

Enunciadora 3: – Tinha. Eu sempre fui bem esperta assim desde o começo. Eu acho que não tinha idade; na verdade, até hoje eu acho que não tenho idade ainda.

Enunciadora 6: – Acho que o texto mostra uma parte do começo da introdução do adolescente numa vida social. Antes, eles [as personagens] eram amigos e se preocupavam só com a amizade; agora, tão se preocupando com namoro...

Enunciador 4: – Outra coisa que eu lembrei agora é o que o Rony [personagem] fala: ele se sente meio excluído, porque só quem for de um “grupinho” pode ir na festa...

– *É comum haver grupos que os jovens formam e outros jovens não podem participar?*

Enunciador 4: – É, exatamente. Por exemplo, fulano vai dar uma festa, mas você não é convidado só porque não conhece o amigo do amigo.

Enunciadora 4: – Mas se você fosse famoso na escola, você seria convidado.

Enunciador 4: – É.

– *É preciso ter um determinado “currículo” para ser aceito, é isso?*

Enunciadora 4: – É.

– *E vocês acham que é comum acontecer isso na adolescência?*

Enunciador 4: – Daí pra frente. Até no trabalho também pode acontecer.

– *E por que acontece essa divisão entre as pessoas?*

Enunciador 4: – Eu acho que é meio que um refúgio da pessoa pra não conhecer a outra. As pessoas não são tão abertas pra se conhecer.

– *Vocês acham que os adolescentes buscam apenas aquilo que é igual?*

Enunciadora 6: – Não, pra mim eles querem ser diferentes.

– *Mas esses grupinhos a que vocês se referiram são formados por aqueles que se consideram iguais entre si...*

Enunciadora 6: – Eles tentam ser diferentes pra serem incluídos no grupo.

– *São diferentes para serem iguais, é isso?*

Enunciadora 6: – É.

Enunciadora 4: Isso de formar “grupinhos” realmente começa na escola. Eu, particularmente, não tô em grupo nenhum, porque eu não quero.

– *Nós estamos falando aqui sobre “grupinhos” de amigos, sobre quem é convidado para ir à festa e quem não é, exatamente como vimos no texto. Então, quem aqui poderia descrever como é uma festa divertida?*

Enunciadora 4: – Seria uma festa com todos os amigos que eu gosto e, “tipo”, se eu não convidar uma pessoa, eu não quero que ela vá.

– *Então é uma festa restrita mesmo, quem não é do grupo não entra?*

Enunciadora 4: – É, igual os outros grupos.

Enunciador 4: – Eu vejo que temos que ter principalmente amigos próximos, bastante gente... E, por que não, pessoas novas, que eu possa conhecer e provar novas amizades? Pra mim, também tem que ter uma música boa [o enunciador 4 é vocalista de uma banda de Death Metal, conforme já mencionado] e bebida, que é mais prioritário do que comida. Assim, as pessoas ficam mais alegres na festa.

– *É exatamente o que o texto menciona em relação à “cerveja amanteigada” [bebida citada na obra *Harry Potter*]. Não é o seu caso [o enunciador 4 tem 19 anos], mas existe uma proibição de venda de bebida alcoólica para menores de idade, o que não quer dizer nada, porque nas festinhas de adolescentes é muito comum ter bebidas, até em excesso, como a gente vê no noticiário. Vocês costumam frequentar festas como essas?*

Enunciadora 3: – Não. “Assim”, “tipo”, me chamam, sabe, mas eu não gosto muito de ir nessas festas.

– *Por quê?*

Enunciadora 3: – Sei lá, tá “rolando” muita coisa que eu não gosto, que nem essas festas que, “tipo”, tem menor de idade. Se você for aqui no baile *funk*, vai ver que lá tem até criança de 9 anos bebendo, usando lança-perfume...

– *E isso é muito comum aqui em Paraisópolis?*

Enunciadora 3: – Muito comum. Eu acho que, sei lá, os pais são responsáveis, né?

Enunciador 4: – Eu acho que isso vai da concepção de cada pessoa, primeiramente. Mas, realmente, eu acho que, pelas coisas que “rolam”, eles são muitos precoces, em parte como ela [referindo-se à enunciadora 3] falou, porque os pais não ligam muito, não é?

Enunciador 3: – Eu acho que tem que ter bebida porque, por exemplo, eu sou bastante tímido... E quando você bebe, fica mais solto, consegue fazer umas coisas que não conseguiria fazer sóbrio.

– *Então, a bebida nas festas é uma coisa boa?*

Enunciador 3: – Até certo ponto, sim.

– *Até que ponto?*

Enunciadora 4: – Até o ponto em que você começa a chorar e chamar o nome da pessoa que você gosta... [Nesse momento, o bom humor da enunciadora 4 contagiou todos os participantes, que se manifestaram por meio de risadas]

Enunciadora 6: – Eu não gosto de beber, porque eu vou começar a falar um monte de “merda”...

– *Quem aqui já bebeu além da conta e já se viu em situações perigosas?*

Enunciador 4: – Eu não lembro... [Nesse momento, todos os participantes riram]. Eu caí no chão e machuquei meu nariz.

– *E vale a pena correr todos esses riscos, mas não perder a festa? O que esse momento tem de tão especial?*

Enunciador 4: – Pra mim, a palavra é descontração. Confraternização com pessoas que você gosta de estar.

Enunciadora 4: – Acho que é um momento seu e dos seus amigos.

– *E é muito importante ter isso?*

Enunciadora 4: – Ah, eu acho que é. Porque, “tipo”, se você tem amigos que moram longe, é o momento de tá com eles.

Enunciadora 6: – Eu acredito que a festa é feita pra confraternizar, dividir os momentos bons da vida.

– *Se a intenção é sempre boa, por que muitas festas acabam mal?*

Enunciadora 6: – “Assim”, porque, no dia a dia, você tenta falar, fazer e agir da forma que o outro vai gostar e vai te receber. E quando vai dar uma festa, você bebe, começa a falar a verdade. E quando vai falar a verdade e agir de forma espontânea, aí...

Enunciador 3: – Eu acho que, “tipo”, você pega e esquece um pouco dos problemas do seu dia a dia. Se você teve uma semana ruim, no final de semana vai numa festa, “meio que” você esquece os problemas, entendeu? Você faz uma “lavagem cerebral”, e isso te acalma.

– *Vocês acham que os pais, os professores, a escola, a sociedade colocam muitos limites? Principalmente, na fase em que vocês estão, de ir a festas e sair com os amigos?*

Enunciadora 4: – Eu acho, mas é uma coisa pro nosso bem. Depois, a gente quebra a

cara, aí vai querer voltar e não dá mais...

– *Você interpreta como sendo para o seu bem, mas esses limites também são coisas chatas?*

Enunciadora 4: – Às vezes... “Tipo”: “Mãe, posso ir no *shopping*?”, “Não, você não vai”, “Você vai com quem?”, “Mãe, vou com a minha prima”, “Não, você não vai”. Eu vejo pelas minhas amigas, sabe, “tipo”, já tão na porta e a mãe não quer deixar sair. Já a minha mãe não é assim, porque eu não sou de sair muito, então ela sempre deixa.

Enunciador 4: – Eu acredito que os limites são muitos, porém necessários.

– *Para quê?*

Enunciador 4: – Pro melhor de cada um. Por exemplo, se os professores impõem limites, é porque vai ser pro bem no futuro. Se eles pedem, cobram, é porque se algum dia você quiser ser uma coisa melhor, você vai ter que estudar bastante, então, aquilo já é imposto pro nosso bem.

– *Mas essa imposição incomoda e quase sempre é contestada, não?*

Enunciador 4: – Ah, sim, às vezes a gente quebra os limites, ultrapassa, mas depois que você ultrapassou, para pra pensar e fala: “Poxa, aquele limite tava lá pra alguma coisa”.

– *Entre liberdade e limites, como vocês equilibram essas duas coisas?*

Enunciador 4: – Eu acho que a idade mínima pra bebida é algo que tenta ser um limite; as drogas serem ilegais também já é um limite. Só que, aí, cabe a cada um respeitar esses limites.

Enunciadora 6: – Eu acho que o mundo adulto cria regras pra que a pessoa possa moldar o próprio caminho; já os limites, eu acho que cada individuo deve moldar os seus a partir das regras que são dadas.

A enunciadora 6 surpreendeu-nos pela capacidade de elaborar argumentos complexos e nos confidenciou que pretende estudar Filosofia.

– *Você faz uma distinção interessante entre regras e limites. Mas você acha que é possível ter maturidade para definir isso na adolescência? Por exemplo, nessa passagem que vocês leram, o Harry tem 16 anos e ainda falta mais um ano para ele atingir a maioridade [na sociedade dos bruxos a maioridade é atingida quando o adolescente completa 17 anos]...*

Enunciadora 6: – Eu acho. Mesmo na adolescência, eles tão quase no mundo adulto, e acho que conseguem estabelecer um certo limite. Mesmo que não consigam, eles vão bater com a cabeça, fazer alguma coisa errada, mas uma hora vai “cair a ficha” e eles vão ver que aquele foi o limite.

– *A experiência ajuda a criar os limites, na sua visão?*

Enunciadora 6: – Sim, as pessoas precisam ir além dos limites pra poder estabelecer o seu próprio limite.

– *E o papel dos pais? Vai até um certo ponto e, depois, a pessoa aprende pelos erros?*

Enunciadora 6: – Eu acho que sim. O papel dos pais e dos educadores é estabelecer as regras, e cada um vai encontrar os seus próprios limites.

– *Nós estamos falando bastante sobre limites, mas o que é liberdade para vocês?*

Enunciador 3: – Ah, eu acho que liberdade é você viajar e conhecer o que quiser conhecer, ir pra todos os lugares que você sempre quis, realizar os seus sonhos...

– *Você se refere a um tipo de independência ou autonomia que normalmente não existe na adolescência. No seu caso, você já trabalha...*

O enunciador 3 é funcionário da biblioteca Becei, uma das entidades mediadoras locais responsáveis pela identificação de leitores de Harry Potter na comunidade de Paraisópolis.

Enunciador 3: – Desde os 15 anos.

– *E o dinheiro que você recebe é para ajudar em casa?*

Enunciador 3: – É só pra mim.

Enunciadora 6: – Ou ajudar a amiga de vez em quando a pagar o cinema... [A enunciadora 6 e o enunciador 3 já se conheciam antes da realização dos encontros e são amigos]

– *Alguém mais aqui tem esse tipo de autonomia?*

Nesse momento, fomos surpreendidos pelo levantamento unânime das mãos, indicando que todos os participantes, de alguma forma, já lidam com algum tipo de responsabilidade financeira.

Enunciadora 6: – Desde este ano, eu administro a pensão do meu pai. [Provavelmente, a enunciadora 6 se referiu a um tipo de pensão por invalidez]

Enunciadora 3: – Eu que cuido da pensão do meu pai também. [Os pais da enunciadora 3 são separados]

Enunciadora 4: – Eu cuido de criança.

– *E você recebe mensalmente?*

Enunciadora 4: – Sim.

A enunciadora 4 também toca violino em uma orquestra.

Enunciador 4: – Eu sou professor de violão.

– Essa autonomia de vocês não é comum, se compararmos com adolescentes de classe média, por exemplo. Quais outras diferenças vocês podem apontar na vida de quem mora aqui na comunidade? Vocês comentaram sobre os bailes funks com a presença de crianças, uso de drogas...

Enunciador 4: – Bem, a questão das drogas eu acho que é presente em todo canto; agora, a precocidade eu acho que é mais presente nas comunidades...

– E por que isso acontece?

Enunciador 4: – Eu acho que é pelo fato delas [as crianças] já crescerem vendo e encararem isso como normal.

Enunciador 3: – Sei lá, acho que a situação dos moradores da favela é muito diferente da situação dos moradores de fora da favela. Lá também “rola” bebida, mas não é aquela bebida que deixa você “doidão”, “loução”... As pessoas que frequentam as festas são diferentes também; aqui são mais crianças, garotas que colocam uma “sainha” e vão pro baile *funk*. Por exemplo, o 17 [nome de um baile *funk* da comunidade de Paraisópolis], não sei se você conhece, aqui na rua da feira...É uma podridão lá.

Enunciadora 6: – Eu também frequento festas fora, e a diferença daqui é que as pessoas não têm espaço pra fazer as festas, então vão fazer na rua. Mas o uso de droga lícita ou ilícita é o mesmo em qualquer faixa etária. É precoce aqui e é precoce lá fora... Isso é uma coisa que é imposta via mídia e pega qualquer jovem, de qualquer classe social... O sexo precoce também... [O discurso da enunciadora 6 apresenta um contorno nitidamente politizado, o que faz sentido quando confrontamos com a sua prática de militância política, dado que consta de um dos textos produzidos em atendimento à nossa solicitação]

– Não é uma característica que vocês veem especialmente aqui...

Enunciadora 3: – Especialmente aqui não, mas em comunidade.

– Por que em comunidades?

Enunciadora 3: – Não sei, “tipo”, “meio” o que ele falou [referindo-se ao enunciador 4], vamos supor, a criança vê o outro fazendo e já vai ficar com aquilo na cabeça, entendeu?

– Em razão do ambiente em que ela vive?

Enunciadora 3: – Isso.

Enunciadora 4: – Não, mas, na verdade, eu acho que não é porque eu cresci aqui na favela que vou ficar usando droga. Isso é coisa de “Maria vai com as outras”... [A enunciadora 4 pareceu sentir-se incomodada com o julgamento feito a respeito do ambiente da favela, mas, logo em seguida, ela mesma o reproduziu] – Aqui, lógico, tem mais essas “podrises” por ser uma favela.

Enunciador 4: – De certa forma, é resultado do descaso dos pais também, o que acontece em qualquer lugar, não só aqui.

– *Vocês acham que a obra Harry Potter retrata bem o contexto do adolescente, essa fase em que vocês estão, das festas, da busca da liberdade, do enfrentamento dos limites, das amizades boas e ruins, tudo o que a gente conversou aqui?*

Enunciadora 6: – Ah, eu acho que sim, mas não mostra tanto essa coisa do adolescente envolvido com drogas ou sexo. Deve ser por isso que eu gostei tanto...

– *E à questão da liberdade e dos limites?*

Enunciadora 6: – Tem. Isso tem.

Enunciador 4: – Tem muito, inclusive o Harry e o pai dele são os “quebra-regras” da história, não é?

Enunciadora 6: – É. Tem mais a história das regras, da liberdade, do que é imposto como regra pra eles, só que eles extrapolam essas regras pra fazer o que acham que é certo.

Enunciador 4: – Mesmo não sendo, às vezes.

Enunciadora 6: – No fim, é o certo.

Ao final, solicitou-se aos participantes que redigissem em casa um texto sobre o que foi debatido e trouxessem na reunião seguinte (material consta nos anexos XXVI, XXIX, XXXIII e XXXV). O objetivo foi estimular a produção de conteúdo próprio por parte dos sujeitos da pesquisa com base em suas apropriações e reflexões.

2.2.2. Segundo encontro

Participantes: enunciadora 3, enunciadora 4, enunciador 3, enunciador 4

(1º/11/2014, 16h às 17h30)

“[...] na minha escola, de vez em quando, tem a interação entre as unidades, e fica perceptivo que eles têm muito preconceito com quem é aqui de Paraisópolis. “Tipo”, eles se fecham; tem alguns que chegam a chamar a gente de ‘favelado’.

A gente tentou fazer um protesto, só que isso acabou sendo barrado pelo colégio.” (enunciador 3)

“Uma coisa que eu pensei agora, que não sei se é verdade... Mas eu imagino que

uma coisa que pode ser diferente em relação à classe mais favorecida é que aqui a amizade se torna mais forte pelas pessoas terem uma origem mais parecida e por compartilharem a mesma realidade. E isso cria um elo mais forte.” (enunciador 4)

Fig. 15 – Imagens do segundo encontro com o grupo B. Fonte: Acervo do pesquisador.

15.1

15.2

15.3

O segundo encontro do grupo B contou com a presença de quatro dos seis participantes selecionados (enunciadora 3, enunciadora 4, enunciador 3, enunciador 4), registrando-se novamente a ausência da enunciadora 5. A enunciadora 6, que no encontro anterior ficara responsável pela apresentação sobre a temática “meninos X meninas” não compareceu e nos informou, por mensagem de SMS enviada pouco antes do início da reunião, que teria dificuldade de participar dos encontros agendados em razão de uma cirurgia realizada pelo pai (a enunciadora 6 compareceu apenas ao primeiro e ao último encontros). De forma geral, constatamos a dificuldade dos

participantes quanto ao cumprimento de tarefas “extraencontros”, como a leitura prévia dos trechos selecionados para as reuniões e disponibilizados via Facebook (a partir do encontro seguinte, reservamos os 15 minutos iniciais para essa atividade), assim como a redação do texto solicitado ao final do primeiro encontro (o enunciador 4 não entregou a sua produção escrita e a enunciativa 6 o fez no último encontro).

A reunião foi conduzida pelo moderador (pesquisador) com a ajuda de tópico guia (anexo XLI) desenvolvido com base nas temáticas “meninos X meninas” e “escolha da profissão”, conforme tabela 2, inserida anteriormente, tendo sido selecionados, para cada uma delas, dois trechos da série de livros, precisamente dos volumes quatro, cinco e seis – *Harry Potter e o Cálice do Fogo*, *Harry Potter e a Ordem da Fênix*, *Harry Potter e o Enigma do Príncipe* (anexo XLII). Também foram exibidas duas cenas de filme, cada qual relacionada a uma das temáticas em foco. O enunciador 4, responsável pela temática “escolha da profissão”, fez sua apresentação de forma bastante sucinta sobre um dos trechos selecionados da obra *Harry Potter* e complementou-a com um ponto de vista próprio que distingue profissão (atividade temporária para subsistência) e carreira (atividade profissional definitiva), decorrente, conforme ele mesmo confirmou, do conflito vivenciado entre conseguir atuar nas suas áreas de interesse (*design* de jogos e música) e a necessidade de sobrevivência.

As falas dos participantes durante o debate foram bastante significativas, especialmente no que tange à nossa compreensão de processos e relações sociais locais, em seus indicadores negativos – gravidez precoce, defasagem do ensino público em relação ao privado, desencanto e descrença na política formal e nas instituições públicas – e positivos – maior responsabilidade em relação aos estudos e associativismo por parte dos indivíduos de classes desfavorecidas. Embora tenham referido a existência de um distanciamento entre o contexto da obra *Harry Potter* e aquele vivenciado no seu dia a dia, os pesquisados também conseguiram enxergar pontos de convergência em determinadas situações, como no caso da correlação entre o embate de classes vivenciado pelas personagens e aquele envolvendo jovens bolsistas de escolas particulares vitimados pelo preconceito de não bolsistas.

Evidências empíricas obtidas e selecionadas para análise com base na transcrição de gravação de áudio

– *Vamos começar pelos comentários de quem ficou responsável por apresentar algo sobre os temas da reunião de hoje.*

Os temas eram “escolha da profissão”, a cargo do enunciador 4, e “meninos x meninas”, sob responsabilidade da enunciadora 6, que não compareceu ao encontro.

Enunciador 4: – Eu escolhi o trecho dois do livro quatro [*Harry Potter e o Cálice de Fogo*], porque eu acho que mostra mais o assunto da escolha da profissão que o trecho do livro cinco [*Harry Potter e a Ordem da Fênix*]. E também porque eu acabei de ler esse capítulo. Eu achei interessante que os pais dos gêmeos Weasley [personagens da obra] querem que os dois se saiam melhor nas provas pra serem bruxos do Ministério da Magia, só que eles não querem essa profissão. E a gente vê isso na realidade. Muitas vezes, as pessoas, quando terminam a escola, têm que seguir um caminho que os pais querem... E outros decidem fazer como os Weasley; seguem algo que eles mesmos querem e vão atrás.

– *Você, que é músico, de alguma forma deve enfrentar esse embate entre a vontade dos pais e a sua própria...*

Enunciador 4: – Isso. Exatamente.

– *E todos aqui se sentem preparados para escolher uma profissão?*

Enunciadora 4: – Eu acho que ainda não.

– *Mas já existe essa cobrança por parte dos pais ou de vocês mesmos?*

Enunciadora 4: – Não, “tipo”, meus pais não exigem muito isso, mas eu mesma acho que tá chegando a hora de escolher o que eu quero ser. Porque eu já estou acabando o colegial, aí vou ter que fazer faculdade.

– *E que profissão você pensa seguir?*

Enunciadora 4: – Não sei... Acho que médica.

– *Então, você tem uma ideia do que quer ser, o que não é tão comum na sua idade [a enunciadora 4 tem 15 anos], ou você acha que é comum?*

Enunciadora 4: – Eu acho que é mais comum não saber. Porque hoje é, “tipo”: “Ai, eu quero ser médica, “Ai, não, eu quero ser escritora”... Aí, depois, é: “Ai, não, eu quero ser astronauta”. Então, você não sabe o que quer ser.

Enunciadora 3: – Muitas pessoas me cobram. Minha mãe fala assim: “Quero que você seja pediatra”. Só que, “tipo”, eu ainda não me acho preparada pra decidir se eu quero ser isso, entendeu?!

– *Você acha que ainda é cedo?*

Enunciadora 3: – Eu penso em outras coisas, sabe? Eu não me sinto preparada pra já decidir isso completamente; vai que eu mudo de ideia...

Enunciador 3: – Eu não vejo como uma cobrança, mas uma necessidade. Porque todo mundo vai ter que trabalhar um dia. E, hoje, eu já sei o que eu quero fazer, só que eu posso mudar de ideia quando tiver cursando a faculdade. Eu quero fazer Cinema, só que, “tipo”, durante o curso, posso querer fazer outra coisa, porque eu tenho um irmão que é padeiro, e eu adoro esse negócio de Gastronomia, de mexer na comida, “tá ligado”? Então, eu ainda não tenho certeza do que eu quero fazer.

– *Mesmo não tendo decidido ainda, você parece bastante preparado.*

Enunciador 3: – É, porque dinheiro é essencial, todo mundo tem que ter um dia. Então, é melhor você se preparar o mais cedo possível.

Enunciador 4: – Eu acho que tem dois pontos de vista diferentes. Um que é a escolha de alguma profissão momentânea. E outro, que é a escolha de uma carreira. Eu acho que são coisas diferentes, porque, muitas vezes, você tem que escolher uma profissão qualquer pra conseguir manter uma carreira mais pra frente. No caso, você precisa de um trabalho qualquer pra pagar a faculdade e “bancar” a carreira que você quer. A escolha de uma profissão eu não vejo como algo muito difícil. Sendo algo remunerado, pra mim tá bom. Mas a escolha de uma carreira já é algo mais complicado. Você pensa: “Poxa, eu vou fazer isso pro resto da vida, será que é isso mesmo que eu quero?”. É algo que a gente tem que pensar muito mesmo antes de decidir, e pra isso é preciso conseguir um trabalho primeiro, qualquer trabalho.

– *Essa diferenciação que você faz é baseada na sua própria experiência de vida?*

Enunciador 4: – Exatamente. Já trabalhei antes, fui operador de supermercado, que é uma atividade profissional, só que eu percebi que ia querer seguir alguma carreira. No caso, eu gostaria muito de ser *designer* de jogos. Só que, aí, eu vou ter que fazer alguma atividade pra conseguir ter isso.

– *E a sua atuação como músico?*

Enunciador 4: – Eu vejo mais como um sonho. Também seria algo que eu gostaria muito, só que infelizmente eu tenho a visão de que é meio difícil. Mas também é uma carreira.

– *No trecho que vocês leram, os gêmeos Weasley abandonam a escola em busca justamente de realizar um sonho, que é montar uma loja para vender os produtos que eles criam. Como vocês veem essa atitude, se fosse na vida real?*

Enunciador 4: – Eu ia pensar bastante antes de fazer. A princípio, é meio irracional, mas como era algo que eles sempre faziam e já tinham experiência naquilo, os dois juntos, eu acho que eu faria também. É algo que eles já tinham na cabeça.

Enunciadora 3: – Depende de como tava acontecendo as coisas, sei lá... Eu acho que isso é uma escolha da pessoa, pelo menos eu não faria isso. Primeiro, eu tenho a minha obrigação, pra, depois, correr atrás do meu sonho.

– *E qual é a sua obrigação?*

Enunciadora 3: – Minha obrigação é, “tipo”, que nem eles, tá na escola, entendeu? “Tipo”, eles quiseram ir atrás do sonho e deixar a obrigação de lado.

Enunciador 3: – Ah, eu acho que eu daria o conselho pra eles seguirem o sonho deles. Fazer aquilo que eles acham que é melhor pra eles.

– *Por quê?*

Enunciador 3: – Porque é a coisa mais importante você se sentir bem com você mesmo do que agradar os outros. Eu acho isso. O caso do meu irmão, por exemplo. Ele abandonou a escola no primeiro ano do Ensino Médio pra montar a padaria, e deu certo.

– *E você apoia o que ele fez?*

Enunciador 3: – Não sei... Porque eu acho que a escola é uma parte importante na vida das pessoas. Eu, particularmente, quero concluir o Ensino Médio pra começar a pensar nessa coisa de profissão. Eu acho que uma pessoa que não concluiu não tem tanta oportunidade quanto uma pessoa que concluiu. A pessoa não vai contratar uma pessoa que nem terminou o Ensino Médio.

Enunciadora 4: – Eu mesma não faria o que eles fizeram e aconselharia que não fizessem. Mas, se eles tavam se sentindo bem, por mim tudo bem.

– *Por que não aconselharia?*

Enunciadora 4: – Porque a gente não sabe o que vai acontecer lá na frente se largar a escola. É como ele falou [referindo-se ao enunciador 3], a gente tem mais oportunidade se a gente terminar os estudos. Se a gente não terminar, a gente não tem tanta oportunidade assim.

– *Você considera a educação importante?*

Enunciadora 4: – Pra mim, é fundamental. Meus irmãos largaram a escola; um largou no primeiro ano do Ensino Médio e o outro também.

– *Que tipo de dificuldades vocês enfrentam para prosseguir com os estudos?*

Enunciador 3: – Acho que um desafio é você conseguir uma boa faculdade e ter dinheiro pra pagar. “Tipo”, você tem que tá trabalhando pra conseguir pagar a faculdade pra conseguir um emprego.

– *E como fica o apoio dos pais?*

Enunciador 3: – Meus pais são separados e eu fico só com a minha mãe. Mas nunca cheguei a conversar sobre isso com ela.

Aparentemente, a fala do enunciador 3 apresenta uma contradição entre sentir a falta do apoio parental e considerar isso desnecessário.

– *Esse apoio é importante no momento atual?*

Enunciador 3: – Não. Acho que depende do caso. Algumas pessoas precisam que os pais auxiliem e outras, não. Aí, vai de pessoa pra pessoa...

– *O que, então, é mais difícil?*

Enunciador 3: – Eu acho que não é nem a faculdade, mas conseguir um emprego depois de terminar os estudos. Por exemplo, Cinema, pelo que eu pesquiso, é uma área muito competitiva.

– *Você pretende fazer a sua escolha com base na estabilidade que isso vai te dar no futuro?*

Enunciador 3: – É. Em primeiro lugar, isso, e, em segundo, escolher uma profissão que eu goste. Porque é bem difícil fazer uma coisa que você não gosta.

– *E quanto às dificuldades concretas, do dia a dia? Por exemplo, querer seguir uma determinada profissão e não conseguir. Vocês já viram isso acontecer?*

Enunciadora 3: – Sim. Minha mãe queria ser professora de português e os patrões se ofereceram pra pagar a faculdade, mas ela não foi.

– *Por quê?*

Enunciadora 3: – Minha mãe é assim, sabe? Ela desperdiça muita oportunidade. Eu acho que também foi porque eu tenho irmãos pequenos. [Os pais da enunciadora 3 são separados e o sustento da casa compete à mãe]

Enunciadora 4: – Minha mãe queria ser patinadora do gelo e agora ela quer o mesmo pra mim. Meu pai me apoia pra que eu seja médica, só que ela não. Então, ela é uma barreira...

– *E você está mais inclinada a fazer medicina?*

Enunciadora 4: – Sim, porque também dá mais lucro.

Enunciador 4: – Eu tenho um exemplo de um amigo que tem contas pra pagar, essa questão da vida adulta, e acaba não sobrando dinheiro pra investir nele mesmo. Então, eu vejo isso como uma barreira até pra mim mesmo mais pra frente, se eu não começar logo, agora que tenho o apoio da minha mãe.

– *Vocês acham que existem mais barreiras para alguns jovens que para outros?*

Enunciador 4: – Sim, acho que pela questão da desigualdade social, o que não impede de tentar superar essas barreiras. Mas, na maioria dos casos, infelizmente é como no caso do meu amigo, que precisa sustentar a casa, pagar as contas e tentar equilibrar isso pra investir em si mesmo.

– *Eu quero saber se vocês veem o próprio ensino como uma barreira. Na história do*

Harry Potter, existe apenas uma escola; já na vida real, são muitas, e cada uma oferece um tipo de ensino. Vocês veem alguma desvantagem na escola pública em comparação à particular?

Enunciador 3: – Eu vejo.

– Qual?

Enunciador 3: – O ensino.

– Você se refere à qualidade?

Enunciador 3: – É que escola pública é complicado... Eu vim de uma escola que é considerada péssima.

– Por quê?

Enunciador 3: – Não é que seja péssima, mas depois que eu entrei em escola particular [o enunciador 3 é bolsista de uma das escolas privadas mais tradicionais da cidade de São Paulo] é que eu pude perceber como uma escola deve agir. O sistema de ensino é muito diferente. Os professores são diferentes.

– Vocês consideram o ensino da escola particular de melhor qualidade?

Enunciador 3: – É. E eu acho que uma pessoa “tipo” eu vai ter mais chance de entrar em uma faculdade do que uma pessoa que tá concluindo o Ensino Médio lá.

Enunciadora 3: – A qualidade do ensino é bem melhor na escola particular. “Tipo”, os professores, os alunos, que nem ele tava falando [referindo-se ao enunciador 3]. Eu saí quando tava indo do terceiro bimestre pro quarto, então, “tipo”, quando cheguei na escola particular [a enunciadora 3 é bolsista em uma escola particular], eu vi que a pública tava ensinando uma coisa que eles já tinham aprendido um ano antes, entendeu? Aí, peguei todas as recuperações, e eu nunca tinha ficado de recuperação em nenhum lugar.

– Você teve dificuldade de acompanhar...

Enunciadora 3: – Matemática mesmo eu não sabia nada! Tive essa dificuldade.

– E quem estuda em escola pública aqui, o que acha?

Enunciadora 4: – Eu acho que os professores ensinam. O ruim são os alunos, que não prestam atenção. É lógico que a escola particular é melhor do que a pública, né? Mas a pública também ensina.

– Por que você diz que “é lógico”?

Enunciadora 4: Porque tem mais condições, os professores também são melhores. Sei lá, quem coordena, também é melhor. Mas eu acho que isso não interfere em nada.

– *Você considera que a responsabilidade é de cada um?*

Enunciadora 4: – Na escola particular eles são mais avançados, mas na pública você também pode aprender, é só prestar atenção. Os professores tão ali pra ensinar. Todos os professores são bons. Todos os meus professores deste ano estudaram em escola particular. Então, tudo o que eles aprenderam tão ensinando pra nós. São os alunos que quebram a escola. A escola é boa, mas os alunos destroem.

– *Existe muito confronto entre alunos e professores?*

Enunciadora 4: – Tem aqueles alunos que se acham os “noias”, porque vivem na favela, mas eles são “projeto de noia”, “se acham” apenas...

– *O que é “noia”?*

Enunciadora 4: – São esses que andam com a faca na mão, sabe?

Enunciadora 3: – É, “tipo”, “noia” são aqueles usuários, sabe? “Noia” é, “tipo”, quem quer mostrar autoridade, mas na verdade não é nada.

– *São usuários de drogas?*

Enunciadora 3: – Também. Tem os que usam.

Enunciadora 4: – Mas esses alunos só são assim na escola, porque na frente da mãe são “mó” santinho.

– *E isso é mais comum na escola pública ou na particular?*

Enunciadora 3: – Olha, problema de droga em escola é o que mais tem. Meu Deus do céu!

– *Na particular também?*

Enunciadora 3: – Na particular? O que mais tem é gente usando droga! Eu não achava isso, mas agora que eu cheguei na particular e fui conhecendo um pouco, nossa, é demais!

– *Então, em relação às drogas não tem diferença entre a escola pública e a particular, apenas no que se refere à qualidade do ensino, é isso?*

Enunciador 3: – Eu acho que em escola particular alguns alunos que não são bolsistas são “meio que” desinteressados das matérias.

Enunciadora 4: – Eles não ligam se isso vai prejudicar alguma coisa ou não, porque já são ricos.

Enunciador 3: – Os professores mesmos falam que preferem mil vezes mil dar aula nas unidades de bolsistas do que nas outras unidades.

– *Por quê?*

Enunciador 3: – Porque aqui os alunos realmente se interessam pela matéria, e nas outras escolas particulares, não. Eles esnobam os professores.

Enunciadora 4: – Porque os bolsistas tão lutando pra pegar aquela vaga e os ricos, não. Os “caras” são mimados.

Enunciadora 3: – Quem é bolsista valoriza bastante isso. “Tipo”, eu tenho 70% de bolsa, e eles não. Então, não ligam, sabe? E os pais dão tudo o que eles querem também. Na minha escola tem muito isso.

– *O fato de os alunos mais ricos terem uma situação financeira favorável gera um comodismo, na visão de vocês?*

Enunciadora 3: – Tem muita gente lá na minha sala que é desinteressado. A professora fala pra gente, às vezes: “Eu prefiro dar aula pra vocês, que têm um pouco de bolsa, do que pra eles, que não se interessam”. “Tipo”, eles pegam recuperação, não tão nem aí pra vida, sabe? Tanto que no final do ano a diretora falou que não vai aceitar a rematrícula de alguns alunos por causa disso.

– *E na escola pública é diferente?*

Enunciador 4: – Tem algumas diferenças.

– *Por exemplo...*

Enunciador 4: – A questão dos alunos. A maioria na rede pública vai lá por ser obrigado, porque tem que tá na escola. Os pais tentam que eles sejam alguém na vida. Aí, eles vão obrigatoriamente e acabam atrapalhando o “pedaço” que tenta aprender um pouco.

– *E esse “pedaço” é maior ou menor?*

Enunciador 4: – O “pedaço” que quer aprender na escola pública é menor. E os que querem aprender são atrapalhados. Na escola privada, eu já acho que os alunos são um pouco diferentes, justamente pelo caso dos bolsistas, que tão lá pra se manter. E também pelos que pagam a mensalidade. Pode até ter alguns, como eles falaram, que não tão nem aí, realmente são mimados, mas a maioria eu acredito que seja cobrada pelos pais, porque eles tão investindo nos filhos. Então, tem uma cobrança dos pais dos alunos da escola privada que eu acho que não tem na escola pública. Eles quase não cobram, porque aparentemente é de graça. Outra diferença que eu vejo é em relação aos professores da escola privada, que são mais preparados. Acho que a grande diferença tá no roteiro do ensino como um todo. A estrutura de ensino pública parece não querer que o aluno vá pra frente.

– *Por quê?*

Enunciador 4: – Não sei, acho que eles não querem uma população mais inteligente.

– *O que aconteceria se a população fosse mais inteligente?*

Enunciador 4: – Ah, eu acho que ela questionaria mais as coisas, né? Tentaria mudar mais a própria vida em vez de se conformar.

– *Você acha que essa defasagem é proposital?*

Enunciador 4: – Ah, sim. Eu acho que é exatamente isso. O método de ensino público agora é o das apostilas: você vai na internet, vê a resposta e não aprende nada de verdade. E eu nem tô tocando no papel dos professores. Tem alguns que realmente tentam passar algo além da apostila, ensinar mesmo. Por exemplo, eu tive professores que davam aulas verbais, orais. Mas isso é minoria...

– *O que teria de ser feito para mudar essa situação?*

Enunciador 3: – Eu acho que o problema tá no governo.

– *O problema vem de cima para baixo, na sua visão?*

Enunciador 3: – É, eu acho que o problema é do governo, porque se eles mudassem o sistema de ensino, mudaria todo o resto, os alunos, o aprendizado...

Enunciador 4: – Eu acho que, primeiramente, a mudança deve ser dentro da própria casa, com os pais justamente cobrando dos filhos. Se eles tentassem absorver algo, iam ter pelo menos o mínimo de conhecimento, porque não adianta nada mudar o ensino e os alunos continuarem sem interesse. São duas coisas que se completam.

Enunciadora 4: – Eu acho que quem tem que mudar, primeiro, somos nós, porque a educação começa em casa. A gente vai na escola pra aprender o conteúdo e ir além do que a gente tem, né? É isso. E outra coisa é o governo, que tem que mudar muito. Parece que eles têm dó de mandar uma coisa boa pras escolas.

– *Dó?*

Enunciadora 4: – É. Existe tanto dinheiro e não investem nada na gente, nada.

– *Essa mudança depende do governo... E o que depende dos pais e dos alunos?*

Enunciadora 4: – A minha vizinha, por exemplo, a filha dela não queria ir pra escola. Aí, ela foi e ligou pro Conselho Tutelar vir buscar a criança. Só, que, lá, ela vai ser mais maltratada ainda!

Enunciadora 3: – É que, “assim”, “tipo”, essa menina “dominou”, sabe? Ela faz o que quer...

– *Qual a idade dela?*

Enunciadora 4: – 11 anos. A mãe não quer mais ela e ligou pra levarem a filha embora. O tanto que essa menina apanhou...

Enunciadora 3: – Não, e ela [a filha] falou assim: “Se você bater em mim, eu vou chamar a polícia pra você!”. Tanto que teve uma confusão lá e a própria mãe falou isso pra gente. A filha dominou a mãe, entendeu?

– *E o pai?*

Enunciadora 3: – O pai nem liga.

Enunciadora 4: – Na verdade, o pai dela bota limite, sabe? Só que ele sai cinco horas da manhã pra trabalhar e, às vezes, dorme no trabalho. Agora, ela já largou a escola de vez.

As perguntas e respostas seguintes dizem respeito à temática “meninos X meninas”.

– *Os trechos que vocês leram e a cena de filme mostram como as meninas são diferentes dos meninos, é isso mesmo? A Hermione [personagem] é mais inteligente e sensível que o Rony, por exemplo...*

Enunciadora 4: – As meninas são sempre sensíveis mesmo, mas também tem aquelas meninas “duronas”, assim “tipo” eu. E tem aquelas meninas que perdem os meninos e já começam a chorar.

Enunciadora 3: – Eu também sou assim, muito “durona”.

Enunciadora 4: – E os meninos, como sempre, são mais largados, não tão nem aí, acham que chorar faz bem pra saúde.

– *E por que eles são assim?*

Enunciadora 3: – Não sei.

Enunciadora 4: – Mas também tem aqueles meninos mais sensíveis...

Enunciador 3: – Eu acho que ser sensível é uma característica feminina. Agora, inteligente, é tanto feminina quanto masculina.

– *Mas na história do Harry Potter a personagem mais inteligente é uma menina.*

Enunciador 3: – Eu acho que não foi por acaso. Acredito que a J.K. escolheu a Hermione [personagem] porque é mais comum a mulher ser mais inteligente do que o homem. Mas não quer dizer que o homem seja burro. O homem é inteligente também. Muitas vezes, mais que as mulheres.

– *Mas por que a relação entre meninos e meninas é tão difícil?*

Enunciador 3: – Ah, acho que pega a coisa da atração. No caso do Rony e da Hermione [personagens], ela tava apaixonada por ele e, na cena, ele tava com outra.

– *E isso gera confusão e sofrimento?*

Enunciador 3: – É. A mulher, justamente por ser mais sensível, ela fica mais sujeita a sofrer do que o homem.

Enunciadora 3: – Na verdade, eu acho que o homem tem uma “caixa do nada” na cabeça... Não pensa em nada direito. “Tipo”, ele [Rony, personagem] machucou ela [Hermione, personagem], né? Ela tava apaixonada e ele nem se tocou, porque tem uma “caixa do nada” na cabeça.

– *E isso também acontece na vida real?*

Enunciadora 4: – Sim.

– *Quais são as principais diferenças entre meninos e meninas, além da parte física?*

Enunciadora 3: – Acho que depende do menino... Sei lá, “tipo”, tem menino que não tá ligando se vai magoar alguém ou não. E as meninas são assim, elas ligam mais pra isso, sabe?

– *E por que, em geral, é assim?*

Enunciadora 3: – Não sei, vocês que deveriam saber, né?! [A enunciadora 3 se referiu em tom de brincadeira aos meninos presentes e ao próprio pesquisador]

Enunciadora 4: – Eu acho que, talvez, porque as meninas são capazes de gostar de verdade e os meninos não tanto.

Enunciadora 3: – Tem menino que, às vezes, se faz de “durão”. Ele até gosta da menina, só que se faz de “durão”.

Enunciador 4: – No caso lá da Hermione e do Rony [personagens], de fato a Hermione é mais inteligente, porém ela é mais sentimental do que ele. E o Rony tem uma característica de ser mais desatento, digamos assim, mais lerdo.

– *E essa diferença existe na vida real também?*

Enunciador 4: – Sim, é uma característica que é apresentada no filme e eu vejo assim também. Acredito que as meninas pensam mais pela emoção e os meninos, pela razão.

Nesse ponto, os participantes se mostraram bastante empolgados, e solicitamos aos presentes que apontassem uma qualidade necessária e um defeito insuportável no sexo oposto, o que resultou em bastante interação à luz de pequenas discordâncias encaradas com bom humor..

Enunciadora 4: – Eu acho que eles têm que aprender a ouvir, porque o que eles sempre fazem insuportavelmente é, “tipo”, a gente tá falando e, do nada, eles viram as costas e saem andando, não querem ouvir. Eles não ouvem!

Enunciadora 3: – Sei lá, “tipo”, os meninos de hoje em dia deveriam se importar mais quando a menina gosta deles, sabe? “Tipo”, se ele não gosta, não liga, entendeu? Não valoriza isso.

Enunciador 3: – Eu não sei. Acho que elas deviam ser mais abertas. “Tipo”, elas são muito fechadas.

– *Mas os homens costumam reclamar que as mulheres falam demais...*

Enunciador 3: – Apenas entre elas, agora pra nós é meio difícil de decifrar.

– *E o defeito insuportável?*

Enunciador 3: – Ah, sei lá, ficar ligando toda hora.

Enunciadora 4: – A gente cobra porque o homem não liga pra nada!

Enunciador 4: – Acho que a qualidade que elas deviam ter mais acho é cultura. “Tipo”, tem muita mulher que se preocupa mais em fazer academia que em ir pra faculdade.

Enunciadora 3: – Nossa, isso foi “tipo” um murro!

Enunciador 4: – E um defeito insuportável que poderia mudar... Eu acho que poderiam tentar ser mais verdadeiras entre elas.

A discussão prosseguiu acalorada até que propusemos uma reflexão sobre as possíveis diferenças entre os jovens de Paraisópolis e aqueles que vivem fora da comunidade. Posteriormente, a exemplo do que fizemos com o grupo A, solicitamos a resposta por escrito à questão: “As meninas e os meninos de Paraisópolis são parecidos com as meninas e os meninos da história do Harry Potter ou diferentes? Por quê?”.

– *Quais diferenças vocês veem entre quem é daqui e quem é de fora da comunidade?*

Enunciador 3: – Eu acho que as meninas daqui de Paraisópolis, que é um lugar menos favorecido economicamente, são diferentes das de fora porque, “tipo”, elas não dão muita importância pra roupas, pro jeito de agir; são mais “barraqueiras”. Acho que é isso, porque, “tipo”, a educação lá de fora é diferente da daqui de dentro; lá, elas aprendem desde pequenas a se comportarem, a terem postura, e aqui dentro... Dá pra perceber essa diferença entre filha de rico e filha de pobre.

Enunciador 4: – Uma coisa que eu pensei agora, que não sei se é verdade... Mas eu imagino que uma coisa que pode ser diferente em relação à classe mais favorecida é que aqui a amizade se torna mais forte pelas pessoas terem uma origem mais parecida e por compartilharem a mesma realidade. E isso cria um elo mais forte.

– *As dificuldades tornam as pessoas mais próximas?*

Enunciador 4: – Isso, exatamente. E lá fora fica mais superficial as emoções.

– *E a questão da violência? Vocês comentaram sobre os “noias”, jovens violentos na escola...*

Enunciador 4: Depende muito de com o quê você se envolve.

Enunciadora 4: – Eu acho que a única diferença é de rico e pobre.

– *Mas essa diferença acaba trazendo outras...*

Enunciadora 4: – Traz. Tem algumas meninas aqui que não se valorizam, não se cuidam, usam roupa toda largada, não olham a roupa que vão vestir. Não se trata só da aparência, mas da educação também. As de fora se preocupam mais... Elas têm aula de etiqueta.

Enunciador 4: – Aqui elas têm filhos precocemente, coisa que lá fora eu acredito que não seja tanto assim.

– *Vocês conhecem pessoas que tiveram filhos muito jovens?*

Enunciador 4: – Conheço.

Enunciadora 4: – Conheço bastante.

Enunciadora 3: – Eu tenho três amigas já...

– *Elas engravidaram com que idade?*

Enunciadora 3: – 14, 15 anos.

Enunciadora 4: – Na escola também tem bastante.

– *Aí, elas param de estudar?*

Enunciadora 4: – Param. Tinha uma menina de 12 anos que ficou grávida.

– *A que vocês atribuem isso? Falta de informação?*

Enunciador 4: – Isso é uma questão cultural.

Enunciador 3: – E social.

Enunciadora 4: – Eu acho que é a cobrança dos pais.

Enunciador 3: – Eu acho que os pais dos ricos se preocupam mais com os filhos.

– *Vocês acham que tem a ver com o exemplo dos pais?*

Enunciadora 3: – Olha, às vezes a mãe até dá exemplo. Só que, às vezes, não importa o que a mãe fala.

– *Uma coisa que me chamou a atenção na última reunião é que todos vocês têm uma certa autonomia em relação ao próprio dinheiro. Isso também é uma diferença em relação aos jovens de classe média?*

Enunciadora 4: – Sim.

Enunciador 4: – Acho que sim.

Enunciador 3: – Eles ganham tudo dos pais, por isso não têm essa garra que a gente tem de trabalhar pra conseguir. Desde cedo a gente aprende a dar valor ao dinheiro.

Enunciadora 3: – Olha, lá na escola eu tenho amigas que trabalham, mas são poucas, então, é isso mesmo, os pais são ricos e os filhos não ligam, porque sabem que vão ganhar dinheiro do mesmo jeito.

– *São realidades diferentes, então... E tudo isso que vocês apontaram é retratado de alguma forma pela história do Harry Potter?*

Enunciador 4: – Eu acho que retrata bem as classes, por exemplo, o Rony [personagem] representa bastante as não favorecidas, principalmente no primeiro livro e no primeiro filme. Ele é discriminado pelo Malfoy [personagem antagonista], pelas vestes que usa...

– *Há um conflito de classes.*

Enunciador 4: – Sim. Mas, independente disso, ele [Rony, personagem] consegue ser amigo do Harry, que, no mundo bruxo, é rico. E tem a Hermione [personagem] que é “trouxa” [como são chamados as famílias de não bruxos], né? Ela pode ser vista como uma classe média. Mas o Harry é generoso com o Rony e com a Hermione.

– *E você acha que isso retrata bem a realidade, na sua visão?*

Enunciador 4: – Sim, e passa uma boa mensagem de que, apesar das diferenças sociais, eles são amigos. Já o Malfoy, não, ele tem a soberba pela família dele ser tradicional e tal... Então, acho que esse conflito é bem representado na série *Harry Potter*.

Enunciadora 4: – Eu acho que retrata muito bem, porque o Rony usa roupas usadas; já a Hermione e o Harry, não. Ela [referindo-se à enunciadora 3], é daqui, mas os amigos dela, não [a enunciadora 4 se referiu às amizades feitas pela enunciadora 3 na escola particular em que é bolsista]; eles são ricos e ela, não...

– *Então, é possível essa convivência?*

Enunciadora 4: – Depende, né... Se for igual ao Malfoy [personagem antagonista], a gente não quer nem perto.

Enunciador 4: – Sempre vai ter um Malfoy em algum lugar.

Enunciadora 3: – Sempre vai ter aquele que vai se sentir mais, né? “Tipo”, na minha sala mesmo tinha um que foi expulso.

– *O que ele fazia?*

Enunciadora 3: – Ah, “tipo”, ele era o mais rico que tinha na sala, então, ele “meio que” ficava humilhando os outros, sabe? Na minha sala tem aqueles ricos que não gostam de ficar se “amostrando”, mas ele, não, ele é aquele bem “amostrado”, “tipo”: “Ai, eu uso roupa de marca”, “Eu uso isso e uso aquilo”...

– *Isso causava brigas, como no livro?*

Enunciadora 3: – Tinha muita discussão, porque ele era muito “atentado”, aquele menino. A gente foi fazer uma prova de matemática, aí, ele quis atacar a borracha na menina. Isso e outras coisas. É que, lá na minha escola tem “tipo” um relatório e tava tudo anotado. Aí, “tipo”, chegou uma hora que ele passou dos limites e foi expulso.

Enunciador 3: – Eu acho que a questão do Rony retrata bem a nossa realidade, mas, fora isso, não.

– *Por quê?*

Enunciador 3: – É uma realidade mais de burguês, mas eu conheço bastantes pessoas que se parecem com as personagens.

– *É uma realidade diferente da de Paraisópolis...*

Enunciador 3: – É, porque o livro foi baseado em Londres e, “tipo”, Paraisópolis é outra realidade.

– *E quanto aos conflitos que são descritos na obra?*

Enunciador 3: – Ah, isso sim, retrata bastante. Porque, por exemplo, na minha escola, de vez em quando, tem a interação entre as unidades, e fica perceptivo que eles têm muito preconceito com quem é aqui de Paraisópolis. “Tipo”, eles se fecham e tem alguns que chegam a chamar a gente de “favelado”. A gente tentou fazer um protesto, só que isso acabou sendo barrado pelo colégio.

– *Isso aconteceu recentemente?*

Enunciador 3: – Antes das férias de julho...

– *Então, é uma coisa que vocês enfrentam na atualidade?*

Enunciador 3: – Sim. É muito atual esse preconceito entre rico e pobre, e os livros retratam bem isso.

Ao final, foi solicitado aos participantes que redigissem em casa um texto sobre o que foi debatido e trouxessem na reunião seguinte (material consta nos anexos XXVI, XXIX, XXXIII, XXXV e XXXVII).

2.2.3. Terceiro encontro

Participantes: enunciadora 3, enunciadora 4 (14/11/2014, 14h às 15h30).

“[...] tinha vezes que eu pedia as coisas pro meu pai, ‘tipo’ celular, que as minhas amigas tinham e eu queria também, e ele falava que não ia poder pagar. E, geralmente, as coisas que a filha pede o pai tem que dar, né? Então, eu pensava que eu tinha que arrumar meu próprio trabalho pra comprar meu próprio celular.” (enunciadora 4)

“[...] os filhos de ricos não são ricos; os pais deles é que são ricos. Mas eles são assim: ‘Ai, eu não preciso trabalhar porque meus pais vão me dar tudo’. Eu tenho uma amiga que tinha um celular dos mais caros. Ela foi numa festa, ficou pulando e o celular dela caiu e quebrou. Aí, a mãe foi lá e comprou um celular novo pra ela, ainda mais caro. Eu penso assim: ‘Quem tem aquela consciência de que não tem muito dinheiro, valoriza mais o que tem. Se você quebrar aquilo, vai ter que batalhar sozinho pra conseguir de novo’.” (enunciadora 3)

Fig. 16 – Imagens do terceiro encontro com o grupo B. Fonte: Acervo do pesquisador.

16.1

16.2

16.3

16.4

16.5

O terceiro encontro do grupo B teve de ser adiado em uma semana e foi realizado em uma sexta-feira, em virtude da realização do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), ao qual referiram comparecimento os enunciadores 3 e 4, e da ocorrência ao sábado do feriado de 15 de novembro. O horário do encontro também precisou ser adiantado para as 14 horas, conforme a disponibilidade do espaço cedido pela ECE. Provavelmente, os imprevistos contribuíram para a baixa adesão dos participantes, a menor registrada em todos os encontros, com presença das enunciatóras 3 e 4.

Apenas a enunciatórea 4 entregou o texto solicitado ao final do encontro anterior, confirmando a dificuldade dos participantes para realização de atividades “extraencontros”. Reforçamos a proposta de apresentação de trabalhos relacionados às temáticas discutidas em grupo, e as enunciatóras 3 e 4 ficaram de preparar algo para o encontro seguinte a respeito da temática “discriminação/preconceito” (apresentação em PPT já citada), conforme a divisão de tarefas feita pelos próprios participantes na primeira reunião.

Foram lidos (silenciosamente) trechos selecionados do sexto, sétimo e quarto volumes da série *Harry Potter* (anexo XLIII) – *Harry Potter e o Enigma do Príncipe*, *Harry Potter e as Relíquias da Morte*, *Harry Potter e o Cálice de Fogo*, respectivamente. Exibimos, também, duas cenas de filmes correspondentes às temáticas “maioridade” e “*bullying*”, conforme tabela 2, inserida anteriormente, além de termos disponibilizado, via Facebook, reportagem sobre os conflitos da adolescência (anexo XLIV), como forma de estimular o debate, o qual foi conduzido pelo moderador (pesquisador) com a ajuda de tópico guia elaborado (anexo XLV). Houve, ainda, a aplicação do questionário com perguntas abertas e fechadas⁷⁸ e a solicitação de resposta por escrito (material consta nos anexos XXVI, XXIX, XXXV e XXXVII) a duas perguntas objetivas, a saber:

- O que a maioridade experimentada por Harry Potter e outros personagens da obra tem a ver com a sua própria experiência em relação à maioridade?
- O *bullying* está presente em *Harry Potter*? O que a obra retrata é o que você vê na vida real? Por quê?

Aparentemente, o número reduzido de participantes favoreceu uma maior autoexposição dos debatedores, permitindo-nos identificar a presença de um forte senso de responsabilidade e preocupação com o futuro, incomum aos jovens de classe média e de mesma faixa etária, dado que, por outro lado, contrastou de forma curiosa com a fala da enunciadora 4 ao expor planos de estudo e profissionais muito assimétricos em relação à sua própria condição social. Também chamou nossa atenção a existência de extratos socioeconômicos variados dentro da comunidade de Paraisópolis, conforme observaram as participantes em seus comentários.

Evidências empíricas obtidas e selecionadas para análise com base na transcrição de gravação de áudio

– *O bullying é uma prática muito comentada na atualidade e muito presente no ambiente escolar e no contexto da adolescência em geral. Eu gostaria de saber se vocês conseguem identificar situações desse tipo na obra Harry Potter.*

Enunciadora 4: – Sim, porque o Malfoy [personagem antagonista], pelo fato do pai

⁷⁸ Os enunciadores 3 e 4 e a enunciadora 5 receberam e responderam o questionário por meio eletrônico. A enunciadora 6 também recebeu por meio eletrônico e entregou o questionário impresso durante o último encontro (vide anexos XXVIII, XXX, XXXII, XXXIV, XXXVI e XXXVIII).

dele ser bem de vida e mais rico que os outros, acha que pode “zoar” o Harry. Ele “zoa” com todos, mas o que mais ele tenta atacar é o Harry, pelo fato dele ser um bruxo muito bom.

– *Assim como ele faz em relação à Hermione [personagem], a quem ele vive chamando de “sangue ruim”, e ao Rony [personagem], que é o aluno mais pobre?*

Enunciadora 4: – É, também. Eu acho que ele ataca mais esse “grupinho”. Mas o Harry é com quem ele mais encarna, pelo fato, também, de no primeiro filme [chamou nossa atenção o fato de a enunciadora 4 referir-se ao filme e não ao livro] não ter aceitado ser amigo dele.

Enunciadora 3: – Acho que a autora quis fazer uma demonstração de *bullying*, porque o Malfoy quer sempre ser melhor que os outros, né? Quer sempre ser, “tipo”, superior às outras pessoas. E o Harry Potter é o foco dele ali na história, pelo fato de ser esforçado e lutar. Sei lá, pelo fato do Harry ser “tipo” um campeão na história.

Enunciadora 4: – E também pelo fato do pai do Malfoy ser “podre de rico”, mas não ser tão conhecido quanto o Harry. Eu acho que dá uma pequena inveja nele, né? Quem não ia ficar com inveja?

– *O que é o bullying, na visão de vocês?*

Enunciadora 3: – É quando você “zoa” uma pessoa. Por exemplo: uma pessoa é deficiente e você “zoa” ela.

– *Você já presenciaram esse tipo de situação?*

Enunciadora 3: – Já, na escola tinha uma menina paralítica e os meninos ficavam xingando ela.

– *Então, praticar bullying é agredir uma pessoa por ela ser diferente de alguma forma?*

Enunciadora 4: – Sim.

Enunciadora 3: – Ah, sei lá, é criticar a pessoa... Eu também já sofri *bullying* na escola pelo fato de eu usar óculos. E eu tenho umas manchas, assim, no braço, porque tenho uma alergia no sangue. Então, já sofri muito *bullying*, tanto que eu ando mais de calça. Uma amiga minha, que é gorda, também sofre. Na época da Copa chamavam ela de “Jabulani” [nome atribuído à bola de futebol na Copa do Mundo de 2010]. Até um professor fazia *bullying*; uma vez ela escorregou e caiu no chão, aí ele falou assim: “Olha o terremoto dentro da sala!”. A gente deu risada, mas, “tipo”, foi *bullying*.

Enunciadora 4: – Eu também já sofri *bullying* na escola pelo fato de ser muito magra. Até o dia que o moleque me chamou de “magricela”, jogou meu caderno no chão e pulou em cima. Aí, eu peguei e joguei ele na lata de lixo. Mas, na verdade, a agressão não é a forma certa de agir. A gente tem que denunciar, já que o *bullying* é crime.

– *Vocês acham que o bullying é mais comum na escola ?*

Enunciadora 3: – A escola é, “tipo”, um foco de *bullying*.

– *Por quê?*

Enunciadora 4: – Porque lá é onde tão todos os amigos reunidos. Na rua, você não vai zoar uma pessoa que você nem conhece.

– *Vocês acham que o fato de estar em grupo favorece o bullying... E isso acontece tanto com os meninos quanto com as meninas?*

Enunciadora 4: – Mais com os meninos, porque eles tão sempre querendo “se aparecer” pros amigos.

– *Existe uma espécie de disputa...*

Enunciadora 3: – Que nem na escola, “tipo”: o fundão é dos bagunceiros e a frente é dos *nerds*.

– *E os mais fracos ficam em desvantagem...*

Enunciadora 3: – É. Por exemplo, tem um menino que os outros tavam forçando a fazer lição pra eles. Aí, a gente juntou um grupo e mais a professora de português pra falar com a diretora.

– *Se o bullying é mais comum na escola, também é mais comum entre crianças e adolescentes que entre adultos, por quê?*

Enunciadora 4: – Porque os adultos sabem que isso é errado. Os adolescentes também, mas eles insistem nisso, e as crianças não têm entendimento ainda.

– *Por que os adolescentes insistem, mesmo sabendo que é errado?*

Enunciadora 4: – Porque eles são rebeldes, gostam de “pisar” nas pessoas.

Enunciadora 3: – Eu acho que os adultos têm aquela consciência, né, afinal já são maiores, têm a mentalidade crescida. Os jovens fazem porque querem...

– *Querem desafiar o que é proibido?*

Enunciadora 3: – Isso.

– *E vocês acham o bullying pode deixar de existir? O que deve ser feito, na visão de vocês?*

Enunciadora 4: – Eu acho que, se todos colaborarem, vai deixar de existir, sim. Deve criar leis, como já criaram, pra virar crime e poder prender quem faz isso, né?

– *Então, você acha é preciso punir com mais rigor?*

Enunciadora 4: – É. No Brasil, só pode prender quem é “de maior”, né? É só fica um dia na prisão.

– *Existe uma proposta de reduzir a maioridade penal para 16 anos...*

Enunciadora 4: – Na verdade, eu acho que tinha que reduzir pra 12. Tem um programa, que eu não sei falar o nome porque é em inglês, mas passa na TV a cabo... É sobre um lugar onde as crianças que fazem *bullying* com os outros ficam presas. Cada uma tem o seu quarto e recebe educação. Aí, elas crescem, viram pessoas boas, arrumam um bom trabalho, enquanto aqui vira tudo “vagabundo” e pronto.

Enunciadora 3: – Olha, eu não boto fé nisso [sobre o fim do *bullying*], ainda. Mas eu acho que pode deixar de existir, porque nada é impossível. Que nem a cura do câncer... Mas sempre vai ter uma pessoa que vai querer “se achar mais”. Eu acho que as pessoas deveriam refletir e parar de ficar fazendo isso. Cada um tem que pensar, ter educação, porque o *bullying* é isto, né: a pessoa não usar da educação que ganhou.

As perguntas e respostas seguintes dizem respeito à temática “maioridade”.

– *Os trechos que vocês lerem mostram um Harry mais maduro, vivendo um momento de transição. Ele não é mais criança e ainda não é adulto, porém vai perdendo as pessoas que o protegem e tem de caminhar com as próprias pernas...*

Nesse momento, mostramos a ilustração que acompanha o artigo disponibilizado pelo Facebook sobre os desafios da adolescência, o qual retrata o tema por meio da imagem de um garoto prestes a atravessar um abismo com a ajuda de um cabo extremamente estreito.

Enunciadora 4: – Eu vejo um garoto chegando à maioridade e vendo que vai ter que enfrentar as coisas da vida sozinho.

Enunciadora 3: – Essa linha [o cabo que aparece na ilustração] aqui é, “tipo” o caminho que ele vai ter que percorrer. Só que, “tipo”, do lado de lá a construção é maior, porque as responsabilidades dele vão crescer.

– *De fato, as responsabilidades aumentam com o passar da idade. Vocês se sentem preparadas para isso?*

Enunciadora 3: – Não, eu acho que ainda não. Eu acho que eu vou seguir meu caminho e que eu vou acostumando, né?

Enunciadora 4: – Eu acho que eu me sinto pequena diante disso tudo, porque, na verdade, eu sou pequena mesmo, mas quando a gente tinha 10 anos, não tinha tantas responsabilidades. Era só dormir, comer, ir pra escola, desenhar, brincar e dormir, só. Agora, não, a gente tem que estudar de verdade pra passar de ano e ser alguém na vida. Ainda tem que fazer faculdade e trabalhar pra ter nosso dinheiro, o que é ótimo, porque nossos pais uma hora vão morrer e a gente vai ter que seguir a vida sozinha.

– *Esse futuro está cada vez mais próximo...*

Enunciadora 4: – É verdade. Eu vou querer fazer intercâmbio na Coreia do Sul ou no Japão. [No questionário, a enunciadora 4 referiu interesse pela cultura asiática, especialmente por ídolos da música *pop* sul-coreana]

– *Você tem contatos lá?*

Enunciadora 4: – Sim, mas minha amiga tem mais.

– *E o que você pretende estudar lá?*

Enunciadora 4: – Medicina ou Fotografia. Mas, antes de terminar o colegial [Ensino Médio], quero ir pra Rússia e conhecer uma escola de balé que tem lá, o Bolshoi, a melhor do mundo.

Os planos referidos pela enunciadora 4, que incluem a realização de intercâmbio, chamaram nossa atenção pelo contraste em relação à sua condição social e à de sua família, conforme dados obtidos por meio do questionário.

– *Vocês acreditam que fazer 17 anos, no caso da história do Harry Potter, ou 18, na nossa sociedade, enfim, chegar à maioridade represente um “divisor de águas”, uma grande mudança na vida do adolescente?*

Enunciadora 4: – Eu acho que sim... Como a gente vai pra 18 anos, a nossa mãe já pressiona pra arrumar um trabalho.

– *Vocês já sentem essa pressão?*

Enunciadora 4: – Já, né, porque tem que trabalhar. A nossa mãe não vai sustentar a gente a vida toda. Com 18 anos, a gente já encontra qualquer trabalho.

Enunciadora 3: – A responsabilidade vai aumentar, vai ter aquilo de você começar a ser mais independente, né? Sua mãe vai te pressionar mesmo pra você trabalhar.

– *E o que mais muda quando uma pessoa se torna maior de idade, na visão de vocês?*

Enunciadora 3: – As atitudes, o pensamento. Eu fico pensando desde agora no que eu vou fazer.

– *Na primeira reunião nós comentamos que vocês já possuem alguma autonomia em relação ao próprio dinheiro, o que não é comum na adolescência. Vocês acham que essa autonomia precoce tem a ver com o fato de viverem numa comunidade e não terem as mesmas “facilidades” dos adolescentes de classe média?*

Enunciadora 4: – Eu acho que sim, porque os nossos pais batalham e a gente quer ajudar, né? Então, a gente tenta arrumar um trabalho pra ajudar nossos pais.

– *Essa responsabilidade vem mais cedo se comparado a uma menina de outra condição social que também queira estudar medicina, por exemplo?*

Enunciadora 4: – Eu acho que sim, porque ela tem tudo na mão. Ela vai pensar: “Ah,

meus pais ganham dinheiro fácil, então eu não preciso trabalhar agora. Não vou me preocupar com nada agora”.

– *Você tem essa consciência de que terá de batalhar mais cedo e de que tudo dependerá mais de você mesma?*

Enunciadora 4: – Tenho.

– *Desde que idade você pensa sobre isso?*

Enunciadora 4: – Eu acho que desde os 14.

– *Aconteceu alguma coisa especificamente que fez você começar a pensar assim?*

Enunciadora 4: – Acho que sim, porque tinha vezes que eu pedia as coisas pro meu pai, “tipo” celular, que as minhas amigas tinham e eu queria também, e ele falava que não ia poder pagar. E, geralmente, as coisas que a filha pede o pai tem que dar, né? Então, eu pensava que eu tinha que arrumar meu próprio trabalho pra comprar meu próprio celular.

Enunciadora 3: – Pelo fato de uma menina saber que é rica, ela não pensa tanto nisso, né? Só que os filhos de ricos não são ricos; os pais deles é que são ricos. Mas eles são assim: “Ai, eu não preciso trabalhar porque meus pais vão me dar tudo”. Eu tenho uma amiga que tinha um celular dos mais caros. Ela foi numa festa, ficou pulando e o celular dela caiu e quebrou. Aí, a mãe foi lá e comprou um celular novo pra ela, ainda mais caro. Eu penso assim: “Quem tem aquela consciência de que não tem muito dinheiro, valoriza mais o que tem. Se você quebrar aquilo, vai ter que batalhar sozinho pra conseguir de novo”. É que nem a minha mãe, se eu quebrasse o celular, ela ia falar: “Você vai ter que esperar um mês pra poder te dar outro”. Ela fala desse jeito, entendeu?

– *E isso faz com que você tenha mais consciência e maturidade?*

Enunciadora 3: – É, e valorize o que tem, entendeu?! E batalhe, também. A gente tem esse pensamento de trabalhar e de se esforçar mais. Os filhos de ricos acham que os pais vão tá sempre ali, só que vai ter uma hora que vai ser tarde demais pra eles pensarem, entendeu?

– *Não é cedo demais para pensar sobre isso?*

Enunciadora 4: – Eu acho que é bom refletir desde agora pra não ter muita preocupação depois. Quando chegar a hora eu vou saber o que eu tenho que fazer ou não.

– *A adolescência não é a idade de poder errar e voltar atrás justamente porque vocês são jovens demais?*

Enunciadora 4: – Não, eu acho que cada coisa tem o seu tempo. Então, tem a hora de se divertir e tem a hora de pensar na vida.

– *Dá para fazer as duas coisas ao mesmo tempo?*

Enunciadora 4: – Dá. Eu me preocupo e me divirto todo dia.

Enunciadora 3: – Geralmente, os jovens aqui da comunidade preferem mais se divertir, principalmente aqueles com menos de 18. Eles até têm consciência do que vão ter pela frente, mas não refletem sobre isso. Eles se divertem, não tão nem aí, vão pro *baile funk*... Mas, e o futuro pela frente, como é que vai ficar? Tem que pensar nisso, né?!

– *Essa falta de responsabilidade está de alguma forma relacionada à educação?*

Enunciadora 4: – Eu acho que, “assim”, tem dois tipos de pais: os que realmente se preocupam e os que nem se preocupam, como aqueles que viajam muito. Eles não são muito presentes, né? Sempre deixam aquele educador pra ensinar os filhos o que é certo e errado, mas eles não vão acatar porque não é o pai que tá ensinando.

– *Você se refere às famílias que têm mais dinheiro...*

Enunciadora 4: – Sim, mas tem aqueles que os pais são ricos e dão valor às coisas. Eu tenho uma amiga que trabalha e é rica.

– *O que ela faz?*

Enunciadora 4: – Trabalha num restaurante com o pai dela.

– *Vocês acham que tudo depende da maneira como o filho é criado?*

Enunciadora 4: – Sim, acho que sim. Como nós somos da comunidade, nossos pais falam: “Você tem que se tornar uma pessoa melhor que eu, tem que conseguir, tem que trabalhar...”. Então, a gente pensa assim: “Vou trabalhar agora pra começar a pagar a faculdade e ser melhor do que meu pai foi, e pra cuidar dos meus pais”, né?

Enunciadora 3: – Eu acho que, em alguma forma, isso parte dos pais, sim. Eu estudo em escola particular e vejo que não são todos os pais que criam os filhos assim. Tem um amigo meu que tem 15 anos; o pai dele é rico e a mãe não trabalha. Aí, é assim, “tipo”, se ele perder aquilo que ganhou, vai ter que trabalhar, entendeu? Ele não vai ter tudo na hora que quer. Agora, eu tenho um outro amigo lá que “tem tudo na mão”. Então, isso é um ensinamento dos pais. “Tipo”, aqui na comunidade, os pais geralmente ensinam os filhos desde pequenos a valorizar e aproveitar muito o que têm. A maioria dos “riquinhos”, não, “tipo assim”, se quebrou, compra novamente e não tá nem aí.

– *No caso do Harry Potter, ele amadurece com as perdas que sofre...*

Enunciadora 3: – A vida é assim: uma hora seu pai vai, outra hora é a sua mãe, e você vai ficar sozinho na vida. Então, você precisa ter consciência disso desde quando tá com seus pais. “Tipo”, eu ia perder minha mãe cedo, porque ela teve um problema de saúde sério. Eu tinha 9 anos e imagina como é que eu seria se perdesse a minha mãe! Ela é, “tipo”, tudo pra mim.

– *O que ela teve?*

Enunciadora 3: – Minha mãe ficou grávida, mas o bebê, o feto foi pra trompa e apodreceu. E ela não tava sabendo qual era o problema. Aí, teve que pagar 400 reais de cara, foi bem caro, bem caro mesmo...

– *Para ser atendida num hospital particular?*

Nenhum dos participantes e de seus familiares possuem acesso a plano de saúde privado, à exceção da enunciadora 4.

Enunciadora 3: – É, acho que ela foi na zona leste.

– *Normalmente, vocês procuram sempre hospitais públicos?*

Enunciadora 3: – Geralmente minha mãe vai na USP e, agora, eu só passo nos postos daqui da comunidade. Eu já passei também no Einstein, que tem o programa “Favelas 10 anos”, mas fiquei pouco tempo porque entrei no último ano.

Na sequência, fizemos mais alguns questionamentos quanto à perspectiva da maioria e os planos para o futuro, tendo-nos chamado a atenção a intenção, igualmente externada pela enunciadora 3, de cursar medicina e forma-se em pediatria, por sugestão da mãe. Nesse momento, demos o exemplo da enunciadora 1, que vive em condição de extrema vulnerabilidade social dentro de Paraisópolis e questionamos as participantes sobre a existência de uma grande diversidade de perfis socioeconômicos dentro da comunidade, com jovens que lutam para sobreviver e outros que buscam um futuro nos moldes daqueles oriundos da classe média.

Enunciadora 3: – Na comunidade, tem isso, sabe? Às vezes, a pessoa mora aqui, só que tem uma condição boa. É uma escolha dela, de crescer aqui. “Tipo”, quando a gente veio da Bahia, [a família da enunciadora 3 é natural daquele Estado], não tinha condições boas, mas aí, a vida foi melhorando...

– *Você conhece moradores da comunidade em situação mais difícil?*

Enunciadora 3: – É, aqui na comunidade tem muito isso. Por exemplo, pegou fogo ali nos “barraquinhos” há seis meses atrás. “Tipo”, essa menina [referindo-se à enunciadora 1], eu mesma fico sentida com isso, sabe? A gente vai nesses lugares [referindo-se a cinema e *shopping center*] e ela, não. É ruim, sabe, porque ela sente vontade de conhecer, fica curiosa.

Enunciadora 4: – Eu acho que tem essas diferenças aqui, sim. Por exemplo, tem uma prima nossa [as enunciadoras 3 e 4 são primas] que mora aqui dentro de Paraisópolis, só que o pai dela é arquiteto e tem uma condição. Ela tem uma casa boa e tal. É aquele tipo de menina que a mãe quer que seja “patricinha”, só que ela não tá nem aí.

A informação dada pela enunciadora 4 de que o pai da prima é arquiteto não foi devidamente confirmada; vale ressaltar que anteriormente as próprias enunciadoras 3 e 4 informaram que o tio seria casado com uma empregada doméstica.

Enunciadora 3: – Ela [referindo-se à prima que tem melhor condição socioeconômica] estuda na mesma escola que eu e tava me falando que prefere ganhar livro do que roupa. Ela ganhou a coleção inteira do Harry Potter; o pai dela dá. Mas a mãe enche ela de roupa. A mãe dela tem dois guarda-roupas lotados de roupa.

Enunciadora 4: – Apesar de elas estudarem na mesma sala [referindo-se à enunciadora 3], eu sou até mais próxima dessa prima, porque vou na casa dela quase todo dia... Então, ela é aquele tipo de menina que mora na favela, mas os pais têm condição; moram numa casa grande, bonita. Minha casa não tem nem reboco...

Enunciadora 3: – A casa dela [referindo-se à enunciadora 4] tá sendo construída aos poucos...

Enunciadora 4: – Meu pai viaja muito. Ele é pedreiro e dá aula de Teologia.

– *O seu pai é pastor?* [tanto a enunciadora 4 quanto a enunciadora 3 são evangélicas, assim como seus familiares mais próximos]

Enunciadora 4: – É.

– *Você comentou que é muito próxima dessa prima que tem uma condição social melhor, por quê?*

Enunciadora 4: – É, nós somos “irmãs de leite” [a mãe da enunciadora 4 também amamentou a prima], por isso somos mais próximas. E ela sempre fala que preferia ser minha “irmã de sangue” e morar na minha casa, na casa que não tem reboco, do que ficar lá sendo mimada pela mãe.

Enunciadora 3: – Nós somos primas, sabe, e já brincamos juntas, essas coisas. Só que, “assim”: ela é próxima dela [referindo-se à enunciadora 4], que é próxima de mim. Aí, eu e ela já não somos muito próximas. Este ano a gente tá ficando mais próxima e conversando mais, porque começamos a estudar juntas.

Enunciadora 4: – Outra coisa legal é que nós todas queremos ser médicas. Ela também quer ser pediatra.

A enunciadora 4 prosseguiu comentando sobre semelhanças e afinidades entre as três primas e revelou que costumam fazer uma espécie de ranking sobre a situação financeira de cada uma: a prima que possui mais recursos, em primeiro lugar; a enunciadora 3, em segundo; e ela própria, em terceiro. Tomando o cuidado de preservar a identidade da falante, citamos a situação de vulnerabilidade da enunciadora 1, cuja residência fora destruída recentemente por um incêndio. O exemplo trazido por nós visou aprofundar a reflexão sobre a diversidade de perfis sociais dentro da comunidade, e a enunciadora 3 acabou confidenciando que passou por uma situação semelhante cerca de um ano antes, quando sua família perdeu toda a mobília em razão de uma enchente.

Enunciadora 3: – Minha casa alagou, aí a gente perdeu bastante coisa. Roupa a gente não perdeu, porque os vizinhos ajudaram.

– *Vocês tiveram que sair de casa?*

Enunciadora 3: Sim, tanto que eu morava em casa alugada e, hoje, moro numa casa própria e no terceiro andar, então, “tipo”, não tem nem como alagar. A outra era baixa, então... A sorte é que não tinha ninguém em casa, se não tinha morrido lá dentro, porque a água alcançou quase dois metros de altura.

– *Onde você estava?*

Enunciadora 3: – Eu tinha ido buscar minha irmã e, quando tava voltando, começou a chover. Aí, eu fui pra casa dela [referindo-se à enunciadora 4] e fiquei lá umas três horas. Quando voltei, a rua já tava alagada, porque tem um córrego ali. O computador estourou, explodiu debaixo da água, ficou todo queimado...

Enunciadora 4: – O botijão foi parar em cima da geladeira.

Enunciadora 3: – Meu cachorro só se salvou porque ele subiu em cima dos móveis.

– *E a sua casa, embora não tenha reboco, não alagou...* [Comentário dirigido à enunciadora 4]

Enunciadora 3: – Não, mas na casa dela [referindo-se à enunciadora 4] também tem uns becos em que eles roubam, então também tem perigo lá.

Ao final, foi novamente solicitado aos participantes que redigissem em casa um texto sobre o que foi debatido e trouxessem na reunião seguinte (material consta nos anexos XXVI, XXIX, XXXV e XXXVII).

2.2.4. Quarto encontro

Participantes: enunciadora 3, enunciadora 4, enunciadora 5, enunciadora 6, enunciadador 3, enunciadador 4 (22/11/2014, 16h às 18h30)⁷⁹

“[...] é uma coisa impregnada na sociedade, ‘tipo’, ela sabe, ele sabe, entendeu? Quando você fala: ‘Nossa, ele é mais escurinho’, você já entendeu que você é mais claro, sabe?

Tem aquela coisa que já tá na cabeça das pessoas; não é uma coisa que você fala do nada: ‘Nossa, vou chamar ele de mais moreno’, entende? É uma coisa que já vem de antes” (enunciadora 5).

“[...] eles [os moradores de fora da comunidade] ficam com aquela imagem de que todos que

⁷⁹ O tempo excedente foi naturalmente preenchido pelos participantes com brincadeiras relacionadas à sua caracterização como personagens da obra *Harry Potter*, estratégia que utilizamos para estimular a participação de todos no último encontro.

moram aqui são assim, ou escutam *funk*, ou são ladrões. Pensam em uma favela mesmo, violenta. Eles não pensam que se trata de uma comunidade que tá sempre em ascensão, que tá crescendo, que tá se urbanizando, que tem gente com uma pluralidade de gostos, de formas de viver... Não pensam isso. Quando pensam e falam em qualquer tipo de comunidade, já pensam em favela, violência, *funk* e outras coisas horríveis” (enunciadora 6).

Fig. 17 – Imagens do quarto encontro com o grupo B. Fonte: Acervo do pesquisador.

17.1

17.2

17.3

17.4

17.5

17.6

17.7

17.8

17.9

17.10

A exemplo do que ocorreu com o grupo A, o quarto encontro do grupo B contou com a presença de todos os participantes (enunciadora 3, enunciadora 4, enunciadora 5, enunciadora 6, enunciador 3, enunciador 4). No caso específico deste grupo, a conformação de quórum total foi uma situação inédita, o que talvez possa ser atribuído à proposição feita aos participantes, com apoio de Rosângela Alves de Mattos, praticante de *cosplay* presente ao encontro, para que se caracterizassem como personagens da obra.

Iniciamos os trabalhos com a exibição de duas cenas dos filmes relacionadas às temáticas “discriminação/preconceito” e “exclusão social”, conforme tabela 2, inserida anteriormente, às quais também correspondiam os três trechos disponibilizados para leitura silenciosa (anexo XLVI), selecionados do quarto (dois trechos) e sétimo (um trecho) volumes da série *Harry Potter*, respectivamente *Harry Potter e o Cálice de Fogo* e *Harry Potter e as Relíquias da Morte*, tendo sido essas atividades seguidas pelo debate em círculo conduzido com ajuda de tópico guia (anexo XLVII). Também solicitamos respostas por escrito às perguntas objetivas: “De que forma a obra *Harry*

Potter ajuda você a refletir sobre discriminação e igualdade entre as pessoas?” e “De que forma a obra *Harry Potter* ajuda você a refletir sobre exclusão e justiça social?” (material consta nos anexos XXVI, XXIX, XXXIII, XXXV e XXXVII), além de coletarmos (entrevista oral) as impressões individuais de cada participante sobre o trabalho realizado a título de encerramento. As atividades foram registradas por meio de gravação de áudio e videogravação.

Tentamos contornar o problema verificado em relação ao não cumprimento dos trabalhos “extraencontros” por meio de contatos estabelecidos por telefone (celular), *e-mail* e pela rede social Facebook (o mesmo processo foi utilizado para a obtenção dos questionários respondidos com informações sobre o perfil socioeconômico e cultural dos participantes), o que resultou na entrega, presencial e por meio eletrônico, de algumas das produções escritas pendentes por parte dos participantes. Uma apresentação formal (em PPT) foi preparada pelas enunciatóricas 3 e 4 a respeito da temática “preconceito”, mas a exposição para os demais integrantes do grupo não contou com seminário e limitou-se a uma breve síntese dos pontos observados com a mediação do moderador (pesquisador) em razão do tempo exíguo para a concretização dos objetivos do quarto encontro.

De forma praticamente unânime, os participantes ressaltaram em sua avaliação final não terem feito, até a realização dos debates, correlações entre a obra e sua própria realidade, o que a princípio nos sugere que a procura de *Harry Potter* por leitores de Paraisópolis possa ter sido desdobramento da propagação do produto nas mais diversas praças e canais (conforme constatamos no capítulo 1 da presente dissertação). Por outro lado, como nos demais encontros, a situação de debate propiciou o surgimento de diversos pontos de conexão entre a obra e a realidade dos participantes, trazendo à tona, a propósito da temática “discriminação/preconceito”, por exemplo, a narrativa do enunciatóric 4 e da enunciatórica 5 a respeito da dificuldade de conseguir trabalho e ingresso em cursos de especialização em razão do estigma de “morador de favela”.

A enunciatórica 6 e enunciatóric 4, por sua vez, nos surpreenderam ao fazerem, por conta própria e sem estímulo direto do pesquisador, com base nos trechos disponibilizados para o encontro, uma correlação direta entre a figura do principal vilão da obra *Harry Potter*, particularmente de seus planos de eugenia, e as práticas nazistas antes e durante a Segunda Guerra Mundial. A enunciatórica 5, que participou de apenas um dos encontros realizados, o último realizado com o grupo B, confirmou ter

identificado durante a leitura espontânea alguns pontos de proximidade entre a família da personagem Rony Weasley, que na trama apresenta problemas financeiros, e a sua própria, além de ter conseguido estabelecer algumas associações entre elementos discursivos presentes na obra *Harry Potter* e situações vivenciadas em seu cotidiano. A enunciadora 6, especialmente, ainda corroborou, segundo seu ponto de vista, a percepção emergente no decurso do trabalho de campo da existência de um amadurecimento incomum dos adolescentes de Paraisópolis em relação ao contexto geral dessa fase etária, o que poderia estar relacionado à experiência de uma condição social desfavorável.

Evidências empíricas obtidas e selecionadas para análise com base na transcrição de gravação de áudio e na análise de material obtido por meio de videogravação

O debate teve início com o moderador dirigindo-se diretamente à dupla de participantes (enunciadoras 3 e 4) responsável pela elaboração de uma apresentação sobre a temática “discriminação/preconceito”.

Enunciadora 4: – A gente pesquisou um pouco na internet, mais ou menos, pra entender o que é o “sangue puro” [personagens que descendem de famílias compostas exclusivamente por bruxos]. Aí, nesse levantamento, a gente pesquisou sobre os negros também. Eu pesquisei sobre o Daniel Alves [jogador de futebol], que foi tratado como um macaco no campo de futebol.

Nesse momento, consultamos os presentes e todos confirmaram ter conhecimento da agressão praticada por um torcedor espanhol contra o referido jogador de futebol brasileiro, amplamente noticiada pela imprensa.

Enunciadora 3: – Eu pesquisei sobre a homofobia, o preconceito social que acontece com lésbicas, transexuais... E, “tipo”, eles sofrem mais por não seguirem as regras da sociedade.

– Por serem diferentes das outras pessoas?

Enunciadora 3: – Isso, por serem diferentes. Eles são julgados por causa da opção que eles fazem.

– E vocês acham que isso está relacionado de alguma forma ao conflito entre “sangue puro” e “sangue mestiço” na história do Harry Potter?

Enunciadora 3: – Acho que tá mais relacionado ao preconceito racial.

– Todo mundo aqui vê relação entre esse embate que a obra apresenta, “sangue puro versus sangue mestiço”, e outros tipos de discriminação ou preconceito existentes na vida real?

Enunciadora 6: – É, isso se relaciona mais com a questão de visão social. Aquele que tem um nome, uma história anterior de superioridade, por renda da família, sei lá, tem um “sangue bom”. Os outros, pelo fato de serem mestiços e não terem toda a família bruxa sofrem preconceito social.

Enunciador 4: – Eu acho que ela [a autora] quer mostrar que uma parte do ser humano, da humanidade tem a necessidade de se julgar superior à outra.

– *Por qual motivo?*

Enunciador 4: – Provavelmente, por poder. E a gente pode conciliar essa história do Voldemort [personagem antagonista da trama de *Harry Potter*] de só permitir os “sangues puros” e banir os mestiços como, de certa forma, o lance da nossa Segunda Guerra, o lance da raça ariana.

– *Você vê uma relação entre o projeto de poder da personagem e o do Hitler, por exemplo?*

Enunciador 4: – Isso, essa pode ser a semelhança entre a questão de “sangue puro” e a questão da raça ariana.

Enunciadora 6: – É, isso! Porque ele [Hitler] também não tinha sangue ariano puro.

Enunciador 4: – E o Voldemort é mestiço também.

– *Vocês já tinham feito essa correlação ao lerem os livros?*

Enunciador 4: – Eu percebi agora.

Enunciadora 6: – É, eu não tinha pensado nessa associação...

Nesse momento, pela videogravação, é possível constatar a expressão de surpresa dos dois participantes (enunciadora 6 e enunciador 4) diante da correlação recém-descoberta entre o discurso de eugenia presente na obra Harry Potter e fatos históricos relacionados ao nazismo.

– *Além do exemplo do nazismo, quem pode fazer outras associações entre a superioridade dos chamados “sangues puros” na obra e o que acontece na sociedade?*

Enunciadora 5: – É meio que a realidade do que muitas pessoas sofrem, só que não tem um exemplo, “assim”, que eu possa dizer. As pessoas, sei lá... Ah, não tem um exemplo que eu possa dar.

– *E o caso do jogador Daniel Alves, citado aqui?*

Enunciadora 5: – Com certeza.

– *Por quê?*

Enunciadora 5: – Porque jogar uma banana em uma pessoa demonstra, “tipo”, uma coisa assim: ou ele tava com fome, ou era racismo.

– *E na vida de vocês, por exemplo, na escola? O grupo anterior [referência ao grupo A] citou aquele caso das “Top 10 de Paraisópolis” [cyberbullying contra meninas menores de idade moradoras da comunidade], que são filmadas e discriminadas.*

Nesse momento, constatamos que nem todos os participantes estavam completamente a par da existência desse tipo de prática dentro da comunidade, indicando tratar-se de algo bastante recente, deflagrado há cerca de um mês em relação à data de realização do quarto encontro, segundo a enunciadora 5, que ajudou a esclarecer mais alguns detalhes sobre essa prática.

– *São vídeos postados com imagens de meninas relacionadas a erotismo e pornografia?*

Enunciadora 5: – Sim, em relação à vida pessoal delas. O que elas fazem com os meninos, o que deixam de fazer...

– *Todas elas são menores de idade...*

Enunciadora 5: – Então, tem meninas da minha escola.

Enunciadora 3: – Eu tenho uma amiga que tá no vídeo e falaram uma coisa que ela não faz, entendeu?

– *Elas são fotografadas em bailes funks?*

Enunciadora 3: – Não, eles também pegam foto normal, de Facebook.

– *Quem cria esses vídeos?*

Enunciadora 5: – Não se sabe.

Enunciadora 3: – Tenho uma amiga que sabe, só que ela não me falou.

– *E isso acontece apenas dentro de Paraisópolis?*

Enunciadora 5: – Tem em outras regiões também. Mas a pessoa que tá fazendo isso aqui só pega fotos de meninas daqui.

– *E como isso é disparado?*

Enunciadora 5: – Via WhatsApp, Facebook...

– *Por que deram o nome de “Top 10”?*

Enunciadora 5: – Porque são as dez meninas que fazem as piores coisas, entendeu? Eles pegam fotos do Face, escrevem coisas ruins sobre elas, montam o vídeo e mandam pro pessoal.

– *E, depois, elas são vítimas de preconceito?*

Enunciadora 5: – São.

Enunciadora 3: – São, mas tem umas que não ligam e ficam mais “na delas”. Uma amiga minha ficou muito chateada por tá nesse negócio que não tinha nada a ver. Era só uma “fama” que colocaram nela.

Enunciadora 4: – Na verdade, pra você tá nesse “Top 10” tem dois negócios: ou a pessoa que fez não gosta de você, ou você deu motivo.

Enunciadora 5: – Às vezes, você nem sabe quem é a pessoa, mas acaba “passando pra frente” porque ouviu outra pessoa falando isso, porque viu “nequinho” falando aquilo...

– *Vocês conhecem muitas formas de preconceito? Podem me descrever algumas?*

Enunciador 3: – Ah, eu conheço o preconceito que, em geral, todo mundo conhece, que é o preconceito racial, o homofóbico e a xenofobia. Os nordestinos, por exemplo, sofrem bastante preconceito dos paulistas.

– *E o que é esse tal “preconceito”?*

Enunciador 3: – Ah, eu acho que o preconceito é praticado pelas pessoas que se acham superiores. “Tipo”, você vê uma garota negra; você é branco e se acha superior a ela só por causa da sua cor mais clara.

– *Quem pratica preconceito são pessoas essencialmente más, como o vilão da história do Harry Potter?*

Enunciador 3: – Não são pessoas más, mas pessoas ignorantes. Eu acho que não precisa ser um monstro pra praticar preconceito.

– *Todos concordam?*

Enunciadora 5: – É, às vezes você mesmo pratica o preconceito sem a intenção de praticar, entendeu? Porque tá no seu cotidiano.

– *Por exemplo...*

Enunciadora 5: – Sei lá, vamos supor, é alguma coisa de família “zoarem” o meu irmão e eu porque nós somos os mais “moreninhos” da casa, entende? Eles zoam a gente, mas não porque eles querem; é uma coisa que vem da convivência com outras pessoas. “Tipo”, a minha avó não gosta de pessoas escuras, então a minha mãe tem isso na cabeça. Aí, ela pega e fala: “Ó os moreninhos da casa!”. Só que, “tipo”, ela não é um monstro por causa disso.

– *A expressão “moreninho” quer dizer alguma coisa...*

Enunciadora 5: – Que a gente é mais pretinho.

– *É algo que não precisa ser necessariamente explicado, porque todo mundo sabe o que significa...*

Enunciadora 5: – É, porque é uma coisa impregnada na sociedade, “tipo”, ela sabe, ele sabe, entendeu? Quando você fala: “Nossa, ele é mais escurinho”, você já entendeu que você é mais claro, sabe? Tem aquela coisa que já tá na cabeça das pessoas; não é uma coisa que você fala do nada: “Nossa, vou chamar ele de mais moreno”, entende? É uma coisa que já vem de antes.

Enunciadora 6: – É uma coisa generalizada. Mas o preconceito, “assim”, que eu sinto mais, é a xenofobia e o racismo.

– *Xenofobia contra quem, por exemplo?*

Enunciadora 6: – Contra os nordestinos, principalmente. Aqui, em São Paulo, a xenofobia e o preconceito de cor são contantes.

– *E o racismo a que você se refere é especificamente contra negros?*

Enunciadora 6: – Sim. Tá tudo na nossa história de escravidão, que é bem recente, e isso ficou impregnado na cabeça de todos.

– *Vocês acham que quem mora em Paraisópolis, que não por acaso é uma comunidade formada historicamente por nordestinos, sofre algum tipo de preconceito de quem é de fora?*

Enunciadora 6: – Sim, porque eles [os moradores de fora da comunidade] ficam com aquela imagem de que todos que moram aqui são assim, ou escutam *funk*, ou são ladrões. Pensam em uma favela mesmo, violenta. Eles não pensam que se trata de uma comunidade que tá sempre em ascensão, que tá crescendo, que tá se urbanizando, que tem gente com uma pluralidade de gostos, de formas de viver... Não pensam isso. Quando pensam e falam em qualquer tipo de comunidade, já pensam em favela, violência, *funk* e outras coisas horríveis.

– *De que forma você percebe isso no seu dia a dia?*

Enunciadora 6: – Eu sinto isso, por exemplo, com amigos de fora que perguntam onde eu moro. Quando eu falo “Paraisópolis”, eles já ficam com uma cara “assim”...

– *Você identifica uma reação mais de curiosidade ou uma rejeição, como em relação aos bruxos de sangue impuro, na história do Harry Potter?*

Enunciadora 6: – É uma coisa negativa. E são, “tipo”, pessoas que também moram em regiões carentes, tanto quanto Paraisópolis, mas, aqui, por ser conhecido como uma favela, tem esse preconceito, sabe? Pessoas do Campo Limpo, por exemplo, que já foi uma favela e agora não é mais. Essas pessoas têm preconceito com quem é de Paraisópolis!

Nesse momento, relembramos o conflito entre bolsistas e não bolsistas relatado pelo

enunciador 3 no segundo encontro e questionamos se também se tratava de uma forma de preconceito.

Enunciador 3: – Eu acho que sim, porque os não bolsistas, os que pagam a mensalidade pra estudar em escola particular, acham que os bolsistas não têm esse direito.

– Por quê?

Enunciador 3: – Eu não sei por quê, mas acho que eles não querem admitir que existem pessoas mais inteligentes que eles e que não precisam pagar pra estudar em escola particular.

– Os bolsistas chegaram a se mobilizar para protestar...

Enunciador 3: – Sim, pela internet, pelo Twitter...

– Por que chegou a esse ponto?

Enunciador 3: – Foi o preconceito mesmo, a discriminação.

– Você foi vítima direta de preconceito?

Enunciador 3: – “Assim”, nesse caso não fui só eu, foi todo um grupo, a sala toda. Porque nós, por sermos de Paraisópolis, fomos tachados de “favelados”, “trombadinhas”.

– Uma agressão explícita?

Enunciador 3: – Isso. “Tipo”: “Você não tem o direito de tá aqui, seu ‘trombadinha’”.

– Isso partiu de outros estudantes que pagam a mensalidade, como Draco Malfoy [personagem] faz com quem não pertence a uma família de bruxos puros?

Enunciador 3: – É, mais ou menos. Pessoas que pagam mensalidade e se acham superiores à gente de alguma forma, não sei por quê.

– E o que houve com o movimento que vocês organizaram?

Enunciador 3: – Não deu certo porque o próprio sistema do colégio não autorizou. Falaram que se a gente continuasse, a gente podia perder a nossa bolsa.

– Esse tipo de preconceito que tem a ver especificamente com o fato de morar em Paraisópolis é muito comum?

Enunciador 4: – Eu vejo preconceito não só com quem é daqui de dentro, mas de qualquer comunidade. Aliás, inclusive, quando você vai procurar um emprego, por exemplo, e diz que é de Paraisópolis, quem vai olhar seu currículo já fica meio “assim”, né...

– *Isso já aconteceu com você ou com alguém que você conhece?*

Enunciador 4: – Já aconteceu comigo.

– *Mas é uma posição explícita?*

Enunciador 4: – É algo que fica meio mascarado. Mas dá pra perceber que eles mudam quando veem onde você mora.

Nesse momento, a enunciativa 5 fez uma revelação surpreendente, que, conforme indica a videogravação, chamou a atenção de todos...

Enunciadora 5: – Eu já escondi...

– *Escondeu que mora em Paraisópolis? Por quê?*

Enunciadora 5: – Porque eu queria passar na seleção pra fazer um curso, só que lá eles só pegavam as pessoas mais... Não podia morar em regiões mais carentes.

– *Eles deixaram isso claro?*

Enunciadora 5: – Não, “tipo”, eles deixaram as pistas, porque lá era tudo de mais “top”, então...

– *Em que bairro esse curso era oferecido?*

Enunciadora 5: – No Bom Retiro.

– *E você conseguiu?*

Enunciadora 5: – Não.

– *Mesmo escondendo que morava em Paraisópolis?*

Enunciadora 5: – Eu coloquei que era do Morumbi, só que eu acho que não acreditaram, né?

Enunciadora 3: – Eu acho que tem preconceito em todo lugar. Tem esse negócio de bolsista e não bolsista, por exemplo. Algumas escolas têm uma unidade só pros bolsistas e outra só pros não bolsistas. E tem também uma divisão quando é na mesma escola, “tipo assim”, o período da manhã é pros bolsistas e o da tarde pros não bolsistas.

– *Quem faz essa divisão é o sistema, ou seja, a própria escola?*

Enunciadora 3: – A própria escola.

– *Em um dos textos que vocês leram, a personagem Hermione se refere ao sistema como algo “podre e injusto”, o que vocês acham disso?*

Nesse momento, é possível perceber um clima de hesitação entre os integrantes do

grupo, provavelmente motivado pelo receio de se comprometerem com uma expressão de maior peso como “podre e injusto”. Após a insistência do moderador, aos poucos os participantes foram compartilhando seus pontos de vista, mais focado sobre o sistema escolar.

Enunciador 3: – Ah, eu acho que é, não sei... Acho que é um pouco de abuso de poder.

– Abuso de poder?

Enunciador 3: – É, porque eles “meio que” impossibilitam a nossa vontade de fazer alguma coisa, sabe? [O enunciador 3 se referiu ao movimento de protesto contra as agressões sofridas por alunos não bolsistas em uma das escolas privadas mais tradicionais da cidade de São Paulo, na qual estuda]

– Na sua opinião era uma coisa justa?

Enunciador 3: – Sim.

Enunciadora 6: – Otimista eu não sou; sou utópica... Acredito que o sistema possa mudar. É podre, mas pode mudar.

Enunciadora 5: – É, ele [o sistema] é podre. Ele não dá a chance pra quem quer realmente mudar ou fazer alguma coisa.

– Você acha que tem poucas oportunidades?

Enunciadora 5: – Muito pouca oportunidade pra quem é daqui e, sei lá, “tipo”, quer crescer na vida. É muito difícil de acreditar.

– Quem faz o sistema são as pessoas...

Enunciadora 5: – Pessoas podres.

– Na história do Harry Potter, os elfos são escravizados e alijados de todos os direitos mais elementares. Nós lemos um trecho e vimos uma cena que mostram isso. E na nossa sociedade, os direitos que a Constituição garante são realmente cumpridos?

Enunciadora 4: – Não.

– E o que precisa ser feito para mudar isso?

Enunciadora 4: – Eu acho que, primeiro, tinha que mudar o governo; segundo, a gente também, porque como ela [referindo-se à enunciadora 5] disse, existem “pessoas podres”. Tem gente que destrói mesmo; a prefeitura coloca e as pessoas vão lá e destroem. Aí, depois, vão reclamar que a prefeitura não dá nada e tal, mas, “tipo”, eles dão, só que tem pessoas que estragam. Mas, às vezes, eles também não dão. Então, eu acho que de ambas as partes têm que mudar.

– Vocês acham esses exemplos concretos de preconceito que vocês citaram, como o problema com o currículo na hora de conseguir um emprego ou um curso, é voltado

contra a pobreza ou contra a questão da comunidade em si?

Enunciadora 5: – Não, eu acho que não é a pobreza que determina. “Tipo”, eles não vão ligar, “assim”, se você for pobre e morar em outro bairro. Agora, eles vão te generalizar com a fama de pessoas que moram aqui. Eles vão achar que você é uma pessoa que não quer nada, é “funkeira”, sei lá...

– Vão associar a imagem de quem mora aqui a um tipo de desordem social, bagunça, baderna...

Enunciadora 5: – Baderna, bagunça, “rolezinho”, sabe? O que a mídia mostra eles colocam na cabeça, e, se você vem de determinado lugar que eles já conhecem, por assim dizer, eles vão te julgar, vão falar, “tipo”: “Ah, esse aqui não pode, porque vem de tal lugar ou frequenta tal lugar”, entendeu?

– Vocês já se sentiram atingidos de alguma forma por um tipo de exclusão social?

Enunciadora 6: – Sim. Antes de ter conhecimento do que significa ser moradora de Paraisópolis, eu também fiz como ela [referindo-se à enunciadora 5]: já menti, falei que morava no Morumbi, já fiz várias vezes isso. Só que, agora, eu não vejo diferença entre uma pessoa que mora em uma comunidade e uma pessoa que mora em um bairro nobre.

Nesse momento, questionamos os participantes sobre como eles veem a posição que ocupam dentro do sistema mencionado, ressaltando a situação de ambivalência encontrada no dado obtido em campo referente à condição da enunciadora 1, cuja identidade foi preservada: embora ela viva em condições de vulnerabilidade extrema e não saiba sequer o que é um shopping center, de alguma forma é consumidora de produtos globalizados, como a própria obra Harry Potter. De maneira geral, os sujeitos da pesquisa confirmaram a existência de diferentes perfis socioeconômicos na comunidade de Paraisópolis.

Enunciadora 6: – Eu vejo essas diferenças. Depois de um tempo, com a urbanização, com as pessoas que conseguiram crescer aqui, algumas, existem essas diferenças. Existem pessoas que são pobres e também pessoas de classe média que vivem aqui dentro.

– Mas quem é de fora acaba generalizando tudo como “favela”...

Enunciador 4: – Quem é de fora e não tem o conhecimento de como é realmente a vida aqui. Eles têm um pensamento, uma ideia dada pela mídia de como é a vida aqui...

– Ideia preconceituosa...

Enunciador 4: – Isso. Às vezes, nem é tão por mal assim, mas por não ter o conhecimento mesmo.

– Aí, voltamos àquela reflexão sobre se o preconceito é uma prática de pessoas ruins mesmo ou apenas mal informadas...

Enunciador 4: – Acho que é por falta de informação de como é realmente morar em

uma comunidade. Quando eu não morava aqui, eu também tinha uma visão meio diferente, “tipo”... [O enunciador 4, de 19 anos, é natural do Rio de Janeiro, morou por algum tempo no Centro da capital paulista e, aos 11 anos, em razão de dificuldades financeiras, mudou-se para a comunidade de Paraisópolis, onde parte de sua família já residia]

– *Como era essa visão?*

Enunciador 4: – Eu vinha visitar meu primo que morava aqui, aí ele falava: “Ah, vamos aí na casa do meu amigo jogar videogame?”. Eu me espantava: “Os meninos aqui têm videogame?!”.

– *Você se surpreendia porque pensava na situação financeira dos moradores...*

Enunciador 4: – Porque eu não conhecia como era aqui. Hoje, eu vejo que é natural, é comum, como morar em qualquer outro lugar.

– *Vocês acham que o grau de amadurecimento e de consciência que muitos de vocês demonstraram ao longo de todos os encontros nós também encontramos nos adolescentes que vivem em uma condição social mais privilegiada?*

Enunciadora 6: – Não.

– *Por que não?*

Enunciadora 6: – Porque eles não precisam pensar nisso. Talvez, eles não queiram saber...

– *Quem é de uma comunidade como Paraisópolis tem que lutar mais...*

Enunciadora 5: – Tem, porque nem tudo é como a gente quer, nem tudo é papai e mamãe que vão dar, então você vai ter que correr atrás.

– *Desde quando você tem essa consciência?*

Enunciadora 5: – Faz bastante tempo. Eu vejo como minha mãe luta pra dar as coisas pra gente, e eu tenho que correr atrás também. Eu sei que é mais difícil pra mim, pelo fato de morar aqui, pelo fato da minha condição de tá aqui. Eu não vou ganhar nada “na mão”; ninguém vai olhar assim e falar: “Toma pra você, porque você mora aqui, coitadinha”. Não, eu vou ter que ir atrás, vou ter que correr.

– *E a sociedade realmente oferece oportunidades para todos?*

Enunciador 3: – Não. Quem é de Paraisópolis ou de qualquer outra favela vai ter mais dificuldade pra conseguir as oportunidades.

– *Por quê?*

Enunciador 3: – Por causa do preconceito, né? Mas eu acho que todo mundo tem a oportunidade e a capacidade de mudar de vida. Agora, como vai fazer isso...

Após solicitar aos participantes que respondessem por escrito às perguntas objetivas a respeito das temáticas “discriminação/preconceito” e “exclusão social”, já mencionadas, encerramos o debate solicitando que cada um dos presentes expusesse as suas impressões e observações sobre o conteúdo trabalhado nos quatro encontros.

Enunciadora 4: – Eu acho que me ajudou a entender mais a obra [a série *Harry Potter*] e eu pretendo continuar lendo os livros. Agora que chegou a coleção toda na biblioteca [a enunciadora 3 se referiu à doação dos sete volumes que fizemos para a biblioteca da ECE], eu já peguei o primeiro... [A enunciadora 4 leu apenas o segundo volume]

– E quanto às reflexões feitas pelo grupo, o que você destacaria?

Enunciadora 4: – Que a gente não deve agir com preconceito contra ninguém, porque eu penso assim, “tipo assim”, eu não ia gostar, né, se alguém fosse preconceituoso com as pessoas da minha família. Então, eu também não faço isso com ninguém.

*– Você acha que a obra *Harry Potter* contribuiu de alguma forma para você enxergar as coisas dessa forma?*

Enunciadora 4: – Sim.

Enunciadora 3: – Por que tem preconceito só com pessoas morenas, negras? [Pela videogravação, é possível perceber que o questionamento, feito de forma espontânea pela enunciadora 3, surgiu como uma espécie de autorreflexão incontrolável, que ela acabou compartilhando com o grupo em voz alta]

Enunciadora 6: – Por conta de toda a nossa história de escravidão.

– É uma questão histórica, na sua visão?

Enunciadora 6: – É uma questão histórica do Brasil... Porque tomando o exemplo da Segunda Guerra Mundial, a perseguição não era contra os negros, em parte sim, mas principalmente contra os judeus, porque eles acreditavam que os judeus eram inferiores.

Nesse momento, voltamos a solicitar a análise de cada participante sobre os encontros realizados.

Enunciadora 3: – Eu não li todos os livros, só um, e pretendo ler os outros também. E, “assim”, eu nunca tinha tido essa percepção sobre esses pontos, sabe? Só depois dessas reuniões que eu vim perceber bastante que tinha a ver com a realidade.

– Com a realidade que você já conhece, é isso?

Enunciadora 3: – Aham.

Enunciador 4: – O que eu posso definir rapidamente, né, é que, “assim”, apesar de ser um livro tão fantástico, tão fantasioso, a gente vê coisas no mundo deles que são semelhantes ao nosso mundo, assim como nas pessoas que são diferentes a gente também pode ver igualdade entre elas em alguns pontos.

– *Você acha que as diferenças não são determinantes, por exemplo, na forma de enxergar o mundo ou na hora de ler uma obra como Harry Potter?*

Enunciador 4: – Aham, exatamente. A gente pode se identificar com aquilo que aparentemente é tão diferente da gente.

Enunciador 3: – Eu percebi, “assim”, que existe uma realidade no *Harry Potter* e que tá ligada ao nosso mundo, né? Então é isso, “assim”, nunca tinha parado pra pensar que os personagens e os temas que são abordados na história refletem a realidade.

– *A identificação forte que você contou ter com a obra não foi por causa disso, então?*

Enunciador 3: – Não, acho que foi a curiosidade de conhecer um novo mundo mesmo.

– *Novo?*

Enunciador 3: – É, o mundo mágico.

– *Você se interessou pelo que está fora da realidade, distante...*

Enunciador 3: – Sim, e também pelo jeito da escrita da J. K. Rowling, que eu gosto bastante.

Enunciadora 6: – Eu também não tinha parado pra fazer essa analogia entre o mundo *Harry Potter* e a realidade. De fato, nossa, tem muito a ver, e o que me chamou mais atenção na história foi retratar, sabe, a vida, o cotidiano de bruxos, mas não falar deles como bichos feios, narigudos, maus... Tanto que quando me chamam de bruxa, eu acho que é um elogio. Acho que foi uma “sacada” bem inteligente isso; fazer esses encontros pra mostrar que existe essa relação.

– *É um olhar, né, mas pode haver outros...*

Enunciadora 6: – Eu acho que as outras pessoas que leram e não têm essa nossa realidade, pessoas de classe média, não veem isso, não fazem essa analogia. Não sei por quê, mas acho que não fazem. Também acho que acontece o mesmo com as outras sagas, *Jogos Vorazes*, por exemplo, que tem um fundo político fortíssimo, mas eles [os leitores e espectadores de classe média] não enxergam isso; veem só como mais uma “febre adolescente”.

– *E você acha que essa falta de reflexão está relacionada ao fato de serem jovens de classe média, ou seja, tem a ver com a condição social?*

Enunciadora 6: – Eu acho que sim.

– *E o papel da escola? Não estimula o desenvolvimento desse tipo de reflexão?*

Enunciadora 6: – Estimula, mas eles não levam aquilo a sério; levam mais como uma coisa curricular. Isso também acontece aqui, com alguns também; fazem os trabalhos por ser pedido na escola e porque vale nota.

Enunciadora 5: Eu não tinha parado pra pensar nessa conexão com a realidade que a obra tem. Já tinha visto algumas semelhanças, mas não tinha parado pra pensar: “Poxa, isso tem alguma coisa a ver”. E, hoje, que eu vim, percebi que tem uma coisa que condiz com a nossa realidade, uma coisa que a gente não percebe e pensa que entende, mas não entendeu, sabe?

– *O seu grande interesse pela obra [a enunciadora 5 leu todos os livros da série] foi motivado pelo quê? Por que você se interessou tanto?*

Enunciadora 5: – Ah, porque quando eu conheci já era uma “febre”, então eu “entrei mais na onda” e acabei “ficando na onda”.

– *E o que mais você pode citar?*

Enunciadora 5: – Porque eu gosto de ler. Não sou louca por leitura igual ela [referindo-se à enunciadora 6], mas, “tipo”, eu via o que falava nos livros, o que falava nos filmes e, “tipo”, eu não fazia essa aula do jeito que você tá fazendo hoje, mas eu fazia “tipo” a minha. Então eu, sei lá, “tipo”, quando pequena, eu me espelhava muito na família Weasley [na trama, a família Weasley enfrenta dificuldades financeiras], porque a minha família também é grande...

– *E passa por dificuldades financeiras...*

Enunciadora 5: – Também, essas coisas também.

– *No texto que você escreveu para participar da pesquisa, você chegou a comentar que fazia uma associação entre o que se passava na obra e as emoções experimentadas na vida real. Você conseguia distinguir isso?*

Enunciadora 5: – Conseguia, porque, “tipo”, a história fala muito das emoções, então você “meio que” compara: ontem você tá lendo um capítulo e, hoje, você compara com o que te aconteceu. Lógico, você não vê um comensal da morte [criatura fantástica existente no universo da obra *Harry Potter*] assim na sua frente, mas você passou por uma coisa ruim, então vai lembrar, sabe? Vai fazer aquela comparação, então eu via muito essa parte das emoções. “Tipo”, eu gosto de comparar essas coisas. Quando eu leio ou vejo um filme, eu parto mais pra parte emocional do que, “tipo”, o contexto da história, a roupa da personagem, o cabelo dela.

Com o encerramento do debate, deixamos os participantes à vontade para exercitarem a imaginação em relação ao universo temático de Harry Potter, o que foi feito por meio da sua própria caracterização como personagens da obra e da colaboração de Rosângela Alves de Mattos, cosplayer presente ao encontro. A participação do enunciator 4 destoou do restante do grupo, demonstrando uma desenvoltura acima da média, provavelmente em razão de sua própria experiência como vocalista de uma banda de rock.

2.3. Entrevista em profundidade

Entrevistada: enunciadora 2 (12/12/2014, 14h às 15h30).

“[...] Quando eu assisti um dos filmes do Harry Potter pela primeira vez, o segundo, achei bem legal e comecei a assistir os outros. Eu fui me identificando com os filmes, interpretando mais, entendendo, achando legal, e fui tomando aquilo como...
 Ai, sei lá, como se aquilo tivesse que fazer parte da minha vida.
 Como se, se eu não assistisse os filmes, eu me sentisse mal, vazia, sem ter o que fazer. Então, sempre que eu posso, eu tô assistindo os filmes.”

Elegemos a enunciadora 2 como perfil típico para realização de entrevista em profundidade para melhor compreensão de um dado específico coletado durante o trabalho de campo: o estabelecimento de um vínculo incomum entre a obra *Harry Potter* e a pesquisada, que assiste diariamente aos filmes da série há cerca de dois anos.

Deparamo-nos com esse dado ao longo dos encontros realizados com o grupo A: no primeiro deles, a própria enunciadora 2 declarou-se espectadora assídua dos filmes, em resposta à solicitação feita pelo moderador (pesquisador) a todos os participantes para que relatassem a sua experiência pessoal com a obra *Harry Potter*. Posteriormente, durante o quarto e último encontro, uma situação curiosa chamou nossa atenção: enquanto exibíamos uma das cenas de filme relacionada à temática “discriminação/preconceito”, cujo áudio estava em inglês, a enunciadora 2 empreendeu, repetidas vezes, uma espécie de “tradução simultânea”, reproduzindo os diálogos que ouvia em inglês no idioma português. Questionada sobre uma eventual familiaridade com a língua inglesa, a enunciadora 2 alegou já ter “decorado” todas as cenas dos oito filmes da franquia *Harry Potter*, o que atribuiu ao fato de assisti-los rotineiramente, um a cada dia.

Realizamos, assim, uma entrevista semiestruturada de cerca de uma hora e meia, cujo objetivo foi obter pistas para compreender como a discursividade em questão permeia o cotidiano da enunciadora 2 e quais sentidos são produzidos com base nessa relação. A princípio, procuramos registrar as impressões da própria entrevistada sobre a sua apropriação da obra *Harry Potter*; na sequência, levantamos algumas informações sobre o seu histórico de vida; nesse aspecto, chamou-nos a atenção o quadro de

desestruturação familiar, que resultou em um processo tardio de alfabetização e na participação em um racha com apenas 11 anos, tendo como consequência um grave acidente. As informações pessoais foram solicitadas do meio da entrevista em diante, quando já se encontrava estabelecida a empatia e a confiança mútua entre entrevistador e entrevistada.

Evidências empíricas obtidas e selecionadas para análise com base na transcrição de gravação de áudio⁸⁰

– *Primeiramente, quero confirmar: você ainda assiste aos filmes da série Harry Potter diariamente?*

Enunciadora 2: – Sim. Toda segunda assisto o primeiro da série, *A Pedra Filosofal*, e assim por diante. No domingo, assisto os dois últimos, partes 1 e 2. Nos dias em que eu tô muito ocupada e não posso assistir, eu “acumulo” e assisto dois no dia seguinte.

– *Então, hoje [a entrevista foi realizada numa sexta-feira] é dia de assistir ao quinto filme, A Ordem da Fênix...*

Enunciadora 2: – Infelizmente, não, porque o DVD tá arranhado.

– *Então, o que você vai fazer hoje sobre Harry Potter, já que não pode assistir ao filme?*

Enunciadora 2: – Eu procuro saber mais sobre o ator que faz o personagem; acesso *blogs* de meninas que gostam dele. Também posso assistir outros filmes da série pra não ficar entediada. Se eu não achar nas locadoras, peço pro meu pai trazer.

– *Você organiza o seu dia de forma a reservar um tempo para assistir aos filmes, é isso?*

Enunciadora 2: – Sim. Se de manhã eu vou tá ocupada, já deixo a tarde livre pra poder assistir. Se tiver desocupada, assisto de manhã mesmo. Tem vezes que eu acordo e já ligo o DVD. Se eu sair o dia todo e chegar muito tarde, ainda assim dou um jeito de assistir. Por exemplo, esses dias eu tive de visitar minha mãe [os pais são separados e a enunciadora 2 mora com o pai], porque ela tava doente. Lá na casa dela não tem os DVDs, então eu baixei um dos filmes pelo computador. Comecei a assistir meia-noite e só foi acabar três da manhã...

– *Descreva para mim o seu dia hoje, por exemplo.*

Enunciadora 2: – De manhã eu tive que arrumar a casa, que tédio... À tarde, eu vim pra cá [Estação do Conhecimento Einstein – ECE] e, de noite, como não tenho nada pra fazer, vou assistir o filme “O Enigma do Príncipe” [sexto filme, em substituição ao

⁸⁰ Privilegiamos a seleção de trechos de maior inteligibilidade, procurando preservar a fala do sujeito da pesquisa na íntegra, sem a correção de erros cometidos em relação à norma culta da Língua Portuguesa.

quinto, cuja cópia em DVD encontra-se danificada]. Se alguém me convidar pra fazer algo, eu já aviso que não posso porque tenho que assistir o filme.

– *Desde quando você assiste aos filmes diariamente?* [Já tínhamos o dado, obtido por meio da participação nos encontros e do questionário respondido, de que a enunciadora 2 tomou contato com a obra *Harry Potter* – filmes – a partir dos 8 anos, antes de ser alfabetizada]

Enunciadora 2: – Não sei dizer bem. Depois que eu comprei a coleção inteira, eu procurava assistir os que eu mais gostava, e ia assistindo... Quando eu sentia que já tinha assistido demais, passava pra outros. Vai fazer dois anos no dia 4 de janeiro.

– *Por que os filmes da série Harry Potter passaram a fazer parte da sua vida dessa maneira e não outros filmes, como Nárnia, que você relatou também já ter assistido?*

Enunciadora 2: – Não sei bem. Quando eu assisti um dos filmes do Harry Potter pela primeira vez, o segundo, achei bem legal e comecei a assistir os outros. Eu fui me identificando com os filmes, interpretando mais, entendendo, achando legal, e fui tomando aquilo como... Ai, sei lá, como se aquilo tivesse que fazer parte da minha vida. Como se, se eu não assistisse os filmes, eu me sentisse mal, vazia, sem ter o que fazer. Então, sempre que eu posso, eu tô assistindo os filmes.

– *Conforme você passou a assistir, esse sentimento ficou cada vez mais forte?*

Enunciadora 2: – Sim. Eu não conseguia parar, e a cada vez ia assistindo mais e mais. “Tipo”, eu deixava de fazer coisas pra poder assistir os filmes. E, “assim”, quando tô falando do Harry, não me canso, não enjoa, não quero dar uma pausa; eu quero ficar ali fazendo aquilo, porque é uma coisa estimulante pra mim, muito interessante.

– *Isso só ocorre com relação à obra Harry Potter e não com outras obras, até mais atuais, como Jogos Vorazes, Ladrão de Raios?*

Enunciadora 2: – São filmes legais, mas nenhum deles faz tanto sentido pra mim quanto *Harry Potter*.

– *É a história da vida de um menino e, mesmo assim, faz tanto sentido para você?*

Enunciadora 2: – “Tipo”, cada um tem seu super-herói, não é? Então, o Harry é o meu...

– *Só o Harry e nenhum dos outros personagens da obra?*

Enunciadora 2: – Só o Harry Potter.

– *Você o vê como um herói ou como um menino comum?*

Enunciadora 2: – Vejo ele como um herói que faz as coisas assim, sem querer, mas tá sempre tentando ajudar as pessoas.

– *Ele é um aprendiz e não sabe manipular seus poderes ainda...*

Enunciadora 2: – É isso que eu acho o mais legal nele. Ele tá aprendendo, e conforme ele vai se tornando um bruxo... É como se fosse o desenvolvimento dele. E é uma coisa que eu acho muito interessante. Não sei explicar bem. É como se me faltasse alguma coisa e ele complementasse.

– *Por que A Câmara Secreta é o seu filme preferido?* [Trata-se da adaptação para o cinema do segundo volume da coleção e a informação foi obtida no primeiro encontro e via questionário respondido]

Enunciadora 2: – Porque foi o primeiro filme que eu assisti. E eu gosto de assistir o duelo que ele [Harry Potter] tem com o Draco [personagem antagonista]. E tem aquele professor bonitão também. Não lembro o nome dele agora... Eu gosto de tudo naquele filme! Foi o primeiro filme que eu assisti e também a primeira obra que eu tive contato.

– *Você acha que o fato de ser uma série, com vários filmes, e não um só, fez aumentar o seu interesse?*

Enunciadora 2: – Acho que não. Mas, acho que se fosse um filme só, talvez eu teria pensado, sei lá, em inventar um final eu mesma pra continuar a história. Porque, “tipo assim”, sempre que um filme não tem um final que eu goste, eu tento elaborar um outro final.

– *No questionário você informou que costuma reescrever e inventar histórias em que você se torna a personagem. Como é isso?*

Enunciadora 2: – Eu escrevo a mesma história, só que, quando tem uma cena que eu acho que poderia ter sido melhor, eu reescrevo ela. Por exemplo, num trabalho de escola, a gente tinha que escrever uma peça e depois atuar. Era em grupo, mas os outros ficaram com preguiça, então eu escrevi tudo. E eu escrevi sobre os filmes do Harry e misturei com outros filmes, por exemplo, *Ponte para Terabítia*, que também é um filme mágico. É sobre uma ponte que eles atravessam pra chegar em outro mundo.

– *E você estava na história?*

Enunciadora 2: – Eu criei como se estivesse lá. Eu tava no lugar da Hermione [personagem da série *Harry Potter*], quando eles tomam o poção polissuco [referência a uma das passagens do segundo volume e do filme correspondente]. Eu escrevi sobre esse trecho e reelaborei o final. Foi a professora de Língua Portuguesa que pediu.

– *Você mesma aparecia na história, é isso?*

Enunciadora 2: – Sim, na história eu conto como se eu estudasse em Hogwarts [nome da escola onde estudam os bruxos em idade escolar]. Conto a mesma história, só que mudo os nomes. Na verdade eu fazia isso e não faço mais. Faz uns dois, três anos...

– *Você disse que pesquisa sobre a vida do ator que interpreta Harry Potter no cinema...*

Enunciadora 2: – Eu procuro saber mais sobre a vida dele.

– *Você é “apaixonada” pelo Harry Potter ou pelo Daniel Radcliffe [ator que interpreta a personagem]?*

Enunciadora 2: – Pelos dois.

– *Você não diferencia um do outro?*

Enunciadora 2: – Não.

– *Você acha que o seu interesse por Harry Potter tem a ver com o fato de tratar do tema “bruxaria” e, até certo ponto, ter uma proximidade com o gênero de “filme de terror”?* [No questionário respondido, a enunciadora 2 referiu apreciar esse gênero ficcional]

Enunciadora 2: – Sim. Depende do modo como é abordado. Eu gosto de filmes que têm magia, mas também gosto de filmes de terror bem assustadores.

– *No primeiro encontro, você disse que o seu avô paterno era escritor. Conta um pouco da história dele.*

Enunciadora 2: – Ele escrevia e pintava, mas morreu jovem.

– *Ele é de origem italiana? Você tem um sobrenome italiano...*

Enunciadora 2: – Não, a mãe da minha mãe que é de origem italiana. Meu avô era descendente de índio; acho que o pai do pai dele era índio. Eu sei muito pouco... Ele gostava muito de pintar e fazia as tintas que usava. Por falar nisso, tem um quadro dele lá em casa. Ele pintou Jesus de um lado e, no outro, é “tipo” um enigma de pessoas; tem japoneses arrumando o cabelo, dançando...

– *Ele chegou a comercializar os quadros?*

Enunciadora 2: – Não. Só uma mulher comprou um quadro, mas ele dizia que não vendia. Fazia pra ele. Dizia que coisas feitas com amor a gente tem que guardar pra gente.

– *Qual foi a causa da morte do seu avô?*

Enunciadora 2: – Infarto. Ele bebia muito. Era alcoólatra. Ele começou a beber quando era mais velho, 45 anos, e morreu com 51, 52 anos.

– *Ele também escrevia?*

Enunciadora 2: – Sim, tem textos lá em casa, mas meu pai não deixa eu tocar nas obras dele. Meu pai não deixa eu ler muitas coisas, coisas malucas, “tipo”, “romance avançado”. Meu pai diz que eu tô muito “atiradinha” querendo ler as coisas do meu avô...

– *São textos manuscritos?*

Enunciadora 2: – Sim, são páginas velhas, até amareladas. E também tem uma coleção

de livros. Eu acho que é sobre a história do Brasil. Como eu nunca pude tocar... São sete livros. Ele gostava muito da Joana D'Arc, o que fez eu me interessar também. Cheguei a pesquisar sobre ela. Ele pintava ela, desenhava, mas algumas obras foram perdidas.

– *Quanto irmãos você tem?*

Enunciadora 2: – Somos quatro irmãs.

– *Vocês moram juntas?* [Os pais da enunciadora 2 são separados]

Enunciadora 2: – Não. A minha irmã mais nova mora com a minha mãe; a mais velha é casada; e a outra tem um filho e mora com a minha avó. [Não ficou claro se a enunciadora 2 se refere à avó paterna ou à materna]

– *Seu pai valoriza a leitura?*

Enunciadora 2: – Sim, ele gosta.

– *Qual é o trabalho dele?*

Enunciadora 2: – Ele trabalha em um restaurante. É gerente. [Pelo que podemos inferir, o pai da enunciadora 2 realiza atividades de supervisão no estabelecimento]

– *E sua mãe?*

Enunciadora 2: – Ela cuida de uma senhora idosa, que é muito doente e acha que minha mãe é filha dela. Minha mãe só não se demite porque tem dó dela. Ela diz que, se for embora, a senhora morre.

– *Qual é a lembrança mais antiga que você tem na memória?*

Enunciadora 2: – De um fotógrafo. Acho que eu tinha uns 5 anos. Um fotógrafo foi na minha casa e começou a tirar fotos. Lembro que ele tinha o cabelo bem “*black power*”, usava um óculos quadrado e tinha uma câmera super grande. Como eu morava num beco [em Paraisópolis], a gente era tudo amigo; tinha várias crianças lá. Ele queria tirar fotos de pessoas; acho que elas pagavam [a enunciadora 2 não soube precisar por que o fotógrafo foi até o local]. Aí, eu chamei todo mundo do meu beco pra tirar fotos. Fui batendo nas portas e falando: “Vamos lá na minha casa!”, como uma “doidinha”. Eles diziam: “Menina, você tá doida, tirando fotos a essa hora da manhã!”. Acho que era umas 11 horas. Eu tinha várias trancinhas no cabelo que pedia pra minha avó fazer. Eu fazia trancinhas na minha outra irmã também; amarrava dois “cocoziños” na cabeça e ela gostava. A gente variava os penteados, mas só eu gostava de fazer trancinhas.

– *Você acha que gostava de tirar fotos e fazer trancinhas pela oportunidade de fazer encenações? De alguma forma, queria ser como uma personagem?*

A pergunta encerra em si uma complexidade que a enunciadora 2 não alcançou, preferindo ater-se às suas memórias...

Enunciadora 2: – Desde pequena, eu fazia trancinhas; até os 10 anos, eu ainda gostava. No mês passado me deu vontade de novo. Sempre achei legal e andei pegando umas fotos lá em casa... Aí, eu vi essa foto [tirada pelo referido fotógrafo] em que tô eu, minha vizinha e todas as minhas irmãs. A minha irmã tava sem um sapato; ela era bem branquinha, loirinha...

– *O que seu pai fazia nessa época?*

Enunciadora 2: – Ele trabalhava muito, de dia, na casa de um senhor. Ele ia pro trabalho com esse senhor, como se fosse o melhor amigo...

– *Uma espécie de motorista particular, acompanhante?*

Enunciadora 2: – Isso.

– *Nessa época seus pais eram casados?*

Enunciadora 2: – Eles separaram quando eu tinha 7 anos.

– *Por que você ficou morando com seu pai e não com sua mãe?*

Enunciadora 2: – Porque eu visitava a minha avó materna [a mãe mora com a avó materna] e não gostava; eu me sentia muito triste lá na casa dela. É uma casa grande onde moram muitas pessoas, mas, “tipo”, cada um no seu canto, todo mundo trancado. É um lugar bonito, mas eu me sinto triste quando tô lá. Quando vou visitar minha mãe, fico 24 horas na televisão. A casa tem dois andares. Minha avó mora embaixo, e a casa de cima é onde mora minha mãe.

– *Foi uma decisão sua ficar na casa do seu pai?*

Enunciadora 2: – Como nós éramos quatro irmãs, então, duas foram com minha mãe e duas ficaram. Mas uma [a irmã que teve filho aos 15 anos] voltou pra ficar. Ela respondia muito pro meu avô, porque achava ele rígido e criticava ele, então decidiu vir embora. Um dia, ela chegou em casa com as malas e disse: “Pai, eu vou ficar aqui”. Fez isso quando tava com 13 anos e hoje tem 16.

– *Você diria que essa decisão foi mais sua que dos seus pais?*

Enunciadora 2: – Foi uma decisão minha, porque eu não queria ficar na casa da minha mãe.

– *Como foi seu primeiro contato com a escola?*

Enunciadora 2: Na verdade, meu primeiro contato foi aqui na Estação Einstein. Entrei aqui com 5 anos. Era, “tipo”, um “prezinho”, e só com 7 anos, quando meus pais se separaram, eu fui pra escola. Aqui eu frequentava duas vezes por semana.

– *No primeiro encontro, você contou que só se alfabetizou aos 10 anos. O que aconteceu?*

Enunciadora 2: – A escola não era muito boa e eu não gostava das aulas; achava um tédio... Achava que os professores deveriam ter um modo mais feliz, mais alegre de ensinar. A única aula que eu assistia de verdade era a de História; sempre foi minha aula favorita. Sempre me identifiquei, acho que mais por causa do meu pai, porque ele me incentivava.

– *Seu pai gosta de estudar, ler?*

Enunciadora 2: – Ele lê jornal todo dia.

– *Por que você não aprendeu a ler no primeiro ano, como todo mundo?*

Enunciadora 2: – Eu percebi que meu pai se tornou um cara mais responsável só quando eu completei 9, 10 anos de idade. Ele não era responsável.

– *Como assim?*

Enunciadora 2: “Tipo”, ele não trabalhava, não fazia nada. Ele dormia o dia inteiro. E, à noite, ia pra balada.

– *E, mesmo assim, você ficou com ele?*

Enunciadora 2: – Eu sempre achei que meu pai precisava de alguém pra cuidar dele, e não ele cuidar de alguém. E achei que ele ia se sentir muito sozinho se eu fosse com a minha mãe...

– *Você é filha, mas fez o papel de mãe dele?*

Enunciadora 2: – Sim. Eu sempre achei que precisava de alguém que cuidasse dele.

– *Você acha o comportamento do seu pai retardou a sua evolução na escola?*

Enunciadora 2: – Sim, eu acho. Daí, eu fui mudar de escola só quando ele reencontrou aquele amigo que trabalhava com ele na época daquelas fotos, em que a gente morava no beco. Esse amigo ofereceu trabalho e meu pai voltou a trabalhar com ele. Aí, foi conhecendo pessoas, fazendo amizades, e foi ficando mais presente, mais responsável. Começou a me dar as coisas que eu pedia. Aí, ele resolveu me colocar numa outra escola...

– *Na escola em que você acabou sendo expulsa [informação fornecida pela enunciadora 2 no segundo encontro]? Como foi esse episódio?*

Enunciadora 2: Sim, eu tava na terceira série. A professora gritou comigo e eu não respondi, fiquei quieta...

– *Por que ela gritou?*

Enunciadora 2: – Não me lembro. Acho que eu tava escrevendo ou tentando desenhar enquanto ela tava falando.

– *Aí você ficou quieta e decidiu se vingar?*

Enunciadora 2: – Sim, eu fui no banheiro, entupi as pias com papel higiênico e abri todas as torneiras, inclusive aquelas que ficavam perto do chão. Fiz isso e saí andando, assobiando, “de boa”. Nem percebi que tinha uma câmera me filmando. Quando deu a hora do intervalo, a diretora disse: “Vem aqui na minha sala agora!”. E chamou meu pai também.

– *Você foi expulsa...*

Enunciadora 2: – Sim, pelo que eu fiz no banheiro e também porque eu gritei com a diretora... Eu disse que ela era folgada.

– *Nessa época você já assistia aos filmes do Harry Potter diariamente?*

Enunciadora 2: – Não, nesse tempo acho que só tinha assistido o segundo filme e o primeiro. Com 10 anos é que eu fui me aprofundar e assistir a todos os filmes [a enunciadora 2 está com 13 anos].

– *Você se considera uma boa aluna?*

Enunciadora 2: – Eu não me julgo inteligente. Eu julgo que eu sei aquilo que me interessa.

– *História, por exemplo, que você já disse gostar muito?*

Enunciadora 2: – Sim.

– *E o que mais?*

Enunciadora 2: – Eu critico muito os professores. Acho a professora de português patética. Não gosto do jeito que ela ensina. Acho que podia ensinar, sei lá, como a minha professora antiga de português fazia. Eu conseguia entender o que ela falava. Hoje em dia, não consigo entender o que essa professora fala. Mas não porque eu não queira entender a matéria. Aí, eu já não faço as lições dela, fico conversando mesmo. Mas, se ela passa trabalho, eu faço. Eu sempre tirei notas boas na aula dela, mas nunca julguei que fosse uma boa professora.

– *Você tira notas altas na escola?*

Enunciadora 2: – Sim, mas, às vezes, eu relaxo. Tem bimestre que eu relaxo e não “dou a mínima”. Por exemplo, eu faço assim: nos três primeiros bimestres eu vou bem, aí, depois, eu relaxo, não faço nada.

– *Você chegou a repetir alguma série?*

Enunciadora 2: – Repeti a quinta série [a enunciadora 2 informou estar no sétimo ano atualmente].

– *Por quê?*

Enunciadora 2: – Porque eu não fazia nada. Ficava só desenhando nas aulas. Pra não dizer que eu era péssima, eu tinha nota alta só na aula de artes.

– *Você estava desmotivada em razão de algum acontecimento? Sentia tristeza, tédio?*

Enunciadora 2: – Eu não gostava da escola. Achava que não deveria fazer nada, porque assim eu poderia voltar pra vida normal. Achava que a escola não ia fazer diferença, então eu não respeitava ninguém. Não queria saber nem dos meus colegas... Eu não tinha amigos.

– *E o que te dava a certeza de que estar na escola não ia fazer diferença?*

Enunciadora 2: – Não sei... Eu achava que eu sempre... Eu sempre me senti diferente, nunca me senti igual. “Tipo”, nunca me senti comum a ninguém, nunca vi coisas comuns com outra pessoa.

– *E hoje?*

Enunciadora 2: – Hoje em dia, eu conheço pessoas que têm hábitos parecidos com os meus, mas nunca encontrei uma pessoa que tivesse os mesmos pensamentos que eu.

– *Naquela época essa sensação era muito forte?*

Enunciadora 2: – Sim, eu ficava no meu mundo e só desenhava.

– *Você gosta muito de desenhar?*

Enunciadora 2: – Gostava. Hoje em dia eu não tenho mais talento pra desenho. Mas eu pintava muito, fazia obras abstratas.

– *Você contou sobre essa época em que não se identificava com ninguém... Você considera que foi o momento mais difícil da sua vida?*

Enunciadora 2: – Sim, acho que foi essa época em que nada me interessava.

– *Era uma espécie de depressão, um vazio?*

Enunciadora 2: – Isso, eu sentia como se ninguém me completasse, como se eu não tivesse nada.

– *Nem mesmo quando seus pais se separaram você se sentiu assim?*

Enunciadora 2: – Não. Eu achei que era uma coisa comum. Sempre encarei a verdade. Sempre fui uma pessoa a favor da realidade. Sonhar é bom, mas não vale a pena viver sonhando e se esquecer de viver. Quando minha mãe foi embora, eu perguntei: “Pai, por que minha mãe foi embora?”. Aí, ele disse: “Porque ela não me ama mais”.

– *Simples assim?*

Enunciadora 2: – Simplesmente ela quis ir embora. Foi o que ele disse. Mas minha mãe se separou porque não deu certo; meu pai saía muito, não queria trabalhar. Ela trabalhava sozinha e decidiu ir embora.

– *Como foi o acidente que você sofreu?* [Os mediadores da Estação Einstein relataram que a enunciadora 2 sofreu um acidente gravíssimo há cerca de três anos e chegou a ficar internada em estado de coma]

Enunciadora 2: – Foi no ano retrasado [segundo apuramos, o acidente ocorreu em fevereiro de 2012]. A minha irmã [a enunciadora 2 se referiu à irmã que engravidou aos 15 anos] tinha um namorado e nós mentimos pra todo mundo. Meu pai achava que eu ia passar uma semana na casa da minha mãe, mas, na verdade, fomos pra casa desse namorado. Ficamos lá e, no último dia, fomos numa boate. Eu era muito festeira...

– *Mas você podia frequentar uma boate aos 11 anos?*

Enunciadora 2: – Sim, era uma boate “aberta”. Não tinha segurança, não tinha nada, era uma coisa livre. “Tipo”, começava com pagode e terminava com *funk*.

– *Onde?*

Enunciadora 2: – Em Itapecerica da Serra.

– *Você chegou a consumir bebida alcoólica?*

Enunciadora 2: – Não, eu nunca gostei, senão teria tomado. Tomei refrigerante soda e a gente decidiu apostar corrida até uma pizzaria. Normal. Aí, encontramos uns “caras” e eles apostaram, acho que 400 reais, alguma coisa assim: quem chegasse na pizzaria primeiro ficava com a grana de todo mundo.

– *Quem dirigia?*

Enunciadora 2: – Tava a minha irmã e o namorado dela numa moto. Eu e o irmão dele, em outra. E tava o pai e a mãe do namorado da minha irmã em outra. Tinha também os outros quatro “caras”. Aí, a gente começou a apostar corrida...

– *A que horas foi isso?*

Enunciadora 2: – Era madrugada já, umas duas e meia, três horas. A gente apostou esse racha até a pizzaria e, chegando lá, “boom!”. A moto breiou a 140.

– *Houve um acidente...*

Enunciadora 2: – Sim, a gente caiu da moto. Caiu não, voou. Só eu e o irmão do namorado da minha irmã. Com a freada, nós voamos da moto, eu e ele. Ele bateu a cabeça no muro. Quebrou a cabeça e o muro.

– *A moto bateu contra um muro?*

Enunciadora 2: – Sim. A batida foi tão forte que o cérebro dele saiu pra fora. Foi horrível.

– *Ele morreu?*

Enunciadora 2: – Morreu na hora. Aí, eu caí, quer dizer bati nas costas dele e caí de cabeça na guia. Minha cabeça inchou, inchou mesmo!

– *Você desmaiou?*

Enunciadora 2: – Não, fiquei chamando, gritando... Imediatamente ligaram pra ambulância e me levaram. Eu fui pro hospital com a mãe do namorado da minha irmã. Chegando lá, eles rapidamente fizeram uma cirurgia, tiraram o meu osso da cabeça e guardaram na minha barriga. Havia um banco de ossos, mas ficava muito longe...

– *Por que retiraram o osso?*

Enunciadora 2: – Por causa do inchaço e pra drenar o líquido da região. Eu fiquei entubada, fazendo drenagem vários dias...

– *Quanto tempo você ficou no hospital?*

Enunciadora 2: – Eu fiquei em coma um mês. Colocaram uma faixa de gaze pra fechar os meus olhos, porque eu tava com eles abertos.

– *O acidente foi seriíssimo...*

Enunciadora 2: – Foi. Aí, depois de um mês eu acordei e armei um escândalo porque tinham cortado as minhas unhas.

– *Por quê?*

Enunciadora 2: – Porque, “assim”... Se tinha uma coisa que eu sempre preservei era as minhas unhas. Sempre gostei delas grandes.

– *Quem faz suas unhas?*

Enunciadora 2: – Sou eu mesma.

– *O racha é uma prática ilegal... Os adultos sofreram algum processo por causa disso? Alguém foi preso?*

Enunciadora 2: – Não. Eu cheguei a receber uma indenização, porque fiz esses negócios de IML, corpo de delito. A família do rapaz que morreu também recebeu indenização.

– *E qual foi a reação dos seus pais quando souberam o que tinha acontecido?*

Enunciadora 2: – Minha irmã tomou uma bronca enorme e uma surra. Eu tava hospital

e eles ainda foram numa festa...

– *Você ficou com sequelas?*

Enunciadora 2: – Sim, eu uso uma placa de titânio na cabeça. Quando acordei, fiquei mais quatro meses na UTI e ainda mais três meses no quarto. Foi só aí que eles me liberaram. Depois, voltei lá pra fazer a segunda cirurgia, tirar o osso da barriga e pôr na cabeça. Levei 71 pontos.

– *Você ainda toma remédios?*

Enunciadora 2: – Sim, tomo cinco remédios. Pra dor de cabeça, dor na coluna, porque eu fraturei a minha coluna... Tenho que tomar muito cuidado com a minha cabeça, porque se eu bater ou cair pode ser fatal.

– *Na época do acidente, Harry Potter já fazia parte da sua vida. Como você fez em relação aos filmes enquanto esteve no hospital?*

Enunciadora 2: – Eu fiz meu pai levar coisas pra assistir lá. Ele tinha um aparelho de DVD portátil e levava pra mim.

– *Então, nem mesmo no hospital você se afastou do Harry?*

Enunciadora 2: – Nem no hospital. Nunca deixei o Harry de lado.

– *Você acha que o seu apego com a obra aumentou ou você percebe que vem diminuindo?*

Enunciadora 2: – Nunca me cansei do Harry. Tem vezes que eu até ligo o jornal pra ver alguma notícia dele [a enunciadora 2 se referiu ao ator que interpretou a personagem no cinema]. Tem um programa na Rede TV, *TV Fama*, que eu assisto só pra ver se tem alguma notícia sobre ele.

– *Você procura informações em blogs internacionais?*

Enunciadora 2: – Procuro. Eu sigo ele no Face, no Twitter; procuro ter o máximo contato possível com ele.

– *E sobre os livros? Você disse que folheou O Prisioneiro de Azkaban [terceiro volume], mas não leu [a enunciadora 2 demonstrou interesse apenas pelos filmes da franquia Harry Potter]. Você tem interesse em ler a obra algum dia?*

Enunciadora 2: – Eu acho que não. Quem leu fala que explica melhor que o filme, mas eu entendo tudo assistindo os filmes. Tem muita gente que não entende, e eu pergunto: “Mas o que vocês não entendem?”. Os filmes são super práticos; não tem nada difícil de entender, é super óbvio!

– *Dizem que o sexto filme perde muito em relação ao livro. Foi muito resumido e é difícil de entender..*

Enunciadora 2: – Pra mim é ao contrário. Se você explicar uma coisa em detalhes, eu não vou entender nada, mas se fizer um resumo, eu pego “assim”, rapidinho. [Conforme ressaltamos anteriormente, a enunciadora 2 referiu interesse apenas pela leitura de um almanaque sobre a obra *Harry Potter*]

– *O terceiro e o sexto volumes são considerados muito bons...*

Enunciadora 2: – Do *Enigma do Príncipe* [sexto volume/filme] eu odeio o final. Acho que a autora vacilou quando matou o Dumbledore [personagem, mentor e protetor de Harry Potter]. Por outro lado, eu gostei porque quebra as expectativas, mas acho que mudaria um pouquinho o final e faria melhor que a autora. Ela poderia ter matado o Sirius [personagem, padrinho de Harry Potter, que morre no final do quinto volume/filme] no lugar no Dumbledore. Ele daria a vida pelo Dumbledore, tomando a poção polissuco [poção mágica por meio da qual uma pessoa pode se passar por outra] e morrendo no lugar dele...

– *Você acha que o Dumbledore não deveria ter morrido?*

Enunciadora 2: – Acho que não, porque, “tipo”, é o Dumbledore, né, o bruxo dos bruxos! Eu também acho muito legal como eles criaram o professor Snape [personagem antagonista, que, apenas no final da trama, revela-se protetor de Harry Potter], porque ele nunca se reconcilia com o Harry. Achei muito legal isso de ele sempre tá “pegando no pé” do Harry, odiando o Harry. Todo mundo sempre adorava o Harry e, se o Snape também fosse outro chato que gostasse dele, não ia ter tanto impacto. Então, eu gostei muito disso.

– *Você não acha que ele atacava o Harry desnecessariamente?*

Enunciadora 2: – Então, eu gostava muito disso. “Tipo”, eu amo o Harry, mas também é legal que, às vezes... Porque se o Harry fosse o “ban-ban-ban”, “tipo”, “eu sempre sou amado por todos, ninguém me julga, ninguém me odeia”, não ia ter tanta graça. O Snape dá esse gostinho do desprezo pro Harry, e eu acho isso muito interessante.

– *Você acha que o Harry, embora seja um herói, de alguma forma também é uma pessoa comum?*

Enunciadora 2: – Sim, ele passa tudo o que a gente passa. Se ele fosse todo “poderoso”, não ia ter tanta graça.

– *É por isso que você se identifica tanto com a obra?*

Enunciadora 2: – Eu adorei como a autora conduziu o Snape contra ele. Achei que deu o gosto do filme, deu aquela pitada do desprezo, e eu gamei. Quanto mais pesado ele pegava, mais feliz eu ficava, porque, aí, eu ficava com raiva dele e feliz com o Harry, e isso era muito legal pra mim.

3. Panorama interpretativo e análise da produção de sentido

Antes de mergulharmos mais a fundo nos discursos coletados na expectativa de que isso nos ajude a penetrar nos interstícios das produções de sentido resultantes do contato da obra *Harry Potter* com os moradores da comunidade de Paraisópolis, procuramos aqui triangular os dados coletados em campo com impressões e observações presentes no capítulo 1 desta dissertação sobre lógicas de produção e consumo pertinentes aos contextos global e local, além de situá-los de alguma forma no campo dos Estudos de Recepção. Ressalvamos que se trata de dados provenientes de amostra significativa, obtidos por meio de pesquisa qualitativa, e, portanto, sem pretensão de representatividade.

Observamos que todos os pesquisados são integrantes de famílias de baixa renda, pouca escolaridade e com profissões não qualificadas do segmento de serviços. Em sua maioria, o acesso aos livros da série ocorreu por meio de canal público (biblioteca) – em relação ao primeiro contato com a obra, apenas o enunciador 2 referiu compra em livraria –, o que confirma a disseminação do produto nesse tipo de equipamento, em grande parte impulsionada por estratégias de *marketing* e divulgação empreendidas ao longo de toda a década de 2000, conforme constatado no primeiro capítulo da pesquisa. Também houve referência a uma rede de “socialidade” que, de acordo com Horellou-Lafarge; Segré (2010), forma-se entre leitores das classes populares e viabiliza a prática da leitura, particularmente o exemplo da enunciativa 1, para quem trechos da obra foram inicialmente lidos pela prima, e do enunciador 3, que teve seu primeiro contato com a obra *Harry Potter* possibilitado pela iniciativa de uma amiga de emprestar-lhe um dos volumes⁸¹. O mesmo enunciador 3, assim como o enunciador 4 identificaram no contato com a referida série de livros o impulso para o desenvolvimento do hábito de ler⁸², o que também confirma aspectos ressaltados no primeiro capítulo da pesquisa a respeito do poder de penetração e incentivo à leitura dos chamados *best-sellers* ou obras de literatura de massa (REIMÃO, 1996). Por outro lado, ficou evidente que a busca pelos livros ocupa posto secundário em relação a outras mídias da franquia – todos os participantes tomaram conhecimento da obra por meio dos filmes, à exceção dos enunciadores 1 (jogo eletrônico) e 2 (livro) e da

⁸¹ Dado consta no texto redigido pelo enunciador 3 como requisito para participação na pesquisa (vide anexo XXXV).

⁸² Dados constam nos textos redigidos pelos enunciadores 3 e 4 como requisito para participação na pesquisa (vide anexos XXXV e XXXVII).

enunciadora 6 (livro) –, indicando a tendência de declínio da leitura entre as gerações mais jovens (HORELLOU-LAFARGE; SEGRÉ, 2010).

Afora peculiaridades no âmbito socioeconômico, não encontramos aspectos diferenciados na procura espontânea pela obra *Harry Potter*, que aparentemente ocorreu como desdobramento da forte propagação ocorrida no mercado brasileiro, igualmente constatada pelo nosso estudo. Ratificou-se, até mesmo, a existência de um movimento de convergência cultural e inteligência coletiva, tal como identificado por Jenkins (2008) e pela própria editora encarregada da interface com o público-alvo da obra⁸³, indicativo de nível de interesse e apropriação sem precedentes e produção maciça de conteúdos alternativos (*fanfics*). A enunciadora 6, por exemplo, referiu já ter participado de debates e reflexões de cunho filosófico promovido por leitores da obra⁸⁴, enquanto a enunciadora 2 relatou a produção de textos envolvendo personagens e situações da obra adaptados conforme o seu ponto de vista⁸⁵. A mesma pesquisada reiterou repetidas vezes durante os encontros ter pouco interesse pela leitura dos livros – posição provavelmente influenciada pelo processo de alfabetização tardio e o não estabelecimento de relação de confiança com a figura do professor (HORELLOU-LAFARGE; SEGRÉ, 2010) –, diferentemente do que ocorre com os filmes da série *Harry Potter*, aos quais relatou assistir diariamente há pelo menos dois anos⁸⁶.

Quando comparamos a escolaridade dos pesquisados com a de seus pais, adultos relativamente jovens, na faixa dos 30, 40 anos, que mal conseguiram completar o Ensino Fundamental, ficamos tentados a posicioná-los como as primeiras gerações em que essa oportunidade de “ascensão” se torna efetivamente real, o que a rigor coincide com uma fase de maior estruturação econômica e desenvolvimento social deflagrada a partir a segunda metade dos anos 1990. Essa percepção é confirmada pelas falas comuns a todos os participantes que apontam para uma tentativa de melhoria de vida baseada unicamente no próprio esforço e sacrifício pessoais como forma de compensar a ausência dos privilégios restritos às classes médias e altas, o que os aproxima em

⁸³ Em entrevista ao pesquisador, Anna Buarque, editora responsável pela interface com leitores no período de lançamento de *Harry Potter* no Brasil, apontou a obra como precursora de um inédito pacto de leitura, marcado por alto envolvimento e proliferação de conteúdos paralelos em ambiente virtual.

⁸⁴ Declaração consta em um dos textos escritos em resposta a solicitação feita durante a pesquisa de campo (vide anexo XXXIII).

⁸⁵ Declaração consta no questionário respondido e também no material transcrito com base na entrevista em profundidade feita com a pesquisada (vide anexo XVII).

⁸⁶ As declarações foram feitas pela própria enunciadora 2 durante as discussões grupais e procuramos compreender esse dado por meio de entrevista em profundidade.

grande medida do grupo social denominado “batalhadores”, assim descrito pelo sociólogo Jessé Souza (2012, p. 367):

A nova classe trabalhadora parece se definir como uma classe com relativamente pequena incorporação dos capitais sociais mais importantes da sociedade moderna, capital econômico e capital cultural – o que explica seu não pertencimento a uma classe média verdadeira –, mas, em contrapartida, desenvolve disposições para o comportamento que permitem a articulação da tríade disciplina, autocontrole e pensamento prospectivo. Essa tríade motivacional e disposicional conforma a “economia emocional” necessária para o trabalho produtivo e útil no mercado competitivo capitalista.

De maneira bastante recorrente, a educação e o trabalho foram apontados pelos pesquisados como valores primordiais no seu processo de formação e mobilidade social, em boa medida absorvidos como “herança familiar” (SOUZA, 2012) e compreendidos como “porta de saída” de uma condição de subcidadania (SOUZA, 2003), conforme mostram alguns excertos das discussões em grupo:

(GRUPO A / segundo encontro – temática “relação com a escola”)

– A escola é tudo para uma pessoa?

Enunciadora 2: – *É. É tudo pra uma pessoa. O estudo é o mais importante na vida, porque hoje em dia uma pessoa que não tem estudo não é ninguém.*

(GRUPO B / terceiro encontro – temática “maioridade”)

Enunciadora 4: – [...] *Como nós somos da comunidade, nossos pais falam: “Você tem que se tornar uma pessoa melhor que eu, tem que conseguir, tem que trabalhar...”. Então, a gente pensa assim: “Vou trabalhar agora pra começar a pagar a faculdade e ser melhor do que meu pai foi, e pra cuidar dos meus pais”, né?*

Enunciadora 3: – [...] *“Tipo”, aqui na comunidade, os pais geralmente ensinam os filhos desde pequenos a valorizar e aproveitar muito o que têm. A maioria dos “riquinhos”, não, “tipo assim”, se quebrou, compra novamente e não tá nem aí.*

(GRUPO B / segundo encontro – temática “escolha da profissão”)

Enunciador 3: – *Eu não vejo como uma cobrança, mas uma necessidade. Porque todo mundo vai ter que trabalhar um dia. E, hoje, eu já sei o que eu quero fazer, só que eu posso mudar de ideia quando tiver cursando a faculdade. Eu quero fazer Cinema, só que, “tipo”, durante o curso, posso querer fazer outra coisa, porque eu tenho um irmão que é padeiro, e eu adoro esse negócio de Gastronomia, de mexer na comida, “tá ligado”? Então, eu ainda não tenho certeza do que eu quero fazer.*

– Mesmo não tendo decidido ainda, você parece bastante preparado.

Enunciador 3: – *É, porque dinheiro é essencial, todo mundo tem que ter um dia. Então, é melhor você se preparar o mais cedo possível.*

[...]

– Você considera a educação importante?

Enunciadora 4: – *Pra mim, é fundamental. Meus irmãos largaram a escola; um largou no primeiro ano do Ensino Médio e o outro também.*

– Que tipo de dificuldades vocês enfrentam para prosseguir com os estudos?

Enunciador 3: – *Acho que um desafio é você conseguir uma boa faculdade e ter dinheiro pra pagar. “Tipo”, você tem que tá trabalhando pra conseguir*

pagar a faculdade pra conseguir um emprego.

[...]

Enunciador 4: – *Eu tenho um exemplo de um amigo que tem contas pra pagar, essa questão da vida adulta, e acaba não sobrando dinheiro pra investir nele mesmo. Então, eu vejo isso como uma barreira até pra mim mesmo mais pra frente, se eu não começar logo, agora que tenho o apoio da minha mãe.*

– Vocês acham que existem mais barreiras para uns do que para outros jovens?

Enunciador 4: – *Sim, acho que pela questão da desigualdade social, o que não impede de tentar superar essas barreiras. Mas, na maioria dos casos, infelizmente é como no caso do meu amigo, que precisa sustentar a casa, pagar as contas e tentar equilibrar isso pra investir em si mesmo.*

A internalização de uma ética do estudo e do trabalho é, de fato, segundo Souza (2012, p. 51), uma das características mais marcantes dos “batalhadores”:

A necessidade do trabalho se impõe desde cedo, paralelamente ao estudo, o qual deixa de ser percebido como atividade principal e única responsabilidade dos mais jovens como na “verdadeira” e privilegiada classe média. Esse fator é fundamental porque o aguilhão da necessidade de sobrevivência se impõe como no fulcro da vida de toda essa classe de indivíduos. Como consequência, toda a vida posterior e todas as escolhas – a maior parte delas, na verdade, escolhas “pré-escolhidas” pela situação e pelo contexto – passam a receber a marca da necessidade primária e fundamental.

A necessidade de planejar a vida coloca o futuro sempre como algo mais importante que o presente (SOUZA, 2012), o que fica evidente na fala do enunciador 4 ao fazer uma diferenciação entre profissão e carreira:

(GRUPO B / segundo encontro – temática “escolha da profissão”)

Enunciador 4: – *Eu acho que tem dois pontos de vista diferentes. Um que é a escolha de alguma profissão momentânea. E outro, que é a escolha de uma carreira. Eu acho que são coisas diferentes, porque, muitas vezes, você tem que escolher uma profissão qualquer pra conseguir manter uma carreira mais pra frente. No caso, você precisa de um trabalho qualquer pra pagar a faculdade e “bancar” a carreira que você quer. A escolha de uma profissão eu não vejo como algo muito difícil. Sendo algo remunerado, pra mim tá bom. Mas a escolha de uma carreira já é algo mais complicado. Você pensa: “Poxa, eu vou fazer isso pro resto da vida, será que é isso mesmo que eu quero?”. É algo que a gente tem que pensar muito mesmo antes de decidir, e pra isso é preciso conseguir um trabalho primeiro, qualquer trabalho.*

– Essa diferenciação que você faz é baseada na sua própria experiência de vida?

Enunciador 4: – *Exatamente. Já trabalhei antes, fui operador de supermercado, que é uma atividade profissional, só que eu percebi que ia querer seguir alguma carreira. No caso, eu gostaria muito de ser designer de jogos. Só que, aí, eu vou ter que fazer alguma atividade pra conseguir ter isso.*

Para Souza (2012, p. 348), a reprodução dos exemplos e valores dessa nova classe encontra um importante dinamizador na socialização religiosa – o que também constatamos em nossa pesquisa por meio dos exemplos das enunciantes 3 e 4, as quais se declararam integrantes de famílias evangélicas –, particularmente no pentecostalismo:

[...] a religião pentecostal não se ocupa somente de indivíduos, mas deles enquanto membros de famílias. Ao congregar o horizonte econômico com o horizonte de socialização em interações – o que se traduz na defesa da “casa” como espaço onde esses dois horizontes se fundem –, a religião pentecostal tematiza o “mundo da vida” de uma determinada classe de pessoas. A religião articula a posição específica no espaço social do batalhador, a qual implica uma ocupação permanente em defesa do ambiente de socialização da classe.

Por outro lado, o alinhamento do discurso dos pesquisados com aquele das novas classes emergentes parece contrastar com a prevalência de uma autoimagem marcada pelo estigma de “favelado”, referido direta e indiretamente nas falas dos pesquisados:

(GRUPO A / quarto encontro – temática “discriminação/preconceito”)

Enunciadora 1: – “Tipo”, a pessoa vai lá num lugar e começa a bagunçar. Só porque a gente vem da favela, eles vai falar: “Vocês é tudo ‘favelado’”, essas coisas. Que nem a professora de espanhol; ela falou que a gente faz bagunça e depois acha ruim que as pessoas chama a gente de “favelado”... Teve um ano que a gente veio do passeio e a professora teve que pagar o ônibus, porque os menino tinha quebrado as coisas. Aí, chamaram a gente de “favelado”.

Enunciadora 2: – [...] se você trata com respeito as pessoas, é inteligente, fala bem, não julga as pessoas, passa boa impressão e fala que é de Paraisópolis, vão achar que você tá mentindo, porque é uma pessoa muito culta pra ser daqui.

Enunciador 2: – Os ricos acham que os “favelados” são aqueles com arma, são violentos, essas coisas.

(GRUPO B / quarto encontro – temática “discriminação/preconceito”)

Enunciador 3: – “Assim”, nesse caso não fui só eu, foi todo um grupo, a sala toda. Porque nós, por sermos de Paraisópolis, fomos tachados de “favelados”, “trombadinhas”.

(GRUPO A / primeiro encontro – temática “dificuldades financeiras”)

Enunciador 1: – Sim, acontece na vida, “tipo”, tem gente que estuda em escola boa e tem um ensino melhor, mas tem gente que não tem dinheiro nem material direito; um menino da minha sala fica pedindo todos os dias pra professora um lápis. Ele só tem caderno, que é dado pela escola, se não nem isso ele tinha. Ele pede lápis, borracha e, quando a professora esquece ou não tem, ele não faz nada.

Enunciadora 1: – Eu estudo no CEU e lá eles dá materiais, porque muitos não têm como comprar; que nem uma menina que fica pedindo material todos os dias pra todo mundo. A mãe não compra e, quando ela pede, apanha. O pai se separou da mãe e dá dinheiro, só que ela gasta tudo com bebida.

(GRUPO B / terceiro encontro – temática “maioridade”)

Enunciadora 4: – A minha vizinha, por exemplo, a filha dela não queria ir pra escola. Aí, ela foi e ligou pro Conselho Tutelar vir buscar a criança. Só, que, lá, ela vai ser mais maltratada ainda!

Enunciadora 3: – É que, “assim”, “tipo”, essa menina “dominou”, sabe? Ela faz o que quer...

– Qual a idade dela?

Enunciadora 4: – 11 anos. A mãe não quer mais ela e ligou pra levarem a filha embora. O tanto que essa menina apanhou...

Enunciadora 3: – Não, e ela [a filha] falou assim: “Se você bater em mim, eu vou chamar a polícia pra você!”. Tanto que teve uma confusão lá e a própria mãe falou isso pra gente. A filha dominou a mãe, entendeu?

– E o pai?

Enunciadora 3: – O pai nem liga.

Enunciadora 4: – Na verdade, o pai dela bota limite, sabe? Só que ele sai cinco horas da manhã pra trabalhar e, às vezes, dorme no trabalho. Agora, ela já largou a escola de vez.

Trata-se de um tipo de experiência social incômoda rejeitada pelos falantes que, diferentemente da divisão estanque feita por Souza (2012), faz que, no caso dos leitores moradores de Paraisópolis, ainda persistam indícios de uma realidade de exclusão social vivenciada pelos integrantes da chamada “ralé”:

A família típica da “ralé” é monoparental, com mudança frequente do membro masculino, enfrenta problemas graves de alcoolismo, de abuso sexual sistemático e é caracterizada por uma cisão que corta essa classe ao meio entre pobres honestos e pobres delinquentes. É a classe vítima por excelência do abandono social e político com que a sociedade brasileira tratou secularmente seus membros mais frágeis. (SOUZA, 2012, p. 50).

Do imbricamento desses dois estratos emanam as peculiaridades do lugar social dos leitores/receptores de Paraisópolis, as quais estiveram presentes em campo e foram igualmente postas em debate durante toda a nossa busca pela explicitação das especificidades da apropriação feita do discurso da obra *Harry Potter*. De acordo com Hall (2006, p. 116), o que também se coaduna com a perspectiva bakhtiniana, “todos nós escrevemos e falamos desde um lugar e tempo particulares, desde uma história e uma cultura que são específicas” e “os aparatos, relações e práticas de produção, aparecem, assim, num certo momento (o momento da ‘produção/circulação’), sob a forma de veículos simbólicos constituídos dentro das regras de ‘linguagem’”, o que impacta diretamente a noção de codificação e decodificação ou recepção:

É nessa forma discursiva que a circulação do “produto” se realiza. O processo, desta maneira, requer, do lado da produção, seus instrumentos materiais – seus “meios” –, bem como seus próprios conjuntos de relações sociais (de produção) – a organização é combinação de práticas dentro dos aparatos de comunicação. Mas é sob a forma *discursiva* que a circulação do produto se realiza, bem como sua distribuição para diferentes audiências. Uma vez concluído, o discurso deve então ser traduzido – transformado de novo – em práticas sociais, para que o circuito ao mesmo tempo se complete e produza efeitos. Se nenhum “sentido” é apreendido, não pode haver “consumo”. Se o sentido não é articulado em prática, ele não tem efeito. (HALL, 2006, p. 366).

Essa concepção implica não apenas a existência de uma articulação ou reciprocidade entre as instâncias de produção e recepção, como também, e mais

importante, a inexistência de uma estrutura hierarquizada em que a primeira determina a segunda, conforme enfatiza Hall (2006, p. 377): “a codificação não pode determinar ou garantir, de forma simples, quais os códigos de decodificação que serão empregados”. De fato, para além da posição “dominante ou preferencial”, na qual a mensagem é decodificada conforme as diretrizes de sua construção –, identificamos discursos proferidos pelos participantes da pesquisa que se aproximam tanto da posição de “negociação”, na qual existe uma influência das condições específicas dos receptores, quanto de oposição, quando há a proposição de um sentido diferente ou alternativo por parte daquele que recebe a mensagem:

(GRUPO A / terceiro encontro – temática “meninos X meninas”)

– Quais as diferenças que vocês veem entre os adolescentes daqui de Paraisópolis e aqueles do livro do Harry Potter?

Enunciadora 1: – *Lá eles não sai, e aqui a gente sai da escola.*

– Sim, no livro eles estudam numa espécie de internato. E se eles saíssem de lá, o Harry Potter e seus amigos poderiam morar em Paraisópolis?

Enunciador 1: – *Mais ou menos.*

– Por quê?

Enunciador 1: – *Não, “assim”, é mais ou menos, porque aqui... Eles não saem da escola, mas também eles têm dinheiro.*

– Então eles têm dinheiro, e por isso não poderiam morar aqui em Paraisópolis?

Enunciador 1: – *Não, porque, “tipo”, se eles viessem pra cá, os alunos da Sonserina [nome de uma das turmas que integram a Escola de Hogwarts, onde estudam os bruxos em idade escolar] não iam gostar, porque aqui é uma comunidade, e, “tipo”, esses esnobes gostam de falar que são ricos. Já se fosse o Harry e os amigos dele, tudo ia querer ficar aqui. O Harry tem dinheiro, mas ele não é esnobe.*

Enunciadora 1: – *Eles se acham os “tal”.*

– E do que eles não iriam gostar aqui em Paraisópolis?

Enunciadora 1: – *Por causa que aqui tem pobre e lá, não.*

– O que é ser pobre?

Enunciadora 1: – *A filha da patroa da minha mãe falou bem assim: “Eu não queria ir pra Paraisópolis, porque vocês são pobres e nós somos ricos”. Aí, eu falei: “Você tem tênis, a gente também tem; você tem celular, a gente também tem; você tem roupa de marca, a gente também tem. Só muda que vocês têm mais dinheiro”. Aí, ela ficou toda sem graça, e a mãe dela não falou nada.*

Nessas falas, assim como em todas as demais registradas durante o trabalho de campo, sobressai-se uma atividade de construção em que o receptor/leitor ocupa o papel de protagonista, conforme as postulações de Certeau (1994), as quais questionam ostensivamente a posição passiva do consumidor/receptor. O historiador francês mostra a fragilidade da pretensa capacidade atribuída pelos produtores a si próprios, não apenas de informar, mas de definir quais são as “competências” culturais e de leitura

dos receptores, e apresenta um novo ponto de vista para a interpretação do processo de assimilação:

Supõe-se que “assimilar” significa necessariamente “tornar-se semelhante” àquilo que se absorve, e não torná-lo semelhante ao que se é, fazê-lo próprio, apropriar-se ou reapropriar-se dele. (CERTEAU, 1994, p. 260-261).

Para Certeau (1994), a introdução da prática da leitura silenciosa contribuiu para tornar o ato de ler ainda mais autônomo em relação ao texto ou à escrita, bem como à definição hegemônica da “boa leitura”, aquela que é socialmente autorizada. As operações de leitura que ocorrem no âmbito do privado, por sua vez, constituem uma “intimidade liberta”, na qual é possível reconhecer as “pequenas astúcias” dos leitores que se manifestam nas “brechas” deixadas pela ortodoxia cultural imposta por uma elite intelectual.

Por essa hipótese, o texto se converte em um efeito, uma construção do leitor: o livro só tem sentido graças a seus leitores; muda com eles; ordena-se conforme códigos de percepção que lhe escapam. (CERTEAU, 1994, p. 266).

Nosso intuito é justamente entender em que medida e por meio de quais processos de significação a obra *Harry Potter*, concebida segundo as estruturas de poder e as lógicas de produção e consumo dos mercados internacional e nacional, transforma-se em uma outra obra, reelaborada com base no ponto de vista de um outro autor: os seus leitores.

Para o aprofundamento dessa perspectiva, a contribuição de Jauss (1994) é decisiva e também deve ser considerada. A partir da conferência proferida nos anos 1970 inaugurou-se uma nova vertente para a Estética da Recepção, teoria da literatura surgida na década anterior (ZILBERMAN, 2009). Jauss questionou de forma veemente o confinamento do “fato literário” à instância da produção, em vigor até então, ao defender que a obra somente “acontece” de fato na medida em que é lida, interpretada, absorvida:

Ele [o acontecimento literário] só logra seguir produzindo seu efeito na medida em que sua recepção se estenda pelas gerações futuras ou seja por elas retomada – na medida, pois, em que haja leitores que novamente se apropriem da obra passada, ou autores que desejem imitá-la, sobrepujá-la ou refutá-la. A literatura como acontecimento cumpre-se primordialmente no horizonte de expectativas dos leitores, críticos e autores, seus contemporâneos e pósteros, ao experienciar a obra. Da objetivação ou não desse horizonte de expectativa dependerá, pois, a possibilidade de compreender e apresentar a história da literatura em sua historicidade própria. (JAUSS, 1994, p. 26).

As premissas nas quais se ancoram os estudos em Estética da Recepção são muito úteis para a abordagem do processo de recepção da obra *Harry Potter*, na medida em que a recepção é tratada como um fato social (ZILBERMAN, 2009) ou, mais precisamente, por um desdobramento que pleiteamos em função do próprio campo em que esta pesquisa se situa, como um *fato de comunicação*. Os estudos colocam na centralidade desse processo o caráter sócio-histórico da recepção; não um fenômeno primordialmente resultante de reações subjetivas ao texto, e sim uma construção que pode ser situada no tempo e no espaço e resulta na compreensão da obra de um determinado modo:

[...] a obra que surge não se apresenta como novidade absoluta num espaço vazio, mas, por intermédio de avisos, sinais visíveis e invisíveis, traços familiares ou indicações implícitas, predispõe seu público para recebê-la de uma maneira bastante definida. Ela desperta a lembrança do já lido, enseja logo de início expectativas quanto a “meio e fim”, conduz o leitor a determinada postura emocional e, com tudo isso, antecipa um horizonte geral da compreensão vinculado, ao qual se pode, então – e não antes disso –, colocar a questão acerca da subjetividade da interpretação e do gosto dos diversos leitores ou camadas de leitores. (JAUSS, 1994, p. 28).

Além da historicidade do texto literário, o conceito de horizonte com o qual Jauss trabalha é igualmente valioso do ponto de vista de nosso problema de pesquisa. Buscamos a compreensão do processo comunicativo deflagrado com a leitura de *Harry Potter* por moradores de Paraisópolis, e o que o teórico alemão propõe é justamente um horizonte que leva em conta as condições em que a obra é recebida:

[...] ele [o texto] não se depara apenas com um código artístico consolidado, que contraria enquanto afirma sua identidade e originalidade. Ele responde a necessidades do público com o qual dialoga, sem o que sua presença não se justifica. Assim a reconstituição do horizonte de expectativas diante do qual foi criada e recebida uma obra possibilita chegar às perguntas a que respondeu, o que significa descobrir como o leitor da época pode percebê-la e compreendê-la, recuperando o processo de comunicação que se instalou. (ZILBERMAN, 2009, p.36).

A construção de sentido seria, portanto, baseada em uma “relação de troca” entre texto e público:

A relação dialógica entre o leitor e o texto – este é o fato primordial da história da literatura, e não o rol elaborado depois de concluídos os eventos artísticos de um período. A possibilidade de a obra se atualizar como resultado da leitura é o sintoma de que está viva; porém, como as leituras diferem a cada época, a obra mostra-se mutável, contrária à sua fixação numa essência sempre igual e alheia ao tempo. (ZILBERMAN, 2009, p. 33).

Entendemos que esses pressupostos da Estética da Recepção se aproximam da perspectiva dialógica de Bakhtin (2006; 2011) e, consequentemente, respaldam a nossa tentativa de compreender a recepção da obra *Harry Potter* pelos leitores de Paraisópolis por meio das apropriações e refrações surgidas das leituras desses receptores atuais e da análise dos discursos por eles proferidos. Antes de enveredarmos nesse sentido, vale ressaltar que, em boa medida, tais discursos confirmam a absorção de conteúdos externos massificados pelo universo local, mas, por outro lado, para além dos aspectos universalizantes, também indicam existência de “fios” que mantêm esses consumidores vinculados ao seu espaço:

O incremento de processos de hibridação torna evidente que captamos muito pouco do poder se só registramos os confrontos e as ações verticais. O poder não funcionaria se fosse exercido unicamente por burgueses sobre proletários, por brancos sobre indígenas, por pais sobre filhos, pela mídia sobre os receptores. Porque todas essas relações se *entrelaçam* umas com as outras, cada uma consegue uma eficácia que sozinha nunca alcançaria. Mas não se trata simplesmente de que, ao se superpor umas formas de dominação sobre as outras, elas se potenciem. O que lhes dá sua eficácia é a obliquidade que se estabelece na trama. Como discernir onde acaba o poder étnico e onde começa o familiar ou as fronteiras entre o poder político e o econômico? Às vezes é possível, mas o que mais conta é a astúcia com que os fios se mesclam, com que se passam ordens secretas e são respondidas afirmativamente. (CANCLINI, 1998, p. 346-347).

A coexistência da modernidade com formas tradicionais derivadas da pobreza e do precário desenvolvimento socioeconômico latino-americano (CANCLINI, 1998; 2009) é exemplificada com precisão por evidências coletadas da participação na pesquisa da enunciadora 1, que embora no questionário aplicado tenha se autoafirmado como consumidora de produtos relacionados à obra *Harry Potter* e a outras franquias de massa, revelou desconhecer a existência de centros de compra conhecidos como “*shopping centers*”. Como identificar e equacionar as “pequenas astúcias” (CERTEAU, 1994) desenvolvidas por esse perfil para se movimentar em meio aos interstícios presentes no entrelaçamento entre a homogeneização massificadora e a evidente situação de exclusão social? A resposta parece estar em um tipo de “ambivalência” (CANCLINI, 2009), que, no caso dos sujeitos da pesquisa como a enunciadora 1 parece suplantiar a oposição dicotômica inclusão/exclusão e mesclar situações de quem é desigual (não participante) e, ao mesmo tempo e em boa parte, conectado.

O conhecimento das relações interculturais [...] não deve considerar a cultura popular como um universo de significação autônomo, esquecendo os efeitos da dominação, nem cair no risco oposto – mas simétrico – de crer que a

dominação constitua a cultura dominada sempre como heterônoma. [...] Uma análise atenta às ambivalências dos setores hegemônicos e populares [...] deixa ver que os diversos capitais culturais não constituem desenvolvimentos alternativos só pela inércia da sua reprodução. [...] É impossível reduzir [...] as formas próprias de sobrevivência das classes populares a versões empobrecidas da cultura dominante ou subordinadas a ela. A concepção de Bourdieu, útil para entender o mercado interclassista de bens simbólicos, deve ser reformulada a fim de incluir os produtos culturais nascidos dos setores populares, as representações independentes das suas condições de vida e a ressemantização da cultura hegemônica feita pelos subalternos de acordo com seus interesses. (CANCLINI, 2009, p. 88-90).

Essa ambivalência materializou-se diante dos nossos olhos ao transitarmos por duas Paraisópolis distintas, as quais fomos levados a conhecer acompanhados por uma das mediadoras locais durante o primeiro contato com a mesma enunciativa 1, no momento do convite para sua participação na pesquisa. A estrutura de oportunidades que caracteriza a comunidade em nada difere de outros centros comerciais da cidade, mas desaparece por completo à medida que avançamos por vielas cada vez mais estreitas, onde nos deparamos com ausência de saneamento básico e minúsculos cômodos em casebres de madeira cujas portas ficam sempre entreabertas. No caminho até a entidade que a enunciativa 1 frequenta três vezes por semana para reforço escolar, tomamos conhecimento da desestruturação familiar, do recente incêndio em que perdeu a casa e todos os pertences e da residência atual em uma zona de risco dentro da comunidade. A enunciativa 1 não comentou nada a esse respeito nas reuniões realizadas – provavelmente refreada por uma espécie de “instinto de autopreservação” que deu mostras de sua força logo no primeiro encontro ao confidenciar o incômodo provocado pelos olhares alheios enquanto falava –, mas as limitações teimaram em vir à tona à sua revelia e de forma natural, como quando ensaiou uma pronúncia inusitada para a palavra “*outlook*”, provedor de *e-mail* do qual é usuária, e no visível *déficit* de alfabetização evidenciado nas atividades de leitura e escrita promovidas em grupo.

A presença da enunciativa 1 nas reuniões programadas (o seu comparecimento foi de 100%) suscitou em nós o questionamento da pré-noção de existência de uma homogeneidade nos grupos pesquisados: constatamos, ao contrário, a configuração de contextos sociais, econômicos e culturais diferentes dentro da amostra, que, provavelmente, reflete uma característica do meio social de Paraisópolis. Em boa medida, isso foi confirmado pelos participantes da pesquisa nos debates grupais e é um dado com o qual trabalhamos obrigatoriamente na compreensão dos perfis típicos selecionados e das suas produções de sentido com base na obra *Harry Potter*. A

heterogeneidade se estende à constituição de cada perfil em si e se expressa, por exemplo, em visíveis dissonâncias entre determinantes religiosos e culturais e interações efetivas, como é o caso das enunciatórias 3 e 4, integrantes da mesma família (são primas), e adeptas da religião pentecostal, que, no entanto, apesar de alguns senões iniciais, tornaram-se fãs incondicionais de uma trama ficcional desenrolada em uma sociedade de bruxos.

A grande variedade de fatores que redundou na diversidade dos perfis selecionados resultou, como não podia deixar de ser, em um processo ativo e complexo de apropriação e construção de significados. Quando estimulados à autorreflexão, a maioria dos leitores referiu não ter feito até a participação na pesquisa correlações de sentido entre a obra e a sua própria realidade. Uma possível exceção ocorreu no caso da enunciatória 5, que leu todos os livros da série e confirmou ter feito ao longo da leitura espontânea associações entre a sua família e a da personagem chamado Rony Weasley, que na trama apresenta dificuldades financeiras.

Vale reforçar que a procura espontânea pelos livros da série *Harry Potter* foi requisito obrigatório para a seleção dos participantes, mas não a sua leitura integral. Não obstante, do ponto de vista do diagnóstico do nível de letramento, esse é um dado que merece atenção: à exceção das enunciatórias 5 e 6, nenhum dos participantes leu a totalidade de volumes que compõem a obra, embora alguns deles tenham demonstrado interesse em prosseguir com a atividade. Outro dado relevante foi a baixa adesão à proposta feita aos participantes do grupo B de realização de pesquisa e apresentações em duplas sobre as temáticas selecionadas, à exceção das enunciatórias 3 e 4, que chegaram a elaborar uma apresentação em PPT sobre o tema “preconceito” (vide anexo XXVII). De uma forma geral, houve desinteresse e não comprometimento dos participantes com tarefas “extraencontros”, como a leitura de trechos da obra disponibilizados via Facebook e a produção de textos inspirados nos debates (primeiro e segundo encontros) e de respostas a perguntas específicas (terceiro e quarto encontros). Ressalte-se ainda que somente o quarto e último encontro contou com a presença de todos os participantes do grupo B (o grupo A esteve completo no primeiro e quarto encontros), fato aparentemente motivado pela possibilidade oferecida de caracterização como personagens da obra, atividade realizada com a colaboração voluntária e presencial da praticante de *cosplay* igualmente responsável pelo suporte ao evento que marcou a abertura do trabalho de campo na comunidade.

Por outro lado, encorajados pelo moderador (pesquisador) a refletirem sobre as

temáticas selecionadas da obra à luz do seu lugar sócio-histórico e estimulados por recursos (dinâmicas e cenas de filmes) utilizados para provocar ideias e discussão, os sujeitos da pesquisa trouxeram à tona diversas experiências oriundas do meio social que os envolve, assumindo nitidamente a posição de “falantes”. Dada a grande diversidade das falas coletadas, realizamos uma tentativa de categorização com base na análise dos discursos dos sujeitos da pesquisa⁸⁷, situando-as como inferências feitas pelos participantes com base em cada uma das temáticas levadas a campo.

Tabela 3: Categorização das correlações feitas pelos pesquisados.

NOVE TEMÁTICAS PROPOSTAS (GRUPOS A e B)	CORRELAÇÕES FEITAS PELOS PESQUISADOS (GRUPOS A e B)		
DIFICULDADES FINANCEIRAS (GRUPO A)	GRAVIDEZ PRECOCE		
RELAÇÃO COM A ESCOLA (GRUPO A)	CONFLITOS ENTRE BOLSISTAS E NÃO BOLSISTAS DE ESCOLAS PARTICULARES DA REGIÃO		
LIMITES E LIBERDADE (GRUPO B)	MAIOR PROPAGAÇÃO DE ÁLCOOL E DROGAS NA INFÂNCIA E NA ADOLESCÊNCIA	MAIOR AUTONOMIA E AMADURECIMENTO DOS ADOLESCENTES MORADORES DA PERIFERIA	
MENINOS X MENINAS (GRUPOS A e B)	GRAVIDEZ PRECOCE		
ESCOLHA DA PROFISSÃO (GRUPO B)	OBRIGAÇÃO DO TRABALHO COMO MEIO DE SOBREVIVÊNCIA		
BULLYING (GRUPO B)	CYBERBULLYING “TOP 10 DE PARAISÓPOLIS”		
MAIORIDADE (GRUPO B)	MAIOR AUTONOMIA E AMADURECIMENTO DOS ADOLESCENTES MORADORES DA		

⁸⁷ Para a atribuição das correlações feitas aos respectivos falantes, estamos considerando as falas proferidas nos encontros, as produções escritas e os dados obtidos por meio de observação registrados no item 2 do capítulo 3, dedicado à fase de descrição do trabalho de campo.

	PERIFERIA		
DISCRIMINAÇÃO/ PRECONCEITO (GRUPOS A e B)	CONFLITOS ENTRE BOLSISTAS E NÃO BOLSISTAS DE ESCOLAS PARTICULARES DA REGIÃO	<i>CYBERBULLYING</i> “TOP 10 DE PARAISÓPOLIS”	O ESTIGMA DE “FAVELADO”
EXCLUSÃO SOCIAL (GRUPO B)	O ESTIGMA DE “FAVELADO”		

A tabela indica uma pluralidade de inferências surgida progressivamente ao longo dos encontros, algumas delas comuns a mais de uma temática proposta e igualmente referidas por participantes dos dois grupos, todas indicativas de apropriações diferenciadas e significados dados pelos consumidores a um produto transcultural que se tornou, assim, assimilável e, sobretudo, próprio daqueles que o absorveram (Certeau, 1994). Nesse sentido, a partir deste ponto parece-nos coerente aprofundarmos a análise das falas dos dez sujeitos pesquisados, entendidos na sua condição de “participantes reais da comunicação discursiva”, que não marcam sua posição de outra forma senão por meio de uma “atitude responsiva ativa” em relação ao discurso da obra *Harry Potter*, conforme a perspectiva bakhtiniana:

[...] toda compreensão plena real é ativamente responsiva e não é senão uma fase inicial preparatória da resposta (seja qual for a forma em que ela se dê). O próprio falante está determinado precisamente a essa compreensão ativamente responsiva: ele não espera uma compreensão passiva, por assim dizer, que apenas duble o seu pensamento em voz alheia, mas uma resposta, uma concordância, uma participação, uma objeção, uma execução etc. (BAKHTIN, 2011, p. 272).

De fato, uma vez diante do material textual selecionado e expostos à situação de debate em grupo, os participantes se mostraram capazes de dar respostas em “voz real alta”, realizando uma compreensão responsiva ativa ora imediata, ora de efeito retardado; ora de aproximação, ora de divergência, as quais passaremos a analisar segundo o seu caráter concreto e social, refletindo e refratando a realidade na qual esses leitores estão inseridos, conforme Bakhtin (2011; 2006).

3.1. De ouvintes a falantes, de receptores a produtores

[...] toda compreensão é prenhe de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante. (BAKHTIN, 2011, p. 271).

Amparados pelas postulações de Bakhtin, a partir deste momento extrapolamos os limites do suporte livro ao analisarmos as produções de sentido surgidas do contato dos participantes da pesquisa com a obra *Harry Potter*, entendida na sua condição mais ampla de produto da criação artística. Isso se justifica pelos próprios dados coletados, os quais dão conta de uma grande penetração da respectiva filmografia entre os pesquisados, particularmente no caso da enunciativa 2.

No capítulo 2 desta dissertação, empreendemos uma análise do discurso da obra *Harry Potter* segundo a noção bakhtiniana de enunciado, unidade (real) da comunicação discursiva, que difere de outras unidades da língua de função meramente formal, como palavras e orações, justamente pelo seu caráter concreto, de “elo inseparável” (BAKHTIN, 2011) do contexto em que é gestado e utilizado. Neste capítulo avançaremos sobre outro componente fundamental para a concretização de um enunciado “pleno e acabado”, precisamente o direcionamento real que lhe é dado por seu interlocutor concreto e sua atitude responsiva. Ressaltamos que o estudo de ambos os aspectos não esgota a compreensão dessa complexa cadeia de comunicação discursiva formada pelas ressonâncias dialógicas inerentes à constituição de todo e qualquer enunciado.

Para Bakhtin, todo discurso deve ser entendido como um “enunciado vivo”, cuja compreensão, ainda que de forma variável, sempre vem acompanhada de uma atitude responsiva ativa. Nesse contexto, “complexo e amplamente ativo” da função comunicativa da linguagem, a mera posição de “ouvinte” ou receptor torna-se inviável ou, como propõe o pensador russo, uma “ficção”:

Nos cursos de linguística geral [...] aparecem com frequência representações evidentemente esquemáticas dos dois parceiros da comunicação discursiva – o falante e o ouvinte (o receptor do discurso); sugere-se um esquema de processos ativos de discurso no falante e de respectivos processos passivos de recepção e compreensão do discurso no ouvinte. Não se pode dizer que esses esquemas sejam falsos e que não correspondam a determinados momentos da realidade; contudo, quando passam ao objetivo real da comunicação discursiva eles se transformam em ficção científica. (BAKHTIN, 2011, p. 271)

De fato, em nosso estudo de caso, os leitores/receptores de Paraisópolis, uma

vez diante dos discursos deflagrados em campo – tanto o discurso lido (material textual selecionado da obra *Harry Potter*) quanto o falado (intervenções feitas pelo moderador e pelos participantes) –, e ao compreendê-los, desempenharam um papel ativamente responsivo, ainda que em graus bastante diversos, ao longo de todos os encontros realizados. Como exemplo, podemos destacar posições de concordância (1), discordância (2), reflexão (3), contestação (4), complementação (5), aplicação/uso (6):

1) (GRUPO A / primeiro encontro – temática “dificuldades financeiras”)

– Nós estamos falando sobre uma situação, dificuldade financeira, que só acontece nos livros do Harry Potter ou isso também acontece na vida das pessoas?

Enunciador 2: – *Acontece normalmente no dia a dia. Algumas pessoas que eu conheço na minha escola não conseguem comprar o material escolar. [...]*

Enunciador 1: – *Sim, acontece, [...] um menino da minha sala fica pedindo todos os dias pra professora um lápis. [...]*

Enunciadora 1: – *Eu estudo no CEU e lá eles dão materiais, porque muitos não têm como comprar, que nem uma menina que fica pedindo material todos os dias pra todo mundo. [...]*

Enunciadora 2: – *Eu tenho uma amiga que tem cinco irmãs e a hora de ir pra escola é sempre uma correria, porque elas dividem tudo, até a mochila. [...]*

(GRUPO B / primeiro encontro – relatos sobre procura espontânea da obra *Harry Potter*)

Enunciador 4: – *Lendo os livros, eu vi o quanto uma adaptação pode ser diferente da obra original. Por exemplo, assistindo os filmes eu não tinha entendido que Riddle [nome de batismo da personagem Lord Voldemort, vilão da história] era Voldemort no passado [...]*

Enunciadora 3: – *Eu acho que o livro conta melhor a história; o filme, “tipo”, resume, e faltam algumas coisas.*

Enunciadora 4: – *O filme não conta a história toda, resume muito. [...]*

Enunciadora 6: – *Realmente, os livros e os filmes são diferentes, mas eu acho que o filme é uma coisa e o livro é outra [...] são mídias diferentes.*

2) (GRUPO A / segundo encontro – temática “relação com a escola”)

– Vamos voltar a falar sobre o papel da escola. O que mais ela deve ensinar?

Enunciadora 1: – *Tudo.*

[...]

Enunciadora 2: *Eu acho que não dá pra escola ensinar tudo, mas o que dá pra gente aprender, porque a gente nunca aprende tudo. Todo dia a gente aprende um pouco, não é?*

[...]

Nesse momento, a enunciadora 2 interpelou diretamente o enunciador 1 sobre a briga durante a aula de Educação Física relatada por ele.

Enunciadora 2: – *Você falou que bateu em outro menino e achou isso legal, mas não é legal. Violência gera violência, você sabia? [...]*

Enunciador 1: – *Mas não resolveria nada. Ninguém segura ele; a professora já é velhinha. A única pessoa que segura faltou nesse dia. [...]*

(GRUPO B / segundo encontro – temática “meninos X meninas”)

Enunciador 3: – *Eu acho que a questão do Rony [personagem da obra com dificuldades financeiras] retrata bem a nossa realidade, mas, fora isso, não.*

– Por quê?

Enunciador 3: – *É uma realidade mais de burguês, mas eu conheço bastantes pessoas que se parecem com as personagens.*

– *É uma realidade diferente da de Paraisópolis...*

Enunciador 3: – *É, porque o livro foi baseado em Londres e, “tipo”, Paraisópolis é outra realidade.*

– E quanto aos conflitos que são descritos na obra?

Enunciador 3: – *Ah, isso sim, retrata bastante. Porque, por exemplo, na minha escola, [...] fica perceptivo que eles têm muito preconceito com quem é aqui de Paraisópolis.*

3) (GRUPO A / segundo encontro – temática “relação com a escola”)

– [...] Vocês acham que deveria ser tudo igual, como na história do Harry Potter, com a mesma oportunidade para todo mundo?

Enunciadora 2: – *Mesmo dentro do filme não é tudo igual. [...] Mas, na vida real, deveria ter oportunidades iguais pra todos. Devia ser tudo igual.*

– O fato de existirem diferenças causa que tipo de problema, na sua visão?

Enunciadora 2: – [...] *Quando você vai num lugar diferente do que você vive todo dia e já se acostumou, você se sente uma pessoa deslocada [...].*

– Você está falando sobre a dificuldade de quem é bolsista interagir com os outros colegas numa escola particular?

Enunciadora 2: – *Isso. Você se sente diferente, né? [...] Mesmo se eu sou muito inteligente e me visto bem, posso achar estranho o modo como aquele povo age, fala...*

– Você se sentia assim quando estudava em escola particular?

Enunciadora 2: – *Sentia. Senti. Tinha uma menina que falava que ia chegar em casa e jogar a boneca fora pra fazer o pai comprar outra. “Você é idiota? A sua boneca é nova!”, eu falava.*

(GRUPO B / primeiro encontro – temática “limites e liberdade”)

A enunciadora 6 surpreendeu-nos pela capacidade de elaborar argumentos complexos e nos confidenciou que pretende estudar Filosofia.

– Você faz uma distinção interessante entre regras e limites. Mas você acha que é possível ter maturidade para definir isso na adolescência? [...]

Enunciadora 6: – *Eu acho. Mesmo na adolescência, eles tão quase no mundo adulto, e acho que conseguem estabelecer um certo limite. [...]*

– A experiência ajuda a criar os limites, na sua visão?

Enunciadora 6: – *Sim, as pessoas precisam ir além dos limites pra poder estabelecer o seu próprio limite.*

– E o papel dos pais? Vai até um certo ponto e, depois a pessoa aprende pelos erros?

Enunciadora 6: – *Eu acho que sim. O papel dos pais e dos educadores é estabelecer as regras, e cada um vai encontrar os seus próprios limites.*

(GRUPO B / segundo encontro – temática “escolha da profissão”)

Enunciador 4: – [...] *muitas vezes, você tem que escolher uma profissão qualquer pra conseguir manter uma carreira mais pra frente. No caso, você precisa de um trabalho qualquer pra pagar a faculdade e “bancar” a carreira que você quer.*

– Essa diferenciação que você faz é baseada na sua própria experiência de vida?

Enunciador 4: – *Exatamente. Já trabalhei antes, fui operador de supermercado, que é uma atividade profissional, só que eu percebi que ia querer seguir alguma carreira. [...]*

– E a sua atuação como músico?

Enunciador 4: – *Eu vejo mais como um sonho. Também seria algo que eu gostaria muito, só que infelizmente eu tenho a visão de que é meio difícil. Mas também é uma carreira.*

4) (GRUPO A / segundo encontro – temática “relação com a escola”)

– Você confrontava as outras meninas que não eram bolsistas na escola?

Enunciadora 2: – [...] *Elas falavam: “O que que você tá fazendo aqui, sua bolsista qualquer?”. Aí, eu respondia assim: “Qualquer nada, porque eu tenho mais caráter e mais educação que vocês”. [...]*

Enunciador 1: – *Ela disse aí que as meninas xinga de “bolsista qualquer”... Tem escola no México que é assim também. Passa até no SBT... [...]*

– E por que esse pessoal age assim?

Enunciador 1: *Porque eles tenta “se achar”.*

– Para mostrar aos outros?

Enunciador 1: *Aham. [...] Um menino chegou e falou assim: “Eu sou mais rico que todo mundo aqui.” Aí, eu falei: “Nossa, se você é rico, por que que você tá aqui?!”. [...]*

– Na visão deles ser rico faz a pessoa ser melhor que as outras?

Enunciador 1: – *Na visão deles, é.*

– E na sua?

Enunciador 1: – *Não.*

– Então, o importante não é ser rico?

[...]

Enunciador 1: – *O dinheiro não vale... Tipo, só porque o mundo agora roda por causa do dinheiro, pra fazer qualquer coisa precisa de dinheiro. [...] Mas antes não era assim.*

– Onde você aprendeu isso?

Enunciador 1: – *A professora deu aula de economia.*

Nesse momento, a enunciadora 1 levantou a mão para dar mais um exemplo de discriminação motivado por diferenças de classe.

Enunciadora 1: *Minha prima fez uma prova e passou pra ser estagiária no Banco do Brasil. Aí, tinha uma mulher que falava sempre assim: “Ah, vou pedir pro meu marido comprar tal coisa, se ele quiser ele compra tudo”. [...]*

Enunciadora 2: – *Por que essas pessoas que têm dinheiro não compram um pouquinho de neurônio, né?! [...]*

(GRUPO A / quarto encontro – temática “discriminação/preconceito”)

– Vocês acham que as pessoas que moram em comunidade, como esta aqui, também sofrem algum tipo de preconceito?

Enunciadora 1: – *Sim.*

– Dá um exemplo.

Enunciadora 1: – [...] *Que nem a professora de espanhol; ela falou que a gente faz bagunça e depois acha ruim que as pessoas chama a gente de “favelado”. [...]*

– Vocês acham que alguém que não mora na favela não faz bagunça nem quebra as coisas?

Enunciador 1: – *Quebra.*

Enunciadora 1: – *Se quebrar, não falam nada.*

– Por quê?

Enunciadora 1: – *Se o rico quebrar alguma coisa, não falam nada. Se for pobre, falam um monte. [...] Quando o rico mata alguém, eles falam: “Não teve culpa”. E quando é pobre, eles falam: “É. Matou porque queria não sei o quê...”.*

– E o que você acha disso?

Enunciadora 1: – *Isso é injusto.*

(GRUPO B / segundo encontro – temática “escolha da profissão”)

Enunciador 4: – *A questão dos alunos. A maioria na rede pública vai lá por ser obrigado, [...] e acabam atrapalhando o “pedaço” que tenta aprender um pouco.*

– E esse “pedaço” é maior ou menor?

Enunciador 4: – *O “pedaço” que quer aprender na escola pública é menor. E os que querem aprender são atrapalhados. [...] A estrutura de ensino pública parece não querer que o aluno vá pra frente.*

– Por quê?

Enunciador 4: – *Não sei, acho que eles não querem uma população mais inteligente.*

– O que aconteceria se a população fosse mais inteligente?

Enunciador 4: – *Ah, eu acho que ela questionaria mais as coisas, né? Tentaria mudar mais a sua própria vida em vez de se conformar.*

– Você acha que essa defasagem é proposital?

Enunciador 4: – *Ah, sim. Eu acho que é exatamente isso. O método de ensino público agora é o das apostilas: você vai na internet, vê a resposta e não aprende nada de verdade. [...]*

– O que teria de ser feito para mudar essa situação?

Enunciador 3: – *Eu acho que o problema tá no governo.*

– O problema vem de cima para baixo, na sua visão?

Enunciador 3: *É, eu acho que o problema é do governo, porque se eles mudassem o sistema de ensino, mudaria todo o resto, os alunos, o aprendizado...*

5) (GRUPO A / quarto encontro – temática “discriminação/preconceito”)

– Na história do Harry Potter, os elfos, aquelas criaturinhas pequenas, também são escravos [...]. O que vocês acham disso?

Enunciadora 1: *Errado.*

– Por quê?

Enunciadora 1: – *Por causa que ser escravo é errado e também dá cadeia. Lá não dá, mas se fosse aqui dá cadeia.*

– Hoje isso é proibido no Brasil...

Enunciadora 1: – *Sim. Porque tem um pessoal que vem pra cá, não sei se é do Peru, que trabalha como escravo, acho que fazendo roupa. Aí, um dia a polícia foi lá...*

– Bolivianos...

Enunciadora 1: – *Isso.*

– Muito bom esse exemplo, é verdade.

Enunciadora 1: – *Tinha mais de vinte pessoas trabalhando como escravos, e cada roupa custava dez centavos.*

– Como você soube disso?

Enunciadora 1: – *Na TV.*

Enunciador 1: *Ela [referindo-se à enunciadora 1] tá falando desses daí... E tem também os mexicanos que não têm dinheiro pra passar pros Estados Unidos.[...]*

– Onde você viu isso?

Enunciador 1: – *Na TV. É num programa que fala só sobre isso. Aí, quando eles pararam o barco, a Interpol não fez nada, mas foi seguindo eles. Aí, quando eles chegaram no cativeiro tinha 3.450 clandestinos...*

(GRUPO B / segundo encontro – temática “escolha da profissão”)

– Todo mundo aqui vê relação entre esse embate que a obra apresenta, “sangue puro versus sangue mestiço”, e outros tipos de discriminação ou preconceito

existentes na vida real?

[...]

Enunciador 4: – *Eu acho que ela [a autora] quer mostrar que uma parte do ser humano, da humanidade tem a necessidade de se julgar superior à outra.*

– Por qual motivo?

Enunciador 4: – *Provavelmente, por poder. E a gente pode conciliar essa história do Voldemort [personagem antagonista da trama de Harry Potter] [...] como [...] o lance da nossa Segunda Guerra [...].*

– Você vê uma relação entre o projeto de poder da personagem e o do Hitler, por exemplo?

Enunciador 4: – *Isso, essa pode ser a semelhança entre a questão de “sangue puro” e a questão da raça ariana.*

Enunciadora 6: – *É, isso! Porque ele [Hitler] também não tinha sangue ariano puro.*

Enunciador 4: – *E o Voldemort é mestiço também.*

– Vocês já tinham feito essa correlação ao lerem os livros?

Enunciador 4: – *Eu percebi agora.*

Enunciadora 6: – *É, eu não tinha pensado nessa associação...*

Nesse momento, pela videogravação, é possível constatar a expressão de surpresa dos dois participantes [enunciadora 6 e enunciador 4] diante da correlação recém-descoberta entre o discurso de eugenia presente na obra *Harry Potter* e fatos históricos relacionados ao nazismo.

6) (GRUPO A / segundo encontro – temática “relação com a escola”)

Dinâmica proposta ao grupo: [...] colocar a réplica do Chapéu Seletor [artefato mágico que consegue “ler” a mente dos alunos e, assim, determina para qual turma devem ser mandados] sobre a cabeça e imaginar o que ele diria.

[...]

Enunciadora 2: – [...] *Vou falar como o chapéu falaria, então: “Hum... É muito inteligente, sabe que o estudo é importante para o futuro. E pensa muito no futuro... Isso é interessante, porque sabe que, se não tiver um futuro com estudos, não vai ser um futuro bom, vai ser uma coisa inválida. Porque, se você vai para a escola para não fazer nada, é a mesma coisa que não ir. Então, é muito bom que ela saiba que a escola é importante para o futuro, porque a escola se resume em tudo”.*

(GRUPO B / quarto encontro – considerações finais)

Enunciadora 5: – [...] *Eu não tinha parado pra pensar nessa conexão com a realidade que a obra tem. Já tinha visto algumas semelhanças, mas não tinha parado pra pensar (...). E, hoje, que eu vim, percebi que tem uma coisa que condiz com a nossa realidade, uma coisa que a gente não percebe (...).*

– O seu grande interesse pela obra (a enunciadora 5 leu todos os livros da série) foi motivado pelo quê? Por que você se interessou tanto?

[...]

Enunciadora 5: – *Porque eu gosto de ler. [...] eu via o que falava nos livros, o que falava nos filmes e, “tipo”, eu não fazia essa aula do jeito que você tá fazendo hoje, mas eu fazia “tipo” a minha. Então eu, sei lá, “tipo”, quando pequena, eu me espelhava muito na família Weasley [na trama, a família Weasley enfrenta dificuldades financeiras], porque a minha família também é grande...*

[...]

– No texto que você escreveu para participar da pesquisa, você chegou a comentar que fazia uma associação entre o que se passava na obra e as emoções experimentadas na vida real. Você conseguia distinguir isso?

Enunciadora 5: – *Conseguia, porque, “tipo”, a história fala muito das emoções, então você “meio que” compara: ontem você tá lendo um capítulo e, hoje, você compara com o que te aconteceu. Lógico, você não vê o comensal da morte [criatura fantástica existente no universo da obra Harry Potter] assim na sua frente, mas você passou por uma coisa ruim, então vai lembrar, sabe?*

De acordo com a perspectiva bakhtiniana, o sujeito constrói sua existência pela linguagem e na linguagem, a qual faz parte de uma organização social, que é moldada por condições históricas e sistemas ideológicos objetivos. A inserção do sujeito nessa realidade corresponde a um “segundo nascimento”, advindo após o primeiro, o biológico, e é materializada por sua ligação a um determinado grupo social, detentor de um repertório específico de signos.

Todo signo, como sabemos, resulta de um consenso entre indivíduos socialmente organizados no decorrer de um processo de interação. Razão pela qual *as formas do signo são condicionadas tanto pela organização social de tais indivíduos como pelas condições em que a interação acontece.* (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006, p. 45).

Diferentemente de Saussure, que concebe a linguagem como um sistema abstrato, para Bakhtin/Volochínov (2006) a linguagem não é neutra, sendo participante de um tempo histórico, uma sociedade, uma cultura. E na medida em que é constitutiva do sujeito e organiza a sua forma de ser e estar no mundo, a consciência também é determinada por contextos sócio-históricos e, portanto, ideológicos, assim como todo o material simbólico por ela produzido, seja sob a forma de discurso interno, seja no processo de interação verbal com os outros.

A teoria da expressão que serve de fundamento à primeira orientação do pensamento filosófico-linguístico é radicalmente falsa. O conteúdo a exprimir e sua objetivação externa são criados, como vimos, a partir de um único e mesmo material, pois não existe atividade mental sem expressão semiótica. Consequentemente, é preciso eliminar de saída o princípio de uma distinção qualitativa entre o conteúdo interior e a expressão exterior. Além disso, o centro organizador e formador não se situa no interior, mas no exterior. Não é a atividade mental que organiza a expressão, mas, ao contrário, *é a expressão que organiza a atividade mental*, que a modela e determina sua orientação. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006, p. 116).

São postulações que aparentemente apresentam congruências com os pressupostos da Análise de Discurso, para a qual a linguagem não é uma mera representação do real (referente), mas um lugar material em que ocorre a produção de sentido. De acordo com Orlandi (2010, p. 21):

[...] não se trata de transmissão de informação apenas, pois, no funcionamento da linguagem, que põe em relação sujeitos e sentidos afetados pela língua e pela história, temos um complexo processo de constituição desses sujeitos e

produção de sentidos e não meramente transmissão de informação.

Nesse lugar, o sentido não é dado *a priori*, mas é construído no próprio processo da interlocução:

Por isso, dizemos que a incompletude é a condição da linguagem: nem os sujeitos nem os sentidos, logo, nem o discurso, já estão prontos e acabados. Eles estão sempre se fazendo, havendo um trabalho contínuo, um movimento constante do simbólico e da história. [...] Daí dizemos que os sentidos e os sujeitos sempre podem ser outros. Todavia nem sempre o são. Depende de como são afetados pela língua, de como se inscrevem na história. (ORLANDI, 2010, p. 37).

Pelo ponto de vista em questão, cada processo discursivo é entendido como um jogo estratégico de ação e reação – definição de Pêcheux –, que não pode ser dissociado do social e do histórico. A ideologia molda o discurso, mas ele tende a se apresentar com uma aparência de neutralidade graças a dois tipos de esquecimento identificados por Pêcheux:

– o esquecimento número 2, que é da ordem da enunciação: esquecemos que existem outras formas de dizer a mesma coisa, o que produz em nós a ilusão da referencialidade ou da incondicionalidade do pensamento;

– o esquecimento número 1, também chamado de “esquecimento ideológico”, que é da instância do inconsciente: esquecemos que não somos os primeiros a dizer algo, ou seja, não somos a origem do que dizemos – a Análise de Discurso pressupõe que todos os sentidos são preexistentes, portanto o sujeito se insere em um discurso já em andamento, que se realiza nele e dessa forma adquire uma singularidade (ORLANDI, 2010, p. 35).

No material por nós coletado, podemos citar como exemplo desse discurso em andamento o caráter “exterior” e “social” assumido pelo estigma de “favelado”, conforme atestam as falas das enunciadoras 2, 5, 6 e do enunciador 3:

(GRUPO A / quarto encontro – temática “discriminação/preconceito”)

Enunciadora 2: – [...] aqui no Einstein a gente discutiu toda a proposta da comunidade. Porque, se você é chamado de “favelado”, com certeza tem que ter algum motivo. Não é só morar numa favela. Se você é uma pessoa rebelde, que não cumpre leis; se é um bandido, que rouba e mata, você é considerado “favelado”. Agora, se você trata com respeito as pessoas, é inteligente, fala bem, não julga as pessoas, passa boa impressão e fala que é de Paraisópolis, vão achar que você tá mentindo, porque é uma pessoa muito culta pra ser daqui.

(GRUPO B / quarto encontro – temáticas “discriminação/preconceito” e “exclusão social”)

– Quem pratica preconceito são pessoas essencialmente más, como o vilão da história do Harry Potter?

Enunciador 3: – Não são pessoas más, mas pessoas ignorantes. Eu acho que não precisa ser um monstro pra praticar preconceito.

– Todos concordam?

Enunciadora 5: – É, às vezes você mesmo pratica o preconceito sem a intenção de praticar, entendeu? Porque tá no seu cotidiano.

– Por exemplo...

Enunciadora 5: – Sei lá, vamos supor, é alguma coisa de família “zoarem” o meu irmão e eu porque nós somos os mais “moreninhos” da casa, entende? Eles zoam a gente, mas não porque eles querem; é uma coisa que vem da convivência com outras pessoas. “Tipo”, a minha avó não gosta de pessoas escuras, então a minha mãe tem isso na cabeça. Aí, ela pega e fala: “Ó os moreninhos da casa!”. Só que, “tipo”, ela não é um monstro por causa disso.

– A expressão “moreninho” quer dizer alguma coisa...

Enunciadora 5: – Que a gente é mais pretinho.

– É algo que não precisa ser necessariamente explicado, porque todo mundo sabe o que significa...

Enunciadora 5: – É, porque é uma coisa impregnada na sociedade, “tipo”, ela sabe, ele sabe, entendeu? Quando você fala: “Nossa, ele é mais escurinho”, você já entendeu que você é mais claro, sabe? Tem aquela coisa que já tá na cabeça das pessoas; não é uma coisa que você fala do nada: “Nossa, vou chamar ele de mais moreno”, entende? É uma coisa que já vem de antes.

(GRUPO B / quarto encontro – temáticas “discriminação/preconceito” e “exclusão social”)

– Vocês acham que quem mora em Paraisópolis, que não por acaso é uma comunidade formada historicamente por nordestinos, sofre algum tipo de preconceito de quem é de fora?

Enunciadora 6: – Sim, porque eles [os moradores de fora da comunidade] ficam com aquela imagem de que todos que moram aqui são assim, ou escutam funk, ou são ladrões. Pensam em uma favela mesmo, violenta. Eles não pensam que se trata de uma comunidade que tá sempre em ascensão, que tá crescendo, que tá se urbanizando, que tem gente com uma pluralidade de gostos, de formas de viver... Não pensam isso. Quando pensam e falam em qualquer tipo de comunidade, já pensam em favela, violência, funk e outras coisas horríveis.

– De que forma você percebe isso no seu dia a dia?

Enunciadora 6: – Eu sinto isso, por exemplo, com amigos de fora que perguntam onde eu moro. Quando eu falo “Paraisópolis”, eles já ficam com uma cara “assim”...

– Você identifica uma reação mais de curiosidade ou uma rejeição, como em relação aos bruxos de sangue impuro, na história do Harry Potter?

Enunciadora 6: – É uma coisa negativa. E são, “tipo”, pessoas que também moram em regiões carentes, tanto quanto Paraisópolis, mas, aqui, por ser conhecido como uma favela, tem esse preconceito, sabe? Pessoas do Campo Limpo, por exemplo, que já foi uma favela e agora não é mais. Essas pessoas têm preconceito com quem é de Paraisópolis!

De acordo com Bakhtin, o signo não é a “coisa real” (referente), mas uma representação, algo que está em seu lugar. E é exatamente no interstício existente entre o real (referente) e a sua representação sónica que reside o ideológico. A formação do sentido, por sua vez, não é prerrogativa de quem fala nem de quem responde. O significado não está nos interlocutores, mas *entre* eles. Por isso, o enunciado não pode ser entendido isoladamente, mas apenas *em relação a*. Ele procede “de alguém” e se

dirige “para alguém”, sendo, portanto um produto da interação entre locutor e ouvinte: “A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra apoia-se sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006, p. 117).

Essa é uma interpretação que rejeita as concepções idealista e psicofisiológica, as quais situam a origem da consciência no próprio indivíduo ou na natureza, deslocando-a para o âmbito das relações sociais, que a determinam completamente:

O idealismo e o psicologismo esquecem que a própria compreensão não pode manifestar-se senão através de um material semiótico (por exemplo, o discurso interior), que o signo se opõe ao signo, que *a própria consciência só pode surgir e se afirmar como realidade mediante a encarnação material em signos*. [...] A consciência só se torna consciência quando se impregna de conteúdo ideológico (semiótico) e, conseqüentemente, somente no processo de interação social (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006, p. 33-34).

A realidade da enunciação estaria, assim, diretamente vinculada ao que o pensador define como “atividade mental do nós”⁸⁸, que se caracteriza como uma espécie de ato coletivo, produto da interação entre interlocutores: “Quanto mais forte, mais bem organizada e diferenciada for a coletividade no interior da qual o indivíduo se orienta, mais distinto e complexo será o seu mundo interior” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006, p. 119). Esta, por sua vez, polariza-se com a “atividade mental do eu”, algo próximo de uma reação fisiológica, situada por Bakhtin no nível mais elementar do pensamento, expresso de forma fortuita ou mecânica, sem qualquer tipo de elaboração, como o grito espontâneo de um animal totalmente ausente de viés ideológico.

Por outro lado, todos os demais níveis de atividade mental apresentariam um grau de enraizamento social:

[...] a enunciação humana mais primitiva, ainda que realizada por um organismo individual, é, do ponto de vista do seu conteúdo, de sua significação, organizada fora do indivíduo pelas condições extra-orgânicas do meio social. A enunciação enquanto tal é um puro produto da interação social, quer se trate de um ato de fala determinado pela situação imediata ou pelo contexto mais amplo que constitui o conjunto das condições de vida de uma determinada comunidade linguística. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2006, p.125-126).

Nas falas dos sujeitos da pesquisa, encontramos diversos vestígios desse centro

⁸⁸ O conceito está relacionado a outros, igualmente desenvolvidos por Bakhtin, como horizonte social – conjunto de conhecimentos e valores construídos e partilhados em sociedade – e auditório social – consciência interiorizada com base no material simbólico criado por cada grupo social.

organizador de todo enunciado, que não lhe é interior, mas exterior, situado no meio social que os envolve. Um dos exemplos mais emblemáticos é a aposta veemente no próprio esforço pessoal, característica do grupo social denominado “batalhadores” (SOUZA, 2012), como forma de avançar nos âmbitos educacional e profissional, superando assim os inúmeros obstáculos impostos pela condição social desfavorável:

(GRUPO A / segundo encontro – temática “relação com a escola”)

– Nos livros do Harry Potter, todo mundo estuda na mesma escola, que se chama Hogwarts. Mas, na vida real, é diferente; existem muitas escolas e não vai todo mundo para o mesmo lugar. Existem, por exemplo, escolas públicas e escolas particulares. Vocês acham que é diferente estudar numa escola pública, em comparação a uma escola particular? Como vocês veem isso?

Enunciadora 2: – *Por um lado, sim, é melhor estudar numa escola particular, porque lá eles têm todo o material necessário pra se usar no dia de uma aula de ciências, por exemplo. Têm os frasquinhos, os telescópios... Já na minha escola, não tem todo o material necessário. Então, por um lado é bom, mas continua dependendo do interesse do aluno. Se, vamos se dizer, o aluno estuda na escola particular, mas é um aluno “super folgado”, que gosta de ficar em casa dormindo, fazendo nada da vida... Pensa assim: “Ah, meu pai tem dinheiro pra pagar a escola, então ele tem dinheiro pra me sustentar no futuro”.*

Enunciador 1: – *A minha visão é que, na particular, como ela disse, todo mundo vê que “eu sou rico e mando aqui”. Só que tem gente... Por exemplo, uma menina aqui do Paraísoópolis, que mora lá pra baixo e vai estudar em Portugal. E outra que vai estudar em Ha...*

– Harvard? Nos Estados Unidos?

Enunciador 1: – *É. A escola mais cara do mundo. Só que, “tipo”, ela não conseguiu a bolsa. Ela vai pagar. Foi uma coisa feita na internet pra conseguir doação de dinheiro.*

Enunciadora 2: – *Ah, já ouvi falar. Eu vi no jornal.*

– Mas vocês acham que esse tipo de oportunidade, de estudar fora do país, por exemplo, é mais comum para quem estuda na escola pública ou na particular?

Enunciador 1: – *Não, até quem tá na escola particular pode ser que não consiga.*

Enunciadora 1: – *É, verdade, eu ia falar isso.*

Enunciador 1: – *“Tipo”, esse povo aí que estuda em particular, pra mim, não se esforça. Passar de ano pra eles é “baba”. Agora, “tipo”, os que são bolsistas, você vê a diferença.*

Enunciadora 1: – *Tem gente que estuda na escola pública e vai pros Estados Unidos, esses lugares. E tem gente que estudou e tudo, e é “filhinho de papai”.*

– Mas você havia comentado que, às vezes, a pessoa chega lá na frente e não sabe ler nem escrever. Você acha que a escola não ensinou direito ou a pessoa não se esforçou?

Enunciadora 1: – *“Tipo”, todas as escolas ensinam a ler e a escrever, só que tem gente que presta atenção e tem gente que não. “Tipo”, tem gente que é mais dedicada e tem uns que é desleixado, não gosta de estudar. Tem uns que “cabula” aula pra não ir pra escola.*

– Então, você acha que depende mais de cada um?

Enunciadora 1: – *É. Depende mais da pessoa do que da escola.*

Enunciadora 2: – *Meu tio começou a ir pra escola com 8 anos de idade e já pulou pra terceira série. Aí, ele se esforçou nos estudos e cresceu. Quando fez 20 anos, começou a fazer uma faculdade. Eu não lembro o que ele fez na faculdade. Mas, aí, depois, começou a trabalhar em uma agência de viagens.*

Ele exportava coisas, começou a viajar e conheceu vários países.

(GRUPO B / terceiro encontro – temática “maioridade”)

– Na primeira reunião nós comentamos que vocês já possuem alguma autonomia em relação ao próprio dinheiro, o que não é comum na adolescência. Vocês acham que essa autonomia precoce tem a ver com o fato de viverem numa comunidade e não terem as mesmas “facilidades” dos adolescentes de classe média?

Enunciadora 4: – Eu acho que sim, porque os nossos pais batalham e a gente quer ajudar, né? Então, a gente tenta arrumar um trabalho pra ajudar nossos pais.

– Essa responsabilidade vem mais cedo se comparado a uma menina de outra condição social que também queira estudar medicina, por exemplo?

Enunciadora 4: – *Eu acho que sim, porque ela tem tudo na mão. Ela vai pensar: “Ah, meus pais ganham dinheiro fácil, então eu não preciso trabalhar agora. Não vou me preocupar com nada agora”.*

[...]

Enunciadora 3: – *Pelo fato de uma menina saber que é rica, ela não pensa tanto nisso, né? [...] Eu tenho uma amiga que tinha um celular dos mais caros. Ela foi numa festa, ficou pulando e o celular dela caiu e quebrou. Aí, a mãe foi lá e comprou um celular novo pra ela, ainda mais caro. Eu penso assim: “Quem tem aquela consciência de que não tem muito dinheiro, valoriza mais o que tem. Se você quebrar aquilo, vai ter que batalhar sozinho pra conseguir de novo”.* [...]

– E isso faz com que você tenha mais consciência e maturidade?

Enunciadora 3: – *É, e valorize o que tem, entendeu?! E batalhe, também. A gente tem esse pensamento de trabalhar e de se esforçar mais. Os filhos de ricos acham que os pais vão tá sempre ali, só que vai ter uma hora que vai ser tarde demais pra eles pensarem, entendeu?*

[...]

– Essa falta de responsabilidade está de alguma forma relacionada à educação?

[...]

Enunciadora 4: – *Sim, acho que sim. Como nós somos da comunidade, nossos pais falam: “Você tem que se tornar uma pessoa melhor que eu, tem que conseguir, tem que trabalhar...”. Então, a gente pensa assim: “Vou trabalhar agora pra começar a pagar a faculdade e ser melhor do que meu pai foi, e pra cuidar dos meus pais”, né?*

Enunciadora 3: – *Eu acho que, em alguma forma, isso parte dos pais, sim. [...] “Tipo”, aqui na comunidade, os pais geralmente ensinam os filhos desde pequenos a valorizar e aproveitar muito o que têm. A maioria dos “riquinhos”, não, “tipo assim”, se quebrou, compra novamente e não tá nem aí.*

Por outro lado, é interessante observar que, à medida que a condição social se mostra mais precária, como no caso da enunciadora 1, a qual, segundo os mediadores locais, encontra-se em situação de desestruturação familiar e maior vulnerabilidade social, o discurso assume contornos diferenciados, mais voltado ao preenchimento das necessidades básicas de sobrevivência:

(GRUPO A / primeiro encontro – temática “dificuldades financeiras”)

Por que é importante guardar dinheiro?

Enunciadora 1: – *Pra viver. Ter dinheiro pra comprar comida, comprar uma*

casa, um carro [...].

– Você espera isso do seu futuro?

Enunciadora 1: – *Espero.*

– Se você pudesse guardar dinheiro para uma coisa apenas, o que viria primeiro?

Enunciadora 1: – *Ah, “tipo”, se tivesse os filhos, aí eu usaria o dinheiro pra comprar berço, essas coisa...* [De acordo com os mediadores locais, apesar de ter apenas 12 anos, a enunciadora 1 já se encarrega de cuidar da irmã menor e dos próprios estudos]

Nossa percepção de existência de um vínculo indissociável entre os falantes e o meio social em que vivem ganha reforço com a perspectiva bakhtiniana de que é no mundo que o ser humano fala e não fora dele. Essa posição natural e inevitável, situada dentro da realidade da enunciação, implica uma consciência participante da existência a que Bakhtin chama de “ato ético”, cujo núcleo é a noção de responsabilidade:

Na filosofia do ato ético, a responsabilidade não é um termo jurídico nem uma obrigação normativa e abstrata relacionada a algum código de conduta, mas uma espécie de impulso que, mediante cada ato concreto, vincula o homem ao mundo, e, acima de tudo, em sua relação com o outro. A responsabilidade é, por sua vez, ontológica e concreta: condiciona o ser-para-outro em cada situação particular, dá medida ao eu-para-mim enquanto dependo do outro, e o outro de mim. Por isso, “não há álibi para a existência” [...]; ser no mundo compromete; viver é uma empreitada perigosa que não exime ninguém dos percalços inerentes à interação com o outro. (BUBNOVA, 2013, p. 12).

Essa concepção de responsabilidade remete ao plano da alteridade, do outro possível, que já trabalhamos no segundo capítulo desta dissertação ao analisarmos o discurso da obra *Harry Potter* enquanto enunciado dirigido a um interlocutor concreto, o leitor adolescente, porém neste caso o que está em questão é o seu caráter fundador, de condição *sine qua non* para a existência do eu. A construção “eu sou” passa, assim, por um ajuste, modificando-se para “eu também sou”, o que implica a constatação primeira do “tu és”; em outra correlação possível, passa-se do célebre aforismo de Descartes, “Penso, logo existo”, para algo como “Porque você existe, eu sou”. O ato ético não se realiza no interior dos sujeitos atuantes, mas na interação entre eles, sendo, portanto, interindividual e, acima de tudo, dialógico:

A concessão inicial da experiência, e de “eu também sou”, não é individualista nem impessoal: é dialógica, dialogada e não coincide consigo mesma. A primeira certeza ontológica real da consciência e da autoconsciência, o “eu também sou”, implica o eu não ser o início nem a fonte de si mesmo. Segundo o comentário de V. Makhlin, dentro da concepção “eu também sou”, eu não me instituo a mim mesmo, mas recupero a experiência de ser criado. A alteridade é constitutiva a respeito do eu, que não é autárquico nem solitário. (BUBNOVA, 2013, p. 12).

Da mesma forma que a discursividade da obra não é fruto do acaso, mas do

movimento de reciprocidade para com o outro (o adolescente contemporâneo, seu interlocutor concreto), em relação ao qual se constitui, as intervenções e interações que presenciamos nos oito encontros realizados com os dois grupos de pesquisados não foram fortuitas nem fruto de abstrações subjetivas, mas resultantes da aceitação da responsabilidade de “ser no mundo” e de “sê-lo juntos” (BUBNOVA, 2013). Imbuídos do paradoxo da ética dialógica, revelaram posições únicas, personalizadas, inalienáveis, porém, acima de tudo, comprometidas com a presença daquele que lhe é exterior, o “outro”, o próprio mundo, perante o qual se modificam e no qual também provocam mudanças:

(GRUPO A / quarto encontro – temática “discriminação/preconceito” / enunciador 1)

Enunciador 1: É, “tipo”, quando você fala assim, que nem ela disse [referindo-se à enunciadora 2], entre uma pessoa que mora no Paraisópolis e outra pessoa que mora... Em outro lugar aí, bairro chique... Morumbi...

– As pessoas fazem um julgamento diferente...

Enunciador 1: – É. Vai interpretar que uma é pobre e a outra é rica.

– Você acha que isso está errado?

Enunciador 1: Acho.

– Por quê?

Enunciador 1: – Porque não devia ter preconceito com isso. Você vai arrumar emprego e, só porque você mora numa favela, você vai ser rejeitado?! Dá vontade de dar um murro na cara...

(GRUPO A / quarto encontro – temática “discriminação/preconceito” / enunciador 2)

– A sua família enfrentou muita dificuldade por ser de outro país? Como foi lidar com essas diferenças?

Enunciador 2: – Só por parte da língua, que é meio diferente, mas não passamos nada.

– Nem em relação a emprego, por exemplo?

Enunciador 2: – Bom, comigo pelo menos não, mas já teve um amigo meu...

– O que aconteceu com ele?

Enunciador 2: – É que ele é negro, e aí não aceitaram ele lá no emprego.

– E o que você acha disso?

Enunciador 2: – É preconceito das pessoas, uma “besteira” não aceitar uma pessoa pela sua cor. “Tipo”, o cara tinha um currículo muito bom, aí veio o outro cara que tinha o currículo horrível e foi aceito só por causa da cor.

– A empresa disse isso ou foi ele que percebeu?

Enunciador 2: – Não disseram nada, mas ele percebeu.

(GRUPO A / quarto encontro – temática “discriminação/preconceito” / enunciadora 1)

– Quem pode explicar o que é “Top 10”?

[...]

Enunciadora 1: – As meninas são, tipo, “famosinhas” no Face, como uma amiga minha...

– São meninas “populares”...

[...]

Enunciadora 1: – *Cada foto que ela coloca, ela ganha mais de duzentas curtidas. Aí, a pessoa pega a menina mais “famosinha” do Facebook e coloca ela no “Top 10”. Agora vão fazer as “top 20 do Taboão”.*

– E elas sofrem preconceito?

Enunciadora 1: – *Sofrem.*

– Por quê?

Enunciadora 1: *Ficam xingando elas de “puta”, falando que elas já “deram” não sei quantas vezes. Que nem minha amiga, falaram que ela já “deu” três vezes.*

– Que idade que ela tem?

Enunciadora 1: – *Ela tem 13. Tava escrito bem assim: “Só tem 13 anos e tá firme”.*

(GRUPO A / quarto encontro – temática “discriminação/preconceito” / enunciadora 2)

Nesse ponto, retomamos a pergunta sobre a existência ou não de discriminação em relação aos moradores da comunidade de Paraisópolis.

Enunciadora 2: – *Vamos supor, se você vai procurar um trabalho, se colocar no seu currículo que mora em Paraisópolis e aparecer alguém que mora no BNH “tal, tal e tal”, vai ser escolhido o do BNH.*

[...]

– O fato de morar aqui te incomoda?

Enunciadora 2: *Não. Isso não me incomoda.*

– E a maneira como outras as pessoas tratam quem mora aqui te incomoda?

Enunciadora 2: – *O jeito que as pessoas tratam, sim, porque, se você não me conhece, não sabe quem eu sou, não sabe nada da minha vida, como é que vai me julgar só porque eu moro na favela?*

– E como isso pode ser modificado?

Enunciadora 2: – *Ah, as pessoas têm que tentar entender melhor umas às outras, né? Antes de julgar, criticar, você tem que conhecer, o que, além do mais, é o certo.*

(GRUPO B / quarto encontro – temáticas “discriminação/preconceito” e “exclusão social” / enunciador 3)

Nesse momento, relembramos o conflito entre bolsistas e não bolsistas relatado pelo enunciador 3 no segundo encontro e questionamos se também se tratava de uma forma de preconceito.

Enunciador 3: – *Eu acho que sim, porque os não bolsistas, os que pagam a mensalidade pra estudar em escola particular, acham que os bolsistas não têm esse direito.*

– Por quê?

Enunciador 3: – *Eu não sei por quê, mas acho que eles não querem admitir que existem pessoas mais inteligentes que eles e que não precisam pagar pra estudar em escola particular.*

– Os bolsistas chegaram a se mobilizar para protestar...

Enunciador 3: – *Sim, pela internet, pelo Twitter...*

– Por que chegou a esse ponto?

Enunciador 3: – *Foi o preconceito mesmo, a discriminação.*

– Você foi vítima direta de preconceito?

Enunciador 3: – *“Assim”, nesse caso não fui só eu, foi todo um grupo, a sala toda. Porque nós, por sermos de Paraisópolis, fomos tachados de “favelados”, de “trombadinhas”.*

– Uma agressão explícita?

Enunciador 3: *Isso. “Tipo”: “Você não tem o direito de tá aqui, seu trombadinha”.*

– Isso partiu de outros estudantes que pagam a mensalidade, como Draco Malfoy [personagem] faz com quem não pertence a uma família de bruxos sangues puros?

Enunciador 3: – *É, mais ou menos. Pessoas que pagam mensalidade e se acham superiores à gente de alguma forma, não sei por quê.*

– E o que houve com o movimento que vocês organizaram?

Enunciador 3: – *Não deu certo porque o próprio sistema do colégio não autorizou. Falaram que se a gente continuasse, a gente podia perder a nossa bolsa.*

(GRUPO B / segundo encontro – temática “meninos X meninas” / enunciador 4)

Enunciador 4: – *Uma coisa que eu pensei agora, que não sei se é verdade... Mas eu imagino que uma coisa que pode ser diferente em relação à classe mais favorecida é que aqui a amizade se torna mais forte pelas pessoas terem uma origem mais parecida e por compartilharem a mesma realidade. E isso cria um elo mais forte.*

– As dificuldades tornam as pessoas mais próximas?

Enunciador 4: – *Isso, exatamente. E lá fora fica mais superficial as emoções.*

– E a questão da violência? Vocês comentaram sobre os “noias”, jovens violentos na escola...

Enunciador 4: *Depende muito de com o que você se envolve...*

[...]

Enunciador 4: – *Aqui elas [as adolescentes de Paraisópolis] têm filhos precocemente, coisa que lá fora eu acredito que não seja tanto assim.*

– Vocês conhecem pessoas que tiveram filhos muito jovens?

Enunciador 4: – Conheço.

[...]

– A que vocês atribuem isso? Falta de informação?

Enunciador 4: – *Isso é uma questão cultural.*

(GRUPO B / primeiro encontro – temática “limites e liberdade” / enunciativa 3)

– É exatamente o que o texto menciona em relação à “cerveja amanteigada” [bebida citada na obra *Harry Potter*]. [...] nas festinhas de adolescentes é muito comum ter bebidas, até em excesso, como a gente vê no noticiário. Vocês costumam frequentar festas como essas?

Enunciadora 3: – *Não. “Assim”, “tipo”, me chamam, sabe, mas eu não gosto muito de ir nessas festas.*

– Por quê?

Enunciadora 3: – *Sei lá, tá “rolando” muita coisa que eu não gosto, que nem essas festas que, “tipo”, tem menor de idade. Se você for aqui no baile funk, vai ver que lá tem até criança de 9 anos bebendo, usando lança-perfume...*

– E isso é muito comum aqui em Paraisópolis?

Enunciadora 3: – Muito comum. Eu acho que, sei lá, os pais são responsáveis, né?

(GRUPO B / segundo encontro segundo encontro – temática “escolha da profissão / enunciativa 4)

Enunciadora 4: – *Eu acho que quem tem que mudar, primeiro, somos nós, porque a educação começa em casa. A gente vai na escola pra aprender o conteúdo e ir além do que a gente tem, né? É isso. E outra coisa é o governo,*

que tem que mudar muito. Parece que eles têm dó de mandar uma coisa boa pras escolas.

– Dó?

Enunciadora 4: – *É. Existe tanto dinheiro e não investem nada na gente, nada.*

– Essa mudança depende do governo... E o que depende dos pais e dos alunos?

Enunciadora 4: – *A minha vizinha, por exemplo, a filha dela não queria ir pra escola. Aí, ela foi e ligou pro Conselho Tutelar vir buscar a criança. E lá ela vai ser mais maltratada ainda!*

[...]

– Qual a idade dela?

Enunciadora 4: – *11 anos. A mãe não quer mais ela e ligou pra levarem a filha embora. O tanto que essa menina apanhou...*

[...]

– E o pai?

[...]

Enunciadora 4: – *Na verdade, o pai dela bota limite, sabe? Só que ele sai cinco horas da manhã pra trabalhar e, às vezes, dorme no trabalho. Agora, ela já largou a escola de vez.*

(GRUPO B / quarto encontro – temáticas “discriminação/preconceito” e “exclusão social” / enunciadora 5)

Nesse momento, a enunciadora 5 fez uma revelação surpreendente, que, conforme indica a videogravação, chamou a atenção de todos...

Enunciadora 5: – *Eu já escondi...*

– Escondeu que mora em Paraisópolis? Por quê?

Enunciadora 5: – *Porque eu queria passar na seleção pra fazer um curso, só que lá eles só pegavam as pessoas mais... Não podia morar em regiões mais carentes.*

– Eles deixaram isso claro?

Enunciadora 5: – *Não, “tipo”, eles deixaram as pistas, porque lá era tudo de mais “top”, então...*

– Em que bairro esse curso era oferecido?

Enunciadora 5: – *No Bom Retiro.*

– E você conseguiu?

Enunciadora 5: – *Não.*

– Mesmo escondendo que morava em Paraisópolis?

Enunciadora 5: – *Eu coloquei que era do Morumbi, só que eu acho que não acreditaram, né?*

(GRUPO B / quarto encontro – considerações finais / enunciadora 6)

Enunciadora 6: – *Eu também não tinha parado pra fazer essa analogia entre o mundo Harry Potter e a realidade. De fato, nossa, tem muito a ver, e o que me chamou mais atenção na história foi retratar, sabe, a vida, o cotidiano de bruxos, mas não falar deles como bichos feios, narigudos, maus... Tanto que quando me chamam de bruxa, eu acho que é um elogio. Acho que foi uma “sacada” bem inteligente isso; fazer esses encontros pra mostrar que existe essa relação.*

– É um olhar, né, mas pode haver outros...

Enunciadora 6: – *Eu acho que as outras pessoas que leram e não têm essa nossa realidade, pessoas de classe média, não veem isso, não fazem essa analogia. Não sei por quê, mas acho que não fazem. Também acho que acontece o mesmo com as outras sagas, Jogos Vorazes, por exemplo, que tem um fundo político fortíssimo, mas eles [os leitores e espectadores de classe média] não enxergam isso; veem só como mais uma “febre adolescente”.*

– E você acha que essa falta de reflexão está relacionada ao fato de serem jovens de classe média, ou seja, tem a ver com a condição social?

Enunciadora 6: – *Eu acho que sim.*

– E o papel da escola? Não estimula o desenvolvimento desse tipo de reflexão?

Enunciadora 6: – *Estimula, mas eles não levam aquilo a sério; levam mais como uma coisa curricular. Isso também acontece aqui, com alguns também; fazem os trabalhos por ser pedido na escola e porque vale nota.*

Sem álibi para o seu existir, coube aos sujeitos da pesquisa adentrar o caminho da participação responsável e “compartilhar a experiência do ser”, concretizando um ato ético que se fez emergir por meio de múltiplos “atos-pensamentos” e “atos-enunciados” (BAKHTIN, 2011).

De dentro da minha consciência participante da existência, o mundo é o objeto do ato, do ato-pensamento, do ato-sentimento, do ato-palavra, do ato-ação; seu centro de gravidade situa-se no futuro, no desejado, no devido e não no dado autossuficiente do objeto, em sua presença, em seu presente, em sua integridade, em sua já-exequibilidade. Minha relação com os objetos do meu horizonte nunca é concluída, mas sugerida, pois o acontecimento da existência é aberto em seu todo. (BAKHTIN, 2011, p. 89).

Prosseguiremos com a análise dessa “consciência atuante”, que é, antes de tudo, uma produtora de significados, por meio do exemplo da enunciadora 2.

3.2. A fala interior e exterior de uma participante real da existência e da arte

Arte e vida não são a mesma coisa, mas devem tornar-se algo similar em mim, na unidade da minha responsabilidade. (BAKHTIN, 2011, p. XXXIV).

Das postulações bakhtinianas sobre a criação artística, particularmente no âmbito verbal, podemos depreender que a arte é a vida recriada de modo estético, mas nada do que está na arte está fora da vida. A singularidade dessa relação (internamente exterior) entre arte e vida é melhor compreendida quando consideramos o conceito de exotopia, utilizado por Bakhtin para explicar a relação entre autor e herói (já delineada no segundo capítulo desta dissertação), que trata basicamente do distanciamento necessário para a criação:

Em linhas gerais, ela consiste em dizer que uma vida encontra um sentido, e com isso se torna um ingrediente possível da construção estética, somente se é vista do exterior, como um todo; ela deve estar completamente englobada no horizonte de alguma outra pessoa; e, para a personagem, essa alguma outra pessoa é, claro, o autor. (TODOROV, 2011, p. XIX).

Pretendemos utilizar os aspectos pertinentes à relação entre autor e herói como base para uma possível compreensão da fala da enunciadora 2, coletada por meio da

realização de entrevista em profundidade (registrada nesta dissertação no item dedicado à descrição do trabalho de campo), que em nosso entender aproxima-se da personagem-título, Harry Potter, ao introduzi-la em sua vida cotidiana (como espectadora diária dos filmes) e dar-lhe um destino diferente (ao escrever suas próprias histórias ou sugerir modificar o final de um dos livros/filmes) com um tipo de “manipulação”, na visão de Bakhtin (2011, p. 86-87), própria do criador:

O corpo exterior do homem é dado, suas fronteiras exteriores e seu mundo são dados (na concretude extraestética da vida), são um elemento indispensável e insuperável da concretude da existência, daí que necessitam, conseqüentemente, de recepção estética, de recriação, elaboração e justificação; é o que se faz por todos os meios de que a arte dispõe: cores, linhas, volumes, palavras, sons.

Essa proposição é possível, porque, de acordo com Bakhtin (2011), em uma obra de arte verbal, a personagem e seu mundo são construídos por meio de elementos “transgredientes”, isto é, pertencentes ao mundo exterior, precisamente o lugar em que a enunciativa 2 se situa:

Se examinamos o mundo material de uma obra de arte, constatamos facilmente que sua unidade e sua estrutura não são a unidade e a estrutura do horizonte da personagem, que o próprio princípio de sua estruturação e de seu ordenamento é transgrediente à consciência real e possível da própria personagem. [...] Todos os objetos representados na obra têm e devem ter, indubitavelmente, uma relação essencial com a personagem [...]; entretanto, essa relação, em seu princípio estético, não é dada de dentro da consciência vital da personagem. (BAKHTIN, 2011, p. 89-90).

Na sua relação com a vida, a enunciativa 2 aparenta assumir a mesma posição do autor como participante do acontecimento artístico, posicionando-se na fronteira do mundo que ele cria – “A obra de criação verbal é criada de fora de cada personagem, e, quando a lemos, é de fora e não de dentro que devemos seguir as personagens (BAKHTIN, 2011, p. 87) –, ou seja, fora dele, e busca na aproximação com a obra ficcional, por meio da sua inserção na rotina diária, uma experiência de acabamento da vida que somente nela é possível:

Enunciadora 2: – [...] Quando eu assisti um dos filmes do Harry Potter pela primeira vez, o segundo, achei bem legal e comecei a assistir os outros. Eu fui me identificando com os filmes, interpretando mais, entendendo, achando legal, e fui tomando aquilo como... Ai, sei lá, como se aquilo tivesse que fazer parte da minha vida. Como se, se eu não assistisse os filmes, eu me sentisse mal, vazia, sem ter o que fazer. Então, sempre que eu posso, eu tô assistindo os filmes.

De fato, em sua fala, a enunciativa 2 deixa transparecer uma determinação em encontrar o “enfoque essencial” à vida, o que corresponde ao objetivo do artista criador,

segundo Bakhtin (2011, p. 176-177):

Com isso o artista e a arte criam, em linhas gerais, uma visão absolutamente nova do mundo, uma imagem do mundo, a realidade da carne mortal do mundo que não é conhecida de nenhum dos outros ativismos criativo-culturais. [...] A atividade estética reúne no sentido o mundo difuso e o condensa em uma imagem acabada e autossuficiente, encontra para o transitório no mundo (para o seu aí presente, o passado e a sua existência presente), o equivalente emocional que o vivifica e protege, encontra a posição axiológica a partir da qual esse transitório ganha peso axiológico de acontecimento, significação e determinidade estável.

É sintomático que a primeira lembrança de vida da enunciadora 2 seja justamente a visita de um fotógrafo ao “beco” onde morava, propiciando, por meio do olhar exterior da fotografia sobre o seu mundo uma experiência de acabamento profundamente desejada e expressa por meio de uma euforia incontrollável:

– Qual é a lembrança mais antiga que você tem na memória?

Enunciadora 2: – *De um fotógrafo. Acho que eu tinha uns 5 anos. Um fotógrafo foi na minha casa e começou a tirar fotos. Lembro que ele tinha o cabelo bem “black power”, usava um óculos quadrado e tinha uma câmera super grande. Como eu morava num beco [em Paraisópolis], a gente era tudo amigo; tinha várias crianças lá. Ele queria tirar fotos de pessoas; acho que elas pagavam [a enunciadora 2 não sabe precisar por que o fotógrafo foi até o local]. Aí, eu chamei todo mundo do meu beco pra tirar fotos. Fui batendo nas portas e falando: “Vamos lá na minha casa!”, como uma “doidinha”. Eles diziam: “Menina, você tá doida, tirando fotos a essa fora da manhã!”. Acho que era umas 11 horas. Eu tinha várias trancinhas no cabelo que pedia pra minha avó fazer. Eu fazia trancinhas na minha outra irmã também; amarrava dois “cocoziños” na cabeça e ela gostava. A gente variava os penteados, mas só eu gostava de fazer trancinhas.*

Posteriormente, quanto mais a enunciadora 2 se aproxima da obra ficcional, maior a sua sensação de um “acabamento salvador”:

Enunciadora 2: – *Sim. Eu não conseguia parar, e a cada vez ia assistindo mais e mais. “Tipo”, eu deixava de fazer coisas pra poder assistir os filmes. E, “assim”, quando tô falando do Harry, não me canso, não enjoa, não quero dar uma pausa; eu quero ficar ali fazendo aquilo, porque é uma coisa estimulante pra mim, muito interessante.*

A enunciadora 2 assume, assim, um “ativismo distanciado e fora de sentido” (BAKHTIN, 2011), que, tal como ocorre com o artista, resulta de uma busca por “aquilo que por princípio ele não vê em si mesmo ao permanecer em si mesmo e vivenciar seriamente a sua vida” (BAKHTIN, 2011):

Enunciadora 2: – *Nunca me cansei do Harry. Tem vezes que eu até ligo o jornal pra ver alguma notícia dele [a enunciadora 2 se referiu ao ator que interpretou a personagem no cinema]. Tem um programa na Rede TV, TV Fama, que eu assisto só pra ver se tem alguma notícia sobre ele.*

– Você procura informações em blogs internacionais?

Enunciadora 2: – *Procuro. Eu sigo ele no Face, no Twitter; procuro ter o máximo contato possível com ele.*

Não é obra do acaso que a enunciadora 2 tenha começado a assistir aos filmes da série *Harry Potter* diariamente no mesmo período em que experimentou uma forte sensação de vazio de sentido na sua vida, que a levou a se tornar alheia ao contexto escolar e a perder o ano letivo correspondente ao quinto ano do Ensino Fundamental:

– Você chegou a repetir alguma série?

Enunciadora 2: *Repeti a quinta série [a enunciadora 2 informou estar no sétimo ano atualmente].*

– Por quê?

Enunciadora 2: – *Porque eu não fazia nada. Ficava só desenhando nas aulas. Pra não dizer que eu era péssima, eu tinha nota alta só na aula de artes.*

– Você estava desmotivada em razão de algum acontecimento? Sentia tristeza, tédio?

Enunciadora 2: – *Eu não gostava da escola. Achava que não deveria fazer nada, porque assim eu poderia voltar pra vida normal. Achava que a escola não ia fazer diferença, então eu não respeitava ninguém. Não queria saber nem dos meus colegas... Eu não tinha amigos.*

– E o que te dava a certeza de que estar na escola não ia fazer diferença?

Enunciadora 2: – *Não sei... Eu achava que eu sempre... Eu sempre me senti diferente, nunca me senti igual. “Tipo”, nunca me senti comum a ninguém, nunca vi coisas comuns com outra pessoa.*

Ao se perceber tão “fora” da vida, cresceu a necessidade de reinventá-la, criá-la ou, pelo menos, de enxergá-la de um modo estético, daí a aproximação com a obra ficcional e o protagonismo desse acontecimento artístico, que divide com a personagem:

– Isso só ocorre com relação à obra *Harry Potter* e não com outras obras, até mais atuais, como *Jogos Vorazes*, *Ladrão de Raios*?

Enunciadora 2: – *São filmes legais, mas nenhum deles faz tanto sentido pra mim quanto Harry Potter.*

– É a história da vida de um menino e, mesmo assim, faz tanto sentido para você?

Enunciadora 2: – *“Tipo”, cada um tem seu super-herói, não é? Então, é como se o Harry fosse o meu...*

– Só o Harry e nenhum dos outros personagens da obra?

Enunciadora 2: – *Só o Harry Potter.*

– Você o vê como um herói ou como um menino comum?

Enunciadora 2: – *Vejo ele como um herói que faz as coisas assim, sem querer, mas tá sempre tentando ajudar as pessoas.*

– Ele é um aprendiz e não sabe manipular seus poderes ainda...

Enunciadora 2: – *É isso que eu acho o mais legal nele. Ele tá aprendendo, e conforme ele vai se tornando um bruxo... É como se fosse o desenvolvimento dele. E é uma coisa que eu acho muito interessante. Não sei explicar bem. É como se me faltasse alguma coisa e ele complementasse.*

De fato, de acordo com Bakhtin (2011, p. 175), na relação autor-personagem existe uma espécie de equivalência, em que ambos são indispensáveis à consumação do

“acontecimento da obra”:

A estética específica não deve, evidentemente, separar-se do desígnio artístico basilar, da relação criativa essencial do autor com a personagem, relação que determina por si mesma o desígnio artístico em toda a sua essencialidade. [...] Tudo isso define a obra de arte não como objeto de um conhecimento puramente teórico, desprovido de significação de acontecimento, de peso axiológico, mas como acontecimento artístico vivo – momento significativo de um acontecimento único e singular do existir; e é precisamente como tal que ele deve ser entendido e conhecido nos próprios princípios de sua vida axiológica, em seus participantes vivos, e não previamente amortecido e reduzido a uma nua presença empírica do todo verbalizado (o que é acontecimento e tem significado não é a relação do autor com o material, mas com a personagem).

Em determinada fala, a enunciadora 2 parece captar toda essa vivacidade e plasticidade inerentes a um contexto estético ativo e atribui sua identificação com a personagem-título da obra *Harry Potter* à sua falibilidade, ou seja, não à “lei da forma”, mas à “lei do conteúdo”, a qual faz que a criação não se dê apenas por meio de elementos puramente estéticos, como também por elementos da “realidade extraestética” (BAKHTIN, 2011) – Harry Potter estaria mais próximo do adolescente comum que do “herói imbatível” –, exatamente o que torna a personagem “viva” e possível:

– Você acha que o Dumbledore [personagem, mentor e protetor de Harry Potter] não deveria ter morrido?

Enunciadora 2: – *Acho que não, porque, “tipo”, é o Dumbledore, né, o bruxo dos bruxos! Eu também acho muito legal como eles criaram o professor Snape [personagem antagonista, que, apenas no final da trama, revela-se protetor de Harry Potter], porque ele nunca se reconcilia com o Harry. Achei muito legal isso de ele sempre tá “pegando no pé” do Harry, odiando o Harry. Todo mundo sempre adorava o Harry e, se o Snape também fosse outro chato que gostasse dele, não ia ter tanto impacto. Então, eu gostei muito disso.*

– Você não acha que ele atacava o Harry desnecessariamente?

Enunciadora 2: – *Então, eu gostava muito disso. “Tipo”, eu amo o Harry, mas também é legal que, às vezes... Porque se o Harry fosse o “ban-ban-ban”, “tipo”, “eu sempre sou amado por todos, ninguém me julga, ninguém me odeia”, não ia ter tanta graça. O Snape dá esse gostinho do desprezo pro Harry, e eu acho isso muito interessante.*

– Você acha que o Harry, embora seja um herói, de alguma forma também é uma pessoa comum?

Enunciadora 2: – *Sim, ele passa tudo o que a gente passa. Se ele fosse todo “poderoso”, não ia ter tanta graça.*

– É por isso que você se identifica tanto com a obra?

Enunciadora 2: – *Eu adorei como a autora conduziu o Snape contra ele. Achei que deu o gosto do filme, deu aquela pitada do desprezo, e eu gamei. Quanto mais pesado ele pegava, mais feliz eu ficava, porque, aí, eu ficava com raiva dele e feliz com o Harry, e isso era muito legal pra mim.*

Essa “realidade” que o ato artístico não pode deixar de considerar é apontada

por Bakhtin (2011, p. 184) como condição obrigatória para o êxito da obra – “exigimos do autor verossimilhança axiológica, ponderabilidade de valor-acontecimento das suas imagens, uma realidade de acontecimento (um movimento possível não em termos físicos, mas em termos de acontecimento)” –, sem o que toda criação não passaria de uma invenção e jamais convenceria.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma vez relativizado pelas próprias limitações teóricas e práticas da pesquisa realizada, acreditamos que o processo de compreensão das relações possíveis entre a discursividade em *Harry Potter* e os leitores/espectadores habitantes de Paraisópolis tenha encontrado aqui uma forma de legitimação. Trata-se de uma contribuição que de forma alguma abarca a totalidade de um processo cultural que, em nosso entender, suscita diversas questões teóricas, metodológicas e empíricas pertinentes em boa medida ao campo da comunicação.

Em um primeiro momento, reconstituímos a chegada de *Harry Potter* ao Brasil, tanto em termos temporais quanto espaciais, o que pôde ser feito com o auxílio das postulações de estudiosos das novas formas de comunicação na contemporaneidade, assim como pelo levantamento de dados primários e secundários coletados com fontes dos mercados editoriais brasileiro e internacional, incluindo os estudos pertinentes aos campos da História da Leitura e da Sociologia da Leitura. Nosso levantamento confirmou o processo de difusão da obra *Harry Potter* na sociedade atual como um fato complexo, caracterizado pela convergência de canais e pela circulação de conteúdos por diferentes sistemas midiáticos (JENKINS, 2008). Em âmbito local, deparou-se com realidades específicas, como as condições deficitárias tanto socioeconômicas (SOUZA, 2003; 2012) quanto de leitura no Brasil, o que não impediu a adesão maciça a um discurso estabelecido em escala planetária e a geração de uma polissemia de sentidos a qual nos dedicamos a desvendar. A primeira parte dessa “missão” foi a leitura praticamente devocional das mais de 3.000 páginas em que se distribuem os sete volumes da obra *Harry Potter* (edição nacional), tarefa cumprida de forma ininterrupta entre os meses de abril e agosto de 2013, da qual resultou a seleção de elementos discursivos (*corpus*) que fundamentaram o trabalho de campo. Por meio do material identificado, constatamos a possibilidade de avanço em uma direção diferente daquela de estudos que buscam as correlações entre *Harry Potter* e a estrutura narrativa dos contos de fadas ou das histórias maravilhosas, permitindo-nos discutir a sua organização enquanto discurso que reflete e refrata a realidade de seu interlocutor concreto, o leitor adolescente contemporâneo, e é permanentemente atravessado pelas concepções de mundo desse interlocutor/produtor de sentidos.

A ida a Paraisópolis e a efetiva entrada no universo da comunidade, espaço de estudo do nosso objeto empírico, por sua vez, demandou de nossa parte o desenvolvimento de um conjunto de procedimentos metodológicos para coleta e seleção de evidências empíricas em campo e estratégias de envolvimento coletivo que, acreditamos, poderão servir de inspiração para propostas investigativas que contemplem intervenção de pesquisadores *outsiders* em meios sociais específicos. Em que pese a evidente similaridade e até a repetição de alguns pontos de vista, o que, segundo Gaskell (2002), é comum em se tratando das contribuições de entrevistados pertencentes a um mesmo grupo social, as impressões e observações externadas pelos pesquisados arrebatou-nos de tal forma, que decidimos reproduzi-las na íntegra, com as devidas edições, mas sem perder de vista a sua condição essencial de material produtivo autônomo e passível de múltiplas abordagens além daqueles aqui desenvolvidas.

A pesquisa constatou que a presença de *Harry Potter* em Paraisópolis confirma o estabelecimento de relações locais de conexão com redes globais de comunicação, entretenimento e consumo, entendido como forma de participação social. Ao mesmo tempo, observamos que essa apropriação se dá por meio de um processo ambivalente (CANCLINI, 2009), que, se por um lado, permite a adesão a formas hegemônicas de comunicação e cultura, como é o caso do contato com a obra *Harry Potter*; por outro, reproduz modos de exclusão evidenciados no contexto periférico, entre os quais estão as inúmeras situações de dificuldades e estigmatização relatadas e o quadro de maior vulnerabilidade social identificado no perfil da enunciativa 1. O material coletado apontou para um predomínio dessas ambivalências na constituição de todos os perfis pesquisados, que se evidenciam por movimentos de reprodução, revisão e rejeição de conteúdos externos, assim como divisões internas e contradições intrínsecas observadas na construção de cada individualidade, haja vista o exemplo das leitoras evangélicas que, não obstante, tornaram-se fãs de uma obra literária condenada por movimentos pentecostais mundo afora.

Ainda no tocante ao necessário entendimento dos mecanismos por meio dos quais a cultura mundializada e a sua discursividade operam em âmbito local, prestou especial contribuição a compreensão que Stuart Hall (2006) tem do consumo cultural como um “evento comunicativo” e do produto cultural enquanto “narrativa” ou “discurso”, que para fazer sentido deve necessariamente ser transformado (traduzido ou

decodificado) por uma determinada audiência, conforme as três possibilidades de interpretação identificadas pelo teórico. É com base em Hall (2006) que a recepção cultural pode ser entendida como espaço de luta por significação e prática produtora de sentido.

Por estarmos lidando com um objeto pertencente também ao contexto literário, buscamos o apoio de autores da Estética da Recepção, que colocam a figura do leitor como componente imprescindível tanto do ponto de vista estético quanto da função social da obra com a qual se relaciona:

[...] a estética da recepção apresenta-se como uma teoria em que a investigação muda de foco: do texto enquanto estrutura imutável, ele passa para o leitor, o “Terceiro Estado”, conforme Jauss o designa, seguidamente marginalizado, porém não menos importante, já que é condição da vitalidade da literatura enquanto instituição social. (ZILBERMAN, 2009, p. 10-11).

A necessidade de compreensão dos mecanismos por meio dos quais o leitor efetivamente “concretiza” o potencial latente de uma obra literária também nos fez recorrer a Certeau (1994), cujas postulações também defendem a autonomia do consumo enquanto instância produtora de sentido ao entender a leitura como “uma ‘arte’ que não é passividade”:

Se, portanto, “o livro é um efeito, (uma construção) do leitor”, deve-se considerar a operação deste último como uma espécie de *lectio*, produção própria do “leitor”. Este não toma nem o lugar do autor nem um lugar de autor. Inventar nos textos outra coisa que não aquilo que era a “intenção” deles. [...] Combina os seus fragmentos e cria algo não sabido no espaço organizado por sua capacidade de permitir uma pluralidade indefinida de significações. (CERTEAU, 1994, p. 264-265).

Apesar da disposição evidente da maioria dos leitores/espectadores pesquisados, a pluralidade de significações com as quais trabalhamos não nos foi entregue “de graça”. Esse conteúdo surgiu de forma progressiva ao longo dos encontros, à medida que um sentimento de confiança mútua e, sobretudo, a disposição de “ouvir” do pesquisador confirmou sua prevalência, abrindo espaço para o descortinamento de apropriações diferenciadas e novos significados dados pelos consumidores a um produto transcultural que, afinal, mostrou-se assimilável e, sobretudo, próprio daqueles que o absorveram. As produções originais dos dez sujeitos acabaram por constituir um dispositivo discursivo em relação ao qual as postulações de Bakhtin (2011) se mostraram elucidativas, a exemplo da análise empreendida sobre a discursividade da obra. O quadro teórico construído ao longo da pesquisa permitiu-nos situar os

leitores/espectadores de Paraisópolis em um patamar para além da condição de receptores/produtores de um determinado conteúdo, como enunciadores desde um lugar que lhes é próprio e do qual a obra passou a fazer parte.

Constatamos que todos os sujeitos da pesquisa estavam convencidos pela “vida que fala” na obra *Harry Potter* e assumiram a posição eticamente responsável de torná-la parte do acontecimento único e singular do seu existir, sem se eximir, em nenhum momento, da sua condição de moradores da comunidade de Paraisópolis e do lugar sócio-histórico que ocupam. Essa posição foi igualmente ocupada pela enunciativa 2, que, não obstante, acrescentou outra possibilidade de compreensão ao assumir uma relação estética com a vida e atuar como “espectadora-autora” da obra, contemplando-a com um ativismo criador que lhe permite vivenciar de dentro de si a vida imaginária do herói. Ela evidenciou, assim, aquele que para Bakhtin é o elo indispensável e fundador de toda e qualquer cadeia dialógica: a alteridade, expressa na interação com o outro, cuja concretização confere sentido à existência do eu e sem a qual nada se pode realizar:

Por trás dos elementos transgredientes da forma artística e do acabamento devemos sentir vivamente a consciência humana possível à qual esses elementos são transgredientes, a qual eles acarinham e concluem; além da nossa consciência criadora ou cocriadora, devemos sentir vivamente outra consciência, para a qual se volta o nosso ativismo criador como precisamente para o outro; sentir isso significa sentir a forma, seu poder salvador, seu peso axiológico – a beleza. (BAKHTIN, 2011, p. 184-185).

Aparentemente moldado por uma série de elos precedentes, teóricos e práticos, este estudo somente se revelou real e possível, como aposta Bakhtin (2011) em relação a todo enunciado vivo, por meio de seus elos subsequentes aqui descortinados, as “falas” dos sujeitos da pesquisa. Não nos eximimos de assumir a autoria responsável pela investigação e seus achados, mas fizemos questão de manter essas atitudes responsivas presentes e em lugar de destaque, conferindo ao trabalho do pesquisador uma dimensão que nenhuma análise centrada meramente em torno de suas premissas jamais poderia alcançar. Se arriscássemos sintetizar a “reviravolta dialógica” que testemunhamos em um único “ato-enunciado”, este estaria assim a nos dizer: “Eu *sou* porque a obra *Harry Potter* é, mas não apenas a obra em si, como também a consciência outra a que ela remete por meio da sua discursividade, na qual eu me reconheço e encontro o meu lugar no mundo”.

Cumprido todo este trajeto, entendemos que o mesmo processo de pesquisa

responsável por nos fazer levar em consideração e conferir espaço aos sujeitos da pesquisa e suas falas, inserindo-as no próprio corpo da dissertação e usurpando assim um lugar tradicionalmente ocupado apenas pelo saber científico constituído acerca de seus objetos, também trouxe à tona dados relevantes que, sem dúvida, merecem ser aprofundados. Um exemplo são as assimetrias indicativas da prevalência de um capital complexo de apropriação e construção de sentido, o qual não resulta apenas da reprodução automática das condições socioeconômicas, como também, e sobretudo, do contato com uma "gramática cultural" proveniente em grande parte do universo dos meios de comunicação, em que se incluem a obra *Harry Potter* e outros conteúdos citados em abundância pelos sujeitos da pesquisa, sugerindo um caminho fértil de análise em novos estudos.

Nosso envolvimento ainda recente com a investigação realizada em campo não possibilitou o distanciamento necessário e o tempo hábil para o cumprimento dessa tarefa, mas, à luz do percurso realizado, acreditamos que o termo “olhar metodológico” teve neste trabalho o seu sentido ampliado, especialmente no que diz respeito à nossa formação na prática da pesquisa. A exemplo do que propõe Lopes (2005), pudemos constatar que a perspectiva metodológica não se restringiu à escolha de teorias e métodos com base em possíveis vantagens e desvantagens para a elucidação do problema e dos objetivos da pesquisa, mas em um paradigma que norteou todo o nosso fazer investigativo, permitindo estruturá-lo de uma forma visivelmente didática, por vezes repetitiva, porém sem atropelar operações descritivas em favor das interpretativas e vice-versa. Quase sempre as escolhas não são feitas em uma zona de conforto e transitam entre os benefícios de seguir determinados caminhos e os prejuízos de abandonar outros. Nesse sentido, nossa maior ousadia talvez tenha sido não omitir a profusão de evidências coletadas pela observação empírica, que dificilmente poderiam ser abarcadas por um único recorte analítico; este, pela mesma razão, precisou ser aqui registrado “desde dentro”, passo a passo, com o maior número possível de detalhamentos e justificativas, e em alguns momentos também flexibilizado, em especial ao analisarmos a obra *Harry Potter* como criação artística que extrapola os limites da plataforma livro. O resultado é uma tentativa de tratamento dos dados que, esperamos, possa servir de apoio para a ação de pesquisadores que vão a campo em outros estudos de recepção, porém na sua condição de construção única e jamais de receituário pronto a ser seguido.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Ronaldo de; D'ANDREA, Tiaraju. Pobreza e redes sociais em uma favela paulistana. *Novos Estudos*, São Paulo, Cebrap, n. 68, p. 94-106, 2004.
- AMORIM, Galeno (org.). *Retratos da Leitura no Brasil*. São Paulo: Imprensa Oficial / Instituto Pró-Livro, 2008.
- ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008
- ANELLI, Melissa. *Harry e seus fãs*. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.
- APPADURAI, Arjun. Disjunção e diferenças na economia cultural global. In: FEATHERSTONE, Mike (org.). *Cultura global: nacionalismo, globalização e modernidade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994, p. 311-327.
- BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética (a teoria do romance)*. 3. ed. São Paulo: Hucitec/Editora da UNESP, 1993.
- _____. *Estética da Criação Verbal*. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.
- _____. (VOLOCHÍNOV, V.N.). *Marxismo e filosofia da linguagem*. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.
- BAUMAN, Zygmunt. Modernidade e ambivalência. In: FEATHERSTONE, Mike (org.). *Cultura global: nacionalismo, globalização e modernidade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.
- _____. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2001.
- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- BORELLI, Silvia H. S. Harry Potter: campo literário e mercado, livro e matrizes culturais. 2006. 227 f. Tese (Livre-docência) – PUC/SP, São Paulo, 2006.
- BOSI, Ecléa. *Cultura de massa e cultura popular: Leituras de operárias*. Petrópolis: Vozes, 1973.
- BOURDIEU, Pierre. O campo científico. In: ORTIZ, Renato (org.). *Pierre Bourdieu: Sociologia*. São Paulo: Editora Ática, 1983, p. 122-155.
- _____. “What makes a social class? On the theoretical and practical existence of

groups". *Berkeley Journal of Sociology*. Berkeley, CA: University of California Press, n. 32, 1987, p. 1-49.

_____. Compreender". In: BOURDIEU, P. (coord). *A miséria do mundo*. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012, p. 693-713.

_____. *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007, p. 155-182.

BOURDIEU, Pierre et al. *Ofício de sociólogo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

_____. *A miséria do mundo*. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

BOURDIEU, Pierre e PASSERON, Jean-Claude. *A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.). *Pesquisa participante*. São Paulo: Brasiliense, 2001.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues e BORGES, Maristela Correa. A pesquisa participante: um momento da educação popular. *Rev. Ed. Popular, Uberlândia*, v. 6, jan./dez. 2007, p.51-62.

BUBNOVA, Tatiana. El principio ético como fundamento del dialogismo en Mijaíl Bajtín. Tradução de Maria Inês Batista Campos, Nathália Rodighero Salinas Polachini. *Conexão Letras*, Porto Alegre, v. 8, n. 9, p. 9-18, 2013.

CANCLINI, Néstor García. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da Modernidade*. São Paulo: Edusp, 1998.

_____. *Diferentes, desiguais e desconectados: Mapas da interculturalidade*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

CERTEAU, M. de. *A invenção do cotidiano – Artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. (Trad. Maria Manuela Galhardo) *A História Cultural - entre práticas e representações*. Lisboa: DIFEL, 1990.

_____. Do código ao monitor: a trajetória do escrito. *Estudos avançados*, São Paulo, v. 8, n.21, p. 185-199, mai./ago. 1994.

_____. (org.). *Práticas da leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

CHARTIER, Roger e ROCHE, Daniel. O livro: uma mudança de perspectiva. In: LE GOFF, Jacques e NORA, Pierre. *História: Novos objetos*. 4. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

COGO, Denise. *Identidade local*. In: Enciclopédia INTERCOM de Comunicação. São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2010.

COLASANTI, Marina. “No mundo da magia se come rosbife”. Disponível em: <<http://www.leiabrasil.org.br/old/leiaecomente/rosbife.htm>>. Acesso em 2 jul. 2013.

COSTA, Cynthia. “Harry Potter na escola”. Revista *Educar para Crescer*, São Paulo, 2011. Disponível em: <<http://educarparacrescer.abril.com.br/leitura/harry-potter-escola-485213.shtml>>. Acesso em 3 jul. 2013.

COUTINHO, Luciana Gageiro. A adolescência na contemporaneidade: ideal cultural ou sintoma social. *Pulsional – Revista de Psicanálise*, São Paulo, ano XVII, n. 181, p. 13-19, mar. 2005.

CUNHA, Juliana. “Para gostar de ler” (entrevista com José Mindlin). *Folha de S. Paulo, Folhateen*, São Paulo, 2009. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/folhatee/fm2303200912.htm>>. Acesso em 3 de jul. 2013.

DARNTON, Robert. “O que é a história do livro?” revisitado. *ArtCultura*, Uberlândia, v.10, n. 16, p. 167, jan./jun. 2011.

FARACO, Carlos Alberto. Aspectos do pensamento estético de Bakhtin e seus pares. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 46, n. 1, p. 21-26, jan./mar. 2011.

FERNANDES, F. Padrões de dominação externa na América Latina. In: BARSOTTI, Paulo; PERICÁS, Bernardo. *América Latina: história, ideias e revolução*. 2. ed. São Paulo: Xamã, 1999.

FREITAG, Bárbara. *Teorias da cidade*. Campinas, SP: Papirus, 2006.

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS (org.). *A importância da participação comunitária na questão da educação e da pobreza*. São Paulo: Departamento de Pesquisas Educacionais, 1995.

GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. In: M. W. Bauer e G. Gaskell (eds.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, p. 64-89.

GIDDENS, Anthony. *As Consequências da Modernidade*. 2. ed. São Paulo: UNESP, 1991.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

_____. Codificação/Decodificação. In: HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

HARVEY, David. *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. São Paulo: Loyola, 1993.

HORELLOU-LAFARGE, Chantal; SEGRÉ, Monique. *Sociologia da Leitura*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2010.

IANNI, Octavio. “Globalização: novo paradigma das Ciências Sociais”. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 8, n. 21, 1994.

JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. São Paulo: Ática, 1994.

JENKINS, Henry. *Cultura da convergência: a colisão entre os velhos e novos meios de comunicação*. São Paulo: Aleph, 2008.

LÉVY, Pierre. *A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço*. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2007.

LINDOSO, Felipe. Educação – Lição de Casa. *Desafios do Desenvolvimento* (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – Ipea), Brasília, n. 6, ano 2, jan. 2005.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. *Pesquisa em comunicação*. 8. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

_____. “Reflexividade e relacionismo como questões epistemológicas na pesquisa empírica em Comunicação”. In: BRAGA, J.L.; LOPES, M.I.V.; MARTIBO, L.C. (orgs). *Pesquisa empírica em comunicação*. São Paulo: Paulus, 2010, p. 27-49.

MAINGUENEAU, Dominique. A análise do discurso e suas fronteiras. *Matraga*, Rio de Janeiro, v.14, n.20, jan./jun. 2007, p.13-p.37.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Pistas para entre-ver meios e mediações. In: MARTÍN-BARBERO, J. *Dos meios às mediações – Comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2003.

MORGAN, D. *Focus group as qualitative research*. Qualitative Research Methods Series. London: Sage Publications, 1997.

NOVAES COELHO, Nelly. O fenômeno Harry Potter e o nosso tempo em mutação. Disponível em: <<http://www.linguagemviva.com.br/potter206.html>>. Acesso em 4 abr. 2014.

ORLANDI, E. P. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes, 2010.

PAIXÃO, Fernando (coord.). *Momentos do livro no Brasil*. São Paulo: Ática, 1995.

PEREIRA RÊGO, Zíla Letícia Goullart. Resumo do 8º encontro: Sociologia da Leitura. Disponível em: <<http://encontroscomateoria.blogspot.com.br/2013/07/resumo-do-8-encontro-sociologia-da.html>>. Acesso em 23 mar. 2014.

POUPART, Jean et al. *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*. Petrópolis, RJ: Vozes, partes II e III, 2008, p. 127-352.

REIMÃO, Sandra. *Mercado editorial brasileiro 1960-1990*. São Paulo: Com-Arte / Fapesp, 1996.

_____. “Tendências do mercado de livros no Brasil – um panorama e os *best-sellers* de ficção nacional (2000-2009)”. Revista *MATRIZES*, São Paulo, Ano 5, nº 1, jul./dez. 2011.

RICH, Motoko. Potter has limited effect on reading habits. *The New York Times*. Disponível em: <<http://www.nytimes.com/2007/07/11/books/11potter.html?pagewanted=all&r=0>> Acesso em 3 jul. 2013.

ROMANCINI, Richard. Apropriações de Paulo Coelho por Usuários de uma Biblioteca Pública: leitura “popular”, leitura popularizada. 2002. 208 f. Dissertação – ECA/USP, São Paulo, 2002.

ROWLING, J.K. *Harry Potter e a Pedra Filosofal*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000a.

_____. *Harry Potter e a Câmara Secreta*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000b.

_____. *Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000c.

_____. *Harry Potter e o Cálice de Fogo*. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

_____. *Harry Potter e a Ordem da Fênix*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

_____. *Harry Potter e o Enigma do Príncipe*. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.

_____. *Harry Potter e as Relíquias da Morte*. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

SOUZA, Geraldo Tadeu. *Introdução à Teoria do Enunciado Concreto do círculo Bakhtin/Volochínov/Medvedev*. 2. ed. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP, 2002.

SOUZA, Jessé. *A construção social da subcidadania. Para uma sociologia política da modernidade periférica*. Belo Horizonte – Rio de Janeiro: Ed. UFMG e Iuperj, 2003.

_____. *Os batalhadores brasileiros: nova classe média ou nova classe trabalhadora?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

THIOLLENT, Michel. *Crítica metodológica, investigação social e enquete operária*. São Paulo: Polis, 1980.

THOMPSON, John B. *Mercadores de Cultura*. São Paulo: UNESP, 2013.

TODOROV, T. Prefácio. In: BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 6. ed. São Paulo, WMF Martins Fontes, 2011, p. XIII-XXXII.

WALLERSTEIN, Immanuel. *Capitalismo histórico e civilização capitalista*. Rio de Janeiro, Contraponto Editora, 2001.

WEBER, Max. *Ensaio de Sociologia*. Rio de Janeiro: LTC, 1982.

ZILBERMAN, Regina. *Estética da recepção e história da literatura*. São Paulo: Ática, 2009.

Sites

Disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2011/12/em-sp-paraisopolis-ainda-sofre-com-problemas-de-infraestrutura.html>>. Acesso em 1 jul. 2013.

Disponível em: <<http://mediaroom.scholastic.com/harrypotter>>. Acesso em 1 jul. 2013.

Disponível em:

<http://www.fnlij.org.br/principal.asp?cod_mat=32&cod_menu=2004>. Acesso em 2 jul. 2013.

Disponível em: <http://www.jkrowling.com/pt_BR/#/sobre-jk-rowling>. Acesso em 2 jul. 2013.

Disponível em: <<http://www.leiabrasil.org.br/old/leiaecomente/rosbife.htm>>. Acesso

em 2 jul. 2013.

Disponível em: < <http://www.cultura.gov.br/valecultura>>. Acesso em 3 nov. 2013.

Disponível em: <http://www.rocco.com.br/HarryPotter/harry_liawyer.htm>. Acesso em 21 jan. 2014.

Disponível em: <<http://conteudo.potterish.com/o-mundo-magico-de-harry-potter/>>. Acesso em 3 mar. 2014.

Disponível em: <<http://ebooksgratis.com.br/informacao-e-cultura/curiosidades/os-10-livros-mais-vendidos-do-mundo-nos-ultimos-50-anos-qual-voce-ja-leu/#ixzz1vVtRc5FD>>. Acesso em 29 mar. 2014.

Disponível em: < <http://paraisopolis.org/multientidades-de-paraisopolis/paraisopolis/>>. Acesso em 30 mar. 2014.

Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/sinapse/ult1063u190.shtml>>. Acesso em 2 abr. 2014.

Disponível em: <<http://potterish.com/sobre-o-potterish/>>. Acesso em 4 abr. 2014.

Disponível em: <<http://ibooksbr.wordpress.com/page/2/>>. Acesso em 6 abr. 2014.

Disponível em: <<http://www.stuckonthem.com/2012/07/batalha-de-capas-harry-potter.html>>. Acesso em 6 abr. 2014.

Disponível em: <<http://www.luis.blog.br/o-salario-minimo-no-brasil-eua-franca-e-outros-paises-do-mundo.aspx>>. Acesso em 16 abr. 2014.

Disponível em: < <http://cabineliteraria.com.br/todas-as-capas-de-harry-potter-pelo-mundo> >. Acesso em 20 jul. 2014.

Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/celebridades/mais-da-metade-dos-latino-americanos-nao-tem-o-habito-de-ler>>. Acesso em 20 Jul. 2014.

Disponível em: <<http://www.suapesquisa.com/ecologiasaude/adolescencia.htm>>. Acesso em 25 abr. 2015.

Disponível em: <<http://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2013-08-25/bienal-abre-possibilidade-de-elevar-indice-de-leitura-dos-brasileiros-avalia-presidenta-do-snel>>. Acesso em 11 jun. 2015.

Disponível em:

<http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_mulher_principios_diretrizes.pdf>. Acesso em 10 jul. 2015.

Disponível em: < <http://7a12.ibge.gov.br/vamos-conhecer-o-brasil/nosso-povo/caracteristicas-da-populacao>>. Acesso em 10 jul. 2015.

ANEXOS

ANEXO I

Os livros mais vendidos nos últimos 50 anos. Da esquerda para a direita: *Bíblia Cristã*, *Citações de Mao Tsé-Tung*, *Saga Harry Potter*, *Saga O Senhor dos Anéis*, *O Alquimista*, *O Código Da Vinci*, *Saga Crepúsculo*, *E o Vento Levou*, *Pense e Enriqueça*, *O Diário de Anne Frank*. Disponível em: <<http://ebooksgratis.com.br/informacao-e-cultura/curiosidades/os-10-livros-mais-vendidos-do-mundo-nos-ultimos-50-anos-qual-voce-ja-leu/#ixzz1vVtRc5FD>>. Acesso em 29 mar. 2014.

ANEXO II

Capas de edições internacionais e nacionais.

Edições internacionais. Disponível em:

<<http://www.stuckonthem.com/2012/07/batalha-de-capas-harry-potter.html>>.

Acesso em 6 abr. 2014.

Edição brasileira. Disponível em:

<<http://ibooksbr.wordpress.com/page/2/>>. Acesso em 6 abr. 2014.

ANEXO III

Capas de edições voltadas para o público adulto. Disponível em: <
<http://cabineliteraria.com.br/todas-as-capas-de-harry-potter-pelo-mundo>>. Acesso em 20 jul. 2014.

Edição alemã

Edição britânica

ANEXO IV

Pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*. (AMORIM, 2008, p. 60-61).

ANEXO V

Flyer de evento sobre Harry Potter.

Sala Temática Harry Potter

Magia Além dos Nossos Sonhos no Anime Party 2014!

- Atividades, Jogos, e Surpresas Mágicas
- Produtos Artesanais para sua Coleção (loja)
- Dedos de Mel (Cerveja Amanteigada e Sapos de Chocolate)
- Exposição de Artigos Oficiais e Colecionáveis
- Aulas do Mundo Mágico com Sorteios.

Patrocínio de sala:

Varinha

DIAS 15 E 16 DE MARÇO
COLÉGIO SANTA AMÁLIA
AVENIDA JABAQUARA, 1673

SÃO PAULO - AO LADO DO METRÔ SAÚDE

HORÁRIO: DAS 11:00 ÀS 19:00

INGRESSOS: R\$ 15,00 - NA PORTA R\$ 20,00

ANEXO VI

Levantamento de leitores espontâneos da obra *Hary Potter*, moradores de Paraisópolis, feito entre outubro de 2013 e fevereiro de 2014, que resultou em amostra inicial de 30 nomes.

ESTAÇÃO DO CONHECIMENTO EINSTEIN – ECE

Estela Princesa de Sousa	19/08/2002 (11 anos)
Thais dos Santos Oliveira	12/10/2003 (10 anos)
Crislaine Araujo dos Santos	09/06/1999 (15 anos)
Rebecka Santos Silva	16/04/2000 (14 anos)
Lauriete Correia Santos	28/08/2000 (13 anos)
Danilo (Projeto Educação Cidadã)	05/05/1999 (15 anos)
Kaique (Projeto Educação Cidadã)	21/07/2000 (14 anos)
Cleiton (Projeto Educação Cidadã)	21/02/2001 (13 anos)
Joane (Projeto Educação Cidadã)	20/07/2002 (12 anos)
Rafael (Projeto Educação Cidadã)	24/02/2002 (12 anos)
Kailane (Projeto Educação Cidadã)	27/06/2002 (12 anos)
Luan (Projeto Educação Cidadã)	29/07/2001 (13 anos)
Luigi (Projeto Educação Cidadã)	10/04/2003 (11 anos)
Ana Paula (Projeto Educação Cidadã)	19/06/1998 (16 anos)

ESPAÇO ESPORTIVO BM&FBOVESPA

Elionai Sacramento de Oliveira	12 anos
Pablo Portela da Silva	10 anos
Leticia Fernandes Alves	13 anos
Bruna Zambelli	16 anos
Davi Douglas de Lima Moreira	10 anos
Amanda Freire Silva	12 anos
Jefersom Francisco dos Reis	14 anos
Marco Antonio Vela Colcca	11 anos
José Carlos Moraes Cordeiro	13 anos
Cristiane de Araujo Pereira	13 anos

BIBLIOTECA COMUNITÁRIA DE PARAISÓPOLIS – BECEI

Renata da Silva Satiro	18 anos
Diego Sousa de Moura	18 anos
Nicolle Proença	16 anos
Christopher Galvão	16 anos
Elaine Oliveira Cruz	17 anos
Paulo Feitoza da Silva	17 anos

ANEXO VII

Textos coletados pelos mediadores locais.

Texto escrito por leitor espontâneo identificado com mediação da Estação do Conhecimento Einstein (ECE):

Livro: Harry Potter: A pedra filosofal
É um livro que tem por qual a função achar o objeto que está sendo alvo na história, ele luta com um homem para conseguir o principal alvo da história a pedra que não será fácil pois ele enfrentará vários inimigos e barreiras para obter o objetivo. Fora isso eu achei muito interessante pois mostra que quem quer obter coisas, tem que lutar, vencer barreiras até conseguir pois a sempre a esperança!

Texto escrito por leitor espontâneo identificado com mediação do Espaço Esportivo e Cultural BM&FBOVESPA:

Eu gostei muito de ler Harry Potter
foi tipo eu estar no dia das Bruxas
com magia e mistério muito mais
do que ler mas gostei no livro e no
filme foi as maiores que ele fez.

Textos encaminhados por email por leitores espontâneos identificados com mediação da Biblioteca Comunitária de Paraisópolis (BCEI):**Para:** marcopolorh@usp.br**Enviadas:** Quinta-feira, 29 de Maio de 2014 19:16:44**Assunto:** Re: Pesquisa sobre Harry Potter

Sou leitora desta série de livros desde os 6 anos, quando pequena tinha dificuldades de me relacionar com as demais crianças, o mundo mágico de Harry Potter era a minha escapatória até os 11 anos ficava esperançosa pensando que me a minha carta chegaria, ler esses livros mudou a minha vida o meu primeiro e melhor amigo que conheci aos 13 anos também é tão fã quanto eu e o Cabral deve ter lido passado o e-mail dele. Esses livros mudaram a vida de muitas pessoas pelo mundo, inclusive dois personagens dos livros mudaram diretamente a vida de duas pessoas, no primeiro livro a Natalie MacDonald que é uma estudante do primeiro ano escolhia pelo chapéu seletor para casa Grifinória foi uma menina na vida real que tinha leucemia e pediu a J.K lido dizer o que aconteceria no próximo livro como ela morreu antes da resposta a autora lido tornou uma personagem que entra na casa dos corajosos, quase chorei, e existem outras histórias lindas que só justificam o meu amor pela saga.

Para: marcopolorh@usp.br**Enviadas:** Sábado, 31 de Maio de 2014 17:53:33**Assunto:** Re: Pesquisa sobre Harry Potter

Minha experiencia ao ler Harry Potter ♥

Comecei a ler os livros da saga Harry Potter muito depois de virar um sucesso mundial. Nunca fui muito fã de leitura, e nem de Harry Potter, na verdade. Apenas assistia aos filmes, sem conhecimento de serem adaptações de livros. E foi por meio de uma amiga, aos 11 anos, que era (e continua sendo!) louca e fanática por Harry Potter, que eu comecei a me interessar pela saga. O primeiro livro que li foi o terceiro, "Harry e o Prisioneiro de Azkaban", e fico feliz em dizer que foi a partir daí que adquiri gosto pela leitura. Logo em seguida "devorei" os outros seis livros, e foi uma experiência incrível e inesquecível. Li e reli varias vezes e fico impressionado, até hoje, com a qualidade dos livros da saga. Eu considero Harry Potter - assim como "O senhor dos Anéis" - pioneiro numa área que gera um forte impacto social, sobretudo nos jovens, pois aborda temas ficcionais e explora um universo completamente novo que só existia, até então, nos nossos sonhos. Além de uma narrativa empolgante e cativante, J.K. Rowling conseguiu criar personagens com os quais os leitores conseguem estabelecerem laços e se identificarem. Deixando claro que, em minha opinião, J.K. Rowling é a melhor escritora da nossa geração. Harry Potter marcou positivamente a minha infância e começo de adolescência. A expectativa para o lançamento de cada novo livro, para cada novo filme, a escolha do elenco (que, diga-se de passagem, não poderia ter sido melhor), enfim tudo era aguardado com imenso prazer. A saga com um todo é algo que eu vou levar para sempre comigo. 😊

ANEXO VIII

Modelo utilizado para elaboração do questionário. Fonte: ROMANCINI, Richard. Apropriações de Paulo Coelho por Usuários de uma Biblioteca Pública: leitura “popular”, leitura popularizada. 2002. Dissertação – ECA/USP, São Paulo, 2002.

ANEXO 4: FORMULÁRIO SOBRE O NÍVEL SÓCIO-ECONÔMICO DO LEITOR E SEU CONSUMO CULTURAL

Parte I: Nível sócio-econômico

1. Sua moradia atual é:

☐ própria ☐ alugada ☐ cedida ☐ outro, qual? _____

2. A moradia possui quantos cômodos

☐ um ☐ dois ☐ três ☐ mais de três

3. A renda familiar é próxima de:

☐ de 1 a 3 SM ☐ de 3 a 5 SM ☐ de 5 a 10SM ☐ mais de 10SM

4. A família possui:

- ☐ Televisão – quantas? ____
- ☐ Assinatura de TV a cabo
- ☐ Rádio – quantos? ____
- ☐ Computador – quantos? ____
- ☐ Acesso à Internet – quantos? ____
- ☐ Geladeira – quantas? ____
- ☐ Freezer – quantos? ____
- ☐ Fogão – quantos? ____
- ☐ Microondas – quantos? ____
- ☐ Assinatura de jornais ou revistas – quais e quantos? _____
- ☐ Livros – (cerca de) quantos? ____

Parte II: Consumo cultural

A) Meios eletrônicos

1. Televisão

- 1.1. Assiste televisão cerca de quantas horas por dia? Em que momento e como (sozinho, com a família, etc.)? É você que escolhe a programação?
- 1.2. Quais os programas preferidos?
- 1.3. Se possui TV a cabo, quais canais você assiste mais, por quê?

2. Rádio / Música

- 2.1. Costuma ouvir rádio quantas horas por dia? Em que momento? É você que escolhe a programação?
- 2.2. Quais as emissoras/programas preferidos?
- 2.3. Você ouve música também por outros meios (CD, fitas-cassete, etc.)? Quais e com que frequência?
- 2.4. Você compra CDs fitas? Em que quantidade e frequência?
- 2.5. Tem preferência por algum artista ou gênero musical? Qual e por quê?

3. Cinema

- 3.1. Costuma ir ao cinema? () Sim () Não. Se sim, com que frequência: () uma vez por semana () mais de uma vez por semana () uma vez por mês () mais de uma vez por mês () quase nunca
- 3.2. Vai ao cinema em: () bairro () centro () shopping-center () outro
- 3.3. Tem preferência por que tipo de filme?
- 3.4. Algum marcou-o particularmente?

4. Vídeo

- 4.1. Costuma ir a assistir programas em vídeo (filmes e outros)? () Sim () Não. Se sim, com que frequência: () uma vez por semana () mais de uma vez por semana () uma vez por mês () mais de uma vez por mês () quase nunca
- 4.2. Tem preferência por que tipo de programação (filme ou outro)?
- 4.3. Algum marcou-o particularmente?

5. Internet

- 5.1. Você costuma acessar a Internet? () Sim () Não. Se sim, com que frequência: () uma vez por semana () mais de uma vez por semana () uma vez por mês () mais de uma vez por mês () quase nunca
- 5.2. Como passou a ter interesse nesta tecnologia? E o que utiliza (pesquisa, correio eletrônico, outro uso)?
- 5.3. Como aprendeu a utilizá-la?
- 5.4. Tem preferência por que algum site?
- 5.5. Algum marcou-o particularmente?
- 5.6. Conhece o site de Paulo Coelho? O que pensa dele?

B) Impressos

6. Jornais

- 6.1. Você costuma ler jornais? () Sim () Não. Se sim, com que frequência: () uma vez por semana () mais de uma vez por semana () uma vez por mês () mais de uma vez por mês () quase nunca
- 6.2. Qual(is) jornal(is)? Qual(is) parte(s) você lê?
- 6.3. Tem preferência por algum jornal? Qual e por quê?
- 6.4. Quando você começou a ler jornais?
- 6.5. Como tem acesso a jornais (compra, assinatura, empréstimo, etc.)?
- 6.6. Em que momento (dia, noite, determinado horário, etc.) e com que motivação os lê?

7. Revistas

- 7.1. Você costuma ler revistas? () Sim () Não. Se sim, com que frequência: () uma vez por semana () mais de uma vez por semana () uma vez por mês () mais de uma vez por mês () quase nunca
- 7.2. Qual(is) revista(s)? Qual(is) parte(s) você lê?
- 7.3. Tem preferência por alguma revista? Qual e por quê?
- 7.4. Quando você começou a ler revistas?
- 7.5. Como tem acesso a revistas (compra, assinatura, empréstimo, etc.)?
- 7.6. Em que momento (dia, noite, determinado horário, etc.) e com que motivação as lê?

8. Livros

- 8.1. Você costuma ler livros? () Sim () Não. Se sim, com que frequência: () uma vez por semana () mais de uma vez por semana () uma vez por mês () mais de uma vez por mês () quase nunca
- 8.2. Quando você começou a ler livros?
- 8.3. Como tem acesso a livros (compra, empréstimo, biblioteca, etc.)? Se você compra livros, em que local faz isso?
- 8.4. Geralmente escolhe o que vai ler como (autor, assunto, obrigatoriedade escolar, etc.)?
- 8.5. Você lê mais: ficção, poesia ou não-ficção?
- 8.6. Desde quando frequenta bibliotecas? Com que frequência: () uma vez por semana () mais de uma vez por semana () uma vez por mês () mais de uma vez por mês () quase nunca
- 8.7. Acredita que tem uma fluência/entendimento bom do que lê? Em caso de deficiência como procura supri-la?
- 8.8. Além do empréstimo de livros utiliza outro serviço da biblioteca? Qual?
- 8.9. A leitura para você envolve que tipo de motivação (prazer, estudo, etc.)?
- 8.10. Em que momento (dia, noite, determinado horário, etc.) você geralmente lê livros?
- 8.11. Conversa sobre ele com outras pessoas? Quem e em que circunstância?
- 8.12. Qual o papel da leitura de livros em sua família? Possuem livros? De que tipo?
- 8.13. Qual a relação da escola na leitura de livros para você?
- 8.14. Tem preferência por algum autor ou assunto? Qual e por quê?

9. Outro(s)

- 9.1. Você costuma ler outro tipo de material? () Sim () Não. Se sim qual? _____ E com que frequência: () uma vez por semana () mais de uma vez por semana () uma vez por mês () mais de uma vez por mês () quase nunca
- 9.2. Qual a importância desse outro material? Com tem acesso a ele?

10. Uso da escrita

- 10.1. Você costuma escrever? () Sim () Não. Se sim o quê? _____. E com que frequência: () uma vez por semana () mais de uma vez por semana () uma vez por mês () mais de uma vez por mês () quase nunca
- 10.2. Considera ter facilidade para escrever? Em caso de dificuldade como procura aprimorar esta habilidade?
- 10.3. Qual a importância dessa atividade? Como iniciou-a?

C) Outros**11. Shopping-center**

- 11.1. Costuma ir a shopping-centers? () Sim () Não. Se sim, com que frequência: () uma vez por semana () mais de uma vez por semana () uma vez por mês () mais de uma vez por mês () quase nunca
- 11.2. O que você faz neste espaço?

12. Teatro

- 12.1. Costuma ir ao teatro? () Sim () Não. Se sim, com que frequência: () uma vez por semana () mais de uma vez por semana () uma vez por mês () mais de uma vez por mês () quase nunca
- 12.2. Tem preferência por algum tipo?
- 12.3. Algum marcou-o particularmente?

13. Espetáculos/shows (musicais, dança, etc.)

- 13.1. Costuma ir a espetáculos/shows? () Sim () Não. Se sim, com que frequência: () uma vez por semana () mais de uma vez por semana () uma vez por mês () mais de uma vez por mês () quase nunca
- 13.2. Tem preferência por que tipo de espetáculo?
- 13.3. Algum marcou-o particularmente?

14. Viagens

- 14.1. Costuma ir viajar? () Sim () Não. Se sim, com que frequência: () uma vez por semana () mais de uma vez por semana () uma vez por mês () mais de uma vez por mês () quase nunca
- 14.2. Tem preferência por que tipo de viagem?
- 14.3. Alguma marcou-o particularmente?

D) Família / Amigos**15. Família**

- 15.1. Dentre as atividade acima listadas, quais são feitas envolvendo mais a maioria dos membros de sua família?
- 15.2 Além das atividade referidas que outros circunstância podem envolvem o convível familiar e a fruição de bens culturais?

16. Amigos

- 16.1. Dentre as atividade acima listadas, quais costumam envolver seus amigos?
- 16.2 Além das atividade referidas que outros circunstância podem envolvem o convível com seus amigos e a fruição de bens culturais?

17. Estabeleça uma hierarquia entre o que você mais faz (em termos de tempo), dentre as atividades abaixo:

- () Assiste televisão
- () Assiste vídeo
- () Ouve música
- () Vai ao cinema
- () Utiliza a Internet
- () Lê jornais e/ou revistas
- () Lê livros
- () Passeia com a família/amigos
- () Escreve
- () Vai ao teatro ou a outros espetáculos

18. Se você "pudesse" quais das atividades acima seriam feitas com mais frequência que a atual? O que envolve não poder fazê-las atualmente?

ANEXO IX

Produções do enunciador 1.

Eu gostei muito de ler Harry Potter
foi tipo eu estar no dia das Bruxas
com magia e mistério muito mais
e que eu mais gostei no livro e no
filme foi os magiões que ele fez.

Eu gostei muito da primeira aula lemos um
trecho da história vimos que o Rony não
tinha dinheiro para comprar material e os
irmão dele usava livros que ele já tinha
usado

De que forma a obra Harry Potter ajuda você a refletir sobre
discriminação e igualdade entre as pessoas?

TIPO RONY WESLEY ELE É POBRE
E OS OUTROS FICA SI NO BANDO

EU GOSTEI MUITO NA 2
aula arristamos um TREXO
do filme E LEMOS TAMBEI
UM POUCO DO LIVRO

As meninas e os meninos de Piranópolis são
parecidos com as meninas e os meninos da
história de Henry Potter ou diferentes? Por que?

Não São Parecidos porque ~~se~~

Av. Prof. Luiz Maria Rodrigues, 443 - sala 702
Tel.: (51) 3081.4907 - e-mail: jpp@unipar.br

ANEXO X

Questionário respondido pelo enunciador 1.

Nome: Antônio do Silva
 Data de nascimento: 16/02/2003

PARTE I: ATIVIDADES DE LEITURA E ESCRITA

1. O primeiro contato com a obra *Harry Potter* foi por meio de:
 () livro () filme ☒ game () outro suporte, qual? _____

2. Qual sua idade quando teve contato com a obra pela primeira vez?
8 anos

3. Liste (um a um) os itens da obra *Harry Potter* que conhece e como teve acesso a eles (compra, empréstimo de biblioteca ou de amigo, presente de familiar ou amigo etc.):
 - Livro: *Prólogo* (livro)
 - Filme: *1º/2º/3º/4º/5º/6º/7º*
 - Jogos: *Prólogo* / *Prólogo* / *Prólogo* / *Prólogo* / *Prólogo* / *Prólogo* / *Prólogo*
 - Jogos: *Prólogo* / *Prólogo* / *Prólogo* / *Prólogo* / *Prólogo* / *Prólogo* / *Prólogo*
 * *Acima: biblioteca / jogos / games (na internet?)*

4. Atualmente, que atividades pratica em relação à obra *Harry Potter*?
As vezes, lê o 2º e 3º livro

5. Você costuma ler outros livros? ☒ Sim () Não. Se sim, indique a frequência () uma vez por semana ☒ mais de uma vez por semana () uma vez por mês () mais de uma vez por mês () quase nunca
6-2 vez x semana

6. Quando você começou a ler livros?
8 anos

7. Você considera importante ler? O que a leitura pode proporcionar?
Sim -> Se não souber ler, não dá para ler nada, então a leitura é importante para quem quer aprender a ler e escrever.

8. Que livro recomendaria a um colega?
Todos os Harry Potter p/ conhecer a história e os personagens

9. Como tem acesso a livros (compra, biblioteca, amigos etc.)? Se você compra livros, indique o local.

→ Retina na biblioteca da escola

→ ganho de uma conta de mãe que trabalha em livraria

10. Fora a bibliografia escolar, que tipo de leitura você procura por sua conta para lazer ou pesquisa? Liste suas preferências por autor ou assunto:

→ física / história e quadrinhos

→ livros de fantasia

→ Samba do Arco

11. Além de Harry Potter, que outros heróis conheceu por meio dos livros?

→ Super-heróis (mas não nenhum que não seja de herói)

12. Acredita que tem fluência/entendimento bom do que lê? Em caso de deficiência, como procura supri-la?

→ limitada

→ volta se perde ao ler (marca com o dedo as páginas)

13. Como é a leitura de livros em sua família? Possuem livros? De que tipo?

→ Pais não leem / não tem livros (filho lê)

14. Você costuma ler outro tipo de material impresso além de livros? ☒ Sim () Não. Se sim, qual? leitura sobre drogas

Indique a frequência ☒ uma vez por semana () mais de uma vez por semana () uma vez por mês () mais de uma vez por mês () quase nunca Como tem acesso (compra, assinatura, em local específico etc.)?

15. Você costuma escrever? ☒ Sim () Não. Se sim, o

qual? cartão postal Indique a frequência () uma vez por semana () mais de uma vez por semana () uma vez por mês () mais de uma vez por mês () quase nunca

16. Considera ter facilidade para escrever? Em caso de dificuldade, como procura aprimorar essa habilidade?

→ Sim. Só sinto dificuldade para ler.

PARTE II: PERFIL DO LEITOR

1. Há quanto tempo reside na comunidade de Paraisópolis?

11 anos E sua família? 20 anos / começou a morar em 1978

2. Sua moradia atual é:

() própria ☒ alugada () cedida () outro, qual? _____

3. A moradia possui quantos cômodos

() um () dois () três () mais de três 5 cômodos + 2 divisórias

4. A renda familiar é próxima de:

() de 1 a 3 SM¹ () de 3 a 5 SM () de 5 a 10 SM () mais de 10 SM

cerca de 1000 / pai depende do material / dependo da empreitada

5. A família possui:

☒ Carro – quantos? 1

() Plano de saúde não

☒ Computador – quantos? 2

☒ Acesso à Internet

☒ Geladeira – quantas? 1

☒ Freezer – quantos? 1

☒ Fogão – quantos? 1

☒ Micro-ondas – quantos? 1

☒ Televisão – quantas? 2

☒ Rádio – quantos? 3

() Assinatura de jornais ou revistas – quais e quantos?

não

☒ Livros – quantos? (cerca de) 90

☒ Assinatura de TV a cabo Não

6. A escola que frequenta é:

☒ pública () particular, neste caso indique se é bolsista () Sim () Não. Em que série você está ou parou de estudar (indique o nome da instituição escolar)?

5ª série

7. Qual o grau de escolaridade dos seus pais?

pai 6ª série / mãe 4ª série

8. Tem acesso à TV? ☒ Sim () Não Cinema ☒ Sim () Não Programas em vídeo

(filmes e outros) ☒ Sim () Não. Internet ☒ Sim () Não Teatro ☒ Sim () Não

Espectáculos/shows? ☒ Sim () Não. Shopping-centers ☒ Sim () Não Viagens ☒ Sim () Não

Sim () Não

¹ SM = salário mínimo

→ Doentes, apenas um show
 Hora do Aventura

9. Em relação às atividades acima, liste sua programação favorita:

- viagens
 - no shopping (hot cone) → jogos
 - no parque
 - festas
 - parques / festas
 - compras (1) → 23 / 24 / 25 / 26 / 27 / 28 / 29 / 30 / 31 / 32 / 33 / 34 / 35 / 36 / 37 / 38 / 39 / 40 / 41 / 42 / 43 / 44 / 45 / 46 / 47 / 48 / 49 / 50 / 51 / 52 / 53 / 54 / 55 / 56 / 57 / 58 / 59 / 60 / 61 / 62 / 63 / 64 / 65 / 66 / 67 / 68 / 69 / 70 / 71 / 72 / 73 / 74 / 75 / 76 / 77 / 78 / 79 / 80 / 81 / 82 / 83 / 84 / 85 / 86 / 87 / 88 / 89 / 90 / 91 / 92 / 93 / 94 / 95 / 96 / 97 / 98 / 99 / 100

Assistir
 no TV:

10. Qual é o principal uso que faz da Internet (pesquisa, correio eletrônico, redes sociais, música, YouTube, outro uso)?

1º YouTube games (vídeos de videogame)
 2º Cyber space → jogo
 3º Italo da → rede social

11. Há alguma atividade que não pode fazer ou gostaria de fazer com mais frequência? O que impede?

→ Pulga de tung jump → não pode em razão
 da idade

Quer ganhar:

→ play station vita
 → 1 phan 5c
 - ps4 → play station 4
 - X-box 1 → video-game
 - computador do Apple
 - notebook Apple

ANEXO XI

Produções do enunciador 2.

Para: marcopolorh@usp.br

Enviadas: Terça-feira, 24 de Junho de 2014 12:16:45

Assunto: Re: Pesquisa sobre Harry Potter

Foi uma coisa muito legal, uma experiência ótima quando Harry Potter mata Valdemort, e saber que nos livros de Harry Potter tem muita magia e imaginação, é muito emocionante, parabéns a autora.

ANEXO XII

Questionário respondido pelo enunciador 2.

Data de nascimento: 21/03/2001

PARTE I: ATIVIDADES DE LEITURA E ESCRITA

1. O primeiro contato com a obra *Harry Potter* foi por meio de:
☒ livro () filme () game () outro suporte, qual? _____

2. Qual sua idade quando teve contato com a obra pela primeira vez?
 Eu tinha 9 anos

3. Liste (um a um) os itens da obra *Harry Potter* que conhece e como teve acesso a eles (compra, empréstimo de biblioteca ou de amigo, presente de familiar ou amigo etc.):
 Livro (mãe me deu)
 Livro (mãe me deu)
 Filme (mãe me deu)
 Filme (mãe me deu)

4. Atualmente, que atividades pratica em relação à obra *Harry Potter*?
 Eu quero ler o novo livro de Harry Potter

5. Você costuma ler outros livros? ☒ Sim () Não. Se sim, indique a frequência () uma vez por semana () mais de uma vez por semana () uma vez por mês ☒ mais de uma vez por mês () quase nunca

6. Quando você começou a ler livros?
 Quando eu era pequena já costumava ler

7. Você considera importante ler? O que a leitura pode proporcionar?
 Sim, conhecimento

8. Que livro recomendaria a um colega?

Harry Potter

9. Como tem acesso a livros (compra, biblioteca, amigos etc.)? Se você compra livros, indique o local.

Compra e Biblioteca. No shopping especificamente na SARAIVA

10. Além da bibliografia escolar, que tipo de leitura você procura por sua conta para lazer ou pesquisa? Liste suas preferências por autor ou assunto:

Leitura: Ação, Guerra, Fantasia, Aventura

11. Além de Harry Potter, que outros heróis conheceu por meio dos livros?

Percy Jackson, Indiana Jones (como personagem e seu diário)

12. Acredita que tem fluência/entendimento bom do que lê? Em caso de deficiência, como procura supri-la?

Sim. Ao longo tem palavras que não entende e eu pesquiso - por isso descobri que não entendo a história

13. Como é a leitura de livros em sua família? Possuem livros? De que tipo?

Não, não tenho muitos livros de leitura, mas agora estou começando a ler um pouco de literatura.

14. Você costuma ler outro tipo de material impresso além de livros? ☒ Sim () Não. Se sim, qual? Revistas

Indique a frequência ☒ uma vez por semana () mais de uma vez por semana () uma vez por mês () mais de uma vez por mês () quase nunca Como tem acesso (compra, assinatura, em local específico

etc.)? Não, os livros são por favor

15. Você costuma escrever? ☒ Sim () Não. Se sim, o

quê? Quando leio com atenção eu vou escrever. Indique a frequência ☒ uma vez por semana () mais de uma vez por semana () uma vez por mês () mais de uma vez por mês () quase nunca

16. Considera ter facilidade para escrever? Em caso de dificuldade, como procura aprimorar essa habilidade?

100

PARTE II: PERFIL DO LEITOR

1. Há quanto tempo reside na comunidade de Paraisópolis?

4 anos E sua
família? 4 anos também

2. Sua moradia atual é:

☒ própria () alugada () cedida () outro, qual? _____

3. A moradia possui quantos cômodos

() um () dois ☒ três () mais de três

4. A renda familiar é próxima de:

☒ de 1 a 3 SM¹ () de 3 a 5 SM () de 5 a 10SM () mais de 10SM

5. A família possui:

() Carro – quantos? _____

() Plano de saúde

☒ Computador – quantos? 2

☒ Acesso à Internet

☒ Geladeira – quantas? 1

☒ Freezer – quantos? 1

☒ Fogão – quantos? 1

☒ Micro-ondas – quantos? 1

☒ Televisão – quantas? 1

☒ Rádio – quantos? 2

() Assinatura de jornais ou revistas – quais e quantos?

☒ Livros – quantos? (cerca de) 50

() Assinatura de TV a cabo

6. A escola que frequenta é:

☒ pública () particular, neste caso indique se é bolsista () Sim () Não. Em que série você está ou parou de estudar (indique o nome da instituição escolar)? 7ª série

7. Qual a profissão e o grau de escolaridade dos seus pais?

Pai = motorista

Mãe = empregada doméstica

Pai e mãe completaram o ensino fundamental

8. Tem acesso à TV? ☒ Sim () Não Cinema ☒ Sim () Não Programas em vídeo (filmes e outros) () Sim ☒ Não. Internet ☒ Sim () Não Teatro () Sim ☒ Não

¹ SM = salário mínimo

Espetáculos/shows? () Sim (X) Não. Shopping-centers (X) Sim () Não Viagens (X) Sim () Não

9. Em relação às atividades acima, liste sua programação favorita:

Cinema, internet, jogos e ouvir música

10. Qual é o principal uso que faz da Internet (pesquisa, correio eletrônico, redes sociais, música, YouTube, outro uso)?

Música, redes sociais e jogos.

11. Há alguma atividade que não pode fazer ou gostaria de fazer com mais frequência? O que impede?

Viagem - O dinheiro

ANEXO XIII**Produções da enunciadora 1.**

Foi muito legal e muito interessante a história partes muito legais
Harry Potter e a pedra filosofal
e legal quando ele nadou na queda-mar
que ele salvou a menina e muito legal
e eu queria muito ter um livro
de Harry Potter Câmara secreta.

De que forma a obra *Harry Potter* ajuda você a refletir sobre discriminação e igualdade entre as pessoas?

O Ronny sofria muito porque ele não tem muito dinheiro pra comprar as coisas.

As meninas e os meninos de Karaisópolis são
parecidos com as meninas e os meninos da
história do Harry Potter ou diferentes? Porque?
NÃO PORQUE

ANEXO XIV

Questionário respondido pela enunciadora 1.

Data de nascimento: 20/7/2002

PARTE I: ATIVIDADES DE LEITURA E ESCRITA

1. O primeiro contato com a obra *Harry Potter* foi por meio de:
 () livro ☒ filme () game () outro suporte, qual? filme ELOREL

2. Qual sua idade quando teve contato com a obra pela primeira vez?
7 anos (prima de 13 anos leu)

3. Liste (um a um) os itens da obra *Harry Potter* que conhece e como teve acesso a eles (compra, empréstimo de biblioteca ou de amigo, presente de familiar ou amigo etc.):

Filmes - 7, 12, 14, 15, 16, 17 (não lembro)
livros - 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 252, 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 263, 264, 265, 266, 267, 268, 269, 270, 271, 272, 273, 274, 275, 276, 277, 278, 279, 280, 281, 282, 283, 284, 285, 286, 287, 288, 289, 290, 291, 292, 293, 294, 295, 296, 297, 298, 299, 300, 301, 302, 303, 304, 305, 306, 307, 308, 309, 310, 311, 312, 313, 314, 315, 316, 317, 318, 319, 320, 321, 322, 323, 324, 325, 326, 327, 328, 329, 330, 331, 332, 333, 334, 335, 336, 337, 338, 339, 340, 341, 342, 343, 344, 345, 346, 347, 348, 349, 350, 351, 352, 353, 354, 355, 356, 357, 358, 359, 360, 361, 362, 363, 364, 365, 366, 367, 368, 369, 370, 371, 372, 373, 374, 375, 376, 377, 378, 379, 380, 381, 382, 383, 384, 385, 386, 387, 388, 389, 390, 391, 392, 393, 394, 395, 396, 397, 398, 399, 400, 401, 402, 403, 404, 405, 406, 407, 408, 409, 410, 411, 412, 413, 414, 415, 416, 417, 418, 419, 420, 421, 422, 423, 424, 425, 426, 427, 428, 429, 430, 431, 432, 433, 434, 435, 436, 437, 438, 439, 440, 441, 442, 443, 444, 445, 446, 447, 448, 449, 450, 451, 452, 453, 454, 455, 456, 457, 458, 459, 460, 461, 462, 463, 464, 465, 466, 467, 468, 469, 470, 471, 472, 473, 474, 475, 476, 477, 478, 479, 480, 481, 482, 483, 484, 485, 486, 487, 488, 489, 490, 491, 492, 493, 494, 495, 496, 497, 498, 499, 500, 501, 502, 503, 504, 505, 506, 507, 508, 509, 510, 511, 512, 513, 514, 515, 516, 517, 518, 519, 520, 521, 522, 523, 524, 525, 526, 527, 528, 529, 530, 531, 532, 533, 534, 535, 536, 537, 538, 539, 540, 541, 542, 543, 544, 545, 546, 547, 548, 549, 550, 551, 552, 553, 554, 555, 556, 557, 558, 559, 560, 561, 562, 563, 564, 565, 566, 567, 568, 569, 570, 571, 572, 573, 574, 575, 576, 577, 578, 579, 580, 581, 582, 583, 584, 585, 586, 587, 588, 589, 590, 591, 592, 593, 594, 595, 596, 597, 598, 599, 600, 601, 602, 603, 604, 605, 606, 607, 608, 609, 610, 611, 612, 613, 614, 615, 616, 617, 618, 619, 620, 621, 622, 623, 624, 625, 626, 627, 628, 629, 630, 631, 632, 633, 634, 635, 636, 637, 638, 639, 640, 641, 642, 643, 644, 645, 646, 647, 648, 649, 650, 651, 652, 653, 654, 655, 656, 657, 658, 659, 660, 661, 662, 663, 664, 665, 666, 667, 668, 669, 670, 671, 672, 673, 674, 675, 676, 677, 678, 679, 680, 681, 682, 683, 684, 685, 686, 687, 688, 689, 690, 691, 692, 693, 694, 695, 696, 697, 698, 699, 700, 701, 702, 703, 704, 705, 706, 707, 708, 709, 710, 711, 712, 713, 714, 715, 716, 717, 718, 719, 720, 721, 722, 723, 724, 725, 726, 727, 728, 729, 730, 731, 732, 733, 734, 735, 736, 737, 738, 739, 740, 741, 742, 743, 744, 745, 746, 747, 748, 749, 750, 751, 752, 753, 754, 755, 756, 757, 758, 759, 760, 761, 762, 763, 764, 765, 766, 767, 768, 769, 770, 771, 772, 773, 774, 775, 776, 777, 778, 779, 780, 781, 782, 783, 784, 785, 786, 787, 788, 789, 790, 791, 792, 793, 794, 795, 796, 797, 798, 799, 800, 801, 802, 803, 804, 805, 806, 807, 808, 809, 810, 811, 812, 813, 814, 815, 816, 817, 818, 819, 820, 821, 822, 823, 824, 825, 826, 827, 828, 829, 830, 831, 832, 833, 834, 835, 836, 837, 838, 839, 840, 841, 842, 843, 844, 845, 846, 847, 848, 849, 850, 851, 852, 853, 854, 855, 856, 857, 858, 859, 860, 861, 862, 863, 864, 865, 866, 867, 868, 869, 870, 871, 872, 873, 874, 875, 876, 877, 878, 879, 880, 881, 882, 883, 884, 885, 886, 887, 888, 889, 890, 891, 892, 893, 894, 895, 896, 897, 898, 899, 900, 901, 902, 903, 904, 905, 906, 907, 908, 909, 910, 911, 912, 913, 914, 915, 916, 917, 918, 919, 920, 921, 922, 923, 924, 925, 926, 927, 928, 929, 930, 931, 932, 933, 934, 935, 936, 937, 938, 939, 940, 941, 942, 943, 944, 945, 946, 947, 948, 949, 950, 951, 952, 953, 954, 955, 956, 957, 958, 959, 960, 961, 962, 963, 964, 965, 966, 967, 968, 969, 970, 971, 972, 973, 974, 975, 976, 977, 978, 979, 980, 981, 982, 983, 984, 985, 986, 987, 988, 989, 990, 991, 992, 993, 994, 995, 996, 997, 998, 999, 1000

* Acervo: biblioteca / todos os livros (completo)
Comprei por meio de parentes

4. Atualmente, que atividades pratica em relação à obra *Harry Potter*?

Não faço mais nada (já não gosto de ler)

5. Você costuma ler outros livros? ☒ Sim () Não. Se sim, indique a frequência () uma vez por semana ☒ mais de uma vez por semana () uma vez por mês () mais de uma vez por mês () quase nunca

6. Quando você começou a ler livros?
9/10 anos

7. Você considera importante ler? O que a leitura pode proporcionar?
Sim, porque tá muito bom / aprende coisas novas

8. Que livro recomendaria a um colega?
Leitura de Raulo Harry Potter

9. Como tem acesso a livros (compra, biblioteca, amigos etc.)? Se você compra livros, indique o local.

Biblioteca da escola

10. Além da bibliografia escolar, que tipo de leitura você procura por sua conta para lazer ou pesquisa? Liste suas preferências por autor ou assunto:

Quadrinhos

Livros de aventura

11. Além de Harry Potter, que outros heróis conheceu por meio dos livros?

heróis de histórias de super-heróis

12. Acredita que tem fluência/entendimento bom do que lê? Em caso de deficiência, como procura supri-la?

não tem dificuldade

13. Como é a leitura de livros em sua família? Possuem livros? De que tipo?

Aparentemente não, livros. Família em casa não tem o hábito de ler.

14. Você costuma ler outro tipo de material impresso além de livros? ☒ Sim () Não. Se sim, qual? Revista. Indique a frequência () uma vez por semana () mais de uma vez por semana () uma vez por mês () mais de uma vez por mês () quase nunca Como tem acesso (compra, assinatura, em local específico etc.)?

todo dia

15. Você costuma escrever? () Sim () Não. Se sim, o quê?

não

Indique a frequência () uma vez por semana () mais de uma vez por semana () uma vez por mês () mais de uma vez por mês () quase nunca

16. Considera ter facilidade para escrever? Em caso de dificuldade, como procura aprimorar essa habilidade?

não gosta de escrever, acho chato

* Aparenta certo encabulamento quando solicitado a escrever ou falar sobre o assunto, como se sentisse vergonha por não desenvolver uma habilidade

9. Como tem acesso a livros (compra, biblioteca, amigos etc.)? Se você compra livros, indique o local.

Biblioteca da escola

10. Além da bibliografia escolar, que tipo de leitura você procura por sua conta para lazer ou pesquisa? Liste suas preferências por autor ou assunto:

Quadrinhos
Livros de Aventura

11. Além de Harry Potter, que outros heróis conheceu por meio dos livros?

Personagens de histórias de guerra

12. Acredita que tem fluência/entendimento bom do que lê? Em caso de deficiência, como procura supri-la?

Não tem dificuldade

13. Como é a leitura de livros em sua família? Possuem livros? De que tipo?

Apenas minha mãe lê livros. Família em casa não tem o hábito de ler.

14. Você costuma ler outro tipo de material impresso além de livros? ☒ Sim () Não. Se sim, qual? Diário. Indique a frequência () uma vez por semana () mais de uma vez por semana () uma vez por mês () mais de uma vez por mês () quase nunca Como tem acesso (compra, assinatura, em local específico etc.)?

tudo dia

15. Você costuma escrever? () Sim () Não. Se sim, o quê? na

Indique a frequência () uma vez por semana () mais de uma vez por semana () uma vez por mês () mais de uma vez por mês () quase nunca

16. Considera ter facilidade para escrever? Em caso de dificuldade, como procura aprimorar essa habilidade?

Não gosta de escrever, acho chato

*Aparenta certo embotamento quando solicitado a escrever ou falar sobre o assunto, como se sentisse vergonha por não dominar essa habilidade

PARTE II: PERFIL DO LEITOR

1. Há quanto tempo reside na comunidade de Paraisópolis?

Vivo com 1 ano E sua família? (morando há 11 anos)

2. Sua moradia atual é:

() própria (x) alugada () cedida () outro, qual? _____

3. A moradia possui quantos cômodos

() um () dois () três (x) mais de três

4. A renda familiar é próxima de:

(x) de 1 a 3 SM¹ () de 3 a 5 SM () de 5 a 10 SM () mais de 10 SM

370,00 mais (fog. composto) (ele ganha 2000)

5. A família possui:

(x) Carro – quantos? 2 (pai e moçoito)

() Plano de saúde

() Computador – quantos? nao

() Acesso à Internet

(x) Geladeira – quantas? 2

(x) Freezer – quantos? 1

(x) Fogão – quantos? 2

(x) Micro-ondas – quantos? 2

(x) Televisão – quantas? 2

(x) Rádio – quantos? 1

() Assinatura de jornais ou revistas – quais e quantos?

(x) Livros – quantos? (cerca de) 3

(x) Assinatura de TV a cabo sky

6. A escola que frequenta é:

() pública () particular, neste caso indique se é bolsista () Sim () Não. Em que série você está ou parou de estudar (indique o nome da instituição escolar)? 7ª série (1)

7. Qual o grau de escolaridade dos seus pais?

mae 4ª série / pai 7ª série

8. Tem acesso à TV? (x) Sim () Não Cinema () Sim (x) Não Programas em vídeo

(filmes e outros) (x) Sim () Não. Internet () Sim (x) Não Teatro (x) Sim () Não

Espectáculos/shows? () Sim (x) Não. Shopping-centers () Sim () Não Viagens (x)

Sim () Não

¹ SM = salário mínimo

9. Em relação às atividades acima, liste sua programação favorita:

- Viagem
- mamãe tá → 12h 7ª Fox (canal)
- Parturando
- Sky → programa de futebol
- Desenha Hora da aventura

10. Qual é o principal uso que faz da Internet (pesquisa, correio eletrônico, redes sociais, música, YouTube, outro uso)?

1º YouTube Games → vídeos de video game
2º YouTube Games → jogo
3º WhatsApp → rede social

11. Há alguma atividade que não pode fazer ou gostaria de fazer com mais frequência? O que impede?

- assistir programas no Brasil → já assiste em inglês
- teste de fidelidade
- Análise (Fórmula)

Co mais tempo autônomo

* quer ir ao shopping e cinema e virar
mãe lava, pq não tem dinheiro pl lavar.

Quer gastar:

Varas (tennis) -
Sapo -
Computador -
tablet -

Não tem acesso à internet. Gostaria de ter
pl acessar WhatsApp (red social) e Face book.

ANEXO XV

Produções da enunciativa 2.

Seg Ter Qua Qui Sex ☒ Dom
 01/11/14

Resultado da conversação
 Sobre o que nós conversamos eu entendi que a intenção foi nos passar a informação que nem todos tem a sorte de nos se dizer assim de ter uma família bem de vida que se tem tudo sem se preocupar quanto é quem mais precisa com quem temos que dividir se o meu irmão também precisa, se minha mãe ou meu pai tem condições de comprar porque a família Weasley não é pequena sua mãe não trabalha e tem que comprar material fino.
 Ron, Fred, Jorgeima, Percy e são vários livros as caldeiras e etc. e os livros não são baratos Fred ainda se preocupa em ver as cartas e a preocupação de seus pais e Harry com tanto dinheiro um menino com mais não sabe como se colocar aceitar a ajuda e ainda tem a questão de se eles não quiserem a ajuda tiverem vergonha de aceitar o dinheiro de Harry ou tiverem orgulho e como Harry se coloca diante dessa situação.
 Então não acontece só nos filmes acontece na nossa vida a dia muitas pessoas passam por esse problema ainda mais as famílias passam por isso e a gente percebe como é difícil e não poucas as pessoas dispostas a ajudar.

As meninas e os meninos de Paraisópolis são parecidos com as meninas e os meninos da história do Harry Potter ou diferentes? Por que?

Com muito mais não tenho certeza que sim tirando a parte que eles tem uma vida mágica no mundo da magia a vida familiar deles se parece muito com a nossa porque tem muitas famílias que enfrentam o problema de falta de dinheiro como a família do Wesley ainda mais quando são tantas quantos eles e são muito poucas as pessoas dispostas a ajudar o Harry ele tinha tanta dificuldade ganhando no café mas não sabia como dizer que precisava a ajuda-los a comprar o material para a aula escolar ter uma atitude sobre o Harry mais os Wesley poderiam não aceitar então nesse caso tem toda uma complicação como ajudar? mais o importante é que o Harry estava ali e estava disposto a ajuda-los

De que forma a obra Harry Potter ajuda você a refletir sobre discriminação e igualdade entre as pessoas?

ele não liga pra quem você é si é rico pobre alto baixo "bobo" inteligente com tanto que seja uma pessoa de caráter que saiba se colocar e é claro que respeito ele não guarda rancor magos ele respeita a todos ele é uma pessoa particularmente adorável e isso chama muita atenção numa pessoa e serve como exemplo para pessoas sem caráter como molrei

ANEXO XVI

Questionário respondido pela enunciadora 2.

Data de nascimento: 01/04/2001

PARTE I: ATIVIDADES DE LEITURA E ESCRITA

1. O primeiro contato com a obra *Harry Potter* foi por meio de:

() livro (X) filme () game () outro suporte, qual? _____

2. Qual sua idade quando teve contato com a obra pela primeira vez?

Eu tinha 8 anos eu e meu pai fomos comprar uns filmes eu vi os de Harry e quis ler.

3. Liste (um a um) os itens da obra *Harry Potter* que conhece e como teve acesso a eles (compra, empréstimo de biblioteca ou de amigo, presente de familiar ou amigo etc.):

eu assisti todos os filmes eu vejo a série inteira falei alguns livros mas nunca li os meu primeiro acesso foi com Harry Potter e a Câmara Secreta eu sei a localização com meu Pai eu vi o filme gostei da capa e quis ler o livro

4. Atualmente, que atividades pratica em relação à obra *Harry Potter*?

Bom todos os dias eu assisto os filmes dele sou muito apaixonada pela série de Harry.

5. Você costuma ler outros livros? () Sim (X) Não. Se sim, indique a frequência () uma vez por semana () mais de uma vez por semana () uma vez por mês () mais de uma vez por mês () quase nunca

6. Quando você começou a ler livros?

na verdade eu nunca li os livros só a série eu sou mais fã da série de livros do que a série de filmes de Harry Potter

7. Você considera importante ler? O que a leitura pode proporcionar?

sim eu acho que a leitura nos ajuda a entender melhor os filmes.

8. Que livro recomendaria a um colega?

9. Como tem acesso a livros (compra, biblioteca, amigos etc.)? Se você compra livros, indique o local.

Eu tenho acesso a um mais mãe usa
ela serve e eu tenho gambado.

10. Além da bibliografia escolar, que tipo de leitura você procura por sua conta para lazer ou pesquisa? Liste suas preferências por autor ou assunto:

Eu sempre gostei de filmes de ação
por isso gosto de ler livros de ação
porque eu gosto.

11. Além de Harry Potter, que outros heróis conheceu por meio dos livros?

Katniss Everdeen e Game of Thrones

12. Acredita que tem fluência/entendimento bom do que lê? Em caso de deficiência, como procura supri-la?

Sim, não tenho problemas mais caso
tenha eu leio.

13. Como é a leitura de livros em sua família? Possuem livros? De que tipo?

Mais meus avós história de Brasil e
alguns livros de romance mais meu
pai não gosta de ler.

14. Você costuma ler outro tipo de material impresso além de livros? () Sim (x) Não. Se sim, qual? revistas sobre sua vida Indique a frequência () uma

vez por semana () mais de uma vez por semana () uma vez por mês () mais de uma vez por mês (x) quase nunca Como tem acesso (compra, assinatura, em local específico

etc.)? a comentários sobre sua vida real

15. Você costuma escrever? (x) Sim () Não. Se sim, o

quê? invento histórias da vida deles com meu Indique a frequência () uma vez por semana () mais de uma vez por semana () uma vez por mês () mais de uma vez por mês (x) quase nunca

16. Considera ter facilidade para escrever? Em caso de dificuldade, como procura aprimorar essa habilidade?

ah, do Vago Uici, em dívida do que
escrever para um polico e com o dadas
mais fazeisse mais nada

PARTE II: PERFIL DO LEITOR

1. Há quanto tempo reside na comunidade de Paraisópolis?

Há 10 anos E sua
 família? 50 há 60 há 70 anos como minha tripaterna
Cousa do Rocha

2. Sua moradia atual é:

(☒) própria (☐) alugada (☐) cedida (☐) outro, qual? _____

3. A moradia possui quantos cômodos

(☐) um (☐) dois (☐) três (☒) mais de três

4. A renda familiar é próxima de:

(☒) de 1 a 3 SM¹ (☐) de 3 a 5 SM (☐) de 5 a 10 SM (☐) mais de 10 SM
mais de 10 SM

5. A família possui:

(☒) Carro – quantos? 1

(☒) Plano de saúde

(☒) Computador – quantos? 1

(☒) Acesso à Internet

(☒) Geladeira – quantas? 1

(☒) Freezer – quantos? 1

(☒) Fogão – quantos? 1

(☒) Micro-ondas – quantos? 1

(☒) Televisão – quantas? 2

(☒) Rádio – quantos? 1

(☒) Assinatura de jornais ou revistas – quais e quantos?

3 seu qualque por dia meu pai sempre

(☐) Livros – quantos? (cerca de) 20

(☒) Assinatura de TV a cabo

6. A escola que frequenta é:

(☒) pública (☐) particular, neste caso indique se é bolsista (☐) Sim (☐) Não. Em que
 série você está ou parou de estudar (indique o nome da instituição
 escolar)? 1º ano 1º série

7. Qual a profissão e o grau de escolaridade dos seus pais?

estudou até a sétima série minha
mãe acabou a 3ª série e o pai acabou a 1ª série
trabalha em restaurante
Não: cuidadora de idosos

8. Tem acesso à TV? (☒) Sim (☐) Não Cinema (☒) Sim (☐) Não Programas em vídeo
 (filmes e outros) (☒) Sim (☐) Não Internet (☒) Sim (☐) Não Teatro (☒) Sim (☐) Não

acho que 1.200 R\$

¹ SM = salário mínimo

Espectáculos/shows? () Sim (X) Não. Shopping-centers (X) Sim () Não Viagens (X) Sim (X) Não

9. Em relação às atividades acima, liste sua programação favorita:

1. internet

2. cinema

3. viagens

4. estudar, comer e dormir

5. outras festas.

10. Qual é o principal uso que faz da Internet (pesquisa, correio eletrônico, redes sociais, música, YouTube, outro uso)?

Para pesquisa e blogs de Harry (Daniel Brindley).

11. Há alguma atividade que não pode fazer ou gostaria de fazer com mais frequência? O que impede?

Festas mais o meu Papai "querido" não deixa (chorei)

ANEXO XVII

Trecho de *fanfic* escrita pela enunciadora 2.

1

Fery tecero uma memima triste que vivia só com seus tios RONILDA veem e Pietotum que a tratavam muito mau moravam numa casa que seus pais haviam deixado para ela e uma mera fortuna que era administrada por seus tios eles a odiavam a tratavam como uma empregada mais ela mantia a esperança de um dia longe dali viveria feliz ela tinha dois melhores amigos ROWLING e Warner eram as únicas pessoas com quem ela conversava ROWLING era muito inteligente e criativa Warner era meio distraído mais muito Atlético adorava praticar esportes ele era da turma de Handebol da escola. Bem na escola era onde Fery tecero podia se esconder de tudo é claro menos de Renc um garoto que adorava maltratar com palavras as pessoas que estavam a sua volta só por ser filho do senhor maldomado um homem muito rico que se achava superior a todos no mundo mais tinha um certo odio particular por Fery ela nunca entendeu o porque mais também não levava desaforos procurava evita-los o máximo mais só eles

kajoma

2

não perdiam a oportunidade de chutar pois adoravam provocar. mais tarde na sala de aula...

PROFª GROY: Hoje vamos começar a montar as duplas para o trabalho sobre Poetas.
Romeu e Rossilda
Anastassia e Christian
Warner e Rowling
Renc e Fery tecero
Corradini e Joang
montei casais para que o trabalho tenha uma opinião dos dois lados da moeda.
Renc levanta a mão...
Renc: porque eu tenho que ir com essa guseita
PROFª GROY: porque eu quero só por isso.
ROWLING: amiga eu sinto muito por voce pois porq vc seus tios são Renc
Fery tecero: tudo Bem eu vou aguentar mais essa
Renc: então tá tudo quando a gente começa?
Fery tecero: na sua casa as 14:00 da tarde no lado da memima.
Renc: porque na minha casa?
Fery tecero: tá bem então na minha.
Renc: Não na minha casa é melhor.

kajoma

ANEXO XVIII

Trecho da obra com temática “dificuldades financeiras”.

(Trecho do capítulo 4, “Na Floreios e Borrões”, do segundo volume da série *Harry Potter, Harry Potter e a Câmara Secreta*)

— Cartas da escola — disse o Sr. Weasley, passando a Harry e Rony envelopes idênticos de pergaminho amarelado, endereçados com tinta verde — Dumbledore já sabe que você está aqui, Harry, ele não perde um detalhe, aquele homem. Vocês dois também receberam — acrescentou ele, quando Fred e Jorge entraram descontraídos, ainda de pijamas.

Durante alguns minutos fez-se silêncio enquanto todos liam as cartas. A de Harry mandava-o tomar o Expresso de Hogwarts como sempre na estação de King’s Cross, no dia 1º de Setembro. Trazia também uma lista dos novos livros que ia precisar para o próximo ano letivo.

MATERIAL PARA OS ALUNOS DA SEGUNDA SÉRIE:

- ☐ *O Livro Padrão de Feitiços, 2ª Série de Miranda Goshawk.*
- ☐ *Como Dominar um Espírito Agourento de Gilderoy Lockhart.*
- ☐ *Como se Divertir com Vampiros de Gilderoy Lockhart.*
- ☐ *Férias com Bruxas Malvadas de Gilderoy Lockhart.*
- ☐ *Viagens com Trásgos de Gilderoy Lockhart.*
- ☐ *Viagens com Vampiros de Gilderoy Lockhart.*
- ☐ *Passeios com Lobisomens de Gilderoy Lockhart.*
- ☐ *Um Ano com o Iéti de Gilderoy Lockhart.*

Fred, que terminara de ler a lista, deu uma espiada na de Harry.

— Mandaram você comprar todos os livros de Lockhart também! — admirou-se — O novo professor de Defesa Contra as Artes das Trevas deve ser fã dele, aposto que é uma bruxa.

Ao dizer isto, o olhar de Fred cruzou com o de sua mãe e ele rapidamente voltou a atenção para a sua geléia.

— Esse material não vai sair barato — comentou Jorge, lançando um olhar rápido aos pais — Os livros de Lockhart são bem carinhosos...

— Daremos um jeito — disse a Sra. Weasley, embora tivesse a expressão preocupada — Espero poder comprar a maioria do material de Gina de segunda mão.

— Ah, você vai entrar para Hogwarts este ano? — perguntou Harry a Gina.

Ela confirmou com a cabeça, corando até a raiz dos cabelos flamejantes e enfiou o cotovelo na manteigueira. Felizmente ninguém viu exceto Harry porque, naquele momento, o irmão mais velho de Rony, Percy, entrou na cozinha. Já estava vestido, o distintivo de monitor de Hogwarts preso no suéter sem mangas.

— Dia — disse Percy animado — Lindo dia.

Sentou-se na única cadeira desocupada, mas quase imediatamente levantou-se de um salto, erguendo do assento um espanador de penas cinzentas que parecia estar na muda... pelo menos foi isso que Harry pensou que fosse, até ver que a coisa respirava.

— Errol — exclamou Rony, recolhendo a coruja inerte da mão de Percy e extraíndo uma carta que ela trazia presa sob a asa — Finalmente chegou a resposta de Hermione. Escrevi a ela avisando que íamos tentar salvar você dos Dursley.

Ele levou Errol até um poleiro na porta dos fundos e tentou fazê-lo encarrapitar-se, mas a coruja tornou a desmontar, por isso Rony a deitou na tábua de escorregar, resmungando "*Patético*".

Em seguida ele abriu a carta de Mione e leu-a em voz alta.

Queridos Rony e Harry, se estiver aí.

Espero que tudo tenha corrido bem, que Harry esteja bem e que você não tenha feito nada ilegal para tirá-lo de lá, Rony, porque isso criará problemas para o Harry também. Tenho estado realmente preocupada e, se Harry estiver bem, por favor, mande me dizer logo, mas talvez seja melhor usar outra coruja, porque acho que mais uma entrega talvez mate essa.

Estou muito ocupada, estudando, é claro...

— Como é que pode! — exclamou Rony horrorizado — Estamos de férias!

E vamos a Londres na próxima quarta-feira comprar os livros novos. Porque não nos encontramos no Beco Diagonal? Mande notícias do que está acontecendo, assim que puder.

Afetuosamente,

Mione.

— Bom, isso se encaixa perfeitamente. Podemos ir comprar todo o material de vocês, também — disse a Sra. Weasley, começando a tirar a mesa — Que é que vocês estão planejando fazer hoje?

Harry, Rony, Fred e Jorge estavam pensando em subir o morro até um pequeno prado que pertencia aos Weasley. Era cercado de árvores que bloqueavam a visão da cidadezinha embaixo, o que significava que podiam praticar **Quadribol** lá, desde que não voassem muito alto. Não podiam usar bolas de Quadribol de verdade, pois seria difícil explicar se escapulissem e sobrevoassem a cidade; em vez disso, atiravam maçãs uns para os outros. Revezaram-se para montar a Nimbus 2000 de Harry, que era, sem nenhum favor, a melhor vassoura; a velha **Shooting Star** de Rony muitas vezes perdia na corrida para as borboletas que apareciam.

Cinco minutos depois os garotos estavam subindo o morro, as vassouras nos ombros. Tinham perguntado a Percy se queria acompanhá-los, mas ele respondera que estava ocupado. Harry até ali só tinha visto Percy às refeições; ele passava o resto do tempo trancado no quarto.

— Gostaria de saber o que ele está aprontando — disse Fred, franzindo a testa — Está tão mudado. O resultado das provas dele chegou um dia antes de você; doze N.O.M.s e ele nem cantou vitória.

— Níveis Ordinários em Magia — explicou Jorge, vendo o olhar intrigado de Harry — Gui recebeu doze também. Se não nos cuidarmos vamos ter outro monitor-chefe na família. Acho que não iríamos suportar a vergonha.

Gui era o filho mais velho dos Weasley. Ele e o irmão logo abaixo, Carlinhos, já tinham terminado Hogwarts. Harry nunca vira nenhum dos dois, mas sabia que Carlinhos estava na Romênia estudando dragões e Gui, no Egito, trabalhando no banco dos bruxos, o *Gringotes*.

— Não sei como mamãe e papai vão poder comprar todo o nosso material escolar este ano — disse Jorge depois de algum tempo — Cinco conjuntos de livros do Lockhart! E Gina precisa de vestes, uma varinha e todo o resto...

Harry não disse nada. Sentiu-se um pouco constrangido. Guardado no

cofre subterrâneo do Banco de Gringotes, em Londres, havia uma pequena fortuna que seus pais lhe haviam deixado. Naturalmente, era somente no mundo dos bruxos que ele tinha dinheiro; não se podia usar ***galeões, sicles e nuques*** em lojas de trouxas. Ele nunca mencionara aos Dursley sua conta no Banco de Gringotes, pois achava que o horror que eles tinham à magia não se estenderia a um montão de ouro.

ANEXO XIX**Tópico guia da primeira reunião com o grupo A.****PRIMEIRA REUNIÃO – GRUPO DE DISCUSSÃO A****Tópico guia do moderador****Questões para primeira hora:**

- 1) O que mais chama a atenção de vocês no texto?
- 2) Por que vocês acham que a família do Rony não tem dinheiro e precisa comprar tudo “de segunda mão”?
- 3) Estudar é mais fácil para algumas pessoas do que para outras? Por quê?
- 4) O que é ser pobre?
- 5) Quem aqui já teve dificuldade com as compras ou os gastos com a escola? Ou conhece alguém que teve?
- 6) E quando não tem dinheiro, a família se preocupa e tenta dar um jeito. Que jeito é esse?
- 7) Vocês acham que essa dificuldade é só para manter a escola? Onde mais?
- 8) Por que vocês acham que o Harry Potter ficou sem jeito? Ter mais dinheiro que o colega é errado?

* Meia hora final: Solicitar a cada participante redação de um texto sobre o tema em questão e os comentários feitos em reunião.

ANEXO XX**Trechos da obra com temática “relação com a escola”.****(Trecho do capítulo 9, “A pichação na parede”, do segundo volume da série *Harry Potter, Harry Potter e a Câmara Secreta*)**

A História da Magia era a matéria mais sem graça do programa. O Prof. Binns, encarregado de ensiná-la, era o único professor fantasma, e a coisa mais excitante que acontecia em suas aulas era ele entrar em classe atravessando o quadro-negro. Velhíssimo e enrugado, muita gente dizia que ainda não percebera que estava morto. Um belo dia ele simplesmente se levantara para dar aula e deixara o corpo sentado numa poltrona diante da lareira da sala de professores, sua rotina não se alterara nem um pinga desde então.

Hoje estava chato como sempre. O Prof. Binns abriu seus apontamentos e começou a ler num tom monótono como um aspirador de pó velho, até que quase todos os alunos na sala caíram num estupor profundo, de que emergiam ocasionalmente o tempo suficiente de copiar um nome ou uma data e, em seguida, tornar a adormecer. Estava falando havia meia hora quando aconteceu uma coisa que nunca acontecera antes.

Hermione levantou a mão.

O Prof. Binns ergueu os olhos no meio de um discurso mortalmente maçante sobre a Convenção Internacional de Bruxos de 1289 e fez uma cara surpresa.

— Senhorita... ah...?

— Granger, professor. Eu gostaria de saber se o senhor poderia nos contar alguma coisa sobre a Câmara Secreta — pediu Mione com voz clara.

Dino Thomas, que estivera sentado com a boca aberta, espiando para fora da janela, acordou de repente do seu transe. A cabeça de Lílá Brown deitada sobre os braços se ergueu e o cotovelo de Neville Longbottom escorregou da carteira.

O Prof. Binns pestanejou.

— Minha matéria é História da Magia — disse ele naquela voz seca e asmática — Lido com fatos, Srta. Granger, não com mitos nem com lendas — ele pigarreou fazendo um barulhinho como o de um giz que se parte e continuou — Em

Setembro daquele ano, um subcomitê de bruxos sardos...

O professor gaguejou antes de parar.

A mão de Mione estava outra vez no ar.

— Srta. Granger?

— Por favor, professor, as lendas não se baseiam sempre em fatos?

O Prof. Binns olhou-a com tal espanto, que Harry teve certeza de que nenhum aluno vivo ou morto, jamais o interrompera antes.

— Bem — disse o Prof. Binns lentamente — É um argumento válido, suponho — ele estudou Mione como se nunca antes tivesse olhado direito para um aluno — Contudo, a lenda de que a senhorita fala é tão sensacionalista e até tão absurda que...

A classe inteira ficou pendurada em cada palavra que o professor dizia. Ele correu um olhar míope por todos, rosto por rosto virado em sua direção. Harry percebeu que ele estava completamente desconcertado por aquela manifestação incomum de interesse.

— Ah, muito bem — disse vagorosamente — Vejamos... a Câmara Secreta... os senhores todos sabem, é claro, que Hogwarts foi fundada há mais de mil anos... a data exata é incerta... pelos quatro maiores bruxos e bruxas da época. As quatro casas da escola foram batizadas em homenagem a eles: **Godrico Gryffindor, Helga Hufflepuff, Rowena Ravenclaw e Salazar Slytherin**. Eles construíram este castelo juntos, longe dos olhares curiosos dos trouxas, porque era uma época em que a magia era temida pelas pessoas comuns, e os bruxos e bruxas sofriam muitas perseguições.

Ele fez uma pausa, percorreu a sala com os olhos lacrimejantes e continuou:

— Durante alguns anos, os fundadores trabalharam juntos, em harmonia, procurando jovens que revelassem sinais de talento em magia e trazendo-os para serem educados no castelo. Mas então surgiram os desentendimentos. Ocorreu uma cisão entre Slytherin e os outros. Slytherin queria ser mais **seletivo** com relação aos estudantes admitidos. Ele acreditava que o aprendizado de magia devia ser mantido no âmbito das famílias inteiramente mágicas. Desagradava-lhe admitir alunos de pais trouxas, pois os achava pouco dignos de confiança. Passado algum tempo houve uma séria discussão sobre o assunto entre Slytherin e Gryffindor, e Slytherin abandonou a escola.

O Prof. Binns parou de novo, contraindo os lábios, parecendo uma velha tartaruga enrugada.

— É o que nos contam as fontes históricas confiáveis. Mas estes fatos honestos foram obscurecidos pela lenda fantasiosa da Câmara Secreta. Segundo ela, Slytherin construiu uma câmara secreta no castelo, da qual os outros nada sabiam. Slytherin teria selado a Câmara Secreta de modo que ninguém pudesse abri-la até que o seu legítimo herdeiro chegasse a escola. Somente o **herdeiro** seria capaz de abrir a Câmara Secreta, libertar o horror que ela encerrava e usá-lo para expurgar a escola de todos que não fossem dignos de estudar magia.

Fez-se silêncio quando ele acabou de contar a história, mas não foi o de sempre, o silêncio modorrento que dominava as aulas do Prof. Binns. Havia no ar um certo constrangimento enquanto todos continuavam a olhá-lo, esperando mais.

O Prof. Binns fez um ar ligeiramente aborrecido.

— A história inteira é um perfeito absurdo, é claro. Naturalmente, a escola foi revistada à procura de provas da existência dessa câmara, muitas vezes, pelos bruxos e bruxas mais cultos. Ela não existe. Uma história contada para assustar os crédulos.

A mão de Mione voltou a se erguer.

— Professor... o que foi exatamente que o senhor quis dizer com **"o horror que a câmara encerra"**?

— Acredita-se que haja algum tipo de monstro, que somente o Herdeiro de Slytherin pode controlar — respondeu o Prof. Binns com sua voz seca e esganiçada.

Os alunos trocaram olhares nervosos.

— Afirmo que a coisa não existe — disse ele folheando suas anotações — Não há câmara alguma e monstro algum.

— Mas, professor — perguntou Simas Finnigan — Se a Câmara só pode ser aberta pelo verdadeiro Herdeiro de Slytherin, ninguém mais seria capaz de encontrá-la, não é?

— Bobagem, Flaherty — disse o Prof. Binns, num tom irritado — Se uma longa sucessão de diretores e diretoras de Hogwarts não encontraram a coisa...

— Mas, professor — ouviu-se a voz fina de Parvati Patil — A pessoa provavelmente terá de usar Magia Negra para abri-la...

— Só porque um bruxo não usa Magia Negra não significa que não possa,

Srta. Pennyfeather — retrucou o Prof. Binns — Eu repito, se uma pessoa como Dumbledore...

— Mas talvez a pessoa tenha que ser parente de Slytherin, por isso Dumbledore não poderia... — começou Dino Thomas, mas para o professor aquilo já era demais.

— Basta — disse com rispidez — É um mito! Não existe! Não há a mínima prova de que Slytherin tenha algum dia construído sequer um armário secreto de vassouras! Arrependo-me de ter contado aos senhores uma história tão tola. Vamos voltar, façam-me o favor, à História, aos fatos sólidos, críveis e verificáveis!

E em cinco minutos a classe voltara a mergulhar em seu torpor habitual.

(Trecho do capítulo 7, “O Chapéu Seletor”, do primeiro volume da série *Harry Potter, Harry Potter e a Pedra Filosofal*)

A PORTA ABRIU-SE DE CHOFRE, e apareceu uma bruxa alta de cabelos negros e veste verde-esmeralda. Tinha o rosto muito severo e o primeiro pensamento de Harry foi que era uma pessoa a quem não se devia aborrecer.

— Alunos do primeiro ano, Professora Minerva McGonagall — informou Hagrid.

— Obrigada Hagrid. Eu cuido deles daqui em diante.

Ela escancarou a porta. O saguão era tão grande que teria cabido à casa dos Dursley inteira dentro. As paredes de pedra estavam iluminadas com archotes flamejantes como os de *Gringotes*, o teto era alto demais para se ver, e, um a um, subiram a imponente escada de mármore em frente que levava aos andares superiores. Eles acompanharam a Prof^a. McGonagall pelo piso de lajotas de pedra. Harry ouviu o murmúrio de centenas de vozes que vinham de uma porta á direita, o restante da escola já devia estar reunido.

Mas a Prof^a. McGonagall levou os alunos da primeira série a uma sala vazia ao lado do saguão. Eles se agruparam lá dentro, um pouco mais apertados do que o normal, olhando, nervosos, para os lados.

— Bem vindos a Hogwarts — disse a Prof^a. McGonagall — O banquete de abertura do ano letivo vai começar daqui a pouco, mas antes de se sentarem às mesas, vocês serão selecionados por Casas. A *Seleção* é uma cerimônia muito importante porque, enquanto estiverem aqui sua Casa será uma espécie de família em Hogwarts. Vocês assistirão a aulas com o restante dos alunos de sua Casa,

dormirão no dormitório da Casa e passarão o tempo livre na Sala Comunal. As quatro casas chamam-se *Grifinória*, *Lufa-Lufa*, *Corvinal* e *Sonserina*. Cada casa tem sua história honrosa e cada uma produziu bruxas e bruxos extraordinários. Enquanto estiverem em Hogwarts os seus acertos renderão pontos para sua casa, enquanto os erros a farão perder. No fim do ano, a casa com o maior número de pontos receberá a *Taça das Casas*, uma grande honra. Espero que cada um de vocês seja motivo de orgulho para a casa a qual vier a pertencer. A Cerimônia de Seleção vai se realizar dentro de alguns minutos na presença de toda a escola. Sugiro que vocês se arrumem o melhor que puderem enquanto esperam.

(...)

Harry jamais imaginara um lugar tão diferente e esplêndido, era iluminado por milhares de velas que flutuavam no ar sobre quatro mesas compridas, onde os demais estudantes já se encontravam sentados. As mesas estavam postas com pratos e taças douradas. No outro extremo do salão havia mais uma mesa comprida em que se sentavam os professores. A Profª. McGonagall levou os alunos de primeiro ano até ali, de modo que eles pararam enfileirados diante dos outros, tendo os professores às suas costas.

As centenas de rostos que os contemplavam pareciam lanternas fracas à luz trêmula das velas. Misturados aqui e ali aos estudantes, os fantasmas brilhavam como prata envolta em névoa. Principalmente para evitar os olhares fixos neles, Harry olhou para cima e viu um teto aveludado e negro salpicado de estrelas.

Ouviu Hermione cochichar:

— É enfeitado para parecer o céu lá fora, li em *Hogwarts, Uma História*.

Era difícil acreditar que havia um teto ali e que o Salão Principal simplesmente não se abria para o infinito.

Harry baixou depressa os olhos quando a Profª. McGonagall silenciosamente colocou um banquinho de quatro pernas diante dos alunos do primeiro ano. Em cima do banquinho ela pôs um chapéu pontudo de bruxo. O chapéu era remendado, esfiapado e sujíssimo. Tia Petúnia não teria permitido que um objeto nessas condições entrasse em casa.

Talvez tivessem que tentar tirar um coelho de dentro dele, Harry pensou delirando, parecia apropriado. Reparando que todos no salão agora olhavam para o chapéu, ele olhou também. Por alguns segundos fez-se um silêncio total. Então o chapéu se mexeu. Um rasgo junto à aba se abriu como uma boca e o chapéu começou a cantar:

*Ah, vocês podem me achar pouco atraente,
Mas não me julguem só pela aparência
Engulo a mim mesmo se puderem encontrar
Um chapéu mais inteligente do que o papai aqui.*

*Podem guardar seus chapéus-coco bem pretos,
Suas cartolas altas de cetim brilhoso
Porque sou o Chapéu Seletor de Hogwarts.
E dou de dez a zero em qualquer outro chapéu.*

*Não há nada escondido em sua cabeça
Que o Chapéu Seletor não consiga ver,
Por isso é só me porem na cabeça que vou dizer
Em que casa de Hogwarts deverão ficar.*

*Quem sabe sua morada é a Grifinória,
Casa onde habitam os corações indômitos.
Ousadia e sangue-frio e nobreza
Destacam os alunos da Grifinória dos demais.*

*Quem sabe é na Lufa-Lufa que você vai morar,
Onde seus moradores são justos e leais
Pacientes, sinceros, sem medo da dor.*

*Ou será a velha e sábia Corvinal,
A casa dos que têm a mente sempre alerta,
Onde os homens de grande espírito e saber
Sempre encontrarão companheiros seus iguais.*

*Ou quem sabe a Sonserina será a sua casa
E ali estejam seus verdadeiros amigos,
Homens de astúcia que usam quaisquer meios
Para atingir os fins que antes colimaram.*

*Vamos, me experimentem! Não devem temer!
Nem se atrapalhar! Estarão em boas mãos!
Mesmo que os chapéus não tenham pés nem mãos!
Porque sou único, sou um Chapéu Pensador!*

(...)

— E agora, antes de irmos para a cama, vamos cantar o hino da escola! — exclamou Dumbledore.

Harry reparou que os sorrisos dos outros professores tinham amarelado.

Dumbledore fez um pequeno aceno com a varinha como se estivesse tentando espantar uma mosca na ponta e surgiu no ar uma longa fita dourada, que esvoaçou para o alto das mesas e se enroscou como uma serpente formando palavras.

— Cada um escolha sua música preferida — convidou Dumbledore — e lá vamos nós!

E a escola entoou em altos brados:

*Hogwarts, Hogwarts, Hogggy Warty Hogwarts,
Nos ensine algo por favor,*

*Quer sejamos velhos e calvos
Quer moços de pernas raladas,
Temos as cabeças precisadas
De ideias interessantes,
Pois estão ocas e cheias de ar,
Moscas mortas e fios de algodão.
Nos ensine o que vale a pena
Faça lembrar o que já esquecemos
Faça o melhor, faremos o resto,
Estudaremos até o cérebro se desmanchar.*

ANEXO XXI**Tópico guia da segunda reunião com o grupo A.****SEGUNDA REUNIÃO – GRUPO DE DISCUSSÃO A**

Tópico guia do moderador

Questões para o debate:

- 9) A música de Hogwarts diz “nos ensine o que vale a pena”. O que vocês acham mais importante a escola ensinar?
- 10) Na música também diz “temos as cabeças precisadas de idéias interessantes”. Já o outro texto diz que a aula de História da Magia estava chata e era sempre assim. O que seria interessante aprender?
- 11) O que uma aula precisa ter para ser interessante?
- 12) A escola ajuda? Qual a importância que estudar tem na vida de vocês? (lembrar que eles já falaram sobre isso na primeira reunião)
- 13) Todos aqui estudam em escola pública? Por quê?
- 14) Na história do Harry Potter existe uma única escola, mas na vida real são muitas, públicas e privadas. Estudar em escola pública traz alguma desvantagem? Como vocês veem isso?
- 15) E como é possível resolver isso? O que tem de ser feito?

* Solicitar a cada participante redação de um texto sobre o tema em questão e os comentários feitos em reunião.

ANEXO XXII**Trecho da obra com temática “meninos X meninas”.**

(Trecho do capítulo 8, “A fuga da mulher gorda”, do terceiro volume da série *Harry Potter, Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban*)

Não demorou nada e a Defesa Contra as Artes das Trevas se tornou a matéria favorita da maioria dos estudantes. Somente Draco Malfoy e sua patota de alunos da Sonserina tinham alguma coisa de ruim a dizer do Prof. Lupin.

— Olha só as vestes dele — Malfoy dizia num sussurro bem audível quando o professor passava — Ele se veste como um velho elfo doméstico.

Mas ninguém mais se importava se as vestes de Lupin eram remendadas e esfiapadas. Suas aulas seguintes tinham sido tão interessantes quanto a primeira. Depois dos bichos-papões, eles estudaram os barretes vermelhos, criaturinhas malvadas que lembravam duendes e rondavam os lugares onde houvera derramamento de sangue, masmorras de castelos e valas dos campos de batalha desertos à espera de abater a porrete os que se perdiam. Dos barretes vermelhos eles passaram aos kappas, seres rastejantes das águas, que lembravam macacos com escamas, palmípedes cujas mãos comichavam para estrangular os banhistas desavisados que penetravam seus domínios.

Harry só desejava que fosse tão feliz com outras matérias.

A pior delas era Poções. Snape andava com uma disposição bem vingativa ultimamente, e ninguém tinha dúvidas do que motivara isso. A história do bicho-papão que assumira a forma dele, e a maneira com que Neville o vestira com as roupas da avó, correram a escola como fogo espontâneo. Snape não parecia ter achado graça. Seus olhos faiscavam ameaçadoramente à simples menção do nome de Lupin e ele andava implicando com Neville mais do que nunca.

Harry também estava começando a temer as horas que passava na sala sufocante da Prof^a. Trelawney, decifrando formas e símbolos enviesados, tentando fingir que não via os olhos da professora se encherem de lágrimas todas as vezes que olhava para ele. Não conseguia gostar de Sibila, embora ela fosse tratada, por muitos alunos da turma, com um respeito que beirava a reverência. Parvati Patil e Lilá Brown passaram a rondar a torre da professora na hora do almoço, e sempre voltavam com irritantes ares de superioridade, como se soubessem de coisas que

os outros desconheciam. Tinham começado também a usar um tom de voz abafado sempre que falavam com Harry, como se estivessem em seu velório.

Ninguém gostava realmente de Trato das Criaturas Mágicas que, depois da primeira aula repleta de ação, tornara-se extremamente monótona. Hagrid parecia ter perdido a confiança em si mesmo. Os alunos agora passavam aula após aula aprendendo a cuidar de vermes, que eram uma das espécies de bichos mais chatas que existem no mundo, e não era por acaso.

— Por que alguém se daria o trabalho de cuidar deles? — exclamou Rony, depois de mais de uma hora enfiando alface fresca picada pela goela escorregadia dos vermes.

No início de Outubro, porém, Harry teve algo com que se ocupar, algo tão prazeroso que mais do que compensou as aulas chatas. A temporada de Quadribol se aproximava e Olívio Wood, capitão do time da Grifinória, convocou uma reunião para uma noite de Quinta-Feira com a finalidade de discutirem as táticas que adotariam na nova temporada.

Havia sete jogadores num time de Quadribol: três artilheiros, cuja função é marcar gol fazendo a goles (uma bola vermelha do tamanho de uma bola de futebol) passar por um aro no alto de uma baliza de quinze metros de altura fincada em cada extremidade do campo; dois batedores, armados com pesados bastões para repelir os balaços (duas bolas pretas maciças que voavam para todos os lados tentando atacar os jogadores); um goleiro, que defendia as balizas e um apanhador, que tinha a função mais difícil de todas, a de capturar o Pomo de Ouro, uma bolinha alada do tamanho de uma noz, cuja captura encerrava o jogo, e garantia para o time do apanhador cento e cinqüenta pontos a mais.

Olívio era um rapaz forte de dezessete anos, agora no sétimo e último ano de Hogwarts. Tinha uma espécie de desespero silencioso na voz quando se dirigiu aos seis companheiros de equipe nos gelados vestiários, localizados nas pontas do campo de Quadribol, agora quase escuro.

— Esta é a nossa última chance, minha última chance, de ganhar a Taça de Quadribol — disse andando para lá e para cá diante dos colegas — Vou-me embora no fim deste ano. Nunca mais terei outra oportunidade. Grifinória não ganha a taça há sete anos. Tudo bem, tivemos o maior azar do mundo, acidentes, depois o cancelamento do torneio no ano passado... — Olívio engoliu em seco como se aquela lembrança ainda lhe desse um nó na garganta — Mas também sabemos que

temos o time... melhor... mais irado... da escola — disse ele, dando um soco na palma da mão, o velho brilho obsessivo nos olhos — Temos três artilheiras da melhor qualidade.

Olívio apontou para Alicia Spinnet, Angelina Johnson e Cátia Bell.

— Temos dois batedores imbatíveis.

— Pode parar, Olívio, você está encabulando a gente — disseram Fred e Jorge juntos, fingindo corar.

— E temos um apanhador que até hoje nunca deixou de nos levar à vitória nas partidas que jogamos — falou Olívio em tom retumbante, encarando Harry com uma espécie de orgulho ardoroso — E temos a mim — acrescentou, pensando melhor.

— Nós também achamos você muito bom Olívio — disse Jorge.

— Um goleiro do caramba! — disse Fred.

— A questão é... — continuou Olívio retomando a caminhada —... Que a Taça de Quadribol devia ter tido o nome do nosso time gravado, nesses dois últimos anos. Desde que Harry se juntou a nós, achei que a taça já estava no papo. Mas não ganhamos, e este ano é a última chance que teremos de finalmente ver o nosso nome na taça...

ANEXO XXIII**Tópico guia da terceira reunião com o grupo A.****TERCEIRA REUNIÃO – GRUPO DE DISCUSSÃO A****Tópico guia do moderador****Questões para o debate:**

- 16) Nos times de quadribol, as meninas jogam junto com os meninos. Na vida real isso é possível? Por quê?
- 17) As meninas são diferentes dos meninos? Como?
- 18) A Hermione é a aluna mais inteligente e é menina. As meninas podem ser mais inteligentes que os meninos? Na vida de vocês, quem se sai melhor, as meninas ou os meninos?
- 19) A relação entre meninos e meninas é difícil? Por quê?
- 20) E quando os meninos e as meninas crescem, homens e mulheres são iguais na sociedade? Ou cada um tem o seu lugar? Que lugar é esse?

Pausa para montagem dos dois quebra-cabeças

- 6) Vocês acham que os homens precisam das mulheres e as mulheres dos homens?
- 7) Existe igualdade entre homens e mulheres? Como construir essa igualdade?
- 8) Vocês acham que as meninas e os meninos de Paraisópolis são parecidos com as meninas e os meninos da história do Harry Potter ou diferentes? Por quê?

* Solicitar a cada participante a redação de um texto em resposta à pergunta guia: Os meninos e as meninas de Paraisópolis são parecidos com as meninas e os meninos da história do Harry Potter ou diferentes? Por quê?

ANEXO XXIV

Trecho da obra com temática “discriminação/preconceito”.

(Trecho do capítulo 7, “Sangue ruim e vozes invisíveis”, do segundo volume da série *Harry Potter, Harry Potter e a Câmara Secreta*)

- Sou o novo apanhador da Sonserina, Weasley - disse Draco, presunçoso. - O pessoal aqui está admirando as vassouras que meu pai comprou para o nosso time.

Rony olhou, boquiaberto, as sete magníficas vassouras diante dele.

- Boas, não são? - disse Draco com a voz macia. - Mas quem sabe o time da Grifinória pode levantar um ourinho e comprar vassouras novas, também. Você podia fazer uma rifa dessas Cleansweep 5; imagino que um museu talvez queira comprá-las.

O time da Sonserina dava gargalhadas.

- Pelo menos ninguém do time da Grifinória teve de pagar para entrar - disse Mione com aspereza. - Entraram por puro talento.

O ar presunçoso de Draco pareceu oscilar.

- Ninguém pediu sua opinião, sua sujeitinha de sangue ruim. - xingou ele.

Harry percebeu na hora que Draco dissera uma coisa realmente ofensiva, porque houve um tumulto instantâneo em seguida às suas palavras. Flint teve

que mergulhar na frente de Draco para impedir que Fred e Jorge se atirassem

contra ele. Alicia gritou com voz aguda:

- Como é que você se atreve! - e Rony mergulhou a mão nas vestes, puxou a varinha e gritou:

- Você vai me pagar! - e apontou a varinha, furioso, para a cara e Draco, por baixo do braço de Flint.

Um estrondo muito forte ecoou pelo estádio, e um jorro de luz verde saiu da ponta oposta da varinha de Rony, atingiu-o na barriga e o atirou de costas na grama.

- Rony! Rony! Você está bem? - gritou Mione.

Rony abriu a boca para falar, mas não saiu nada. Em vez disso, ele soltou um poderoso arroto e várias lesmas caíram de sua boca para o colo.

O time da Sonserina ficou paralisado de tanto rir. Flint, dobrado pela cintura, tentava se apoiar na vassoura nova. Draco caía de quatro, dando murros no chão. Os alunos da Grifinória agrupavam-se em torno de Rony, que não parava de arrotar lesmas enormes. Ninguém parecia querer tocar nele.

- É melhor levarmos o Rony para a casa de Hagrid, é mais perto - disse Harry a Mione, que concordou cheia de coragem, e os dois levantaram o amigo pelos braços.

- Que aconteceu, Harry? Que aconteceu? Ele está doente? Mas você pode curá-lo, não pode? - Colin descera correndo das arquibancadas e agora dançava em volta dos meninos que saíam de campo. Rony deu um enorme suspiro e mais lesmas rolaram pelo seu peito.

- "Aaah", exclamou Colin, fascinado, erguendo a máquina fotográfica. "Pode manter ele parado, Harry?"

- Sai da frente, Colin! - disse Harry com raiva. Ele e Mione carregaram Rony para fora do estádio e atravessaram os jardins em direção à orla da floresta.

- Estamos quase lá, Rony - disse Mione quando a cabana do guarda-caça tornou-se visível. - Você vai ficar bom num instante, estamos quase chegando... Estavam a uns cinco metros da casa de Hagrid quando a porta de entrada se abriu, mas não foi Hagrid que apareceu.

Gilderoy Lockhart, hoje com vestes lilás clarinho, vinha saindo.

- Depressa, aqui atrás - sibilou Harry, arrastando Rony para trás de um moita próxima. Mione seguiu-o, um tanto relutante.

- É muito simples se você sabe o que está fazendo! - Lockhart dizia em voz alta a Hagrid. - Se precisar de ajuda, você sabe onde estou! Vou-lhe dar uma cópia do meu livro. Estou surpreso que ainda não o tenha comprado: vou autografar um exemplar hoje à noite e mandar para você. Bom, adeus. - E saiu em direção ao castelo.

Harry esperou até Lockhart desaparecer de vista, então puxou Rony da moita até a porta de Hagrid. Bateram apressados.

Hagrid abriu na mesma hora, parecendo muito rabugento, mas seu rosto se iluminou quando viu quem era.

- Estive pensando quando é que vocês viriam me ver, entrem, entrem, ache que podia ser o Prof^o. Lockhart outra vez...

Harry e Mione ajudaram Rony a entrar na cabana sala-e-quarto, que tinha uma cama enorme em um canto, uma lareira com um fogo vivo no outro.

Hagrid não pareceu perturbado com o problema das lesmas de Rony, que Harry explicou em poucas palavras enquanto baixava o amigo em uma cadeira.

- Melhor para fora do que para dentro - disse Hagrid animado, baixando com ruído uma grande bacia de cobre na frente do menino. - Ponha todas para fora Rony.

- Acho que não há nada a fazer exceto esperar que a coisa passe - disse Mione ansiosa, observando Rony se debruçar na bacia. - É um feitiço difícil de fazer em condições ideais, ainda mais com uma varinha quebrada...

Hagrid ocupou-se pela cabana preparando chá para os meninos. Seu cão de caçar javalis, Canino, fazia festas a Harry, sujando-o todo.

- Que é que Lockhart queria com você, Hagrid? - perguntou Harry, coçando as orelhas de Canino.

- Estava me dando conselhos para manter um poço livre de algas - rosnou Hagrid, tirando um galo meio depenado de cima da mesa bem esfregada e pousando nela o bule de chá. - Como se eu não soubesse. E ainda fez farol sobre um espírito agourento que ele espantou. Se uma única palavra do que disse for verdade eu como a minha chaleira.

Não era hábito de Hagrid criticar professores de Hogwarts, e Harry olhou-surpreso. Mione, porém, disse num tom mais alto do que de costume:

- Acho que você está sendo injusto. É óbvio que o Prof^o. Dumbledore achou que ele era o melhor candidato para a vaga...

- Ele era o único candidato - disse Hagrid, oferecendo-lhes um prato de quadrinhos de chocolate, enquanto Rony tossia e vomitava na bacia. - E

quero dizer o único mesmo. Está ficando muito difícil encontrar alguém para ensinar Artes das Trevas. As pessoas não andam muito animadas para assumir esta função. Estão começando a achar que esta enfeitiçada. Ultimamente ninguém demorou muito nela. Agora me contem - disse Hagrid, indicando Rony com a cabeça. - Quem é que ele estava tentando enfeitiçar?

- Malfoy chamou Mione de alguma coisa, deve ter sido muito ruim porque ele ficou furioso.

- Foi ruim - disse Rony, rouco, erguendo-se, lívido e suado, até a superfície da mesa. - Malfoy chamou Mione de sangue ruim, Hagrid...

Rony tornou a sumir debaixo da mesa e um novo jorro de lesmas caiu. Hagrid pareceu indignado.

- Ele não fez isso!

- Fez sim - confirmou Mione. - Mas eu não sei o que significa. Percebi que era uma grosseria muito grande, é claro...

- É praticamente a coisa mais ofensiva que ele podia dizer - ofegou Rony, voltando. - Sangue ruim é o pior nome para alguém que nasceu trouxa, sabe, que não tem pais bruxos. Existem uns bruxos, como os da família de Malfoy, que se

acham melhores do que todo mundo porque têm o que as pessoas chamam de sangue puro. - Ele deu um pequeno arrote, e uma única lesma caiu em sua mão estendida. Ele a atirou à bacia e continuou: - Quero dizer, nós sabemos que isso não faz a menor diferença. Olha só o Neville Longbottom, ele tem sangue puro e sequer consegue pôr um caldeirão em pé do lado certo.

- E ainda não inventaram um feitiço que a nossa Mione não saiba fazer - disse Hagrid orgulhoso, fazendo Mione ficar púrpura de tão corada.

- É uma coisa revoltante chamar alguém de...- começou Rony, enxugando a testa suada com a mão trêmula - sangue sujo, sabe. Sangue comum. É ridículo. A maioria dos bruxos hoje em dia é mestiça. Se não tivéssemos casado com trouxas teríamos desaparecido da terra.

ANEXO XXV**Tópico guia da quarta reunião com o grupo A.****QUARTA REUNIÃO – GRUPO DE DISCUSSÃO A**

Tópico guia do moderador

Questões para o debate:

- 21) O que vocês acham que a história do Harry Potter quer passar para o leitor com essas diferenças entre nascidos trouxas / nascidos bruxos, sangue ruim / sangue puro?
- 22) No mundo do Harry Potter parece que existem muitas diferenças entre as pessoas. Vamos ver se é isso mesmo? (Aplicar jogo da memória).
- 23) E na nossa sociedade, também é assim? Que diferenças existem entre as pessoas na nossa sociedade?
- 24) O que é preconceito? Quais são os tipos de preconceito que vocês conhecem?
- 25) A pessoa que mora em uma comunidade sofre discriminação de algum tipo? Como vocês percebem isso no dia a dia?
- 26) Isso incomoda vocês? Por quê?
- 27) Como vocês acham que isso pode ser combatido?

* Solicitar a cada participante a redação de um texto em resposta à pergunta guia: De que forma a obra *Harry Potter* ajuda você a refletir sobre discriminação e igualdade entre as pessoas?

ANEXO XXVI

Produções da enunciadora 3.

Livro: Harry Potter: A pedra filosofal
 É um livro que tem por qual a função achar o objeto que está sendo alvo na história, ele luta com um homem para conseguir o principal alvo da história a pedra que não será fácil pois ele enfrentará vários inimigos e barreiras para obter o objetivo. Fora isso eu achei muito interessante pois mostra que quem quer obter coisas, tem que lutar, vencer barreiras até conseguir pois a sempre a esperança!

Liberdade: É você poder fazer o que você quiser, sem ter alguém falando o que você pode fazer e o que não pode. É sem regras, normas. É também o respeito ao próximo e o si mesmo.
 Limites: É um ponto pré determinado para demarcar algo. É a capacidade que você pode fazer algo. É um conceito de educação, comportamento oficial "tudo na vida tem limites".
 Nome: Rebecca Santos Silva.

As meninas e os meninos de Paraisópolis são parecidos com as meninas e os meninos da história do Harry Potter ou diferentes? Por que?
 Alguns sim. Outros não por que geralmente eles não tem a mesma educação e às vezes tem, ~~mas~~ não se espelham na lição que os seus pais tem passado. O comportamento de alguns não se parecem nada, eles vivem totalmente diferentes dos meninos(as) de Harry Potter.

O bullying está presente em Harry Potter? O que a obra retrata é o que você vê na vida real? Por que?
 Sim, sim, retrata acontecimentos que acontecem na vida real. Por que na história se caracteriza o malfeitor querer ser melhor, se sentir superior, querer causar fraqueza e humilhação pelo fato de ~~ele~~ ^{Harry} ser diferente. Na vida real, atualmente acontece muito isso se você é inteligente e diferente, o que praticar o bullying vai ofender, pra se achar melhor, mas isso só demonstra uma ação ruim, que você é uma pessoa incapaz, de se igual a uma pessoa diferente.

O que a maioridade experimentada por Harry Potter e outros personagens da obra tem a ver com a sua própria experiência em relação à maioridade?

Sim, Tem a ver de como vai ser na minha maioridade. Refletindo e focando nas responsabilidades, na ação; como vai agir. E de como vai ser, se tornar independente tomando suas atitudes e tomando suas decisões.

De que forma a obra Harry Potter ajuda você a refletir sobre discriminação e igualdade entre as pessoas?

De que as pessoas julga a opção, a escolha da pessoa, pelo fato de ela (e) se sentir melhor. Ele (a) ser diferente, ter a cor da pele diferente, e a opção sexual que também foge das regras da sociedade. Eu acho que cada um é cada um. E que devemos entender e acompanhar a mudança na sociedade.

De que forma a obra Harry Potter ajuda você a refletir sobre exclusão e justiça social?

Ajudar a refletir as desigualdades na vida, no mundo real. Um exemplo: uma pessoa ter uma oportunidade e você não. E também ajuda nós refletir que todos somos iguais. Uma pessoa que quer se esconder, ser diferente e uma opção dele mesmo se excluir. É a justiça social, vai depender de cada um querer e concordar. Pois você sendo isso ou aquilo, também é ser humano do mesmo jeito.

ANEXO XXVII

Apresentação em PPT preparada pelas enunciatórias 3 e 4 sobre o tema preconceito.

Grupo De Discussão B (Quarta e última reunião)

Preconceito

O que eu acho sobre
preconceito :

•Criss diz :O preconceito é algo muito comum em escolas , principalmente em lugares públicos.Podemos relatar um caso de preconceito com o Jogador **Daniel Alves** quando o jogador é tratado como um "macaco" no campo de futebol por ser moreno.

O preconceito no trecho:

- Sangue puros são pessoas que não tem Trouxas em sua família. Tradicionalmente, sangue puros gostam de continuar sua geração "**pura**" casando com outros sangue puros e são geralmente os que usam o termo "**Sangue Ruim**", um termo considerado muito ofensivo no mundo mágico. "**Sangue ruim**" significa "**Nascido trouxa**", mencionando que eles tem o sangue sujo e não tem o direito de ser um bruxo/bruxa. Sangue puros que não compartilham esses preconceitos contra nascidos trouxas/mestiços são considerados "**traidores de sangue**".

O que eu acho sobre o
preconceito :

•Becka diz :

•O **preconceito** é discrimina , é interferir a escolha da pessoa .É julgar o fato dele(a) ser diferente , ter algo não semelhante as outras pessoas. Uma das piores formas do **preconceito** é a "**sexual**", eles são agredidos por não serem "iguais" às regras da sociedade. A também o "**Preconceito racial** ", "**Os Negros**" , **principais vítimas**. Pela diferença da cor de pele, há casos deles sofrerem agressões físicas e etc.

ANEXO XXVIII

Questionário respondido pela enunciativa 3.

Data de nascimento: 16/04/2000

PARTE I: ATIVIDADES DE LEITURA E ESCRITA

1. O primeiro contato com a obra *Harry Potter* foi por meio de:

() livro ☒ filme () game () outro suporte, qual? _____

2. Qual sua idade quando teve contato com a obra pela primeira vez?

7 anos

3. Liste (um a um) os itens da obra *Harry Potter* que conhece e como teve acesso a eles (compra, empréstimo de biblioteca ou de amigo, presente de familiar ou amigo etc.):

O filme a câmara secreta (televisão a cabo)
O livro a pedra filosofal (biblioteca)

4. Atualmente, que atividades pratica em relação à obra *Harry Potter*?

leio alguns resumos sobre os assuntos que
já tendo atualmente. E pretendo ver filmes
e ler os livros também

5. Você costuma ler outros livros? ☒ Sim () Não. Se sim, indique a frequência ()
uma vez por semana ☒ mais de uma vez por semana () uma vez por mês () mais de
uma vez por mês () quase nunca

6. Quando você começou a ler livros?

desde bastante a partir dos 3 anos

7. Você considera importante ler? O que a leitura pode proporcionar?

na minha opinião sim. Proporciona ideias,
conselhos, uma demonstração do realida-
de e também nos ensina algumas coisas

8. Que livro recomendaria a um colega?

"Memórias da minha leitura"
 Harry Potter, A Pedra Filosofal
 "A culpa é das estrelas", "Três Virgens" ...

9. Como tem acesso a livros (compra, biblioteca, amigos etc.)? Se você compra livros, indique o local.

Biblioteca. Sim compro, geralmente na
 Paraisópolis ou na Amazon.com.br.

10. Além da bibliografia escolar, que tipo de leitura você procura por sua conta para lazer ou pesquisa? Liste suas preferências por autor ou assunto:

"John Green" → Gostaria de ler bastante
 porque tem de livros de ficção, romances,
 pessoas que tem câncer.

11. Além de Harry Potter, que outros heróis conheceu por meio dos livros?

Aquiles, Hércules, Percy Jackson...

12. Acredita que tem fluência/entendimento bom do que lê? Em caso de deficiência, como procura supri-la?

Sim, na caso de dificuldade faço pesquisa
 ou peço alguém para me auxiliar.

13. Como é a leitura de livros em sua família? Possuem livros? De que tipo?

Alguns ler e outros não. Sim. Ficção,
 terror, reflexões, ação etc.

14. Você costuma ler outro tipo de material impresso além de livros? ☒ Sim () Não. Se sim, qual?

Fórum. Indique a frequência () uma vez por semana () mais de uma vez por semana () uma vez por mês () mais de uma vez por mês ☒ quase nunca Como tem acesso (compra, assinatura, em local específico etc.)? excluído - biblioteca

15. Você costuma escrever? ☒ Sim () Não. Se sim, o quê?

redação. Indique a frequência () uma vez por semana () mais de uma vez por semana ☒ uma vez por mês () mais de uma vez por mês () quase nunca

16. Considera ter facilidade para escrever? Em caso de dificuldade, como procura aprimorar essa habilidade?

Sim, depende de quê, se que assunto
ex: for etnografia, deu algo de ajuda
a algum professor ou minha mãe

PARTE II: PERFIL DO LEITOR

1. Há quanto tempo reside na comunidade de Paraisópolis?

12 anos E sua
 família? Chega que também 12 anos. Tem outros
familiares que mais de 12 anos e outros menos

2. Sua moradia atual é:

☒ própria () alugada () cedida () outro, qual? _____

3. A moradia possui quantos cômodos

() um () dois ☒ três () mais de três

4. A renda familiar é próxima de:

☒ de 1 a 3 SM¹ () de 3 a 5 SM () de 5 a 10 SM () mais de 10 SM

5. A família possui:

() Carro – quantos? _____

☒ Plano de saúde

☒ Computador – quantos? 1

☒ Acesso à Internet

☒ Geladeira – quantas? 1

() Freezer – quantos? _____

☒ Fogão – quantos? 1

☒ Micro-ondas – quantos? 1

☒ Televisão – quantas? 1

() Rádio – quantos? _____

() Assinatura de jornais ou revistas – quais e quantos?

☒ Livros – quantos? (cerca de) 32

() Assinatura de TV a cabo

6. A escola que frequenta é:

() pública ☒ particular, neste caso indique se é bolsista ☒ Sim () Não. Em que
 série você está ou parou de estudar (indique o nome da instituição
 escolar)? Estou na 9ª série → Colégio CECI

7. Qual a profissão e o grau de escolaridade dos seus pais?

Mãe → Ensino médio completo → Doméstica
 Pai → Ensino médio completo → Caboleiro

8. Tem acesso à TV? ☒ Sim () Não Cinema ☒ Sim () Não Programas em vídeo
 (filmes e outros) ☒ Sim () Não Internet ☒ Sim () Não Teatro ☒ Sim () Não

¹ SM = salário mínimo

Espectáculos/shows? ☒ Sim () Não. Shopping-centers ☒ Sim () Não Viagens ☒
Sim () Não

9. Em relação às atividades acima, liste sua programação favorita:

Cinema e Internet.

10. Qual é o principal uso que faz da Internet (pesquisa, correio eletrônico, redes sociais, música, YouTube, outro uso)?

redes sociais e Youtube

11. Há alguma atividade que não pode fazer ou gostaria de fazer com mais frequência? O que impede?

Gostaria de fazer com mais frequência
dançar e ler livros.

ANEXO XXIX

Produções da enunciativa 4.

Titulo: Harry Potter e a Câmara Oculta

Desde o livro popular, como muito
 O Harry Potter e todos os seus filmes e livros.
 O livro é um conto de fada, em sua
 e é como se eu estivesse dentro do livro fazendo
 as coisas e vivendo lá cada dia mais uma nova
 aventura, o mundo dos livros é o meu outro
 mundo, os livros é tudo pra mim, minha vida.
 Eu tenho com livros, dentro com livros estudo com
 livros, faço quase tudo com livros.
 O livro diz a seguinte frase: "Os livros são
 futuros não profeta a internet do que ser livros".
 Eu eu com livros e livros do Harry do que
 ficar na internet. Eu amo o Harry Potter ele é lindo
 adoro ele amo tudo que ele faz, ele poderia dizer
 algo neste momento pra ele eu diria para ele fazer
 novos livros e filmes seria tudo por uma coisa única
 do livro do Harry.

Leituras!

Leituras é o assunto mais falado entre os
 jovens hoje em dia, pelo no mundo da tecnologia que
 mais queremos usar pra coisas com dos jogos
 pra coisas, além coisas eletrônicas e etc. Em um
 período, tem livro. Muitos pais fazem coisas no
 deixando seus filhos fazerem coisas bem interessantes, algumas
 elas que é para os seus pais bem...
 Muitos jovens também dizem de lá da escola
 que por mais chato que seja, é o melhor para nos
 termos bem educados na vida, muitos pais e
 professores usam isso para fazer com que
 os alunos não comam nada, por isso é bom
 com coisas que temos, pelo Harry Potter, não
 tinha valor para os alunos e tem professores
 e amigos.
 É como tudo tem seu tempo na hora de
 se divertir vai chegar, mais neste momento a hora
 de aprender, assim como Harry Potter aprendeu as
 coisas de magia, nós temos que aprender agora, para
 que possamos passar para nossos filhos. A
 vida é longa temos muito tempo para nos divertir.

com USP
 Programa de Pós-Graduação
 em Ciências da Comunicação
 da Universidade de São Paulo

O bullying está presente em Harry Potter? O que a obra retrata é o que
 você vê na vida real? Por que?

Sim, porque a escritora tenta mostrar que
 realmente acontece em escolas e etc. É o bullying
 realmente acontece com aquelas pessoas mais
 pobres, ou diferente ou por inveja, o malfeitor faz
 bullying com o Ronny pelo fato de ele usar
 roupas usadas, e com o Harry, por inveja, pelo
 fato de ele ser diferente no mundo dos bruxos,
 e também tem a Hermione que sofre bullying pelo
 fato de ser "feia" e pelo fato dela ser muito inteligente
 que faz ela ser diferente.

com USP
 Programa de Pós-Graduação
 em Ciências da Comunicação
 da Universidade de São Paulo

O que a maioria experimentada por Harry Potter e outros
 personagens da obra tem a ver com a sua própria experiência em relação
 à maioridade?

Tem a ver pelo fato de que uma hora os
 e brigades vão ficar maiores e mais difíceis a
 vamos ter que nos tornar adultos. Quando chega
 a maioridade temos mais brigades do que
 estáamos acostumados a ter, então acho que
 tem muito a ver.

ANEXO XXX

Questionário respondido pela enunciadora 4.

Data de nascimento: 09.06.1999

PARTE I: ATIVIDADES DE LEITURA E ESCRITA

1. O primeiro contato com a obra *Harry Potter* foi por meio de:

() livro () filme () game (x) outro suporte, qual? vide case (fita)

2. Qual sua idade quando teve contato com a obra pela primeira vez?

De 7 a 8 anos por aí

3. Liste (um a um) os itens da obra *Harry Potter* que conhece e como teve acesso a eles (compra, empréstimo de biblioteca ou de amigo, presente de familiar ou amigo etc.):

fita (vide case): meu irmão tinha a coleção de fitas.

livros: na biblioteca de sister.

filme: passou na TV e eu assisti

4. Atualmente, que atividades pratica em relação à obra *Harry Potter*?

Participo do grupo 3 na internet, ligo livros e notícias e vejo filmes.

5. Você costuma ler outros livros? (x) Sim () Não. Se sim, indique a frequência () uma vez por semana (x) mais de uma vez por semana () uma vez por mês () mais de uma vez por mês () quase nunca

6. Quando você começou a ler livros?

Quando eu vim aqui na biblioteca de sister tinha uma cartolina de empréstimo de sister.

7. Você considera importante ler? O que a leitura pode proporcionar?

Sim, pode melhorar a leitura e a escrita e abre muito a mente.

8. Que livro recomendaria a um colega?

Vários livros: Harry Potter, Narnia, a garota americana, Percy Jackson, um e mar de monstros, Guinivue dehn, a culpa é das urtigas, Quem é você Alanna, diário de um bandido e o menino do pijama listrado, e o menino do pijama listrado.

9. Como tem acesso a livros (compra, biblioteca, amigos etc.)? Se você compra livros, indique o local.

Peço emprestado na biblioteca, visto, e compo na Saraiva.

10. Afora a bibliografia escolar, que tipo de leitura você procura por sua conta para lazer ou pesquisa? Liste suas preferências por autor ou assunto:

Diário de um bandido: Jeff Kinney
A culpa é das urtigas: John Green
O menino do pijama listrado: Jonathan Safran Foer
A garota americana: Meg Cabot

11. Além de Harry Potter, que outros heróis conheceu por meio dos livros?
Hércules.

12. Acredita que tem fluência/entendimento bom do que lê? Em caso de deficiência, como procura supri-la?

Sim, acho que lendo, fazendo pesquisas.

13. Como é a leitura de livros em sua família? Possuem livros? De que tipo?

Leitura em família, de romances, de aventura.

14. Você costuma ler outro tipo de material impresso além de livros? (x) Sim () Não. Se sim, qual? Revistas de k-pop. Indique a frequência () uma vez por semana () mais de uma vez por semana () uma vez por mês () mais de uma vez por mês (x) quase nunca Como tem acesso (compra, assinatura, em local específico etc.)? Compro, nas livrarias ou em bairros de jornal

15. Você costuma escrever? (x) Sim () Não. Se sim, o quê? Romances e imaginação. Indique a frequência () uma vez por semana () mais de uma vez por semana () uma vez por mês (x) mais de uma vez por mês () quase nunca

16. Considera ter facilidade para escrever? Em caso de dificuldade, como procura aprimorar essa habilidade?

Sim, Obtenho um livro na internet ou pedi-
mos ajuda de um adulto.

PARTE II: PERFIL DO LEITOR

1. Há quanto tempo reside na comunidade de Paraisópolis?

15 anos E sua
família? 23 anos

2. Sua moradia atual é:

(x) própria () alugada () cedida () outro, qual? _____

3. A moradia possui quantos cômodos

() um () dois () três (x) mais de três

4. A renda familiar é próxima de:

() de 1 a 3 SM¹ () de 3 a 5 SM () de 5 a 10SM (x) mais de 10SM

5. A família possui:

() Carro – quantos? _____

(x) Plano de saúde

(x) Computador – quantos? 1

(x) Acesso à Internet

(x) Geladeira – quantas? 1

() Freezer – quantos? _____

(x) Fogão – quantos? 1

(x) Micro-ondas – quantos? 1

(x) Televisão – quantas? 2

(x) Rádio – quantos? 1

() Assinatura de jornais ou revistas – quais e quantos?

(x) Livros – quantos? (cerca de) 70

(x) Assinatura de TV a cabo

6. A escola que frequenta é:

(x) pública () particular, neste caso indique se é bolsista () Sim (x) Não. Em que
série você está ou parou de estudar (indique o nome da instituição

escolar)? 1^o ano de ensino médio, colégio: Instituto da Gen

7. Qual a profissão e o grau de escolaridade dos seus pais?

mãe: faculdade, pai: P. Técnico,

mãe: completa

pai: 1^o grau

8. Tem acesso à TV? (x) Sim () Não Cinema (x) Sim () Não Programas em vídeo
(filmes e outros) (x) Sim () Não. Internet (x) Sim () Não Teatro () Sim (x) Não

¹ SM = salário mínimo

Espetáculos/shows? (x) Sim () Não. Shopping-centers (x) Sim () Não Viagens (x) Sim () Não

9. Em relação às atividades acima, liste sua programação favorita:

Computador / Internet, shopping-centers, cinema.

10. Qual é o principal uso que faz da Internet (pesquisa, correio eletrônico, redes sociais, música, YouTube, outro uso)?

Pesquisas, redes sociais, YouTube.

11. Há alguma atividade que não pode fazer ou gostaria de fazer com mais frequência? O que impede?

Ballet, aulas de dança, que impede a falta de tempo, recursos e falta de oportunidades.

ANEXO XXXI

Produções da enunciadora 5.

Para: marcopolorh@usp.br

Enviadas: Terça-feira, 11 de Março de 2014 12:27:46

Assunto: texto da Nicolle

"Harry Potter não é uma saga qualquer para mim, é uma história de ódio, raiva, amor, amizade, magia, poder, que me ensinou a acreditar em mim mesma e acreditar que o bem pode triunfar sobre o mal. Me ensinou que a amizade pode mudar e melhorar as pessoas, eu me lembro quando peguei o primeiro livro, e lembro que foi mágico, foi incrível, pois entrei em um mundo só meu, e ali percebi o quanto minha vida mudou depois que conheci essa saga maravilhosa que HP é.

De que forma a obra *Harry Potter* ajuda você a refletir sobre exclusão e justiça social?

R: A obra me ajuda a refletir que pessoas menos favorecidas têm menos chances no mundo real, mas se você tem que correr atrás dos seus sonhos, ninguém vai te ajudar ou fazer a mão na sua cabeça, eles só vão misturar as pessoas por diferenças mínimas e isso desencoraja a seguir em frente.

De que forma a obra *Harry Potter* ajuda você a refletir sobre discriminação e igualdade entre as pessoas?

Igualdade? É muito difícil entender a igualdade entre as pessoas, ninguém quer ser igual a ninguém, todos querem ser superiores.

Discriminação? É você mora no Paraguai, vão te discriminar por não terem informação sobre como realmente é aqui, fulgor fala que você não tem certeza de ser humano.

ANEXO XXXII**Questionário respondido pela enunciadora 5.**

Data de nascimento: 03\04\1997

PARTE I: ATIVIDADES DE LEITURA E ESCRITA

1. O primeiro contato com a obra *Harry Potter* foi por meio de:

() livro (X) filme () game () outro suporte, qual? **Harry Potter e a Pedra Filosofal**

2. Qual sua idade quando teve contato com a obra pela primeira vez?

7 ANOS

3. Liste (um a um) os itens da obra *Harry Potter* que conhece e como teve acesso a eles (compra, empréstimo de biblioteca ou de amigo, presente de familiar ou amigo etc.):

_Eu conheço todos os livros e filmes deles , já vi quase todos os making of e tenho um livro com fotos de todos os filmes até o sexto.

4. Atualmente, que atividades pratica em relação à obra *Harry Potter*?

Eu procuro saber a vida da autora j.k e todas as noticias relacionadas a filmes novos que ela poderá lançar em relação a Harry Potter.

5. Você costuma ler outros livros? (X) Sim () Não. Se sim, indique a frequência () uma vez por semana () mais de uma vez por semana () uma vez por mês () mais de uma vez por mês () quase nunca

6. Quando você começou a ler livros?

Comecei a ler tem uns 3 anos

7. Vc considera importante ler? O que a leitura pode proporcionar?

_Sim bastante, nós proporciona uma atividade que estimula a mente e ajuda bastante no desenvolvimento pessoal e profissional.

8. Que livro recomendaria a um colega?

Morte Súbita da J.K ou Quem e você alasca? Do John Green.

9. Como tem acesso a livros (compra, biblioteca, amigos etc.)? Se você compra livros, indique o local.

Bibliotecas publicas, livrarias, e alguns amigos.

10. Afora a bibliografia escolar, que tipo de leitura você procura por sua conta para lazer ou pesquisa? Liste suas preferências por autor ou assunto:

Gosto muito de romance e ficção, as obras de John Green, Nicolas Sparks, J.K Rowling me agradam bastante.

11. Além de Harry Potter, que outros heróis conheceu por meio dos livros?

Percy Jackson, Hobbit, Jogos Vorazes (Uma trilogia incrível), Eragon, Narnia,

12. Acredita que tem fluência/entendimento bom do que lê? Em caso de deficiência, como procura supri-la?

_Eu sou bastante dispersa quando leio, procuro me focar em um ponto fixo e assim continuo minha leitura com mais atenção.

13. Como é a leitura de livros em sua família? Possuem livros? De que tipo?

_Minha família não gosta muito de livros, basicamente só eu que leio aqui em casa e eles nem ao menos sabem o meu gosto por leitura.

14. Você costuma ler outro tipo de material impresso além de livros? (x) Sim () Não. **Se sim, qual?** _____ **HQ'S** _____. **Indique a frequência** () uma vez por semana () mais de uma vez por semana (x) uma vez por mês () mais de uma vez por mês () quase nunca **Como tem acesso (compra, assinatura, em local específico etc.)?** _____ **Biblioteca do curso**

15. Você costuma escrever? (x) Sim () Não. **Se sim, o quê?** _____ **Poemas e textos.** _____. **Indique a frequência** (x) uma vez por semana () mais de uma vez por semana () uma vez por mês () mais de uma vez por mês () quase nunca

16. Considera ter facilidade para escrever? Em caso de dificuldade, como procura aprimorar essa habilidade?
 _Sim considero, pois adoro escrever acredito que me expresso muito melhor dessa maneira.

PARTE II: PERFIL DO LEITOR

1. Há quanto tempo reside na comunidade de Paraisópolis? _____ **16 ANOS** _____ **E sua família?** _16 anos

2. Sua moradia atual é:
 (x) própria () alugada () cedida () outro, **qual?** _____

3. A moradia possui quantos cômodos
 () um () dois () três (x) mais de três

4. A renda familiar é próxima de:
 (x) de 1 a 3 SM () de 3 a 5 SM () de 5 a 10SM () mais de 10SM

5. A família possui:
 () Carro – **quantos?** _1__
 () Plano de saúde não
 () Computador – **quantos?** _1__
 () Acesso à Internet Sim
 () Geladeira – **quantas?** _1__
 () Freezer – **quantos?** 0__
 () Fogão – **quantos?** _1__

SM = salário mínimo

() Micro-ondas – **quantos?** 0 ____

() Televisão – **quantas?** __1__

() Rádio – **quantos?** __0__

() Assinatura de jornais ou revistas – **quais e quantos?**
nao _____

() Livros – **quantos? (cerca de)**25 ____

() Assinatura de TV a cabo sim

6. A escola que frequenta é:

(x) pública () particular, neste caso indique se é bolsista () Sim () Não. Em que série você está ou parou de estudar (indique o nome da instituição escolar)? _____ Maria Zilda Gamba Natel (Ensino Médio concluído e vou iniciar o Ensino Superior) _____

7. Qual a profissão e o grau de escolaridade dos seus pais?

Mãe: Ensino Médio completo (auxiliar de serviços gerais em depósito de materiais para construção)

Pai: Não concluiu o Ensino Médio (entregador de açougue)

Padrasto: Ensino Médio completo (auxiliar de serviços gerais em depósito de materiais para construção)

8. Tem acesso à TV? (x) Sim () Não **Cinema** (x) Sim () Não **Programas em vídeo (filmes e outros)** (x) Sim () Não. **Internet** (x) Sim () Não **Teatro** () Sim (x) Não **Espectáculos/shows?** () Sim (x) Não. **Shopping-centers** (x) Sim () Não **Viagens** () Sim (x) Não

9. Em relação às atividades acima, liste sua programação favorita:

Gosto muito de cinema, shows e espetáculos de teatro mais não possuo verba pra poder comparecer em tais lugares. _____

10. Qual é o principal uso que faz da Internet (pesquisa, correio eletrônico, redes sociais, música, YouTube, outro uso)?

Pesquisa referencias de escritores famosos, videos e emai-l

11. Há alguma atividade que não pode fazer ou gostaria de fazer com mais frequência? O que impede?

___Ir a espetáculos de teatro musical e em livrarias mais não possuo renda ou transporte.

ANEXO XXXIII

Produções da enunciativa 6.

Para: marcopolorh@usp.br

Enviadas: Quinta-feira, 29 de Maio de 2014 19:16:44

Assunto: Re: Pesquisa sobre Harry Potter

Sou leitora desta série de livros desde os 6 anos, quando pequena tinha dificuldades de me relacionar com as demais crianças, o mundo mágico de Harry Potter era a minha escapatória até os 11 anos ficava esperançosa pensando que me a minha carta chegaria, ler esses livros mudou a minha vida o meu primeiro e melhor amigo que conheci aos 13 anos também é tão fã quanto eu e o Cabral deve ter lido passado o e-mail dele. Esses livros mudaram a vida de muitas pessoas pelo mundo, inclusive dois personagens dos livros mudaram diretamente a vida de duas pessoas, no primeiro livro a Natalie MacDonald que é uma estudante do primeiro ano escolhia pelo chapéu seletor para casa Grifinória foi uma menina na vida real que tinha leucemia e pediu a J.K lide dizer o que aconteceria no próximo livro como ela morreu antes da resposta a autora lide tornou uma personagem que entra na casa dos corajosos, quase chorei, e existem outras histórias lindas que só justificam o meu amor pela saga.

As meninas e os meninos de Paraisópolis são parecidos com as meninas e os meninos da história do Harry Potter ou diferentes? Por que?

Sim pois, assim como os Jovens da Saga, os jovens de Paraisópolis também procuram por grupos onde se adequam mais ou são mais "populares". Muitos dizem que não, pelo fato de se tratar de uma comunidade mais pobre com jovens que possuem gostos individuais diferentes dos gostos dos jovens do mundo Harry Potter, mas se não levarmos em conta estas particularidades podemos perceber que se tratam de jovens e os jovens passam pelos mesmos dilemas, independentemente, do lugar onde residem, do tempo ou classe social, a Harry Potter expressa isso muito bem.

De que forma a obra *Harry Potter* ajuda você a refletir sobre discriminação e igualdade entre as pessoas?

Como eu comeci a ler os livros da saga muito nova, pode crescer com todos os bons ensinamentos que se pode extrair da história. Logo no primeiro livro ~~foi~~ o personagem principal me chamou a atenção quando teve a chance de fazer amizade com o aluno mais rico e de família pura, mas escolheu o mais pobre. •

A saga retrata discriminação por classe social e por um certo tipo de "raça" pura, a partir do como as personagens lidam com isso é que se pode fazer uma analogia com o que ocorre no mundo real.

Av. Prof. Lucio Martins Rodrigues, 443 - sala 112
Tel.: (55 11) 3091-4507 - e-mail: ppgcom@usp.br

De que forma a obra *Harry Potter* ajuda você a refletir sobre exclusão e justiça social?

Certo dia, enquanto eu andava com os meus amigos ~~de~~ companheiros de militância política, um deles levantou a ~~questão de que~~ seguinte questão: "Harry Potter foi revolucionário?" Eu louca apaixonada gritei que sim. Fazendo para refletir de fato foi! Ele lutou contra um ditador que desejava por fim à aqueles que ele considerava inferiores. Inspirou muito a minha militância política. Mas os meus companheiros riram.

ANEXO XXXIV

Questionário respondido pela enunciadora 6.

Data de nascimento: 33/07/1996

PARTE I: ATIVIDADES DE LEITURA E ESCRITA

1. O primeiro contato com a obra *Harry Potter* foi por meio de:

☒ livro () filme () game () outro suporte, qual? A Pedra Filosofal

2. Qual sua idade quando teve contato com a obra pela primeira vez?

6 ou 7 anos.

3. Liste (um a um) os itens da obra *Harry Potter* que conhece e como teve acesso a eles (compra, empréstimo de biblioteca ou de amigo, presente de familiar ou amigo etc.):

Os Livros: A Pedra Filosofal, Câmara Secreta, Prisioneiro de Azkaban, O Cálice de Fogo, O Enigma do Príncipe e as Relíquias da Morte. Também tenho de Biblioteca. E os filmes que levam o mesmo nome.

4. Atualmente, que atividades pratica em relação à obra *Harry Potter*?

Apenas o grupo de discussão sobre a saga.

5. Você costuma ler outros livros? ☒ Sim () Não. Se sim, indique a frequência () uma vez por semana ☒ mais de uma vez por semana () uma vez por mês () mais de uma vez por mês () quase nunca

6. Quando você começou a ler livros?

Aperfeiçoei minha habilidade de leitura com os livros da saga, com 6 ou 7 anos.

7. Você considera importante ler? O que a leitura pode proporcionar?

Acredito que seja de vital importância praticar a nossa habilidade de leitura. Somente os humanos possuem esta

8. Que livro recomendaria a um colega?

habilidade, não sabia explicar o porque de eu gostar tanto de ler, só sei que adoro.

9. Como tem acesso a livros (compra, biblioteca, amigos etc.)? Se você compra livros, indique o local.

A maioria foi de empréstimo de bibliotecas.
O primeiro e segundo livros eu ganhei de um
amigo. O quinto ~~gotei~~ ganhei de meu namorado

10. Afora a bibliografia escolar, que tipo de leitura você procura por sua conta para lazer ou pesquisa? Liste suas preferências por autor ou assunto:

Gosto de livros que tenha sentido religioso, Filosófico ou de Poetas, tais como: Marx, Bakkt, Kafka, Hemingway e outros.

11. Além de Harry Potter, que outros heróis conheceu por meio dos livros?

Harry Potter ~~for~~ é a única saga que me interessa, se li algum livro que tinha algum livro não me lembro.

12. Acredita que tem fluência/entendimento bom do que lê? Em caso de deficiência, como procura supri-la?

Ouvências, acredito que não, mas tento
sugerir, participando de grupos de discussão
acerca do livro.

13. Como é a leitura de livros em sua família? Possuem livros? De que tipo?

Minha família não se interessava por leitura tanto quanto eu, possuem somente livros religiosos, como a bíblia.

14. Você costuma ler outro tipo de material impresso além de livros? ☒ Sim () Não. Se sim, qual? artigos científicos. Indique a frequência () uma vez por semana ☒ mais de uma vez por semana () uma vez por mês () mais de uma vez por mês () quase nunca Como tem acesso (compra, assinatura, em local específico etc.)? Escola, também leio revistas como História hoje.

15. Você costuma escrever? () Sim (X) Não. Se sim, o quê? _____ Indique a frequência () uma vez por semana () mais de uma vez por semana () uma vez por mês () mais de uma vez por mês () quase nunca

16. Considera ter facilidade para escrever? Em caso de dificuldade, como procura aprimorar essa habilidade?

Tenho facilidade graças e leitura.

PARTE II: PERFIL DO LEITOR

1. Há quanto tempo reside na comunidade de Paraisópolis?

10 anos E sua
família? 10 anos

2. Sua moradia atual é:

() própria ☒ alugada () cedida () outro, qual? _____

3. A moradia possui quantos cômodos

() um () dois ☒ três () mais de três

4. A renda familiar é próxima de:

() de 1 a 3 SM¹ ☒ de 3 a 5 SM () de 5 a 10 SM () mais de 10 SM

5. A família possui:

() Carro – quantos? _____

() Plano de saúde

☒ Computador – quantos? 1

() Acesso à Internet

☒ Geladeira – quantas? 1

() Freezer – quantos? _____

☒ Fogão – quantos? 1

☒ Micro-ondas – quantos? 1

☒ Televisão – quantas? 2

☒ Rádio – quantos? 1

() Assinatura de jornais ou revistas – quais e quantos?

☒ Livros – quantos? (cerca de) 120

() Assinatura de TV a cabo

6. A escola que frequenta é:

() pública ☒ particular, neste caso indique se é bolsista ☒ Sim () Não. Em que série você está ou parou de estudar (indique o nome da instituição

escolar)? 2.º ano Escola Estadual Anthonette e Lenferrer/AIEF

7. Qual a profissão e o grau de escolaridade dos seus pais?

minha mãe é Recepcionista, 3.ª série completa

meu pai é Porteiro aposentado, 2.ª série completa.

8. Tem acesso à TV? ☒ Sim () Não Cinema ☒ Sim () Não Programas em vídeo (filmes e outros) ☒ Sim () Não. Internet ☒ Sim () Não Teatro ☒ Sim () Não

¹ SM = salário mínimo

Espectáculos/shows? () Sim (X) Não. Shopping-centers (X) Sim () Não Viagens (X) Sim () Não

9. Em relação às atividades acima, liste sua programação favorita:

Cinema, teatro, programas em vídeo e viagens.

10. Qual é o principal uso que faz da Internet (pesquisa, correio eletrônico, redes sociais, música, YouTube, outro uso)?

Pesquisa, música e youtube.

11. Há alguma atividade que não pode fazer ou gostaria de fazer com mais frequência? O que impede?

viajar, só viaja pela escola.

ANEXO XXXV**Produções do enunciador 3.**

Para: marcopolorh@usp.br

Enviadas: Sábado, 31 de Maio de 2014 17:53:33

Assunto: Re: Pesquisa sobre Harry Potter

Minha experiencia ao ler Harry Potter ♥

Comecei a ler os livros da saga Harry Potter muito depois de virar um sucesso mundial. Nunca fui muito fã de leitura, e nem de Harry Potter, na verdade. Apenas assistia aos filmes, sem conhecimento de serem adaptações de livros. E foi por meio de uma amiga, aos 11 anos, que era (e continua sendo!) louca e fanática por Harry Potter, que eu comecei a me interessar pela saga. O primeiro livro que li foi o terceiro, "Harry e o Prisioneiro de Azkaban", e fico feliz em dizer que foi a partir daí que adquiri gosto pela leitura. Logo em seguida "devorei" os outros seis livros, e foi uma experiência incrível e inesquecível. Li e reli varias vezes e fico impressionado, até hoje, com a qualidade dos livros da saga. Eu considero Harry Potter - assim como "O senhor dos Anéis" - pioneiro numa área que gera um forte impacto social, sobretudo nos jovens, pois aborda temas ficcionais e explora um universo completamente novo que só existia, até então, nos nossos sonhos. Além de uma narrativa empolgante e cativante, J.K. Rowling conseguiu criar personagens com os quais os leitores conseguem estabelecerem laços e se identificarem. Deixando claro que, em minha opinião, J.K. Rowling é a melhor escritora da nossa geração. Harry Potter marcou positivamente a minha infância e começo de adolescência. A expectativa para o lançamento de cada novo livro, para cada novo filme, a escolha do elenco (que, diga-se de passagem, não poderia ter sido melhor), enfim tudo era aguardado com imenso prazer. A saga com um todo é algo que eu vou levar para sempre comigo. 😊

Harry Potter nunca foi o mais inteligente da turma, nem o
 mais responsável, muito menos o melhor quando compara-
 do com os demais personagens que o cercam e que fazem
 parte da história. Porém ele consegue, de certa forma, ser
 o mais autêntico da história não somente por ser o protago-
 nista mas também por ser extremamente fiel aos seus
 desejos e não ter medo de ultrapassar barreiras para
 descobrir o novo. Harry não sabe respeitar os limites e
 isso o torna especial. Na verdade acho que todo mundo
 gostaria de ser igual a ele, ter a sua coragem e audácia.
 Mas então porque não somos? Talvez a sociedade, em suas
 diferentes camadas, nos impossibilite de sermos quem realmen-
 te somos. Ser diferente requer consciência de que haverá
 julgamentos e até mesmo exclusão social, e ninguém gos-
 ta de pagar esse preço. Na adolescência é a fase da
 novas vidas que somos mais postos à prova. Todas
 as atitudes que nós tomamos estão sendo avaliadas. Se
 você se encaixa em determinado grupo ou não, se
 você se relaciona com algumas pessoas ou não, se sim
 com quem e porque, se você participa de determinado
 festa ou não, se sim como você se comporta, o quanto
 bebe e como bebe, enfim, novas atitudes e escolhas se tornam
 quem nós somos. Estamos sujeitos às regras em todos os
 lugares e aprendemos, desde pequenos, a respeitá-las
 sobretudo para não sofrer as consequências. Começa
 em nossas casas, em nossas famílias, e segue na escola,
 onde descobrimos a partir das suas regras os novos
 limites. É então começa o momento em que nós precisa-

mas conhecer e saber lidar com eles de maneira tal que quando atingirmos os nossos limites saibamos até que ponto podemos ir. Harry Potter nos mostrou em suas histórias um novo jeito de agir e de pensar. Junto com os seus amigos Ronny e Hermione, que também sofrem uma certa exclusão (Ronny por ser de uma família de classe baixa e Hermione por filha de um trouxa-não bruxo), trilham um novo caminho em meio as regras do mundo bruxo e foi graças a escolha de não ser igual aos outros que isso se torna possível. As nossas escolhas se tomam quem realmente somos. Escolher ser diferente para agradar os outros não o torna quem você é mas sim apenas mais um em meio ao todo. Ser original não é ser diferente e sim ser você mesmo.

As meninas e os meninos de Paraisópolis são parecidos com as meninas e os meninos da história do Harry Potter ou diferentes? Por que?

Na minha opinião a maioria dos jovens de Paraisópolis são pouco parecidos com os jovens da história do Harry Potter, pois possuem comportamentos e maneiras de agir diferentes, contudo há similaridades quando analisamos os jovens enquanto estudantes dentro de uma escola, dado que grande parte da história de Harry se passa em uma. Embora não se compare, em hipótese alguma, Hogwarts com qualquer outra escola e muito menos com uma escola de Paraisópolis, o modo como os alunos agem e até mesmo se agrupam tende a seguir um padrão. Essa divisão que acontece nas salas de aula é mais que automática e sempre vai existir, os sportos não se atraem, os inteligentes se juntam com os inteligentes, os "rockeiros" com os "rockeiros", os bagunceiros com os bagunceiros e etc. Em Harry Potter é interessante porque essa divisão já é feita pela própria escola, onde o chapéu seletor coloca a pessoa na casa onde o seu perfil se encaixa e melhor. Entretanto mesmo com essa pré-divisão há uma subdivisão entre os próprios alunos, onde os círculos de amizade são formados conforme afinidade, e isso, claro, também ocorre em Paraisópolis e fora dela.

PPG

O que a maioridade experimentada por Harry Potter e outros personagens da obra tem a ver com a sua própria experiência em relação à maioridade?

Embora não tenha alcançado ainda a maioridade eu a vejo como uma importante etapa na vida de todos nós. Ser maior de idade é uma conquista, de certa forma e em alguns casos, de liberdade, pois quando a alcançamos obtemos a dependência da necessidade da presença dos pais ou alguém responsável para assinar alguma coisa, por exemplo, algo tão simples mas que contém um grande significado quando entendemos que essa dependência vai ser pelo resto da vida, e que nossas escolhas influenciarão muito o nosso futuro. Além do mais é a prova de que nos tornamos pessoas mais experientes e que estamos preparados para enfrentar os problemas do dia a dia, ou pelo menos lidar com eles. O próprio Harry demonstrou sua capacidade ao completar a maioridade, abandonando Hogwarts e buscando derrotar Você-Sabe-Quem. Ele nos mostrou que a maioridade é um fase em que precisamos pensar no futuro e tomar decisões importantes que influenciarão para sempre as nossas vidas.

Av. Prof. Lucio Martins Rodrigues, 443 - sala 112
Tel.: (55 11) 3091-4507 - e-mail: ppgcom@usp.br

PPG

O bullying está presente em Harry Potter? O que a obra retrata é o que você vê na vida real? Por que?

Eu acredito que sim, durante grande parte da história, Harry Potter e seus amigos, Hermione Granger por ser uma "sangue-rainha" e Ron Weasley por ser de classe baixa, sofrem com o bullying praticado por Draco Malfoy e seus amigos que se consideram superiores por pertencerem a famílias de sangue puro. Na vida real a história não é muito diferente, o bullying praticado nas escolas se assemelha muito ao que é retratado na história, as vítimas possuem quase sempre o mesmo perfil: os nerds, como a Hermione, os pobres, como o Ron e os que, involuntariamente, são destaque, como o Harry. Fatores como esses e a presença desses perfis incomodam aqueles que se acham superiores, como Draco, e isso leva a prática do bullying como uma forma de tentar destruir psicologicamente essas pessoas e fazer com que elas desistam.

Av. Prof. Lucio Martins Rodrigues, 443 - sala 112
Tel.: (55 11) 3091-4507 - e-mail: ppgcom@usp.br

USP

Programa de Pós-Graduação
em Ciências da Comunicação
da Universidade de São Paulo

De que forma a obra Harry Potter ajuda você a refletir sobre discriminação e igualdade entre as pessoas?

A discriminação é muito explorada em toda a história de Harry Potter. A existência de diferentes seres e sua classificação no mundo da magia abre espaço para o preconceito. A igualdade entre as diferentes classes abre espaço para muitas questões sociais de discriminação. Essa diferença de sangue é realmente o que acontece na vida do dia a dia, as diferentes classes são muito bem representadas na história.

De que forma a obra Harry Potter ajuda você a refletir sobre exclusão e justiça social?

A obra Harry Potter, com como os seus personagens e sua situação social, retratam muito bem a real forma da vida em comunidades como Paraisópolis, por exemplo. A exclusão social dos nascidos Trouxas pode ser facilmente comparado à que moradores de comunidades carentes sofrem. A chamada classe superior - tratada na história como sangue-puro - sempre agita para que a classe inferior seja prejudicada e excluída socialmente, retirando as suas oportunidades e dificultando a sua ascensão perante a sociedade como um todo.

ANEXO XXXVI**Questionário respondido pelo enunciador 3.**

Data de nascimento: 11/12/1996

PARTE I: ATIVIDADES DE LEITURA E ESCRITA

1. O primeiro contato com a obra *Harry Potter* foi por meio de:

(☐) livro (☒) filme (☐) game (☐) outro suporte, **qual?** Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban.

2. Qual sua idade quando teve contato com a obra pela primeira vez?

Eu tinha por volta de 10 a 11 anos de idade.

3. Liste (um a um) os itens da obra *Harry Potter* que conhece e como teve acesso a eles (compra, empréstimo de biblioteca ou de amigo, presente de familiar ou amigo etc.):

1-livros : Eu tive contato com todos os livros por meio de uma biblioteca que fica na minha comunidade, a biblioteca Becei de Paraisópolis, onde eu tive o meu primeiro trabalho como bibliotecário.

2-Filmes: Foi por meio do filme que eu tive o meu primeiro contato com a saga. Na verdade era um “DVD pirata” que um amigo havia me emprestado. Isso a uns 9 anos atrás. Os demais filmes eu comprei em DVD e assisti ao ultimo no cinema.

4. Atualmente, que atividades pratica em relação à obra *Harry Potter*?

Eu leio e releio aos livros de vez em quando e também assisto aos filmes sempre que posso.

5. Você costuma ler outros livros? (☒) Sim (☐) Não. Se sim, indique a frequência (☐) uma vez por semana (☒) mais de uma vez por semana (☐) uma vez por mês (☐) mais de uma vez por mês (☐) quase nunca

6. Quando você começou a ler livros?

Na verdade eu sempre estou lendo algum livro. É uma coisa que me faz bem. Começo a ler algum quando acho interessante ou quando alguém me recomenda.

7. Vc considera importante ler? O que a leitura pode proporcionar?

Sim, eu considero a leitura muito importante porque é a partir dela que nós temos a oportunidade de desenvolver a nossa imaginação e nos tornamos pessoas menos ignorantes com relação a tudo. Além do mais ajuda muito na hora que você vai fazer uma redação ou algo do tipo pois ela amplia muito o nosso vocabulário.

8. Que livro recomendaria a um colega?

Bom, além de Harry Potter, eu recomendaria o livro “O mundo de Sophia” do escritor norueguês Jostein Gaarden.

9. Como tem acesso a livros (compra, biblioteca, amigos etc.)? Se você compra livros, indique o local.

Embora ame livros eu nunca precisei comprar. Todos os livros que eu tenho são presentes ou eu ganho na biblioteca.

10. Afora a bibliografia escolar, que tipo de leitura você procura por sua conta para lazer ou pesquisa? Liste suas preferências por autor ou assunto:

Eu procuro ler livros com temas variados. Minhas preferências são a J.K. Rowling, Jostein Gaarden, J.R.R. Tolkien, Paulo Coelho, Suzanne Collins, Gabriel García Márquez entre outros autores...

11. Além de Harry Potter, que outros heróis conheceu por meio dos livros?

Além de Harry Potter eu me apeguei muito ao Frodo da saga o senhor dos anéis e ao Hobbit. Também gosto das histórias de heróis como a Katnnis da saga jogos vorazes.

12. Acredita que tem fluência/entendimento bom do que lê? Em caso de deficiência, como procura supri-la?

Eu me considero um bom leitor, sempre entendi o que lia sem precisar buscar outros fontes de compreensão. Mas caso eu veja dificuldade sempre procura alguém que já leu o livro o até mesmo pesquiso na internet sobre a história.

13. Como é a leitura de livros em sua família? Possuem livros? De que tipo?

Minha família não possui muito o habito de ler. Embora haja na casa alguns livros, a maioria meus, não é uma pratica muito feita em casa. Nós temos livros de todos os tipos: religiosos, de aventura, de romance histórico, clássicos etc.

14. Você costuma ler outro tipo de material impresso além de livros? (x) Sim () Não. Se sim, qual? Também costumo ler revistas e jornais. Indique a frequência (x) uma vez por semana () mais de uma vez por semana () uma vez por mês () mais de uma vez por mês () quase nunca

Como tem acesso (compra, assinatura, em local específico etc.)?

Normalmente eu pego na escola mesmo.

15. Você costuma escrever? () Sim (x) Não. Se sim, o quê? Só quando há algum trabalho escolar, redação ou coisa do tipo. Indique a frequência (x) uma vez por semana () mais de uma vez por semana () uma vez por mês () mais de uma vez por mês () quase nunca

16. Considera ter facilidade para escrever? Em caso de dificuldade, como procura aprimorar essa habilidade?

Sim, embora não goste muito, eu sempre escrevi bem, e devo isso a leitura.

PARTE II: PERFIL DO LEITOR

1. Há quanto tempo reside na comunidade de Paraisópolis?

11 anos E sua família? 11 anos.

2. Sua moradia atual é:

☒ própria ☐ alugada ☐ cedida ☐ outro, **qual?**

3. A moradia possui quantos cômodos

☐ um ☐ dois ☐ três ☒ mais de três

4. A renda familiar é próxima de:

☒ de 1 a 3 SM ☐ de 3 a 5 SM ☐ de 5 a 10SM ☐ mais de 10SM

5. A família possui:

☐ Carro – **quantos?** ____

☐ Plano de saúde

☐ Computador – **quantos?** ____

☐ Acesso à Internet

☒ Geladeira – **quantas?** 1

☒ Freezer – **quantos?** 1

☒ Fogão – **quantos?** 1

☒ Micro-ondas – **quantos?** 1

☒ Televisão – **quantas?** 2

☒ Rádio – **quantos?** 1

☐ Assinatura de jornais ou revistas – **quais e quantos?**

☒ Livros – **quantos? (cerca de)** 30 a 40

☐ Assinatura de TV a cabo

6. A escola que frequenta é:

☐ pública ☒ particular, **neste caso indique se é bolsista** ☒ Sim ☐ Não. **Em que série você está ou parou de estudar (indique o nome da instituição escolar)?** Curso o 2º ano na escola Pueri Domus na unidade Crescer Sempre.

7. Qual a profissão e o grau de escolaridade dos seus pais?

Meus pais possuem o 4º ano do ensino fundamental. E não possuem profissão, minha mãe é dona de casa e meu pai mora em outro Estado.

8. Tem acesso à TV? ☒ Sim ☐ Não **Cinema** ☒ Sim ☐ Não **Programas em vídeo (filmes e outros)** ☒ Sim ☐ Não. **Internet** ☒ Sim ☐ Não **Teatro** ☐ Sim ☒ Não **Espetáculos/shows?** ☐ Sim ☒ Não. **Shopping-centers** ☒ Sim ☐ Não **Viagens** ☒ Sim ☐ Não

SM = salário mínimo

9. Em relação às atividades acima, liste sua programação favorita:

Gosto de viajar, de ir ao cinema, de assisti filmes, séries em DVD em casa.

10. Qual é o principal uso que faz da Internet (pesquisa, correio eletrônico, redes sociais, música, YouTube, outro uso)?

Uso mais a internet para assisti vídeos no YouTube, fazer pesquisas, utilizar e-mail, baixar musicas... Faço pouco uso de redes sociais, não me agradam muito.

11. Há alguma atividade que não pode fazer ou gostaria de fazer com mais frequência? O que impede?

Sim, sair para viajar, pois a remuneração familiar não permite que saíamos com muita frequência para fazer viagens. O que me impede no momento de realizar atividades que eu gosto é a falta de dinheiro, pois como ainda estou estudando não tenho acesso a um trabalho que supra todas as minhas necessidades financeiras.

ANEXO XXXVII**Produções do enunciador 4.**

Para: marcopolorh@usp.br

Enviadas: Terça-feira, 24 de Dezembro de 2013 1:47:02

Assunto: Harry Potter

Bem, primeiro vamos ao ponto de como conheci a serie,pois bem,foi logo quando estreou o priemeiro filme HP e a pedra filosofal,e por mais incrivel não conheci através do filme,mas sim atraves de um jogo,me lembro bem,eu fui comprar um Game Boy,e a vendedora falou que só tinha a edição especial do Harry Potter,não comprei mas foi a primeira vez que ouvi falar.

Com o sucesso do filme em 2000,senti vontade de conferir,então assisti ao primeiro filme numa noite daquelas sessões de HP que o SBT faz,e em seguida assistia aos DVD's junto com minha prima Luana que é muito fã da serie.

Após algum tempo fiquei sabendo que os filmes foram retirados de livros,soube disto no lançamento de Harry Potter e o enigma do principe,pois eu passava em uma livraria na volta da escola e a tal estava adornada com o tema do mundo da magia.

Sempre tive vontade de ler os titulos,porém não tinha a oportunidade,só recentemente,pois trabalho na biblioteca BECEI,então comecei a ler a saga.

Agora vamos a minha experiencia lendo os tres primeiros livros da serie,pois bem a primeira coisa que tenho a dizer é que Harry Potter foi O livro que me fez me sentir envolvido na historia e fantasiar estar dentro daquele mundo,não por eu já ter assistido aos filmes,mas pela riqueza de detalhes que a autora faz,eu não tinha o habito nem paciencia para ler um livro inteiro,mas na verdade nao me interessava muito a historia não sei dizer,mas sei que Harry Potter foi quem me deu gosto pelos livros.

Também posso dizer que lendo os livros vi o quanto uma adaptação pode ser diferente da obra original,lendo os tres livros de até então clareou varias coisas em minha mente que eu não entendia vendo os filmes,como,incrivelmente assistindo os filmes eu nao sabia que ridle era voldemort no passado,para mim vendo o filme ele era só um servo ou algo do tipo....mas o que mais fiquei impressionado com o quanto me esclareceu coisas foi o prisioneiro de azkaban,eu não sabia que os criadores do mapa do maroto eram na verdade sirius,thiago,pedro e lupin!sério! outra coisa que posso dizer,são as pessoas que também gostam da serie,minha prima como falei,nós viajavamos brincando que eramos bruxos em hogwards,na escola com meus colegas falava sobre o filme,e hoje em dia ainda conheço mais pessoas e falamos sobre os livros.

Bem acho que isto é o basico,espero ancioso ver o que ainda esta para acontecer do que eu ja sei mas sendo uma novidade.

As meninas e os meninos de Paraisópolis são parecidos com as meninas e os meninos da história do Harry Potter ou diferentes? Por que?

Comparar é meio difícil, pois as meninas e os meninos em Harry Potter são de uma cultura bem diferente, mas podemos perceber semelhanças com os meninos e meninas no geral. Digamos assim, semelhanças essas como os meninos serem menos insensíveis e não notarem tanto como as pessoas se sentem ao redor e as garotas serem mais sensíveis, também o pensamento de mudança na amizade caso amigos em comum comecem um namoro, e garotas serem mais organizadas e aplicadas enquanto os garotos deixam os estudos para último momento e nem sempre são tão organizados.

O bullying está presente em *Harry Potter*? O que a obra retrata é o que você vê na vida real? Por que?

Em Harry Potter o bullying é bem presente em algumas partes, principalmente por parte dos alunos de sonserina por se acharem superiores aos demais, em especial Draco, que desde o primeiro livro sempre incomoda seus colegas de escola, incomoda Ron por suas vestes de segunda mão, incomoda Hermione por ela ser mestiça, incomoda Neville por ser atrapalhado, são coisas que ocorrem no ambiente escolar, sempre terá um Draco que precisa importunar os colegas para mostrar que é alguém, e os motivos são basicamente os mesmos, no caso, implicar com a roupa do outro, implicar pela inteligência ou origem, ou simplesmente pelo jeito um pouco mais atrapalhado de ser, e não só no ambiente escolar mas no de trabalho também ocorre, em Harry Potter podemos ver isso nos diálogos entre Lucio Malfoy e o pai de Ron.

O que a maioridade experimentada por *Harry Potter* e outros personagens da obra tem a ver com a sua própria experiência em relação à maioridade?

Bem a única coisa que vejo semelhança na maioridade em nossa sociedade, com a maioridade no universo de Harry Potter, são as limitações e punições aos bruxos menores, que só podem fazer certas coisas após atingir uma certa idade, como beber cerveja amanteigada ou participar do torneio tribruxo por exemplo, isso pode ser associado como bebida alcoólica e dirigir em nosso mundo por exemplo.

De que forma a obra *Harry Potter* ajuda você a refletir sobre discriminação e igualdade entre as pessoas?

Isso fica bem claro quando os assuntos "sangue ruim" no mundo de *Harry Potter*, no caso as famílias de bruxos tradicionais, discriminam os mestiços e não-bruxos, podemos comparar isto as famílias com mais poder econômico, e até mesmo as famílias, que não nativas de tal estado e discriminam os imigrantes.

De que forma a obra *Harry Potter* ajuda você a refletir sobre exclusão e justiça social?

Analisando as leis apresentadas sobre o mundo dos bruxos, as leis do ministério da magia, algumas similares as do nosso mundo como as que limitam bruxos menores a praticarem algumas coisas, e outras que podem ser comparadas como a falta de direitos aos trabalhadores.

ANEXO XXXVIII**Questionário respondido pelo enunciador 4.**

Data de nascimento: 12 10 1995

PARTE I: ATIVIDADES DE LEITURA E ESCRITA

1. O primeiro contato com a obra *Harry Potter* foi por meio de:

() livro () filme (x) game () outro suporte, qual? _____

2. Qual sua idade quando teve contato com a obra pela primeira vez?

_____entre 7 e 8 anos

3. Liste (um a um) os itens da obra *Harry Potter* que conhece e como teve acesso a eles (compra, empréstimo de biblioteca ou de amigo, presente de familiar ou amigo etc.):

_____Os livros 1,2,3 e 4 por meio da biblioteca,os filmes de 1 ao 4 por meio dos dvd's da minha prima,os filmes do 4 ao 6 por meio da televisão,jogo lego de harry potter anos 1-4 ,tive para meu nintendo ds,Harry potter e a camara secreta jogo de playstation one,que um primo tinha.

4. Atualmente, que atividades pratica em relação à obra *Harry Potter*?

_____estou lendo o 4

livro.

5. Você costuma ler outros livros? (x) Sim () Não. Se sim, indique a frequência () uma vez por semana () mais de uma vez por semana (x) uma vez por mês () mais de uma vez por mês () quase nunca

6. Quando você começou a ler livros?

_____a mais ou menos 3 anos,na escola,tínhamos uma prova sobre capitães da areia,Jorge amado,foi meu primeiro livro.

7. Vc considera importante ler? O que a leitura pode proporcionar?

____sim,a leitura proporciona aumento de criatividade,imaginação,conhecimento sobre outras culturas,lições que podemos tomar para nós mesmos nas historias,além de ampliar nosso vocabulario,e melhorar nossa escrita._____

8. Que livro recomendaria a um colega?

____a batalha do apocalipse._____

9. Como tem acesso a livros (compra, biblioteca, amigos etc.)? Se você compra livros, indique o local.

____através da biblioteca._____

10. Afora a bibliografia escolar, que tipo de leitura você procura por sua conta para lazer ou pesquisa? Liste suas preferências por autor ou assunto:

____tenho preferencia sobre o tema ficção._____

11. Além de Harry Potter, que outros heróis conheceu por meio dos livros?

____nenhum outro ainda._____

12. Acredita que tem fluência/entendimento bom do que lê? Em caso de deficiência, como procura supri-la?

____acredito que sim._____

13. Como é a leitura de livros em sua família? Possuem livros? De que tipo?

_____baixa,devo ser o que mais tem habito de
leitura. _____

14. Você costuma ler outro tipo de material impresso além de livros? (x) Sim ()

Não. **Se sim, qual?** Impresso leio mangás,mas sempre estou lendo noticias na internet. _____.

Indique a frequência () uma vez por semana () mais de uma vez por semana (x) uma vez por mês () mais de uma vez por mês () quase nunca **Como tem acesso (compra, assinatura, em local específico etc.)?** **_compro.** _____

15. Você costuma escrever? (x) Sim () Não. **Se sim, o quê?** **_poesias e letras para musicas.** _____.

Indique a frequência () uma vez por semana () mais de uma vez por semana (x) uma vez por mês () mais de uma vez por mês () quase nunca

16. Considera ter facilidade para escrever? Em caso de dificuldade, como procura aprimorar essa habilidade?

_____tenho

facilidade. _____

PARTE II: PERFIL DO LEITOR

1. Há quanto tempo reside na comunidade de Paraisópolis? **__8**

anos _____ **E sua**

família? **__idem** _____

2. Sua moradia atual é:

() própria (x) alugada () cedida () outro, **qual?** _____

3. A moradia possui quantos cômodos

() um (x) dois () três () mais de três

4. A renda familiar é próxima de:

(x) de 1 a 3 SM () de 3 a 5 SM () de 5 a 10SM () mais de 10SM

5. A família possui:

() Carro – **quantos?** _____

() Plano de saúde

(x) Computador – **quantos?** **_1__**

SM = salário mínimo

- (x) Acesso à Internet
 (x) Geladeira – **quantas?** _1__
 () Freezer – **quantos?** ____
 (x) Fogão – **quantos?** 1____
 (x) Micro-ondas – **quantos?** 1____
 (x) Televisão – **quantas?** _1__
 () Rádio – **quantos?** ____
 () Assinatura de jornais ou revistas – **quais e quantos?**

- (x) Livros – **quantos? (cerca de)** _4__
 () Assinatura de TV a cabo

6. A escola que frequenta é:

- (x) pública () particular, neste caso indique se é bolsista () Sim () Não. **Em que série você está ou parou de estudar (indique o nome da instituição escolar)?**__conclui o ensino médio no Etelvina de goés marcucci._____

7. Qual a profissão e o grau de escolaridade dos seus pais?

____diarista 3
 série._____

8. Tem acesso à TV? (x) Sim () Não **Cinema** () Sim (x) Não **Programas em vídeo (filmes e outros)** (x) Sim () Não. **Internet** (x) Sim () Não **Teatro** (x) Sim () Não **Espectáculos/shows?** (x) Sim () Não. **Shopping-centers** () Sim (x) Não **Viagens** () Sim (x) Não

9. Em relação às atividades acima, liste sua programação favorita:

____adoro assistir peças,e claro que a internet é uma ferramenta importante._____

10. Qual é o principal uso que faz da Internet (pesquisa, correio eletrônico, redes sociais, música, YouTube, outro uso)?

____pesquisas,redes sociais e youtube._____

11. Há alguma atividade que não pode fazer ou gostaria de fazer com mais frequência? O que impede?

____não._____

ANEXO XXXIX

Trecho da obra com temática “limites e liberdade”.

(Trecho do capítulo 14, “Felix Felicis”, do sexto volume da série *Harry Potter, Harry Potter e o Enigma do Príncipe*)

Herbologia foi a primeira aula de Harry na manhã seguinte. No café da manhã não pudera comentar com Rony e Hermione a aula com Dumbledore, com medo de ser ouvido, mas foi contando enquanto caminhavam pela horta em direção às estufas. A ventania violenta do fim de semana finalmente cessara; a estranha névoa tinha voltado, e gastaram mais tempo do que o habitual para encontrar a estufa certa. — Uau, que pensamento apavorante, esse garoto Você-Sabe-Quem — disse Rony baixinho, quando tomaram seus lugares ao redor de um dos tocos nodosos de Arapucosos, que faziam parte do programa do trimestre, e começaram a calçar as luvas de proteção. — Mas continuo a não entender por que Dumbledore está lhe mostrando tudo isso. Quero dizer, é muito interessante e tudo o mais, mas para que serve?

— Não sei — respondeu Harry, encaixando um protetor de gengivas. — Mas ele diz que é importantíssimo e vai me ajudar a sobreviver.

— Acho fascinante — opinou Hermione séria. — Faz todo sentido conhecer o que for sobre o Voldemort. De que outro modo você vai descobrir os pontos fracos dele?

— Então, como foi a última festinha de Slughorn? — perguntou Harry com voz pastosa por causa do protetor de gengivas.

— Ah, foi até divertida — respondeu Hermione, colocando os óculos protetores. — Quero dizer, ele fala um pouco sobre os ex-alunos famosos, e simplesmente baba em cima do McLaggen porque ele é bem relacionado, mas nos serviu uma comida realmente gostosa e nos apresentou a Guga Jones.

— Guga Jones? — admirou-se Rony, arregalando os olhos por baixo dos óculos protetores. — A Guga Jones, capita das Harpias de Holyhead?

— A própria — confirmou Hermione. — Pessoalmente, achei que ela é um pouco metida, mas...

— Chega de conversa aí! — disse a professora Sprout, em tom enérgico, aproximando-se com ar severo. — Vocês estão se atrasando, todos já começaram e Neville já colheu a primeira vagem!

Eles se viraram para olhar; de fato, lá estava Neville com os lábios ensangüentados e vários arranhões feios na bochecha, mas apertando um objeto verde, do tamanho aproximado de uma toranja, que pulsava hostilmente.

— Certo, professora, já estamos começando! — disse Rony, acrescentando baixinho, quando ela se afastou: — Devíamos ter usado o *Abaffiato*, Harry.

— Não, não devíamos! — discordou Hermione na mesma hora, parecendo, como sempre, aborrecidíssima só de pensar no Príncipe Mestigo e nos seus feitiços. — Ora, vamos... é melhor nos apressarmos...

Ela lançou aos outros dois um olhar preocupado: os três tomaram fôlego e atacaram o toco nodoso.

A planta imediatamente ganhou vida; galhos longos, urticantes e espinhosos saíram do toco e chicotearam o ar. Um deles se enganchou nos cabelos de Hermione, e Rony o repeliu com uma tesoura de poda; Harry conseguiu conter uns dois galhos e prendê-los com um nó; abriu-se um buraco no meio desses tentáculos; Hermione enfiou o braço corajosamente no buraco, que fechou como uma armadilha em torno do seu cotovelo; Harry e Rony puxaram e torceram os galhos, obrigando o buraco a reabrir, e Hermione desvencilhou o braço, trazendo entre os dedos uma vagem igualzinha à de Neville. Na mesma hora, os galhos urticantes tornaram a se recolher e o toco nodoso se imobilizou, parecendo um inocente pedaço de madeira seca.

— Sabe, acho que não vou querer essa planta no jardim quando tiver a minha casa — comentou Rony, empurrando os óculos para a testa e enxugando o suor do rosto.

— Me passa uma tigela — pediu Hermione, segurando a vagem pulsante com o braço estendido; foi o que Harry fez e ela largou a vagem dentro da vasilha com cara de nojo.

— Não seja supersensível, esprema a vagem, é melhor quando está fresca! — falou a professora Sprout.

— Como eu ia dizendo — Hermione retomou a conversa interrompida como se não tivessem sido atacados pelo toco de madeira —, Slughorn vai dar uma festa de Natal, Harry, e dessa você não vai ter jeito de escapar, porque ele me pediu para verificar as suas noites livres, e vai marcar a festa numa noite em que você possa ir.

Harry gemeu. Nesse meio tempo, Rony, que estava em pé tentando abrir a vagem na tigela, segurando-a com as duas mãos e apertando-a com toda a força, disse aborrecido:

— E essa é mais uma festa para os favoritos de Slughorn?

— É só para o Clube do Slugue — respondeu Hermione.

A vagem voou para longe dos dedos de Rony, atingiu o vidro da estufa, ricocheteou e foi bater na nuca da professora, derrubando seu velho chapéu remendado. Harry foi recuperar a vagem; quando voltou, Hermione estava dizendo:

— Olhe aqui, não fui eu que inventei o nome “Clube do Slugue”...

— Clube do Slugue — repetiu Rony com um desprezo digno de Malfoy. — É patético. Ora, eu espero que você se divirta na festa. Por que não experimenta namorar o McLaggen, aí o Slughorn pode proclamar vocês dois Rei e Rainha do Clu...

— Ele nos deu permissão para levar convidados — disse Hermione, que, por alguma razão, ficara escarlate escaldante —, e eu ia convidar você, mas, se acha que é bobeira, então nem vou me incomodar!

Harry de repente desejou que a vagem tivesse voado mais longe, para não precisar ficar sentado ali com aqueles dois. Sem que percebessem, ele agarrou a tigela com a vagem e tentou abri-la da maneira mais barulhenta e enérgica que pôde pensar: infelizmente, continuou ouvindo cada palavra que eles diziam.

— Você ia me convidar? — perguntou Rony, em um tom completamente diferente.

— Ia — respondeu Hermione zangada. — Mas é óbvio que se você prefere que eu namore o McLaggen...

Houve uma pausa em que Harry continuou a bater na vagem resistente com uma colher de jardineiro.

— Não, não prefiro — retrucou Rony, em voz muito baixa. Harry errou o alvo e bateu na tigela, quebrando-a.

— *Reparo* — disse depressa, empurrando os cacos com a varinha, e a tigela se recompôs. O barulho, porém, pareceu ter despertado Rony e Hermione para a presença de Harry. A garota parecia embaraçada, e começou a consultar o seu exemplar de *Árvores do mundo que se alimentam de carne*, para descobrir o modo correto de espremer as vagens de Arapucosos. Rony, por sua vez, parecia envergonhado, mas, ao mesmo tempo, muito satisfeito consigo mesmo.

— Me dá isso, Harry — disse Hermione apressada —, diz aqui que precisamos furá-las com uma coisa afiada...

Harry passou-lhe a vagem e a tigela, ele e Rony tornaram a baixar os óculos sobre os olhos e mergulharam mais uma vez no toco.

Não é que estivesse realmente surpreso, pensou Harry, enquanto lutava com um galho espinhoso decidido a esganá-lo; tinha uma intuição de que aquilo poderia acontecer mais cedo ou mais tarde. Mas não sabia como se sentia a esse respeito... ele e Cho agora estavam constrangidos demais para se olhar, quanto mais para se falar; e se Rony e Hermione comessem a sair juntos e depois acabassem o namoro? Será que a amizade deles sobreviveria? Harry se lembrou das poucas semanas em que tinham deixado de se falar no terceiro ano; não gostara de ficar

tentando reaproximar os dois. Mas e se não acabassem o namoro? E se acabassem como o Gui e a Fleur, e ficar em companhia deles se tornasse extremamente constrangedor, e, desse modo, Harry fosse excluído para sempre?

— Peguei! — berrou Rony, puxando uma segunda vagem do toco na hora em que Hermione conseguia partir a primeira, fazendo a tigela se encher de tubérculos que se torciam como vermes verde-claros.

O restante da aula passou sem que se mencionasse a festa de Slughorn. Embora nos dias seguintes Harry observasse seus dois amigos com mais atenção, Rony e Hermione não pareciam diferentes, exceto que se tratavam com mais gentileza do que o normal. Harry presumiu que teria de esperar para ver o que aconteceria sob a influência da cerveja amanteigada na penumbra da sala de Slughorn, na noite da festa. Até lá, porém, ele tinha preocupações mais urgentes.

ANEXO XL**Tópico guia da primeira reunião com o grupo B.****PRIMEIRA REUNIÃO – GRUPO DE DISCUSSÃO B**

Tópico guia do moderador

Questões para primeira hora:

- 1) O que mais chama a atenção de vocês no texto?
- 2) O que é uma festa divertida? Quem precisa estar e o que precisa acontecer? Quem pode descrever?
- 3) Agora que vocês já descreveram o que é uma festa, eu quero que pensem e me digam o que esse momento significa...
- 4) Vocês acham que os pais, os professores, a escola, a sociedade colocam muitos limites?
- 5) E quanto aos riscos? (* Citar episódio de aluno que morreu em festa da USP)
- 6) No texto, fala-se sobre “cerveja amanteigada”. Como vocês vêem a questão do álcool nas festas de adolescentes? E as drogas?
- 7) Como são as festas de jovens em Paraisópolis? Existe alguma diferença?

* Meia hora final: Solicitar a cada participante redação de um texto sobre o tema em questão e os comentários feitos em reunião.

ANEXO XLI**Tópico guia da segunda reunião com o grupo B.****SEGUNDA REUNIÃO – GRUPO DE DISCUSSÃO B****Tópico guia do moderador****Questões para tema Escolha da Profissão:**

- 28) Vocês se sentem preparados para escolher uma profissão?
- 29) Que tipo de limitações e barreiras vocês encontram?
- 30) Até que ponto é possível fazer o que os gêmeos Weasley fizeram e escolher realmente o que se quer, deixando tudo o que não interessa ou oprime para trás?
- 31) Todos aqui estudam em escola pública? Por quê?
- 32) Na história do Harry Potter existe uma única escola, mas na vida real são muitas, públicas e privadas. Estudar em escola pública traz alguma desvantagem? Como vocês veem isso?
- 33) E como é possível resolver isso? O que tem de ser feito?
- 34) Na hora de decidir o seu futuro, o que conta mais: as convenções e as regras ou a escolha verdadeiramente autônoma? Quem escolhe é você ou a sociedade?

* Solicitar a cada participante redação de um texto sobre o tema em questão e os comentários feitos em reunião.

Questões para tema Meninos X Meninas:

- 1) Por que vocês acham que a relação entre meninos e meninas é às vezes tão difícil?
- 2) Quem pode me descrever quais as principais diferenças entre meninos e meninas (além das físicas)?
- 3) A Hermione é muito mais inteligente e sensível. Essa é uma característica das meninas? E os meninos são sempre distraídos e inconvenientes como o Rony? (induzir o confronto de opiniões)
- 4) Para as meninas: quais são as qualidades ideais em um menino e os defeitos insuportáveis?
- 5) Para os meninos: idem
- 6) Para as meninas: (relembrar comentário feito pelo participante Paulo Feitoza na primeira reunião) Vocês acham que as meninas de Paraisópolis são diferentes das meninas que vivem fora da comunidade, estudam em escola particular, com famílias de mais recursos, por exemplo? Em que sentido?
- 7) Para os meninos: idem.
- 8) Todos aqui disseram na primeira reunião que possuem uma certa autonomia em relação ao dinheiro. Isso também é uma diferença em relação a outros adolescentes de classe média, que em geral não trabalham?
- 9) Se vocês tivessem que situar o Harry e os amigos dele na nossa realidade eles seriam jovens de classe média? Vale lembrar que a família do Rony tem dificuldades financeiras, mas a Hermione é filha de dentista e, embora o Harry não seja rico no mundo dos não bruxos (foi criado pelos tios, uma família do subúrbio de Londres), ainda assim é uma realidade muito diferente da brasileira. Vocês acham que nesse sentido a obra retrata bem a sua realidade? (pedir para todos responderem esta pergunta).

* Solicitar a cada participante redação de um texto sobre o tema em questão e os comentários feitos em reunião.

ANEXO XLII

Trechos da obra com temáticas “escolha da profissão” (1 e 2) e “meninos X meninas” (3 e 4).

1)

(Trecho do capítulo 5, “As ‘gemialidades’ Weasley”, do quarto volume da série *Harry Potter, Harry Potter e o Cálice de Fogo*)

O quarto em que Rony dormia, no último andar da casa, conservava a mesma aparência da última vez que Harry viera passar dias com o amigo; os mesmos pôsteres do time favorito de quadribol de Rony, os Chudley Cannons, em que os jogadores acenavam das paredes e do teto inclinado, o aquário no peitoril da janela que anteriormente abrigara ovos de rã agora continha um enorme sapo. O velho rato de Rony, Perebas, não morava mais ali, em seu lugar havia a coruja minúscula que entregara a carta de Rony na rua dos Alfeneiros. Saltitava numa gaiolinha, piando feito louca.

- Cala a boca, Píchi - disse Rony, manobrando para passar entre duas das quatro camas que haviam sido espremidas no quarto.

- Fred e Jorge estão aqui conosco, porque Gui e Carlinhos ficaram com o quarto dos dois - disse Rony a Harry. - Percy conseguiu ficar com o quarto só para ele porque tem que trabalhar.

- Hum... por que é que você chama essa coruja de Píchi? - perguntou Harry a Rony.

- Porque Rony está sendo idiota - disse Gina. - O nome todo é Pichirinho.

- É, e isso não é um nome nem um pouco idiota - comentou Rony sarcasticamente.

- Foi Gina que o batizou - explicou a Harry. - Ela acha que é um nome bonitinho. Tentei mudar, mas já era tarde demais, ele não responde a nenhum outro. Então ficou Píchi. Tenho que trancar ele aqui porque vive chateando o Errol e o Hermes. Pensando bem, chateia a mim também. Pichitinho voava alegremente pela gaiola, piando em tom agudo. Harry conhecia Rony muito bem para levá-lo a sério. Tinha reclamado o tempo todo do seu velho rato Perebas, mas ficara aborrecidíssimo quando pareceu que o gato de Hermione, Bichento, o comera.

- Por onde anda o Bichento? - perguntou Harry a Hermione nessa hora.

- No jardim, espero. Ele gosta de caçar gnomos, nunca tinha visto nenhum.

- Então o Percy está gostando do trabalho? - perguntou Harry - Sei, sei, tudo bem - interrompeu-o

Rony e começou a subir as escadas. Percy bateu a porta do quarto. Quando Harry, Hermione e Gina iam começar a acompanhar Rony na subida de mais três lances de escada, ouviram os ecos dos gritos na cozinha. Pelo jeito o Sr. Weasley contara à Sra. Weasley sobre os caramelos.

O quarto em que Rony dormia, no último andar da casa, conservava a mesma aparência da última vez que Harry viera passar dias com o amigo; os mesmos pôsteres do time favorito de quadribol de Rony,

os Chudley Cannons, em que os jogadores acenavam das paredes e do teto inclinado, o aquário no peitoril da janela que anteriormente abrigara ovas de rã agora continha um enorme sapo. O velho rato de Rony,

Perebas, não morava mais ali, em seu lugar havia a coruja minúscula que entregara a carta de Rony na rua

dos Alfeneiros. Saltitava numa gaiolinha, piando feito louca.

- Cala a boca, Píchi - disse Rony, manobrando para passar entre duas das quatro camas que

havam sido espremidas no quarto.

- Fred e Jorge estão aqui conosco, porque Gui e Carlinhos ficaram com o quarto dos dois - disse

Rony a Harry. Percy conseguiu ficar com o quarto só para ele porque tem que trabalhar.

- Hum... por que é que você chama essa coruja de Píchi? - perguntou Harry a Rony.

- Porque Rony está sendo idiota - disse Gina. - O nome todo é Pichitinho.

- e isso não é um nome nem um pouco idiota - comentou Rony sarcasticamente. - Foi Gina que o

batizou - explicou a Harry. - Ela acha que é um nome bonitinho.

Tentei mudar, mas já era tarde demais, ele não responde a nenhum outro. Então ficou Píchi.

Tenho que trancar ele aqui porque vive chateando o Errol e o Hermes. Pensando bem, chateia a mim também.

Pichitinho voava alegremente pela gaiola, piando em tom agudo. Harry conhecia Rony muito bem

para levá-lo a sério. Tinha reclamado o tempo todo do seu velho rato Perebas, mas ficara aborrecidíssimo

quando pareceu que o gato de Hermione, Bichento, o comera.

- Por onde anda o Bichento? - perguntou Harry a Hermione nessa hora.

- No jardim, espero. Ele gosta de caçar gnomo, nunca tinha visto nenhum.

- Então o Percy está gostando do trabalho? - perguntou Harry se sentando em uma das camas e se

pondo a observar os Chudley Cannons entrando e saindo velozes dos pôsteres no teto.

- Gostando? - disse Rony misterioso. - Acho que nem voltaria para casa se papai não obrigasse.

Está obcecado.

- nem puxe conversa sobre o chefe dele. O Sr. Crouch diz... como eu ia dizendo ao Sr. Crouch...

O Sr. Crouch é de opinião... O Sr. Crouch esteve me dizendo... Qualquer dia desses vão anunciar o noivado dos dois.

- Como foi o seu verão, Harry, bom? - perguntou Hermione.

- Recebeu os pacotes de comida que mandamos e tudo o mais?

- Recebi, muito obrigado. Salvaram minha vida, aqueles bolos.

- E você teve notícias de...? - Rony começou, mas a um olhar de Hermione calou a boca. Harry

sabia que Rony ia perguntar por Sirius. Rony e Hermione tinham participado tão intensamente da fuga de

Sirius do Ministério da Magia que estavam quase tão preocupados com o padrinho de Harry quanto o

garoto. Porém, falar dele na frente de Gina não era uma boa idéia. Ninguém a não ser eles e o Prof.

Dumbledore sabiam como o padrinho de Harry havia fugido ou acreditavam em sua inocência.

- Acho que eles pararam de discutir - disse Hermione, para disfarçar o momento de constrangimento, porque Gina olhava com curiosidade de Rony para Harry. -

Vamos descer e ajudar sua mãe com o jantar?

- Tudo bem - disse Rony. Os quatro tornaram a descer e encontraram a Sra. Weasley sozinha na

cozinha, parecendo extremamente mal-humorada.

- Vamos comer no jardim - disse ela quando os garotos entraram. - Não há lugar para onze

pessoas aqui dentro. Podem levar os pratos para fora, meninas? Gui e Carlinhos estão armando as mesas.

Facas e garfos, por favor, vocês dois - disse ela a Rony e Harry, e apontou a varinha com um pouco mais

de força do que pretendia para um monte de batatas na pia, que saíram da casca demasiado depressa e

acabaram ricocheteando nas paredes e nos tetos.

"Ah, pelo amor de Deus!", exclamou ela, agora apontando a varinha para uma pá, que saltou de

lado e começou a patinar pelo piso, recolhendo as batatas. "Aqueles dois!", explodiu ela furiosa, agora

tirando tachos e panelas de um armário, e Harry entendeu que ela estava se referindo a Fred e Jorge. "Não

sei o que vai ser deles, realmente não sei. Não têm ambição, a não ser que se leve em conta toda confusão

que são capazes de aprontar..."

Ela bateu com uma grande caçarola de cobre na mesa da cozinha e começou a agitar a mão para

os lados. Um molho cremoso foi escorrendo da ponta da varinha à medida que ela mexia.

- Não é que não tenham inteligência - continuou ela irritada, levando a caçarola para o fogão e

acendendo-o com um toque da varinha -, mas estão desperdiçando a que têm e, a não ser que tomem jeito

depressa, vão se meter em apuros. Já recebi mais corujas de Hogwarts a respeito dos dois do que de todos

os outros juntos.

Se continuarem assim, vão terminar tendo que comparecer a Seção de Controle do Uso Indevido

da Magia.

A Sra. Weasley apontou a varinha para a gaveta de talheres, que se abriu com violência. Harry e

Rony saltaram para o lado ao ver várias facas saírem voando, atravessarem a cozinha e começarem a

cortar as batatas que tinham acabado de ser devolvidas à pia pela pá.

- Não sei onde foi que erramos com os gêmeos - disse a Sra. Weasley descansando a varinha e

recomeçando a tirar mais caçarolas do armário. - Tem sido sempre assim há anos, uma coisa atrás da

outra, e eles não dão ouvidos...

2)

(Trecho do capítulo 29, "Orientação Vocacional", do quinto volume da série *Harry Potter, Harry Potter e a Ordem da Fênix*)

— Mas por que você não tem mais aulas de Oclumência? — perguntou Hermione, enrugando a testa.

— Eu já falei — resmungou Harry. — Snape acha que posso continuar sozinho, agora que já aprendi o básico.

— Quer dizer que você parou de ter sonhos esquisitos? — perguntou Hermione, incrédula.

— Quase — respondeu Harry, sem olhar para ela.

— Bom, acho que Snape não devia parar até você ter certeza absoluta de que é capaz de controlá-los! — disse Hermione, indignada. — Harry, acho que você devia voltar lá e pedir...

— Não — disse Harry enfaticamente. — Esquece, Hermione, o.k.?

Era o primeiro dia dos feriados de Páscoa e Hermione, como era seu hábito, passara uma grande parte do dia preparando horários de revisão para os três. Harry e Rony a deixaram preparar; era mais fácil do que discutir com a amiga e, em todo o caso, poderiam ser úteis.

Rony se assustara ao descobrir que só faltavam seis semanas para os exames.

— Como isso pode ser surpresa para você? — perguntou Hermione enquanto coloria cada quadradinho do horário de Rony com um toque de varinha de acordo com a disciplina.

— Não sei — comentou Rony —, tem acontecido muita coisa.

— Bom, terminei — disse ela, entregando-lhe o horário. — Se seguir o que está aí vai se dar bem.

Rony examinou o pergaminho deprimido, mas logo se animou.

— Você me deu uma noite de folga por semana!

— Para o treino de quadribol.

O sorriso desapareceu do seu rosto.

— De que adianta? — disse desanimado. — A nossa chance de ganhar a Copa de Quadribol este ano é a mesma de papai virar ministro da Magia.

Hermione não respondeu, observava Harry, que fixava imóvel a parede oposta da sala comunal enquanto Bichento dava patadinhas em sua mão pedindo para o garoto lhe cocar as orelhas.

— Que foi, Harry?

— Quê? — disse depressa. — Nada.

Ele apanhou seu exemplar de *Teoria da defesa em magia* e fingiu estar procurando alguma coisa no índice. Bichento considerou-o um mau negócio, e foi se esconder embaixo da poltrona de Hermione.

— Vi Cho hoje cedo — disse Hermione sondando. — Parecia muito infeliz, também... vocês brigaram outra vez?

— Qu... ah, foi, brigamos — disse Harry, agarrando a desculpa, agradecido.

— Por quê?

— Aquela dedo-duro amiga dela, a Marieta.

— É, bom, eu faria o mesmo! — disse Rony zangado, baixando o horário de revisões. — Se não fosse ela...

Rony saiu desafiando reclamações sobre Marieta Edgecombe, que Harry achou útil; só precisava amarrar a cara, confirmar com a cabeça e dizer: "É" e "Certo", sempre que Rony parava para tomar fôlego, deixando a mente livre para refletir, sempre mais infeliz, no que vira na Penseira.

Sentia que a lembrança daquelas cenas o devorava por dentro. Tivera tanta certeza de que seus pais eram pessoas maravilhosas que nunca hesitara em descrever das acusações que Snape fazia sobre o caráter do seu pai. Gente como Hagrid e Sirius não havia lhe dito que seu pai fora maravilhoso? (É, veja como era o próprio Sirius a época, disse uma voz insistente na cabeça de Harry... ele era tão ruim quanto o

outro, não era?) Verdade, escutara uma vez a Profª McGonagall comentar que o pai dele e Sirius tinham sido criadores de casos na escola, mas os descrevera como precursores dos gêmeos Weasley, e Harry não conseguia imaginar Fred e Jorge pendurando alguém de cabeça para baixo só para se divertirem... a não ser que realmente o detestassem... talvez Malfoy, ou alguém que realmente merecesse... Harry tentara argumentar que Snape talvez tivesse merecido o que sofrera nas mãos de Tiago, mas Lílian perguntara: "Que foi que ele lhe fez?" E seu pai respondera: "É mais pelo fato de existir, se você me entende." Tiago não começara tudo simplesmente porque Sirius dissera que estava chateado?

Harry se lembrava de Lupin ter comentado no largo Grimmauld que Dumbledore o nomeara monitor na esperança de que pudesse exercer algum controle sobre Tiago e Sirius... mas, na Penseira, ele ficara sentado ali e deixara tudo acontecer...

Harry não parava de se recordar de que Lílian interferira: sua mãe fora decente. Contudo, a lembrança da expressão em seu rosto quando ela gritara com Tiago o perturbava mais que qualquer outra coisa; era visível que ela o detestava, e Harry simplesmente não conseguia entender como é que tinham acabado se casando.

Uma ou duas vezes chegara a se perguntar se Tiago a teria forçado...

Durante quase cinco anos pensar em seu pai havia sido uma fonte de consolo, de inspiração. Sempre que alguém dizia que ele era igual ao pai, ele se iluminava intimamente de orgulho. E agora... agora sentia frieza e infelicidade ao pensar nele. O tempo se tornou mais ventoso, claro e quente com a passagem das férias da Páscoa, mas Harry e os demais alunos do quinto e do sétimo ano estavam prisioneiros, revisando as matérias, indo e voltando da biblioteca. Harry fingia que seu mau humor não tinha outra causa senão a proximidade dos exames, e, como seus colegas da Grifinória também estavam fartos de estudar, sua desculpa não era questionada.

— Harry, estou falando com você, está me ouvindo?

— Hum?

Ele olhou. Gina Weasley, parecendo ter saído de um vendaval, tinha se juntado a ele na mesa da biblioteca em que se encontrava sozinho. Era domingo, tarde da noite, Hermione voltara à Torre da Grifinória para revisar Runas Antigas, e Rony tinha treino de quadribol.

— Ah, oi – disse Harry, puxando os livros para perto. — Por que você não está no treino?

— Já acabou. Rony teve de levar Jucá Sloper à ala hospitalar.

— Por quê?

— Bom, não temos muita certeza, mas achamos que ele se derrubou com o próprio bastão. — Ela soltou um pesado suspiro. — Em todo o caso... chegou uma encomenda, e acabou de passar pelo novo processo de verificação da Umbridge. Ela levantou um embrulho de papel pardo e o colocou sobre a mesa; fora claramente desembrulhado e descuidadamente reembulhado. Trazia uma anotação em tinta vermelha com os dizeres: Inspecionado e Aprovado pela Alta Inquisidora de Hogwarts.

— São ovos de Páscoa mandados pela mamãe. Tem um para você... pegue.

Gina lhe entregou um belo ovo de chocolate enfeitado com pequeninos pomos de glacê e, segundo dizia na embalagem, continha um saquinho de Delícias Gasosas. Harry contemplou o presente por um momento, então, para seu horror, sentiu um nó na garganta.

— Você está o.k., Harry? — perguntou a garota, calma.

— Tô, tô ótimo — disse Harry rouco. O nó em sua garganta doía.

Ele não entendeu por que um ovo de Páscoa o teria feito se sentir assim.

— Você parece realmente deprimido esses dias — insistiu Gina. — Sabe, tenho certeza que se você falasse com a Cho...

— Não é com a Cho que quero falar — respondeu ele bruscamente.

— Com quem é então? — perguntou Gina. — Eu...

Harry olhou para os lados para verificar se havia alguém ouvindo. Madame Pince estava a várias estantes de distância, carimbando a saída de uma pilha de livros

para uma nervosa Ana Abbott.

— Gostaria de poder falar com o Sirius — murmurou. — Mas sei que não posso. Mais para se ocupar com alguma coisa do que porque estivesse com vontade, Harry abriu seu ovo de Páscoa, partiu um bom pedaço e enfiou-o na boca.

— Bom — disse Gina lentamente, servindo-se de um pedacinho também —, se você quer mesmo falar com Sirius, imagino que poderíamos pensar em um jeito.

— Nem vem — disse Harry, sem esperanças. — Com a Umbridge policiando as lareiras e lendo toda a nossa correspondência?

— O bom de ser criada com Fred e Jorge — disse a garota pensativa — é que a gente meio que começa a achar que tudo é possível desde que se tenha coragem.

Harry olhou para a garota. Talvez fosse o efeito do chocolate — Lupin sempre recomendara comer chocolate depois de enfrentar Dementadores — ou simplesmente porque ele enfim expressara em voz alta o desejo que ardia em seu íntimo havia uma semana, mas ele se sentiu mais esperançoso.

— QUE É QUE VOCÊS ACHAM QUE ESTÃO FAZENDO?

— Que droga — sussurrou Gina ficando em pé imediatamente. — Me esqueci...

Madame Pince veio em direção aos garotos, seu rosto enrugado contorcido de fúria.

— Chocolate na biblioteca! — berrou. — Fora... fora... FORA!

E, puxando a varinha, fez os livros, a mochila e o tinteiro de Harry expulsarem os dois da biblioteca, batendo na cabeça deles enquanto corriam.

Como se quisessem enfatizar a importância dos exames, agora próximos, um pacote de panfletos, folhetos e avisos, abordando as várias carreiras para bruxos, apareceu nas mesas da Torre da Grifinória pouco antes do término das férias, ao mesmo tempo que um aviso no quadro dizia o seguinte:

ORIENTAÇÃO VOCACIONAL

Todos os quintanistas deverão ter uma breve reunião com a diretora de sua Casa durante a primeira semana do trimestre de verão para discutir suas futuras carreiras. Os horários das consultas individuais estão listados abaixo.

Harry correu os olhos pela lista e descobriu que era esperado na sala da Prof^a McGonagall às duas e meia da tarde de segunda-feira, o que significaria perder a maior parte da aula de Adivinhação. Ele e outros quintanistas passaram uma boa parte do último fim de semana das férias de Páscoa lendo todas as informações sobre carreiras que haviam sido deixadas em sua Casa.

3)

(Trecho do capítulo 26, "Visto e imprevisto", do quinto volume da série *Harry Potter, Harry Potter e a Ordem da Fênix*)

Luna disse vagamente que não sabia quando a entrevista de Harry com Rita apareceria no *Pasquim*, pois seu pai estava esperando um longo e interessante artigo sobre as recentes aparições de Bufadores de Chifre Enrugado, e, naturalmente, seria uma história muito importante, então a entrevista de Harry talvez tivesse de aguardar o próximo número.

Harry não achou uma experiência fácil falar sobre a noite em que Voldemort retornara. Rita extraiu dele cada mínimo detalhe e ele lhe passou tudo que lembrava, sabendo que era uma grande oportunidade de contar a verdade para o mundo. Perguntava-se como as pessoas reagiriam. Imaginou que a história confirmaria para muita gente a visão de que ele era completamente doido, especialmente porque apareceria ao lado de uma absoluta tolice sobre Bufadores de Chifre Enrugado. Mas a fuga de Belatriz Lestrange e seus companheiros Comensais da Morte havia dado a Harry um desejo ardente de fazer alguma coisa, produzisse ou não resultados...

— Mal posso esperar para ver o que a Umbridge pensa de você falar publicamente — comentou Dino, parecendo assombrado no jantar de segunda-feira à noite.

Simas despejava goela abaixo grandes garfadas de torta de frango com presunto, sentado do outro lado de Dino, mas Harry sabia que ele estava escutando.

— É o certo, Harry — disse Neville, sentado defronte. Estava muito pálido, mas continuou em voz baixa. — Deve ter sido... dureza... falar disso... não foi?

— Foi — balbuciou Harry —, mas as pessoas precisam saber do que Voldemort é capaz, não?

— Com certeza — disse Neville concordando com a cabeça —, e os Comensais da Morte também... as pessoas precisam saber...

Neville deixou a frase no ar e voltou a atenção para sua batata assada. Simas ergueu a cabeça, mas quando seu olhar encontrou o de Harry ele tornou a baixá-lo depressa para o prato. Transcorrido algum tempo, Dino, Simas e Neville saíram para a sala comunal, deixando Harry e Hermione à mesa esperando por Rony, que ainda não viera jantar por causa do treino de quadribol.

Cho Chang entrou no salão com a amiga Marieta. O estômago de Harry deu uma sacudida desagradável, mas a garota não olhou para a mesa da Grifinória, e se sentou de costas para ele.

— Ah, me esqueci de perguntar — disse Hermione animada, dando uma olhada rápida na mesa da Corvinal —, que aconteceu no seu encontro com Cho? Por que você voltou tão cedo?

— Aah... bom, foi... — começou Harry puxando um prato de doce de ruibarbo para perto e se servindo mais uma vez — um completo fiasco, já que você está perguntando.

E contou a ela o que acontecera na casa de chá de Madame Puddifoot.

—... então — concluiu alguns minutos depois, quando o último bocadinho de doce desapareceu —, ela se levanta de repente, certo, e diz: A gente se vê por aí, Harry — e sai correndo da loja! — Ele descansou a colher e olhou para Hermione. — Quero dizer, por que foi tudo isso? Que é que aconteceu?

Hermione olhou para a nuca de Cho e suspirou.

— Ah, Harry — disse tristonha. — Bom, sinto muito, mas você não teve muito tato.

— Eu, não tive tato? — exclamou Harry indignado. — Em um momento estávamos nos dando bem, e no momento seguinte ela estava me dizendo que Rogério Davies a convidou para sair e como costumava ir à droga daquela casa de chá para ficar beijando o Cedrico: como é que você acha que eu devia reagir?

— Bom, sabe — disse Hermione com o ar paciente de alguém que explica a uma criança temperamental que um mais um é igual a dois —, você não devia ter dito a

ela que queria se encontrar comigo no meio do namoro.

— Mas, mas — tartamudeou Harry —... você me pediu para encontrá-la ao meio-dia e até levar Cho junto, como é que eu ia fazer isso sem dizer a ela?

— Você devia ter dito de maneira diferente — explicou Hermione, ainda com aquele exasperante ar de paciência. — Devia ter dito que era uma chatice, mas que eu tinha feito você prometer ir ao Três Vassouras, e que você na verdade não queria ir, que preferia passar o dia inteiro com ela, mas infelizmente achava que era importante se encontrar comigo e se ela, por favor, por um grande favor, pudesse ir com você e, assim, quem sabe, daria para você sair mais depressa. E também teria sido uma boa idéia mencionar que você me acha feia — acrescentou Hermione refletindo.

— Mas eu não acho você feia — exclamou Harry confuso.

Hermione deu uma risada.

— Harry, você é pior do que o Rony... bom, não, não é não — suspirou, na hora em que Rony entrava no salão sujo de lama e parecendo mal-humorado. — Você aborreceu a Cho quando disse que ia se encontrar comigo, então ela tentou fazer ciúmes. Foi uma maneira de tentar descobrir se você gostava dela.

— Era isso que ela estava fazendo? — admirou-se Harry, enquanto Rony se sentava no banco defronte, e puxava para perto todos os pratos que conseguiu alcançar. — Bom, não teria sido mais fácil se me perguntasse se eu gostava mais dela ou de você?

— As garotas muitas vezes não fazem perguntas desse tipo.

— Pois deviam! — disse Harry com veemência. — Então eu podia ter simplesmente respondido que gosto mais dela, e ela não precisaria ficar outra vez nervosa com a morte do Cedrico!

— Eu não estou dizendo que Cho foi sensata — disse Hermione quando Gina se reuniu a eles, tão enlameada quanto Rony e igualmente chateada. — Estou só tentando mostrar como ela estava se sentindo naquele momento.

— Você devia escrever um livro — sugeriu Rony a Hermione enquanto cortava as batatas em seu prato —, traduzindo as maluquices que as garotas fazem para os garotos poderem entendê-las.

— É — apoiou Harry com sinceridade e fervor, olhando para a mesa da Corvinal, onde Cho se levantara, e, ainda sem olhar para ele, saiu do salão.

4)

(Trecho do capítulo 25, "A vidente entreouvida", do sexto volume da série *Harry Potter, Harry Potter e o Enigma do Príncipe*)

O fato de Harry Potter estar saindo com Gina Weasley parecia interessar a muitas pessoas, a maioria garotas, Harry, porém, sentiu-se, de uma forma nova e feliz, indiferente às fofocas, nas semanas que se seguiram. Afinal de contas, era bem agradável ser assunto de conversas por algo que o deixava mais contente do que lembrava haver sido em muito tempo, em vez de por sua participação em terríveis cenas de magia das Trevas.

— Eu achava que as pessoas teriam mais o que fofocar — comentou Gina, no chão da sala comunal, recostada nas pernas de Harry e lendo o Profeta Diário. — Três ataques de dementadores em uma semana, e só o que a Romilda Vane me pergunta é se é verdade que você tem um hipogrifo tatuado no peito.

Rony e Hermione caíram na gargalhada. Harry fingiu não ouvir.

— Que foi que você respondeu?

— Que era um rabo-córneo húngaro — informou Gina, virando lentamente a página do jornal. — Muito mais macho.

— Obrigado — disse Harry rindo. — E o que foi que você disse a ela que o Rony tem?

— Um Mini-Pufe, mas eu não disse onde.

Rony ficou sério, enquanto Hermione rolava de rir.

— Olha — ameaçou ele, apontando para Harry e Gina. — Só porque dei licença não quer dizer que não possa retirar...

— "Licença" — caçoou Gina. — Desde quando você dá licença para eu fazer alguma coisa? Aliás, foi você mesmo que disse que preferia o Harry ao Miguel ou o Dino.

— Preferia mesmo — concordou Rony de má vontade. — E desde que vocês não comecem a se agarrar em público...

— Seu hipócrita nojento! E você e a Lilá que ficavam se enroscando feito um par de enguias por toda a escola? — quis saber Gina.

Mas a tolerância de Rony não seria posta à prova porque começou junho, e o tempo de Harry e Gina juntos foi se tornando mais limitado. Os N.O.M.s dela estavam próximos e, com isto, ela era obrigada a rever a matéria noite adentro.

Em uma dessas noites, em que Gina se recolhera à biblioteca e Harry se sentou junto à janela da sala comunal, supostamente para terminar o dever de Herbologia, mas na realidade revivendo uma hora muito feliz que passara com Gina à beira do lago na hora do almoço, Hermione largou-se na cadeira entre ele e Rony com uma expressão desagradavelmente decidida no rosto.

— Quero falar com você, Harry.

— Sobre o quê? — perguntou ele, desconfiado. Ainda na véspera, Hermione o censurara por distrair Gina, quando ela devia estar estudando a sério para os exames.

— O tal do Príncipe Mestigo.

— Ah, outra vez, não — gemeu ele. — Quer esquecer isso?

Harry não ousara voltar à Sala Precisa para recuperar o livro, e o seu desempenho em Poções estava sofrendo proporcionalmente (embora Slughorn, que aprovava Gina, atribuisse isso, brincando, ao fato de Harry estar apaixonado). Mas ele tinha certeza de que Snape ainda não perdera a esperança de pôr as mãos no livro do Príncipe, por isso resolvera deixá-lo onde o guardara, enquanto o professor estivesse vigiando.

— Não vou esquecer — respondeu Hermione com firmeza — enquanto você não escutar tudo. Então, estive investigando um pouco quem poderia ter o passatempo de inventar feitiços das Trevas...

— Não era um passatempo para ele...

— Ele, ele... quem disse que era ele?

— Já discutimos isso — retrucou Harry irritado. — Príncipe, Hermione, Príncipe!
— Certo! — disse Hermione, manchas vermelhas afogueando seu rosto enquanto tirava uma notícia de jornal muita antiga do bolso e a batia na mesa diante de Harry. — Olhe isto aqui! Olhe a foto!

Harry apanhou o pedaço de papel quebradiço e estudou a foto animada, que o tempo amarelara; Rony se inclinou para ver também. A foto mostrava uma garota magricela de uns quinze anos. Não era bonita; seu rosto expressava, ao mesmo tempo, raiva e mau humor, com sobrancelhas grossas e um rosto pálido e comprido. Sob a foto, havia a legenda: Eileen Prince, Capitã do Time de Bexigas.

— E daí? — perguntou Harry, passando os olhos pela pequena notícia que a foto ilustrava; era uma história meio sem graça sobre competições interescolares.

— O nome dela era Eileen Prince. Príncipe, Harry.

Os dois se entreolharam, e Harry entendeu o que Hermione estava tentando dizer. Ele caiu na gargalhada.

— Nem pensar.

— Quê?

— Você acha que ela era o Príncipe...? Ah, qual é?

— E por que não? Harry, não existem príncipes de verdade no mundo bruxo. Ou é um apelido, um título que alguém inventou, ou até mesmo o sobrenome verdadeiro, não? Não, escute! Vamos dizer que o pai dela fosse um bruxo com o sobrenome "Prince", e a mãe fosse uma trouxa, isso faria dela um "Príncipe Mestiço"!

— Ah, muito engenhoso, Hermione...

— Mas faria! Talvez ela sentisse orgulho de ser meio Príncipe!

— Escute aqui, Hermione, sei que não é uma garota. Simplesmente sei a diferença.

— A verdade é que você acha que uma garota não seria inteligente o bastante — retrucou Hermione, zangada.

— Como é que eu poderia conviver com você durante cinco anos e achar que garotas não são inteligentes? — perguntou Harry ofendido.

ANEXO XLIII

Trechos da obra com temáticas “*bullying*” (1) e “maioridade” (2 e 3).

1)

(Trecho do capítulo 18, “A paisagem das varinhas”, do quarto volume da série *Harry Potter*, *Harry Potter e o Cálice de Fogo*)

Os dias que se seguiram foram alguns dos piores que Harry passara em Hogwarts. O mais próximo que ele chegara desse sentimento fora durante aqueles meses, no segundo ano, em que grande parte da escola suspeitara que era ele que atacava os colegas. Mas, então, Rony ficara do seu lado. Harry achava que poderia suportar a atitude do resto da escola se ao menos pudesse ter Rony outra vez como amigo, mas não ia tentar persuadi-lo a voltarem a se falar se ele não queria. Contudo, estava solitário com tanta animosidade ao redor dele.

Harry podia entender a atitude do pessoal da Lufa-Lufa, mesmo que não lhe agradasse, tinham um campeão próprio para apoiar. Não esperara menos do que agressões verbais dos alunos da Sonserina — era muito impopular entre eles e sempre o fora, pois ajudara a Grifinória a derrotá-los muitas vezes, tanto no Quadribol quanto no Campeonato Intercasas. Mas alimentara a esperança de que os colegas da Corvinal tivessem a bondade de apoiá-lo tanto quanto a Cedrico. Mas se enganara. A maioria dos alunos daquela Casa parecia pensar que estivera desesperado para conquistar um pouco mais de fama fazendo o *Cálice de Fogo* aceitar seu nome.

Depois, havia ainda o fato de Cedrico se enquadrar muito melhor no papel de campeão do que ele. Excepcionalmente bonito, nariz reto, cabelos escuros e olhos cinzentos, era difícil dizer quem era o alvo de maior admiração ultimamente, se Cedrico ou Vitor Krum. Harry chegou a presenciar as mesmas garotas do sexto ano que se empenharam tanto para obter um autógrafo de Krum, suplicando a Cedrico para assinar suas mochilas na hora do almoço.

Entrementes não havia resposta de Sirius, Edwiges se recusava a se aproximar dele, a Professora Sibila Trelawney andava predizendo sua morte com uma certeza ainda maior do que de costume, e ele estava se saindo tão mal nos *Feitiços Convocatórios* na aula do Professor Flitwick que recebera dever de casa suplementar — a única pessoa a receber, à exceção de Neville.

— Na realidade não é tão difícil assim — Hermione tentou tranquilizá-lo quando saíam da sala de Flitwick, a garota fizera os objetos dispararem pela sala em sua direção a aula inteira, como se ela fosse uma espécie de ímã exótico para espanadores, cestas de papel e lunascópios. — Você simplesmente não se concentrou como devia...

— E por que teria sido isso? — perguntou Harry sombriamente, quando Cedrico Diggory passou por eles, cercado por um grande grupo de garotas que sorriam debilmente e olharam para Harry como se ele fosse um explosivim particularmente grande.

— Mesmo assim, deixa para lá, não é? Dois tempos de Poções à espera da gente hoje à tarde...

A aula de Poções sempre fora uma experiência terrível, mas ultimamente chegava quase a ser uma tortura. Ficar trancado em uma masmorra durante uma hora e meia com Snape e os alunos da Sonserina, todos decididos a castigar Harry o máximo por se atrever a ser campeão da escola, era a coisa mais desagradável que ele poderia imaginar. Já aturara uma sexta-feira, com Hermione sentada ao seu lado, entoando entre dentes “*Não ligue, não ligue, não ligue*”, e ele não conseguia ver por que esta seria melhor.

Quando ele e a amiga chegaram à porta da masmorra de Snape depois do almoço,

encontraram os alunos da Sonserina esperando à porta, cada um deles usando um distintivo no peito. Por um instante delirante, Harry pensou que fossem distintivos do F.A.L.E. — mas logo viu que todos continham a mesma mensagem em letras vermelhas luminosas, que brilhavam vivamente no corredor subterrâneo mal iluminado.

“Apóie CEDRICO DIGGORY o VERDADEIRO campeão de Hogwarts.”

— Gostou, Potter? — perguntou Malfoy em voz alta, quando Harry se aproximou. — E isso não é só o que eles fazem, olha só!
E apertou o distintivo contra o peito, a mensagem desapareceu e foi substituída por outra, que emitia uma luz verde:

“POTTER FEDE”

Os alunos da Sonserina rolaram de rir. Cada um deles apertou o distintivo também, até que a mensagem *POTTER FEDE* estivesse brilhando vivamente a toda volta do garoto. Ele sentiu uma onda de calor subir pelo pescoço e o rosto.

— Ah, engraçadíssimo — disse Hermione com sarcasmo a Pansy Parkinson e sua turma de garotas da Sonserina, que riam mais gostosamente do que quaisquer outros —, é realmente engraçado.

Rony estava parado encostado à parede com Dino e Simas. Ele não estava rindo, mas tampouco defendia Harry.

— Quer um, Granger? — perguntou Malfoy, oferecendo um distintivo a Hermione.

— Tenho um monte. Mas não toque na minha mão agora, acabei de lavá-la, sabe, e não quero que uma sangue ruim a suje.

Uma parte da raiva que Harry vinha sentindo havia dias pareceu romper um dique em seu peito. Ele apanhou a varinha antes que conseguisse pensar no que estava fazendo. As pessoas em volta se afastaram correndo, recuaram pelo corredor.

— Harry! — gritou Hermione em tom de aviso.

— Anda, Potter, usa — disse Malfoy em voz baixa, puxando a própria varinha.

— Moody não está aqui para proteger você agora, use, se tiver peito...

Por uma fração de segundos, eles se encararam nos olhos, depois, exatamente ao mesmo tempo, os dois agiram.

— *Furnunculus!* — berrou Harry.

— *Densaugeo!* — berrou Malfoy.

Feixes de luz saíram de cada varinha, colidiram em pleno ar e ricochetearam em ângulo — o de Harry atingiu Goyle no rosto e, o de Malfoy, Hermione. Goyle berrou e levou as mãos ao nariz, de onde começaram a brotar furúnculos enormes e feios — a garota, chorando de dor, apertou a boca.

— Mione! — Rony correu para ela para ver o que acontecera.

Harry se virou e viu Rony tirando a mão de Hermione do rosto. Não era uma visão agradável. Os dentes da frente da garota — que já eram maiores do que o normal — cresciam agora a um ritmo assustador, a cada minuto a garota se parecia mais com um castor, pois seus dentes se alongavam, ultrapassavam o lábio inferior em direção ao queixo — tomada de pânico, ela os apalpou e soltou um grito aterrorizado.

— E que barulheira é essa? — perguntou uma voz suave e letal. Snape chegara. Os alunos da Sonserina gritavam tentando dar explicações. Snape apontou um dedo longo e amarelado para Malfoy e disse:

— Explique.

— Potter me atacou, professor...

— Atacamos um ao outro ao mesmo tempo! — gritou Harry.

— ... E ele atingiu Goyle, olhe...

Snape contemplou Goyle, cujo rosto agora lembrava a ilustração de um livro doméstico sobre cogumelos venenosos.

— Ala hospitalar, Goyle disse o professor calmamente.

— Malfoy atingiu Hermione! — disse Rony. — Olhe!

O garoto obrigou Hermione a mostrar os dentes a Snape — ela se esforçava ao máximo para escondê-los com as mãos, embora isso fosse difícil, porque agora tinham ultrapassado o seu decote. Pansy Parkinson e as outras garotas da Sonserina se dobravam de rir em silêncio, apontando para Hermione pelas costas de Snape. Snape olhou friamente para Hermione e disse:

— Não vejo diferença alguma.

Hermione deixou escapar um lamento, seus olhos se encheram de lágrimas, ela deu meia-volta e correu, correu pelo corredor afora e desapareceu.

2)

(Trecho do capítulo três, "A partida dos Dursley", do sétimo volume da série *Harry Potter, Harry Potter e as Relíquias da Morte*)

O ruído da porta da frente batendo ecoou escadaria acima e uma voz bradou "Oh! Você!".

Dezesesseis anos sendo chamado dessa maneira não deixaram dúvidas em Harry de que era seu tio quem falava. Ele, porém, nunca respondia imediatamente. Ainda estava pensando na pequena lembrança, onde por um segundo pensou ter visto o olho de Dumbledore. No momento em que seu tio berrou "GAROTO!", Harry saiu vagarosamente da cama e se dirigiu para a porta do quarto, parando para colocar o pedaço do espelho quebrado na mochila cheia de coisas que ele levaria consigo.

— Você demorou! — gritou Tio Válter quando Harry apareceu no topo da escadaria.

— Venha aqui embaixo agora. Quero falar com você!

Harry desceu as escadas, suas mãos enfiadas nos bolsos da calça. Quando ele olhou na sala de estar lá estavam os três Dursleys. Eles estavam prontos para a partida; Tio Válter em uma velha e surrada jaqueta e Duda, o grande, louro e musculoso primo de Harry, em uma jaqueta de couro.

— Sim? — perguntou Harry.

— Sente-se! — disse Tio Válter. Harry levantou suas sobrancelhas.

— Por favor! — adicionou Tio Válter, se retraindo enquanto a palavra estava afiada em sua garganta.

Harry se sentou. Ele pensou saber o que estava por vir. Seu tio começou a andar pra lá e pra cá. Tia Petúnia e Duda seguiam seus movimentos com expressões ansiosas. Finalmente, enrugou sua grande cara púrpura, em sinal de concentração. Tio Válter parou em frente à Harry e começou a falar.

— Eu mudei de opinião — ele disse.

— Que surpresa — disse Harry.

— Não ouse usar esse tom — começou Tia Petúnia, numa voz aguda, mas Válter Dursley não deu importância.

— Tudo não passa de uma armadilha — disse Tio Válter, olhando fixamente para Harry, com seus pequeninos olhos de porquinho. — Eu decidi que não acredito em uma palavra disso tudo. Vamos ficar por aqui mesmo, não vamos a lugar algum. Harry olhou para seu tio e sentiu uma mistura de amargura e divertimento. Válter Dursley andou mudando de idéia todos os dias nas últimas quatro semanas, fazendo, desfazendo e refazendo as malas cada vez. O momento favorito de Harry foi aquele em que Tio Válter, sem perceber que Duda havia colocado seus halteres de musculação dentro, tentou colocar a mala no porta-malas do carro, mas caiu, soltando grunhidos de dor e praguejando muito.

— De acordo com o que você diz — Válter Dursley disse, agora parando com suas idas e vindas pela sala — Nós - Petúnia, Duda e eu - estamos em perigo. Perigo de... de...

— Coisas 'da minha laia', certo? — disse Harry.

— Bom, eu não acredito — repetiu Tio Válter, parando na frente de Harry novamente. — Eu estive acordado a noite toda pensando, e acredito que seja uma trama para conseguir a casa!

— A casa? — repetiu Harry. — Que casa?

— *Essa* casa! — gritou Válter, a veia em sua fronte começando a pulsar. —

Nossa casa! Os preços das casas estão nas alturas por aqui! Você nos quer fora do caminho, e então você fará essa sua coisa de hocus-pocus e antes de percebermos você colocará a casa em seu nome e...

— Você está fora de si? — perguntou Harry. — Uma trama para pegar esta casa? Você é realmente tão estúpido quanto parece?

— Não se atreva! — gritou Tia Petúnia, mas outra vez, Válter a acalmou: Desfeitas em relação a sua aparência não era nada, comparado ao mal que ele havia

percebido.

— Pois caso você tenha esquecido — disse Harry, — Eu já tenho uma casa, que meu padrinho me deixou. Então, por que eu ia querer esta? Por todas as lembranças felizes?

Houve silêncio. Harry pensou ter impressionado seu tio com este argumento.

— Você alega... — disse Tio Valter, começando a andar novamente — que essa coisa de Lorde...

—... Voldemort — disse Harry impacientemente, — e nós falamos sobre isso centenas de vezes. Isso não sou eu que digo, é fato. Dumbledore lhe disse no ano passado, e Kingsley, e o Sr. Weasley...

Válter Dursley arqueou seus cotovelos com raiva e Harry achou que seu tio estava tentando proteger-se das lembranças das visitas não-anunciadas de dois bruxos bastante crescidos, durante as férias de verão de Harry. A chegada de Kingsley Schakelbot e Arthur Weasley veio como o mais desagradável choque para os Dursleys. Harry teve que admitir que o Sr. Weasley havia uma vez demolido metade da sala de estar, então seu retorno não poderia ser esperado como um prazer para Tio Válter.

— Kingsley e o Sr. Weasley explicaram tudo também — Harry disse, sem piedade.

— Quando eu fizer dezessete anos, o feitiço de proteção que me mantém a salvo vai se quebrar, e isso deixa vocês expostos tanto quanto eu. A Ordem tem certeza de que Voldemort virá até vocês, para torturá-los e descobrir onde eu estou, ou porque ele pensa que seqüestrando vocês eu tentaria resgatá-los.

3)

(Trecho do capítulo 30, "O túmulo branco", do sexto volume da série *Harry Potter, Harry Potter e o Enigma do Príncipe*)

Harry, Rony Hermione e Gina tomaram os últimos assentos na fila ao lado do lago. As pessoas sussurravam entre si; o som lembrava o farfalhar da brisa na grama, mas o canto dos pássaros se sobrepunha a tudo. A multidão continuava a crescer; sentindo um arrebo de afeição pelos dois, Harry viu Luna ajudando Neville a se sentar. Tinham sido os únicos de toda a Armada a responder à convocação de Hermione na noite em que Dumbledore morrera, e Harry sabia por quê: eram os que sentiam maior falta do grupo... provavelmente, os únicos que verificavam regularmente as moedas na esperança de que houvesse outra reunião...

Cornélio Fudge passou por eles em direção às filas mais à frente, com uma expressão de infelicidade, girando o chapéu-coco como era seu hábito; em seguida, Harry reconheceu Rita Skeeter, e enfureceu-o ver um bloco de notas naquelas mãos de garras vermelhas; e, com um surto de fúria ainda mais forte, Dolores Umbridge, com uma expressão de tristeza pouco convincente em sua cara de sapo, um laço de veludo negro no alto dos cachos azulados. Ao ver o centauro Firenze, que estava parado como uma sentinela à margem do lago, ela se sobressaltou e correu rápido para uma cadeira bem distante.

Os professores finalmente se sentaram. Harry viu Scrimgeour, com ar grave e digno, na primeira fila ao lado da professora McGonagall. O garoto questionava se Scrimgeour ou quaisquer daqueles figurões lamentava realmente que Dumbledore tivesse morrido. Ouviu, então, uma música estranha e sobrenatural e esqueceu sua antipatia pelo Ministério, olhando para os lados à procura de sua origem. Ele não foi o único: muitas cabeças se viraram, olhando um pouco assustadas.

— Lá dentro — sussurrou Gina no ouvido de Harry.

Então ele os viu nas águas verdes banhadas de sol, a centímetros da superfície, lembrando-o aflitivamente dos *Inferi*; um coro de sereianos cantava em uma língua que ele não entendia, seus rostos pálidos ondeando, seus cabelos arroxeados boiando à volta. A música deixou arrepiados os cabelos na nuca de Harry, embora não fosse desagradável. Falava muito claramente de perda e desespero. Ao olhar os rostos ferozes dos cantores, o garoto teve a sensação de que os sereianos, pelo menos, lamentavam a morte de Dumbledore. Então Gina tornou a cutucá-lo, e ele se virou para olhar.

Hagrid vinha andando pela passagem entre as cadeiras. Chorava silenciosamente, seu rosto brilhava de lágrimas, e trazia nos braços, envolto em veludo roxo salpicado de estrelas douradas, o que Harry sabia ser o corpo de Dumbledore. Ao vê-lo, o garoto sentiu uma dor aguda na garganta: por um momento, a música estranha e a consciência de que o corpo do diretor estava tão próximo pareceram roubar todo o calor do dia. Rony estava branco e chocado. Caíam lágrimas copiosas no colo de Gina e Hermione.

Os garotos não conseguiam ver com clareza o que acontecia à frente. Hagrid parecia ter colocado o corpo cuidadosamente sobre a mesa. Agora retirava-se pela passagem, assoando o nariz ruidosamente e atraindo olhares escandalizados de algumas pessoas, inclusive, Dolores Umbridge... mas Harry sabia que Dumbledore não teria se importado. Ele tentou fazer um gesto simpático quando Hagrid passou, mas os olhos do amigo estavam tão inchados que era de admirar que conseguisse sequer ver aonde ia. Harry olhou para a última fila, à qual se encaminhava o amigo, e entendeu o que o orientava; ali, calça e paletó, cada peça do tamanho de uma tenda, encontrava-se o gigante Grope, sua enorme e feia cabeça de pedregulho curvada, dócil, quase humano. Hagrid sentou-se ao lado do meio-irmão, que lhe deu fortes palmadas carinhosas na cabeça, fazendo as pernas de sua cadeira enterrarem no chão. Harry sentiu um impulso momentâneo e

maravilhoso de rir. Então, a música parou, e ele tornou a se virar para frente. Um homenzinho com os cabelos em tufos e simples vestes pretas se erguera e agora estava parado diante do corpo de Dumbledore. Harry não conseguia distinguir o que ele dizia. Chegavam-lhe palavras estranhas por cima das centenas de cabeças. "Nobreza de espírito... contribuição intelectual... grandeza de coração..." não significavam muita coisa. Não tinham muito a ver com o Dumbledore que Harry conhecera. De repente, o garoto se lembrou da versão de Dumbledore de algumas palavras: "pateta", "esquisitice", "choramingas" e "beliscão", e mais uma vez ele precisou reprimir o riso... que estava acontecendo com ele?

Houve um ruído de água revolvida à esquerda, e ele viu que os sereianos tinham vindo à tona para ouvir, também. Harry se lembrou de Dumbledore agachando à beira do lago dois anos antes, muito próximo do lugar em que Harry estava sentado, conversando em serêiaco com a líder desse povo. Harry se perguntou onde Dumbledore teria aprendido aquela língua. Havia tanta coisa que nunca perguntara, tanta coisa que deveria ter dito...

E, então, subitamente, a terrível verdade o devassou, mais completa e inegavelmente do que até aquele momento. Dumbledore estava morto, partira... ele apertou o medalhão com tanta força que doeu, mas não pôde impedir que lágrimas quentes saltassem dos seus olhos; desviou o olhar de Gina e dos outros e fixou-o ao longe, na direção da Floresta, enquanto o homenzinho de preto continuava a falar... percebeu um movimento entre as árvores. Os centauros tinham vindo prestar suas homenagens também. Não saíram a céu aberto, mas Harry os viu parados, quietos, meio encobertos pelas sombras, observando os bruxos, os arcos pendurados do lado do corpo. E Harry lembrou-se do pesadelo que fora sua primeira ida à Floresta, a primeira vez que encontrara a coisa que então era Voldemort, e como a enfrentara, e como, pouco tempo depois, ele e Dumbledore tinham discutido as razões de se travar uma batalha perdida. Era importante, dissera Dumbledore, lutar, e recomeçar a lutar, e continuar a lutar, porque somente assim o mal poderia ser acuado, embora jamais erradicado...

E Harry, sentado ali sob o sol quente, percebeu com muita clareza como as pessoas que gostavam dele tinham se colocado à sua frente, um por um, sua mãe, seu pai, seu padrinho e, finalmente, Dumbledore, todos decididos a protegê-lo; mas, agora, isso acabara. Não podia mais deixar ninguém ficar entre ele e Voldemort; tinha de abandonar definitivamente a ilusão que já devia ter perdido com um ano de idade: que a proteção dos braços paternos significava que nada poderia atingi-lo. Neste pesadelo não haveria despertar, não haveria sussurro tranquilizante no escuro dizendo-lhe que, na realidade, estava seguro, que era tudo sua imaginação; o último e maior de seus protetores morrera, e ele estava mais sozinho do que jamais estivera.

ANEXO XLIV

Reportagem sobre os conflitos da adolescência. Disponível em: <
http://www2.uol.com.br/vivermente/reportagens/os_desafios_da_adolescencia.html>. Acesso
 em 14 jul. 2015.

Os desafios da adolescência

A perda dos rituais e a complexidade do mundo atual exigem amadurecimento mais individualizado e problemático. Mas as dificuldades não são apenas dos jovens. Afinal, a "aborrecência" existe ou o termo serve para estigmatizar os adolescentes

dezembro de 2005

Wagner Ranña

Sabemos que o ser humano não nasce com um destino já estabelecido em seu genoma. Embora muita coisa esteja prevista geneticamente, a grande vantagem do homem sobre as outras espécies é sua capacidade de ser moldado pela relação com o outro, com a sua própria história e com a cultura. Desde o nascimento, ou até antes dele, o sujeito irá se constituir a partir daquilo que experimenta enquanto vivências reais,

imaginárias e simbólicas. Um efeito dessa historicidade do desenvolvimento humano é percebido nas evidentes mudanças nas suas etapas ao longo dos últimos três séculos, a ponto de podermos localizar a origem do conceito de infância no século XVII e a origem da adolescência no século XX.

As transformações sociais, culturais e psicológicas da vida humana ao longo do século XX vão alongar o tempo de passagem da infância à maturidade. Desse processo, emerge um sujeito meio criança, meio adulto, e demorou muito tempo para que a própria ciência passasse a reconhecê-lo. Adolescente, adolescência e adolescer. Mas em que consiste esta etapa da vida, pela qual passam todos os homens contemporâneos?

A definição de adolescência é importante, pois existe muita confusão em relação a isso. A forma mais fácil de defini-la é tomar como referência a idade. A partir do referencial cronológico a Organização Mundial da Saúde (OMS) define adolescência como o período da vida que vai precisamente dos 10 anos até os 19 anos, 11 meses e 29 dias. Nessa fase ocorrem pelo menos três fenômenos importantes do desenvolvimento humano: do ponto de vista biológico, a puberdade, com o amadurecimento sexual e reprodutor; do ponto de vista social a passagem da infância para a vida adulta, com a assunção de papéis adultos e a

autonomia em relação aos pais; e, do ponto de vista psicológico, a estruturação de uma identidade definitiva para a subjetividade.

Puberdade precoce

Houve nos últimos anos uma mudança nos limites de idade que definem a adolescência, que antes começava aos 12 anos e terminava aos 18. Por que essas mudanças ocorreram? Estamos aqui diante de um dos fenômenos mais interessantes do século XX, que evidencia a historicidade dos períodos do desenvolvimento e da vida humana acima apontada, determinada por transformações sociais, psicológicas, culturais e biológicas.

Entre outras mudanças, vem ocorrendo uma antecipação do começo da puberdade. A menarca, como se define a primeira menstruação, no início do século XX surgia por volta dos 15 anos. Atualmente acontece, em média, aos 12. Essa antecipação se deve a vários fatores. Um deles é o aumento do peso corporal, que se deu em função das melhores condições de saúde e alimentação, mas também por um maior apelo para o amadurecimento sexual, determinado pelo imaginário veiculado nos meios de comunicação. Numa menina fortemente submetida a esse apelo, que atinge certa estatura e certo peso precocemente, a menarca aparece mais cedo.

Contemporaneidade

A própria existência da adolescência é bem marcada historicamente. Podemos dizer que ela é um fenômeno da contemporaneidade. Nas sociedades que não passaram pelas transformações que delineiam hoje o mundo ocidental, e mesmo nas sociedades atuais tradicionais, a passagem da infância para a vida adulta acontece de forma tranqüila, amparada por rituais socialmente estabelecidos, fazendo com que esta mudança seja vivida de forma coletiva, ritualizada, tradicional. Além disso, é transmitida de uma geração a outra por séculos.

Nas sociedades ocidentais que se caracterizam pela globalização e pela emergência de modalidades complexas nos papéis sociais em função da sofisticação do trabalho, ocorre, de um lado, um alargamento do tempo da formação profissional, que chega até os 25 anos ou mais e, de outro, a antecipação do término da infância. A adolescência, assim, torna-se um período ampliado. Nas sociedades modernas, o adolescer passou então a ser um processo vivenciado de forma individual, de acordo com os ideais de liberdade e singularidade reinantes. Assim, todas as dificuldades que envolvem a passagem da infância para a vida adulta terão de ser vividas pelo jovem solitariamente. Com as transformações físicas e psicológicas, o adolescente e quem compartilha de sua vida vêem-se mobilizados a criar

formas de se estabelecer na vida adulta. Sem rituais, cada um vai viver esse processo de forma única.

A necessidade de "ritualizar" a passagem vai ser então considerada problemática, e isso torna-se "o" adolecer. Daí o importante conceito de "síndrome da adolescência normal", de Aberastury e Knobel. O que antes era coletivo e tradicional hoje é "patológico e problemático". O que antes era marcado pelo amadurecimento biológico, e finalizado por um ritual de iniciação, hoje é vivido singularmente e de forma muito diversificada: é o primeiro beijo, a primeira transa, um piercing, uma tatuagem, uma viagem sem os pais. Dentre essas diversas formas de adolecer encontramos as mais problemáticas, as mais sofridas, e também as patológicas. Porém, a diferenciação entre o normal e o patológico é difícil, e promove-se muita estigmatização e patologização diante dos estranhos comportamentos dos jovens.

O conceito de "síndrome da adolescência normal" foi criado para evidenciar exatamente este aspecto: na passagem da infância para a vida adulta, mais do que um período de tempo, o sujeito terá de cumprir a tarefa de viver os lutos pela perda do corpo infantil e dos pais da infância, ressitando-se subjetivamente como adulto. Aqui devemos ressaltar a presença da palavra "luto", que revela a perda de algo muito valioso. Essa perda é vivida com grande sofrimento, mas temos de criar meios de substituí-la por novas aquisições reais, imaginárias e simbólicas. Ser do contra, ter manias com alimentos diferentes, vestir-se de forma estranha, cultuar ídolos, passar a gostar mais dos amigos; que dos pais, conhecer novas religiões e até mesmo experimentar variadas formas de ser, todas essas vivências são comportamentos que fazem parte do processo de experimentação para encontrar a forma nova do ego. Estar meio deprimido, chorar sem motivo aparente, ser alegre de forma exagerada, reivindicar atitudes inesperadas dos pais são parte dessa elaboração do luto. O processo também é vivenciado com angústia, depressão e agressividade. É importante salientar que na contemporaneidade todas as passagens são problemáticas, pois os parâmetros históricos foram perdidos para todas as etapas do crescimento humano, por conta da complexidade do mundo ocidental contemporâneo. Assim, é difícil crescer, adolecer, ser adulto, assumir a paternidade, envelhecer e morrer.

O adolecer dos pais de hoje já é antigo e o novo adolecer lhes parece problemático, mais pela falta de identificação entre o processo de amadurecimento das diferentes gerações que propriamente porque estamos diante de uma "juventude perdida". O que perdemos foram as semelhanças: outrora o adolecer era o mesmo durante séculos, além de ser totalmente ritualizado. Hoje, com a velocidade das mudanças, o adolescente de uma geração causa

estranhamento e perplexidade para a anterior. Todos sofrem com isso. Os pais, principalmente, sentem-se desorientados e vivem o luto da perda do filho dócil, companheiro - e muito idealizado -, que agora os troca pela "balada com a turma" e não é mais o primeiro aluno da classe. Os jovens, por outro lado, ficam expostos a um excesso de crítica, são estigmatizados e, infelizmente, muitas vezes abandonados e incompreendidos. O adolescer é um dos eventos cheios de emboscadas que temos de enfrentar na vida moderna. As crises relacionadas às transformações envolvem a todos. Pais, educadores e profissionais da saúde também fazem parte dela e freqüentemente manifestam sintomas ao enfrentar a convivência com os jovens, revivendo suas próprias adolescências. O desamparo e a necessidade de criar os próprios rituais de passagem estão presentes em todos os períodos da vida humana, como no envelhecer, no aposentar-se e até mesmo no morrer. O homem contemporâneo está pagando, e caro, com solidão e angústia a troca dos rituais tradicionais pela liberdade e pela individualidade.

Algumas culturas ainda mantêm esses rituais, e penso que são muito acolhedores para muitos jovens e pais, como por exemplo, o bar mitzvah (para os meninos) ou bat mitzvah (para as meninas) entre os judeus.

A adolescência brasileira

Os problemas nessa fase da vida existem e não são poucos. O mais grave aspecto que envolve o adolescente brasileiro se refere à mortalidade por causas externas, entre as quais se destacam os óbitos violentos: homicídios, suicídios e acidentes, que atingem níveis alarmantes. Tudo se passa como se estivéssemos em guerra declarada. Hoje, na faixa etária que vai de zero a 20 anos, é entre os 15 e os 20 que se concentra a maior mortalidade. Há 30 anos, o grande desafio era reduzir a mortalidade infantil, ou seja, na faixa de zero a 1 ano de vida. De certa forma, essa batalha importante foi vencida. Houve um deslocamento do pico de mortalidade para a faixa etária entre 15 e 24 anos, bem como nos tipos de óbito, pois se antes a criança morria de desnutrição ou infecção, hoje os jovens estão morrendo por causas violentas. É esse o grande desafio de quem trabalha com adolescentes no Brasil na atualidade.

O que estaria determinando esses números? Não pretendemos esclarecer de forma definitiva o assunto, até porque sobre ele não existe consenso, mas podemos fazer algumas observações a partir de certas experiências.

Os jovens são vítimas e também agentes nesse cenário. Um aspecto evidente é que muitas dessas mortes são consequência do envolvimento com ações ilegais, até mesmo criminosas - jovens são mortos no enfrentamento entre grupos, por domínio e poder, ou no choque com a

polícia. Muitas mortes decorrem de conflitos em bares ou bailes, onde a violência e as brigas terminam de forma trágica. Existe exagero quando se relaciona a violência à pobreza, embora essa relação seja em parte verdadeira. Estamos diante de um problema complexo, em que atuam muitos determinantes.

Um olhar mais cuidadoso para esta realidade encontra o que se chama de "comportamento de risco", e a morte é o resultado de um processo que tem seus antecedentes ou sua história individual e única. Por isso, o estudo de caso é uma ferramenta muito valiosa, pois nos leva a conhecer as singularidades dos componentes deste cenário. Falhas da função materna e paterna somam-se à falta de acolhimento, de oportunidades, num cenário social de carências e falta de seriedade por parte do Estado, pois a grande maioria desses jovens está em regiões carentes das grandes cidades.

Assim a "crônica da morte anunciada" é evidente. Em geral ocorre algum problema na constituição familiar ligado à ausência do pai (é comum o adolescente ser filho de uma primeira ligação da mãe, e o novo parceiro dela não aceitar o jovem muito bem, podendo ocorrer hostilidade contra o rapaz). Alia-se a essa situação uma atitude superprotetora da mãe, que toma o filho como parceiro de suas desilusões, em geral submetendo-se aos caprichos de um jovem exigente. O quadro recorrente apresenta um jovem que, embora arrogante, não tem êxito nos estudos e no trabalho, e com frequência é analfabeto funcional (de certa forma, resultado de falhas no processo educacional). Não se destaca em atividades esportivas e artísticas, ou não teve oportunidade de se descobrir competente em alguma delas. Em geral, a vida escolar torna-se algo sem valor. Não existe oportunidade para descobrir competências ou vocações desconhecidas. O comportamento agressivo manifesta-se diante de qualquer frustração.

Encaminhado para algum atendimento psicológico, ou não se vinculou ou foi atendido de forma inadequada. Ao se ver mais livre, o jovem envolve-se no consumo de drogas ilegais. Está no "olho do furacão", já que muito perto de se envolver com lideranças negativas ou com formas imaginárias de ter poder e conseguir realizar seus desejos através da violência. Como interromper esse caminho é um desafio. Mas a experiência tem mostrado que a eficiência aumenta na medida em que se trabalha em parcerias, envolvendo todos os tipos de profissionais e a família. Mas principalmente atuar cedo e caso a caso. Essa realidade é retratada de forma muito adequada e sensível no filme brasileiro *Através da janela*, que conta a história de um jovem e sua mãe em processo de luto pela morte do pai e marido. Os dois se envolvem numa dinâmica incestuosa, que, de um lado, alivia a dor decorrente da perda e, de outro, impele o jovem a um comportamento transgressivo, sem a

interdição necessária da função paterna e com uma alienante convivência da mãe. No filme, o jovem acaba envolvido na criminalidade.

Do lado feminino, o adolescer vai lançar a menina diante de desafios de independência, de escolhas profissionais e da barreira do vestibular. É freqüente encontrar uma saída para esse desafio numa gravidez precoce, que a recoloca no papel de cuidadora de bebês, escolhendo ser mãe, o que funciona como uma solução inconsciente de retorno à condição infantil. Portanto, nem sempre a gravidez adolescente é indesejada. Pelo contrário, é uma saída, ou fuga, para o espaço doméstico como alternativa ao enfrentamento do árduo caminho para a vida adulta.

A adolescência pode ser muito traumática para um jovem que já tenha dado mostras de fragilidades egóicas. As transformações físicas e psicológicas vão resultar numa fragmentação egóica violenta. É por isso que na adolescência costumam ocorrer problemas de saúde mental importantes, tais como anorexia, esquizofrenia, pânico, depressão (principalmente a depressão manifestada por sintomas agressivos), todos tendo como desencadeantes dificuldades no processo de elaboração dos três lutos anteriormente assinalados. Nesses casos, existe uma via de mão dupla: o adolescente recusa a tarefa do caminho para a vida adulta, e os pais, em conjunto ou isoladamente, recusam-se a ver o filho crescer e seguir sua própria vida. Não é de estranhar que o suicídio possa ser visto como uma forma de aliviar o trauma que o adolescer pode representar para um determinado sujeito.

E o que falar das mortes por acidentes? A busca por excitações cada vez maiores e a ilusão de ser um super-homem fazem com que os adolescentes sintam fascínio pela velocidade, pelas quedas e pelos esportes radicais. A excitação da "quase morte" ou do "foi por um triz" é vista como mais estimulante que um bom orgasmo. Existe aqui também a necessidade de se mostrar corajoso para os parceiros da turma. Os acidentes então ocorrem. Não devemos esquecer que o álcool está associado ao acidente automobilístico de forma bem conhecida. Quanto à sexualidade, devemos constatar uma questão nova, pois se para os adolescentes anteriores ao famoso ano de 1968, ou seja, antes das grandes transformações nos comportamentos sexuais da contemporaneidade, o desafio e o desejado eram o sexo, hoje, a busca por excitações cada vez maiores extrapola a sexualidade, ampliando-se para comportamentos e desejos bem mais complexos. "Ficar", namorar e transar ainda são uma busca e um desafio. Mas a balada, a bebida, as drogas, o celular de último tipo, o tênis mais transado, o carro, as roupas, tudo vai compor uma economia libidinal muito pouco disposta a esperar ou adiar suas realizações. Em psicanálise dizemos que saímos da economia do

prazer, para entrarmos na economia do gozo. A famosa colocação de um adolescente imaginário, atônito diante do novo corpo, "E agora, o que faço com este tesão?", pode ser recolocada da seguinte forma: "E agora, quem vai segurar meu gozo?". O verbo "segurar" é importante para evidenciar que os adolescentes necessitam de liberdade, mas ao mesmo tempo de limites bem colocados, pois o gozo demanda interdição. Pais e educadores, meio atônitos com as novidades, porém, perderam os parâmetros e, ao se pretender liberais, na verdade acabam deixando os jovens desamparados.

Além dessa mudança na economia libidinal, encontramos situações em que o amadurecimento sexual é vivido com grandes inseguranças e inibições, desencadeantes de sintomas neuróticos diversos.

O papel dos pais

O adolescer implica os pais, que também vão viver um processo de mudança de seus papéis, deixando de ser os admirados e poderosos pais da infância, para ser apenas os pais despidos do imaginário infantil. Nesse processo, alguns entram em pânico ao perceber que já não precisam ser tão cuidadores e presentes como antes. Existem situações em que o processo de amadurecimento e busca de autonomia do adolescente é experimentado com tão grande sofrimento pelos pais que o medo da perda dos filhos não pode ser vivido. Assim alguns pais não conseguem mais enfrentar o desafio e as dificuldades que envolvem a tarefa de exercer a paternidade de um adolescente. Muitos se deprimem, se angustiam e usam o discurso dos perigos e dos riscos para impedir que o filho cresça, mantendo-o na posição infantil, a fim de garantir a posição de pais de uma eterna criança. É comum esse processo de domínio sobre o filho ser perpetrado com atitudes autoritárias, geradoras de grandes conflitos familiares. Mas encontramos mais uma vez situações opostas: diante de um jovem caseiro, inibido e desinteressado pelas baladas, alguns pais se preocupam, pois entendem que algo não está normal. É interessante notar que diante de pais muito liberais e avançados, o processo do adolescimento vai se dar na direção oposta. Ser retraído é forma de o adolescente "ser do contra" ou diferente dos pais e encontrar sua própria subjetividade.

Profissão, Ídolos e amor

A passagem da infância para a maturidade será concluída se o jovem encontrar um caminho na busca de um papel social, o que não é fácil num país de grande índice de desemprego. A escolha de uma carreira é muito importante nesse caminho, mas a organização dos vestibulares por carreiras antecipa e dificulta muito a escolha. Nem sempre as dificuldades com o vestibular decorrem de nível de conhecimento e de uma concorrência extrema. Podem ocorrer por uma total falta de decisão e de escolhas. Aos 18 anos, é algo que pode ser

esperado. Se o jovem ainda nem sabe bem quem é, como pode escolher o que será profissionalmente?

Encontrar referências para seguir no processo de construção de uma identidade na adolescência implica busca de parâmetros fora dos modelos parentais. Os pais já estão incorporados à subjetividade, às vezes até demais, e agora é preciso certo afastamento dessas referências. Daí vem a necessidade que os adolescentes sentem de buscar seus ídolos e amigos. Nem sempre, porém, as referências existentes são adequadas. Nesse momento de transição as companhias afetivas são fundamentais, e aqui destacamos as amigadas, intensas, profundas e prazerosas. Não existe adolescência sem a turma ou a "galera".

Mas a grande descoberta da adolescência é a do amor, que vai ser um importantíssimo sinal de qualidade na construção da subjetividade. Ter a capacidade de investir uma pessoa como um verdadeiro parceiro no amor vai marcar definitivamente o fim das escolhas edípicas (com a dissolução do complexo de Édipo), posicionando o jovem no caminho definitivo da maturidade. Os adolescentes são sensíveis, disponíveis e ávidos para viver o namoro, e há exagero quando se fala de promiscuidade amorosa entre eles, pois muitos buscam viver uma grande paixão. Aqui encontramos, talvez, a essência e a beleza de todo o processo do adolescimento.

Novamente surgem emboscadas, pois diante da angústia desencadeada pelas perdas e transformações, a relação amorosa pode ser vivida com sentimentos de domínio, simbiose, dependência, representando um deslocamento de modalidades relacionais problemáticas da infância.

Grandes sofrimentos, ou mesmo suicídios, decorrem de frustrações nas relações amorosas. O amor na adolescência inspira romancistas, poetas, músicos e cineastas, muitas vezes com ênfase em seus aspectos apaixonados, violentos e trágicos. Mas com a psicanálise constatamos que, desde a infância, é a partir dos cuidados e do amor do outro que se constitui o corpo e, depois, o ego infantil. Em outras palavras, é do olhar impregnado de amor do outro que o ego infantil tira sua força para se constituir.

Na adolescência mudam os protagonistas, mas mantém-se a estrutura, pois o corpo e o ego revivem a experiência de não integração, e é novamente no encontro com o olhar do parceiro amado que o sujeito vai se reapropriar de sua nova identidade.

ANEXO XLV**Tópico guia da terceira reunião com o grupo B.**

TERCEIRA REUNIÃO – GRUPO DE DISCUSSÃO B

Tópico guia do moderador

Questões para tema Bullying:

- 35) Vocês acham que nesse trecho e em outros momentos da obra, o Harry Potter e outros personagens sofrem *bullying*?
- 36) O que é *bullying*?
- 37) Isso é comum na escola? E em outros lugares?
- 38) Quem aqui já sofreu ou presenciou situações de *bullying* e pode nos contar?
- 39) Vocês acham que a prática de *bullying* é mais comum entre as crianças e os jovens? Por quê?
- 40) Vocês acham que o *bullying* pode deixar de existir? O que deve ser feito para isso?

* Solicitar a cada participante a redação de um texto em resposta à pergunta guia: O *bullying* está presente em *Harry Potter*? O que a obra retrata é o que você vê na vida real? Por quê?

Questões para tema Maioridade:

- 10) Vocês viram no texto que a maioridade (na obra atingida aos 17 anos) representa um divisor de águas na vida do Harry Potter e de outros bruxos. Na vida real também é assim? O que significa chegar à maioridade (para Diego, Paulo e Elaine). Para Rebecka e Crislaine: Como vocês se imaginam chegando à maioridade? O que muda?
- 11) Vocês aparentam ter muita autonomia, até em relação ao dinheiro, como já comentamos nos encontros anteriores. Vocês acham que viver na comunidade tem a ver com isso? Vocês são mais autônomos ou mais maduros que um jovem de classe média? Por quê?
- 12) O trecho sobre o enterro do professor Dumbledore afirma que a proteção dos braços paternos é uma ilusão. O que vocês acham disso? A vida cobra que cada um caminhe com as próprias pernas?
- 13) O Harry percebe isso à medida que vai perdendo as pessoas que o protegem. E vocês, em que momento se deram conta disso?
- 14) O que é bom e o que é ruim na maioridade?
- 15) Quais são seus planos na vida adulta?

* Solicitar a cada participante a redação de um texto em resposta à pergunta guia: O que a maioridade experimentada por *Harry Potter* e outros personagens da obra tem a ver com a sua própria experiência em relação à maioridade?

ANEXO XLVI

Trechos da obra com temáticas “discriminação/preconceito” (1) e “exclusão social” (2).

1)

(Trecho do capítulo 11, “O suborno”, do sétimo volume da série *Harry Potter, Harry Potter e as Relíquias da Morte*)

Harry abriu o jornal. Uma enorme fotografia sua ocupava a primeira página. Leu a manchete.

**PROCURADO
PARA DEPOR SOBRE A MORTE DE
ALVO DUMBLEDORE**

Rony e Hermione gritaram indignados, mas Harry ficou calado. Empurrou o jornal para longe, não queria ler mais nada: sabia o que dizia. Ninguém, exceto os que estavam no alto da torre quando Dumbledore morreu, sabia quem realmente o matara, e, como Rita Skeeter já divulgara para o mundo bruxo, Harry fora visto fugindo do local momentos depois da queda de Dumbledore.

— Lamento, Harry — disse Lupin.

— Então os Comensais da Morte tomaram o *Profeta Diário* também? — perguntou Hermione, furiosa.

Lupin assentiu.

— Mas com certeza as pessoas percebem o que está acontecendo, não?

— O golpe foi hábil e virtualmente silencioso — respondeu Lupin — A versão oficial para o assassinato de Scrimgeour é que ele renunciou, foi substituído por Pio Thicknesse, que está sob a influência da Maldição Imperius.

— Por que Voldemort não se declarou Ministro da Magia? — perguntou Rony.

Lupin riu.

— Não precisa, Rony. Ele é de fato o Ministro da Magia, então, para que iria se sentar atrás de uma mesa no Ministério? Seu fantoche, Pio Thicknesse, está cuidando da burocracia diária, deixando Voldemort livre para estender sua influência para além do Ministério. Naturalmente muitas pessoas deduziram o que

aconteceu: nos últimos dias houve uma acentuada mudança na diretriz ministerial, e muitos estão murmurando que Voldemort deve estar por trás disso. Contudo, aí reside o problema: *murmuram apenas*. Não ousam trocar confidências, não sabem em quem confiar, têm medo de se manifestar, porque suas suspeitas podem se confirmar e suas famílias serem atingidas. Sim, Voldemort está fazendo um jogo inteligente. Expor-se poderia ter provocado uma rebelião aberta: nos bastidores, criou confusão, incerteza e medo.

— E essa mudança acentuada na diretriz ministerial — indagou Harry — Inclui alertar o mundo bruxo contra mim e não contra Voldemort?

— Com certeza, e é um golpe de mestre. Agora que Dumbledore morreu, você, **O Menino Que Sobreviveu**, certamente seria o símbolo e o núcleo de qualquer resistência contra Voldemort. Mas, ao sugerir que você participou na morte do velho herói, ele não só pôs a sua cabeça a prêmio como também semeou a dúvida e o medo entre aqueles que o teriam defendido. Nesse meio tempo, o Ministério saiu em campo contra os nascidos trouxas.

Lupin apontou para o *Profeta Diário*.

— Vejam a página dois.

Hermione virou as páginas do jornal com a mesma expressão de nojo com que segurara os *Segredos das Artes Mais Tenebrosas*. E leu em voz alta:

REGISTRO PARA OS NASCIDOS TROUXAS

O Ministério da Magia está procedendo a um censo dos chamados "nascidos trouxas" para melhor compreender como se tornaram detentores de segredos da magia.

Pesquisas recentes feitas pelo Departamento de Mistérios revelam que a magia só pode ser transmitida de uma pessoa a outra quando os bruxos procriam. Portanto, nos casos em que não há comprovação de ancestralidade bruxa, os chamados nascidos trouxas provavelmente obtiveram seus poderes por meio do roubo ou uso de força. O Ministério tomou a decisão de extirpar esses usurpadores da magia e, com essa finalidade, enviou um convite para que se apresentem a uma entrevista com a recém-nomeada Comissão de Registro dos Nascidos trouxas.

— As pessoas não vão deixar isso acontecer — disse Rony.

— Já está acontecendo — informou Lupin — Os nascidos trouxas estão sendo *arrebanhados*, por assim dizer.

— Mas como supõem que eles possam ter "*roubado*" a magia? Isso é pura debilidade, se fosse possível roubar magia não haveria bruxos abortados, não

acham?

— Concordo — disse Lupin — Contudo, a não ser que você possa provar que tem, no mínimo, um parente próximo que seja bruxo, concluirão que obteve o seu poder ilegalmente e será passível de punição.

Rony olhou para Hermione e disse:

— E se os Sangues Puros e os Mestiços jurarem que um nascido trouxa faz parte da família? Eu direi a todo mundo que Hermione é minha prima...

Hermione pôs a mão sobre a mão de Rony e apertou-a.

— Obrigada Rony, mas eu não poderia deixar...

— Você não terá escolha — disse Rony impetuosamente, segurando a mão dela — Eu a ensino a reconhecer a minha árvore genealógica e você poderá responder às perguntas deles.

Hermione deu uma risada gostosa.

— Rony, como estamos fugindo com Harry, a pessoa mais procurada deste país, acho que isso não tem importância. Se eu fosse voltar para a escola seria diferente. E quais são os planos de Voldemort para Hogwarts? — perguntou ela a Lupin.

— A frequência agora é obrigatória para todas as crianças bruxas. Anunciaram ontem. É uma mudança, porque antes nunca foi obrigatória. Naturalmente quase todos os bruxos da Grã-Bretanha foram educados em Hogwarts, mas os pais tinham o direito de ensinar-lhes em casa ou mandá-los estudar no exterior, se preferissem. Com isso, Voldemort terá toda a população bruxa sob vigilância desde muito jovem. E é outra maneira de extirpar os nascidos trouxas, porque os alunos devem receber um registro sanguíneo, indicando que provaram ao Ministério sua ascendência bruxa, antes de poderem se matricular.

2)

(Trechos dos capítulos 9 e 14, “A marca negra” e “As maldições imperdoáveis”, do quarto volume da série *Harry Potter*, *Harry Potter e o Cálice de Fogo*)

Fred, Jorge e Gina não estavam em nenhum lugar à vista, embora o caminho estivesse apinhado de pessoas, todas espiando nervosamente a confusão no acampamento, por cima dos ombros.

Um grupo de adolescentes de pijamas discutia em altos brados um pouco adiante no caminho. Quando viram Harry, Rony e Hermione, uma garota de cabelos espessos e crespos se virou e disse depressa:

— Où est Madame Maxime? Nous l’avons perdue...

— Hum... Quê? — perguntou Rony.

— Ah... — A menina que falara deu as costas para ele, e quando os garotos continuaram andando ouviram-na dizer claramente: — Hogwarts.

— Beauxbatons — murmurou Hermione.

— Como disse? — falou Harry.

— Devem estudar na Beauxbatons — esclareceu Hermione. — Você sabe...

Academia de Magia Beauxbatons... Li sobre ela em Uma Avaliação da Educação em Magia na Europa.

— Ah... Sei... Certo — disse Harry.

— Fred e Jorge não podem ter ido tão longe assim — comentou Rony puxando a varinha do bolso, acendendo-a como fizera Hermione e esquadrinhando o caminho. Harry enfiou as mãos nos bolsos da jaqueta à procura da própria varinha, mas não estava lá. A única coisa que encontrou foi o seu onióculo.

— Ah, não, eu não acredito... Perdi a minha varinha!

— Está brincando!

Rony e Hermione ergueram bem as varinhas para projetar seus finos raios de luz mais à frente no caminho; Harry olhou para todo lado, mas a varinha não estava visível em lugar algum.

— Talvez tenha ficado na barraca — disse Rony.

— Talvez tenha caído do seu bolso quando você estava correndo? — sugeriu Hermione ansiosa.

— É — falou Harry —, talvez...

Em geral ele a carregava o tempo todo quando estava no mundo dos bruxos, e vendo-se sem a varinha no meio de uma confusão daquelas sentiu-se extremamente vulnerável. Um rumorejar fez os três se sobressaltarem. Winky, a elfo doméstica, estava tentando sair de uma moita de arbustos ali perto. Movia-se de um jeito esquisitíssimo, com visível dificuldade; era como se alguém invisível estivesse tentando segurá-la.

— Tem bruxos malvados aqui! — guinchou ela nervosa, ao se curvar para frente e se esforçar para correr. — Gente voando... Lá no alto! Winky está saindo do caminho!

E desapareceu entre as árvores do outro lado da via, ofegando e guinchando enquanto lutava com a força que a retinha.

— Que é que há com ela? — perguntou Rony, acompanhando-a com o olhar, curioso. — Por que ela não consegue correr direito?

— Aposto como não pediu permissão para se esconder — disse Harry. Estava se lembrando de Dobby: todas as vezes que tentava fazer alguma coisa que os Malfoy não gostariam, era forçado a bater em si mesmo.

— Sabem, os elfos domésticos têm uma vida duríssima! — disse Hermione indignada. — É escravidão, isso é que é! Aquele Sr. Crouch fez Winky subir até o topo do estádio, e ela estava aterrorizada, e a enfeitiçou dessa maneira para que nem possa correr quando eles começam a pisotear barracas! Por que ninguém faz nada para acabar com uma situação dessas?

— Ué, os elfos são felizes, não são? — admirou-se Rony. — Você ouviu a Winky

durante a partida... "Elfos domésticos não devem se divertir..." é disso que ela gosta, que mandem nela...

— É gente como você, Rony — começou Hermione com veemência —, que sustenta sistemas podres e injustos, só porque são preguiçosos demais para...

(...)

Fred e Jorge tinham saído havia uns dez minutos quando o buraco do retrato se abriu e Hermione entrou na sala comunal, trazendo um rolo de pergaminho em uma das mãos e uma caixa, cujo conteúdo fazia barulho, na outra.

Bichento arqueou as costas, ronronando.

— Alô — disse ela —, acabei!

— Eu também! — disse Rony em tom triunfante, largando a pena.

Hermione se sentou, deixou as coisas que carregava em uma poltrona vazia e puxou as predições de Rony para ver.

— Não vai ter um mês nada bom, hein? — disse ela ironicamente, quando Bichento veio se enroscar em seu colo.

— Bom, pelo menos estou prevenido — bocejou Rony.

— Você parece que vai se afogar duas vezes — disse a garota.

— Ah, vou, é? — disse Rony baixando os olhos para suas predições. — É melhor eu trocar uma delas por um acidente com um hipogrifo desembestado.

— Você não acha que está um pouco óbvio que você inventou isso tudo? — perguntou Hermione.

— Como é que você se atreve! — exclamou Rony, fingindo-se ofendido. —

Estivemos trabalhando como elfos domésticos aqui!

Hermione ergueu as sobrancelhas.

— É só uma expressão — acrescentou ele depressa.

Harry pousou a pena, tendo acabado de predizer a própria morte por decapitação.

— Que é que tem nessa caixa? — perguntou ele, apontando-a.

— Engraçado você perguntar — respondeu a garota com um olhar feio para Rony.

Tirou então a tampa e mostrou o conteúdo aos garotos. Dentro havia uns cinquenta distintivos, de cores diferentes, mas todos com os mesmos dizeres: F.A.L.E.

— Fale? — estranhou Harry, apanhando um distintivo e examinando-o. — Que significa isso?

— Não é fale — protestou Hermione impaciente. — É F-A-L-E. Quer dizer, Fundo de Apoio à Liberação dos Elfos.

— Nunca ouvi falar nisso — disse Rony.

— Ora, é claro que não ouviu — disse Hermione energicamente. — Acabei de fundar o movimento.

— Ah, é? — disse Rony com um ar levemente surpreso. — E quantos membros já tem?

— Bom, se vocês dois se alistarem... Três.

— E você acha que queremos andar por aí usando distintivos que dizem "fale", é?

— falou Rony.

— F-A-L-E! — corrigiu-o Hermione irritada. — Eu ia pôr "Fim ao Abuso Ultrajante dos Nossos Irmãos Mágicos" e "Campanha para Mudar sua Condição", mas não dava certo. Então F.A.L.E. é o título do nosso manifesto.

Ela brandiu um rolo de pergaminho para os garotos.

— Andei pesquisando minuciosamente na biblioteca. A escravatura dos elfos já existe há séculos. Custo a acreditar que ninguém tenha feito nada contra ela até agora.

— Hermione, abra bem os ouvidos — disse Rony em voz alta. — Eles. Gostam disso. Gostam de ser escravizados!

— A curto prazo os nossos objetivos — disse Hermione, falando ainda mais alto do que o amigo e agindo como se não tivesse ouvido uma única palavra — são obter para os elfos um salário mínimo justo e condições de trabalho decentes. A longo prazo, os nossos objetivos incluem mudar a lei que proíbe o uso da varinha e tentar admitir um elfo no Departamento para Regulamentação e Controle das Criaturas

Mágicas, porque eles são vergonhosamente sub-representados.

— E como é que vamos fazer tudo isso? — perguntou Harry.

— Vamos começar recrutando novos membros — disse Hermione feliz. — Achei que dois sicles para entrar, o que paga o distintivo, e o produto da venda pode financiar a distribuição de folhetos. Você é o tesoureiro, Rony, tenho lá em cima uma latinha para você fazer a coleta, e você, Harry, o secretário, por isso você talvez queira anotar tudo que estou dizendo agora, para registrar a nossa primeira reunião.

Houve uma pausa em que Hermione sorriu radiante para os dois, e Harry se dilacerou entre a exasperação com a amiga e a vontade de rir da cara de Rony.

O silêncio foi quebrado, não por Rony, que de qualquer maneira parecia estar temporariamente mudo de espanto, mas por umas batidinhas leves na janela.

Harry correu os olhos pela sala agora vazia e viu, iluminada pelo luar, uma coruja branquíssima encarapitada no peitoril da janela.

ANEXO XLVII**Tópico guia da quarta reunião com o grupo B.****QUARTA REUNIÃO – GRUPO DE DISCUSSÃO B**

Tópico guia do moderador

Questões para tema Discriminação/Preconceito:

- 41) O que vocês acham que a história do Harry Potter quer passar para o leitor com essas diferenças entre nascidos trouxas / nascidos bruxos, sangue ruim / sangue puro?
- 42) No mundo do Harry Potter parece que existem muitas diferenças entre as pessoas. E na nossa sociedade, também é assim? Que diferenças existem entre as pessoas na nossa sociedade?
- 43) O que é preconceito? Quais são os tipos de preconceito que vocês conhecem?
- 44) A pessoa que mora em uma comunidade sofre discriminação de algum tipo? Como vocês percebem isso no dia a dia? (Pedir para todos comentarem sobre embate entre bolsistas e não-bolsistas relatado por Paulo na segunda reunião)
- 45) Esse tipo de discriminação incomoda vocês? Por quê?
- 46) Vocês veem relação entre o que o Lord Voldemort quer fazer, que é eliminar os mestiços e construir uma raça de sangues puros, com algum fato da nossa história, do passado ou atual?
- 47) Como vocês acham que esses conflitos motivados pela não aceitação das diferenças pode ser combatido?

* Solicitar a cada participante a redação de um texto em resposta à pergunta guia: De que forma a obra *Harry Potter* ajuda você a refletir sobre discriminação e igualdade entre as pessoas?

Questões para tema Exclusão Social:

- 16) Hermione se refere ao sistema que rege a sociedade dos bruxos como “podre e injusto”. O que vocês acham disso?
- 17) E na nossa sociedade, como é o sistema?
- 18) No mundo do Harry Potter, os elfos são alijados de todos os direitos garantidos aos bruxos, incluindo o direito à liberdade. E na nossa sociedade, os direitos são garantidos para todos? O que está na Constituição é efetivamente cumprido? Sim ou não e por quê?
- 19) A pobreza é um fator de exclusão social? (Solicitar exemplos concretos)
- 20) Existem pessoas mais favorecidas e outras menos favorecidas? Como vocês enxergam a sua posição nesse sistema? (Relembrar exemplo da Joane e da questão da diversidade de classes dentro da própria comunidade citada no encontro anterior)
- 21) A pobreza é realmente combatida ou apenas reproduzida? A sociedade realmente oferece oportunidades para todos?

* Solicitar a cada participante a redação de um texto em resposta à pergunta guia: De que forma a obra *Harry Potter* ajuda você a refletir sobre exclusão e justiça social?